

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA: LINGUAGEM E SOCIEDADE

PLÁCIDO OLIVEIRA MENDES

**A VEZ DOS CAMISAS PRETAS: MEMÓRIA, FORMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA
CENA ROCK DE VITÓRIA DA CONQUISTA-BA**

VITÓRIA DA CONQUISTA-BA
JULHO DE 2022

PLÁCIDO OLIVEIRA MENDES

**A VEZ DOS CAMISAS PRETAS: MEMÓRIA, FORMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA
CENA ROCK DE VITÓRIA DA CONQUISTA-BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade - PPGMLS, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Área de Concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Linha de Pesquisa: Memória, Cultura e Educação.

Projeto Temático: Memória, Cidade e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta.

VITÓRIA DA CONQUISTA-BA

JULHO DE 2022

Mendes, Plácido Oliveira.

M49v

A vez dos camisas pretas: memória, formação e consolidação da cena rock de Vitória da Conquista-BA. / Plácido Oliveira Mendes – Vitória da Conquista, 2022. 493f.

Orientador: Felipe Eduardo Ferreira Marta.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da Conquista, 2022.

Inclui referências: F. 153 – 168.

1. Rock independente – Memória. 2. História oral. 3. Cena musical – Vitória da Conquista. I. Marta, Felipe Eduardo Ferreira. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. III. T.

CDD: 781.6609

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: The turn of the black shirts: memory, formation and consolidation of the rock scene of Vitória da Conquista-BA.

Palavras-chave em inglês: Memory; Oral history; Music scene; Independent rock; Vitória da Conquista.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta (presidente), Profa. Dra. Maria Saete de Souza Nery (titular), Prof. Dr. Josivaldo Pires de Oliveira (titular).

Data da Defesa: 27 de junho de 2022.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

FOLHA DE APROVAÇÃO

PLÁCIDO OLIVEIRA MENDES

A VEZ DOS CAMISAS PRETAS: MEMÓRIA, FORMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA CENA ROCK DE VITÓRIA DA CONQUISTA-BA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade

Local e Data da defesa: Vitória da Conquista/BA, 27 de junho de 2022.

Banca Examinadora:

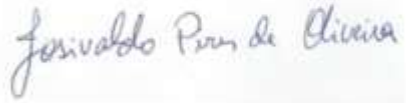
Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta –
Presidente
Instituição: UESB

Ass.:  _____

Profa. Dra. Maria Salete de Souza Nery
Instituição: UESB

Ass.:  _____

Prof. Dr. Josivaldo Pires de Oliveira
Instituição: UNEB

Ass.:  _____

Dedico este trabalho a todos os que, como eu, amam os Beatles, os Rolling Stones, o Led Zeppelin, o Pink Floyd, o Raul Seixas, a Legião Urbana, os Titãs, os Ladrões de Vinil [...] e conhecem o prazer de se viver musicalmente, tornando a música, esta maravilhosa invenção humana, protagonista em tudo o que fazem.

Em memória de:

*Nilson Matos Damasceno Júnior,
Miguel Côrtes Filho e
José Paulino da Silva.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, considere que cada letra “a” neste texto também é “a” de “agradecimento”. A jornada é longa e, não raro, árdua. Jamais chegaria até este ponto sem tanta ajuda. Esta é uma estrada pavimentada coletivamente.

Agradeço a Deus (ou utilize o nome que preferir) por permitir o meu retorno ao universo acadêmico de forma tão bem orquestrada a partir daquele difícil final de 2017, quando decidi, em segredo, iniciar uma segunda graduação, fundamental para amadurecer minhas ideias a ponto de ousar uma tentativa simultânea de mestrado. Era, sim, possível, afinal.

Agradeço infinitamente à minha família: meus pais, com seu amor incondicional sempre foram o maior e mais seguro suporte. Meus avós, Angelina e Paulino (em memória) e meu irmão Ciro, cada um à sua maneira, me fornecendo exemplos grandiosos de como se deve (ou não) viver.

Agradeço infinitamente à família que construí: minha esposa Naiane, companheira de todas as horas, testemunhou toda a minha luta, lutando junto e não me deixando fraquejar, com seus conselhos (e broncas) valiosíssimos e o principal: o amor, força motriz que move o mundo e nos faz sair da inércia para buscar objetivos. Nossos filhotes: Don, Mia, Lisa, Luna e Simba, sempre comigo, capazes de expressar um universo sem pronunciar uma só palavra, estiveram ao meu lado em inúmeras aulas, eventos, leituras e escritas. A mesma gratidão aos filhotes que não mais estão entre nós e também participaram da jornada: Chico, Bob e Nunos.

Agradeço pela confiança e o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB através da concessão da bolsa que se mostrou enormemente importante logo ao início do Curso, quando do inesperado advento da pandemia, evidenciando a fundamental necessidade de apoio à atividade científica em qualquer país minimamente sério. Por isso, agradeço, na mesma medida, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Agradeço à minha “triplamente segunda casa”, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, este verdadeiro patrimônio da nossa região, uma transformadora de vidas que merece todo o nosso cuidado e amor. Ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS, seu corpo docente, coordenação e equipe de apoio, através da competência, presteza, compreensão, seriedade, humanidade e respeito que levarei comigo para sempre. Com muito orgulho de ter meu nome registrado nesta casa, agradeço ao mesmo tempo em que aplaudo todas essas indispensáveis instituições brasileiras.

Agradeço ao meu caríssimo orientador, professor doutor Felipe Eduardo Ferreira Marta, por seus valiosos conselhos, apontamentos, experiências, confiança e disponibilidade, reunindo leveza e presença, me inspirando, diversas vezes, a pensar sobre o orientador que serei. Sem dúvida, meus futuros orientandos conhecerão seu nome e seu estilo de atuação. Sinto-me um felizardo por conhecê-lo.

Agradeço à professora doutora Maria Salete de Souza Nery e ao professor doutor Josivaldo Pires de Oliveira, membros da banca, por seus fundamentais apontamentos, me guiando e oferecendo pontos de vista até então não pensados por mim, abrindo novos horizontes e caminhos que não se encerram nesta etapa da pesquisa. Também aos colegas do Programa que, mesmo sem perceber, me ensinaram muito através de suas próprias apresentações e comentários.

Agradeço aos meus caríssimos entrevistados que, além de me reservarem precioso tempo, me confiaram suas memórias e acreditaram na importância da nossa pesquisa: Loro Borges, Jacqueline Jack, Lavus Bittencourt, Paula Babilônia, Niel Costa, Gilmar Dantas, Ruckson Luz, Júnior Rugal, Rômulo Fonseca, Weldon França, Vitor Kamikaze, Kessler Coelho, Diego Oliveira e Bruno Maia, “gigantes desta história”, como bem sintetizou o professor Josivaldo durante a qualificação.

Agradeço às pessoas que se disponibilizaram em se submeter a entrevistas mesmo após não mais ser possível inseri-las neste trabalho, pela necessidade em se cumprir o cronograma. Em especial, agradeço a Gilmar Lima (Excalibur Rock Band) e Mazinho Jardim (SS-433), que estrearam a nova rodada de entrevistas, iniciada no primeiro trimestre de 2022. A pesquisa continua. Este foi apenas um dos primeiros passos e ainda há muito a se conhecer sobre este aspecto da nossa comunidade.

Agradeço a todos os que colaboraram com a pesquisa através do envio de seus arquivos pessoais, em ordem alfabética: Crescêncio “Cretchas” Lima, Darka Azevedo, Elton Dias, Higor Thiago, Lucas Rinor, Mauricio Franco, Raquel Dantas, Renno Siqueira, Vitor Quadros e William Santos, bem como ao colega historiador Jailson Ribeiro (Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista) pela disponibilidade e atenção. Em especial, aos esclarecimentos trazidos, com muito boa vontade, por Alan Kardek, Ed Goma, Elton Becker e Cláudio de Carvalho. Da mesma forma, agradeço ao “Joe” Camilo Oliveira pelas diversas traduções de *abstracts* e títulos ao melhor estilo *southern rock*. “Uorrorrôu!”

Vale repetir: esta é uma estrada pavimentada coletivamente.

Quando o modo da música muda, os muros da cidade tremem.

Platão

Grupos de amigos esperavam ansiosos pela abertura dos portões da Concha Acústica do Centro de Cultura de Vitória da Conquista, enquanto, aos poucos, a praça da Normal começava a ficar mais escura. O termo “escuro” refere-se ao tom das camisas daqueles que ali se reuniam, onde as estampas de bandas e all stars nos pés acabavam por compor o look rock n’ roll.

Thaís Pimenta

Se você quer tocar, você precisa amar.

Louis Armstrong

O rock não pode ser só coisa bonitinha, organizada, todo mundo tocando certinho: tem que ter a diversão.

Miguel Côrtes Filho

RESUMO

Em Vitória da Conquista, a partir de 2000, teve início um forte movimento jovem envolto em musicalidade, mais especificamente, no gênero “rock”. De uma década de 1990 marcada pela escassez de eventos, bandas e produções fonográficas nesse nicho específico, passou-se a uma cada vez maior frequência de shows, encontros, ensaios, músicos e demais iniciativas tipificadoras do conceito de “cena musical” aperfeiçoado a partir dos escritos de Will Straw ao final do século passado. A cena do rock conquistense diferenciou-se de movimentações anteriores não apenas por uma inédita quantidade de bandas em atividade mas, ainda, de pessoas envolvidas em diversas atividades em prol da sua manutenção e crescimento, como produtores de eventos, proprietários de espaços culturais, mídia especializada, capacitação profissional, dentre outros, acompanhando as tendências globais que transformaram o mercado fonográfico após a popularização da internet, a generalização da pirataria e o acesso facilitado a softwares de gravação, edição e plataformas de distribuição de música. A presente pesquisa aborda o recorte temporal local entre 2000 e 2014, compreendendo as fases de formação e consolidação da cena, a partir de 14 entrevistas realizadas com personagens de diferentes categorias (produtores de eventos, músicos, comunicadores, técnicos de som e o próprio público, que participaram da cena ativamente durante o período abordado, incluindo pessoas que também vivenciaram fases anteriores) através da metodologia da história oral de vida, para o acesso espontâneo a informações e marcos da memória coletiva do grupo, pouco abordadas pela Academia até então, possibilitando, ainda, pensar a cidade, espaço onde se realizaram todas as dinâmicas estudadas, e suas transformações com o decorrer do tempo. Utiliza-se, paralelamente, de fontes bibliográficas, sobretudo para o trabalho de contextualização da cena local com as transformações do mercado fonográfico em paralelo aos avanços tecnológicos e seu importante papel transformador, bem como de fontes documentais (jornais independentes de época, cartazes de shows, arquivos multimídia e matérias publicadas na internet) em cruzamento com os dados coletados nas entrevistas. Em nível de análise da estrutura social da cena rock conquistense, a pesquisa a situa em relação à teoria dos campos de Pierre Bourdieu, compreendendo o campo musical enquanto microcosmo dotado de relativa autonomia, características e dinâmicas de disputas sociais próprias, inclusive em relação a outros campos. A pesquisa revelou o êxito da cena em conquistar espaço e reconhecimento perante a sociedade externa, passando a fazer parte de importantes eventos locais, públicos e privados, alcançando um patamar de profissionalização capaz de competir com cenas de outras cidades do país, mas sempre mantendo o *status* de “cultura alternativa”.

Palavras-chave: memória; história oral; cena musical; rock independente; Vitória da Conquista.

ABSTRACT

Beginning at 2000, Vitória da Conquista had a strong youth movement, involved in musicality, more specifically, in the “rock” genre. From a 1990’s decade marked by the scarcity of events, bands and phonographic productions in this specific niche, an increasing frequency of concerts, meetings, rehearsals, musicians and other initiatives typifying the concept of “music scene” improved from Will Straw’s writings at the end of the last century. The “*conquistense* rock scene” differed from previous movements not only by an unprecedented number of bands in activity, but also by people involved in various activities in favor of its maintenance and growth, such as event producers, owners of cultural spaces, media specialized training, professional training, among others, following the global trends that transformed the phonographic market after the popularization of the internet, the generalization of piracy and easy access to recording software, editing and music distribution platforms. The present research addresses the local time frame between 2000 and 2014, comprising the stages of formation and consolidation of the scene, from 14 interviews carried out with characters from different categories (event producers, musicians, communicators, sound technicians and the public itself, who actively participated in the scene during the period covered, including people who also experienced previous phases) through the methodology of oral life history, for spontaneous access to information and milestones of the collective memory of the group, little addressed by the Academy until then, allowing, still, to think about the city, space where all the studied dynamics took place, and its transformations over time. In parallel, bibliographic sources are used, especially for the work of contextualizing the local scene with the transformations of the phonographic market in parallel with technological advances and its important transforming role, as well as documentary sources (independent newspapers of the time, concert posters, multimedia files and articles published on the internet) in conjunction with the data collected in the interviews. At the level of analysis of the social structure of the Conquista rock scene, the research places it in relation to Pierre Bourdieu’s field theory, understanding the field musical as a microcosm endowed with relative autonomy, characteristics and dynamics of disputes social aspects, including in relation to other fields.

Keywords: memory; oral history; music scene; independent rock; Vitória da Conquista

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Recorte da Praça da Normal, exibindo, ao fundo, a entrada da Concha do Centro de Cultura.....	35
Figura 02 – Contracapa do compacto SS-433, gravado em São Paulo e lançado em 1984.....	57
Figura 03 – Cartaz de show da banda ÑRÛ na UESB (1997).....	62
Figura 04 – Estúdio da Parrázio, por onde passaram quase todas as bandas da década de 2000.....	72
Figura 05 – Material de divulgação do Agosto de Rock (2001).....	79
Figura 06 – Material de divulgação do Point do Rock (2002).....	81
Figura 07 – Poster do Agosto de Rock II (2002).....	84
Figura 08 – O repórter Beto Boaretto na cobertura do Agosto de Rock II pela TV Sudoeste (2002).....	85
Figura 09 – Charges de Thiago Magoo descrevendo as mudanças ocorridas na cena entre 2003 e 2004.....	90
Figura 10 – O blog do Conquista Rock Festival (2004).....	92
Figura 11 – O logotipo do primeiro Festival de Inverno Bahia (2005), em recorte do website à época.....	95
Figura 12 – Ode ao rock e à cena: o simbólico cartaz do festival ACRock (2007).....	98
Figura 13 – Área externa do Teatro Carlos Jehovah (praça da Bandeira, centro).....	105
Figura 14 – Fachada da livraria Letras & Prosa e a “viela” de acesso ao Viela, à direita (2008).....	107
Figura 15 – Sessão do Cine Viela (2009).....	108
Figura 16 – Ladrões de Vinil e Evandro Correia em meio às fotografias da Expo Rock, no Viela (2009).....	110
Figura 17 – Kessler, no telhado, se apresentando à área externa do Apogeu, em 2010.....	113
Figura 18 – Box de condições na página de um evento no TNB, com todos os custos sobre os artistas. (2012).....	118
Figura 19 – Comunidade da banda The New Old Jam no Orkut, em 2005.....	127
Figura 20 – Miguel Côrtes acompanhando um show de rock na Concha do Centro de Cultura.....	133
Figura 21 – Grupo argentino Nómade Tres apresenta-se à Praça 9 de Novembro), em 5 de agosto 2015.....	134

Figura 22 – A Fase Tributo prossegue após a pandemia: cartazes virtuais do bar FomeStop em 2019 e 2021.....144

LISTA DE GRÁFICOS, MAPAS E TABELAS

Gráfico 01 – Diagrama de iniciativas musicais independentes.....	46
Mapa 01 - Localização do município de Vitória da Conquista destacando a zona urbana com os seus 24 bairros.....	15
Mapa 02 – Localização geográfica dos principais espaços urbanos ocupados pela cena rock conquistense [zona leste: Centro-Candeias].....	102
Mapa 03 – Localização geográfica dos principais espaços urbanos ocupados pela cena rock conquistense [zona oeste: Brasil-Ibirapuera].....	142
Tabela 01 – Períodos e fases da cena rock conquistense e suas características.....	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	31
2.1 Cenas musicais.....	32
2.2 Indústria musical.....	38
2.3 Música independente.....	45
3 FORMAÇÃO DA CENA.....	51
3.1 A fase embrionária (ou pré-cena).....	52
3.2 A fase cover.....	64
4 CONSOLIDAÇÃO DA CENA.....	104
4.1 A fase autoral.....	106
5 CONCLUSÃO.....	143
REFERÊNCIAS.....	150
FONTES.....	156
APÊNDICE – Entrevistas Transcrições.....	166

1 INTRODUÇÃO

Por volta de 2000, em meio a uma enxurrada de músicas dos *Acústico/Unplugged MTV* e baladas internacionais, tocando incansavelmente nas rádios, e a paranoias coletivas como o *bug do milênio*¹, eu, por intermédio de colegas do Ensino Médio, teria meus primeiros contatos com um grupo de garotos que moravam ao lado (hoje seria exatamente à frente) do Colégio Paulo VI, bairro Ibirapuera, em Vitória da Conquista, minha cidade natal². Eram membros de uma banda autoral de rock que nunca chegou a gravar, chamada A-Divert. Foi, também, o meu primeiro contato com músicos (leia-se “pessoas que sabiam tocar instrumentos e, ainda, criar músicas próprias, obedecendo a um certo regime organizacional”) da minha idade, e não longínquos e inalcançáveis adultos. A partir daí, passei a frequentar ensaios desta e de outras bandas, conhecer pessoas bastante diferentes do que estava habituado, sobretudo no quesito “musicalidade” (compreendi que não deveria mais me sentir mal por não apreciar os axés, forrós e pagodes românticos que todos pareciam gostar), entender a diferença entre instrumentos, estilos de música, conceitos básicos de teoria musical, os bastidores de uma banda, da produção de eventos, etc.

Foi através do rock conquistense que comecei a sair à noite, ganhando, gradativamente, o direito de chegar em casa mais e mais tarde. Ao som do rock n’ roll (e, geralmente, o rock de bandas antigas ou já extintas, contrariando a tendência jovem de se buscar, quase automaticamente,

1 O *bug do milênio* foi “um medo coletivo de que, na virada de 1999 para 2000, os computadores da época não entendessem a mudança e causassem uma pane geral em sistemas e serviços. Isso porque, desde os anos 1960, eles usavam calendários internos com dois dígitos. Depois do ano 99, viria o 00, que as máquinas entenderiam como 1900 ou como 19100, e não como 2000. Mas o medo tinha pouco fundamento: muitos computadores da época já vinham com as datas em quatro dígitos. Isso não impediu, porém, que o pânico se espalhasse pelo globo e que fossem gastos cerca de US\$ 300 bilhões em todo o mundo em medidas preventivas. Na prática, o Bug do Milênio não fez quase nada: houve falhas em terminais de ônibus na Austrália, em equipamentos de medição de radiação no Japão e em alguns testes médicos na Inglaterra. Ah, e alguns sites, no mundo todo, mostraram a data 1/1/19100.” (CORDEIRO, 2016)

2 Vitória da Conquista, cidade média baiana a 509 km da capital, situada à região sudoeste do estado, foi formada para atender a uma necessidade de comunicação entre o sertão e o litoral durante o período colonial (SANTOS, 2016). Sua localização, clima, altitude e mais um sem número de fatores dos mais diversos, revelaram o grande potencial para seu desenvolvimento enquanto cidade plural, guardando, muitas vezes, características mais próximas às do vizinho estado de Minas Gerais que de Salvador. Cortada ao meio pela rodovia federal BR-116, conhecida por “Rio-Bahia”, apresenta duas regiões principais, leste e oeste, consideravelmente distintas, sendo, a leste, onde se situa o centro antigo e os bairros considerados “nobres”, como Candeias e Recreio. O lado Oeste, em contraponto, é formado essencialmente por bairros populares e visivelmente menos atendidos pelo Poder Público, como Brasil, Patagônia, Bruno Bacelar, dentre outros. O comércio é forte em ambas as regiões. Destaca-se a produção de biscoitos e outros produtos à base de mandioca, geralmente produzidos na zona rural e vendidos nas feiras municipais. O lazer concentra-se nos inúmeros bares e restaurantes, grande parte oferecendo música ao vivo. Nesse sentido, percebe-se pouco interesse do Município em viabilizar áreas públicas de lazer, como praças, parques e outros espaços de convivência que demandam manutenção constante. Há dois teatros na cidade: o Teatro Carlos Jehovah, municipal, situado ao centro, geralmente utilizado por grupos cênicos e bandas independentes, desconhecido pela maioria da população, e o Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima, de responsabilidade do Estado, situado ao bairro Recreio, onde acontecem apresentações de grupos advindos de outras cidades, exposições e outras atividades. No Centro de Cultura, há uma área externa, a Concha Acústica, utilizada para eventos diversos, destacando-se shows de rock, a partir do final da década de 1990.

isso, mas um dia farei algo”, pensava. Outras pessoas, recorro bem, também faziam o mesmo. Deixei de ser mero espectador e frequentador de ensaios para me tornar cantor. Passei por diversos projetos musicais, mas três bandas de destaque: a Tomarock, a The New Old Jam e a mais duradoura e séria a ponto de tornar a música minha profissão: a Distintivo Blue, “envelhecida 12 anos” em 2021. Esta, essencialmente autoral. As anteriores, nunca chegaram a ter mais de uma música própria no repertório.

A cena rock conquistense sofreu, de 2000 ao período pré-pandemia, diversos altos e baixos, e acompanhei tudo bem de perto. Os adolescentes cresceram, criaram suas próprias famílias, passaram a ter condições de comprar instrumentos melhores. Em paralelo, as tecnologias digitais ganharam cada vez mais espaço. O atual estágio de abrangência e praticidade da internet, da indústria fonográfica, dos softwares de produção musical e comunicação em geral seria inimaginável àquele período inicial, onde apenas alguns (e eu não me incluo neste grupo) conseguiam passar a noite conectados ao mIRC³ falando sobre música e se conhecendo a, no máximo, 56 kbps⁴. O período classificado, neste estudo, como a fase autoral (por volta de 2009 a 2014), foi a concretização de um sonho coletivo de ter uma banda, gravar músicas próprias, se autoproduzir e ganhar o mundo. Só não chegou, para ninguém, o tão esperado “sucesso”, considerado por muitos como sinônimo de projeção através da grande mídia tradicional. Mas até mesmo esse conceito sofreu mudanças no imaginário geral de quem “faz música”.

Por volta de 2018, quando as (des)esperanças e (des)ilusões da carreira musical me deixaram exausto a ponto de já frequentar os primeiros semestres do bacharelado em Direito, tive a ideia de criar uma espécie de museu virtual sobre o rock conquistense, pensando em todo o material que ainda possuía guardado. O Museu do Rock Conquistense evoluiu rapidamente para o *website* Memória Musical do Sudoeste da Bahia⁵, mais amplo, considerando uma frase sempre ouvida por quem vive por aqui: “Conquista é um celeiro de grandes artistas”. Verdade. Ampliei o objeto para toda a musicalidade da região, guardando preferência à iniciativa autoral e não acolhida pela mídia

3 *Internet Relay Chat*, acrescido de “messenger” (mensageiro), um protocolo (conjunto de regras necessárias à comunicação entre sistemas de computadores), popularizado no Brasil a partir de 1995, introduzindo o conceito de “sala de bate-papo virtual”, onde era possível, através dos diversos “canais” temáticos, trocar mensagens e arquivos instantaneamente. O IRC foi um dos principais instrumentos de comunicação entre grupos organizados de pirataria digital na segunda metade da década de 1990. Segundo Witt (2015, p. 65), foi “uma constelação de servidores privados que anteciparam os canais mais comerciais da web em anos. Deixar a web para entrar no IRC era o mesmo que sair de um shopping center com ar-condicionado e entrar em um mercado de drogas a céu aberto. Você criava um nome de usuário e entrava em um canal indicado por um rótulo: #política, #sexo, #computadores etc. Os canais quase não eram moderados e não estavam submetidos a nenhuma autoridade centralizada, nada era considerado inapropriado.”

4 “Kilobits por segundo”. Unidade de medida de velocidade de transmissão de dados através de uma linha de telecomunicação. Cada kilobit é formado por 1000 *bits* (“BInary digiT”), menor unidade de medida de informação digital em um sistema de numeração binária (0 ou 1). (RUISÁNCHEZ, 2018, p. 10, 31)

5 <http://memoria.distintivoblue.com>.

convencional, afinal, o terno de reis, a banda marcial, o compositor que se apresenta em barzinho, a banda de blues ou *punk rock* é que corriam o risco do esquecimento, e a “história oficial” parecia não se interessar por eles. Passei a abastecer, aos poucos, o site, sem rigor acadêmico, mas com uma metodologia organizacional própria, com o simples objetivo de reunir conteúdo e disponibilizá-lo facilmente a qualquer interessado. Um museu virtual. “Faça você mesmo”. Talvez, um dia, se torne um museu físico. Este, ao menos, é um dos objetivos.

Quando separei e passei a fotografar cartazes, camisetas e a copiar para o computador os arquivos contidos nas pilhas de mídias CD-R⁶, inacreditavelmente ainda funcionando, me veio o segundo estalo: “eu poderia recortar, dessa pesquisa, apenas o rock, que acompanhei tão de perto, e tentar desenvolver um projeto de pesquisa para o mestrado em Memória da UESB”. Assim, finalmente encontraria o propósito de tantos anos de materiais, histórias e vivências guardadas, iniciando um possível processo de reconhecimento do rock local, não raro visto com maus olhos pela sociedade em geral, como elemento importante na história cultural conquistense. Em resumo, o tal celeiro também é composto por jovens vestidos de preto, de cabelos longos, usando *piercing* e tatuados, que gritam e gostam de peso⁷, e não apenas por lindas melodias e poesias ao violão de náilon. Visitei o website do Programa e... O edital de seleção acabara de ser publicado, como por obra do destino. Aqui estamos. Esta é a história deste trabalho de pesquisa que assumi com imenso prazer e naturalidade, e que poderia muito bem ser contada posteriormente a algum pesquisador através de uma longa entrevista em história oral.

Atualmente, pesquisar sobre o rock (na verdade, encontrar fontes sobre o rock e a música em geral para leitura livre) não constitui grande dificuldade: a crescente quantidade de obras bibliográficas publicadas, tanto biográficas quanto analíticas, relacionadas a nichos, períodos e gêneros musicais possibilita a formação de uma rica biblioteca especializada. É comum que essas obras se refiram, no decorrer da escrita, a obras fonográficas individuais, álbuns e aos bastidores em torno de sua produção. Assim, também é possível, com facilidade, acessar uma plataforma de *streaming*⁸ e conferir instantaneamente a gravação descrita no texto, proporcionando, assim, uma experiência consideravelmente mais rica do que seria em tempos “analógicos”, não tão distantes, quando encontrar, adquirir e escutar um disco era um processo caro, demorado e, para muitos,

6 *Compact Disc Recordable*, categoria de discos compactos com capacidade para armazenamento de informação digital, em formato de dados acessíveis (arquivos de computador) ou áudio compatível com aparelhos destinados à reprodução de músicas.

7 Em música, a expressão “peso” refere-se, geralmente, à presença de frequências graves e à sensação sonora de um som “encorpado”. Utiliza-se, como expressões antagônicas ao “som pesado”, o som “leve” ou “suave”.

8 Transmissão de áudio ou vídeo, através de uma página na internet ou aplicativo específico sem a necessidade de “download” (“descarga”, o ato de “baixar” ou salvar no computador ou dispositivo móvel) prévio.

sobretudo em cidades do interior como Vitória da Conquista, inacessível, senão através de cópias em mídia cassete⁹ disponibilizadas por grupos de amigos com interesses musicais em comum.

Após a virada de milênio, com a popularização da internet, computadores pessoais, *smartphones*, *tablets* e demais ferramentas de pesquisa, leitura e comunicação, tornou-se possível acessar livrarias de todo o mundo, além de bibliotecas virtuais, periódicos e, ainda, conteúdo “não-oficial”, em formatos de leitura altamente difundidos, como o .pdf. Esta “facilidade” a qual depara-se o pesquisador acadêmico ou simples interessado, refere-se, essencialmente, à música oferecida ao público enquanto produto pela indústria musical: bandas e artistas “solo” que chegaram ao grande público através de uma cadeia produção bem organizada, tornando-se símbolos de suas épocas e, assim, marcos de memória coletiva em incontáveis grupos e lugares em todo o planeta.

Por outro lado, quando se trata de música “independente” – a música não-associada a grandes gravadoras, sem contar, conseqüentemente, com seus extensos e complexos esquemas de divulgação e distribuição – a atividade da pesquisa não revela, nem de longe, o mesmo nível de possibilidades. Desde o princípio, é preciso ter em mente que o rótulo “música independente” abrange diversos níveis de desenvolvimento artístico-profissional e contextos: pode referir-se tanto ao artista outrora participante do *casting*¹⁰ de uma *major* (as multinacionais responsáveis pelo oferecimento de músicos-produtos com o objetivo de gerar grandes lucros), mas agora trabalhando por conta própria ou ao músico local, que grava suas músicas em casa ou em um estúdio de algum amigo e as publica em plataformas de *streaming* e divulga em suas próprias redes sociais. Ou... Ao músico que sequer chega a gravar suas composições, pelos mais variados motivos. Esta pesquisa refere-se ao nível desses dois últimos exemplos, a partir da cidade de Vitória da Conquista, capital do sudoeste baiano.

Pesquisar a música local independente é uma tarefa com um nível de complexidade distinto do de se pesquisar a música *mainstream* (a música amplamente divulgada pelas mídias convencionais¹¹): em geral, por haver um maior distanciamento dos padrões de profissionalização da indústria, seja por falta de estrutura, de apoio ou de conhecimento, muitos artistas encaram o aspecto “burocrático” da profissão “músico” (destaque-se que a maioria sequer exerce a música realmente como profissão ou de forma exclusiva) com rejeição, reservando suas energias ao aspecto

⁹Formato de mídia para armazenamento de áudio em uma fita magnética. Em português, devido à pronúncia do termo em inglês “cassette”, também tornou-se comum a utilização da grafia “K7”.

¹⁰ Terminologia utilizada pela indústria cultural para designar o conjunto de artistas associados a determinado grupo, gravadora, empresa ou semelhantes ou, ainda, a lista de artistas e bandas a se apresentar em um evento (também utilizado o termo “cast”).

¹¹ Durante todo o texto, utilizaremos os termos “mídia convencional”, “mídia *mainstream*”, “mídia dominante” e similares como as formas de mídia de grande capacidade influenciadora, tradicionalmente popularizadas através de décadas de ação no mercado e presentes na maioria dos lares brasileiros, como a televisão aberta, o rádio FM, jornais e revistas de grande circulação.

puramente artístico. Assim, poucos são os artistas que se preocupam em preservar sua obra, sua história e disponibilizá-la de forma organizada ao público através dos recursos disponíveis, como *websites* próprios, contendo sua biografia, fotos, discografia, letras de música, cifras, vídeos e demais dados comuns para este segmento cultural. Dessa forma, cabe ao pesquisador a tarefa de detectar e escolher as formas possíveis de se chegar a esse conhecimento.

Ao se delimitar o objeto de estudo, percebendo-o enquanto grupo, associado à ideia de música independente, inevitavelmente chegar-se-á ao termo “cena musical”, sobretudo ao tratar-se de rock, em nível local. Nesse sentido, uma cena musical poderia ser compreendida como uma ação coletiva (ou conjunto de ações) que cria e busca consolidar um campo musical em proporções menores (nível local, regional, etc.) capaz de manter sua própria dinâmica de produção, divulgação, distribuição e consumo da música. Nesse sentido, há um considerável grupo de pessoas envolvido, bem como uma divisão espontânea de funções: existe o músico, o produtor de eventos, o proprietário/gestor dos espaços culturais, o técnico de som, o apresentador de eventos, o jornalista cultural, o fotógrafo, o cinegrafista, o produtor de audiovisual, o proprietário de estúdio de ensaio e gravação, o público consumidor, dentre muitos outros, sempre relacionados intimamente à cidade, entrelaçando elementos de identidade entre ela e as pessoas. Não raro, um desses agentes executa, simultaneamente, mais de uma função.

Ao pesquisador social, surge a possibilidade da pesquisa em memória para se abordar grupos sociais dotados de tamanho conjunto de peculiaridades. Ao se abordar essa associação grupo-cidade, obtém-se rico terreno para se revelar nuances até então ocultas ou pouco abordadas. Isto porque, diferente da busca voltada à verificabilidade factual exercida pela História, a memória é capaz de mostrar, em maior nível de profundidade, as impressões geradas ao decorrer dos acontecimentos e experiências, no íntimo dos indivíduos-membros do coletivo, mantendo-as vivas, fortalecendo a identidade do grupo e toda a complexa rede de elementos que o compõem. Sobre esse aspecto, Halbwachs (1990, p. 51) define:

[...] se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças¹² comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada

12 Apesar de o termo “lembrança” – ou “lembrar” – ser utilizado nas duas traduções disponíveis em língua portuguesa de *A Memória Coletiva* (1990, por Laurent Léon Schaffter, e 2006, por Beatriz Sidou, sendo, a primeira, utilizada para a construção deste trabalho), concordamos, como mais adequada, a adoção do termo “recordar” por Magalhães (2016; 2020) ao referir-se ao esforço consciente/inteligível de evocação/reconstrução da memória, em contraponto ao “lembrar” enquanto fruto de uma lógica mnemônica a partir dos marcos de memória, mais associável ao involuntário. Utilizaremos, portanto, essa distinção no texto, salvo quando das citações diretas a Halbwachs (1990).

um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia, quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social.

A cidade, por sua vez, é o lugar onde se encontra o grupo e toda a sua trajetória. É o cenário vivo e influenciador do grupo que, por sua vez, retribui também com suas próprias influências, onde se constroem e reconstroem memórias, especialmente quando se fala em cena musical, conceito associado, como veremos, ao espaço urbano. Dessa forma, é fundamental pensar, para além do grupo, a cidade e o papel desse grupo em seu contexto. As memórias reconstroem não apenas acontecimentos, mas os espaços onde se dão esses acontecimentos. E, assim como as pessoas, os locais sofrem transformações constantes. Uma esquina no centro de uma cidade em 2022 certamente contará inúmeras histórias e se fará presente na memória de muitos. Comparando-se seu aspecto com o mostrado em uma fotografia de 1991, evocará imagens distintas nas mentes de quem presenciar a comparação. Os imóveis ao redor, a pavimentação da rua, os veículos e vestimentas das pessoas que eventualmente apareçam na imagem capturada, são capazes de unir pessoas até então desconhecidas, mas pertencentes ao grupo dos habitantes da cidade em questão ao começarem a recordar e expressar seus pontos de vista – os pontos de vista individuais em torno da memória coletiva. Aspectos tão peculiares dificilmente são abordados pela história, sobretudo local. Entretanto, estão vivos na memória das pessoas e possuem o poder de, ao serem abordados de forma consciente, enriquecer a história local, revelando pontos que, muitas vezes, são de conhecimento comum, mas passam despercebidos até que, finalmente, desapareçam. Interromper esse processo e trazer à luz essas questões, compreendemos, é uma das funções do pesquisador em memória e um dos objetivos desta pesquisa.

Aliado à afinidade pessoal do pesquisador com o objeto, o elemento “escassez documental” revelou-se basilar à iniciativa de dar início ao presente trabalho de pesquisa. Ainda que, conforme será abordado, o “movimento rock” em Vitória da Conquista tenha abrangido considerável quantidade de pessoas, espaços e iniciativas, conectando bairros, pessoas de diferentes segmentos sociais e firmando-se como importante e consistente elemento cultural local, há pouco registro disponível, sobretudo escrito, sob a forma de análise. Enquanto é possível encontrar, nos acervos das bibliotecas e Arquivo Público, publicações, embora também escassas, dedicadas aos festivais locais de música realizados durante as décadas de 1980 e 1990, além de obras fonográficas (LPs e CDs) contendo textos em seus encartes, não observamos, nesses acervos, a presença de publicações sobre o rock conquistense. Mesmo no Arquivo Público Municipal foi encontrado raso material

acerca dos Point do Rock, palcos dedicados ao estilo, financiados pelo Município, durante as micaretas, extintas em 2008.

Por outro lado, percebe-se alguma movimentação nesse sentido: em 2017 foi publicado um livro, *A Conquista do Rock*, de autoria de Raquel Dantas, traçando linhas gerais sobre a cena, onde colaboramos com a primeira revisão do texto e o prefácio. Já em 2019, foi publicada a autobiografia do compositor, produtor e “frontman”¹³ da banda punk Cama de Jornal, Emanuel “Nem” Santos. Ambas as publicações foram produzidas e distribuídas de forma independente, com baixa tiragem e divulgação limitada às iniciativas pessoais dos autores, principalmente através das redes sociais. Essa escassez motivou-nos a inserir este segmento cultural ao universo acadêmico, partindo das hipóteses levantadas acerca de uma possível trajetória de desenvolvimento e consolidação da cena.

Tomando como base a experiência empírica, subdividimos, hipoteticamente, a trajetória da cena em três períodos principais: 1) A “fase cover”, compreendendo, aproximadamente, 2000 a 2008, quando teve início um movimento essencialmente amadorístico, experimental e colaborativo, voltado, principalmente, à sua própria subsistência, quando todos os setores e agentes envolvidos (músicos e produtores de eventos, em especial) ainda desenvolviam suas habilidades técnicas e identidades, caracterizando-se, o período, pela predominância da música cover¹⁴ e a precariedade; 2) A “fase autoral”, entre 2009 e 2014, quando a cena, em consonância à realidade da música independente em nível global, alcançou um nível de maturidade suficiente para um início de profissionalização. As possibilidades tecnológicas e a popularização das redes sociais, câmeras de celulares e capacitação técnica, em grande parcela de forma on-line, viabilizaram produções fonográficas, audiovisuais, turnês em nível nacional, festivais e ciclos de shows mais bem estruturados, contando, inclusive, com financiamento público através de editais de cultura e; 3) A “fase tributo”, compreendendo o período restante, quando houve consistente diminuição no número de eventos, fechamento de espaços importantes, desmantelamento de bandas e um encolhimento da produção autoral, inversamente proporcional ao advento dos “shows-tributo”, temáticos. Decidimos concentrar nossos estudos, ao menos neste momento, nas duas primeiras fases, conforme será esclarecido adiante.

13 O vocalista de uma banda, na terminologia usual da indústria musical.

14 O termo “cover” refere-se a músicos que executam obras compostas e publicadas por outros artistas, geralmente de grande projeção mercadológica. Assim, uma banda é classificada como tal quando não há, em seu repertório, a presença de músicas “autorais”, ou seja: compostas originalmente pelos próprios membros do grupo. É comum que bandas autorais optem por intercalar, em seus repertórios, canções autorais e “covers”, com o intuito de fixar sua identidade sonora (seu estilo musical) e formar sua “base de fãs” através da identificação entre suas preferências e referências musicais (“covers” de bandas consagradas mercadologicamente com estilo semelhante) e as do próprio público.

Após a constatação da escassez de estudos sobre o tema e apresentação desse conjunto de hipóteses, assumimos a tarefa de analisar a existência ou não de veracidade em tais indagações. Dessa forma, tem, a pesquisa, o objetivo de compreender o processo de formação e consolidação da cena musical do rock conquistense, inclusive no sentido de verificar se há realmente fundamento em situar sua gênese no início da década de 2000, bem como em destacar a cena como um movimento específico de proporções até então inéditas na história da cidade. Compreendemos a importância de se debruçar sobre um objeto tão pouco abordado: Vitória da Conquista, até o momento, não forneceu grandes nomes, em sentido mercadológico e referindo-se ao segmento “pop-rock”, ao cenário musical em nível nacional, logo, torna-se compreensível a dificuldade em se encontrar artigos, documentários, livros e outras obras de pesquisa acerca do rock conquistense, ao contrário do que se verifica sobre cenas de cidades como Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro ou Salvador.

Dessa forma, compreendendo tratar-se de uma abordagem essencialmente local, recai sobre o pesquisador pertencente a tal contexto social, com o qual possui relações de afeto e identidade, a iniciativa/missão da pesquisa, sob a pena de sofrer, este segmento cultural, o peso do esquecimento, ao decorrer do tempo. Por se tratar de um nicho cultural, não espera-se o acolhimento irresistente pela chamada “história oficial”, sobretudo em um estado e região com fortes musicalidades típicas/icônicas, absorvidas com maior naturalidade pelo “grande público” e a “grande mídia” (em especial o axé e o forró), distintas de um gênero musical estrangeiro e carregado de simbolismos e estereótipos nem sempre considerados “desejáveis” pela sociedade geral.

Trata-se, este texto, do resultado de uma pesquisa essencialmente e, conforme já apontamos, propositadamente em memória, contrariando as já há tempos ultrapassadas premissas que apontavam os trabalhos dessa natureza como não-confiáveis ou meros “paliativos” para quando não fossem encontradas fontes documentais, em especial as escritas. Porém, sentimos a necessidade de uma contextualização inicial para melhor situar o leitor ao universo estudado, tornando mais completo o resultado final do texto. Nesse sentido, passaremos por uma breve abordagem em torno do conceito de “cena musical”, seguida de uma também breve explanação acerca das transformações sofridas pela indústria fonográfica, sobretudo a partir da década de 1990 e, conseqüentemente e já aproximando-se do nosso objeto, a realidade geral das cenas independentes do rock brasileiro até o início da nossa abordagem (2000), período marcado pelo início do uso da internet para a articulação cultural. Desta forma, compreendemos ser possível cumprir um dos principais objetivos do estudo, que é situar a realidade local no macrouniverso nacional e global, uma vez que não se trata, o fenômeno ocorrido em Vitória da Conquista, de uma exclusividade: outras cidades passaram por processos semelhantes, simultaneamente, cada uma com suas

particularidades, chegando, essas “cenas”, a conectar-se, conforme abordaremos adiante. Para esta seção, foi suficiente uma pesquisa bibliográfica.

O elemento central da pesquisa, a memória, foi captado através da metodologia da história oral, por nós considerado como forma ideal para chegar-se às subjetividades e impressões de pessoas diretamente envolvidas com o objeto – a cena musical – revelando vasta gama de temas que se revelaram caros ao grupo estudado. Para tanto, foi selecionado um conjunto de quatorze pessoas, compreendendo tanto funções distintas (músicos, jornalistas, produtores de eventos, produtores musicais, técnicos de som, proprietários de estúdios) quanto períodos de atuação distintos, incluindo o pré-recorte – classificado como “fase embrionária”, ou “pré-cena” – a fim de esclarecer sobre o real momento de início do movimento, bem como as conjunturas que lhe deram origem. Aqui referimo-nos a personagens que atuaram anteriormente, como membros de bandas (mencionadas como pioneiras durante o período abordado) e mantiveram-se presentes, sob a aura de “veteranos”, assumindo outras importantes funções, além da de músicos, contribuindo ativamente para o fortalecimento da cena.

Estes entrevistados, destacamos, forneceram valiosos testemunhos acerca da vida cotidiana local, sobretudo na década de 1990, bem como suas impressões a respeito da cena musical a qual abordamos. Assim, o universo de entrevistados também pode ser classificado em duas categorias: 1) entrevistados oriundos do período pré-recorte, considerando suas atividades relacionadas à música rock no contexto local, mantendo-se ativos no decorrer das duas décadas abordadas, e 2) entrevistados pertencentes à geração posterior, que iniciaram suas atividades musicais simultaneamente ao período abordado, coincidindo-se ou não com sua gênese. A esta categoria, importante ressaltar, enquadra-se este autor, o que, em si, revela certos porquês e cuidados em relação à escolha do tema e da metodologia.

Real é o desafio, para um pesquisador que também é parte ativa de seu objeto, de não se deixar conduzir em direção a tendenciosismos, daí a importância em se ter clareza sobre os objetivos e metodologias adequados aos trabalhos. Por outro lado, obtém-se a conveniência do conhecimento empírico, útil tanto no processo de realização das entrevistas quanto na “pós-produção” (para utilizar-se de terminologia do universo musical), ou seja: no estudo do material colhido, que compreende necessariamente confrontamentos e comparações. É preciso ter em mente a não-existência de lugar neutro: a própria razão de ser de qualquer pesquisa traz, em sua composição, um universo de experiências, preferências e emoções, próprios da humanidade. A pesquisa social trata, em uma palavra, de pessoas.

Ademais, o fato de este pesquisador ser também personagem de sua história revelou-se como elemento facilitador, tanto na seleção dos entrevistados (a escolha do rol de possibilidades, de

acordo com as categorizações desejadas, não constituiu grandes dificuldades, bem como a aceitação dos convites para as sessões de conversa) quanto no desenrolar das entrevistas, que adquiriram o aspecto de diálogos fluídos e naturais de modo que, por vezes, o entrevistado encontrou no próprio pesquisador elementos de reforço à localização de marcos de memória, bem como o conforto de não confiar suas memórias a um completo estranho.

Roger Chartier sustenta em seu artigo que, na história do tempo presente, o pesquisador é contemporâneo de seu objeto e divide com os que fazem a história, seus atores, as mesmas categorias e referências. Assim, a falta de distância, ao invés de um inconveniente, pode ser um instrumento de auxílio importante para um melhor entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade fundamental que ordinariamente separa o instrumental intelectual, afetivo e psíquico do historiador e aqueles que fazem a história. A história do tempo presente contribui particularmente para o entendimento das relações entre a ação voluntária, a consciência dos homens e os constrangimentos desconhecidos que a encerram e a limitam. (AMADO; FERREIRA, 2006, p. XXIV)

Optamos, para as entrevistas, pela modalidade de “história oral de vida”. Isto porque não nos basta a simples coleta de dados acerca de acontecimentos, eventos (aqui, no sentido de encontros organizados em torno da música, públicos ou privados), bandas e locais importantes para a construção da cena musical mas, em especial, as significações e subjetividades que tornaram esses dados “dignos” de menção. Em paralelo, a história oral de vida cumpre a função de se pensar a cidade, suas dinâmicas e transformações: trata-se de uma cidade que sofreu profundas e aceleradas mudanças a partir do final da década de 1990.

Elemento determinante para o andamento de todo o trabalho de pesquisa foi a realidade imposta pela pandemia de COVID-19 iniciada ao primeiro semestre de 2020. A inesperada e quase repentina situação de quarentena a qual todo o planeta fora submetido, sobretudo no ano em questão, impôs uma verdadeira revolução digital dentro do que já se denomina “quarta revolução industrial”: o contato através da modalidade remota mostrou-se uma viável solução para diversas formas de atuação humana, inibidas pela rápida proliferação do vírus e suas variantes. Dessa maneira, após o período de completa paralisação de atividades de ensino e trabalho, quando ainda se aguardava, ingênua e esperançosamente, o fim da pandemia em algumas semanas, passou-se, meses após o início da quarentena, à etapa em que grande parte das atividades sociais humanas se deram utilizando, como veículo, a internet.

Em nosso contexto, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia adotou, como conjunto de plataformas para a viabilização do Ensino Remoto e demais comunicações oficiais, como reuniões, bancas de defesa, etc., o sistema Google, compreendendo, principalmente, o Gmail, o Google Sala de Aula (Classroom) e, finalmente, o Google Meet, plataforma direcionada a

videoconferências em tempo real. Uma vez plenamente experimentada durante o retorno das aulas e eventos acadêmicos externos, consideramos ser, o Meet, uma plataforma robusta, confiável e suficientemente simples para uma tentativa de entrevista-piloto. Como o recurso de gravação não se fez disponível (apenas possuíam acesso usuários associados a empresas/instituições que contratam o pacote de serviços da Google e, ainda assim, devidamente autorizados pela equipe técnica, como, por exemplo, o corpo docente da Universidade), optamos, para esse fim, após uma razoável pesquisa, pelo uso do OBS Studio, software livre¹⁵ destinado à transmissão de vídeos *on-line*, bem como de gravação de telas, comumente utilizado por usuários de jogos eletrônicos para transmissão de suas partidas através das redes sociais. Após uma bateria de testes de gravação e transmissão, foi realizada, em 10 de outubro de 2020, a primeira entrevista, com Loro Borges, vocalista e guitarrista da banda Ladrões de Vinil, demonstrando ser viável o seguimento dos trabalhos, incluindo a realização das entrevistas de forma remota, através de videoconferência.

[...] o que mais vale em história oral de vida são as versões individuais dos fatos da vida, entende-se o peso subjetivo que François Etienne coloca no estatuto “meramente subjetivo” da história oral. Assim, repartindo o campo das evidências prováveis ou atestadas por documentos de outro que lhe opõe o das pressuposições falíveis da memória, situam-se as disputas entre a História e a história oral. No caso da história oral de vida, o que a distingue é exatamente a independência dos suportes probatórios. As incertezas, descartabilidade da referenciação exata, garantem às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diverso dos documentos convencionais úteis à História. Em particular, a história oral de vida se espalha nas construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções. [...] Porque as histórias de vidas são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala. (MEIHY; HOLANDA, 2019, p. 34-35)

Fonte principal e elemento norteador desta pesquisa, a história oral de vida possibilitou não apenas a abordagem do tema, mas o situar de cada personagem ao ambiente da cidade, revelando importantes impressões da(s) realidade(s) urbana(s) conquistense(s). Nem todos os entrevistados são naturais de Vitória da Conquista, por isso, foi possível captar, ainda, impressões acerca do impacto causado pela mudança de município em diferentes períodos, principalmente nas duas últimas décadas do século passado, quando a cidade ainda apresentava características mais

15 “Software livre” é o termo referente a programas de computador (softwares) cujos desenvolvedores permitiram previamente o acesso a seu código-fonte, possibilitando o uso gratuito, cópia, distribuição e alteração de sua estrutura sem implicações legais. Em geral, os softwares livres trazem em si uma filosofia antimercado, defendendo a liberdade de expressão e ação, em contraponto aos softwares convencionais, considerados, pelos adeptos dessa linha de pensamento, injustos e elitistas, por representarem a busca por altos lucros de grandes empresas, que oferecem seus produtos por preços considerados abusivos. No exemplo, o Open Broadcaster Software (OBS Studio) é recomendado pela mídia especializada como uma boa maneira de se realizar as tarefas às quais se destina sem que seja necessário recorrer à pirataria ou ao pagamento de altas quantias por softwares convencionais.

ruralistas e interioranas, e como essas pessoas enxergam as mudanças e o crescimento urbano até o período em que foram entrevistadas.

Importante destacar, o trabalho em história oral é uma abordagem do passado realizada no tempo presente, logo, inevitáveis são as comparações no decorrer dos diálogos. Nos interessa, ao menos neste momento, mais as impressões provocadas nas pessoas pelos acontecimentos que a precisão factual, números exatos e datas precisas, embora também tenhamos realizado uma extensa pesquisa documental para, através do cruzamento de dados (PORTELLI, 2016), fornecer, ao leitor, uma reconstrução mais completa do passado. Assim, tal trabalho, a partir dos diálogos, revela marcos importantes na constituição da cena musical: não se menciona, em regra, elementos considerados irrelevantes, ao mesmo tempo em que, sabemos, o silêncio também possa significar uma omissão proposital, daí a importância de se conhecer o universo estudado e a “vantagem” em ser um pesquisador-personagem, trazendo maiores possibilidades de análise do conteúdo obtido.

O rock traz, como características marcantes, a informalidade e a transgressão de regras. Dessa maneira, mostrou-se, a metodologia escolhida, adequada ao nosso estilo de abordagem. Todos os entrevistados já conheciam este pesquisador previamente, ainda que cada um reservasse menor ou maior nível de intimidade, não sendo necessárias apresentações iniciais: cada selecionado foi contatado e apenas informações básicas foram informadas: “trata-se de uma pesquisa sobre a cena do rock conquistense e as pessoas foram selecionadas por guardarem algum nível de importância individual como participantes do movimento. A entrevista, em verdade, seria um ‘bate-papo’ sobre a vida e trajetória de cada um, não necessariamente sobre o rock”. Este, por sinal, foi o grande diferencial que, após conversas com nosso orientador, nos convenceu a não optar pela modalidade “história oral temática”: o convidado contaria a sua história de vida e o rock, inevitável e naturalmente, apareceria em algum momento, devidamente conectado contextualmente com o microuniverso abordado.

Por conhecer previamente o pesquisador e a natureza da pesquisa, ainda que superficialmente (uma pesquisa sobre a cena rock local), aliada à íntima relação de vida de cada um com a música, inevitável e naturalmente se chegaria ao tema do rock conquistense. Para tanto, não houve o desenvolvimento de um rígido roteiro de perguntas: as entrevistas apenas iniciaram-se com um questionamento sobre o local e data de nascimento, seguido de perguntas sobre elementos marcantes da infância, como a escola, brincadeiras favoritas, etc. A experiência foi bem-sucedida e os entrevistados desenvolveram fluidamente suas narrativas a partir desse ponto de partida.

Ainda sobre subjetividades, não raro, o “roqueiro” enxergou-se, durante o período estudado, como pertencente a um grupo marginal, muitas vezes boicotado ou mesmo hostilizado pelo que

entendia como sociedade “mainstream¹⁶”, assumindo uma postura de rejeição e antagonismo às chamadas músicas “do momento”, com letras consideradas demasiadamente comerciais ou, ainda, utilizando o termo “descartáveis” para se referir a esses “produtos”. A história oral também mostra-se capaz – ainda que apresentando limitações que abordaremos adiante – de converter à linguagem escrita tais impressões.

O relato oral convertido em texto escrito torna-se documento histórico, aproximando, assim, a memória da história. Porém, é importante atentar-se ao fato de que esse “produto” gerado pelo método da história oral constitui-se de um documento gerado no tempo presente e, portanto, contendo toda uma mentalidade e contextualização da atualidade acerca do tempo passado. Dessa forma, ao se dar início a toda a sequência de etapas típicas da metodologia, inicia-se o processo de produção de um documento datado. Em nossa pesquisa, todas as entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2020, sob o perigo e tensão de um planeta em quarentena, quando ainda não se sabia quando haveria alguma vacina, logo, seria um enorme equívoco ler as transcrições considerando-as documentos históricos da época abordada (o recorte histórico escolhido). O documento gerado pela história oral é “história viva”: advém da memória de pessoas que continuam vivenciando momentos ímpares, como a própria pandemia, certamente tema de incontáveis trabalhos em memória a partir de seu início.

O presente texto é dividido em três seções principais. Todo o trabalho é norteado, em algum nível, pelas entrevistas realizadas, cabendo, entretanto, ao autor, a organização da “narrativa”, utilizando-se do material disponível e reflexões teórico-metodológicas para desenvolver, de forma inteligível, o documento que será apreciado pelo leitor, de modo a compreender os objetivos, hipóteses, justificativa, metodologia, dentre outros elementos constitutivos da obra como um todo. Importante destacar, este documento destina-se, em especial, à própria comunidade abordada, como é de praxe para trabalhos em história oral. Em tempo, à população conquistense, fixa e flutuante, que vivenciou algum dos períodos abordados, nos limites municipais; às pessoas que testemunharam/participaram, de alguma forma, dos movimentos relacionados ao rock local (colônia); e aos subgrupos (redes) que compreendem os músicos, autorais ou não, colaboradores, produtores, proprietários/gestores de espaços culturais, técnicos de som, o público, etc. Assim,

16 Aqui utilizamos o termo para designar, em referência à terminologia da indústria musical, a sociedade de forma generalista, representada pelos estereótipos mais comuns e dominantes, a exemplo dos gêneros musicais promovidos de forma consideravelmente mais enfatizada pelas mídias convencionais, como o axé e o forró, bem como todo o universo de posturas e valores que os cercam.

sentimos a necessidade de nos fazer compreender tanto pela comunidade acadêmica quanto pela comunidade de destino, justificando-se a nossa escolha pelo formato apresentado a seguir.

A primeira seção possui um caráter contextualizador. Como já demonstramos, percebemos ser necessária a abordagem, ainda que introdutória, do conceito de cena musical, aperfeiçoado e introduzido ao universo acadêmico pelo professor Will Straw e demais estudiosos pós-subculturalistas a partir da década de 1990. Isto revelou-se de grande importância à nossa pesquisa, ao percebermos o uso altamente difundido e naturalizado pelo termo “cena” (“do rock”, “musical”, “independente”, “musical independente”, etc.) pelos membros do grupo social em questão. É comum o uso da terminologia ao referir-se ao movimento rock, no sentido de um conjunto de pessoas e ações com a música como elemento central e unificador, geralmente associado a contextos independentes, viabilizados através do esforço coletivo e sem apoio das mídias convencionais ou grandes empresas. É na cena que a expressão “faça você mesmo(a)¹⁷” se materializa, transformando jovens em produtores, empreendedores, gestores, editores, escritores e toda a vasta gama de atividades típicas.

Uma vez apresentado à cena, o leitor entrará em contato com um breve histórico do mercado fonográfico/musical, sobretudo após o surgimento do rock, gênero musical derivado do blues e símbolo da rebeldia jovem contra os conceitos considerados antiquados e falidos das gerações anteriores. O rock e o cinema foram grandes responsáveis pelo despertar da indústria do entretenimento para o público jovem, sendo a forma encontrada pelos filhos da geração que enfrentou os horrores e privações da II Grande Guerra de se expressar, e demonstrar autonomia perante a sociedade conservadora. Neste capítulo, abordaremos como a indústria fonográfica, sob a forma das grandes gravadoras, se fez gigantesca assumindo o papel de intermediária entre o artista e o público, decidindo o que seria e o que não seria consumido, até a popularização em ritmo acelerado, dos computadores pessoais, a internet e as tecnologias que permitiram a decisiva presença da pirataria, viabilizada pela popularização do formato digital de áudio mp3, que rompeu paradigmas a ponto de forçar multinacionais a repensarem seus modelos sob o risco do colapso generalizado.

Neste ponto, passamos à análise do contraponto à grande indústria: a música independente, aqui já referindo-se especialmente ao rock, a esta altura um gênero musical não mais restrito ao eixo Estados Unidos-Europa, mas revelando-se como universal, perfeitamente adaptável a cada contexto local, compreendendo e absorvendo influências regionais e continuando como veículo de expressão

17 “Do it yourself”, em inglês ou, ainda, sob a forma da sigla “DIY”.

e contestação, através de seus inúmeros subgêneros, muitas vezes conflitantes entre si, alterando seu aspecto massivo, partido de um ambiente externo em direção ao local para, em sentido inverso, tornar-se um instrumento de expressão para grupos marginalizados em nível local em direção à sociedade dominante.

Trata-se de um sequenciamento de conceitos e informações apresentados de maneira, certa forma, didática, com o objetivo de apresentar importantes aspectos gerais referentes ao processo de transformação em nível global da indústria musical que atingiu os diversos contextos locais de forma “centrípeta”, associando-se às particularidades de cada cidade, provocando mudanças de comportamento e consumo musical em níveis até então inéditos, permitindo maior dinamismo na leitura e assimilação dos capítulos subsequentes, onde haverá o aprofundamento da abordagem relacional entre as entrevistas em cruzamento com as fontes documentais, a contextualização com a cidade e seus significados quando relacionados às teorias da memória.

Na segunda seção, dá-se início, guiada principalmente pelas entrevistas em associação às fontes bibliográficas e documentais, à reconstrução do conjunto de elementos que constituem a cena musical do rock conquistense, em seus diversos momentos, dentro do recorte temporal escolhido. As memórias dos personagens, agora documentadas, serão confrontadas, pensadas e organizadas de acordo com o rol de temas mais evocados, revelando marcos de grande importância para o grupo, ao mesmo tempo em que contribuem para se pensar a cidade e suas transformações ao decorrer do tempo, bem como se deu/dá a dinâmica relação de transformação mútua em relação à cena.

Perceberemos como os espaços urbanos, inclusive no plano digital, são ocupados e transformados pela cena, tornando-se icônicos e de fácil referência geral em relação ao grupo, ou seja: o espaço transformado, uma vez associado profundamente com a cena, passa também a exercer influência sobre ela, transformando-a e contribuindo para a sua manutenção. Este fenômeno, sem dúvida, revela-se como importante aspecto cultural a ser inserido à grande miscelânea identitária de uma cidade, ainda que não dominante.

Neste capítulo será possível compreender essa dinâmica e sua relação íntima com o coletivo através da memória, revelando aspectos culturais de grande relevância no contexto local, constituindo uma rica parcela da história de Vitória da Conquista que foi pouco ou quase não registrada e, por isso, suscetível ao esquecimento à medida em que seus personagens envelhecem, passam a vivenciar outras realidades e a integrar outros grupos sociais (HALBWACHS, 1990).

Este também será o espaço de reflexões acerca da importância de se posicionar a cena rock conquistense à história cultural da cidade, ousando romper paradigmas de estilo e estereótipos,

geralmente associados e difundidos como características típicas da região: “a cidade de Elomar, Xangai e Glauber Rocha”, lugar-comum ampla e orgulhosamente difundido ao referir-se aos aspectos culturais locais, sobretudo pela mídia, intelectuais e a própria classe artística.

Finalmente à seção de conclusão do estudo, recapitularemos aspectos de maior destaque ao longo do trabalho, reafirmando consistências acerca das hipóteses, bem como apontando possíveis descobertas em sentido contrário. Neste ponto, reforçamos a importância em se trazer, ao universo acadêmico, aspectos sociais como as cenas musicais independentes, não raro atuando realmente de forma marginal e viabilizando importantes transformações sociais.

Já dissemos que a pesquisa em história oral possui, como característica, a produção de documentos históricos sobre temas geralmente ainda não abordados ou pouco abordados. Mesmo um tema amplamente difundido é capaz de fornecer aspectos pouco óbvios ao direcionarmos nossa atenção à memória coletiva reconstruída através de indivíduos-membros de determinados grupos e campos. Quando o tema, como em nossa pesquisa, já era pouco estudado, uma experiência como esta é capaz de revelar todo um microuniverso oculto que apenas “aguardava” uma forma de vir à tona, através de, por exemplo, um trabalho de pesquisa como este.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

Ao se debruçar sobre um objeto de pesquisa tão vasto quanto a cultura, ainda que afinando-se ao aspecto da música independente em um contexto local – como o da cidade de Vitória da Conquista – em um intervalo temporal delimitado, deparamo-nos com a terminologia utilizada cotidianamente não apenas pelos pesquisadores, mas pelos próprios membros do grupo social observado, bem como determinado rol de conhecimentos, consideravelmente específicos para o observador distante, mas naturalizados entre os pertencentes àquele contexto.

Quando se fala em música rock, em especial, e aqui já nos direcionando ao nosso nicho de abordagem, percebe-se, com certa facilidade, o uso de uma rede de códigos que inclui desde gírias, modos de agir – e reagir – e um estilo especial de se viver, onde à música é reservado lugar de destaque. Por isso, não raro, há a identificação e conexão de pessoas através de conhecimentos acerca de bandas e artistas de renome, períodos específicos da história da indústria musical, gêneros e subgêneros musicais, experiências vividas (como, por exemplo, em shows e eventos considerados de grande importância para aquele grupo), dentre muitos outros elementos típicos e distintivos de um ou outro campo social.

Neste capítulo, intencionamos contextualizar o leitor, ainda que através de breves linhas, ao universo do rock independente em sentido amplo, bem como aos nossos objetivos e métodos de pesquisa. Compreendemos ser, este, um importante caminho para uma aproximação mais eficiente das mentalidades do grupo: como veremos, conceitos como “cena” e conhecimentos básicos acerca do universo musical, incluindo elementos do processo evolutivo do mercado, fazem parte do cotidiano dessas pessoas, ainda que, por vezes, superficialmente, enquanto um senso comum ou mesmo compreendendo equívocos, mas, ainda, exercendo importante função enquanto elementos específicos de identidade coletiva e ligação entre indivíduos.

Optamos por iniciar o texto contextualizando brevemente o objeto, ao mesmo tempo em que munimos o leitor de importantes elementos para as reflexões que se sucederão, por compreender não tratarmos aqui de um grupo social classificável como pertencente à “grande massa”, mas uma parcela da população que se identifica como diferente e, muitas vezes, aparece no imaginário geral envolto em um certo exotismo, causando estranheza. Não por acaso, o próprio mercado musical, há algumas décadas, refere-se a essas pessoas como membros de um nicho – ou um conjunto de nichos – apresentando-lhes artistas-produtos através de selos (subgrupos corporativos voltados a categorias específicas de consumidores) musicais específicos, dotados de características próprias e distintas dos segmentos principais de atuação, demandando ações de mercado igualmente específicas.

2.1 CENAS MUSICAIS

Não tem como negar. Era bom e era bom, e era bom. Eu acho que isso é legal, ter essa dinâmica, a galera, ter amizade... Fazer os eventos, um ajudar o outro. Isso é bom, porque vai crescendo o cenário. Quando fica aquela picuinha, isso aí é que acaba estragando. Quando um quer criar picuinha com outra banda, aí estraga, que o cenário já é pequeno, né? A cidade também não é tão grande. Não cabe, então tem que ser assim: vai fazer um evento? Você vai lá e colabora. O outro vai lá e colabora. São bandas assistindo bandas. (RUGAL, 2020)

Através das entrevistas, bem como das fontes documentais, percebemos, sem grandes dificuldades, o uso, de forma ampla e naturalizada, do termo “cena” – ou algumas variações – para referir-se ao todo, o grande conjunto de elementos, humanos ou não, formadores de uma espécie de ecossistema¹⁸ onde se desenvolve o rock local. A imagem desse grande complexo, que também pode aparecer denominado apenas como “rock conquistense”, “rock local”, “rock de Conquista”, por vezes mostra-se de complexa definição conceitual, mas parece-nos claro o fato de que em todas, ou considerável maioria das vezes em que é evocada, a palavra “cena” é utilizada conscientemente como algo capaz de englobar todo o conjunto de pessoas, iniciativas, lugares e acontecimentos referentes à manutenção de um movimento (termo também utilizado, muitas vezes, como sinônimo) essencialmente musical a qual inspira, nas pessoas, a nítida sensação de pertencimento: seus membros percebem-na como algo a ser zelado, a qual se identificam e, de certa forma, detêm alguma parcela de responsabilidade sobre sua imagem perante a sociedade. Quando um roqueiro se refere à cena rock de sua cidade, fala em primeira ou segunda pessoa, nunca em terceira: a cena é o “nós”: “eu pertencço à cena. Se a criticam, sinto-me igualmente criticado. Por isso, eu e a cena somos um só. Nós somos a cena”. O termo “cena” para referir-se a esse universo, portanto, é utilizado com tamanha frequência que é reproduzido sem maiores questionamentos, como um clichê, muitas vezes desapercibidamente, pelos seus membros e por pessoas externas com referências musicais em comum.

Surgido por volta da década de 1940¹⁹ nos Estados Unidos e cunhado pelo jornalismo cultural, o termo “cena” – em uma analogia ao teatro – era utilizado ao referir-se à consistente movimentação boêmia e marginal em torno dos clubes de jazz e blues. Era comum encontrar, nos textos a partir desse período, a cena enquanto um elemento de identidade e diferenciação entre o que acontecia em uma cidade em relação às demais. Assim, existia a “cena blues de Chicago”, a

18 Emprestamos, por vezes, da biologia, o termo “ecossistema” para designar, em sentido amplo, o grupo social estudado e sua estrutura de funções, espaços, iniciativas e agentes, podendo ser utilizado como equivalente à “cena rock”, “grupo” ou, ainda, o subcampo da música rock local.

19 JANOTTI JÚNIOR, Jeder; PIRES, Victor de Almeida Nobre. Entre os afetos e os mercados culturais: as cenas musicais como formas de mediatização dos consumos musicais. In: JANOTTI JÚNIOR; LIMA; PIRES, 2011, p. 11.

“cena jazz de New Orleans” e assim por diante, sobrevivendo, o termo, até os dias atuais. Dessa forma, é possível, analisando-se a naturalidade a qual é ainda é utilizado, perceber a sua eficiência ao significar tamanho complexo de elementos.

Se o termo atravessou tantas décadas sendo utilizado pelo ambiente jornalístico e artístico, foi apenas a partir da década de 1990 que a academia passou a abordá-lo com maior seriedade e consistência, sobretudo após as manifestações de Will Straw, professor da McGill University (Canadá). Sua primeira publicação sobre o tema, *Systems of articulation, logics of change: communities and scenes in popular music* (1991) traça uma diferenciação entre cena musical e comunidade musical. Segundo o autor, enquanto a comunidade compreende um grupo populacional de composição relativamente estável cujo envolvimento com a música é enraizado histórica e geograficamente, a cena seria um espaço cultural onde uma série de práticas musicais coexistem e interagem entre si dentro de uma variedade de processos de diferenciação e de fertilização cruzada (p. 373).

A cena, dessa forma, não está ligada necessariamente a um grupo que possui uma linguagem musical criada em um lugar específico. Muitas vezes ela é formada justamente por indivíduos que compartilham interesses por estilos nascidos em outras localidades. Portanto, enquanto a ideia de comunidade remeteria a um grupo de pessoas que dão origem a uma linguagem musical característica em um determinado lugar, as cenas, por outro lado, podem se formar em vários lugares ao mesmo tempo, já que não estão relacionadas diretamente à gênese de um estilo musical. É por isso que podemos dizer que alguns gêneros, como o heavy metal, o punk e o hip-hop, são organizados ao mesmo tempo em cenas de nível local e global ou, como preferem Bennett e Peterson (2004)²⁰, em cenas translocais, onde várias cidades do mundo, cada uma com suas especificidades, apresentam um circuito interligado de lugares que torna possível a circulação das ideias, informações, práticas sociais e produção musical desses gêneros. (VASCONCELLOS, 2011, p. 130-31)

Em nível exemplificativo, portanto, poderíamos definir como comunidade musical, de acordo com Straw, o movimento samba-reggae iniciado em Salvador na década 1980, intimamente atrelado às culturas afro-americanas manifestadas através de blocos afro como o Olodum, Muzenza e Malê Debalê: apesar de já apresentar uma assimilação de um gênero estrangeiro – o reggae – trata-se de uma musicalidade típica de uma localidade específica, dotada de um profundo enraizamento no imaginário popular, entrelaçado com importantes elementos culturais, em especial os de caráter religioso. O samba-reggae, pode-se considerar, foi um dos primeiros passos em direção a uma formatação de toda aquela musicalidade para o mercado musical, dando origem a

20 BENNET, A.; PETERSON, R. **Music Scenes: Local, Translocal and Virtual**. Nashville: Vanderbilt University Press, 2004.

uma nova diversidade de subgêneros, definida, mercadologicamente, pela indústria, sob o rótulo “axé music”, termo geralmente utilizado pelas gravadoras baseadas no eixo Rio-São Paulo para designar qualquer musicalidade baiana, sobretudo soteropolitana, relacionada, em algum nível, ao carnaval. A origem do termo, cunhado em 1987 pelo jornalista e crítico musical Hagamenon Brito, descreve a junção entre a música dos blocos afro e a dos “blocos de trio”, que já incluía elementos da pop music²¹. No âmbito da comunidade, é possível encontrar determinado gênero musical em seu “hábitat natural”, sendo mantido vivo pelas pessoas que o compreendem como uma tradição e expressão cultural próprias.

Já para a cena, possivelmente o rock seja o melhor exemplo atual, por ser um gênero musical amplamente difundido, há muito não se limitando apenas às suas origens nos Estados Unidos, como uma derivação do blues urbano da década de 1950: fruto – e símbolo – da indústria musical por essência, o rock é “gênero estrangeiro” em praticamente todo o mundo, ainda que conseguindo adaptar-se eficientemente a cada contexto local, incorporando e sendo incorporado por elementos das mais diversas culturas regionais. Nesse sentido, o conceito de cena musical passa a abranger, com maior ênfase, o espaço cultural enquanto elemento fundamental de conexão entre as pessoas, a música, as ideias e outros espaços:

Poder-se-ia dizer que se trata de espaços de criação e consumo cultural relacionados a temáticas específicas, envolvem ações estratégicas e, muitas vezes, a construção de iniciativas intencionalmente “alternativas” (aos nichos de mercados do mainstream). Portanto, é um conceito que permite compreender as várias forças presentes em um contexto específico, relacionando os atores e o seu entorno. (HERSCHMANN; FERNANDES, 2012, p. 11)

Straw (2006), em seu segundo escrito sobre o tema, *Scenes and sensibilities*, busca resolver problemas levantados por diversos críticos, posicionando a cena enquanto um espaço geográfico específico onde acontecem práticas musicais diversas, podendo abranger desde um espaço específico, como um bar, quando há o movimento de pessoas entre este e outro espaço (outro bar, por exemplo), bem como as atividades econômicas envolvidas, que permitem ou viabilizam essas conexões e interligam a cena à cidade, exercendo de volta a influência sofrida anteriormente. Essa troca de influências “cidade-cena-cidade” se dá de forma orgânica: primeiro, a realidade urbana faz com que as pessoas busquem espaços específicos para ocupar. Com o tempo, esses espaços passam a se tornar associados a esse grupo também pela sociedade em geral, que passa a responder

21 Tais elementos englobam desde instrumentos musicais atípicos à musicalidade mais tradicionalista dos blocos afro, como guitarras, contrabaixo, bateria, teclados, bem como estruturas vocais compostas por vocal principal + “backing vocals”, presença de refrões repetitivos e outras fórmulas harmônicas consagradas pela indústria musical.

proporcionalmente. Em Vitória da Conquista, há o caso da Praça Guadalajara (Praça da Escola Normal). Por algum motivo, esse espaço urbano público passou a se tornar um ponto de encontro para a jovem geração de roqueiros do início dos anos 2000. Com o tempo, não apenas ela, mas a concha acústica do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima, cuja entrada situa-se no mesmo espaço, também foi “incorporada”, tornando-se cenário de inúmeros eventos de rock. A “Praça da Normal” passou a ser um espaço típico dos roqueiros, ainda que estudantes de outras escolas (A alcunha refere-se ao Instituto de Educação Euclides Dantas, antiga Escola Normal, localizado em frente à praça). Em resposta, o Poder Público Municipal transferiu o Point do Rock (palco dedicado ao rock local nas micaretas) para a praça, solidificando ainda mais a relação entre os membros da cena e o espaço ocupado.

Figura 01 – Recorte da Praça da Normal, exibindo, ao fundo, a entrada da Concha do Centro de Cultura.



Fonte: Google Street View (visão em 2019)

A cena, ainda, cria circuitos de acordo com a mesma lógica. Na primeira década dos anos 2000, não por acaso, um dos únicos bares da cidade a ter o rock como trilha sonora ambiente, o Paraki, localizava-se a poucas quadras de distância da Praça da Normal, tornando-se um dos mais importantes pontos de encontro da cena. As pessoas transitavam entre esses pontos, cada um com suas próprias características, certas de que encontrariam outros membros do grupo em cada um deles. Simone de Sá enumera:

[...] entendemos que a noção de cena refere-se: a) A um ambiente local ou global; b) Marcado pelo compartilhamento de referências estético-comportamentais; c) Que supõe o processamento de referências de um ou mais gêneros musicais, podendo ou não dar origem a um novo gênero; d) Apontando para as fronteiras móveis, fluidas e metamórficas dos grupamentos juvenis; e) Que supõem uma demarcação territorial a partir de circuitos urbanos que deixam rastros concretos na vida da cidade e de circuitos imateriais da cibercultura, que também deixam rastros

e produzem efeitos de sociabilidade; f) Marcadas fortemente pela dimensão midiática. (SÁ, Simone Pereira de. Will Straw: cenas musicais, sensibilidades, afetos e a cidade. *In: JANOTTI JUNIOR; GOMES, 2011, p.157*)

Avançando-se os estudos, é importante perceber que os textos basilares de Straw foram publicados em um período onde o “off-line” ainda era dominante (início da década de 1990), por isso, sua ênfase na espacialidade física fazia mais sentido, uma vez que a dificuldade em se romper os limites locais constituía um verdadeiro obstáculo, especialmente ao tratarmos de uma cena independente de rock, onde a precariedade, como veremos, era a regra. Simone de Sá prossegue sua busca pela modernização da discussão, evocando os estudos de Bennet e Peterson²², que criaram uma tipologia das cenas, a partir da sua abrangência. Os autores dividem-na em cenas locais, translocais e virtuais:

[...] as **cenas locais** são definidas como atividades sociais ocorridas num espaço territorial e período de tempo delimitado, quando um agrupamento de produtores, músicos e fãs se dão conta de seus gostos musicais em comum, distinguindo-se a si mesmos de outros através do uso da música e outros símbolos culturais. O foco do interesse musical pode ser um gênero “de fora”, porém apropriado, re combinado e desenvolvido para representar a cena local. Além disto, embora focada na música, a cena envolve outros aspectos de estilo de vida, tais como modos de se vestir, de dançar, uso de drogas, política, etc. As **cenas translocais**, por sua vez, seriam as cenas que se constituem a partir do contato regular dos membros de distintas cenas locais em torno do mesmo interesse musical. “Estas nós chamamos de cenas translocais, porque, ao mesmo tempo em que elas são locais, elas são também conectadas com grupos de espíritos afins separados por milhas de distância [...]. São pois, cenas locais interconectadas, que transcendem a necessidade da interação face a face como requisito para o pertencimento [...] e que se comunicam através da troca de gravações, fanzines, ou presencialmente, nos festivais – tais como a cena de indie rock dos anos 80 ou a dance music dos 90. Finalmente, os autores definem a **cena virtual** como aquela que se utiliza da internet para sua existência. Assim, tal como os participantes das cenas translocais, os participantes das cenas virtuais estão separados geograficamente; mas, à diferença deles, os participantes ao redor do mundo encontram-se reunidos em uma mesma cena possibilitada pela Internet, tal como os fãs de Kate Bush ou de alternative country music. (SÁ *In: SÁ; JANOTTI JUNIOR; 2013, p. 30-31, grifos nossos*)

Concordamos com a autora quando aponta a insuficiência de tais conceitos, uma vez que já não é mais possível desvincular o físico do virtual. Não apenas a divulgação e articulação de eventos, espaços, dinâmicas como a busca de uma banda por músicos, as possibilidades de trabalho remoto entre músicos e estúdios e o uso de plataformas de música e vídeo para distribuição de produtos culturais se dão através da internet, mas não é mais possível apontá-la como um mero

22 BENNETT, Andy; PETERSON, Richard. **Musical scenes**: local, virtual, translocal. Nashville: Vanderbilt University Press, 2004.

apoio ao que acontece no mundo físico: muitas vezes essas articulações têm início à distância para só depois serem continuadas pessoalmente. Assim, porém, podemos trabalhar com a ideia da multiplicidade de realidades: uma cena local, como a de Vitória da Conquista, possui, sim, seus pontos físicos de encontro, afinal, as pessoas, enquanto seres sociais, necessitam do contato físico, através de bares e outros espaços, bem como pessoas exercendo funções típicas – músicos, produtores, jornalistas, fotógrafos, etc. – e demais elementos levantados pelos estudos iniciais de Straw. Porém, alterando-se a dimensão de observação, pode-se pensar, como cena translocal, a formada pelas intersecções entre as cenas de Vitória da Conquista e Poções, tão comuns e dinâmicas desde o início do nosso recorte. Ao mesmo tempo em que a internet permitiu a conexão de diversas cenas locais no início da década de 2010, através do Circuito Fora do Eixo, viabilizando o vislumbre não só de uma cena virtual, mas nacional e internacional, uma vez que havia pessoas buscando bandas independentes em todo o país, através de plataformas específicas²³. Tais características não passam despercebidas pelos agentes pertencentes à cena:

[...] Num desses shows que a gente fez lá no Viela, veio o Wander Wildner. E aí, ele falou: “poxa, em Porto Alegre não tem, hoje...” Isso em 2012, né? “...não tem essa cena que existe aqui, porque a cena precisa de um lugar de encontro. Não é o Bar Opinião, que é gigantesco e com megaeventos. Não. É um lugar que as pessoas vão pra se encontrar. Isso é que é uma cena, né? O que vocês têm aqui nem Porto Alegre tem hoje”. Então, são momentos raros, que voltam, né? A gente vai ter uma outra cena dessa com certeza aqui... É cíclico. A gente sabe que isso é cíclico, que Conquista tem essa tendência, né? Eu tava conversando com Roney George, que é um artista plástico incrível, que mora em Salvador, e aí a gente tava num bar, no antigo Manifesto, aí ele falou: “poxa, Conquista sempre teve esses bares, esses espaços...”, Qual foi o termo que ele usou? Eu não lembro o termo exato que ele usou mas, que eram lugares que poderiam... Por exemplo: tavam em Conquista, mas poderiam ser em Seattle ou poderia ser em algum lugar de Londres ou em qualquer lugar da Argentina, sabe? Poderia tar em qualquer lugar do mundo. Conquista tem essa característica de ter esses espaços assim, né? Que qualquer pessoa do mundo vai se sentir à vontade, né? “Cosmopolita” foi a palavra que ele usou. Conquista sempre teve esses espaços alternativos cosmopolitas. (DANTAS, 2020)

Dessa forma, compreendemos ser, o conceito de cena musical, longe de unânime, e em pleno desenvolvimento, afinal, acompanhou as profundas transformações sociais provocadas pela popularização e evolução tecnológica que mudaram drasticamente as formas de se consumir e pensar música a partir do final do século passado. As cenas musicais continuam guardando

23 Grande exemplo foi a plataforma Toque no Brasil, onde às bandas era possibilitada a criação de um perfil personalizável contendo informações básicas, como “release” (texto de apresentação), fotos, vídeos, músicas, integrantes e técnicas, como mapa de palco, formas de contato e links externos. Também era possível a candidatura para se apresentar em eventos em todo o Brasil e América Latina, possibilitando a interação banda-público e banda-produtor de forma direta, sem intermediários.

características observadas desde sua gênese, na década de 1940, bem como elementos que ampliaram e viabilizaram uma abordagem mais bem elaborada, a partir da década de 1990. Às vésperas da implantação da internet 5G²⁴ no Brasil que, segundo a imprensa especializada, promoverá uma nova revolução tecnológica, deve-se pensar, para o desenvolvimento deste e de outros conceitos, na cada vez mais íntima relação entre as pessoas e a tecnologia, e elementos que possivelmente não se extinguirão, como a relação com a música, com a interação social, os gostos, identidades e os espaços, físicos e virtuais.

2.2 INDÚSTRIA MUSICAL

O investimento da indústria fonográfica acabou em todos os sentidos, eu acho. Eu acho não: eu vejo, porque hoje a música tá muito na questão da internet, mas essa música não gera tanto dinheiro quanto gerava a venda de um disco, a venda de um CD, que seja. Então, as gravadoras não têm mais interesse em investir num artista, por mais que ele seja bom, porque não vai ter o retorno financeiro, e a gravadora quer dinheiro, né? (LUZ, 2020)

Uma importante característica das gerações que fizeram parte da cena rock conquistense, sobretudo na primeira década do recorte, é o fato de seus membros terem nascido entre as décadas de 1970 e 1990. Isso significa que essas pessoas assistiram e participaram de um processo de transformação tecnológica particularmente rápido e marcante para a vida social em todo o planeta: são personagens que testemunharam tanto o auge da TV aberta, a coexistência do rádio FM e AM, bem como o surgimento da telefonia celular no Brasil que, em poucos anos, evoluiu para a popularização dos smartphones e a praticidade da internet móvel.

Mencionamos, ainda, o processo de popularização dos computadores pessoais iniciado, no Brasil, a partir da segunda metade da década de 1990 que, juntamente ao desenvolvimento da internet, tornou possível a era da pirataria digital, atingindo tanto a indústria fonográfica e audiovisual (que vislumbravam o sucesso comercial das mídias CD e DVD) quanto a indústria de softwares, da qual destacamos a relacionada às ferramentas de gravação e produção musical.

Aqui, revisitaremos, sucintamente, a evolução da indústria musical, compreendendo a importância de situar as mentalidades e contextos dos atores envolvidos em nosso recorte, bem

24 Quinta geração do padrão tecnológico para transmissão de dados móveis. Sua principal característica, além da alta velocidade de transmissão de dados, é a possibilidade de implantação definitiva da chamada “internet das coisas”, onde a conectividade entre aparelhos permitirá a automação de diversos serviços, bem como a realização de tarefas complexas à distância. No Brasil, foi realizado o leilão licitatório para uso das radiofrequências necessárias pelas empresas de telecomunicação em 2021.

como perceber o advento da cena musical do rock conquistense também como uma resposta jovem local – simultânea a realidades semelhantes, em outras cidades – às novas possibilidades de consumo e comunicação disponíveis.

Durante a maior parte da trajetória humana, importante destacar, somente foi possível expor-se a uma execução musical em experiências *in loco*. O seu registro se deu unicamente através da escrita (notação musical) até 1877, quando foi desenvolvido o fonógrafo de Thomas Edison. Algumas experiências anteriores buscaram oferecer a experiência musical sem a presença do músico, como a caixa de música (1796) que, através de um mecanismo cilíndrico dotado de pentes metálicos com pinos que, ao se encontrarem, emitiam notas previamente calculadas, executando melodias; ou a pianola (1898) que, por sua vez, utilizava mecanismos capazes de “ler” rolos de papel com perfurações também estratégicas e acoplados a pianos, executavam músicas cada vez mais complexas de forma automatizada. Estas foram comercialmente bem-sucedidas, em especial a pianola, recebendo obras eruditas compostas especialmente para ela, porém, a gravação propriamente dita (uma nova forma de se registrar música, sons do ambiente e mesmo a voz humana) só foi alcançada a partir do invento de Edison. A partir de então, novas invenções e aperfeiçoamentos, já incorporando a música enquanto produto, inclusive no Brasil:

[...] após mais algumas modificações, a novidade começa a ser difundida em grande escala, tendo sido apresentada no Brasil a D. Pedro II e sua corte em novembro de 1889. Em 1891 o aparelho é largamente difundido pelo país e por todas as Américas pelo tchecoslovaco Frederico Figner – que cobrava ingressos nas exibições da máquina. No ano de 1897, Figner abre uma loja no Rio de Janeiro à rua do Ouvidor, onde passa a comercializar diversos modelos de fonógrafos e, obviamente, cilindros fonográficos – conhecidos também por *punhos*, pois lembravam, pela forma, punhos de camisas. Segundo Dias (2000, p. 35²⁵), “do início do século XX até meados da década de 30, as grandes companhias fabricantes de cilindros e discos incumbiram-se, também, dos aparelhos leitores. (CASTRO, 2021, p. 23)

Já no pós-guerra, a indústria aperfeiçoa a tecnologia dos discos e de gravação. Em 1958 surge o processo estereofônico bicanal, tornando o estéreo, tecnologia que “divide” o som emitido em duas partes distintas, esquerda e direita (“left” e “right” ou, como já nos habituamos a ver, especialmente em fones de ouvido, “L” e “R”) tornando mais dinâmica a experiência da escuta, padrão até os dias atuais. Neste período tem início o processo de separação do conteúdo musical em

25 DIAS, Márcia Tosta. **Os donos da voz:** indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura. São Paulo: Boitempo, 2000.

nichos, quando a tecnologia dos discos de 33 rpm²⁶, pertencente à empresa CBS (Columbia), especializou-se no lançamento de música erudita, e os de 45 rpm, da RCA (Victor), para a música popular. Neste momento, há um fator importante e decisivo para a indústria: os discos de 33 rpm, geralmente mais caros e de maior capacidade de armazenamento, não eram acessíveis a todos, enquanto os de 45, conhecidos no Brasil como “compactos”, eram mais baratos e, portanto, mais facilmente popularizados. A isto soma-se a introdução, ao mercado, de vitrolas de plástico, mais acessíveis, possibilitando, aos jovens da década de 1950, adquirir seus próprios aparelhos e escutar seus discos na privacidade de seus quartos. Nesse cenário se deu o advento do rock n’ roll enquanto fenômeno cultural de massa, atingindo um público jovem e receptivo às suas temáticas e sonoridades.

O rock, aliado ao cinema, foi protagonista no processo de exportação do “american way of life” e a sociedade de consumo, sobretudo no contexto de Guerra Fria. Ícones como Elvis Presley e James Jean incorporaram a rebeldia e a liberdade que inspiraram gerações de jovens em todo o mundo. Não raro, em biografias de grandes nomes do rock surgidos nas décadas de 1960 e 1970, deparamo-nos com o quase obrigatório trecho em que Elvis é revelado como grande influência e a vontade de imitá-lo como força motriz ao início de uma carreira musical, incluindo ídolos brasileiros, como Raul Seixas:

Harmônios em fúria, Raul Seixas não passou impune pela revolução do rock, mesmo tão distante dos Estados Unidos. Elvis Presley se tornou a primeira fixação do adolescente soteropolitano, que cultuou o ídolo montando um fã-clube e colando fotos e reportagens num caderno em que anotações deixavam entrever o seu próprio projeto artístico: ser um astro de rock’n’roll. Aos 16 anos, enrolado com o colégio como de praxe, Raul formou então o seu primeiro grupo: os Relâmpagos do Rock, com os irmãos Délcio e Thildo Gama. Régua e compasso nas mãos, em pouco tempo ele estaria apavorando a pacata cidade com guitarras elétricas e rebolados frenéticos. (ESSINGER, 2005, p. 25)

Do ponto de vista das grandes gravadoras, a primeira crise aconteceu já na década de 1950, com o advento dos selos²⁷ independentes (Atlantic, Chess, Dot, Sun Records, dentre outras), que apostavam em gêneros musicais não observados até então, como o jazz, o blues, o soul, o country (não coincidentemente, as raízes materiais do rock). Este foi o momento em que o público jovem passou a ser visto como especialmente lucrativo aos empresários do mercado musical. Um elemento

26 Rotações Por Minuto. Unidade de medida utilizada para padronizar categorias de discos de acordo com sua capacidade de armazenamento.

27 Segundo Salazar (2010, p. 43), “A palavra selo geralmente é empregada para se referir à gravadora independente ou à pequena gravadora. A gravadora explora comercialmente o fonograma através da venda ou do licenciamento. As responsabilidades da gravadora são financiar a gravação e promover o produto. A gravadora detém o direito patrimonial sobre o fonograma e também o direito de autorizar a sua veiculação e uso”.

importante no surgimento desses selos foi o desenvolvimento tecnológico através dos recém-lançados gravadores de fita, mais baratos, retirando dos grandes empresários a exclusividade da produção fonográfica²⁸, forçando-os a se reinventarem. O perfil do consumidor de música mudara drástica e rapidamente em menos de uma década, de uma maioria com perfil em torno dos 30 anos para jovens entre 13 e 19 anos (VICENTE, 2014, p. 26). Nesse contexto, há a popularização da televisão e o advento das transmissões via satélite, transformando a indústria musical (e do entretenimento como um todo) em um fator criador de tendências em nível mundial.

A esta altura, álbuns (discos com duração consideravelmente maior que os de 45 rpm, oferecendo ao cada vez mais exigente consumidor uma experiência mais completa, considerando o conjunto de músicas e o trabalho gráfico – capa e encarte – como uma obra de arte unificada) inauguravam a era da gravação multipista²⁹. Álbuns conceituais³⁰ como o *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967) dos Beatles e o *Pet Sounds* (1966) dos Beach Boys tornaram-se grandes referências nesse período marcado pelo experimentalismo, dando início ao grande processo de subdivisão do rock em incontáveis subgêneros, distanciando-se mais ou menos de suas raízes no blues e alcançando pessoas em todas as partes do planeta.

Neste momento, a divisão entre álbuns (lançados em “Long Playing Records”, termo abreviado pelo mercado como “LP”) e compactos (“singles”) já se dava de forma diferente: um compacto geralmente trazia uma ou duas faixas com maior potencial comercial, para atingir o público de maneira mais eficaz, especialmente através das execuções pelo rádio e incentivá-lo a comprar os álbuns, mais caros e contendo a obra completa, com todas as faixas gravadas àquele período. A partir da segunda metade da década de 1960 os álbuns passaram a ser mais valorizados pelo público que os compactos, aumentando exponencialmente os lucros e alcance da indústria.

28 Fonograma é a versão final da gravação de uma música – ou qualquer outro tipo de som – criada para a distribuição através das vias convencionais do mercado. Atualmente a indústria exige que cada a cada fonograma seja atribuído um código de identificação chamado ISRC (International Standard Recording Code), utilizado para o rastreamento das execuções públicas e os pagamentos decorrentes dessas execuções aos detentores dos direitos autorais.

29 A gravação multipista compreende uma técnica onde elementos variados da música são capturados separadamente, permitindo maior liberdade no momento em que esses serão unidos para formar o fonograma. Nesse momento, chamado “mixagem”, as pistas (as gravações separadas) são sobrepostas de forma a ser possível a alteração de volumes, efeitos, timbragens, bem como o posicionamento de cada um desse elementos de acordo com a tecnologia estereofônica (canal esquerdo + direito). Por exemplo: quando se escuta uma música através de fone de ouvido, um instrumento pode “aparecer” mais à esquerda, outro à direita, enquanto a voz principal geralmente é posicionada ao centro. Isto apenas é possível porque cada instrumento foi gravado separadamente, cada um em sua própria pista.

30 Os chamados álbuns conceituais são aqueles em que suas músicas tratam de um tema geral, ao invés do modelo em que cada música é independente das demais. O álbum conceitual pode ser comparado a um livro onde cada faixa seria um capítulo. Não raramente, as faixas são interligadas, não apresentando espaços vazios entre si, dando ao ouvinte a sensação de tratar-se de uma enorme, diversa e única faixa musical. Um dos mais conhecidos exemplos é o *Dark Side of the Moon* (1973), da banda inglesa Pink Floyd.

Ao chegar da década de 1990, o mundo detinha vasta coleção de ídolos musicais em nível global e ícones da juventude de outrora como Elvis e os Beatles haviam, há muito, se tornado “clássicos”. A indústria tornara-se colossal e ditando o consumo da música em todo o planeta:

As grandes gravadoras já não podem mais ser compreendidas como simples produtoras e distribuidoras de música, mas sim como conglomerados globais de entretenimento integrado que incluem a televisão, o cinema, as redes de lojas de discos, produtoras de espetáculos e, mais recentemente, a Internet e os sistemas de difusão por cabo e por satélite. (YÚDICE³¹, 1998 *apud* VICENTE, 2014, p. 35-36)

Nesse período, o formato dominante de mídia para o consumo de música passa a ser o Compact Disc (CD). A promessa de um som mais fiel à gravação original – a chamada “máster” – (WITT, 2015, p. 30) que o oferecido pelos LPs dominou as lojas de discos e eletrodomésticos, bem como as reportagens na imprensa, marcando o início da irreversível era digital, sendo possível escutar música em alta qualidade, sem os característicos chiados causados pelo atrito entre a agulha e o disco, uma vez que a leitura dos dados era executada através de um *laser*, sem contato físico.

Um fenômeno interessante do período foi a busca pela substituição das mídias analógicas pelas digitais. Dessa forma, o consumidor passou a comprar não apenas os lançamentos do momento, mas também os álbuns em formato CD que já possuía em formato LP, reconstruindo sua coleção (WITT, 2015, p. 47). Com o advento dos “kits multimídia”, até então vendidos separadamente dos computadores pessoais, tornou-se possível fazer cópias desses fonogramas, discos inteiros, em alta definição, para escutá-los nos computadores, prática muito útil, tanto para tornar a música ainda mais portátil, minimizando os riscos de arranhões nos CDs, quanto para distribuí-la para outras pessoas: ao contrário das já antigas, mas ainda populares cópias em fitas cassete, que perdiam qualidade já no próprio processo de gravação (dependendo, primeiro, da boa condição do LP ou fita cassete original, a qualidade e limpeza do aparelho utilizado para a cópia, a qualidade da fita e a habilidade do próprio interessado em executar a cópia), uma cópia digital geralmente não apresentava perdas de qualidade perceptíveis (WITT, 2015, p. 54), independente de quantas vezes ela fosse duplicada (Id, 2015, p. 125).

Na segunda metade da década de 1990, a indústria parecia viver um momento de grande acomodação, baseando sua atuação tanto na exploração de poucos artistas e segmentos de grande apelo popular quanto em uma agressiva política de compilações e relançamentos. Além disso, muitos artistas optaram por investir na

31 YÚDICE, G. **La industria de la musica em el marco de la integración América Latina – Estados Unidos**. Conferência apresentada no seminário “Integración Económica e Industrias Culturales em América Latina y el Caribe”, Buenos Aires, jul. 1998. Texto fornecido pelo autor.

reciclagem de seus antigos sucessos através de novos arranjos e shows ao vivo. Dentre os muitos exemplos desse processo, merece especial atenção a série “Acústico”, da MTV, onde se apresentaram nomes como Gilberto Gil, Rita Lee, Capital Inicial, Gal Costa, Titãs e Paralamas do Sucesso, entre outros. Além disso, a exploração de catálogos e a capitalização do interesse por obras e autores já consagrados estiveram na base de projetos como os de shows e CDs em tributo a artistas já falecidos ou do lançamento de álbuns com suas sobras de estúdio. Isso também parece ter determinado a volta de práticas há muito abandonadas como a as versões de músicas internacionais ou dos *remix* de sucessos. (VICENTE, 2014, p. 193-4)

Assim, verifica-se, ao final do milênio, o prelúdio de uma crise que tem como elementos iniciais a própria saturação do mercado (que mostrava-se pouco diverso, tanto numericamente em relação aos artistas quanto intelectual e artisticamente, ao acomodar-se em fórmulas já comprovadas, ousando pouco e repetindo-as à exaustão), devido ao domínio quase absoluto das majors³², pequeno grupo de megaempresas, proprietárias de inúmeras outras ao redor do mundo, estabelecendo um modelo de mercado altamente padronizado e lucrativo, que ainda não mostrava-se capaz de enxergar o crescimento silencioso de um fenômeno que forçaria a indústria musical a se reinventar, sob o risco do total colapso: a pirataria digital.

A pirataria musical não era novidade: já se verificava na década de 1920 com as partituras, passando, posteriormente, aos discos. Na década de 1960, tornou-se um símbolo da contracultura, ao oferecer ao público gravações inéditas ou raras, não lançadas pelas gravadoras, de apresentações ao vivo ou “takes”³³ não utilizados em estúdio, tornando-se uma espécie de “fetiche” que aproximava o ouvinte de uma experiência exclusiva. Ter um disco pirata – em inglês, “bootleg” – seria semelhante a ter em mãos uma versão manuscrita e cheia de rabiscos e correções de um livro, pelo próprio autor: a qualidade do áudio, obviamente, era inferior, mas o conteúdo era raro e não encontrável em prateleiras convencionais. A cultura dos “bootlegs” influenciou a indústria, décadas depois, a lançar versões de luxo de álbuns consagrados, contendo gravações extras, não publicadas até então (PAIVA, 2017, p. 120). A partir da década de 1970, a pirataria encarnou um aspecto mais comercial: tratavam-se de versões mais baratas dos discos lançados oficialmente. E a qualidade da

32 Grandes conglomerados de empresas multinacionais atuantes em diversos segmentos comerciais (entretenimento, cinema, televisão, além da música) que dominam a maior parte do mercado. Em geral essas megaempresas incorporam outras empresas aos seus grupos, aumentando seu poder de influência. Atualmente, as três maiores corporações (Universal, Sony e Warner, denominadas “big three” – as três grandes) são responsáveis por cerca de 90% do mercado fonográfico mundial. (MCINTYRE, 2021)

33 A cada tentativa de gravação em um estúdio, dá-se o nome “take”. É comum, por exemplo, que um guitarrista grave vários “takes” diferentes de um solo para que, posteriormente, escolha o eleito mais bem-executado para compor o fonograma que será distribuído comercialmente. Também é comum que os takes não-utilizados não sejam descartados, compondo um acervo com finalidades diversas, desde a simples preservação histórica até o uso em versões “alternativas” da mesma música.

produção evoluiu a ponto de se aproximar dos originais, porém, mantendo o baixo custo (Id, 2017, p. 118).

A partir da segunda metade da década de 1990, como já abordamos, o mundo se via em pleno processo de digitalização. As pessoas possuíam computadores pessoais, compravam CDs e copiavam as músicas para seus discos rígidos (“hard disks”, ou “HDS”). Porém, as músicas eram copiadas para o formato .wav da Microsoft, que ocupava considerável espaço em discos, por não apresentar perda de informações. Foi quando popularizou-se o formato .mp3, capaz de reduzir o tamanho dos arquivos em até 1/12 do tamanho original (WITT, 2015, p. 54), tornando possível sua rápida distribuição através da internet e mídias físicas, como os já disponíveis CD-R (Compact Disk Recordable). Dessa forma, aliada à popularização dos tocadores portáteis de mp3, como o iPod da Apple, o consumidor passou a perder o interesse em comprar discos, afinal, se era possível escutar suas músicas preferidas sem grande perda de qualidade³⁴, não haveria sentido em comprá-los (Id, 2015, p. 69).

Com o advento das redes sociais (no Brasil, em especial, o Orkut), a pirataria digital tomou proporções gigantescas: discografias inteiras eram disponibilizadas para download gratuito, através de softwares cada vez mais avançados especializados em busca e armazenamento. Dessa forma, não apenas a pirataria tornou-se uma prática coletiva, onde qualquer pessoa poderia copiar seus próprios CDs e disponibilizar na internet, assim como repassar os que foram disponibilizados por outros, bem como havia pessoas infiltradas nas próprias gravadoras executando “vazamentos” em massa, como o ex-funcionário da PolyGram Dell Glover, cuja história é contada em detalhes na obra de WITT (2015). Além disso, empresas como o Napster contribuíram consideravelmente para o início da cultura da distribuição digital, gerando batalhas judiciais bilionárias. A indústria fonográfica sofreu, no início da década de 2000, o impacto causado por estas e outras mudanças que demonstraram, essencialmente, que o mercado e o próprio consumidor já não eram os mesmos e que seria imprescindível uma consistente mudança de paradigmas (HERSCHMANN, 2010, p. 61).

Atualmente, após inúmeras tentativas de distribuição legalizada de música pela internet (destacando-se a pressão exercida pela Apple sobre as gravadoras para a comercialização de música pela sua plataforma, o iTunes, revelando, ainda, uma grande disputa entre as gravadoras e as empresas de tecnologia), chegou-se ao formato da disponibilização de música através de

34 A característica fundamental do formato .mp3 é a eliminação de frequências inaudíveis ou pouco audíveis pelo ouvido humano, tornando o arquivo consideravelmente menor e, por isso, mais facilmente compartilhável. Dessa forma, uma mídia de CD ou um mp3 Player portátil tornam-se capazes de armazenar centenas de arquivos de música simultaneamente, o que poderia significar discografias inteiras de incontáveis artistas ocupando um espaço físico mínimo e muitas vezes sem qualquer custo.

plataformas de “streaming”³⁵, atualmente demonstrando haver, a indústria, finalmente encontrado seu caminho na era digital. Neste formato, conforme veremos, foi possível também ao artista independente obter renda através das mesmas plataformas utilizadas por artistas de renome, de certo modo, democratizando a música, ao ser possível, com a mesma facilidade, escutar uma música de um artista de grande relevância comercial e investimento, e um artista local que utiliza recursos próprios para gerir sua obra. Neste novo cenário, o fonograma passa de principal fonte de recursos das gravadoras e artistas para um papel secundário, mais voltado à divulgação, enquanto a apresentação ao vivo, forma de produto “não-pirateável” que gera experiências autênticas entre o público e o artista, tornou-se o carro-chefe da arrecadação (HERSCHMANN, 2010, p. 72-3), o que mostrou-se um sério problema em 2020, com o advento da pandemia de COVID-19, revelando as fragilidades ainda existentes na indústria musical.

2.3 MÚSICA INDEPENDENTE

Eu tenho vontade de tocar ainda, mas só pelo prazer da música. Eu gosto muito de tocar. É coisa que é muito satisfatória mesmo. Enche o seu dia-a-dia, enche sua vida. Aqui em Conquista tem muita gente que mantém o nome de uma banda por muito tempo. Eu tenho amigos do tempo da ÑRÛ, e os caras ainda têm a banda, pô! Cinco Contra Um mesmo, bato palma praqueles caras, de continuarem com a banda por tanto tempo, sendo irmãos. Eu não sei como é que eles conseguem. Eu queria ter essa persistência assim, sabe? Esse senso de profissionalismo de fazer um trabalho e ir administrando ali, sem deixar as coisas externas interferirem. Falar com o cara: “Pô, bicho, eu tenho uma banda de vinte anos, eu tenho uma banda de dez anos”. “Ah, vocês ganham dinheiro? Não, porra! A gente não quer ganhar dinheiro: quer tocar”. Eu quero tocar até hoje. Eu quero tocar, só. Não tô interessado em ter sucesso, nem ter dinheiro, nem ter reconhecimento não. Não é isso... Tocar! (LUZ, 2020)

Quando falamos em rock independente, ou melhor: música independente, há, segundo nossa visão, dois caminhos para se tratar do tema. No primeiro, a música independente é aquela manifesta como uma espécie de “outro lado” da música denominada “mainstream”: sem grandes investimentos, sem apoio e aparição à mídia tradicional e, muitas vezes, encarada como uma

35 Forma de oferecimento de conteúdo através da transmissão de dados sem que seja necessário baixar arquivos. Desta forma, ao contrário do modelo consagrado pela indústria até o início dos anos 2000, o consumidor não paga por um produto – um disco, por exemplo, contendo determinado volume de músicas, ou mesmo uma música em MP3, como ainda se dá através do modelo do iTunes –, mas pelo acesso a um conteúdo. Desta forma, através de uma assinatura, o interessado tem acesso a um imenso catálogo de discografias – ou através de acesso gratuito condicionado à exibição de publicidade –, onde cada audição completa implica em um ganho de uma fração de centavos para os detentores dos direitos de propriedade do fonograma. Exemplos atuais populares são o Spotify, Apple Music, Deezer, Tidal para a música e o Netflix, Amazon Prime Video, HBO Go, Telecine Play para o mercado de cinema.

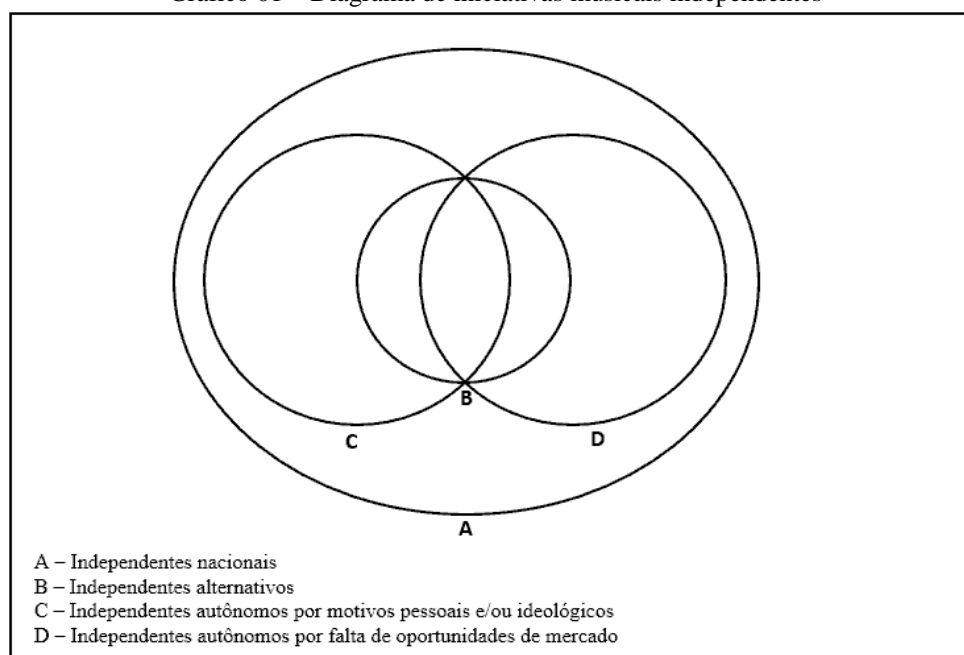
verdadeira oposição proposital a tudo o que representa o mercado: neste sentido, a música é abordada de forma mais livre, dos padrões e exigências do “showbiz³⁶”, que terminam por “engessar” um artista, comprometendo a própria organicidade da arte. Dessa forma, a música independente mostra-se como representante e defensora da música enquanto arte legítima e, como arte que é, também um verdadeiro veículo de comunicação e expressão humana, sem amarras.

No segundo, mais tecnicista, inclui a música independente no grande conglomerado que forma a indústria fonográfica, porém, tratando-se de pequenas gravadoras, não vinculadas ou submetidas às majors e seus grandes esquemas e modelos de produção. Neste sentido, a música independente não seria alheia ao mercado, mas apenas constitui uma via “alternativa” (este, um termo constantemente apresentado como sinônimo a “independente” ou substituto mais ou menos adequado) à do *mainstream*, porém, também dentro de uma lógica de produção, divulgação e distribuição voltada ao mercado. Nesta categorização, para uma melhor visualização, estariam selos como a Chess Records, Sun Records, Atlantic, Motown e muitos outros, responsáveis pelo surgimento de nomes como Elvis Presley, Johnny Cash, Chuck Berry, The Jackson 5, Led Zeppelin, Ray Charles, dentre uma extensa lista de gigantes, que foram incorporados a grandes conglomerados empresariais posteriormente.

Na verdade, percebemos, o termo “independente” (ou, ainda, “indie”) está longe de uma unanimidade: assim como um artista de nicho em um selo modesto pode personificar um artista independente, um contrato mal analisado pode transformá-lo em um profissional mais “engessado” que um grande artista que foi capaz de impor suas vontades à multinacional a qual é vinculado, também através de um contrato bem-planejado e assessorado. Para nossos estudos, consideraremos “música independente” de forma mais ampla, compreendendo desde a produzida por um artista profissionalizado e vinculado a uma pequena gravadora, até o pertencente a uma cena local e que se autoproduz, buscando seu espaço de forma modesta e autodidata, como todos os artistas pertencentes ao nosso objeto de estudo, a cena rock de Vitória da Conquista. CASTRO (2010) nos fornece uma interessante análise sobre as categorias (ou subdivisões) de produção musical independente, de grande auxílio para se compreender os múltiplos significados do termo:

36 Forma abreviada de “show business” (negócios do “show”). Refere-se ao mercado musical de forma generalista, englobando tanto os agentes que exercem funções empresariais quanto aos artistas, crítica especializada, etc.

Gráfico 01 – Diagrama de iniciativas musicais independentes



Fonte: CASTRO, 2010, p. 102

No gráfico, o conjunto A representaria o universo, de acordo com a definição adotada pela Associação Brasileira de Música Independente – ABMI, que situa a música independente como aquela não-vinculada às majors, ou seja: considerando como independente o simples fato de ser nacional – uma vez que todas as majors seriam estrangeiras –, independentemente do porte da empresa. O Conjunto B refere-se às iniciativas substitutivas à lógica das multinacionais, “apresentando possibilidades estéticas diferenciadas”, sendo considerados “os reais independentes”. O conjunto C representa as iniciativas autônomas não-vinculadas ao sistema *mainstream* por motivos ideológicos, “não necessariamente relacionados à arte”. É o caso, por exemplo, do músico Lobão, um dos pioneiros no lançamento de álbuns acompanhados de revistas em bancas de jornal, e Leoni, que passou a produzir seus álbuns através de mecanismos como o financiamento coletivo (“crowdfunding³⁷”); Por fim, o conjunto D, possivelmente a grande maioria dos artistas independentes, que não é vista pelas gravadoras, recebe pouco ou nenhum apoio e segue adiante de

37 Forma de arrecadação de fundos através de colaboração coletiva. O “crowdfunding” tornou-se popular na década de 2010 ao ser utilizado para os mais diversos fins. Artistas aderiram ao mecanismo para viabilizar projetos sem a necessidade de associação às gravadoras. Assim, após a criação de uma página explicativa em uma das diversas plataformas virtuais de financiamento coletivo, o público é convidado a doar determinada quantia utilizando-se de formas de pagamento já naturalizadas em ambiente virtual (cartão de crédito, boleto bancário, etc.). Na página, além de explicações detalhadas sobre a natureza do projeto (como a produção de um novo álbum do artista), há uma quantidade de “recompensas” atreladas aos valores doados: quanto maior o valor doado, mais “valiosa” é a recompensa. Caso o volume de doações atinja a meta preestabelecida, o projeto será executado. Caso não, o artista poderá utilizar a quantia adquirida no projeto ou devolver as doações. Isto é definido quando do cadastro da “campanha” e é exposto junto ao rol de valores para doação/colaboração.

forma totalmente autônoma. Interessante reparar que os dois últimos se interseccionam, sugerindo que o conjunto B seja formado por pelo menos um dos motivos basilares dos outros dois.

Ao se confrontar a lógica de mercado das majors, uma crítica comum se dá sobre a padronização da música, transformando-a, de uma obra artística para mercadológica. De fato, a grande indústria se vale de fórmulas para se chegar ao público com o máximo de rapidez e engajamento. No Brasil, exemplos recentes remetem à febre da axé music (como já mencionamos, rótulo mercadológico para se referir a qualquer música baiana adequada ao formato do carnaval soteropolitano, caracterizada por forte percussão, uso de coreografias e do apelo à sensualidade) na década de 1990 e do sertanejo universitário, subgênero que demonstra grande habilidade em incorporar outros subgêneros de grande impacto, como o arrocha, forró, “funk” carioca, além de excertos de “soft country”, pop e outros, com temáticas simples, diretas e estéticas características, voltadas essencialmente ao público jovem. Este fenômeno da padronização – “standardização” – e mercantilização da arte já era denunciado em 1947 por Adorno e Horkheimer:

Toda a cultura de massas em sistema de economia concentrada é idêntica, e o seu esqueleto, a armadura conceptual daquela, começa a delinear-se. Os dirigentes não estão mais tão interessados em escondê-la; a sua autoridade se reforça quanto mais brutalmente é reconhecida. O cinema e o rádio não têm mais necessidade de serem empacotados como arte. A verdade de que nada são além de negócios lhes serve de ideologia. Esta deverá legitimar o lixo que produzem de propósito. O cinema e o rádio se autodefinem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos. (ADORNO; HORKHEIMER, 2002, p. 8)

Os autores prosseguem à crítica:

A breve sucessão de intervalos que se mostrou eficaz em um sucesso musical, [...] são, como todos os pormenores e clichês, salpicados aqui e ali, sendo cada vez subordinados à finalidade que o esquema lhes atribui. Estão ali para confirmar o esquema, ao mesmo tempo em que o compõem. Desde o começo é possível perceber como terminará um filme, quem será recompensado, punido ou esquecido; para não falar da música leve em que o ouvido acostumado consegue, desde os primeiros acordes, adivinhar a continuação, e sentir-se feliz quando ela ocorre. [...] A indústria cultural se desenvolveu com a primazia dos efeitos, da performance tangível, do particular técnico sobre a obra, que outrora trazia a ideia e com essa foi liquidada. O particular, ao emancipar-se, tornara-se rebelde, e se erigira, desde o Romantismo até o Expressionismo, como expressão autônoma, como revolta contra a organização. [...] O mundo inteiro é forçado a passar pelo crivo da indústria cultural. (Id, p. 14-15)

Apesar de ter dado início, ainda na década de 1950, ao grande processo de massificação musical através da indústria, o rock conseguiu adaptar-se bem a cada local em que chegou,

incorporando elementos regionais, mas preservando seu caráter contestador e jovem originário. Desta forma, inúmeros subgêneros continuam sendo criados até hoje, boa parte pouco lembrando o hoje classificado como “rock clássico” de Chuck Berry, Jerry Lee Lewis e Elvis Presley. A simplicidade e até mesmo ingenuidade romântica das letras, adaptadas ao Brasil pela Jovem Guarda, deram lugar a músicas fortemente politizadas ou introspectivas, revelando grandes compositores em nível nacional³⁸. Esta é uma característica que parece ter sido abandonada gradativamente pelas majors, tornando-a quase uma exclusividade da música independente, o que não passou despercebidamente pelo público e os próprios artistas do gênero, contribuindo para o firmamento da “filosofia indie”.

Em geral, o universo do rock cultiva uma espécie de “orgulho *underground*”³⁹, se distanciando conscientemente dos padrões generalistas da indústria, considerando-se mais como forma de arte, protesto e resistência que como produto, apesar de reconhecer a necessidade de posicionamento mercadológico. Ainda assim, vários são os casos em que uma banda ou artista solo aproxima-se mais dos padrões mercadológicos, tornando-se mais “comercial” por diversos motivos, e tal comportamento é visto com maus olhos pelo público mais engajado, como a banda Metallica, ao assinar contrato com uma major, distanciando-se de sua origem “thrash metal”. Para o rock, a postura e o conteúdo são elementos importantes de identidade entre o artista, o público e o mercado, o que justificaria a atitude de antagonismo em relação a outros gêneros, considerados comerciais, descartáveis ou não-autênticos, no sentido de, por personificarem as estéticas, temáticas e posturas buscadas pelo *mainstream*, se aproximariam mais de uma mercadoria do que de uma obra de arte. O músico Loro Borges, em seu relato ao autor, ilustra essa postura crítica presente no imaginário geral da cena rock conquistense, que integra, em geral, o *habitus* (BOURDIEU, 1989) de seus agentes em relação ao campo musical enquanto mercado generalista e suas fórmulas:

38 A começar pelo ícone da geração anos 1960, Bob Dylan, que influenciou, em algum nível, todos os que vieram em seguida, mostrando que o rock é livre a ponto de não necessitar de cantores com alto padrão vocal, como era de praxe até o momento, mas profundo a ponto de realizar consistentes reflexões sociais, como se deu acerca da Guerra do Vietnã e a luta contra o racismo institucionalizado nos Estados Unidos. No Brasil, sua influência foi determinante em movimentos musicais como o Tropicalismo, o Clube da Esquina e em ícones como Raul Seixas, Zé Ramalho, dentre muitos. Caetano Veloso, por exemplo, é chamado por Maria Clara Jorge e Gerald Seligman, em texto em inglês no encarte da coletânea *Sem lenço sem documento: The Best of Caetano Veloso* (Polygram, 1990) como uma junção brasileira de Bob Dylan e John Lennon, em referência à alta qualidade de suas composições.

39 “Underground” (“sob o chão”) é um termo amplamente utilizado no universo rock n’ roll para designar a marginalidade em oposição ao “mainstream”. O *underground* é um lugar (físico ou abstrato) não detectável facilmente. Assim, a música *underground* não é encontrada na publicidade convencional, tampouco trata, em suas letras, arranjos e sonoridades, de temáticas identificáveis junto às fórmulas adotadas pelo mercado. Um bar *underground* geralmente não utiliza meios convencionais de divulgação (ou sequer utiliza qualquer meio de divulgação), se localiza em locais pouco óbvios e apresenta um aspecto visual pouco atrativo. No contexto da cena rock conquistense, há diversas representações simbólicas do seu caráter *underground*, como, por exemplo, no slogan do festival Agosto de Rock (“se você não for, azar o seu!”) e do programa radialístico O Som da Tribo (“E aí, baby, vai encarar?”): o *underground*, ao contrário do *mainstream*, não convida e, até mesmo, intimida.

Até hoje ainda curto uns pagodes, mas com aquele senso crítico, né? Dá pra gente entender e curtir as músicas entendendo as questões de letras que não são legais, várias questões que envolvem essas músicas comerciais. A parte artística, a parte instrumental, a parte que me atrai, né? E entender que os caras, às vezes, se perdem por uma questão mais comercial, por seguirem um nicho da indústria cultural que só quer músicas descartáveis. Então, temos de entender isso e saber separar as coisas. Eu acho que você deve desenvolver o senso crítico a ponto de conhecer as músicas e saber o que é bom e o que é ruim, até porque nós temos várias músicas de rock n' roll também que, traduzidas, as letras são horripilantes, né? Só falam de mulher, de carro... (BORGES, 2020)

A partir do final da década de 2000, com o desenvolvimento da internet a ponto de ser possível a transmissão de grandes quantidades de dados em alta velocidade, sobretudo após o lançamento da tecnologia 3G, a música independente, que já desfrutava as vantagens e facilidades oferecidas pelos softwares de produção musical – amplamente pirateados desde o final da década anterior – passou a se comunicar com maior eficiência, trocando experiências no sentido de uma maior profissionalização. Assim, passaram a surgir cursos on-line de autogestão musical e conteúdo em vídeo, sobretudo sem custos, através da plataforma YouTube.

A máxima “faça você mesmo” voltou a ser evocada com frequência, uma vez que, com a drástica mudança de modelo de mercado (onde o artista não mais esperaria ser descoberto por um eventual caça-talentos de uma grande gravadora, mas construiria sua carreira de forma autônoma, como um verdadeiro empreendedor) causada pela revolução digital e a pirataria, tornou-se consenso a necessidade de se entrar no mercado utilizando as ferramentas disponíveis, em especial as redes sociais e a gigantesca gama de conhecimento disponibilizada até mesmo gratuitamente na internet.

Gravar uma música com qualidade deixou de ser exclusividade das grandes gravadoras, tornando-se possível fazê-lo até mesmo em um “home studio”⁴⁰. Receber o investimento de uma major (que, diferentemente dos enormes conglomerados do final do século passado, passaram a terceirizar quase toda a cadeia de produção) atualmente, significa, basicamente, receber um considerável apoio financeiro e publicitário para que seja possível ser visto em nível nacional. Em troca, o artista deve se adequar aos padrões, cada vez menos ousados, do mercado, onde a música é realmente momentânea e, por isso, demanda, com uma frequência cada vez maior, a substituição de

40 Literalmente, “estúdio em casa”. Realidade cada vez mais presente em todas as cidades, em que se tornou possível criar estúdios caseiros com alta qualidade através de equipamentos mais acessíveis e softwares de produção musical em diversos níveis de valor, inclusive gratuitos. Muitos artistas de renome passaram a montar seus próprios “home studios”, possibilitando se livrar das amarras dos contratos com grandes gravadoras, trabalhando de forma independente e se dirigindo diretamente ao público, através das redes sociais. Esta prática, cada vez mais adotada, parece se fortalecer cada vez mais como uma tendência de mercado.

seus “hits⁴¹”, ainda que em pouco se diferenciem dos antecessores. Para atender a essa frenética dinâmica, a música deve ser de fácil e rápida assimilação, o que, compreendemos, seja um elemento inversamente proporcional à complexidade e profundidade artística defendida por grande parte dos artistas independentes. Nas cenas musicais locais, como na de Vitória da Conquista, percebe-se tanto a presença de artistas que rejeitam as máximas mercadológicas, quanto os que almejam a participação. Especificamente na cena rock, como veremos adiante, há uma maior inclinação à rejeição, ao mesmo tempo em que se deseja a projeção em nível nacional de algum representante.

41 “Hit” (“acerto”, “sucesso”), na terminologia da indústria fonográfica, refere-se a canções que alcançam grande projeção e engajamento junto ao público e a mídia, gerando altos lucros. São os denominados, no Brasil, “grandes sucessos”, e constituem o objetivo principal da indústria ao firmar contratos com artistas.

3 FORMAÇÃO DA CENA

Localizada a 509 km de Salvador (DADOS..., 2012), Vitória da Conquista, situada à mesorregião centro-sul da Bahia, classificada hierarquicamente enquanto capital regional (2B⁴²) do sudoeste baiano, apresenta-se como uma das cidades de maior crescimento no estado. Cortada ao meio pela rodovia federal BR-116 (Rio-Bahia), ocupa uma posição geográfica singular e estratégica, tanto economicamente, enquanto ponto de ligação entre a capital estadual e a região sudeste do país, quanto por seu relevo, situando-a sobre um grande planalto a 923 m acima do nível do mar, caracterizando-se por temperaturas amenas (contrastando com outras cidades de grande destaque no estado) e clima subúmido a seco. Polo educacional e de saúde, atrai, há décadas, pessoas das mais diversas regiões do país: sua população residente ampliou-se de 170.624 pessoas em 1980, para 224.926 em 1991 (CENSO..., 1992), alcançando, em 2010, a marca de 306.866 habitantes, com projeção para 343.643 em 2021 (VITÓRIA..., 2017). Segunda maior população do interior do estado, sofre influências culturais advindas tanto do estado de Minas Gerais, dada a proximidade com a fronteira interestadual, quanto de Salvador e outras cidades do sertão baiano, o que também se reforça pela sua localização em zona de transição entre os biomas da mata atlântica e caatinga. Assim, Vitória da Conquista demonstra, em diferentes aspectos, grande potencial à diversidade cultural e capacidade para absorção de elementos culturais externos, como o rock.

Dessa forma, ao se iniciar um trabalho de estudo em memória relacionado a um elemento cultural – a música, enquanto movimento transformador – evidencia-se como necessária a análise conjunta das transformações urbanas ao decorrer do tempo. A cidade, principal elemento de ligação a todas as pessoas pertencentes ao grupo em questão, exerce, através de seus espaços e dinâmicas, fundamental papel viabilizador para as transformadoras iniciativas abordadas pela nossa pesquisa. Em tempo, um dos objetivos do presente estudo é contribuir para a memória local, fornecendo as peças do mosaico correspondentes ao ângulo deste grupo específico, muitas vezes ignorado, desestimulado ou mesmo indesejado pela sociedade geral ao compor o todo chamado Vitória da Conquista, que não apenas pode ser representada por cada um dos seus habitantes, mas também os representa, em uma relação de íntima reciprocidade e identidade.

42 “A hierarquia urbana indica a centralidade da Cidade de acordo com a atração que exerce a populações de outros centros urbanos para acesso a bens e serviços e o nível de articulação territorial que a Cidade possui por estar inserida em atividades de gestão pública e empresarial. São cinco níveis hierárquicos, com onze subdivisões: Metrôpoles (1A, 1B e 1C), Capitais Regionais (2A, 2B e 2C), Centros Sub-Regionais (3A e 3B), Centros de Zona (4A e 4B) e Centros Locais (5). Alguns Municípios são muito integrados entre si e constituem apenas uma Cidade para fim de hierarquia urbana, tratam-se dos Arranjos Populacionais, os quais são indicados no complemento da hierarquia urbana quando ocorrem.” (VITÓRIA..., 2017)

A cidade é uma construção humana que, ao longo do tempo, vai se constituindo como um núcleo regente da sociedade contendo em si o poder seja político, econômico, religioso, cultural, da educação, da saúde, do lazer. Não é um fenômeno novo, pois que todas as grandes civilizações tiveram como centro a cidade: Babilônia, Atenas, Roma, Constantinopla, Londres, Paris. Continuadamente, ao longo da trajetória humana, a cidade se constitui como o lugar de encontro de diversos interesses e de vários segmentos da população, seja o simples mercado nas civilizações antigas, seja o grande centro do mundo capitalista da cidade atualmente. Nesse sentido, a cidade tem sido sempre o cérebro e o coração civilizatório. Portanto, compreender a dinâmica da vida urbana é condição para compreender a dinâmica do conjunto da sociedade. (CALLAI, 2018, p. 3-4)

A cidade, portanto, é o espaço onde são construídas e reconstruídas as memórias em nosso contexto, uma vez sendo, conforme abordamos, o conceito de cena musical, também intrínseco ao ambiente urbano. Através das recordações evocadas por cada um dos entrevistados, foi possível, além da compreensão de uma parte representativa da cena musical, perceber as mudanças sofridas pela cidade, não apenas fisicamente, mas acerca das mentalidades coletivas e respostas às mudanças ocorridas em nível nacional e global. A abordagem do grupo está profundamente interligada à da cidade que, por sua vez, é interligada a outras cidades, estados, o país e assim por diante. Fronteiras políticas existem, mas, ao fim das contas, tratamos nada menos que da própria humanidade e sua longa e complexa trajetória. Assim como, segundo Halbwachs (1990), a memória individual constitui um ponto de vista em relação à memória coletiva, o grupo pode representar um ponto de vista de uma coletividade em relação a outro grupo maior, como o da cidade em sentido amplo, em nosso contexto.

3.1 A FASE EMBRIONÁRIA (OU PRÉ-CENA)

Eu venho de uma família evangélica e, até os dez, onze anos eu ia para a Igreja Batista Betel. E aí, com 12, 13 anos, a gente começou a descobrir (o rock) com a proximidade do Rock in Rio, né? Aí começou aquela coisa: “rock”, “rock”... Eu ainda não tinha ideia do que era rock. A gente falava de rock, mas imaginava uma outra coisa. Eu não tinha nenhum outro contato com banda de rock, a não ser quando os pastores falavam. Lembro que o Kiss veio (ao Brasil) em 83, 82. Eu era pequeno. Lembro do testemunho de alguém, que disse que a marquise levantava meio metro do palco, e lembro que ali que me marcou. Eu falei: “gente, é coisa do satanás mesmo!”. (COSTA, 2020)

Em 2022, podemos separar as pessoas em duas categorias básicas: a das pessoas que nasceram e conheceram o mundo “pré-internet” e a das pessoas que não sabem o que seria viver sem ela e seus recursos hoje comuns. Para cada uma das categorias, certamente, não constitui fácil tarefa imaginar como seria viver a realidade da outra. Uma das principais características do nosso

objeto de estudo é justamente a capacidade de articulação de um grupo de pessoas potencializada pela comunicação on-line, o que, em si, nos traria pistas sobre o porquê de Vitória da Conquista nunca haver presenciado uma movimentação “rocker⁴³” de tais proporções antes da década de 2000.

PORTELLI (1997) atenta para a importância da fonte oral enquanto forma de se captar informações sobre o “povo iletrado ou de grupos sociais cuja história escrita é falha ou distorcida”. Reservando, momentaneamente, as discussões sobre os preconceitos sofridos pela história oral enquanto metodologia “paliativa” de estudo, ao buscar as origens da cena rock iniciada em 2000, deparamo-nos com um período por nós denominado “embrionário”, onde o registro material realmente é escasso. Na década de 1980, conforme veremos, a escassez de recursos era a regra, o que se refletiu sobre os mecanismos de registro. Não conseguimos sequer acesso a arquivos fonográficos das poucas bandas atuantes no espaço local e verificamos não haver sido, a preservação de quaisquer materiais de época, uma preocupação por parte dos indivíduos ou o Poder Público (sob a forma de material disponível em bibliotecas ou no Arquivo Público Municipal).

A história oral mostra-se, portanto, o método ideal para a obtenção de dados acerca do nosso objeto de estudo. Em nosso rol de entrevistados, porém, apenas um vivenciou de fato os acontecimentos deste período desde os primeiros anos da década de 1980, porém, com a vantagem de nunca ter se distanciado de fato do grupo – os adeptos do rock em Vitória da Conquista – que, mesmo sofrendo transformações ao decorrer do tempo, continuou vivo. Halbwachs (1990) explica que quando há a descontinuidade, isto é: quando um membro se desvincula do grupo a ponto de não mais pensar nele, torna-se cada vez mais difícil a reconstrução de imagens e, por consequência, a identificação do indivíduo àquele contexto. Assim, percebemos, ao decorrer das entrevistas ter, o rock – ou o amor pelo rock – adquirido um caráter de elemento de ligação entre os indivíduos forte o suficiente para preservar viva a memória do grupo. No caso do entrevistado Niel Costa, que se manteve associado às movimentações do rock desde o período relatado acima, foi possível a reconstrução de elementos importantes da memória sem grandes dificuldades.

A cidade conheceu suas primeiras bandas de rock já na década de 1960, com a explosão da jovem guarda, tendo Os Trepidantes, Os Mascarenhas e Os Imborés (FERNANDES, 2014) como principais nomes citados em blogs e reportagens, geralmente superficiais. As referências são escassas, e sugerem a ideia de que as bandas de rock conquistenses, nesse período, possuíam um maior enfoque na categoria “bandas de baile⁴⁴” e, por isso, seriam foco para uma pesquisa de outra

43 Termo utilizado usualmente como sinônimo a “roqueiro” entre os membros da cena e em textos da imprensa musical.

44 As chamadas “bandas de baile” trazem, por principal característica, o repertório eclético, com o objetivo de contemplar os gostos musicais de públicos variados, não se apegando a ideologias ou posicionamentos facilmente

natureza, uma vez que, em nosso rol de entrevistados, não houve menção a períodos anteriores à década de 1980.

Foi a partir da década de 1980 que o rock, já amplamente difundido mundialmente e subdividido – sobretudo após o advento do punk na década anterior, que assumia uma postura contestadora ao próprio rock (WALL, 2009), demonstrando rupturas ideológicas e estéticas mesmo dentro do gênero – assumiu uma nova postura no Brasil e em Vitória da Conquista: enquanto o chamado “BRock”⁴⁵ começava a ganhar espaço na mídia em nível nacional, a juventude da época demonstrava interesse e buscava aproximar-se de forma ainda tímida e restrita, dadas as limitações de acesso a informações além do já fornecido pela TV, o rádio, as revistas e os jornais.

O Brasil, a esta altura, já havia conhecido o rock de Raul Seixas, Rita Lee, o tropicalismo e outras iniciativas, mas nem sempre os compreendia como um nicho musical (na verdade, seria, de certa forma, anacrônico falar-se em nicho neste período), uma vez que eram músicas sempre presentes na mídia dominante (rádio e televisão). Tal compreensão parece ter permanecido no imaginário geral das pessoas, como sugere Loro Borges, vocalista e guitarrista da banda Ladrões de Vinil, ao referir-se à sua percepção musical na infância:

Raul Seixas, na verdade, pra quem é da periferia, nem era considerado separado: “isso é rock, isso é samba, isso é tal coisa”. Raul Seixas eu acho que era tipo um Bezerra da Silva. Uma coisa assim, de conhecimento geral, na época. Legião (Urbana) você já começava a se aprofundar um pouquinho, um Capital Inicial e tal, mas Raul era tipo, um clássico dos clássicos. Não tinha gênero. Ele chegava até mais que Roberto Carlos e outros estilos. Você passava em um lugar, tocava Raul Seixas, tocava Bezerra... Eram clássicos ali tocando, apesar das músicas da época, que eram mais sucesso. (BORGES, 2020)

Os dois entrevistados acima nos fornecem, através dos trechos apresentados, importantes pistas em direção à percepção de como o rock era percebido na Vitória da Conquista da década de 1980 e 1990. O primeiro, Niel Costa, nascido em 1972, descreve seus primeiros contatos com o gênero como fruto de uma espécie de modismo midiático iniciado com a expectativa para a realização do primeiro Rock in Rio em 1985, ano coincidente com o nascimento do segundo, Loro Borges, que descreve sua percepção – e de sua comunidade – em relação ao rock já referindo-se à geração “BRock”, que ganhou maior projeção em nível nacional após a realização do festival, que também trouxe pela primeira vez ao país nomes internacionais, como Queen, Scorpions, Rod

detectáveis, por exemplo, em uma cena rock propriamente dita. A intenção, neste segmento, é a prestação de serviço – a apresentação musical – com finalidade essencialmente financeira.

45 Termo atribuído a Nelson Motta referindo-se à geração anos 1980 do rock brasileiro, representada por Titãs, Paralamas do Sucesso, Kid Abelha, Camisa de Vênus, Plebe Rude, Ira!, Legião Urbana, Engenheiros do Hawaii, Heróis da Resistência, Ritchie, Kiko Zambianchi, Ultraje a Rigor, Lobão, Marina Lima, Blitz, dentre outros.

Stewart e Ozzy Osbourne (MOTTA, 2000), contribuindo para a inserção de artistas estrangeiros na programação das rádios. Assim, percebe-se a importância da televisão e do rádio, principais veículos de comunicação capazes de interligar cidades interioranas às capitais, como agentes da indústria cultural atuando enquanto elementos introdutórios do rock ao cotidiano da cidade.

Ainda sobre a análise do marco temporal do Rock in Rio no relato oral, Portelli (1997) acentua a importância da história oral ao referir-se a eventos específicos observando-se sua significação para o entrevistado: “Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas” (PORTELLI, 1997, p. 31). Em geral, os estudos em história musical brasileira abordam eventos como o Rock in Rio em relação ao fim do regime militar no Brasil ou às biografias das bandas de nível nacional que participaram do festival, geralmente referindo-se aos grandes centros do mercado musical. O relato de Niel Costa possibilita perceber que o nível de abrangência do evento ultrapassou os limites convencionalmente aceitos, influenciando até mesmo uma então pequena cidade do interior baiano, que passou a demonstrar maior abertura ao rock e a iniciar uma movimentação musical própria, que só se afluaria de fato mais de uma década depois.

Os anos 1980, sobretudo no Brasil, podem ser considerados como uma época de ouro para o rock, gênero intensamente promovido pela indústria musical do período. Na programação das rádios, rocks nacionais e internacionais disputavam espaço. Bandas jovens advindas de diferentes regiões do país, como Legião Urbana (Brasília), Barão Vermelho (Rio de Janeiro), Titãs do Iê Iê (São Paulo) e Engenheiros do Hawaii (Rio Grande do Sul) pareciam dar seguimento à música politizada e contestadora das duas décadas anteriores, representada por nomes como Raul Seixas, Caetano Veloso, Secos & Molhados e Mutantes (BAHIANA, 2006).

Em capitais como Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, a movimentação era mais intensa. Um fator importante, nesses locais, era o contato mais facilitado à música estrangeira, sobretudo *underground*. Na cena que se formara a partir da segunda metade da década de 1970 em Brasília, um elemento fundamental foi o acesso dos jovens de classe média e alta (grande parte filhos de diplomatas, servidores públicos federais e políticos) a discos recém-lançados na Inglaterra e Estados Unidos, em especial os do ainda recente subgênero “punk”. O domínio da língua inglesa se fazia presente em uma considerável parcela do grupo, facilitando ainda mais a formação de uma cena que, para vencer o tédio do cotidiano, gerou bandas de grande relevância para a música brasileira (MARCHETTI, 2001).

Para os jovens de cidades do interior, à época, consideravelmente isoladas da modernidade das capitais e guardando características de uma simplicidade que já não se observava em grandes centros, restava, na maioria das vezes, o consumo do que era oferecido pelo rádio e a televisão.

Vitória da Conquista, enquanto cidade de clima ameno e grande potencial de crescimento, traz em seu histórico, décadas de emigrações advindas de todas as partes do país. O guitarrista Rômulo Fonseca relata o impacto percebido ao chegar de São Paulo em definitivo com a família:

Conquista era uma cidade meio que rural ainda, né? 87. Não parece muito longe, mas vários bairros que a gente vai hoje em dia nem existiam. A cidade era bem resumida mesmo. Foi um choque de cultura, justamente por isso: por sair de São Paulo, daquela coisa: cê tinha que entrar num ônibus, e ficar uma hora e meia, duas horas, pra chegar em tal lugar. Já Conquista, era aquela cidade interiorana, um monte de rua sem asfaltar... Até as próximas ao centro da cidade eram de terra ainda. É um choque bem grande, essa questão de você viver numa metrópole, e vir pra um lugar onde as pessoas vão pro sítio, vão pra roça, ver boi no meio da rua... Pra acostumar não foi fácil. Pra comprar pão aqui era um trabalho da porra: a única padaria que eu entendia que era uma padaria, era a Panvicon. O resto, era tudo esses mercadinhos... Tinha o mercado Jequié, a venda de seu Toninho... O (atual supermercado) Santo Antônio era a venda de Seu Toninho, ali, naquele mesmo lugar⁴⁶. Tinha o (supermercado) Superlar, que era a potência da cidade, um monte de loja... E Conquista se resumia muito nisso aí, pelo menos na minha visão, nesse momento. (FONSECA, 2020)

Neste ponto, cabe atentar para a narrativa apresentada pelo entrevistado referente tanto ao impacto causado quando da chegada à cidade, descrita como pouco desenvolvida e contrastante, tanto em relação com a metrópole de sua origem – São Paulo – quanto com a própria Vitória da Conquista atual, caracterizada por um centro com intensa atividade comercial, congestionamentos diários, mesmo em áreas mais afastadas do centro, e interligada ao restante do mundo através da internet. O estranhamento, portanto, ainda se revela durante a entrevista, revelando o alto nível de transformação do espaço urbano ao decorrer do tempo, bem como da mentalidade de seus habitantes em relação à sua ocupação e o que esperam dele atualmente. No mesmo sentido, Portelli (2016), ao tratar do relato em história oral, atenta para sua natureza enquanto “performance”, ou seja: por se tratar de “algo que acontece no presente em vez de apenas como um testemunho do passado”, carrega, em si, impressões distintas das representadas pela fala: um personagem adulto e familiarizado com o espaço, inserido no contexto de uma cidade consistentemente distinta da retratada, busca marcos de memória criados durante a infância, em um espaço que lhe causou estranheza à época e ainda lhe inspira rejeição, quando comparado com o espaço atual.

46 Esquina da Rua dos Andrades com a Praça Joaquim Correia, no centro da cidade.

Figura 02 – Contracapa do compacto SS-433, gravado em São Paulo e lançado em 1984.



Fonte: acervo pessoal do autor.

Na década de 1980, as emissoras de rádio e televisão mostravam apenas um lado do rock brasileiro em formação. Bandas como Cólera e Ratos de Porão, pioneiras do punk nacional, eram acessíveis, longe das capitais, apenas através das interações sociais. Espaços como as escolas, a Praça Guadalajara (“Praça da Normal”), Praça Orlando Leite (“Pracinha do Gil”) e lojas de discos eram terreno fértil para a troca de experiências musicais. Os amantes do rock *underground* na década de 1980 eram poucos e, por isso, valorizavam encontrar pessoas com gostos afins. Os discos eram uma ferramenta para se conhecer pessoas e realizar negócios. Geralmente, quando alguém conseguia um disco de rock, logo surgiam as cópias em fita cassete, rapidamente multiplicadas. Assim se deu com o punk rock na cidade. A instável economia brasileira tornava a compra de discos de vinil (LPs) um privilégio, reforçando a máxima até hoje difundida de que o rock conquistasse sempre andou de mãos dadas à precariedade e escassez, ainda que, por outro lado, tenha sido privilégio de classes sociais minimamente capazes de adquirir equipamentos sonoros e instrumentos musicais:

Ave Maria, inflação. Hiperinflação. O disco chegou a ser tão caro que, praticamente, se você trabalhasse e ganhasse um salário mínimo, compraria dois vinis por mês, se você não tirasse dinheiro pra comprar um tênis, uma calça... Então, era caro, e aí o pessoal passou a gravar fitas cassete porque não tinha condição mais de comprar disco. Pra comprar instrumento, a gente desfazia dos discos. Ou uma coisa ou outra. Os dois não dava pra ter. Aí era comum, fulano

tinha 60 discos, 50 discos, aí, de repente, o cara falava: “vou vender tudo, porque vou comprar uma bateria”. Aí, todo mundo corria. Rapaz, era aquela correria pra comprar esses discos... Aí, o cara vendia, pegava aquela grana e comprava um baixo. Várias pessoas fizeram isso durante esse período. Ou então, quando o cara casava. Eu lembro de Dalmo⁴⁷ quando casou, precisou de uma grana, e aí desfez de um monte de disco. Os caras que mais tinham disco aqui em Conquista chegavam a ter cento e poucos exemplares de disco. Era o dinheiro de um carro na época. (COSTA, 2020)

A busca por discos e fitas cassete eram, na década de 1980 e 1990, importantes elementos sociais de interação. Não raro, uma pessoa, sabendo sobre o acervo de outra, ainda que não havendo sido previamente apresentadas, ia ao seu encontro, através de uma dica de algum conhecido ou alguém em uma loja de discos, escola ou praça. O medo da violência urbana era consideravelmente menor, então, era possível convidar um desconhecido para conhecer seus discos em seu quarto e, assim, criar uma nova amizade tendo o rock como elo. O rádio também era um grande aliado, ao fornecer conteúdo para preencher as fitas cassete que circulariam pelos grupos de roqueiros locais. A forma a qual os entrevistados mais antigos retratam esse período parece demonstrar um forte sentimento de nostalgia, quando se referindo às formas de interação entre pessoas, em contraste com as dificuldades típicas da época:

Conseguir música naquele tempo era muito limitado, cara. Cê tinha que ficar com o cassete ali, gravando música na rádio. Pra comprar o disco de uma banda que você queria, cê não saía na rua ali e comprava não: era difícil de conseguir. Quando um colega conseguia um disco de uma banda que cê curtia, porra! Saía gravando pra todo mundo. A pirataria naquele tempo ali é que era pesada. Um disco rendia pra cidade todinha. Bastava um. Aquela época era diferente, sabe? O rock naquele tempo fazia sucesso, diferente de hoje. A música que existia era rock, né? Eu gostava muito de banda punk. (LUZ, 2020)

Não há dúvidas de que o rock conquistou o imaginário popular nesse momento. A presença de bandas estrangeiras, de sonoridades consideravelmente mais pesadas que as brasileiras, inspirou roqueiros de todo o país ao querer tocar e fazer rock. Em Vitória da Conquista, na década de 1980, fala-se em uma ainda tímida, mas interessante movimentação nesse sentido. Bandas como a SS-433⁴⁸ e as punks⁴⁹ Atestado de Pobreza e Depressivos foram nomes marcantes do período, exercendo influência sobre músicos e bandas que surgiram apenas na década seguinte:

47 Dalmo Sérgio, vocalista da banda punk oitentista Atestado de Pobreza, atual proprietário da loja Ponto do Disco.

48 Formada em 1982, a banda de blues-rock SS-433 é considerada, até os dias atuais, como uma pioneira de nível profissional. Conquistou fãs em todo o Brasil, realizando apresentações em diversas cidades do estado e em São Paulo. Em 1984 gravou, de forma independente, um compacto com músicas autorais que se tornou item de colecionador. Em 2009, com o retorno momentâneo de todos os integrantes a Vitória da Conquista, reuniu-se novamente para algumas apresentações e a gravação de um DVD ao vivo.

O SS-433 me influenciou muito. Eu ouvia muito. Tem até uma música deles que se chama *Jane Furacão*... Tava no repertório da Zé dos Cafés, e *Menina da Era Astral*. Jane Furacão, não sei se você se lembra, uma música que tocava, fala assim, ó: [tocando violão] “Jane era uma menina muito calada / Ficava sempre fora da rapaziada / Garota estranha naquela cidade / O seu rádio de pilha era a felicidade / Cresceu desde menina com a razão / De ser o rock n’ roll a única saída / Mudou o visual, deu um jeito na vida / Tornou-se, para todos, Jane Furacão / Jane, ela é Jane / Amante do rock n’ roll / É a garota que o guru me disse para não ter um caso de amor / Punk, ela é punk / Amante do rock n’ roll / É um motor de arranque que vai gerar pavor⁵⁰”. Influenciou muito a minha história. (FRANÇA, 2020)

Na história oral, o relato não é um fim em si mesmo: visa à produção de uma outra forma de texto – como um vídeo, áudio ou, ainda, um livro – e, por isso, há, na entrevista, uma bipolaridade dialógica (PORTELLI, 2010) onde os dois agentes – entrevistador e entrevistado – se observam mutuamente e delimitam possibilidades de ação e reação. O relato acima demonstra a confiança e disponibilidade do entrevistado para ir além do óbvio – o simples relato – mas valorizando o diálogo enquanto um processo: a presença do violão demonstra a disposição em fornecer “imagens” reconstruídas pelo esforço da recordação. Dessa forma, foi possível, por exemplo, ter acesso a canções de época que, até então, não tínhamos acesso. Weldon França, apesar de buscar a lógica cronológica, por muitas vezes se recordava de algum elemento considerado importante de um período abordado momentos antes e utilizava seu *habitus* de músico para auxiliar na reconstrução, fornecendo elementos de grande valor à pesquisa, mas de difícil “conversão” à linguagem escrita.

A movimentação de bandas concentrou-se na segunda metade da década, com o predomínio da autoprodução. Não existia, para o rock, ainda embrionário e sem referências de gestão, uma rede organizada de pessoas com distribuição de funções no sentido de uma formação de cena musical: os músicos apenas queriam tocar e se expressar através das suas letras e, na maioria das vezes, isso só era possível através do “faça você mesmo”. As bandas produziam seus próprios eventos, convocando o círculo de amigos para comparecer como público ou ainda, participavam de gincanas, pequenas festas ou eventos beneficentes. Os shows eram escassos e não havia espaços de coletividade reconhecidos pela comunidade como “espaços do rock”.

Finalizada a década de 1980, o Brasil já se submetia a uma nova Constituição e muitos já haviam experimentado, pela primeira vez, o voto direto. A liberdade de expressão era um valioso direito recém-reconquistado e o rock *underground* o exercia com maestria, embora ainda fosse estigmatizado. Em Vitória da Conquista, o punk e o metal se destacavam, como se verifica pelas

49 As bandas punks e de heavy metal surgiram, segundo o entrevistado Niel Costa, na segunda metade da década de 1980.

50 Assista à própria SS-433 executando a faixa em 2009: <https://www.youtube.com/watch?v=wLh0YRYPkt0>.

bandas da época. Em 1992 é criada, por um grupo de adolescentes de Abaíra, a banda ÑRÛ, já com extenso repertório autoral. Assim como as demais, a formação da banda foi movida pela vontade de tocar e se expressar. No rock, aliás, são comuns os casos em que as bandas são formadas antes que os membros aprendam a tocar. O rock é, em primeiro lugar, um estilo de vida em que a atitude é um elemento basilar:

[...] aí o cara me falou assim: “porra, bicho. Vamos fazer umas letras. Traz umas letras amanhã aqui, que a gente faz umas músicas”. Fui na loja no meu vô, ele tinha uns papéis lá assim, de embalar uns negócios lá de caixa, e fiz como se fosse o encarte do disco. Já fazia os desenhos e as letras. As letras já estavam na cabeça. De um dia pro outro saiu assim, umas trinta letras de música, sabe? As músicas eram compostas desse jeito: a gente tocava ali, três acordes... Sol, lá, ré... E eu mandava ver na melodia sem entender nada de música. O outro cara, o Zezé, que tinha vários discos, também não entendia porra nenhuma de música. Foi tocar baixo. Russano não tocava nada de bateria. Ficava tocando de todo jeito lá, e assim a gente fez uma demo⁵¹, véi. Eu fico até falando com os caras: “pô, como é que naquele tempo a gente conseguia produzir tanto assim?” (LUZ, 2020)

Se a SS-433 foi a pioneira enquanto banda autoral da década de 1980, certamente sua correspondente à década seguinte foi a ÑRÛ. A banda conseguiu apresentar-se em diversas cidades, ao lado de bandas independentes que posteriormente se tornaram consagradas no cenário nacional, como a Inkoma (Pitty), Penélope e Planet Hemp. Apesar da pouca idade dos integrantes, realizava registros de suas canções e apresentações ao vivo, utilizando-se de equipamentos simples, emprestados ou não, e muito experimentalismo:

[...] isso dava um gás tão grande, uma energia tão diferente, que a vontade da gente era mostrar música pros amigos, entendeu? Precisava nem ter show. O show era um “plus”, digamos assim. Nós nunca ganhamos dinheiro, mas a satisfação que dava era muito legal, diferente de hoje em dia, né? Eu não sei se a gente vai ficando mais velho e a começa a enxergar o mundo de outra forma, mas apesar de gostar de música tanto quanto antes, eu sinto que falta essa união entre o pessoal, de um querer ouvir a música do outro, de um apoiar o outro, de um mostrar a música do outro pra outro. Essa colaboração, eu acho que hoje é muito pequena, até por conta da internet. A gente fica muito baseado em divulgar a música pra desconhecidos, aí acaba que a coisa não começa localmente. Eu ainda sou daquela mente antiga que tem que acontecer primeiro localmente, ter primeiro um apoio ali, da pessoa que tá próxima a você, e também oferecer seu apoio a ela pra, a partir dali a coisa ir pra fora, com mais substância, mais propriedade. Todos os amigos tinham as músicas da gente. Eu conheci Marcelo, que cantava no Atestado de Pobreza. Eu passava o dia inteiro escutando a música dos caras. Então, eu acho que era uma outra realidade. A falta da internet, dessa comunicação tão fácil, fazia a

51 Do inglês “demonstration”, disco, CD, fita ou outro meio de reprodução de curta duração. Serve para apresentar o trabalho de um grupo ou cantor para produtores, gravadoras, empresários ou divulgadores. (DOURADO, 2004, p. 105). Até o final da década de 90, era comum a produção de “fitas-demo”. Gradativamente, o formato foi substituído pelo “CD-demo”.

gente se comunicar localmente de forma mais eficiente, na minha opinião. (LUZ, 2020)

A maior eficiência “analógica” em se criar vínculos através da comunicação parece ser unânime entre os membros mais antigos da cena. O conhecimento musical também se dava através da troca de cartas. Muitas pessoas se comunicavam com músicos independentes dessa forma, trocando experiências e gostos musicais, bem como fitas-demo. Dessa forma, geralmente através do intermédio de revistas especializadas em música e suas seções de troca de correspondência, era possível fazer amizade com pessoas de qualquer parte do país, tendo o gosto musical como elo.

[...] comecei a receber cartas de gente querendo me conhecer, saber do que eu gostava, o que acontecia aqui na cidade. Também tinha a galera que escrevia e pedia para, na resposta, enviar o selo da carta dele de volta, para reutilizá-lo. Tinha gente que mandava desenho, outros enviavam zines, recebia também catálogos de lojas especializadas em produtos de rock. [...] O carteiro era presença constante lá em casa. [...] uma coisa que ficou clara foi como as amizades ficaram banalizadas e superficiais com o surgimento das redes sociais e o fim da troca de cartas. [...] A Anelise não pensa muito diferente disso: “As redes sociais pra mim hoje só reproduzem as relações de amizade que já existem fora da internet. Não é como no tempo que a gente se correspondia com pessoas do outro lado do país, buscando amizades com quem tinha um gosto musical parecido. Hoje até deve acontecer, mas é banal entrar em contato com alguém pela internet. Naqueles tempos era tudo mais difícil, tinha que sentar, pensar, escrever uma carta, levar ao correio, aguardar a resposta. Os laços que se criavam eram mais fortes”. (TOSCO TODO, 2019, p. 40-42)

Na segunda metade da década de 1990, o rock conquistense enfraqueceu-se gradativamente, até praticamente desaparecer. Mesmo bandas consistentes como a ÑRÜ encerraram suas atividades e o rock perdeu o protagonismo também na mídia e na indústria fonográfica que, aproveitando-se do clima de quase plena e incontestável liberdade de expressão conquistada com a redemocratização, dedicou-se a temáticas sensuais em todos os segmentos possíveis, a começar pela explosão de inúmeras bandas ao estilo do É o Tchan!, com letras de duplo sentido e bailarinas em trajes mínimos e coreografias sugestivas, presença exaustiva especialmente em programas de auditório. Nas rádios, tem início a exploração da fórmula do *Acústico MTV*, versão brasileira do *Unplugged* da MTV americana, que logo se mostraria como uma “segunda chance” às bandas do BRock, em sua maioria já dissolvidas ou descartadas pela mídia, restando apenas uma pequena parcela na ativa, como Paralamas do Sucesso, Barão Vermelho e Titãs (ASCENÇÃO, 2011). Em Vitória da Conquista, das três principais emissoras FM (96, 100,1 e Band), a 96 (Clube) era considerada a mais “roqueira”, e a Band (99,1MHz) reproduzia grande parte da programação da sua

matriz, em São Paulo, que enfatizava os “axés” (no sentido generalista abordado no item 2.1), forrós e pagodes românticos da época.

Neste momento surgem novos ícones do pop-rock nacional, como Cássia Eller, Chico Science e as bandas Raimundos, Charlie Brown Jr., Pato Fu, Jota Quest e Skank, ainda como um expoente do pop-reggae. Em nível internacional, o rock grunge de Seattle já influenciava uma nova geração de adolescentes através de bandas como Nirvana, Pearl Jam e Alice in Chains mostrando, mais uma vez, o rock como plenamente capaz de se reinventar e renovar, acompanhando cada geração disposta a contestar as anteriores. O falecimento de grandes representantes da década anterior, como Cazusa e Renato Russo, já inseridos ao rol de “poetas da música brasileira”, parecia selar o fim do rock enquanto o gênero musical de massa que fora até alguns anos antes.

Figura 03 – Cartaz de show da banda ÑRÜ na UESB (1997).



Fonte: acervo pessoal do autor.

A década de 1990, para Vitória da Conquista, representou um período de intensa atividade musical voltada para a musicalidade soteropolitana. A micareta local consolidava-se como uma das maiores do Brasil, contando com os principais nomes do gênero, uma vez que, por ser realizada em um período distinto, não havia competitividade ou choque de agendas com o carnaval da capital. Nas rádios, o axé abria espaço na preferência geral apenas para o forró, em período junino. Ao rock local, restava a marginalidade, não sendo possível, ao público, conhecer sua existência através das poucas emissoras oficiais da cidade. A movimentação de bandas como Excalibur Rock Band e

ÑRÛ pareciam representar, de acordo com os relatos dos entrevistados, mais uma vontade de expressão musical de uma minoria que a intenção em se construir um movimento:

“Não tinha, realmente, uma cena. Não existia uma cena na cidade. A cena foi iniciar realmente nessa época em que você entrou: em 2000. Às vezes tento me recordar o que foi que chamou essa cena de volta. Não consigo me recordar, mas o fato é que em 2000 várias bandas começaram a tocar de novo. E aí, a gente já tava com a banda. (LUZ, 2020)”

Esse hiato na memória coletiva dos entrevistados que vivenciaram a transição entre a década de 1990 e a de 2000 se mostrou por diversas vezes. Em todos os relatos sobre o período, não há menção a possíveis motivações à criação de bandas: elas simplesmente já aparecem como uma realidade, sugerindo-nos a ideia de que os entrevistados mais antigos possam ter, momentaneamente, se afastado do grupo e, por isso, não acompanharam a verdadeira gênese da cena que se formaria a partir de então ou, ainda, que a pequena movimentação de bandas dos anos 1990 nunca chegou a diminuir de fato. Acerca dessa categoria de incertezas a qual o pesquisador em história oral pode se deparar, Portelli (1996) enfatiza que a história oral e as memórias que ajuda a reconstruir oferecem não um “esquema de experiências comuns, mas um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias”. A dificuldade em se converter essas possibilidades em dados concretos apenas evidencia a diversidade de interpretação do mundo em cada mente, de acordo com os interesses e experiências de cada indivíduo. Daí a importância em, dentro do possível, se cruzar informações e compreender as limitações do método.

Tabela 01 – Períodos e fases da cena rock conquistense e suas características.

EMBRIÓNARIO	1980s	PRÉ-CENA	Movimentação esporádica	Atestado de Pobreza; Depressivos; SS-433	***	***
	1990s			Excalibur; ÑRÛ; Retilínea		Colégio Paulo VI, Teatro Carlos Jehovah; UESB
FORMAÇÃO	2000 – 2005	COVER	Alta movimentação. Diversidade de produtores e subgêneros musicais; Caráter essencialmente <i>underground</i>	1 em Pé 2 Alados; A-Divert; Cinco Contra Um; Dezoito 21; DP; Excalibur; Inércia; Mictian; MPBlues; Parrázio; Reason; Renegados; Retilínea; Sign; Sorrow's Embrace; The New Old Jam; Tomarock	Agosto de Rock; Conquista Rock Festival; Fest Rock; Festa da Babilônia; Point do Rock; Rock Vertente;	Paraki Bar; Praça da Normal; Teatro Carlos Jehovah; Coliseu; Odeon Bar; Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima
	2005 – 2008		“Encolhimento da cena” (diminuição do número de eventos, produtores e bandas).	Cama de Jornal; Café com Blues; Excalibur; Liatris; Princípio Ativo, Supercílio	ACRock; Conquista Rock Festival, Festival de Inverno Bahia; Point do Rock;	Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima; Teatro Carlos Jehovah
CONSO-LIDAÇÃO	2009 – 2014	AUTORAL	“Era Fora do Eixo” (predominância de eventos promovidos pelo Coletivo Suíça Bahiana)	Cama de Jornal; Distintivo Blue; Excalibur; Garboso; Ladrões de Vinil; Os Barcos; Randômicos; Signista; Sound Machine	Festival da Juventude; Festival Suíça Bahiana; Grito Rock; Noites Fora do Eixo; Natal da Cidade; Oktober Rock	Apogeu Bar; Viela Sebo-Café; Casa do Rock; Casa Fora do Eixo; Teatro Carlos Jehovah; Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima
	2014 – 2019	TRIBUTO	“Encolhimento da cena”; Predominância de shows-tributo em bares e feiras.	Cama de Jornal; Distintivo Blue; Dost; Dona Iracema; Ladrões de Vinil; Menino de Lata; Pilot Wolf; Renegados;	Conquista Moto Rock; Dia de Feira; Oktober Rock; Point do Rock	Aquarius; Cultura Bacana; Fênix Rock Bar; Café Society; FomeStop; Praça da Juventude;

				Signista		Centro Cultural Glauber Rocha
	2020	LOCKDOWN	Pandemia COVID-19.	***	Lives (internet)	Redes sociais
INTER-RUPÇÃO	2021 - 2022	TRIBUTO	Retorno gradativo e controlado às atividades ao vivo; Predominância de shows-tributo em bares.	Cama de Jornal; Dona Iracema; Ladrões de Vinil; Os Reis do Crime	Lives (internet); shows em bares	Aquarius; Fênix Rock Bar; FomeStop

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

3.2 A FASE COVER

[...] eu lembro de já nos anos 2000. Foram os primeiros shows de rock que eu apareci, que eu achei interessante. Eu vi a Renegados tocando. Foi um evento na Urbis IV. Rapaz, eram dez bandas. Eu não sabia que tinha essa quantidade de bandas aqui em Conquista. Foi pra mim um marco. Esse foi um evento totalmente *underground*, porque foi feito num espaço alugado, que foi o irmão de Darka⁵², David, que fez esse evento. Ele me contratou na iluminação. E, de repente, eu vi lá, tinha dez bandas. A primeira começou a tocar 3 horas da tarde e foi até meia noite. Falei: “gente, não sabia que tinha essa quantidade de banda”. Banda de metal, de pop-rock, death metal... Vários estilos ali unidos pra fazer um evento só. [...] Primeira vez que vi a Renegados tocando e, por coincidência, hoje eu tô tocando nela, né? Falei: “pô, os caras tocando punk aqui...” Isso em pleno 2000. “Achei que esse trem tava enterrado”. (COSTA, 2020)

Ao final da década de 1990, aproximadamente a partir de 1998, a cidade continuava praticamente sem shows de rock, porém, a nova geração, formada por estudantes do Ensino Médio das mais diversas escolas, públicas e privadas, começava a se articular. Bandas dos anos 1980 e início dos anos 1990 já faziam parte da memória nostálgica da infância e adolescência de muitos. O excesso de música considerada, pelo imaginário roqueiro em geral, “descartável”, na grande mídia fazia, da década anterior, um lugar de refúgio. Renato Russo, Cazusa, Raul Seixas, Humberto Gessinger eram antigos ídolos que, através de suas letras, representavam mais fielmente o pensamento daqueles jovens que se recusaram a se render ao então na moda forró eletrônico de Frank Aguiar, os grupos de pagode romântico paulista e as bandas de samba soteropolitanas, seguindo a linha temática e estética do É o Tchan!. O rock recente, mas já interrompido, de bandas como Guns n’ Roses e Nirvana fornecia o peso e a rebeldia que o rock brasileiro nunca havia provido até então⁵³. Tudo isso aliado a um elemento inédito, que instigava e despertava a curiosidade da maioria, aliando-se à euforia típica da adolescência: a internet.

Faz-se necessário, aqui, um breve, mas cuidadoso esforço de contextualização, uma vez que nosso recorte espaço-temporal coincide com um período de profundas transformações

52 Darka Azevedo, organizadora da Expo Rock, exposição fotográfica sobre o rock conquistense, realizada em 2009, no Viela Sebo-Café.

53 O músico Lobão descreve, em diversas entrevistas, em sua autobiografia – 50 anos a mil (Nova Fronteira, 2010) – e na obra *Guia politicamente incorreto dos anos 80 pelo rock* (LeYa, 2017) os motivos que fizeram a indústria fonográfica brasileira “boicotar” o peso no rock brasileiro dos anos 80.

comportamentais em nível global motivadas, sobretudo, pela massificação do uso do computador pessoal, posteriormente estendido aos dispositivos móveis, e do acesso à internet, encurtando, em definitivo, distâncias e facilitando a comunicação como em nenhum outro período histórico, atuando como fator essencial ao desenvolvimento da cena rocker conquistense a partir deste período. Não por acaso, na segunda metade da década de 90, a palavra “globalização” tornara-se cada vez mais familiar, sendo constantemente evocada em telejornais, salas de aula, matérias em revistas, livros e temas de redação em exames vestibulares. A palavra “digital”, geralmente presente nas mesmas discussões, remetia a um novo mundo onde a tecnologia, anteriormente vislumbrada principalmente em filmes futuristas, passaria a fazer parte do cotidiano de todos: os últimos anos do século XX comemoravam, orgulhosos e ansiosos, o advento da chamada era “digital”.

O brasileiro, a partir desse período, habituava-se à novidade da internet. Tudo inspirava uma atmosfera experimental, inclusive os websites de grandes empresas, geralmente simplórios visualmente e de aspecto até mesmo amador, se comparados aos padrões atuais. Ter um microcomputador em casa, com sistema operacional Windows com kit multimídia era o objeto de desejo à época. Os jogos, geralmente instalados através de pilhas de disquetes ou CD-rom, retiraram dos consoles domésticos de videogame o monopólio do entretenimento digital interativo, e trabalhos de escola deixavam, pouco a pouco, de ser produzidos à mão ou datilografados.

Havia poucos websites disponíveis, e os mais completos eram os de plataformas de notícias e sítios de revistas em geral, que utilizavam, como recurso para incentivar o acesso, a disponibilização de CD-roms encartados aos volumes, contendo conteúdo exclusivo ou discadores gratuitos, muitas vezes oferecendo períodos de teste em provedores. A forma de conexão ainda era a chamada “dial-up”, ou “discada”, que fazia uso da linha telefônica, gerando, nos usuários, o hábito de se escolher horários específicos da semana onde a cobrança era reduzida, como as madrugadas ou fins de semana. Esta foi a maneira utilizada pela juventude da época para iniciar sua pequena revolução.

Eu gostava muito de rock e queria ter sempre os meus amigos por perto, e era uma época que eu tava começando a me enturmar bastante na UESB, tinha também as coisas assim de rede social, *Messenger*, na verdade era o IRC, que a gente conversava muito. O mIRC. E aí tinha os “IRContros”. Aí tinha toda essa coisa, esse clima aí que era festivo, né? Eu ainda me considerava uma adolescente que tinha entre uns 18 e 22 anos, essa fase aí. E aí, “bora fazer uma festa? Bora! Vamos fazer aonde? Ah, vamos fazer na minha casa”. A gente pensava uma coisa bem pequenininha mesmo assim, chamar alguns amigos. (BABILÔNIA, 2020)

Teve início a era dos comunicadores instantâneos e salas de bate-papo, cujo maior representante no Brasil foi o Bate-Papo (Chat) UOL, do portal Universo Online, ativo até hoje.

Aqui havia salas virtuais, referentes a cidades, com limite de vagas, onde pessoas entravam usando um cognome (nickname) e conversavam livremente. Aos mais familiarizados à nova ferramenta, havia softwares específicos para conversas e trocas de arquivos, como o mIRC, o ICQ, de visual limpo e efeitos sonoros e, posteriormente, o mais influente de todos: o MSN Live Messenger ou, simplesmente, MSN.

Através destas ferramentas, jovens estudantes passaram a interagir em um nível inédito, onde aliava-se o fator instantâneo da conversa, mas com o conforto da escrita e a distância, possibilitando até mesmo aos mais reclusos uma comunicação eficaz, firmando amizades, relacionamentos amorosos e outras trocas de experiências, como a musical. Neste ponto, a música digital já era realidade: com os kits multimídia, era possível copiar para o computador o conteúdo de um CD e distribuí-lo, instantaneamente, tendo, como um dos poucos obstáculos, a baixa velocidade de transmissão de dados: 56 kbps. Atualmente, são comuns conexões de 20 mbps⁵⁴ (20.000 kbps) a 300 mbps (300.000 kbps) que dispensam o uso da linha telefônica.

A era digital também se tornou conhecida pela forte pirataria, sobretudo de produtos fonográficos, audiovisuais e softwares com as mais variadas utilidades (WITT, 2015). Neste ponto, conforme já abordamos, o mundo assistiu e participou de uma verdadeira revolução que transformou definitivamente a forma de se escutar, comprar, compartilhar e produzir música.

Nesse contexto, os jovens do final da década de 1990, que apenas ouviram relatos sobre a geração dos anos 1980 e da primeira metade dos 1990, trocavam experiências sobre rock, como seus antecessores, mas munidos das vantagens, ainda que limitadas, do mundo virtual. As barreiras físicas, como bairros e escolas, perdiam força, devido ao surgimento da internet. As salas de bate-papo divididas por cidade ajudaram a criar a sensação de uma grande comunidade com gostos em comum. Bandas surgidas ainda antes da virada do milênio, como a Retilínea e a Excalibur, essencialmente de covers, reforçavam a possibilidade de tornar real o sonho de ter uma banda. Nesse período, muitos amigos se uniram para tentar realizar esse sonho. Assim surgiram bandas como a A-Divert, Paralips, Parrázio, Renegados, Reptaliens, Inércia, Reason, 1 em Pé 2 Alados, dentre outras.

[...] aí, comecei a aprender (a tocar violão) com dez anos, mas parei, com treze, quatorze anos. Fui jogar bola, basquete, e deixei o violão de lado. Aí, voltei de novo a tocar, já com uns quinze, pra tocar guitarra... Isso aí já foi em 97 pra 98. Eu tava com dezesseis anos. Foi daí que eu comecei a querer montar banda. A gente montou a primeira banda, a Paralips. [...] A gente inventou de ter essa banda, aí

54 Megabits por segundo. Unidade de medida de velocidade de transmissão de dados formada por um milhão de bits. (RUISÁNCHEZ, 2018, p. 37)

passou várias formações, até que eu fechei com Pel e um baterista. Era só nós três. O baterista era Gil. Morava lá nas Terras do Remanso⁵⁵. A gente ia ensaiar lá. Eu lembro que a gente ia de bike, véi. Eu levando Pel na bike, era uma aventura só pra ir pro ensaio. Imagine... [...] Eu já fazia poesia e letras. Eu fui inventar de fazer eventos, acho que em 99 ou 2000, que foi o primeiro Fest Rock. Por que eu tive que enveredar nessa área de produtor? Porque a gente tinha as bandinhas do lado oeste de Conquista, que ninguém ligava, tinha a galera que já tocava, que eu lembro que tinha a Retilínea, tinha essas bandas que já tocavam, que eram do lado leste, e era a galera que fazia mais acontecer. Eu pensava assim: “poxa, só tem bandas aqui deste lado, mas não tem gente pra curtir”. A gente queria formação de plateia. Quem deu a maior força foi Miguel (Côrtes). Eu falei: “ô, Miguel, a gente tá querendo formar plateia, porque a gente tem bandas, mas não tem plateia. Porque só vai assim: uma banda assistir à outra”. E o showzinho era mirrado, né? (RUGAL, 2020)

Miguel Côrtes Filho (1967-2012) foi um radialista e articulador cultural bastante conhecido na cidade, a partir da década de 1990. Em 2000, aos 33 anos, já era considerado uma espécie de mentor para a nova geração. Seu programa radialístico, *O Som da Tribo*⁵⁶, era transmitido aos sábados, a partir das 19h, na rádio 96 FM – Atual Clube FM –, com uma natureza diferente da de quando foi criado, anos antes. A jornalista Jacqueline Jack iniciou a carreira no rádio auxiliando Miguel no estúdio, antes mesmo de ingressar ao curso de Comunicação da UESB. O poder de influência e engajamento ainda presente no rádio revela aspectos importantes acerca da dinâmica da cidade, sobretudo relacionada aos meios de comunicação:

O Som da Tribo começou como um programa que tocava rock n’ roll pra galera curtir rock, tanto que não tinha vinheta entre as músicas. Era pra pessoa gravar as fitas mesmo. E ele começou a fazer parte em 93, depois voltou em 2000. E, aí, já voltou com outra “vibe”: o programa começou a dar espaço pras bandas autorais daqui de Conquista, porque tava naquele “boom”, né? Tinha não sei quantas bandas. Eu me lembro de 5 Contra 1, a The Plant, Renegados, Retilínea... E aí, foi a época que o Centro de Cultura bombou com os shows, a galera de preto... E O Som da Tribo virou a referência pra essa galera poder colocar sua música. Era o único programa que dava espaço pra que as músicas desse pessoal pudessem tocar. E onde eles tinham voz, né? Lá não tinha negócio de jabá pra aparecer... E, eu entrei nessa viagem em 2005, com Miguel. A gente começou a apresentar alguns eventos juntos também. O Som da Tribo já tinha virado uma marca. Já tinha virado uma referência para as bandas. (JACK, 2020)

55 Cerca de 3,3km de distância, em simulação utilizando a plataforma Google Maps.

56 O nome do influente programa certamente refere-se, conscientemente ou não, ao conceito metafórico de “tribo” proposto por Michel Maffesoli em sua obra *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa* (1988), amplamente utilizado pelas mídias de comunicação na década de 1990, onde pessoas se associam a outras de acordo com gostos e interesses em comum, formando microgrupos, muitas vezes abrindo mão de alguma parcela de individualidade em busca de uma, certa forma, padronização, o que, inevitavelmente, nos soa familiar ao pensarmos, por exemplo, nos grupos de punks e metaleiros – os mais longevos e facilmente detectáveis da cena rock conquistense. Para a atual etapa da pesquisa, no entanto, optamos pelo não-aprofundamento nesta corrente teórica, a fim de se evitar eventuais confusões conceituais, reservando tal abordagem a um momento posterior.

Miguel Côrtes era um típico locutor roqueiro musicalmente formado pela década de 1980: ao se conhecer razoavelmente a programação da 96 FM, era fácil detectar quando o horário estava sob seu comando, ainda que sem locução: muito pop-rock das duas décadas anteriores, nacional e internacional, bem como nomes mais recentes e característicos de seu gosto pessoal, como Chico Science. Começou sua carreira através de um experimento de rádio pirata em seu bairro com os amigos:

Final dos anos 80 e até meados da década de 90, nasce no pequeno e pacato Bairro Iracema em Vitória da Conquista-Bahia, uma nova voz nas ondas do rádio... "A Rádio Baixaria" idealizada por Rubenildo Metal (blog do rubenildo), Gildásio Alves (Secretário de Comunicação do Município), Miguel Côrtes (Som da Tribo) e Wasnicleverson Rala (Skin, Funcionário Bco. do Brasil/SP). A Rádio Baixaria surgiu com um exclusivo objetivo de se fazer verdadeira "rádio livre" uma emissora literalmente "pirata" que tinha como principais objetivos: notícias do bairro, agregado com altas doses de humor, dramatização, boa música e principalmente a vida como ela era no Bairro Iracema... Então ouça, divirta-se e relembre como esse grupo de amigos imaginavam "uma rádio livre" naquela época... Ah! A "Rádio Baixaria" operava tanto no AM como no FM, é mole ??? (RÁDIO..., 2020)

O programa O Som da Tribo, retomado em 2000, já com um formato mais dinâmico e adaptado à realidade local, seguiu, até 2012, com o falecimento de Miguel Côrtes, como o principal veículo de divulgação da cena rock local. Miguel ainda trabalhou por anos como vendedor de CDs na loja Espaço Xis, próxima ao prédio da rádio, no centro da cidade. Muitos jovens buscavam, na loja, as indicações e dicas musicais do comunicador que, embora não poupasse quem quer que seja de seus posicionamentos críticos (uma qualidade bastante apreciada no ambiente do rock), era querido e respeitado pela maioria. A loja, durante vários anos, foi um dos poucos patrocinadores do programa, que não fazia, nesta nova fase, parte do quadro efetivo da programação, ocupando um espaço comprado. Não raro, Miguel chegou a pagar com recursos próprios pela permanência do programa, que não gerava lucros. Segundo o próprio radialista,

O Som da Tribo é um programa [...] onde a gente busca apoiar, principalmente, as manifestações culturais que não têm espaço na mídia convencional, ou seja: no rádio, televisão, jornais, nos sites e, [...] gratuitamente – é bom a gente frisar isso – abre o espaço, divulga os eventos que a gente acha interessante e que, normalmente, não têm espaço na grande mídia [...]. Começamos nos anos 90. Hoje, o programa já ultrapassa a casa dos 15 anos, aos trancos e barrancos. Como eu costumo falar, está sobrevivendo ao tempo e às pessoas que também, certa forma, fazem oposição ao programa, que não são poucas, mas [...] o que importa é que tem muita gente que gosta e que busca e que quer que a gente continue com essa bandeira [...]. Essa é a proposta do Som da Tribo, que é um programa que preza pela qualidade musical: apoiar a cultura alternativa e, principalmente, dar voz às manifestações que possam projetar a cidade Brasil afora. (CÔRTEZ, 2009)

A experiência com o ambiente da produção de eventos, sua disponibilidade para auxiliar qualquer um que o procurasse e sua rede de contatos, fazia de Miguel um grande aliado à nova geração de roqueiros, ansiosa por tirar seus projetos da garagem e ganhar a cidade com a música:

Eu quero destacar que, na época que eu comecei a fazer esses eventos, quem deu a maior força foi Miguel, cara. Ele nem me conhecia. Por isso que eu tenho a maior gratidão por Miguel. Eu cheguei na loja, ele trabalhava no Espaço Xis. O pessoal: “ó, velho, Miguel tem o projeto dele, tem O Som da Tribo, o horário dele na rádio, e ele dá força pra qualquer projeto de rock. Vá lá e procura Miguel”. Cheguei lá, foi em 99 isso, né? “Miguel, estamos com um projeto aí, tal... Meu nome é tal”, me apresentei, “comecei uma banda, e eu quero fazer eventos assim, pra formar plateia, porque a cidade só tem bandas e não tem plateia. A gente quer divulgar pra cidade de novo, chamar a galera pra vir de novo”. Miguel então, me indicou tudo, me explicou como fazer o e evento, como pedir patrocínio: “ó, você vai na prefeitura, aí você conversa com tal pessoa”. Ele ligou para Elton Becker⁵⁷ (Band FM): “faz aí, véi, no estilo rock n’ roll, que cê sabe que a galera não tem dinheiro, é um evento só pra divulgar”. Elton Becker foi muito gente boa também. A gente gravou a chamada, teve carro de som, teve tudo. O show estourou, sabe? O rock n’ roll de novo na cidade. E tem muita gente que relata, a galera de banda de hoje, fala que aquele show foi o primeiro show deles. (RUGAL, 2020)

Neste período, Vitória da Conquista intensificava seu processo de desenvolvimento e crescimento populacional. A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia aumentava o seu rol de cursos, enquanto novas instituições de Ensino Superior eram inauguradas, a começar pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC, atualmente UniFTC) em 1999, e a Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR) em 2001. Desta forma, a crescente chegada de pessoas advindas das mais diversas regiões do país à cidade, além de reforçar o comércio, a construção civil e a prestação de serviços, insere novas culturas, modos de vida, sotaques e experiências. O rock conquistense absorve esse novo contexto, intensificando o número de shows, bandas e espaços ocupados.

A cena tomava uma cada vez mais sólida forma, tendo a internet como importante ferramenta de articulação. Não era mais preciso, como nas décadas anteriores, procurar adeptos do rock n’ roll apenas em pontos específicos e limitados, como as poucas lojas de discos adeptas abertamente ao gênero. A internet, suas comunidades espaços cada vez mais dinâmicos possibilitava que os membros desse grupo, anteriormente isolados, se ajuntassem mesmo antes de se conhecerem pessoalmente. Dessa forma, através do “boca-a-boca” virtual aliado aos métodos tradicionais de socialização (uma vez que a internet ainda era uma limitada e experimental

57 Elton “Becker” Silva Salgado, radialista, músico, historiador, coordenador do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima entre 2016 e 2021.

novidade, longe de algo tão intrínseco ao cotidiano atual) e o apoio do Som da Tribo, através do amplo sinal da 96 FM, a emissora mais antiga da cidade⁵⁸, ressurgia o movimento rock de Vitória da Conquista. Shows eventuais de covers de bandas consagradas haviam sido realizados na cidade, por bandas de outras regiões do país, que passavam em turnê pela Bahia, funcionando como uma forma concreta de reunir pessoas com gosto pelo rock, desconhecidas ou não. Esses eventos exerceram influência sobre seu público, muitas vezes tendo neles sua primeira experiência em shows:

Com quinze (anos de idade), eu consegui ir pra minha primeira micareta, e fui pro Tributo a Renato Russo. Aí, foi meu primeiro show que eu fui. Acho que foi em 97, ou foi 98. Eu acho que foi aí que eu conheci Dani, da Renegados. A gente já se batia ali, mais ou menos, no Centro Integrado⁵⁹, mas: “porra, você tá aqui? Você tá aqui?” O cara que eu tenho o primeiro contato mais forte do rock n’ roll é com Dani. Aí, pronto: não podia ver um karaokê, a gente tinha que cantar *Polícia*⁶⁰, né? (KAMIKAZE, 2020)

Com os primeiros shows de rock realmente produzidos pelos roqueiros locais do início dos anos 2000, a cena musical começou, de fato, a se organizar, dentro do possível. Assim, de maneira coletiva, adolescentes se tornavam produtores de evento, técnicos de som, roadies⁶¹ e as bandas conquistense começavam a ganhar a experiência dos palcos, seja nos pátios das escolas em seus intervalos ou nos eventos produzidos sem qualquer apoio externo:

Um marco nesse início aí foi no ano de 2000, quando Junão⁶² fez o Fest Rock. Foi o primeiro show na concha, com produção toda independente mesmo, de meninada. Foi ele correndo atrás de tudo. Produção alternativa mesmo. Acho que era Avalon Produções que ele chamava. E todo mundo ajudando. Então, aquilo marcou muito né? Foi antes do primeiro Agosto de Rock, e aí tocou a Retilínea, a Paralips, e a Abismo. E foi massa. Uma produção totalmente independente que funcionou. E depois começou a vir Agosto de Rock. Esse show eu acho muito significativo. Todo mundo, o público daquele show era basicamente de alunos do Ensino Médio, né? Acho que isso foi se perdendo um pouco ao longo dos anos, que a gente foi saindo, pra faculdade, foi perdendo esse contato com a escola ao longo dos anos, que naquela época era muito forte porque nós todos estávamos lá né? Estudava nas escolas. Então foi quando começou a sair as rádios nas escolas... As

58 A Rádio Clube de Vitória da Conquista – AM – foi inaugurada em 17 de dezembro de 1952, enquanto sua entrada para a FM se deu em 6 de setembro de 1980. (PEREIRA, 2003)

59 Centro Integrado de Educação Luiz Navarro de Brito (CIENB), colégio estadual situado à Av. Frei Benjamin (bairro Brasil), uma das mais movimentadas do lado oeste da cidade.

60 Música de autoria de Tony Bellotto, lançada no álbum Cabeça Dinossauro (1986), da banda Titãs (SP).

61 (ing. *road*, lit.: estrada) Termo referente ao pessoal de apoio das bandas em turnês (DOURADO, 2004, p. 282). O roadie é responsável por tarefas gerais nos bastidores e durante as apresentações, como a troca e afinação de instrumentos, ajustes em equipamentos, auxílio em “passagens de som”, dentre outras.

62 Junão (José Tanan) passou a utilizar o pseudônimo Júnior Rugal posteriormente.

escolas começaram a ter sistema de som interno. Então, a gente utilizava pra tocar rock nos intervalos, pra divulgar os eventos. (DANTAS, 2020)

A partir deste ponto, verifica-se, na cidade, uma movimentação roqueira até então inédita, inspirando, ao contrário do que se verificou nas duas décadas anteriores, o enquadramento no conceito de cena musical, isto é: um conjunto de pessoas e espaços influenciando-se e sendo influenciados, provocando transformações sociais em torno de um gênero musical – o rock – com o claro objetivo de firmar-se junto à sociedade e conquistar seu espaço. A cena é formada por diferentes pessoas com habilidades e funções diferenciadas e específicas para a sua automanutenção, ou seja: a geração da década de 2000 foi capaz de construir um “microcosmo” social autônomo que coincide com o conceito de “campo” (BOURDIEU, 2003) ao conter seu próprio código implícito de conduta, aceito e zelado por seus membros, bem como agentes dotados de maior ou menor poder de influência sobre os rumos do movimento e, por consequência, as pessoas que se enxergam como pertencentes. Nesse sentido, acrescentamos, ao rol de conceitos compatíveis ao de “cena” utilizados nesta pesquisa, os termos “campo”, quando nos referirmos ao conjunto de elementos constituintes da cena rock conquistense ou, ainda, “subcampo”, ao localizarmos a cena inserida em um campo mais amplo, como o campo musical/cultural/artístico local.

Neste momento, já era comum as bandas acompanharem umas às outras. Os ensaios, geralmente, aconteciam na casa de algum integrante ou nos poucos estúdios disponíveis, de propriedade de algum membro de banda. Um dos estúdios mais utilizados era o da banda Parrázio, na Urbis II⁶³, de propriedade do baterista Suedilson Filho (Sú):

Voltei ao rock quando comecei a andar com os meninos, lá por 2000, 2001. Eu comecei a tocar violão e eles começaram a ensaiar lá no antigo estúdio da Parrázio, na Urbis II. A gente começou a frequentar, mesmo quando não tava ensaiando, pra ver as outras bandas ensaiarem. Eu lembro de alguns ensaios da banda Zé dos Cafés. Weldão, Zeca Metal... Goma e Simpson⁶⁴ conheceram os meninos da Reason, e a casa deles se tornou meio que um lugar onde eles iam pra falar de rock. A onda de ensaiar lá na Parrázio é porque tinha bateria, mesmo sem pratos. Sempre a gente arrumava uns pratinhos que ficavam lá, escondidos. Ou Sú deixava pelo menos o cimbalo. Cê tinha que pegar a chave lá no videogame dele, né? Ensaiar e depois devolver. Aí, esse guitarrista, que na verdade, tocava violão, um dia faltou ao ensaio. Eu tava lá, e os meninos tavam me contando um problema, que tinham umas músicas com uma pegada mais agitada, e ele não tinha muito ritmo. E eu, acho que por tocar cavaquinho, tinha mais um pouquinho de ritmo. Na banda de

63V. Mapa 03.

64 Ed Goma, baterista e letrista, vizinho (bairro Ibirapuera) e companheiro de banda do entrevistado (Ladrões de Vinil) e seu irmão Givanildo “Simpson” Teixeira, que atuou diversas vezes como roadie para a banda, além de ter desenvolvido seus próprios projetos musicais, como a banda The Simpsons.

rock ia encaixar melhor. Aí, eu acabei entrando no lugar desse brother. (BORGES, 2020)

Os ensaios, portanto, eram um dos elementos mais importantes da cena: serviam tanto para anunciar à coletividade sobre a existência de uma banda, como para o aprendizado dos que frequentavam os estúdios como espectadores, inclusive servindo como valiosas oportunidades de se receber um convite para integrar alguma e, assim, dar início a uma carreira musical, bem como uma fonte de renda extra aos proprietários dos estúdios, espaço para eventuais tentativas de gravação caseiras, sessões de fotos, conhecer pessoas e articular eventos.

Figura 04 – Estúdio da Parrázio, por onde passaram quase todas as bandas da década de 2000.



Fonte: Google Street View (visão em 2014⁶⁵)

Não seria exagero definir o evento “ensaio” como tão importante socialmente quando os shows. Não era preciso conhecer a banda para entrar ao estúdio e assistir ao ensaio: bastava conhecer um membro ou mesmo conhecer alguém que conhecia um membro. Uma vez permanecendo algumas horas no ambiente, um espectador desconhecido já se tornava, de certo modo, integrado ao movimento, ou com potencial para “fazer parte da turma”, ainda que com uma certa trajetória de legitimação (BOURDIEU, 2007) pela frente, que incluía participar de mais atividades, com maior ou menor nível de ativismo: ajudar a carregar instrumentos e participar de

65 O estúdio, improvisado, funcionava apenas no espaço térreo, onde se vê duas portas de ferro claras. À época, não havia a construção do andar superior (GOMA, 2022).

discussões, por exemplo, poderia ser uma eficaz forma de adquirir capital social, com o objetivo de aceitação e integração ao grupo:

“Os novos que entram têm de pagar um direito de entrada que consiste no reconhecimento do valor do jogo (a seleção e cooptação prestam sempre muita atenção aos índices da adesão ao jogo, do investimento) e no conhecimento (prático) dos princípios de funcionamento do jogo. (BOURDIEU, 2003, p. 122)

Os ensaios, muitas vezes, eram regados a álcool e seguidos de uma visita aos “botecos” das redondezas. As residências guardavam os universos musicais dos moradores (pôsteres, discos, fitas VHS, cassetes, camisetas, livros, anotações, desenhos), sendo expostos ao visitante, que trazia suas próprias influências para trocar informações. Em uma visita a um ensaio seguida de uma à casa de algum roqueiro, era possível conhecer novas bandas, capazes de mudar completamente conceitos e impressões. Também era possível ter os primeiros contatos com instrumentos musicais, sempre muito caros e difíceis de se conseguir. Muitas pessoas aprenderam a tocar com a ajuda de amigos. O universo dos bastidores de uma banda era rico e atrativo. Todos sonhavam juntos.

Montei estúdio de música, era o estúdio que a gente ensaiava. Era lá na Avenida Lapa (bairro Brasil), em frente à casa de Daniel (Porto, da banda Mictian) guitarrista. Eu fui o primeiro a montar estúdio ali⁶⁶. Depois que eu saí do ponto, os meninos pegaram também e alugaram lá. Rapaz, naquele estúdio também foi história, véi! Eu acabei conhecendo todo mundo da cidade, do rock, pelo menos. Tinha bandas que não eram do rock, que iam, mas principalmente do rock, tinham um acesso melhor lá. O preço era melhor, então foram muitas bandas lá. (RUGAL, 2020)

Neste trecho, Júnior Rugal fornece dados importantes acerca da estrutura social da cena: um agente capaz de acumular quantidade de capital econômico suficiente para estabelecer uma estrutura estruturante (um estúdio de ensaio, por mais precário que fosse, era um espaço de difícil construção e manutenção, uma vez que, neste ponto temporal, a grande maioria dos membros do grupo era formada por adolescentes em fase escolar) como o estúdio, um decisivo elemento, alvo de demandas a todos os interessados em uma participação ativa (agentes do campo em questão), acumulava o capital cultural específico do campo: ao controlar o acesso das bandas ao necessário espaço do ensaio e, por conseguinte, a todo o universo de interações que o acompanha de forma acessória, este agente passava a ser visto por todos os membros como um representante da “classe dominante” dentro da cena – capital simbólico (BOURDIEU, 2007). Nessa disposição, tem-se, ao mesmo espaço, tanto representantes da classe dominante (o proprietário de estúdio, não raro

também membro de uma banda. Às bandas, podemos atribuir uma função intelectual dentro da cena) quanto da classe dominada (o recém-chegado, mais baixo representante da classe dominada, onde situamos o público, mais passivo elemento da cena).

A esta altura, todos já sabiam da existência de um grande grupo de pessoas amantes do rock, em todas as partes da cidade. As festas começaram a se tornar cada vez mais frequentes. Algumas se tornaram marcos, pela quantidade de público, pela presença das principais bandas, o local ou pelo poder de influência do produtor. Uma das mais importantes do período, responsáveis pela solidificação da cena e a constatação da viabilidade de um evento de maior porte – o Agosto de Rock – foi a Festa da Babilônia, em março de 2001. Inicialmente planejada como uma reunião de amigos para a comemoração ao aniversário da professora de história Ana Paula de Oliveira Silva – Paula Babilônia – na casa de uma amiga, tornou-se uma das mais comentadas festas de rock da década de 2000:

E aí, “bora fazer uma festa? Bora, vamos fazer aonde? Ah, vamos fazer na minha casa”. A gente pensava uma coisa bem pequenininha mesmo, chamar alguns amigos. “Ah, e aí, o som? Como vai ser o som?” E aí, o povo começou a entrar em contato: “Ó, eu sei que você vai fazer uma festa. Eu queria tocar”. Dani⁶⁷ mesmo, eu conheci a partir da festa. Foi massa, véi. E tinha muita gente. Porque a gente começou a divulgar, apareceram umas cinco, seis bandas... Era muita banda. Tinha muita gente tocando, fazendo cover ou alguma coisa autoral também, e eles não tinham espaço pra tocar. Então, quando tinha uma festa assim, que era pra botar um som ao vivo, todo mundo queria tocar. E aí foi numa casa, numa área residencial ao lado da igreja Nova Sião, na 10 de Novembro. Foi ousadia demais. E a gente começou a divulgar numa rádio. Eu tinha um amigo que trabalhava na antiga 100,1, e aí era muito meu amigo do IRC também, ele começou a divulgar no rádio. Miguel (Côrtes) também divulgou essa festa. Velho... Foi gente pra caramba! Quando a gente chegou lá pra botar a festa pra funcionar, tinha muita gente do lado de fora. A gente cobrou 1 real. Aí, cada um levava a sua bebida, e depois a gente resolveu botar bebida pra vender, pra poder ajudar a pagar o som. A gente não imaginava que ia ter tanta gente. Pra você ver que tem muita gente que ouve rádio, porque a internet não era uma coisa pra todo mundo. No início dos anos 2000, não eram tantas pessoas que tinham. A divulgação era rádio mesmo. (BABILÔNIA, 2020)

As festas de rock funcionavam, bem como os ensaios, como eficazes eventos de conexão (o que insere os produtores, assim como os proprietários de estúdios, à classe dominante no campo da música rock conquistense. Se as bandas viabilizavam intelectualmente a existência da cena, os produtores detinham o poder de definir quando e onde se dariam os shows, bem como quais bandas se apresentariam, assim como quais outros agentes, como técnicos de som, decoradores e os membros da equipe organizadora que participariam do evento): muitas pessoas tinham nelas seus

67 Dani, vocalista da banda punk Renegados.

primeiros contatos com a cena, geralmente como convidadas de alguém já inserido previamente, deparando-se com uma nova realidade de pessoas advindas das mais variadas regiões da cidade, tendo a música como elemento comum. Assim, uma pessoa poderia trazer um colega de escola a uma festa, apresentando-o a diversas turmas até então desconhecidas e de realidades sociais mais ou menos distantes, como um aluno de escola pública em alguma periferia identificar-se musicalmente e por outros gostos pessoais com um aluno da mais elitista escola particular e criarem um sólido vínculo de amizade, não raro culminando, ainda, na formação de uma nova banda (não raro, formadas por pessoas que se utilizavam de instrumentos emprestados de terceiros para tocar). As festas mais expressivas, como a da Babilônia, reuniam mais elementos de conexão que outras e, dado o caráter experimental dos eventos (não havia produtores profissionais na cena), dificilmente era possível prever qual o impacto de cada uma. As mais bem-sucedidas tornavam-se assunto por tempo suficiente para tentativas de mais edições. De uma reunião caseira em comemoração a um aniversário, a segunda Festa da Babilônia foi realizada em um espaço amplo, alugado, com palco e equipamento de som profissionais. A ideia da comemoração do aniversário continuou:

[...] aí veio a segunda, também em março, de 2002. Na primeira quinzena, sempre. Nessa segunda festa também foi interessante, porque a gente já quis fazer uma coisa maior mesmo, para mais pessoas, não ser numa área residencial. Fui fazer uma festa no centro, ao lado do estacionamento do Bradesco⁶⁸, onde a gente botou um som que era o de Cabral⁶⁹, na época, um sonzaço. Tinha gravação em MD⁷⁰, não sei o que... A gente foi colocando algumas bandas que já tinham tocado na primeira. Dani (Renegados) mesmo, foi presença confirmadíssima. E aí, foi botando outras: a 1 em Pé 2 Alados, A-Divert, Oásicos, D-Phezzys, a banda de Marcelão do reggae, Menarca... Era muita banda. (BABILÔNIA, 2020)

A Festa da Babilônia retornaria apenas em 2013, na Casa Fora do Eixo, em um contexto que abordaremos adiante, significativamente distinto dos tempos experimentais das edições anteriores. Sua importância para a cena demonstra-se na sobrevivência da “marca” mesmo após mais de uma década, unindo mais de duas gerações de roqueiros em um só evento.

68 Rua Ernesto Dantas, N°. 70, a poucos metros do extinto Cine Madrigal que, por sua vez, tinha, à sua frente, a loja Rock Express, um dos mais importantes pontos de encontro e acesso a produtos temáticos (essencialmente, camisetas, discos e ingressos para eventos de rock) do período. Atualmente, no mesmo prédio da antiga Rock Express está a loja Ponto do Disco, de proposta semelhante. O local escolhido para a Festa da Babilônia II atualmente funciona como um estacionamento privado.

69 Cabral Som é uma loja de equipamentos de som local, que fornecia o serviço de aluguel desses equipamentos para eventos. À época, considerado como um dos melhores equipamentos utilizados pela cena.

70 MiniDisc (MD) foi uma tecnologia de armazenamento de dados criada pela Sony na década de 90. Reunia características tanto do CD quanto das fitas cassete: dimensões reduzidas, inserido em uma estrutura acrílica que protegia o pequeno disco de arranhões, ao contrário da mídia CD, de dimensões maiores e capacidade de armazenamento menor, que mantinha exposta a superfície onde eram armazenados os dados. Nos eventos de rock da década de 2000 em Vitória da Conquista, era comum que os técnicos de som, como o entrevistado Niel Costa, conectassem o áudio do palco a um gravador de MD e registrassem as apresentações.

A “fase cover” da cena, portanto, desenvolveu-se em um profundo processo de interligação de elementos-chave, iniciando-se pelas iniciativas pessoais e de grupos, que se influenciaram mutuamente, gerando eventos sociais de firmamento: os shows, eventos responsáveis por uma espécie de “apresentação pública do estado da arte”, e os ensaios de bandas, eventos de bastidores que traziam em si grande importância na manutenção da cena e fortalecimento de vínculos interpessoais.

Nos shows, a maior parte dos membros se fazia presente, de maneira em que, dado à alta periodicidade desses encontros, dificilmente um pequeno grupo de amigos não comparecia a todos, representado por pelo menos um de seus integrantes. As conversas sobre cada um dos eventos, prévia ou posteriormente, reforçavam a importância do comparecimento. As redes sociais e O Som da Tribo fortaleciam esses vínculos. Já os ensaios, guardavam características mais restritas, até mesmo pela limitação de espaço nos estúdios. Apenas os mais entusiasmados com a cena a ponto de externar o interesse pelos bastidores de uma banda, aprender a tocar, participar de grupos envolvidos na produção musical ou os mais próximos a essas pessoas reservavam tempo para participar, ainda que como silenciosos espectadores.

Este era o principal ambiente para se pôr em prática as estratégias de subversão dentro do campo: Se um membro da classe dominada (geralmente representada pelo público, que consumia os produtos desenvolvidos pela classe dominante, limitando-se a contribuir com sua presença nos eventos ou “passando adiante” as informações sobre a cena) desejava uma ascensão social (tornar-se membro de uma banda, auxiliar ou sócio em um estúdio ou, ainda, participar dos bastidores do Som da Tribo ou da produção de um evento), deveria arriscar-se, expondo suas ideias e iniciativas. Segundo Bourdieu (2003), isto se dá enquanto um sintoma de crise com a “doxa”, ou seja: uma insatisfação relacionada com as regras sociais pré-estabelecidas – e aceitas pelos membros do grupo – e sua posição social no campo. Ao se inserir em uma ação estratégica de “subversão” com tal objetivo, corre-se o risco de, caso se ultrapasse os limites de subversão existentes, sofrer a pena de exclusão por parte da sociedade do campo ou, utilizando a terminologia típica, era possível a uma pessoa, banda “se queimar” com a cena, sofrendo boicotes e outros efeitos da antipatia coletiva, como se verificou em alguns casos. A observância a determinada gama de valores caros à cena (à época, por exemplo, seria rejeitada uma banda que inserisse, em seu repertório, canções da axé music, criticasse publicamente certos ícones do rock, ou que demonstrasse uma postura considerada excessivamente arrogante, ou “poser”) era necessária para se evitar tal rejeição.

Através das entrevistas e vivências, mostrou-se claro ser, o Agosto de Rock, o evento-símbolo deste período, seguido de perto pelo Point do Rock e, não por acaso, a produção de ambos interseccionou-se em determinados momentos. Ao mesmo tempo em que o nome do radialista

Miguel Côrtes é citado espontânea e destacadamente por todos os entrevistados, as referências ao “Woodstock conquistense” também se revelam com clareza, representando um dos mais importantes marcos referentes ao rock local em sua totalidade. O evento de proporções até então inéditas realizado nos anos de 2001, 2002 e 2003, sempre no mês de agosto, trouxe elementos novos não apenas à cena rock conquistense, mas ao entretenimento musical local em geral. Uma festa de duas noites⁷¹ realizada em um espaço relativamente afastado da área urbana (o Sítio Viver⁷², nas duas primeiras edições, e o Rancho Uchôa⁷³, na terceira), com uma camiseta temática como ingresso (prática já comum em eventos de axé), área para acampamento, exposições, palestras e a colaboração dos próprios membros da cena.

Aí, eu fui e falei com Alan: “Alan, bora fazer uma festa, velho!”. Aí, ele: “ah, tem um senhor, Esmon, e ele faz o Rock in Roça⁷⁴”. Aí, eu fui conhecer Esmon e Beto Veroneze. Aí, pronto: a gente juntou com eles e criou o lance do Agosto de Rock. A gente não tinha muita noção do que fazer, mas ia fazer. A gente vendeu todas as camisas. Só tinha quinhentas camisas. Com dezoito anos, eu cheguei no sítio e falando: “porra, velho, eu tô fazendo uma parada dessa...”. Já cheguei sem camisa, porque eu já não tinha nem a minha camisa. Eu nunca tive a camisa do primeiro Agosto. Não sobrou. Foi um negócio tão fantástico, né, velho? Eu acho que é a cena que marca (a chegada no sítio no início do evento). Adão⁷⁵ sempre esteve presente, mas era um cara ocupado com coisas maiores. Já era um “superstar” das salas de aula, cara da mídia. A gente não: a gente tava fazendo uma festa de rock e só. Mas aí, Adão se aproximou, e onde Adão chega... O cara fala muito bem, aparece muito bem, né? A coisa acaba direcionando para o nome dele. Mas o começo foi bem isso aí: eu, Kaçula (Fábio Botelho), Beto Veroneze, Esmon Primo e Alan Kardek. (KAMIKAZE, 2020)

Neste trecho do relato, tem-se uma interessante demonstração da importância em se acumular capital social: a realização de um grande evento era tarefa de grande dificuldade, uma vez que os membros reais da cena não dispunham de capital econômico suficiente para grandes empreendimentos. Assim, ao se viabilizar relações de parceria, sobretudo com pessoas dotadas de grande quantidade de capital cultural no contexto local – como, no exemplo, as figuras de Alan Kardek, Esmon Primo⁷⁶, Beto Veroneze e Adão Albuquerque – a cena rock conquistense passava a

71 Três, na terceira edição.

72 Localizado entre o bairro Bem Querer e o anel rodoviário, área, à época, essencialmente rural (v. fig. XX).

73 Localizado às margens da rodovia BA-265 (Estrada da Barra).

74 Segundo COSTA (2020), entre as décadas de 1980 e 1990, “[...] o pessoal arranjava um caminhão, enchia de roqueiro e ia para uma roça. Fazia uma feijoada e cada um levava de casa um goró para tomar lá, geralmente uma bebida quente. Aí passava o dia. Quando dava umas cinco horas, voltava para casa. Era o *Rock in Roça*. Na falta de show, o pessoal botava sonzão e ia bater cabeça com som mecânico mesmo”.

75 Adão Albuquerque, conhecido professor, ator, apresentador e radialista na cidade, também eleito vereador em 2004.

76 Sobre Esmon Primo, v. FERNANDES, Cristina Leilane de Azevedo. **Cinefilia em Vitória da Conquista: Memórias de uma prática cinematográfica**. Orientadora: Milene de Cássia Silveira Gusmão. 2014. 141f. Dissertação

ter acesso a recursos externos, como o apoio do empresariado e meios de comunicação – em especial a TV Sudoeste, como veremos adiante. Essa capacidade, da cena rock, em acumular capital social mostrou-se, já em seus primeiros meses, fundamental para seu crescimento e consolidação junto ao campo cultural local. Podemos atribuir a isso, o acesso facilitado de seus membros a determinadas pessoas viabilizado pela relação escolar (Adão Albuquerque, por exemplo, é um dos mais conhecidos e influentes professores de Geografia da região e, portanto, enxergado como um agente de classe dominante de fácil acesso a um jovem roqueiro pré-universitário), bem como o capital simbólico atribuído a agentes como o radialista Miguel Côrtes, que forneciam, à cena, uma “chancela” de legitimidade.

A grande quantidade de shows e bandas de rock desde 2000 fez o tempo parecer passar mais rapidamente. A cena demonstrava o vigor suficiente para uma tentativa tão ousada, uma vez que não havia patrocinadores ou investidores do rock conquistense. Os próprios membros da cena, jovens em idade escolar, continuavam seguindo a filosofia do “faça você mesmo”, buscando por conta própria as parcerias e conhecimentos necessários ao “fazer acontecer”. Em 2001, o rádio e a televisão iniciavam, ao som de *Loteria da Babilônia*, de Raul Seixas, as chamadas para o maior evento de rock até então realizado na cidade:

Vai! E grita ao mundo que você está certo
Você aprendeu tudo enquanto estava mudo
Agora é necessário gritar e cantar Rock [...] (SEIXAS; COELHO, 2021)

A frase “agora é necessário gritar e cantar rock” se tornou um dos slogans do evento, presente em todo o material publicitário. Logo abaixo do logotipo, o segundo slogan, com uma frase remetendo à rebeldia e atitude típicas do rock n’ roll: “Se você não for... Azar o seu!”, também presente nas chamadas em áudio e vídeo, publicizadas no rádio e na televisão. Raul Seixas foi a personalidade homenageada, estampando cartazes, folders e a camiseta preta característica, contendo também o logotipo do evento, que passou a ser orgulhosamente incorporada ao vestuário comum dos roqueiros, sendo utilizada por anos a fio. A união – denominada 3x4 Produções – de pessoas com vivências, idades e diferentes níveis de envolvimento com a cena foi capaz de, em poucos meses, produzir o evento responsável por demonstrar à comunidade local o nível de seriedade, engajamento e consistência que, até então, parecia privativo dos grandes produtores, em especial os ligados à já consolidada micareta de Vitória da Conquista, realizada desde 1989 e

reconhecida nacionalmente como uma das mais importantes do país, sempre contando com grandes nomes da axé music e movimentando consistentemente a economia local, atraindo grande número de turistas.

A ideia de um festival ao estilo Woodstock somou-se ao jogo de palavras envolvendo o mês de agosto e o “gosto” por rock demonstrado pela cidade desde as décadas anteriores (KARDEK, 2022), incomum para os padrões e estereótipos referentes ao estado da Bahia, profundamente associado à musicalidade carnavalesca da capital. A primeira edição do festival apresentou doze bandas, entre locais e de cidades próximas (Poçoões, Jequié e Ilhéus), distribuídas entre os dois dias do evento e intercaladas com palestras em parceria com professores de história vinculados à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, bem como exibições de vídeos, espaço dedicado ao homenageado “rei do rock brasileiro”, áreas de convivência, alimentação e acampamento.

Muitos grupos se deslocaram a pé até as instalações do Sítio Viver, como era de praxe em eventos anteriores. Também fora disponibilizada uma linha especial de ônibus coletivo, partindo do terminal situado à Avenida Lauro de Freitas, no centro da cidade. Nesse período, a paisagem urbana em muito se diferenciava da atual: os bairros Inocoop I e II apresentavam um aspecto limítrofe da cidade, onde apenas a Estrada do Bem-Querido, com 4 km de extensão em asfalto sem sinalização, possibilitava o contato entre a cidade e a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, até então, rodeada por propriedades rurais. Atentos à dificuldade de acesso, os organizadores inseriram, ao verso do material publicitário, um mapa simplificado orientando sobre como chegar ao local:

Figura 05 – Material de divulgação do Agosto de Rock (2001).



Fonte: acervo pessoal do autor.

O sucesso do evento elevou a cena rock conquistense a um novo patamar perante a comunidade local, e, ainda, entre os próprios membros da cena, que percebeu ser digna não apenas de uma atenção secundária ou marginal, como se dera até então, mas o rock mostrou-se capaz de se autoafirmar enquanto um legítimo⁷⁷ nicho cultural. Nesse sentido, a cena, enquanto um campo social relativamente autônomo dotado de características, regras e pessoas dispostas a agir de acordo com as leis gerais dos campos propostas por Bourdieu (2003) em direção à luta e concorrência pelo monopólio das posições dominantes, também se enxergava como um “ente coletivo” em busca do reconhecimento de seu valor junto a outro campo, mais amplo, onde se inseria: o campo cultural local. Desde o início, a cena rock conquistense almejava e reivindicava seu espaço enquanto membro legítimo da comunidade cultural conquistense, lutando contra preconceitos e a marginalidade.

A cidade ainda não fazia parte do circuito de turnês de artistas do pop-rock nacional, salvo em situações pontuais, logo, eventos de grande porte eram quase sempre reservados a artistas da axé music, em geral, não interessando ao roqueiro, que se recolhia aos encontros de pequeno e médio porte, como a mencionada Festa da Babilônia, o Rock de Subúrbio e o Fest Rock, além de shows pontuais em comitês políticos ou nas instalações da universidade, produzidos pelos centros acadêmicos.

Após a euforia causada pelo Agosto de Rock, os membros mais ativos da cena passaram a almejar uma ampliação de horizontes, em busca de mais oportunidades de shows e a ocupação de mais espaços urbanos (estratégias de subversão e defesa da heterodoxia⁷⁸), como a tradicional micareta:

Eu ficava direto no pé de Gildelson⁷⁹, na prefeitura pra ele fazer um palco rock na micareta. O Palco do Rock foi graças à minha insistência. Não tô querendo tirar onda: só tô dizendo que fui lá várias e várias vezes. Eu falei: “Gildelson, eu organizo as bandas, todo mundo toca de graça o primeiro ano, mas bota um palcozinho lá com som, pra gente fazer o Palco Rock”, até que um ano ele reuniu Miguel Côrtes, o pessoal lá e fez. Aí, eu nem liguei. Falei: “não vou ficar falando que eu que fiz isso aqui, porque não sou político”, mas, graças a Deus, a minha ideia virou realidade. Então, eu via o Palco do Rock na micareta e ficava todo emocionado. “Tomara que isso cresça”. É que não depende só de mim. É um

77 Aqui, utilizamos, com certa dose de ironia, “legitimidade” como um “reconhecer” da existência do grupo enquanto grupo, tanto pela comunidade externa quanto por seus próprios membros, neste contexto, habituados ao descrédito. Este sentimento foi expresso musicalmente por um dos ícones do rock nacional das décadas de 1990 e 2000, a banda santista Charlie Brown Jr., na faixa *Não é sério* (álbum *Nadando com os tubarões*, lançado em 2000): “eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério / O jovem no Brasil nunca é levado a sério [...] Sempre quis falar / Nunca tive chance / Tudo o que eu queria / Estava fora do meu alcance [...]” (BROWN JR., 2003).

78 BOURDIEU, 2003, p. 121.

79 Gildelson Felício de Jesus, então Coordenador de Turismo e Eventos do Município.

movimento. Eu batia na porta de Elvis⁸⁰, batia na porta de Massinha⁸¹, batia na porta de todo mundo. Eu enchi o saco de muita gente. (COELHO, 2020)

A micareta de Vitória da Conquista, apelidada de Miconquista, tornara-se um importante elemento turístico que contava com as mais importantes atrações da axé music desde sua fundação, em 1989, através de blocos como Massicas, Esecutivos e Tôa Tôa – instituições dominantes, dotadas de grande acúmulo de capital cultural e econômico, além de outros de menor porte e trios elétricos “sem corda”, financiados totalmente pelo Município e que percorriam todo o percurso da folia após a passagem dos blocos tradicionais, geralmente com bandas locais. A vantagem em um “carnaval fora-de-época” estava na ausência de competitividade com a capital e outras cidades do estado durante o carnaval. Assim, era possível trazer à cidade as atrações mais requisitadas do momento, como Chiclete com Banana, Daniela Mercury, Asa de Águia, Ivete Sangalo, Cheiro de Amor, Timbalada, dentre uma gigantesca lista de artistas, em sua maioria advindos da capital. A realização da Miconquista demandava um enorme esforço público e privado, tornando-se o período mais esperado do ano.

Em 2002, é disponibilizado pela prefeitura municipal, com membros da organização do Agosto de Rock na produção, o primeiro Point do Rock, situado à Rua Lions Club, em um ponto afastado do circuito dos trios. Na lista de bandas, várias coincidências com a do festival, sobretudo entre as conquistenses. Juntamente às proporções dos eventos, crescia também o prestígio das bandas escolhidas, que se consolidavam entre o público e os produtores enquanto principais bandas da cidade, bem como se fortalecia as cenas interlocais, em especial a formada entre as cidades de Vitória da Conquista e Poções, através da banda 5 Contra 1, uma das poucas a apresentar composições próprias e postura profissional, constituindo presença quase obrigatória nos principais eventos a partir de então.

80 Elves Neri de Oliveira Leite, proprietário do Bloco Tôa Tôa.

81 Pedro Alexandre Massinha da Rocha Jardim, proprietário do Bloco Massicas.

Figura 06 – Material de divulgação do Point do Rock (2002).



Fonte: acervo pessoal do autor.

O reconhecimento da cena rock, enquanto elemento cultural “válido”⁸², pelo Poder Público Municipal é particularmente simbólico, demonstrando os resultados das lutas pela autoridade legitimada promovidas pelos agentes dominantes do campo do rock local (BOURDIEU, 2003). Dessa forma, de uma movimentação encabeçada por jovens considerados sem capital cultural relevante, o rock conquistense demonstra, à sociedade como um todo, sua força transformadora, não mais se limitando a espaços privados restritos e “escondidos” (nesse sentido, isto se dará de forma mais explícita a partir das edições posteriores do Palco, quando situado à Praça da Normal), mas conquistando e modificando espaços urbanos à sua imagem, tornando-os simbólicos.

O material de divulgação do primeiro Point do Rock explicitava a relação direta com o Agosto de Rock – evidenciando a necessidade de uso do capital social pertencente às pessoas da “classe dominante” da cena para a luta subversiva pela ascensão social junto ao campo mais amplo – enquanto instigava o público: a micareta aconteceu em abril, mas já trazia as datas da segunda edição do festival, como se nota à Figura 05.

82 Aplica-se, aqui, o mesmo disposto à Nota de Rodapé 78.

O evento na rua inseriu a ideia de ser possível tornar a micareta mais diversa, envolvendo não apenas o público do axé. O Point do Rock mostrou-se tão revolucionário quanto o festival privado que o antecedeu. Um elemento extra ainda foi inserido: a música eletrônica. A Orion Music Company, grupo formado por roqueiros do bairro Petrópolis, pertencentes às bandas MPBlues, Green Land Metal e Retilínea, realizou, ainda, uma *rave*⁸³ em local próximo ao circuito da folia, consolidando a ideia de diversidade musical da festa. O Point do Rock, que fora inspirado pelo Agosto de Rock, desta vez devolvia influência: a partir de então, todos os festivais seguintes, incluindo o Festival de Inverno Bahia, adotaram o conceito de “tenda eletrônica”.

A Orion foi assim: Tem um *brother* da gente, DJ. Bizarão. Ricardo Bizarão. Mora no Arraial D’Ajuda há muito tempo. A primeira vez que fui em Arraial foi em 98. Fui com a galera e tive contato com a música eletrônica que, na época, chamavam de “techno”. Tive contato com algumas coisas, comecei a gostar. Aí, os caras começaram a ir pra Porto (Seguro) também, pra trabalhar. Pintar camisa, essas coisas. Quando os caras voltaram, começaram a empolgar com essa coisa do LSD e da música eletrônica. Voltaram pra Vitória da Conquista e não tinha música eletrônica na cidade. Tinha algumas pessoas que, na época eram chamadas de “clubbers”. Poucas pessoas. Tanto que no primeiro Agosto de Rock não teve tenda eletrônica. Em 2002, rolou aquela Orion na micareta que, por sinal, deu prejuízo. No Agosto de Rock desse mesmo ano, os caras meteram uma tenda eletrônica. Quem tocou foi Bizarão e DJ Robertinho. E a gente fez algumas outras festas, porque, naquela época, a música eletrônica... A galera tava começando a perceber... Todo mundo usando droga, começando a usar LSD. E a gente ia sempre a Porto Seguro. Fizemos essa, depois naquela boate Taj Mahal, que era itinerante. Vinha aqui de vez em quando. Montou, se não me engano, ali na rua da Movei, no fundo da Normal⁸⁴. Tinha um monte de evento ali. (FONSECA, 2020)

O segundo Agosto de Rock repetiu o sucesso, o local e a identidade visual: a diferença mais marcante era a troca da imagem monocromática de Raul Seixas pela da cantora Janis Joplin, homenageada da vez. A seleção das bandas se deu através da audição de CDs contendo gravações das bandas candidatas – significando uma chance de uma banda novata tocar – e da reserva de uma vaga para a banda vencedora de uma disputa na segunda edição do Rock de Subúrbio, realizada na sede da Associação de Moradores do bairro Jurema. Subiram ao palco mais de vinte bandas, incluindo as já consideradas veteranas 1 em Pé 2 Alados e Renegados, que fizeram o encerramento da primeira e segunda noite do evento, respectivamente, já inseridas ao “cast” do Agosto de Rock e,

83 Festa de longa duração (acima de 12 horas) voltada à música eletrônica, geralmente realizada em locais afastados da zona urbana, como sítios ou galpões. Simultaneamente à execução musical pelos DJs (disc jockeys), há, ainda, performances artísticas, como pirofagia e grafiteagem, em meio ao público. (MAUX; MENEZES; FERRAZ, 2009, p. 2)

84 Rua Waldemar Sá Pôrto, onde há uma grande área vazia e aberta, junto aos terrenos correspondentes ao INSS e o Instituto Educacional Euclides Dantas (Escola Normal).

portanto, não participando da disputa. Além da seletiva, houve mais premiações, de acordo com as observações de um júri:

Para o Agosto de Rock II, eles falaram: “cara, estão selecionando. Tem que mandar música pra eles, gravada”. Falei: “música gravada?” (Nessa época) ninguém tinha nada. Tulio⁸⁵ gravou a base num gravador de som ou algo assim, plugou a guitarra e gravou *Flight of Icarus*⁸⁶. Gravou o solo... Acho que nem teve baixo. Falou: “Bruno, agora canta aí”. Fui pra casa de Tulio, gravei ali, tudo em uma tomada só. Mandou, a gente foi selecionado e tocou no Agosto de Rock II. Teve o Rock de Subúrbio. Eram vinte e três ou vinte e quatro bandas, pegando o sudoeste baiano aí. Eu sei que ganhei como melhor intérprete. Eu acho que tinha três categorias: melhor banda, melhor intérprete e melhor instrumental, alguma coisa assim. Aí, como instrumentista, eu não lembro quem ganhou. Foi uma preliminar pro Agosto de Rock II. (MAIA, 2020)

O segundo Agosto de Rock contou com a presença de bandas da edição anterior, bem como de participantes do Rock de Subúrbio, além de bandas de Salvador, Jequié, Ilhéus e Poções, cidade sempre representada pela 5 Contra 1, presente tanto na primeira edição quanto no Rock de Subúrbio, Point do Rock e inúmeros outros eventos, nas duas cidades, atuando como um robusto e amigável elo entrecenas. A estrutura e opções de entretenimento expandiram-se, incluindo, pela primeira vez, a Tenda Techno – ou Tenda Eletrônica –. Assim como no ano anterior, o festival consolidou uma categoria de “bandas de primeira linha” da cena conquistense, consideradas como as mais profissionais, experientes e desenvolvidas, seja pela (rara) presença de músicas autorais – A Renegados e a 5 Contra 1 como maiores representantes –, músicos considerados veteranos (a banda 1 em Pé 2 Alados, por exemplo, tinha como integrantes os mesmos membros da ÑRÜ, banda autoral de grande importância na década de 1990) ou pela competência artística (A Sigyn, mesmo novata, rapidamente enquadrou-se entre as consideradas melhores bandas da cidade). Não raro, uma banda acumulava todas os atributos.

Neste sentido, temos um grande exemplo de agentes dotados do que Bourdieu (2003) denomina “capital específico”: dentro do campo – a cena rock conquistense – essas bandas enxergadas pela coletividade como “principais” tinham maior facilidade para impor sua autoridade às novatas, conseguindo mais espaços para apresentação, atraindo maior público para os eventos em que participavam e, com isso, atender aos anseios e interesses típicos de sua atividade dentro do campo social: o objetivo de uma banda novata era alcançar o status social de uma banda veterana, sendo o mais próximo possível de um “mainstream” que se poderia chegar, no contexto local. Para além dos limites do campo, entretanto, esse capital específico ainda não seria capaz de arcar com

85 Marcos Tulio Pereira, jornalista, então guitarrista da banda Sigyn.

86 Canção da banda inglesa Iron Maiden.

uma “taxa de conversão”, como verificaremos posteriormente, ao tratar do Festival de Inverno Bahia, o que, adiantando-nos, confere à cena rock um aspecto sempre “alternativo” ou “marginal” em relação às culturas musicais dominantes na cidade e região, como o forró, o axé e demais gêneros musicais “de massa”, ainda que Vitória da Conquista conquiste, gradativamente, o status de “cidade do rock” na Bahia e no nordeste do país.

Figura 07 – Poster do Agosto de Rock II (2002)



Fonte: acervo pessoal do autor.

Neste ponto, gravar músicas próprias em estúdio ainda era inacessível à maioria. Em Vitória da Conquista já haviam membros da cena em tentativas de “home studios”, destacando-se o Radioative Hippies, de propriedade de Ruckson Luz⁸⁷, montado aos fundos da residência de seus pais, no centro da cidade. Por lá passaram diversas bandas que, em busca do registro fonográfico de suas composições, somado à confiança e o vínculo de amizade com o músico, que cobrava valores simbólicos pelo trabalho, criaram os primeiros fonogramas do rock local produzidos na própria cidade, que já “nasciam” com as portas do rádio abertas, através do Som da Tribo.

Era uma coisa pra ser diferente mesmo. Minha ideia era: “bicho, a gente vai gravar a guitarra? Vai? Agora, a guitarra vai ser suja. O som da guitarra é sujo, porra! Cê quer gravar com metrônomo? Cê sabe gravar com metrônomo? Não? Então bora sem metrônomo mesmo. Tu sabe gravar como? Sua banda sai boa como? É ao vivo? Bora, deixa eu ver aí no seu ensaio. Quer gravar ao vivo? Então bora gravar ao vivo”. A ideia era essa, bicho. Eu fazia a gravação pros caras, mas só pra não falar que é de graça, eu cobrava cem reais. Se o cara falasse: “pô, bicho, cem reais tá caro. Faz cinquenta pra mim. Tá bom. Cinquenta. Bora gravar”. Era mais assim, o gosto de poder participar, de poder ajudar de alguma coisa. Eu achava que podia participar de alguma forma dessa cena, de fazer crescer. (LUZ, 2020)

87 ÑRÜ, 1 em Pé 2 Alados, Esqueleto, dentre outras bandas.

A sonoridade das gravações desse período era considerada insuficiente para atender ao mercado *mainstream* e seria facilmente superada pelos estúdios da década seguinte, mas, naquele momento, foi capaz de fortalecer o rock conquistense, consolidando bandas ao “status” de “bandas de primeira linha” (capital simbólico). O público, em posse dos CDs e arquivos mp3 de bandas locais, aprendia e cantava as letras de bandas como a Renegados em voz alta nos shows. No rádio, o reforço semanal através das ondas da 96 FM, com Miguel Côrtes realizando entrevistas, lançamentos e fomentando pessoas a comparecer aos eventos, criar novas bandas, apoiar as já existentes e reivindicar o espaço do rock na cidade de Elomar, Xangai e uma das mais famosas micaretas do país.

Figura 08 – O repórter Beto Boaretto na cobertura do Agosto de Rock II pela TV Sudoeste (2002)



Fonte: <https://youtu.be/ffFzgT31xnM> (reprodução).

Em abril de 2003, acontece o segundo Point do Rock, desta vez não em um ponto “escondido” às margens do circuito oficial, mas no local onde o roqueiro estava familiarizado: a Praça Guadalajara, em frente à Escola Normal e à entrada da concha acústica do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima, a esta altura o espaço mais utilizado para eventos de rock. O Point do Rock foi posicionado em um ponto nobre do circuito: ao lado de onde se reuniam os blocos para o início da folia. O rock se posicionava, literalmente, cara a cara com o axé, anunciando as vitórias da cena em sua luta por espaço e reconhecimento. Era possível, por exemplo, na praça, olhar para a esquerda e assistir Margareth Menezes na Rua Siqueira Campos, arrastando uma multidão para um longo percurso que terminaria horas depois na rua Vivaldo Mendes, logo abaixo e, voltando o olhar

à direita, assistir ao primeiro show, no Point do Rock, da novata banda punk Cama de Jornal, que entrou para a lista de atrações de última hora, através da influência do Som da Tribo:

No início, Miguel tinha anunciado que sortearia nosso CD para os ouvintes. Ele era o responsável por atender as ligações, e não conversamos mais durante aquela música. Em seguida, Miguel voltou ao ar, falamos mais sobre a Cama de Jornal, e ele perguntou se ia ter algum show de lançamento. “Por enquanto não temos nada programado em relação ao show de lançamento, a gente estava esperando o resultado da seleção para o Point do Rock, mas não fomos selecionados”, expliquei. “Mas vocês se inscreveram na prefeitura?”, perguntou Miguel. “Sim”, respondi. “Como uma banda que tem um CD desse não é selecionada para o Point do Rock?”, questionou no ar Cebolinha Quadros⁸⁸. “Eu queria que o pessoal da prefeitura entrasse em contato aqui, ou algum dos organizadores do evento, para nos explicar o que foi que houve. Qual o critério de avaliação das bandas nessa seleção?”, Miguel provocou. [...] Durante a música, o telefone não parava. A maioria era pedindo música de outros artistas, alguns pedindo o nosso CD. Mas teve uma ligação que demorou um pouco mais. A música terminou rápido, e Cebolinha voltou ao ar. Falou sobre o nosso CD que estava sendo lançado naquele momento. Miguel então perguntou: “vocês não vão tocar no Point do Rock?”; “Não, Miguel”, respondi de novo. “Vocês vão tocar no Point do Rock!”, Miguel afirmou e continuou. “O pessoal da organização estava ouvindo o programa, e decidi incluir vocês na programação do evento”. [...] Eu já sabia da força do programa na cidade, mas não imaginava que seria capaz de fazer coisas como essa. Incluir-nos em uma seleção que a gente tinha sido desclassificado. (TOSCO TODO, 2019, p. 123-5)

O relato acima explicita uma das primeiras e poucas vezes em que um capital simbólico, específico do campo do rock conquistense, foi capaz de, suportando a “taxa de conversão” (BOURDIEU, 2003) de um campo para outro e rompendo com a ortodoxia pré-estabelecida, converter-se em capital cultural além do campo: o Poder Público, à época ainda pouco familiarizado com as particularidades do microcosmo do rock, pressionado pela iniciativa de um agente dominante dentro do campo – O radialista Miguel Côrtes, conhecido não apenas dentro da cena, mas no campo das comunicações local, inclusive com experiência de cobertura de micaretas no rádio – mudou as regras do jogo “no calor do momento”, inserindo, através de uma iniciativa externa, provocada pela ação do agente interno, a então novata banda Cama de Jornal ao disputado “cast” do Point do Rock. Aqui, ainda, há uma demonstração do valor enquanto capital cultural atribuído à gravação da música autoral e sua publicação sob a forma de fonograma. A frase “Como uma banda que tem um CD desse não é selecionada para o Point do Rock?” é reveladora nesse sentido, sugerindo que, àquele momento, uma banda com trabalho autoral registrado, por si só, ainda que recém-inserida ao “jogo”, já seria dotada de atributos suficientes para um posicionamento junto às veteranas do rock conquistense, o que se consolidará de forma mais evidente no período

por nós denominado “consolidação” da cena – Seção 4. A partir daqui, não apenas a experiência seria considerada capital cultural, mas a produção artística materializada.

Em 2003, após o segundo Point do Rock, a sensação era a de que a cena rock crescia a passos largos. A quantidade de eventos, bandas e espaços ocupados era motivo de orgulho para a cena. Na micareta, além do palco dedicado, houve, ainda, um trio elétrico da prefeitura com a banda Excalibur e um com a MPBlues, em dias alternados, percorrendo parte do circuito oficial. “Pela primeira vez no mundo, uma banda de blues tocou em um trio elétrico durante uma festa onde predominam outros ritmos”, disse o gaitista Diro Oliveira, em entrevista ao jornal Cultura Jovem (2003b), demonstrando, mais uma vez, as vitórias da cena em busca de espaço cultural na cidade. Ambas as pioneiras bandas, representando, respectivamente, o rock e o blues, apresentaram-se em trio elétrico por duas vezes na micareta. Já não era mais possível caminhar pelo centro da cidade sem se deparar com um grupo de camisas pretas que começava a diversificar as cores do vestuário. O próprio circuito da festa passaria a conviver, entre os multicoloridos abadá dos foliões, com os “uniformes” pretos, característicos dos roqueiros.

Além da tradicional loja Rock Express, pequeno estabelecimento “escondido” em um prédio comercial ao centro da cidade, foi inaugurada a Drops, situada ao Shopping Conquista Center, de propriedade do casal Vitor e Nani⁸⁹ Kamizake, que comercializava também artigos de fabricação própria com temática rock:

[...] Tinha umas camisas que eu queria comprar e, porra! Tudo era preto, preto, preto. Aí, eu falei: “pô, não! Preciso de umas camisas coloridas”. Acho que isso começou a destruir o movimento também, essas camisas coloridas. A gente começou a vender calça xadrez, camisa colorida... Aí veio esse movimento “indie rock”. Acho que foi o que mais destruiu. Destruiu não, né? Diferenciou a cena. Deixou a cena diferente do que era antes. A gente é chato, né? Porque, às vezes não tem ninguém com camisa preta, e aí você se incomoda porque tá todo mundo colorido. Esse lance de querer ser único, aí todo mundo começou a querer fazer alguma coisa. E aí, acho que foi isso que produziu muita coisa ali. Muito show, né, velho? Muito show... (KAMIKAZE, 2020)

A cena experimentava, pela primeira vez, uma injeção de autoestima enquanto movimento cultural. Não eram raros os comentários sobre não-roqueiros que buscavam comprar as camisas dos eventos, em especial do Agosto de Rock, para o uso, socialmente, personificando uma tentativa de “pagamento da taxa de conversão de capital” entrecampos, o que não era bem-visto na cena, sendo considerada uma estratégia de subversão que extrapolava os limites de possibilidade impostos pela

89 Flávia Fernanda Santos, entre inúmeras participações, cedeu sua casa para a realização da primeira Festa da Babilônia (2001), mencionada anteriormente.

“doxa” e aceitos pelos agentes do campo (BOURDIEU, 2003), conforme vê-se à Figura 09, em charge publicada no jornal independente Outras Cabeças à época. Uma pessoa que usasse a camisa da primeira edição ostentava a aura de “roqueiro raiz”, uma espécie de veterano da cena, desde que reconhecido no grupo enquanto membro. O objeto já era considerado simbólico e de grande valor alguns dias após o evento. As novas tendências estéticas refletiram no festival: a terceira edição mudaria drasticamente a identidade visual, do logotipo ao estilo e material da camisa-ingresso. Agora havia a opção branca, em maior quantidade, ou vermelha. O homenageado seria o pernambucano Chico Science, mas não se via sua imagem em peças de divulgação e nas camisetas.

Houve, ainda, a realização de uma “prévia” da terceira edição, na Concha Acústica do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima, com algumas das veteranas atrações da região, funcionando com uma cerimônia de apresentação da terceira edição do festival. O local foi alterado para o Rancho Uchôa, com dois palcos, e a festa teria um dia a mais. A grande novidade era a presença de uma banda de renome nacional, a Tihuana (São Paulo). Como era de praxe, o evento contou com a Tenda Eletrônica, exibição de filmes, estandes, palestras, além de uma grande piscina, linhas diretas de ônibus coletivo e a cobertura da TV Sudoeste, afiliada da Rede Globo na região. O crescente interesse do universo *mainstream* com o rock, a esta altura, dividia as opiniões do *underground*.

O lance da TV Sudoeste é o seguinte: em 2003, eles fizeram uma proposta pra comprar o Agosto. A ideia, na época, era trazer o Ira!, e a gente teria uma microparticipação na bilheteria, mas acabou não rolando porque a gente achou que dava pra ser grande sem a TV. E aí, eu tava na UESB, fazendo o curso, tava trabalhando de novo o dia todo, e o pessoal sugeriu que eu e Kaçula ficássemos de fora do Agosto. Aí, ficou com Esmon, Alan e Adão. Eu sou muito desapegado com as coisas, e falei: “massa, velho. Toquem aí”. Mas foi a melhor coisa. A vida sempre me ajuda, né? Quando a gente acha que tá tudo errado, dá super certo porque, naquele ano, acho que foi mais de trinta mil (de prejuízo), velho. O que era pra ganhar, fazer uma parceria com a TV e ser o início do Festival de Inverno, foi um prejuízo. A galera se fodeu. Eu e Kaçula, acho que cada um ganhou sete camisas. (KAMIKAZE, 2020)

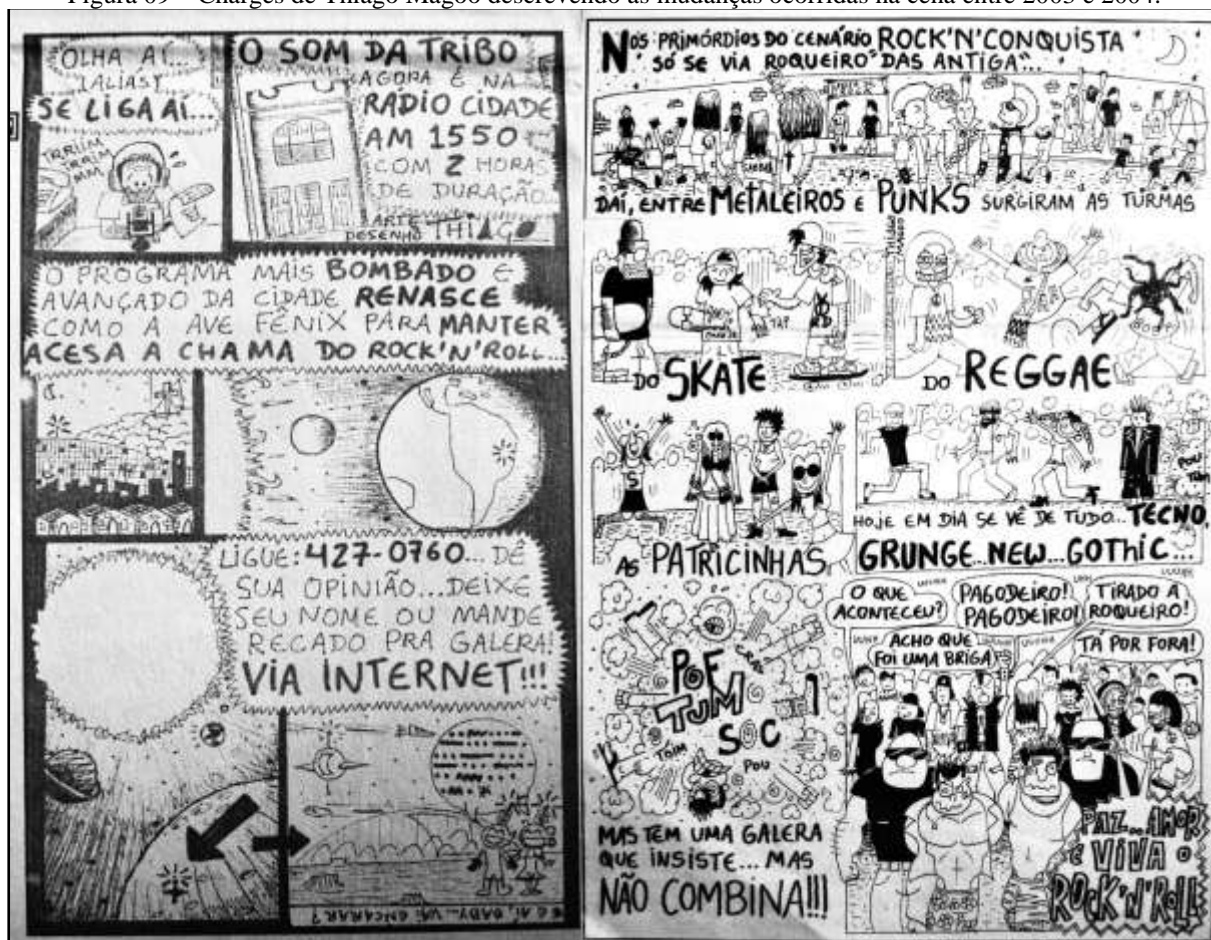
Prejuízos sempre foram presentes no rock conquistense, em todos os períodos. Ainda que muitos eventos tenham sido produzidos com o objetivo de arrecadar fundos para alguma causa importante, pessoal ou não, é uníssono entre os produtores que o lucro era artigo raro. O Agosto de Rock enfraqueceu-se com o prejuízo, reflexo de uma complexa reunião de fatores. A arrecadação de bilheteria não foi suficiente para cobrir os gastos, e 2003 foi o ano da última e mais controversa edição do festival. Apesar da grandiosidade do evento, foi a edição mais criticada negativamente. O público *underground* mostrou-se incomodado com o rápido crescimento e descaracterização,

sobretudo estética. Houve, até o ano seguinte, uma explícita intenção de realização de uma quarta edição, pelos organizadores, inclusive através de entrevistas a blogs e aos jornais alternativos, produzidos por membros da cena, como o Cultura Jovem, que dedicou uma edição à cobertura do evento, com entrevistas, resenhas e informações extras. Alan Kardek Silva, um dos organizadores, avalia o evento em entrevista ao jornal:

O grande marco do Agosto de Rock 3, além dos shows, foi a estrutura do evento, apostar em três dias para o festival e fazer em um novo local. Isso tudo veio mostrar que o Agosto de Rock dá certo, é uma ideia que funciona. É claro que todo esse sucesso se deve ao público daqui e as pessoas que vieram de vários lugares da Bahia e de fora do estado, que acreditaram no evento, souberam se comportar e entenderam os problemas que aconteceram, por exemplo, durante o show do Tihuana o som foi desligado (um problema de responsabilidade dos próprios técnicos da banda), e a galera deu uma demonstração maravilhosa cantando a música inteira que estava rolando antes do som parar, sem acompanhamento nenhum. Gostaria de registrar também a paz que reinou nos três dias. Não houve registro de uma só briga, o sítio ficou do mesmo jeito que estava antes do evento, nenhum vidro foi quebrado. [...] Para 2004 pretendemos fazer um evento maior ainda, mas isso só será possível se de fato o empresariado de Conquista acreditar na força do evento e nos apoiar. (CULTURA, 2003b, p. 4)

O fato, porém, é que nunca houve uma quarta edição do Agosto de Rock. A cena, neste momento, enfrentava uma crise de identidade. Os shows passaram a se tornar foco de brigas e vandalismo, afastando membros e criando obstáculos, como a proibição de eventos de rock na concha acústica do Centro de Cultura, em resposta ao vandalismo já recorrente, e reclamações advindas da vizinhança. Em paralelo, devido a uma disputa judicial entre familiares proprietários da 96 FM, O Som da Tribo foi retirado da programação, em 27 de setembro do mesmo ano, gerando revolta e ainda mais confusão dentro da cena. Em 1º de novembro retornaria ao ar, através da Rádio Cidade AM (1550 kHz), novamente aos sábados, das 18h às 20h, com transmissão simultânea pela internet. Tempos depois, após a resolução do conflito judicial, retornaria à 96 FM, sendo transmitido simultaneamente nas duas frequências, até o falecimento de Miguel.

Figura 09 – Charges de Thiago Magoo descrevendo as mudanças ocorridas na cena entre 2003 e 2004.



Fonte: Outras Cabeças, 2003b (esq.); 2004 (dir.).

Apesar dos sinais de desgaste da cena, em 2004 houve mais uma tentativa de festival ao estilo Woodstock. O Rock Vertente, produzido pela Orion Music Company, aconteceu em 13 e 14 de novembro, como uma releitura aperfeiçoada do Agosto de Rock. As semelhanças visuais e conceituais não escondiam a intenção de se tornar o sucessor do famoso festival. O local escolhido foi o Sítio Viver, palco das duas primeiras edições do “Agosto”, local que remetia a memórias afetivas de pelo menos dois anos, tempo suficiente para nostalgias e saudosismo, em um contexto de tantas rápidas transformações na cena desde 2000. A Tenda Eletrônica se fazia presente, desta vez produzida pelos que introduziram o conceito na cidade. Como o evento foi produzido por músicos, atentos às demandas e falhas dos eventos de rock locais, bem como aos baixos cachês e precariedades enfrentados pelas bandas desde sempre, a equipe esforçou-se em oferecer uma estrutura de satisfatória aos artistas, bem como um equipamento sonoro de alta qualidade. A ideia era reunir músicos independentes de toda a região, ainda que não necessariamente do rock, desde que não se distanciando demais estilisticamente. A divulgação contou com o apoio do Som da

Tribo, com locução de Miguel Cortes, estande na praça Barão do Rio Branco, carro de som e jingle⁹⁰ exclusivo, composto por Diro Oliveira⁹¹ e cantado por Weldon Borja⁹² e Magna Cristina⁹³:

A mistura do som
Blues, reggae, rock, jazz, eletrônico
Um sentimento, uma nova emoção
Várias maneiras de dizer
Qual é a sua?
Rock Vertente (ROCK⁹⁴, 2021)

A divulgação do Rock Vertente também levou alguns dos artistas convidados a campo, para miniapresentações em diversas escolas da cidade, nos horários de intervalo, com a presença massiva dos estudantes. O evento era apresentado e panfletos distribuídos enquanto uma banda tocava ao pátio. Também havia o apoio da mídia local e diversas colaborações na produção. Boa parte da produção, como identidade visual, elementos de decoração, a serigrafia das camisetas, que também serviam de ingresso para o evento, performances de pirofagia e outros detalhes, foi executada pela própria equipe, com vasta experiência no “faça você mesmo”.

Era tudo a gente que fazia. Tem pintura, essas coisas, quem fazia era a gente. Diro conseguia o patrocínio dos panfletos, e o resto a gente tacava mão. [...] Ele conhecia Elvis, do Tôa Tôa. Então, aquela estrutura toda foi conseguida na mão de Elvis. Conseguida assim, né? Diro conseguiu pra pagar. A gente fez umas contas, levando em consideração o Agosto de Rock. Se a gente tivesse um público mínimo, pagaria o negócio sem problema. E a ideia também foi colocar uma estrutura legal, porque onde a gente tocava, normalmente, você sabe disso, era tudo caótico, caindo aos pedaços; Ai, Diro falou: “ó, tem que pagar um cachê legal pras bandas e ter uma estrutura legal”, tanto que a estrutura do Rock Vertente foi a melhor até então, porque era a de show do Tôa Tôa. Só que quando a gente fez o evento, o público não foi. Ali foi um prejuízo de dez mil conto, naquela época... A ideia do Rock Vertente era justamente não precisar trazer uma atração grande, mas tentar valorizar aquilo que tá aqui na região, com um equipamento legal, uma estrutura massa. Só que não deu, véi. O público não veio. Eu não sei se naquele momento ali esse movimento do rock já estava começando a se deteriorar, né? Na verdade, foi isso. Deu pra perceber, no Agosto de Rock 3. Dali já se percebia que o negócio baixou. E de lá, a derrocada. Evento foi só caindo, até chegar naquele momento de 2009, 2010, que as bandas autorais começaram. O intervalo foi, mais ou menos, entre 2005 e 2008, três anos direto. (FONSECA, 2020)

90 Música publicitária.

91 Gaitista, flautista, vocalista e líder, à época, da banda MPBlues. Produtor, fotógrafo, designer e um dos principais membros da Orion Music Company.

92 Cantor, guitarrista e compositor, mais conhecido por seu trabalho à frente da banda Zé dos Cafés, dentre muitos outros. Um dos entrevistados para esta pesquisa, atualmente prefere utilizar o pseudônimo Weldon França.

93 Cantora local, atuante especialmente nos gêneros axé music e MPB.

94 Ouça em: <https://youtu.be/LmxvUWpDcLg>.

Com o fracasso do Rock Vertente enquanto empreendimento, parecia evidente o desgaste da cena. Em 08 e 09 de maio de 2004, porém, quando ainda pairava a dúvida sobre o fim ou continuação do Agosto de Rock, aconteceu um dos eventos mais simbólicos do rock conquistense da década de 2000: o Conquista Rock Festival, resultado da união de três produtores locais: Gilmar Dantas (Caso à Parte Produções), Ronny Voxx (banda Dezoito 21) e Dau Tanan (Cover Rock), todos do lado oeste da cidade, sob a marca Dreams Produções. O evento de dois dias no espaço da concha acústica do Centro de Cultura foi pioneiro em relação ao engajamento digital. A produção lançou uma página na plataforma on-line Blig, espaço gratuito para a criação dos blogs⁹⁵, nova “sensação do momento”, tema de diversas reportagens na televisão, sobre uma nova e moderna forma de expressão utilizada pelos jovens, como uma espécie de mural virtual, onde textos diversos eram expostos, com a possibilidade de qualquer pessoa publicar comentários, em resposta. O portal IG⁹⁶ oferecia uma das plataformas mais amigáveis da época, com a possibilidade de escolha de “templates”⁹⁷ e outras formas de customização: o Blig, utilizado por considerável parcela dos jovens roqueiros conquistenses e até mesmo bandas.

95 Deriva dos termos, em inglês, “web” (rede) e “log” (diário). Página na internet atualizada periodicamente com textos de um ou mais autores, que aparecem de forma cronológica inversa (mais recentes primeiro). Geralmente utilizada como forma de expressar-se individualmente ou, ainda, como uma alternativa mais barata para equipes publicarem as novidades sobre seus projetos. Geralmente, o uso dessas plataformas é gratuito e permite a personalização visual da página. Atualmente, as mais utilizadas são o Blogger e o Wordpress.

96 À época, abreviação para Internet Gratuita, sendo alterado, posteriormente para Internet Group.

97 Template (tema), é uma estrutura visual utilizada como base para páginas na internet, apresentações de slide, dentre outros. O template define a disposição dos objetos na tela, bem como padrões de cores, fontes e todos os demais elementos perceptíveis visualmente pelo usuário. Em geral, plataformas de blog fornecem um rol de templates temáticos pré-fabricados e facilmente instaláveis. Também existem sites especializados no fornecimento de modelos de templates produzidos por pessoas em todo o mundo, em versões gratuitas ou pagas, compatíveis com as mais diversas plataformas.

Figura 10 – O blog do Conquista Rock Festival (2004).



Fonte: <https://web.archive.org/web/20040414130626/http://conquistarockfestival.blig.ig.com.br/>.

O endereço *conquistarockfestival.blig.ig.com.br* tornou-se, rapidamente, um dos mais acessados da cidade. As primeiras postagens traziam uma rápida explicação sobre o evento e o funcionamento do próprio blog. Em seguida, foi criado um *post*⁹⁸ para cada uma das bandas escaladas, contendo o *release*⁹⁹ fornecido. Assim, era possível postar qualquer comentário a respeito, no espaço de cada atração. Os jovens roqueiros compareceram massivamente, tecendo desde elogios a pesadas críticas, que eram respondidas rapidamente por outros internautas, concordando ou discordando, amigável ou agressivamente. O primeiro post do blog, explicativo, é datado de 21/03/2004. Até a data posterior ao evento, uma gigantesca – para os padrões da época – quantidade de comentários foi publicada, gerando grande repercussão e fornecendo uma notável amostra do que seria o universo dos eventos musicais dali em diante. Nesse período, o conceito de “rede social” ainda era gradativamente construído no imaginário geral, através dos blogs, o Orkut e comunicadores como o MSN, ICQ e mIRC.

Foi a melhor coisa pro festival, porque facilitou demais a divulgação. A cena só presta quando tem treta. E ali tinha muita. Miranda¹⁰⁰ falava muito nisso: quando tem treta é bom pra cena. Alguém começa a falar mal do outro, não sei o que, tal, tal, tal... Isso chama a atenção. Então, repercutia muito. Era a divulgação que a gente tinha. A gente ficava puto, né? “Pô, quem é esse tal de Messias que tá esculhambando o nosso evento?”, mas depois que passou, a gente foi ver: “pô,

98 Postagem, publicação, na terminologia comumente utilizada no ambiente virtual.

99 Texto de apresentação contendo informações como estilo musical, integrantes, período em atividade e principais participações em eventos e produções.

100 Carlos Eduardo Miranda (1962-2018), produtor musical conhecido por trabalhos com grandes nomes da música brasileira.

aquilo ali fez um bem tão grande pra divulgação do evento”... Foi massa pra caramba. (DANTAS, 2020)

O sucesso do evento viabilizou uma segunda edição em 28 e 29 de maio de 2005, utilizando o mesmo blog, oferecendo, ainda, a possibilidade de o próprio público eleger duas das bandas que integrariam a grade de atrações. O espaço escolhido foi a boate LZ-129¹⁰¹, que passou a abrigar diversos eventos de rock, à época, inclusive com nomes de renome nacional, como Biquini Cavado (2003) e Los Hermanos (2005).

2005, além de marcar o início de uma fase de dispersão da cena, onde os eventos se tornaram cada vez mais escassos, em comparação aos anos anteriores, concentrando-se, novamente, em eventos de pequeno e médio porte, destaca-se pelo início de uma profunda transformação no perfil da cidade em relação a eventos musicais: o advento da primeira edição do Festival de Inverno Bahia. A fórmula da Miconquista apresentava sinais de esgotamento. A presença de apenas um bloco oficial em nada lembrava a grandiosidade de outrora, e as críticas advinham de todos os segmentos sociais. A possibilidade de extinção da festa parecia cada vez mais inevitável. Vitória da Conquista já não era a mesma da década anterior, a axé music perdera força nacionalmente, em muito se devendo à hiperexploração do gênero pela indústria do entretenimento, dando lugar a novos estilos, como o forró universitário e o retorno da música sertaneja, que também passou a utilizar a denominação “universitário” como subgênero. O próprio crescimento da cena rock e a receptividade do Poder Público e produtores não-ligados ao *underground* forneciam pistas de uma mudança de mentalidade.

A TV Sudoeste, afiliada local da Rede Globo e principal emissora de TV da região, apoiara os quatro grandes festivais de rock realizados desde 2001 e demonstrara interesse, conforme mencionado, em prosseguir na mesma linha, trazendo o pop-rock aos holofotes em definitivo. A emissora já trazia, desde a sua fundação, em 1990, longo histórico de iniciativas e projetos de valorização da música regional, como o festival Canta Bahia, em associação com a TV Bahia, e o Projeto Duetos, geralmente realizado no teatro do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima¹⁰², e que trouxe representantes do rock de Vitória da Conquista e região em 2003 (Kessler Coelho, Ronny Vox e Weldon Borja) e 2004 (Chirlei Dutra, Diro Oliveira, Iracema Miller e Ely Pinto¹⁰³).

O legado do Agosto de Rock continuava, dois anos após sua última edição. Em agosto de 2005 acontecia a primeira edição do Festival de Inverno Bahia, realizado pela TV Sudoeste. O local

101 Av. Jonas Hortélio, 1052, Recreio, atualmente como a academia Life Club.

102 O Projeto Duetos também era realizado em outras cidades da região, como Guanambi e Itapetinga.

103 Iracema Miller, artista de Jequié, participou de duas edições do Agosto de Rock, além da Prévia da terceira edição. Ely Pinto, artista de Rio de Contas, cover de Raul Seixas, apresentou-se no Rock Vertente.

de realização passou, de um sítio afastado da zona urbana, para o mais tradicional espaço de eventos a céu aberto da cidade: o Parque de Exposições Teopompo de Almeida: ao contrário do modo “underground” de ser, típico da cena rock, o objetivo, aqui, era comercial. O local de realização deveria ser de fácil acesso. O novo festival aproveitou o formato de três dias – 26 a 28 de agosto – iniciado no Agosto de Rock 3, bem como o conceito de um palco principal, chamado, nesta edição, de Palco Festival, somado a palcos alternativos. No palco principal, atrações de nível nacional associadas ao universo pop-rock, como Biquini Cavado, Pato Fu, Nando Reis, Jorge Vercillo, Luciana Mello, Zeca Baleiro e uma amostra da intenção em valorizar a música regional, com a presença do cantor e violonista Xangai entre as atrações principais. Aos músicos do rock local, foi reservado o Palco Festa, semelhante ao Point do Rock das micaretas, mas não se limitando apenas ao rock: a esta altura a cena do reggae conquistense já se tornara expressiva, ao crescer no mesmo ambiente dos roqueiros, sobretudo em festas universitárias e em espaços tipicamente roqueiros, como o Odeon Bar¹⁰⁴. Assim, as bandas Vkaya, Seres do Reggae e o guanambiense-brumadense Arlindo Polvinthai, que se apresentara no Rock Vertente em 2004, ocuparam o palco alternativo juntamente a bandas como MPBlues, Chirlei Dutra, The New Old Jam e a poçoense 5 Contra 1, que de atrações principais nos festivais anteriores, passaram a ocupar um espaço secundário e afastado da arena principal.

A partir de então, a decadente, mas democrática Miconquista, tipicamente associada à axé music, começa a ceder espaço e importância, no calendário de eventos da cidade, ao Festival de Inverno Bahia, assumidamente associado ao pop-rock. A primeira, movimentava a economia de toda a região, sendo realizada abertamente, movimentando-se pelas ruas, ainda que contendo blocos privados (delimitados fisicamente por grandes cordas conduzidas por grupos de pessoas denominadas “cordeiros”) e eventos privados em paralelo, as chamadas “festas de camisa”, geralmente promovidas pelos próprios blocos oficiais. A novata festa, exclusivamente privada, também contando com ampla cobertura midiática e utilizando, como atrativo, o clima frio característico da cidade, que inspirou o apelido “Suíça baiana”: o logotipo ostentava uma guitarra envolta em um cachecol, sintetizando a proposta do evento. A identidade visual trazia, ainda, texturas em azul e branco, sugerindo um ambiente congelado.

104 À época, situado à Rua Siqueira Campos, 1363, próximo ao Parque de Exposições Teopompo de Almeida.

Figura 11 – O logotipo do primeiro Festival de Inverno Bahia (2005), em recorte do website à época.



Fonte: acervo pessoal do autor.

A presença no festival tornou-se quase obrigatória à população jovem conquistense, que passou a se preparar ansiosamente, durante todo o ano, para o esperado fim de semana ao final de agosto, ansiedade potencializada pela publicidade através da TV Sudoeste (LOPES, 2021). O público do rock também compareceu, prestigiando não apenas os artistas de renome que, até então, muito raramente se apresentavam na cidade, mas também os aclamados conterrâneos nos palcos alternativos. As tendas eletrônicas, introduzidas através da micareta de 2002, também se fizeram presentes, ora dedicadas, ora mescladas ao palco alternativo que, com o passar dos anos, recebeu cada vez menos destaque, ainda que tenha sido continuado, com exceção das edições de 2011 e 2012. A localização dos palcos alternativos dedicados ao rock, na maioria das vezes consideravelmente isolados do restante da festa – o que não aconteceu com outros palcos, como o reservado ao forró – demonstrava, implicitamente, ainda ser considerado, o rock local, um nicho marginal, não raro aparentando ser propositadamente “escondido” do grande público.

No palco principal, a banda Café com Blues, embora já não guardasse grande identificação com o rock, como nos tempos em que se chamava MPBlues, foi a única representante da cena alternativa local a se apresentar, abrindo a noite de 23/08/2008 (SILVA, 2017), horário costumeiramente vazio, uma vez que o conquistense médio não possuía, antes das limitações impostas pela pandemia iniciada em 2020, o hábito de sair de casa antes das 21h em noites de lazer. Com o passar dos anos, o Festival de Inverno se distanciou gradativamente da proposta pop-rock, se assemelhando cada vez mais com seu correspondente à capital, o Festival de Verão Salvador, guardando ainda espaço para o pop-rock, mas abraçando cada vez mais a axé music e o sertanejo universitário. A tradição de festivais em agosto iniciada em 2001 pelo Agosto de Rock foi mantida sem interrupções até 2019, última edição antes da pandemia de COVID-19. Em 2021, ao final do mês de agosto, período onde seria realizado o evento, a TV Sudoeste exibiu um especial comemorativo (FESTIVAL..., 2021) com cenas de todas as edições já realizadas, seguido do

anúncio do retorno em 2022, iniciando as vendas de ingresso mesmo com certo nível de incertezas e restrições que sugeririam a possibilidade de mais um cancelamento.

A quantidade de eventos de rock diminuiu na segunda metade da década de 2000, mas a cena continuou ativa, de uma forma menos intensa. Muitos dos então adolescentes do início da cena já concluíam seus cursos superiores, começavam a constituir família, mudavam de cidade ou, simplesmente, diminuía o ritmo. Em consequência, toda a cadeia de atividades ligadas ao rock também sofria o impacto da desaceleração, incluindo os estúdios de ensaio. Os produtores culturais, nesse momento, já acumulavam experiência (capital cultural e social) suficiente para passos mais ousados. A própria expansão da internet através das redes sociais viabilizava contatos que resultavam na vinda de bandas até mesmo estrangeiras a Vitória da Conquista. A produtora Caso à Parte, de Gilmar Dantas, se aperfeiçoava em produzir eventos com bandas de fora. Além do já citado primeiro show da Los Hermanos na cidade (2005), trouxe, em 2006, para o Conquista Metal Fest, a banda Sinking (Finlândia). No mesmo ano, o programa MTV Rock Tour Independente passou pela cidade, com as bandas Faichecleres, Daniel Belleza e os Corações em Fúria, Rock Rocket, Ecos Falsos, Zefirina Bomba e Vanguard, que faziam sua primeira turnê ao nordeste, que também incluiu Recife, João Pessoa, Natal, Maceió, Garanhuns e Aracaju. Este cenário daria pistas do viria na década seguinte: a predominância de eventos de rock realizados pela produtora, conforme abordaremos adiante. A nova geração de roqueiros acompanhava de perto os eventos, já considerando como veterana toda a geração anterior, e inspirando-se a participar ativamente:

O Point do Rock, eu já peguei o finalzinho, acho que 2006, 2007... Comecei a ir pra show, e aí foi massa, porque uma coisa é você ouvir o disco, aquela coisa que tá lá. Outra coisa é ver uma banda tocando. E falei: “rapaz, eu quero fazer isso também um dia”. Eu achava massa, ver o barulho ao vivo, ver alguém tocando guitarra. Eu nem lembro se essa galera tocava bem, porque, no fundo, cê não tá interessado na técnica: cê tá interessado no som, de ouvir a agressividade, a rebeldia. Você, naquela época, enfrentando os conflitos familiares, querendo liberdade e não tendo em suas mãos o poder de fazer o que quiser... Sentimento de revolta adolescente, todo mundo passa por isso. E quando você vai para um show de rock e vê toda aquela agressividade, por mais que seja tudo meio teatral demais, né? Aí, meu desejo por consumir música foi cada vez maior, porque ali a galera tá tocando um cover, aí tem aquela música que você nunca ouviu na vida e aí entra uma parada superinteressante, que você ouve a música e fala: “que música é aquela?”; e o cara fala: “porra, essa música é minha”. E você: “caralho, então não é só aquela galera que você ouve no disco que faz coisa própria: a galera mais perto de você também”. (BITTENCOURT, 2020)

Neste relato, obtemos mais uma sinalização em direção ao cenário que se formaria a partir de 2009, início da, por nós denominada, “fase autoral”, onde o valor atribuído à capacidade criativa e produtiva era capaz de ascender socialmente uma banda, posicionando-a junto às mais

prestigiadas da cena, ainda que não fosse uma veterana. Isto se deu, conforme visto à Seção 1, como uma resposta espontânea às tendências e mudanças ocorridas no mercado fonográfico como um todo, onde a música independente passa a ocupar lugar de maior destaque, inclusive para a própria indústria, que passa a preferir artistas “prontos”, mais preparados para assumir uma carreira musical sólida, ao invés de concentrar esforços no antigo formato de “caça-talentos” em busca de “diamantes brutos” (SALAZAR, 2010) sendo, esta, uma característica típica da “era digital”.

Em 2007, Vitória da Conquista já se acostumara com o Festival de Inverno, que contava com a participação dos principais produtores da cena rock local para a seleção das bandas a compor o “line-up”¹⁰⁵ do palco alternativo, mas a cena, visivelmente cansada, sentia a falta de um festival para chamar de seu, como nos já “velhos tempos”. A nostalgia dos primeiros anos de cena acompanhava a certeza de que o movimento rock conquistense era uma manifestação cultural legítima e importante da região. Assim, aproveitando o dia mundial do rock, 13 de julho, foi organizado um grande festival ao estilo Agosto de Rock, no Sítio Viver, como uma forma de homenagear o gênero musical e a própria cena. A lista de atrações era ousada: 30 bandas, incluindo veteranas e novatas. A produção do ACRock¹⁰⁶ era independente, e não gerou lucros, como sempre:

ACRock foi em 2007. Esse daí deu um prejuízo do caralho... Puta merda! Nós pintamos todas as camisetas, três dias antes do evento. Acho que a gente fez umas setecentas camisetas. Vendeu umas trezentas, quatrocentas. Ficou camisa aí pro resto da vida. Não deu pras trinta bandas tocarem porque faltou energia numa sexta-feira 13, né, velho? 13 de julho de 2007. Meio dia, eu, Ronildo e Niel: “Niel, tem alguma chance de dar errado, de faltar energia? Tem não, velho. Não tem, Niel? Não, moss! Tá tranquilo. Não vai faltar energia não. Ali no sítio tá beleza. Pode ir, Niel? Pode. De boa. Então, beleza, vamos lá”. Tinha que começar seis horas da tarde, pra caber as trinta bandas. Cinco horas da tarde, um carro bate num poste e derruba a energia. Elvis tava em São Paulo numa feira de equipamentos. A gente só conseguiu falar com ele oito da noite, pra ele liberar o gerador pra levar pro sítio e começar onze da noite. Quase meia noite a primeira banda. Aí, teve duas ou três bandas que ficaram de fora. Porra, tinha uns meninos, uns moleques mesmo, que eu tava doidinho pra tocarem, e os bichinhos não tocaram. Que trauma na vida deles, né? (KAMIKAZE, 2020)

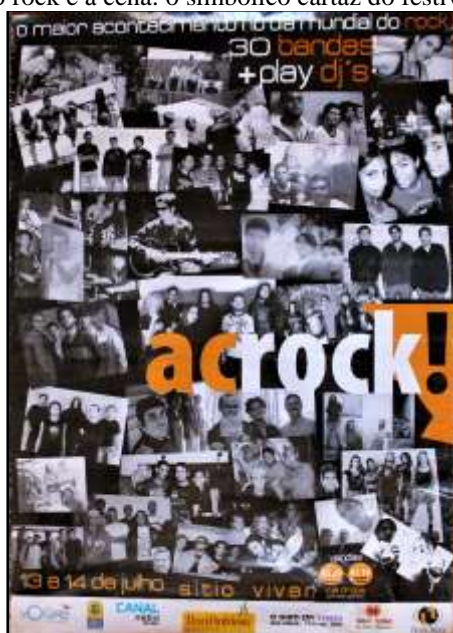
A produção do festival-celebração buscou agregar bandas veteranas ainda ativas, bandas novas em busca de espaço e a oportunidade de subir a um grande palco pela primeira vez, bem como bandas que já haviam encerrado as atividades, como a Retilínea e The New Old Jam que, compostas por praticamente os mesmos integrantes, realizaram um show conjunto. Do festival também saíram bandas para compor o palco alternativo do Festival de Inverno, realizado no mês

105 “Line-up” (enfileirar) é um termo utilizado pela indústria do entretenimento para referir-se à lista de atrações de um evento, como um festival.

106 Sigla para Associação Clube do Rock, liderada por Vitor Kamikaze e Ronny Vox.

seguinte. O cartaz do evento foi uma atração à parte, contendo dezenas de bandas e colaboradores, ainda que repetindo pessoas e, até mesmo, produtores concorrentes, que não participaram ativamente da produção. Entretanto, o costume era colaborar, ainda que se limitando a uma simples divulgação. A ideia era agregar a todos e homenagear a cena:

Figura 12 – Ode ao rock e à cena: o simbólico cartaz do festival ACRock (2007)



Fonte: acervo pessoal do autor.

O ACRock foi o último dos grandes festivais no formato do Agosto de Rock da década. No ano seguinte, a Associação realiza a terceira edição do Conquista Rock Festival, na Concha Acústica do Centro de Cultura. A ideia partiu das muitas reflexões sobre a cena: o contexto de como tudo fora construído com dedicação, quase sempre com prejuízos financeiros, pouco apoio externo e a tão buscada “atitude rock n’ roll” para conquistar espaço e garantir o direito de livre expressão:

O Dou o Sangue (Pelo Rock), em 2008, acabou fazendo eu e Ronildo (Ronny Voxx), mas era uma ideia minha e de Russano¹⁰⁷: “porra, véi, a gente devia fazer uma parada que representasse todo esse lance de dar o sangue, né, velho? Que a gente dá o sangue e tal”... Porque ninguém nunca ganhou dinheiro com a brincadeira, mas todo mundo sempre deu muito o sangue pra fazer as festas. A gente queria, no mínimo, não tomar prejuízo ou ganhar um dinheiro pra tomar um goró depois. No final, era isso. Maior exemplo aí é Gil¹⁰⁸. Nunca vi, véi! Gil era pra ser um cara rico hoje. O tanto que Gil já perdeu... Já perdeu dinheiro que nunca teve. A gente perdeu, mas nunca tanto assim. O Dou o Sangue foi isso. A gente falou: “porra, vamos fazer”, e as portas abriram. Teve a possibilidade de fazer o evento de graça. Quem doasse sangue ganhava a camisa, porque já ia ganhar a

107 Russano Luz, baterista veterano da década de 1990. Tocou em bandas como ÑRÜ, 1 em Pé 2 Alados e Ardefeto.

108 Gilmar Dantas, produtor cultural (Coletivo Suíça Bahiana, Caso à Parte Eventos), um dos nossos entrevistados.

camisa. A gente não ia negar camisa pra ninguém, mas aí, pra forçar a galera a fazer a doação, ia lá na Nacional¹⁰⁹, comprava um cobertor e deixava pago lá. Aí, a Casa do Amor¹¹⁰ que ficou com os cobertores. (KAMIKAZE, 2020)

A cena já se habituara a lidar com os preconceitos sofridos pelo rock em um contexto de cidade baiana do interior e conservadora, em certos aspectos, sobretudo quando se trata de inovações culturais partindo dos setores dominantes. Em dissonância aos sorridentes ícones da axé music, forró e sertanejo “universitários”, o rock transmite sentimentos como revolta, fúria, agressividade, em diversas formas, desde a sonora, representada pelo peso, distorções, vocais gritantes ou guturais e temáticas nem sempre amistosas (sobretudo em subgêneros como o punk e o metal, grandes responsáveis pela difusão desses estereótipos), gerando uma rejeição quase instintiva por parte dos não-familiarizados. Os estereótipos relacionados ao uso de drogas e padrões pouco convencionais de comportamento sempre se fizeram presentes entre a cena rock conquistense e o restante da sociedade. O Conquista Rock Festival de 2008, ao promover uma maior interação entre a coletividade do rock e os demais segmentos sociais, naturalmente causou estranhamentos:

[...] na época, tinha um gerente lá (na loja Nacional) que falou: “eu fiquei um pouco receoso quando vi essa galera do rock aqui mas, depois, quando vi o que vocês fizeram...”. É o preconceito, né? Aquela coisa religiosa idiota ali, que na época do ACRock teve uma igreja no bairro Brasil que fez uma corrente de oração, porque “ACRock” seria “AntiCRistos do Rock”... E aí, a gente caiu na risada, véi, mas acho que deu certo, porque deu tanto azar... Eles devem ter mexido com o anticristo, porque deu errado lá pra gente igual a porra. A gente tentou fazer uma reunião aqui em conquista com o HEMOBA¹¹¹, eu e Ronildo. Fedendo a cigarro, né? Chegava lá pra fazer, ninguém aceitou a gente. “Ah, beleza. Se ninguém aceita a gente aqui, pronto”. Mandamos pro HEMOBA de Salvador e chamaram a gente lá. Fomos, conhecemos toda a unidade do HEMOBA, acertou tudo lá. Aí, o diretor veio aqui, agendou, recebeu a gente, e quando chegamos, o pessoal cheio de pagamento de pau pra gente. Aquela mesona grande no hospital. Todo mundo queria receber a gente. (KAMIKAZE, 2020)

Não são raros, na cena, os relatos relacionados a preconceitos contra roqueiros como este. Trata-se de um clássico caso de (não) validação de um capital específico (BOURDIEU, 2003): enquanto, dentro do campo do rock independente local, um evento beneficente, especialmente associado a uma ação individual de cada membro, contendo certa dose de esforço e coragem, como a doação de sangue, foi visto de forma positiva, o mesmo não se verificou sob os olhos da

109 Tradicional loja do ramo de tecidos, cama, mesa e banho, situada ao centro da cidade.

110 Instituição de caridade que oferece abrigo, alimentação e cuidados para pacientes carentes em tratamento de câncer em Vitória da Conquista.

111 Fundação de Hematologia e Hemoterapia da Bahia. Em Vitória da Conquista, situada ao Hospital Geral de Vitória da Conquista, também conhecido por “Hospital de Base”.

comunidade geral que, a exemplo do gerente da loja que firmou parceria para a distribuição de cobertores, e os próprios servidores públicos do HEMOBA local, primeiro atentaram a “quem” falava para, só depois, passarem ao “sobre o que” se falava. Este preconceito certamente constituiu um dos elementos de autovalorização identitária da cena, seus valores e seus agentes, bem como de anseio pela luta por espaço perante os outros campos: retomando aos elementos apresentados à seção 2.1, em momentos como este, era fortificado o sentimento de “eu pertencço à cena. Se a criticam, sinto-me igualmente criticado. Por isso, eu e a cena somos um só. Nós somos a cena”.

O simbólico local do evento – a concha acústica do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima – constituía, nesse sentido um símbolo da resistência da cena contra o preconceito, especialmente por ser um espaço público, situado em uma área considerada nobre e tradicional da cidade. Em 1º de agosto de 2004, entretanto, foi realizado o evento *Game Over*, como despedida após a proibição de shows de rock provocada por iniciativa da vizinhança aliada ao crescente vandalismo nas instalações do espaço (O ROCK..., 2022). Em 2005, os shows voltariam a acontecer, com o show *De Volta ao Centro de Cultura*, ainda que limitados às tardes de domingo, com limitação às 22h para, três anos depois, o rock demonstrar, à sociedade, seu aspecto humanitário, promovendo reflexões e firmando o compromisso do rock enquanto movimento cultural:

Os números exatos eu não tenho, mas a conversa que tivemos lá foi de 167 bolsas, 67 de primeira doação. Todo mundo falava: “esse sangue dessa galera aí do rock não vai dar nada”, e nenhuma bolsa foi descartada. O assunto era esse: “pô, qual o seu tipo de sangue? Pô, você já tinha doado sangue?”. A gente não tava falando de vodca: a gente tava falando de sangue, de salvar vida. Se você ver assim, quantas vidas esse movimento salvou... E o mais interessante: quinze dias depois, Gustavo¹¹² continuava internado e precisou de sangue. Aí, eu tenho certeza de onde veio. Esse já era o estoque da galera do rock n’ roll. É a lembrança que eu levo pra vida é isso aí. A vida me ensinou muito. Eu acho que quanto mais puder fazer com as portas abertas, pra dar acesso a uma galera que não tem, como eu também não tinha lá na periferia, que o rock n’ roll é caro, se a gente ver, é coisa de elite mesmo. Hoje a gente tem mais acesso, mas até romper essa barreira intelectual pra escutar rock é foda. Então, o rock tem que ser de graça, aberto mesmo. A gente tem que brigar, lutar por recursos, pra que os artistas, trabalhadores do rock n’ roll tenham condições de se manter, e tem que promover uma discussão legal assim, como a doação de sangue. (KAMIKAZE, 2020)

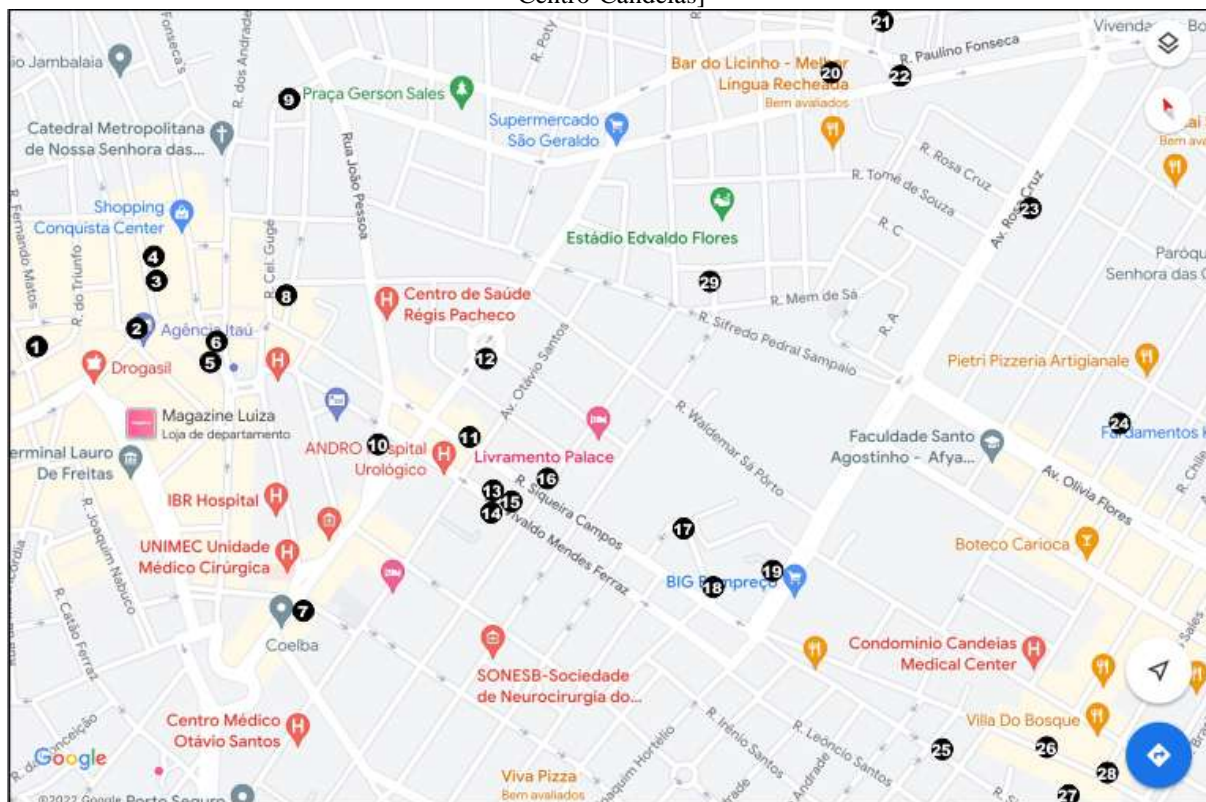
Paralelamente, a ACRock produziu e distribuiu, entre as primeiras quinhentas pessoas que chegaram ao evento, um CD contendo o melhor do rock autoral conquistense à época: a coletânea *O Som da Tribo* trazia nove faixas, cada uma de um artista solo ou banda diferente: Ladrões de Vinil,

112 Filho do entrevistado, à época recém-nascido, internado no mesmo hospital.

1 em Pé 2 Alados, Ronny Voxx, Supercílio, Liatris, Princípio Ativo, Kessler, 5 Contra 1 e Café com Blues evidenciavam a diversidade e força da cena local, ainda que por vezes aparentasse dar seus últimos suspiros, sentimento reforçado pelo encerramento, em agosto, do simbólico bar Paraki, localizado às margens da Praça do Gil, após dez anos de atividade, marcando-o como um dos principais pontos de encontro da cena rock local:

Para onde irão os órfãos do Paraki, acostumados que estavam a ir ao bar defunto e ouvir Bob Dylan, Led Zeppelin, Nação Zumbi, The Doors e outros sons? É-lhes (êta, língua!) impossível engolir o que costumeiramente é tocado nos dvd's (sic) da maioria dos bares da cidade e nos carrões que rondam a Olívia Flores. Como bem disse Adla, uma amiga que chegou a frequentar as mesas do já antigo Paraki: “Onde iremos parar?” (BRITO, 2013)

Mapa 02 – Localização geográfica dos principais espaços urbanos ocupados pela cena rock conquistense [zona leste: Centro-Candeias]



Fonte: elaborado pelo autor (2022) sobre Google Maps.

1. Teatro Carlos Jehovah;
2. Praça 9 de Novembro;
3. Estacionamento utilizado para a Festa da Babilônia II [2002];
4. Loja Rock Express [atual Ponto do Disco];
5. Prédio antigo da Rádio Clube [Programa O Som da Tribo];
6. Praça Barão do Rio Branco [Natal da Cidade, Festival da Juventude, Festival Avuador, Rock Cordel];

7. Shopping Itatiaia [Rádio Clube e Rádio Cidade até 2018 – Programa O Som da Tribo até 2012];
8. Viela Sebo-Café [2014]
9. Bar Ice Drink / Underground Pub [década de 2010];
10. Rua Lions Club: Point do Rock [2002];
11. Viela Sebo-Café [2009-2013] e Livraria Letras & Prosa [SóLetras, a partir de 2011];
12. Estúdio Radioative Hippies;
13. Paraki Bar [período anterior ao item 13];
14. Camarote Massicas;
15. Boate Midnight;
16. Paraki Bar [até 2008];
17. Praça Guadalajara [Praça da Normal]: Point do Rock [2003-2006];
18. Entrada para a Concha Acústica do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima;
19. Entrada principal do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima;
20. Apogeu Bar [até 2013];
21. Estúdio Drummond;
22. Bar Canto do Sabiá;
23. Casa Fora do Eixo [2013] e Casa do Rock [2013-2014];
24. Café Society [até 2020];
25. Odeon Bar [década de 2000];
26. Estúdio RFalcon [2005-2013], atual Drakkar;
27. Bosque da Paquera: Point do Rock [2008];
28. Rua X: Point do Rock [2007];
29. Boate LZ-129 [Atual Life Club Academia]

4 CONSOLIDAÇÃO DA CENA

Chegando-se, agora, a um importante ponto de transição na trajetória da cena rock conquistense, há a necessidade de algumas reflexões, a começar pela própria divisão temporal por nós proposta, em períodos e fases¹¹³ distintas, onde a presença ou não de determinados conjuntos de elementos revela transformações e tendências próprias de cada momento abordado. Em tempo, atentamos para o fato de tal divisão se dar, principalmente, por motivos didáticos e/ou de orientação, devendo, o leitor, atentar-se de que tais mudanças não se dão repentinamente ou tão bem-definidas quanto a classificação pode sugerir, sendo possível perceber elementos de um período em outro, ainda que sob forma mais sutil. Quando tratamos, por exemplo, de uma “fase cover”, devemos considerar que houve, sim, bandas autorais nesse momento, porém, constituindo uma minoria não tão expressiva a ponto de caracterizá-lo simbolicamente. Durante a “fase autoral” verifica-se o oposto, em proporções semelhantes: a presença de bandas *cover* foi importante para o fortalecimento da cena enquanto um todo, mas as bandas autorais é que assumiram o protagonismo, como veremos adiante.

Neste período, falamos em uma “consolidação” da cena rock conquistense. Isto se dá ao considerarmos a trajetória de lutas protagonizada pela cena para a conquista de espaço e reconhecimento, perante a sociedade externa, enquanto um sólido nicho cultural local. Assim, analisando-se características marcantes de cada período, percebemos a geração da década de 2000 (também incorporando experiências e personagens das décadas anteriores) como um grande grupo preocupado em impor-se frente às musicalidades dominantes, resistindo e garantindo seu lugar. “Agora é necessário gritar e cantar rock” (SEIXAS; COELHO, 2021), um dos *slogans* do primeiro Agosto de Rock, conseguiu traduzir eficientemente essa ideia à época. Por esses motivos, consideramos o período de 2000-2008 como o de formação da cena, também levando-se em conta o nosso posicionamento, já devidamente justificado, de não considerar enquanto uma cena estruturada, *stricto sensu*, as movimentações nas duas décadas anteriores.

A partir de 2009, por outro lado, o cenário apresenta-se de maneira distinta: o rock conquistense já carrega, consigo, significados e experiências importantes, a começar pelo histórico de apoios (e aqui atentamos: não haveria apoio externo sem um prévio reconhecimento, ainda que contido) pelo Poder Público e empresariado à cena: os festivais realizados (contando com coberturas pela mídia convencional e patrocínios), as inúmeras pautas em importantes espaços

113V. Tabela 1 – Períodos e fases da cena rock conquistense e suas características.

públicos (a concha acústica do Centro de Cultura e o Teatro Carlos Jehovah) e privados (como o Camarote Massicas, a boate LZ-129 e a casa de eventos Casa Blanca, espaços musicais importantes, geralmente associados a outros gêneros musicais) e, em especial, o palco dedicado ao rock em plena Miconquista, tendo seu ápice (2003-2006) ao ser montado em um local ocupado tipicamente pelos roqueiros – a Praça da Normal – significando o formal (por ser uma realização da Prefeitura Municipal) e incontestável reconhecimento da sociedade externa à existência desse nicho cultural¹¹⁴: ainda que não compreendesse (ou se inspirasse a conhecer) suas particularidades, a sociedade externa reconheceu a presença do “espaço dos roqueiros”.

Figura 13 – Área externa do Teatro Carlos Jehovah (praça da Bandeira, centro).



Fonte: Google Street View (visão em 2019)

Neste ponto, portanto, consideramos já haver, a cena, superado tais obstáculos, típicos de um movimento cultural em formação, que necessitava, primariamente, anunciar e esforçar-se, evento a evento, por sua existência. Em 2009, uma década depois das primeiras movimentações que deram origem aos eventos iniciais da Era Cover (momento citado, pelos entrevistados advindos das décadas anteriores, como de espanto ao tomarem conhecimento sobre a grande quantidade de bandas existentes), já não era novidade a imagem dos grupos de jovens em camisas pretas circulando pelo centro da cidade e locais típicos. Quem alternava estações, no rádio, aos inícios das noites de sábado, já se habituara às guitarras emitidas pela Rádio Clube. Aproximando-se a nova década, conforme veremos, a cena rock conquistense passa a uma etapa de consolidação, tornando-

114 Reiteramos, mais uma vez, o simbolismo, nesse sentido, das apresentações das bandas Excalibur e MPBlues, duas vezes cada, em trios elétricos financiados pelo Município, percorrendo o circuito da Miconquista, ainda que não completamente.

se parte de eventos não-voltados apenas ao seu nicho, mas à coletividade em geral, destacando-se festivais e eventos promovidos tanto pelo Estado (como o FestUesb e o Natal da Cidade) quanto pela iniciativa privada (como o Festival de Música da Bahia e o Festival de Inverno).

4.1 A FASE AUTORAL

Eu acreditava muito no movimento, porque depois que eu deixei de acreditar... Não foi que eu deixei de acreditar: eu estava em outra fase. E aí, falei: “agora fica pra outra turma”. Aí, começou a vir a galera dos autorais, né? Som autoral, nada de cover. E Gil (Dantas) entrou com peito aberto, e fazendo as coisas... Eu falei: “minha fase agora é outra”. (COELHO, 2020)

Se 2008 significou um aparente encolhimento da cena, ao se reduzir o número de eventos e espaços ocupados tipicamente por roqueiros, 2009 mostrar-se-ia como um ano de novo e inesperado fôlego para a retomada. À Rua Siqueira Campos, 350, ao térreo do Edifício Paulo de Tarso, que abrigava escritórios de advocacia, contabilidade e uma loja de equipamentos de som, funcionava, desde 2006, a Letras & Prosa Livraria e Café, espaço intimista, frequentado especialmente por artistas, professores e estudantes universitários. Aos finais de semanas, promovia, utilizando-se do espaço de circulação comum do térreo, saraus musicais, geralmente com músicos de vertentes como a MPB e a música regional, gêneros até então dominantes em bares tradicionais da cidade, no clássico formato “um banquinho e um violão”, por vezes acompanhados de alguma discreta percussão. A junção entre livraria, café e música ao vivo, já amplamente difundida em capitais, ainda era incomum em Vitória da Conquista, cidade acostumada ou a eventos de grande porte, como a micareta, ou ao “voz-e-violão” em bares convencionais. Geralmente, música ao vivo com bandas era reservada a espaços de nicho, como o então fechado Odeon, de grande expressão junto à cena rock na primeira metade da década.

Ao final de 2008, uma das salas do prédio, onde funcionava um depósito da livraria, aos fundos do térreo, tendo como vista todo o corredor de acesso que ligava a calçada à escada de acesso aos andares superiores, passava por uma radical reforma que se encerraria nas primeiras semanas de 2009: em 23 de janeiro foi inaugurado o Viela Sebo-Café¹¹⁵, espaço que ampliava a atuação da livraria ao oferecer o comércio de livros usados, incorporando o café e a música ao vivo. A programação de inauguração traduzia a diversidade musical adotada pelos proprietários: na sexta-feira (23/01) uma apresentação com o cantor e compositor Evandro Correia, veterano de grande

115 O Viela Sebo-Café tornou-se o principal espaço da cena rock conquistense entre 2009 e 2013, sendo palco da maioria dos shows realizados, sobretudo após abrigar a sede do Coletivo Suíça Bahiana.

expressão em nível regional desde a década de 1990. Ao sábado (24/01), demonstração de *graffiti*¹¹⁶ utilizando as próprias paredes do ambiente, pelos artistas plásticos Danilo Santos e Arisson Sena, lançamento do livro *Pau de espinho na banda da janela azul*¹¹⁷, do poeta Jean Cláudio e os primeiros shows de rock da fase de “consolidação” em nosso estudo, com as bandas Tombstone (blues-rock) e Liatrix (heavy metal melódico) em formato acústico, sendo, esta, uma banda autoral já fortemente atuante à cena local desde 2006, quando foi formada a partir da extinta Sorrow’s Embrace, de mesmo estilo e de repertório essencialmente cover. Ao domingo (25/01), show de chorinho com Lúcio Ferraz, um dos mais atuantes músicos de acompanhamento desde a década de 1990, também guitarrista da banda Café com Blues (ex-MPBlues).

Figura 14 – Fachada da livraria Letras & Prosa e a “viela” de acesso ao Viela, à direita (2008).



Fonte: acervo pessoal do autor.

O Viela – nome alusivo ao supracitado espaço de acesso à rua – passou a oferecer música ao vivo de forma constante aos finais de semana, iniciando um sólido processo de formação de público. O espaço, inicialmente, funcionava todos os dias da semana, incluindo os domingos, cujas tardes eram preenchidas por saraus, exposições ou lançamentos de livros. O público cativo da Letras & Prosa (que tinha, entre seus funcionários, desde o ano anterior, o radialista Miguel Côrtes)

116 Terminologia originária do italiano, refere-se a uma categoria de arte visual urbana, geralmente associada à cultura hip hop, utilizando-se, principalmente, de tinta spray aplicada sobre muros, com a preocupação em se transmitir mensagens, destacando-se as de protesto.

117 Obra histórico-poética abordando a “Guerra de Pau de Espinho, origem do massacre do Tamanduá” (1895, onde atualmente é localizada a cidade de Belo Campo), nas palavras da professora Isnara Pereira Ivo (UESB), ao prefácio da obra.

adotou com ainda mais veemência o novo ambiente, que rapidamente incorporou a natureza de um espaço cultural multifacetado, onde era possível, em um mesmo dia, ler um livro gratuitamente, comprá-lo, escutar boa música (ao vivo ou ambiente), tomar um café, apreciar uma exposição fotográfica, de artes plásticas ou até mesmo de documentos históricos ou de artesanato, participar de uma palestra, encontrar amigos, professores, artistas e conhecer pessoas novas. O Viela também passou a abrigar um cineclube independente, com sessões às quintas-feiras, que sempre tinham início com a execução da música *Wigwam* (Bob Dylan), gravada em 1979 pelo grupo paulistano Os Carbonos¹¹⁸, em referência ao Cine Madrigal, último cinema de rua da cidade, fechado definitivamente em 2007, que sempre iniciava suas sessões da mesma forma, para anunciar ao público ainda não devidamente acomodado que o filme teria início ao final da execução da música (MALFÖREA, 2019c).

Figura 15 – Sessão do Cine Viela (2009).



Fonte: acervo pessoal do autor.

O Viela, enquanto “espaço de todas as artes”, aos poucos, passou a reunir públicos diferentes: os intelectuais degustadores de vinho, cachaças artesanais e cafés especiais passaram a dividir espaço com jovens de camisa preta que, muitas vezes, entravam com sua própria bebida escondida por não terem dinheiro para consumir os produtos do bar. A cena rock, agora já repleta

118 Sob o pseudônimo *The Magnetic Sounds*.

de veteranos e novos membros – tão jovens quanto os que, uma década antes, iniciavam o movimento – rapidamente detectou o novo ponto de encontro. Os shows e eventos de rock passaram a concorrer diretamente com os de MPB e música regional, o que significava uma considerável alternância de ambientação, dependendo de qual fosse a atração musical da noite. Em alguns meses, o antigo público da Letras & Prosa, mais maduro e discreto, já demonstrava certo incômodo em relação aos novos frequentadores, geralmente jovens “barulhentos” e, em alguns casos, até mesmo intimidadores, como os grupos de punks. Assim, aos poucos, o Viela, confirmando Straw (1991), atraiu e influenciou os roqueiros ao seu contexto, ao mesmo tempo em que passou a ser cada vez mais influenciado e transformado pela presença dos “camisas pretas”.

O rock passou a ser executado nas caixas de som ambiente com maior frequência, bem como os eventos ligados ao gênero: ainda em janeiro, aconteceu a Expo Rock, produzida por Darka Azevedo, uma exposição de fotografias em homenagem à cena. As fotos mostravam shows e bandas de diferentes épocas, incluindo as dos anos 1980 e 1990, como SS-433, On Jack Tall Back e as pioneiras dos anos 60, como Os Trepidantes (contando, a exposição, com a participação do músico e ativista André Cairo, membro original) e Os Mascarenhas. A banda Ladrões de Vinil, uma das mais expressivas da nova década, fez sua primeira apresentação no espaço durante a exposição, executando a canção *Gema*, composta e lançada em LP homônimo pelo cantor e compositor Evandro Correia em 1993. O artista, frequentador assíduo do Viela/Letras & Prosa, coincidentemente, estava em meio à clientela e, posicionando-se ao pequeno espaço utilizado como palco, assumiu o microfone, acompanhado pela banda-fã, protagonizando uma simbólica amostra da mistura de tribos promovida pelo Viela, em seus primeiros meses de atividade. O vocalista e guitarrista da Ladrões de Vinil, Loro Borges, recorda o acontecido:

Evandro Correia tocou em um evento que a gente fez pra Darka. Expo Rock, da memória do rock conquistense em fotografias. Aí, tocamos a música de Evandro Correia. Pensa que não, tá ele pegando o microfone pra cantar e a gente tocou junto. E ele: “cês têm que gravar essa música, beleza? Tem que gravar essa música!” Até hoje não gravamos, mas ainda temos um plano de gravar. Ele já autorizou, né? Pode até não lembrar, mas autorizou. (BORGES, 2020)

O espaço seguiu o ano de 2009 reunindo públicos diferentes, enquanto consolidava-se como o novo ponto de encontro dos roqueiros, tornando-se o local óbvio para qualquer banda, autoral ou cover, tentar uma apresentação. O mesmo acontecia com artistas de outros gêneros. Muitos tiveram, no espaço, suas primeiras oportunidades de apresentação pública. Até mesmo a veterana e extinta banda SS-433 apresentou-se no local, ao reunir-se temporariamente para algumas apresentações e

entrevistas, como ao programa Prosa Cultural, da TV UESB, disponível no YouTube¹¹⁹. A banda realizou, ainda, no teatro do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima, um evento beneficente chamado Rock Contra a Fome, que arrecadou cerca de 800kg de alimentos e foi registrado em vídeo, ainda não publicado¹²⁰.

Figura 16 – Ladrões de Vinil e Evandro Correia em meio às fotografias da Expo Rock, no Viela (2009)



Fonte: <https://archive.org/details/4586976238-5b-56b-31d-49-b/DSC00690.JPG>

Outro fenômeno que tomava forma era a ocupação do rock ao ambiente convencional dos bares, marcado pela configuração “voz-e-violão”. Músicos da cena passavam a arriscar seus repertórios, repletos de clássicos do gênero, frente a um público não-cativo, mais genérico, porém, já “iniciado” pelos inúmeros *Acústico/Unplugged MTV*, que ocuparam importante parcela do mercado fonográfico a partir da década de 1990 (BRÊDA, 2018). O músico Kessler Coelho – então ex-banda Parrázio – é apontado por muitos, nesse sentido, como um pioneiro, de grande responsabilidade pela abertura do circuito de bares “convencionais” ao rock:

Esses bares, tudo isso aí, só acontece por causa dele, porque foi o primeiro cara que tocava lá no Kina de Massú, Boca de Forno... A gente detonava ele, mas foi o cara que abriu as portas dos bares da cidade. O mérito é dele. Eu acho que quem desbravou foi ele. (KAMIKAZE, 2020)

Neste relato, também é possível perceber uma peculiaridade típica da cena rock – neste sentido, não especificamente da conquistense – acerca da relação com outros gêneros: a rejeição ao universo da musicalidade *mainstream*, ou seja: à música externa ao grupo, geralmente considerada

119 (PROSA..., 2009).

120 Segundo o músico Mazinho Jardim em relato ao autor.

demasiadamente comercial e de conteúdo descartável, em oposição às letras de protesto e reflexivas adotadas como mais representativas. Ao mesmo tempo em que a cena luta por espaço, demonstra, certo modo, satisfação pelo “ser marginal”, característica intrínseca ao que já mencionamos enquanto um “conceito *underground*”. Nesse sentido, há uma delimitação invisível do quão mais próximo ao “ambiente *mainstream*” seria “permitido” chegar, segundo o também invisível código moral da cena, nos parecendo mais radical à medida em que se aproxima dos grupos de punks e metaleiros, predominantes nas décadas de 1980 e 1990, mantendo-se firmes até a atualidade. Ao finalizar o trecho com “a gente detonava ele, mas foi o cara que abriu as portas dos bares da cidade”, Vitor Kamikaze revela tanto a existência dessa rejeição interna à época quanto o reconhecimento, desta vez do ponto de vista dos tempos atuais, sobre a existência de um radicalismo¹²¹ que foi capaz de cometer injustiças sobre os que buscaram romper fronteiras para conquistar espaço e profissionalização. Por outro lado, a presença do rock no ambiente acústico dos bares parece ter encontrado ambiente favorável. O próprio músico recorda o ambiente encontrado quando passou a se apresentar como artista solo:

Não tenho certeza mas, pelo que tenho das pessoas me falando, eu fui o primeiro cantor rock a tocar nos barzinhos. O pessoal: “o cara que toca Guns... Pelo amor de Deus, toca Pink Floyd!” E aí, os barzinhos começaram a me chamar, porque o público queria ver o repertório rock n’ roll e, na época, só havia aquele repertório: “quando penso em você...”, aquele *Cantoria*¹²², né? Era muita cantoria. Foi a moda da época, de 85 aos 90 era cantoria. E aí, comecei a tocar esse rockzinho e tô aí até hoje, muito mais eclético do que antes. (COELHO, 2020)

Consolidando essa abertura geral para o rock – ainda que limitada ao seu aspecto mais *pop*¹²³, abordando essencialmente clássicos consagrados, as canções revisitadas pelos *Acústico*

121 O radicalismo na cena também é denunciado pela musicista Isadora Oliveira (2022), em texto publicado em uma rede social, ao referir-se ao seu gosto tanto pelo rock quanto pelo samba.

122 Referência ao álbum *Cantoria* (Elomar, Geraldo Azevedo, Vital Farias e Xangai), gravado ao vivo em 1984, no Teatro Castro Alves, gerando mais dois volumes, contendo, o terceiro, apenas faixas executadas por Elomar, lançado em 1995 (DISCOGRAFIA, 2021). Nos parece ter, a sequência de álbuns, exercido forte influência sobre os músicos da região sudoeste da Bahia a partir da década de 1980, dada a grande quantidade de “cantadores/violeiros” adeptos do estilo denominado pelo entrevistado Kessler Coelho por “cantoria” em plena atividade em Vitória da Conquista, atuando em palcos, bares e enquanto professores de música, inclusive no Conservatório Municipal. Dentre estes, destacam-se nomes como Papalo Monteiro, Geslaney Brito, Paulo Macedo, Manno di Sousa e Gutemberg Vieira, participantes de diversos festivais de música, competitivos ou não, sobretudo na década de 1990, em todo o país.

123 Aqui, referimo-nos às músicas classificadas, no universo musical, enquanto “músicas lado A”, em referência às faixas mais conhecidas de cada artista, localizadas estrategicamente – quando dos tempos das mídias analógicas (discos de vinil e fitas cassete) – entre as primeiras nos álbuns. Geralmente essas faixas eram lançadas também enquanto *singles* e distribuídas para execução em emissoras de rádio, com o objetivo de “atingir o maior número possível de ouvintes. A música pop desenvolve-se através da divulgação via cinema, rádio, TV, computador, etc; apoiando-se em modelos de divulgação em que até as divisões entre gêneros musicais tendem a ser embotados.” (CARDOSO FILHO, Jorge; JANOTTI JÚNIOR, Jeder. **A música popular massiva, o *mainstream* e o**

MTV, além de nomes mais recentes do mercado fonográfico, como Charlie Brown Jr; Jota Quest e músicas novas de bandas veteranas como Capital Inicial, Biquini Cavadão e Skank – em uma cidade marcada pela grande quantidade de bares, estavam diversos membros da cena rock, como a cantora Chirlei Dutra, Júnior Rugal e músicos oriundos de outras cidades, como os jequieenses Iago Galvão, Shau Saturno e Iracema Miller rompendo, definitivamente, a hegemonia da MPB para a execução de música ao vivo, sobretudo em ambiente de bares. A presença do Viela, um estabelecimento não assumidamente “rock”, mas eclético, dentro de uma proposta mais artística que comercial – o que necessariamente excluía gêneros como o sertanejo e forró universitários, axé e demais vertentes acolhidas de forma maciça pela mídia *mainstream* – servia, ao mesmo tempo, como laboratório, onde os músicos se sentiam à vontade para experimentar músicas não necessariamente criadas para o “cantar junto”, bem como vitrine para os demais estabelecimentos, facilitando a fluidez da cultura musical conquistense. O Viela não era o único bar “alternativo” da cidade: em 2009, era possível vislumbrar um circuito sólido, ainda que modesto, formado também pelo Apogeu – Alto Maron – e o Café Society – Candeias. Nenhum se autodeclarava enquanto “bar de rock”, mas cada um, ao seu modo, foi capaz de acolher o gênero, fortalecendo a cena em um período onde a internet já havia se tornado massiva e dava os primeiros passos em direção à era dos *smartphones*¹²⁴. Para os membros da cena, habituados à escassez de espaços considerados satisfatórios para o lazer musical, tal transformação não se deu imperceptivelmente:

Até então, poucas pessoas tocavam rock n’ roll em bar. Era MPB. No máximo, um cara que tocava um pop-rock. Cê tinha um Kessler, que saiu da cena e conseguiu encarar ali, cê tinha Chirlei, que conseguiu entrar, mas a expansão do rock como acontece hoje, se deve muito ao Viela. Se deve muito, depois, ao Café Society também, que foi outro lugar que abriu esse espaço, e a gente tem que dar crédito porque, realmente, é merecido. Esses dois espaços peitaram e falaram: “não, aqui vai tocar música de qualidade e ponto final”. (BITTENCOURT, 2020)

Neste momento, a divulgação de shows e eventos já se dava obrigatoriamente através das redes sociais e comunicadores instantâneos. O mp3 já se fazia presente através de *mp3 players* portáteis ou mesmo através dos telefones celulares, mas as mídias físicas, em especial o CD, ainda

underground: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática. In: FREIRE FILHO; JANOTTI JÚNIOR, 2006, p. 15). Para o músico “de barzinho”, ser capaz de detectar essas nuances torna-se fundamental para a sobrevivência enquanto profissional deste mercado específico, refletindo e reforçando conceitos e fórmulas criadas/impostas pela indústria musical.

124 Telefone celular “inteligente”: apresenta, além das funções típicas de um telefone celular (receber e fazer chamadas telefônicas, receber e enviar mensagens de texto, tirar fotografias, executar arquivos de áudio e vídeo, dentre outras), capacidade de processamento de dados semelhante à dos computadores (RUISÁNCHEZ, 2018), oferecendo, ao usuário, uma experiência mais aprofundada e interativa que a possibilitada por um telefone celular convencional, atualmente considerado tecnologicamente obsoleto.

eram facilmente encontradas em lojas de departamento, supermercados ou, ainda, em espaços como o Viela e a Letras & Prosa, que apoiavam a música local realizando lançamentos e comercializando produtos de artistas locais, como a banda Ladrões de Vinil:

Em 2009, a gente lançou a demo. Nisso, já tinha aparecido o Viela que, inclusive, eu pedi patrocínio a Euvaldo, pra gente lançar o CD físico. A nossa demo tem lá, o patrocínio do Viela e da Churrascaria Paraíso, que foram os dois lugares que patrocinaram a gente. Antigamente, tinha essa ideia de buscar patrocínio assim, com as empresas. Hoje em dia, abandonamos um pouco isso, mas é interessante, porque a gente não tem como financiar as coisas. Se você não tiver dinheiro, não vai pra canto nenhum. Aí, gravamos em Ruckson¹²⁵ e lançamos no Viela. (BORGES, 2020)

A partir de 2010, o experimentalismo do primeiro ano do Viela começa a consolidar sua identidade enquanto bar de rock, ao mesmo tempo em que o gênero também passa a conquistar com maior ênfase outros espaços. O Apogeu, a esta altura, também trazia certa constância em eventos de rock, geralmente propostos de fora para dentro, por bandas ou produtores. Ao contrário do Viela, o ápice da sua noite se dava em plena madrugada. O ambiente mantinha um grande e arborizado jardim que funcionava como um atenuante acústico relativamente eficiente. Era normal o público começar a noite no Viela e terminar no Apogeu.

Figura 17 – Kessler, no telhado, se apresentando à área externa do Apogeu em 2010



Fonte: <http://apogeutemplodebaco.blogspot.com/>

Já o Café Society apresentava-se como um estabelecimento mais intimista e comportado, de visual inspirado nos pequenos *pubs* europeus, onde o barulho em excesso não era bem-vindo.

Nenhum dos três estabelecimentos se enquadraria como “de preços populares”, mas a cidade já não mais poderia queixar-se do vazio causado pelo fechamento do Paraki e Odeon, anos antes, em relação a espaços onde era possível se escutar rock e gêneros afins.

Pensa aí: eu fiz um tributo ao Black Sabbath, meu irmão, no Viela. Foram mais de trezentas cabeças. Mais do que o espaço comportava. Gente dentro, gente fora, pulando um em cima do outro, pau quebrando... Só dava pra fazer isso no Viela ou no Apogeu, mas o Apogeu era um bar bem mais *underground*, né? Depois do Viela, o Apogeu também começou a ter um trato mais rock n’ roll mesmo, porque quando o (Coletivo) Suíça (Bahiana) aproveitou que tinha um bar onde você poderia trazer banda, e começou a rolar shows de outras bandas autorais no espaço, o Viela começou a ficar... A banda vinha de fora. “Vai tocar num lugar? Não vai. Então, vai tocar no Viela e vai tocar no Apogeu também”. Agora você já tinha dois espaços. Não era só o Apogeu, como antes, que só rolava show esporadicamente. O Viela já começou a entrar com mais força a rolar o som como um bar de rock n’ roll. Depois, veio o Café Society, onde não entrava banda como as que estávamos acostumados a ouvir, mas já se conseguia, ao menos, tocar um blues, um jazz... Um cara que tocava um pop mais decente, tocava lá. Um cara que tocasse um folk... Chegar naqueles bares ali da [Avenida] Olívia [Flores], naquela época, e tocar Bob Dylan, nunca mais ia aparecer em lugar nenhum, né? (BITTENCOURT, 2020)

Após o ACRock, os produtores de rock da cidade recuaram, refletindo em uma consistente queda na frequência de shows independentes, formato predominante à década anterior, utilizando espaços alugados. O número de bandas, em ressonância, também diminuiu, gerando uma generalizada sensação de que a cena havia se esgotado, o que se confirma pelos relatos dos entrevistados. Com a inauguração do Viela e a abertura do Apogeu para shows de rock, acontece, aos poucos, um renascimento, dando, às bandas, a oportunidade de apresentação sem a dependência de uma iniciativa por parte de algum produtor ou mesmo dos próprios grupos musicais.

Produzir um evento de rock era/é trabalhoso, muitas vezes penoso e arriscado. Buscar patrocínio junto às empresas locais era tarefa difícil e, muitas vezes, inútil. A existência de um bar alternativo com sua própria estrutura e agenda fixa de eventos mostrava-se um elemento facilitador muito bem-vindo. Bastava fazer uma visita, conhecer os proprietários e propor um agendamento de pauta. Muitas vezes, era suficiente que os músicos, independentemente do gênero musical, aparecessem em alguma noite e, ao intervalo de uma apresentação de um colega, “dessem uma canja”, ou seja: tocassem algumas músicas, para que o responsável pela agenda musical do espaço verificasse a qualidade e estilo dos candidatos.

Na maioria das vezes, conseguia-se, através desse rito, reservar uma data para uma apresentação ao palco do Viela, o que poderia, a partir de então, repetir-se indefinidas vezes. Assim se deu com bandas novatas e músicos solo iniciantes, muitas vezes recém-advindos de outras

idades e fixando residência à capital do sudoeste baiano, como a banda Radiozero (que chegou a gravar, com o objetivo de encontrar lugares para apresentar-se, um CD contendo covers de pop-rock, distribuído acompanhado de um *release* impresso), a cantora Marcelly Cillani e o cantor e compositor brumadense Bruno Lima.

Outra possibilidade era o firmamento de parcerias entre produtores e o Viela, fechando as portas e cobrando entrada. A produtora Caso à Parte, a esta altura já especializada em produção de eventos de rock envolvendo bandas autorais de fora da cidade como atrações principais, iniciou, em 27 de maio daquele ano, um ciclo de parcerias que se tornaria o mais característico desta fase do nosso recorte. As bandas paraibanas Nublado (João Pessoa) e Sex on the Beach (Campina Grande) através do projeto *Tour Fora do Eixo*, apresentaram-se à cidade como uma das etapas de uma turnê formada por nove apresentações em cidades do Distrito Federal, Minas Gerais, Bahia, Goiás e Alagoas. O evento contou, ainda, com a apresentação da banda conquistense Ladrões de Vinil. O próprio Viela já havia produzido shows com bandas de outros estados de forma autônoma, como quando da passagem da banda Visitantes (São Paulo) pela cidade, em 14 de novembro de 2009, mas foi a partir da atuação conjunta com a produtora, que filiou-se ao Circuito Fora do Eixo em janeiro de 2010, que o espaço tornou-se, definitivamente, o principal espaço do rock na cidade e palco de inúmeras apresentações de bandas locais e dos mais variados pontos do país e exterior.

O Fora do Eixo, segundo Savazoni (2014, p. 15), "uma rede de coletivos culturais e de ativismo político-digital" que teve suas raízes em Cuiabá, em 2002, por iniciativa do produtor independente Pablo Capilé e as comunicadoras Lenissa Lenza e Mariele Ramires, através da fundação do coletivo Espaço Cubo, Foi fundado oficialmente em 2005,

a partir da articulação de produtores culturais independentes de Cuiabá (MT), Uberlândia (MG), Londrina (PR) e Rio Branco (AC). Inicialmente, um dos principais objetivos da parceria era a busca por alternativas para intensificar a circulação de bandas de rock entre os festivais que eles organizavam em suas cidades. No decorrer dos anos, o Circuito *Fora do Eixo* incorporou novos pontos à rede e conquistou notoriedade no cenário alternativo através de seus eventos integrados, cujo melhor exemplo é o *Grito Rock*. Sob o discurso da solidariedade e do colaborativismo, os integrantes desenvolveram uma série de métodos de trabalho informal no campo da economia da cultura e atraíram o interesse de diversos agentes culturais, sobretudo a partir da experiência da criação dos *cards* – moedas complementares empregadas para atribuir valor às trocas de serviço, incentivar a interdependência entre os participantes, capitalizar o próprio circuito e estimular a promoção de eventos com recursos financeiros limitados. (FONSECA, 2015, p. 95)

A premissa que deu nome ao coletivo, viabilizar movimentações musicais sem submeter-se ao *mainstream*, essencialmente concentrado no eixo Rio-São Paulo, materializou-se para o produtor

Gilmar Dantas ainda em seus primeiros movimentos, quando da passagem da turnê *MTV Apresenta: Tour Independente* por Vitória da Conquista. A identificação mútua entre a conquistense Caso à Parte Eventos, habituada à viabilização de eventos com bandas externas à cena local – não raro, desconhecidas para a maioria do público – e o Coletivo Fora do Eixo, se deu de forma profundamente natural:

O Fora do Eixo eu descobri em 2005, 2006, quando o Fora do Eixo estava ajudando na turnê, que era de um produtor chamado Bruno Montalvão, com várias bandas rodando o norte e o nordeste com transmissão da MTV. Eu fiz a produção local desse show. Tinha o Vanguard, que era do Mato Grosso e muito ligada ao pessoal do Fora do Eixo, ao próprio Capilé, então, conheci os meninos do Fora do Eixo ali. Em 2006, eu também comecei a conhecer festivais: fui pro Goiânia Noise, para o Porão do Rock, em Brasília, de onde lembro de ver a galera do Fora do Eixo entregando revista, militando, discutindo e participando da criação da Abrafin¹²⁶. Então, eu conhecia todo mundo, tinha todo mundo no MSN. Em 2007 eu parei de fazer eventos, porque passei numa seleção para dar aula em Poções mas, em 2009, estava passando uma turnê do Mato Grosso chamada *Música do Mato: Macaco Bong*, Paulo Monarco, uma galera... Aí, o Pablo Capilé falou: “Gilmar, tá passando por sua cidade. Cê não quer fazer não?” E o Macaco Bong já tinha ganhado o prêmio de disco do ano da Rolling Stone, era uma banda meio *hypada*, todo mundo queria fazer o show deles, então, falei: “poxa, seria massa fazer”. Como era um evento gratuito¹²⁷, conseguimos muita coisa. O SESC, acho que bancou o palco e a prefeitura o som. Deu tudo muito certo, aí o Pablo: “pô, Gilmar, funcionou tão bem aí, vocês fizeram todas as oficinas programadas... Montem um Coletivo, bora integrar à Rede Fora do Eixo”, e aí montamos esse Coletivo com base na turma que produziu o *Música no Mato*. (DANTAS, 2020)

Ainda em 2010, logo após a oficialização do Coletivo Suíça Bahiana – nome adotado em referência a um dos antigos apelidos¹²⁸ atribuídos à cidade, relacionado ao clima frio e seco característico da região, em contraste ao intenso calor predominante em quase todo o território baiano – enquanto Ponto Fora do Eixo, o Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima passou, a partir de 14 de janeiro, a ser utilizado pelo grupo para suas reuniões, às segundas e quintas feiras, a partir das 19h, A realização da Tour Fora do Eixo com as bandas paraibanas marcou a primeira edição das Noites Fora do Eixo, projeto que teve sequência semanalmente a partir de 1º de julho, com a banda

126 De acordo com SAVAZONI (2014, p. 78), “de todas as iniciativas em que o Fora do Eixo esteve envolvido, sem dúvida, a mais importante é a criação da Associação Brasileira de Festivais Independentes (Abrafin), em 2005, que passou a ser denominada Rede Brasil de Festivais Independentes a partir de 2011. A Abrafin surge em paralelo ao FdE, com o objetivo de articular os principais festivais de música brasileiros e representá-los junto ao mercado e o poder público.”

127 O *Música do Mato* aconteceu em duas etapas: a primeira em 30 de agosto de 2009, com as apresentações musicais em palco armado à Praça Barão do Rio Branco, centro da cidade; No dia seguinte, com a realização de palestras e rodas de conversa sobre produção cultural.

128 Outros apelidos comumente utilizados são: *terra das rosas*; *joia do sertão baiano*; e *Conquista*, remetendo aos períodos anteriores à alteração definitiva da denominação, através do Decreto-Lei Estadual nº 141, de 31/12/1943, para *Vitória da Conquista*.

soteropolitana Pirigulino Babilake e a segunda edição da Expo Rock, com fotografias de Edna Nolasco¹²⁹ e curadoria de Darka Azevedo e Gilmar Dantas. A ideia central das NFE era trazer, sempre às quintas-feiras, bandas de fora, geralmente em apresentações únicas na cidade, e uma banda local. Em fevereiro, o Coletivo também inserira Vitória da Conquista no circuito do festival Grito Rock, realizando, nos dias 11 e 18, no teatro do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima, sua primeira edição na cidade, trazendo bandas de Salvador, Curitiba, Feira de Santana, Recife e, representando a cena local, as bandas Ladrões de Vinil e Distintivo Blue – em sua segunda apresentação pública e após lançar seu primeiro *single*, *Luar do Pontal*. O festival, criado em 2002 ainda em Cuiabá, no período do Espaço Cubo, foi um dos pilares estratégicos de ação do Fora do Eixo (SAVAZONI, 2014), viabilizando a circulação da música independente por todo o país, através dos Coletivos locais, e em diversos países, como Uruguai, Argentina, Cabo Verde, Bolívia, El Salvador, Estados Unidos, México, Portugal, Panamá, Guatemala e Honduras.

O mecanismo criado para viabilizar o festival guardava relação direta com a plataforma virtual Toque no Brasil, atualmente desativada, que funcionava como uma rede social: as bandas criavam perfis contendo informações básicas, como *release*, mapa de palco, integrantes, fotos, vídeos e o principal: as músicas, organizadas em uma playlist. A página das bandas assemelhava-se ao modelo popularizado pelo MySpace¹³⁰, com a diferença de que, além de servir como um eficaz e limpo portfólio personalizável disponibilizado para qualquer pessoa, sem necessidade de cadastro ou *login*¹³¹, estava integrado ao complexo sistema de produção de eventos do Fora do Eixo. Os produtores, como o Coletivo Suíça Bahiana, também criavam seus cadastros e propunham eventos, com inscrições abertas às bandas.

Eventos como o Grito Rock possuíam características semelhantes às de uma franquias: havia uma centralização, mas às dezenas de produtores locais era possibilitado aderir à campanha, produzindo-o em nível local, utilizando a identidade visual padronizada, dentre outros mecanismos de integração. A seleção das bandas era divulgada com prazos previamente definidos, seguindo modelos que se assemelhavam aos mecanismos de fomento à cultura viabilizados pelo Poder

129 A exposição compreendia imagens captadas pela fotógrafa – falecida em 11/11/2021, em consequência da COVID-19 – em eventos de rock locais, a partir de 2000.

130 Rede social criada em 2003 e de grande projeção em toda a década de 2000, ao oferecer recursos de interação entre usuários que seriam amplamente utilizados por suas sucessoras, ao mesmo tempo em que se consagrou como importante espaço de divulgação de artistas independentes. A partir de 2009, com a popularização de redes concorrentes, como o Facebook, passou a perder cada vez mais membros até se tornar obsoleta e esquecida (FERREIRA, 2019), apesar de disponível até os dias atuais.

131 Chave, senha ou palavra-chave com a qual uma pessoa está cadastrada em um sistema computador, conta de internet, página da web ou aplicativo (RUISÁNCHEZ, 2016), e cuja inserção em espaço específico é necessária para se acessar o ambiente virtual em questão. Maiores exemplos de *login* estão nos webmails, redes sociais e plataformas de streaming.

Público, com editais mais ou menos detalhados. Uma característica controversa era o rol de condições oferecidas às bandas: a cada Coletivo era facultada a liberalidade de disponibilizar transporte entre cidades ou interno, cachês, alimentação e hospedagem. Assim, um artista poderia viabilizar uma turnê em outro estado, caso julgasse viável financeiramente, tomando como base o evento em questão. Porém, não era raro deparar-se com uma lista de negativas que, na prática, concentravam apenas nas bandas todos os riscos e responsabilidades da logística, inspirando algumas das muitas críticas e desconfianças direcionadas ao Fora do Eixo, como veremos adiante.

Figura 18 – Box de condições na página de um evento no TNB, com todos os custos sobre os artistas (2012).

CONDIÇÕES	
Hospedagem	X
Alimentação	X
Transporte local	X
Transporte entre cidades	X
Cache	X

Fonte: acervo pessoal do autor.

Em 2011, o Viela realizou uma grande ampliação em seu espaço físico, ocupando salas vizinhas dominando, juntamente à Letras & Prosa – que tornou-se SóLetras em janeiro – todo o espaço térreo do prédio. O palco, até então, improvisado na área externa, passou ao interior do estabelecimento, ostentando, ao fundo, um grande logotipo demonstrando a importância que seria reservada à música ao vivo a partir de então. Após a reforma, o outrora limitado espaço do Viela tornou-se amplo, possibilitando a sublocação de uma sala pelo Coletivo Suíça Bahiana, a esta altura, grande responsável pelas maiores aglomerações de público do espaço, solidificando-o enquanto local mais típico para o rock na cidade.

Começamos a fazer eventos (no Viela), sempre com uma banda local e uma de fora: as Noites Fora do Eixo. Esses eventos foram dando certo. No início, era trinta,

quarenta, cinquenta pessoas só que com a constância, como a gente fazia sempre, esse público ia aumentando, até que a gente viu que dava pra fazer toda semana. E se era pra fazer toda semana, seria legal ter um ponto ali, então pegamos uma sala no Viela pra ser o escritório. Euvaldo sublocou o espaço e pegamos uma sala para ser o escritório do Coletivo, em 2011. A gente fazia toda quinta feira e, em 2012, a gente também fazia toda sexta feira. Então, mantínhamos duas pautas semanais lá: as Noites Fora do Eixo, na quinta, e o projeto Sexta Básica, na sexta. As Noites Fora do Eixo de 2012 foram patrocinadas pelo Conexão Vivo¹³², então, foi bacana, porque não dependíamos de bilheteria para pagar cachê às bandas. Talvez tenha sido o último evento a captar recursos pelo Fazcultura¹³³ aqui em Conquista. Na sexta-feira, não: era bilheteria mesmo. (DANTAS, 2020)

Após a instalação do escritório do Coletivo ao interior do Viela, a cena rock conquistense testemunhou, assim como em uma década antes, uma alta frequência de shows que se estendeu até a sua retirada do espaço, com a inauguração da Casa Fora do Eixo em 2013. Entretanto, certo conjunto de elementos tornava este período consistentemente distinto do anterior, a começar pelo fim do amadorismo: os eventos não mais eram produzidos por adolescentes experimentalistas, sedentos pelo simples “fazer música” e movidos pela escassez e precariedade, mas por pessoas capacitadas e experientes, muitas vezes financiadas por dinheiro público e apoiadas por uma gigantesca rede em nível internacional – o Fora do Eixo – que conquistava cada vez mais espaço no mercado cultural brasileiro, ainda que não fizesse parte da música massiva – a música amplamente divulgada pelas rádios e TV aberta¹³⁴ como uma espécie de padrão para aqueles que não possuíam o hábito da pesquisa musical.

A música independente, neste período, conseguiu alçar voos altos e longos, passando a chamar a atenção da imprensa especializada e, em alguns casos, alcançando o *mainstream*, a exemplo da banda brasiliense Móveis Coloniais de Acaju, encerrada em 2016, que produzia seu próprio festival, o Móveis Convida – em 2020, alterando o nome para Festival Convida (FESTIVAL..., 2020) – e a soteropolitana BaianaSystem, ambas com passagens por Vitória da Conquista através do Coletivo. Tornou-se comum, no período, a realização de eventos musicais que iam além da apresentação em palco, abrangendo, ainda, palestras, oficinas e outras vivências, com o objetivo de formação de público e de agentes culturais ativos, com noções acerca de produção cultural, elaboração de projetos, captação de recursos, técnicas de estúdio, marketing, e diversos temas afins.

132 Programa de incentivo à cultura da Vivo. O Programa mantinha um portal homônimo, onde era possível criar um cadastro e candidatar-se a um dos muitos editais de cultura, que abrangiam desde a produção de um CD até festivais, animações, seminários, dentre outros.

133 Programa Estadual de Incentivo ao Patrocínio Cultural (Fazcultura), da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SecultBA).

134 CARDOSO FILHO, Jorge; JANOTTI JÚNIOR, Jeder. **A música popular massiva, o *mainstream* e o *underground***: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática. In: FREIRE FILHO; JANOTTI JÚNIOR, 2006.

Os editais de cultura e leis de incentivo passaram a ser almejados por músicos, produtores e outros profissionais envolvidos. A internet tornara-se o principal meio de comunicação, aprendizado e divulgação do universo musical. O YouTube mostrou-se uma valiosa ferramenta para o aprendizado gratuito em qualquer segmento, bem como as redes sociais, em especial o Facebook, que aproximava profissionais do grande público. Paralelamente, plataformas de cursos on-line, como Coursera, Udemy e Hotmart ofereciam a esses profissionais o espaço para a criação de cursos com preços e condições de pagamento acessíveis, como o Palco Digital, direcionado a músicos independentes que almejavam a autoprodução, novo modelo de mercado que se distancia da antiga ideia de que um músico deveria, necessariamente, ser descoberto por um caça-talento de uma grande gravadora para alcançar o sucesso. O mercado musical, após a crise da pirataria por meio do mp3, encontrava, enfim, o caminho da música digital legalizada, atualmente amplamente difundido pelas plataformas de *streaming*, como Spotify, Apple Music, Deezer, Tidal, dentre outras.

O compartilhamento de conhecimento, através de diversas formas, digitais ou físicas, chega a um nível até então inédito. O advento e popularização das licenças *Creative Commons*¹³⁵ sinalizava a busca por soluções jurídicas ágeis para o contorno de formalidades e burocracias que “engessavam” o cada vez mais frenético ritmo da produção cultural na década de 2010. O *music business*¹³⁶ torna-se pauta constante e necessária para músicos independentes com intenção de tornar a música uma profissão real e sustentável. Os apoios e financiamentos públicos e privados – estes, geralmente através de algum mecanismo público de isenção fiscal – tornaram possível a circulação de livros físicos e digitais com conhecimento técnico acerca do mercado musical. Obras como *Manual de sobrevivência no mundo digital* (2009), do cantor e compositor Leoni, traziam conceitos básicos de forma gratuita – e legal – como a importância de o artista criar seu próprio website, não se limitando apenas a perfis em redes sociais, a diferença de eficácia ao se lançar singles ou álbuns, a forma de se dirigir ao público ao escrever em um blog, como fazer com que a sua música toque no rádio e televisão e, até mesmo, como precificar um CD independente. Já a obra *Música Ltda – o negócio da música para empreendedores* (2010), mais tecnicista, mas ainda de

135 Creative Commons são modalidades de licenças para uso de criações intelectuais criadas para desburocratizar e acelerar a relação entre, por exemplo, um autor de uma música e um artista que deseje regravá-la ou utilizar trechos em sua própria criação, prática comum no universo da música eletrônica. Em contraponto ao *copyright* (©), cuja máxima é “todos os direitos reservados”, as licenças Creative Commons (CC) propõem “alguns direitos reservados”. Assim, o próprio autor sinaliza previamente a possibilidade de uso de sua obra para determinados fins (como a criação de *remixes*, desde que sem fins comerciais, por exemplo), eliminando-se a necessidade de pedidos de autorização ou negociações. As licenças se aplicam a todo o âmbito de alcance do direito autoral e abrangem todo o mundo (SOBRE..., 2017), sendo bastante utilizadas por criadores de software livre, escritores, periódicos e músicos autorais.

136 Em inglês, “negócio da música”: refere-se tanto ao universo da indústria musical *mainstream* quanto ao ambiente do músico independente que faz da música uma fonte de renda. Envolve estratégias de produção, distribuição, circulação, capacitação, publicidade, gestão financeira, etc. (SALAZAR, 2010)

linguagem acessível, enumerava personagens, funções, práticas e procedimentos geralmente abominados por artistas, mas esclarecendo sobre a nova realidade da música enquanto profissão, que é cada vez mais complexa, mas possível. Ainda na orelha do livro, patrocinado pelo SEBRAE e cuja segunda edição (2015) foi disponibilizada para download gratuito¹³⁷, o autor expõe, de imediato, as principais regras do jogo:

Geralmente o músico é quem menos ganha dinheiro com a música. Ser músico hoje em dia não é mais só ensaiar e tocar. O músico precisa aprender a tocar o negócio. O negócio da música faz parte da indústria do entretenimento, segmento que movimenta bilhões de dólares em todo o mundo, superando a indústria automobilística em faturamento, ficando atrás apenas da indústria bélica. A cadeia produtiva da música está baseada principalmente em três fontes de renda: o disco, o show e os direitos autorais. (SALAZAR, 2010)

Neste cenário, onde um universo de possibilidades se mostrava facilmente acessível, surge o grande diferencial para a cena do rock conquistense da década de 2010: a predominância da música autoral enquanto elemento natural de atuação. Se, nos períodos anteriores, a escassez de recursos poderia – salvo em raríssimos casos – apenas ser contornada pelo experimentalismo amador, neste momento, o amadorismo torna-se *persona non grata*, elemento inviabilizador de ação em qualquer dos setores do *music business*: um músico que tivesse, por hábito, faltar aos ensaios, não praticar as músicas do repertório ou não fornecer as informações necessárias à candidatura em um Grito Rock não era bem-vindo. Uma banda que não se preocupasse em viabilizar formas de participação em um edital – como, por exemplo, a formalização do grupo com um CNPJ, ainda que sob a forma de um dos componentes enquanto Microempreendedor Individual [MEI] – impossibilitaria uma apresentação em um grande evento, como o Natal da Cidade, produzido pela prefeitura de Vitória da Conquista e que possibilitava a uma banda local apresentar-se ao mesmo palco que uma atração nacional de renome, recebendo um cachê consideravelmente mais alto que o habitual. Assim, a figura do *bandleader*¹³⁸ mostra-se com maior clareza, uma vez que considerável parcela dos músicos ainda atualmente não se interessa por debruçar-se sobre os muitas vezes entediantes e burocráticos bastidores da música¹³⁹.

137 Disponível em: <http://www.musicaltda.com.br>.

138 Literalmente, “líder de banda”. O membro responsável por coordenar a equipe, tomando decisões, firmando contatos e conduzindo as atividades e objetivos do grupo. Ao contrário do que a grande mídia erroneamente sempre sugeriu, esta pessoa não necessariamente seria o vocalista principal, também denominado *frontman*.

139 Isto, constatamos tanto através da experiência empírica, trabalhando com música desde o início da década de 2000, quanto em meio às pesquisas permanentes sobre os artistas independentes do sudoeste da Bahia, para o projeto Memória Musical do Sudoeste da Bahia (v. Introdução): parece haver, entre os músicos em geral, uma considerável resistência em se lidar com os aspectos administrativos do “trabalhar com música”, inversamente proporcional aos

Outro importante diferencial entre a primeira metade da década de 2010 e a anterior, é predominância dos eventos produzidos pelo Coletivo Suíça Bahiana: se, ao início da cena, os shows eram produzidos por uma robusta diversidade de produtores, advindos de diferentes bairros da cidade, em sua maioria, membros de bandas em associação a pessoas com interesses afins – incluindo o fundador do Coletivo, conforme supracitado, anteriormente atuando sob a alcunha Caso à Parte Eventos – neste ponto, passam a ser raras as iniciativas advindas de fora do Fora do Eixo. A constância de shows pode ser comparada entre os dois períodos, mas muito se deve à agenda própria do Coletivo que, em parceria com o Viela – logo, a luta de outrora por pautas em espaços físicos diversos não se fazia mais tão necessária – ostentava, ao menos nesse sentido, certo conforto, uma vez que o espaço, estruturado, já desenvolvia atividades musicais rotineiramente.

Outros pontos do circuito, como o Apogeu, o Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima, o Teatro Carlos Jehovah e, até mesmo, o Café Society, menos receptivo a eventos externos que os demais, também eram utilizados, mas a produção de eventos em locais originalmente sem qualquer estrutura prévia para shows, como residências, praças e estacionamentos, com equipamento precário, tornou-se parte de um passado distante, que considerável parcela do público de então, jamais conhecera. Em todos esses novos espaços havia, ao menos, um equipamento de som mínimo e capaz de viabilizar um evento tecnicamente superior à maioria dos da geração anterior. Some-se, ainda, a maior diversidade de opções e o avanço na qualidade dos serviços prestados pelos técnicos de som disponíveis, destacando-se, desde a década anterior, a atuação do técnico de som e baixista Niel Costa, um dos entrevistados em nossa pesquisa, conhecido por gravar as apresentações em eventos onde atuou, através do *mixer*¹⁴⁰, construindo rico acervo sonoro da cena rock conquistense e sagrando-se como principal técnico de som do movimento, desde o início do recorte. Um típico evento de rock conquistense, desde o início da década de 2000, teria, como técnico de som, Niel Costa e, como mestre de cerimônias, o radialista Miguel Côrtes. O Coletivo Suíça Bahiana incorporou estas e outras características consolidadas ao seu universo, firmando, aos novos tempos, a identidade da cena, ainda que guardando tantos diferenciais.

Na primeira metade da década de 2010, portanto, a cena rock conquistense possuía um circuito formado por alguns pontos-chave: 1) O Viela como o principal espaço privado para

aspectos artísticos (tocar, praticar, apresentar-se publicamente, etc.), o que se reflete, ao pesquisador, sob a forma da escassez documental.

140 *Mixer*, ou “mesa de som”, é um aparelho conectado a todos os instrumentos e microfones do palco, regulando – “mixando” – elementos como frequências – graves, agudos e médios –, volumes, balanços – canal esquerdo ou direito – e enviando o sinal sonoro obtido e “tratado” aos PAs – *Public Audition* ou *Public Address* –, os amplificadores direcionados ao público, facilmente visíveis. A área de atuação do técnico de som em palcos abrange desde os “retornos” – caixas destinadas à audição dos músicos, como orientação – e pontos de energia para os artistas até o som que é escutado pelo público. Muitos técnicos de som atuam, ainda, no setor de iluminação e ambientação de palco, utilizando refletores de luz e máquinas de fumaça.

encontros e shows e a concha acústica do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima, mantendo seu *status* de principal espaço público; 2) Uma produtora dominante – o Coletivo Suíça Bahiana – responsável pela grande maioria dos eventos; 3) Um número reduzido – em comparação ao período anterior – de bandas, porém, apresentando uma maior porcentagem de bandas autorais, cada uma acompanhada de seu próprio público, que comprava – e “baixava” – os discos, conhecendo as letras das canções; 4) Uma generalização de aspectos profissionalizantes – compreendendo a produção de eventos, as ferramentas, cursos e oficinas de capacitação, a autoprodução das bandas e seus conteúdos/produtos, como álbuns e videoclipes; 5) Uma maior cobertura midiática especializada; e 6) Uma maior variedade de estúdios de gravação e ferramentas de autoprodução – abordaremos estes últimos adiante. Restava, ainda, um grande festival aos moldes do Woodstock para reunir toda a cena em uma grande celebração ao rock n’ roll, como das cinco ocasiões à década anterior.

Em 22 a 24 de outubro de 2010, o Coletivo realizou, no Apogeu, a primeira edição do Festival Suíça Bahiana, evento de modesta repercussão que seguiu o padrão adotado pela produtora, com bandas locais (Ladrões de Vinil, Paralips, Tres Puntos, Randômicos, Os Barcos, Complexo Ragga, Cama de Jornal e Zas Tras Band) e de outras cenas (The Honkers - Salvador; Brown-Há - Brasília; The Sams Hardcore Orchestra - São Paulo)¹⁴¹, semeando a ideia que culminaria, no ano seguinte, ao maior festival da cena pós-2010:

A primeira edição, pouca gente se lembra, porque foi pequena, no Apogeu. A gente pensou que se levávamos cinquenta pessoas com duas bandas, com oito levaríamos quatrocentas. E foi isso mesmo o que aconteceu: fizemos a primeira edição, em 2010, com Honkers, Os Barcos, várias bandas locais e foi bem pequenininho, sem patrocínio algum, tudo muito pequeno e precário, mas foi divertido. Em 2011, resolvemos fazer algo muito maior, porque fizemos um evento na Concha [do Centro de Cultura] chamado Folia Fora do Eixo, com Móveis Coloniais de Acaju [DF], Canastra [RJ], Camarones Orquestra Guitarrística [RN], um evento grande. E aí, nosso saudoso Miguel Côrtes, perguntou: “ô, Gilmar, que evento gigantesco vocês estão fazendo aqui. E eu tô anunciando o apoio da prefeitura... A prefeitura tá dando o que mesmo?” e o chefe de gabinete lá no público, né? Falei: “Miguel, a prefeitura deu os cartazes”. Aí, ele: “só isso, bicho? Num evento deste tamanho? Eu posso falar o que eu quiser aqui?”; Falei: “você sempre pode falar o que quiser. Fique à vontade”. Miguel desceu o pau na prefeitura, sem dó nem piedade. E aí, Anderson, do blog¹⁴², fez a matéria e postou o áudio de Miguel detonando. Na semana seguinte, fui chamado para uma reunião com o prefeito, Guilherme: “poxa, eu nem conheço o Miguel, sei da importância dele para a cidade, e ele me detonou lá no evento. Eu não quero que fique assim: quero que os shows de rock tenham participação, então, a prefeitura quer patrocinar a próxima edição do Suíça Bahiana. Acho que a maneira que a gente pode estar junto aí, entendemos esse movimento que vocês fazem, blá blá blá”. Saiu a matéria no próprio site da prefeitura sobre essa reunião. A gente falou: “vamos aproveitar isso aí e fazer um

141 (FESTIVAL..., 2010b)

142 Blog do Anderson, website de notícias locais. (RADIALISTA, 2011)

festival gigante, como a gente nunca imaginou”. E fizemos um Festival Suíça Bahiana que, modéstia à parte, eu considero a melhor programação de um evento musical da história de Conquista. Nunca um evento conseguiu reunir tanta banda independente boa, sabe? De Marcelo Jeneci a Ratos de Porão, de Emicida a Canastra. Quase todo estado tinha um representante. (DANTAS, 2020)

A proposta do segundo Festival Suíça Bahiana, realizado em 28 a 30 de outubro era, de fato, reunir, em um espaço, algumas das principais bandas da cena local à época (Garboso, Os Barcos, Randômicos, Ladrões de Vinil, Distintivo Blue e Cama de Jornal, todas autorais) e grandes nomes da música independente em nível nacional¹⁴³, em dois palcos posicionados lado a lado, de proporções e qualidade de som iguais, iniciando-se o show em um palco imediatamente após o término do show no palco ao lado, sendo possível a apresentação de todas as 27 bandas anunciadas. O local escolhido foi o Clube D’Waller, sítio situado ao bairro Boa Vista, à época pouco pavimentado e atraindo menor atenção do mercado imobiliário que uma década depois. O amplo espaço, que continha área para *camping*, intervenções teatrais, bar, pomar, remetia à nostalgia do primeiro Agosto de Rock, realizado uma década antes. As referências ao Woodstock Conquistense eram explícitas:

Esta edição do FSB tem a missão de iniciar o segundo capítulo de uma história que começou em 2001, com a primeira edição do Agosto de Rock. Dez anos depois, o mercado da música e novos conceitos de cultura fazem com que o festival deixe de ser visto como um simples entretenimento para ser considerado modelo de economia criativa, gerador de emprego e renda e base para discussões de políticas culturais, Universidade da Cultura e preservação do meio ambiente.

Na gênese do Agosto de Rock, uma cena local que vinha se organizando desde o ano anterior, em eventos de pequeno porte realizados em comitês eleitorais, garagens e até na casa de amigos. Vitória da Conquista tinha dezenas de grupos que foram surgindo à luz da terceira edição do Rock In Rio, que era o grande assunto da mídia no país inteiro. Eram bandas que queriam ser os novos Radiohead, Capital Inicial, O Rappa, Nenhum de Nós, Raimundos, Nirvana, Nightwish, Pearl Jam, etc.

Se, por um lado, a indústria do axé music continuava firme em meio à queda das micaretas, “os três R’s” andavam juntos e foram ocupando espaço: Rock, Reggae e Rave. Dezenas de festas foram criadas e tiveram segunda, terceira, e outras tantas edições. Mas, por falta de um trabalho de formação, pela desunião entre estas cenas independentes e por não conseguirem um diálogo com instituições públicas e privadas, este movimento foi morrendo.

O Festival de Inverno Bahia, evento declaradamente inspirado no Agosto de Rock, deixou de dar espaço para estes grupos na edição deste ano. E isto não foi uma decisão radical, foi apenas uma constatação deste contexto.

143 As bandas não-conquistenses: Transmissor [MG], Nevilton [PR], Gloom [GO], Apanhador Só [RS], Maglore [BA], Autoramas e BNegão [RJ], Marcelo Jeneci [RJ], Versu2 [BA] com participação de Rashid [SP], Marechal [RJ] e Diente [MG], Talma & Gadelha [RN], Suinga [BA], Nantes [SE], Pirigulino Babilake [BA], Canastra [RJ], Emicida [SP], Rinoceronte [RS], Clube de Patifes [BA], Clamus [CE], Maldita [RJ], Facada [CE], Hilbilly Rawhide [PR] e Ratos de Porão [SP]. (GRADE, 2011)

Entretanto, desde o ano passado, um novo movimento vem ganhando força na cidade: o Circuito Fora do Eixo, representado pelo Coletivo Suíça Bahiana (cujo nome vem do apelido que Conquista tem por causa do clima). Aqui, a rede ocupou o Apogeu, Centro de Cultura, Praça Barão do Rio Branco, Teatro Carlos Jehovah e fez do Viela o seu QG, trazendo dezenas de artistas para cá. Trabalhou com música, cinema, teatro, dança e literatura. Foi selecionado em editais do Conexão Vivo, da Funceb e fez parcerias com a Prefeitura, Rede Motiva e UESB. Sempre buscando trabalhar formação cultural e conscientização do papel de mobilização que a cultura tem na humanidade. (FESTIVAL, 2011)

O segundo Festival Suíça Bahiana, assim como o primeiro Agosto de Rock, tornou-se simbólico para a primeira metade da sua década, ao consolidar a existência e viabilidade de uma cena rock na cidade: a população conquistense – nossa comunidade de destino – englobando o público, os artistas, produtores, técnicos, o Poder Público e o empresariado obtiveram uma amostra concreta do quão vivo era o movimento e seu potencial enquanto cultura de “nicho” – terminologia cada vez mais utilizada, a partir do período, em manuais, palestras e cursos de *music business*.

A partir de sua realização, o Coletivo Suíça Bahiana consolidou-se como principal produtor de eventos da cena, mantendo eventos já testados, oriundos do Circuito Fora do Eixo, como o Grito Rock e as Noites Fora do Eixo, mas não deixando de inspirar grande gama de críticas, algumas também presentes em todo o Circuito Fora do Eixo, sobretudo em relação aos constantes atrasos ou não pagamentos de cachês (MAIOR..., 2013), bem como à muitas vezes evidente diferença de tratamento reservada às bandas visitantes, em detrimento das bandas locais: à maioria das vezes, sobretudo em eventos como as Noites Fora do Eixo, de cuja fórmula compreendia a apresentação de uma banda local seguida pela de uma banda externa, bandas conquistenses apresentavam-se em horários desprivilegiados, com pouca presença de público, atuando, em efeitos práticos, como meros “aquecimentos” para as apresentações dos artistas vindos de fora (MALFÖREA, 2021b), refletindo um sentimento que parecia generalizado em relação ao Circuito Fora do Eixo como um todo: os artistas menores, não raro, sentiam-se inseridos em um gigantesco complexo cultural e de entretenimento que crescia a passos largos, recebendo apoio de grandes empresas e dinheiro público através de editais de incentivo à cultura, enquanto exerciam apenas a função de fortalecê-lo sem o devido reconhecimento e contrapartida, como simples peças em uma engrenagem.

Nesse sentido, o Fora do Eixo, sob o argumento da necessidade de formação de público, termina por reproduzir práticas predatórias de exploração¹⁴⁴ já conhecidas pela classe artística, onde

144 Reivindicações por parte dos músicos em relação ao “tocar de graça” se fizeram presentes desde o período inicial da cena. O entrevistado Rômulo Fonseca (2020) chama a atenção para o esforço de parte das bandas que tocaram no Agosto de Rock para que a participação no evento fosse remunerada. Kessler Coelho cita, em sua entrevista, diversas situações em torno do tema, incluindo a reunião com a organização do mesmo festival (segunda edição, em 2002) para se definir o valor do cachê para as bandas. Em geral, percebe-se uma constante disputa entre as

o artista é induzido a considerar natural apresentar-se gratuitamente em um evento financiado por editais de cultura e que também arrecadou fundos oriundos da bilheteria, como explica o fundador do FdE, Pablo Capilé, em entrevista de 2013:

[...] sustentabilidade não é somente cachê! Não há uma defesa para que os artistas não recebam, e sim que entendam o festival como uma plataforma de formação de público, para quem ainda não tem público formado. [...] Nesse contexto acredito que muitos artistas deveriam encarar os festivais como parte desse investimento inicial, aproveitando dos ativos de cada localidade como formação de público, divulgação local, contatos e oportunidades de negócios pra sua própria carreira. Especialmente se é a primeira vez do artista naquele local e se o contratante não é uma empresa, corporativa, com condições de pagar seu cachê, independente dos prejuízos. Cabe ao artista querer ou não aceitar essa condição, como também cabe ao produtor fazer sua proposta para a banda, levando em consideração a carreira dessa banda, seu reconhecimento por parte do público e sua qualidade sonora. Muitas bandas que estão começando, tem a oportunidade de tocar para mais pessoas, pois está no mesmo local que o público das diferentes atrações, que por consequência acaba conhecendo a banda. [...] não podemos afirmar que os artistas não ganham pra tocar, sem levar em conta o processo histórico de desenvolvimento do mercado de música independente no Brasil. O problema da sustentabilidade do artista independente não está ligado apenas as mudanças trazidas pelas novas plataformas, mas é um problema histórico. (FORASTIERI, 2013)

No contexto local, esse incômodo e o clima de desconfiança tornam-se pauta de discussões entre as bandas, que passam a buscar formas de garantir seus direitos (MALFÖREA, 2021b), sobretudo em relação ao recebimento de cachês, uma vez que a cena, ao alcançar certo nível de profissionalismo, passa a posicionar as bandas cada vez mais enquanto prestadoras de serviço e menos enquanto sócias em empreendimentos de risco, como na década anterior.

Uma outra característica dos eventos de rock na primeira metade da década de 2010, causada pela predominância da atuação do Coletivo Suíça Bahiana, é a predileção explícita da produtora por bandas de subgêneros próximos ao chamado *indie rock*¹⁴⁵, de forma que considerável

bandas (contratadas) e os organizadores de eventos (contratantes). O argumento dos contratantes costuma justificar-se pela precariedade da produção e a falta de público, o que, entendemos, não deve ser desconsiderado por se tratar, a cena, de um segmento cultural de nicho. Rômulo Fonseca, ao citar a produção do festival Rock Vertente [2004], menciona a intenção dos produtores, também músicos, de se fornecer uma remuneração justa às bandas, em resposta à prática, comum à época, da não-remuneração, ao mesmo tempo em que expõe o trauma do prejuízo financeiro como um elemento de grande destaque. Percebe-se, portanto, que o Fora do Eixo utiliza argumentos semelhantes aos já praticados, há tempos, por produtores, criando, porém, um robusto universo ideológico com o objetivo de convencer os músicos de que o “tocar de graça” oferece mais vantagens que desvantagens, inspirando as diversas controvérsias mencionadas no texto. No mesmo sentido, Nem Tosco Todo (2020b) publica, em rede social, sua insatisfação com as condições impostas pelo regulamento do concurso Fainor Garage Band [2012], que escolheu uma banda local para uma apresentação ao palco principal do Festival de Inverno Bahia. O músico classifica como “no mínimo oportunista” o argumento de que o “direito” de apresentar-se gratuitamente foi apresentado como premiação.

145 A terminologia *indie* – do inglês *independent* – tem origem nas primeiras décadas do rock ao referir-se às bandas que não possuíam contrato com gravadoras, tornando-se naturalmente menos difundidas mercadologicamente (MÚSICA..., 2021). A partir da década de 80, a palavra também passa a referir-se a uma sonoridade mais específica,

parcela das bandas não-locais que se apresentaram à cidade poderia ser classificada no rótulo ou frequentavam com naturalidade festivais e outros eventos dedicados ao *indie*. Enquanto, na década anterior, havia uma maior diversidade de produtores em atividade – naturalmente, imprimindo suas inclinações pessoais aos eventos – mantendo uma cena diversa a ponto de, num mesmo evento haver, de forma igualitária, a representação do punk, do heavy metal, do reggae, do blues e da música eletrônica, na “Era do Fora do Eixo” havia uma clara predileção – ainda que não excludente de outras vertentes – pelo *indie*, uma característica verificável em todo o Circuito nacionalmente, gerando um curioso fenômeno: o Fora do Eixo, ao reservar maior destaque a essas bandas, acabou por criar o seu próprio *mainstream*, formado principalmente por “discípulos do Los Hermanos” – como eram classificadas por não-adeptos.

Assim, bandas como a soteropolitana Maglore eram anunciadas ao público com maior ênfase e destaque, ao contrário do que ocorria usualmente à década anterior. Sua correspondente local, a banda poçoense-conquistense Os Barcos, chegou a ter, como produtor, o próprio Gilmar Dantas, tornando-se a banda conquistense de maior prestígio dentro do Circuito Fora do Eixo, recebendo especial destaque em matérias publicadas por membros do Coletivo, sendo apontada como “banda local que mais agrega gente em suas apresentações” (FLORES, 2012b)¹⁴⁶. A semelhança de sonoridade uniu os dois grupos, que saíram em turnê interestadual, passando por cidades de cinco estados nordestinos, chamada *Novíssimos Baianos*, em 2010 (MATOS, 2010).

Neste período, a cena vislumbrou sua maior cobertura midiática especializada até então. A década de 2000, marcada por experimentalismos em todos os setores, teve, na internet, um importante elemento de mobilização, sobretudo através de espaços de interação instantânea, como o mIRC e o MSN¹⁴⁷, mas a cobertura através de websites ainda era tímida, se comparada com a década de 2010. Sites como o Vocevê e o Tudoaver, atualmente desativados, realizavam, regularmente, coberturas fotográficas de eventos e resenhas de shows. Os *blogs* e *flogs*¹⁴⁸ eram formas pessoais de manifestação e engajamento que, em associação às comunidades do Orkut e e-

também denominada *alternativa*, geralmente mais voltada ao fator artístico que ao mercadológico (FERNANDES, 2019), diferenciando-se, estética e tematicamente de subgêneros mais agressivos, como o *heavy metal*. No Brasil, a banda carioca Los Hermanos manteve-se como um dos principais representantes do subgênero, inspirando toda uma geração de novas bandas, como a Maglore (Salvador) e Os Barcos (Vitória da Conquista)

146 Esta máxima defendida pelos membros do Coletivo era constantemente questionada pelos grupos mais ligados a subgêneros com pouca identificação com o *indie*, sobretudo quando confrontada com o cenário vislumbado em shows de bandas com grande engajamento de público, como a Cama de Jornal (punk) e Ladrões de Vinil (rockabilly).

147 V. 3.2 Fase Cover.

148 Termo derivado de “blog” para designar um blog cujo foco principal está na publicação não de textos, mas de fotografias (“foto” + “blog”). Também era conhecido por “fotolog”. Uma das plataformas mais utilizadas pela cena na década de 2000 era o Flogão, ativo de 2004 a 2019 (ALECRIM, 2019).

mails foram capazes de integrar pessoas de diferentes segmentos sociais – escolas e bairros, em especial – para a formação e manutenção da cena musical.

Figura 19 – Comunidade da banda The New Old Jam no Orkut, em 2005.



Fonte: acervo pessoal do autor.

Ao nível de mídia “convencional”¹⁴⁹, a presença do programa O Som da Tribo constituía a principal maneira de impor-se, a cena, à sociedade conquistense de maneira generalizada, atingindo toda a área de influência alcançada pelo sinal da Rádio Clube – que alcançava grande parte do sudoeste baiano e norte de Minas Gerais. Já na televisão, a TV Sudoeste manifestava interesse com reportagens sobre os grandes festivais, como o Agosto de Rock e o Rock Vertente (AGOSTO..., 2015; RPTG..., 2013).

Na “Era Fora do Eixo”, havia não apenas uma maior abrangência e diversidade disponível na internet, através dos *blogs*, redes sociais e comunicadores, mas um elemento essencial: pessoas disponíveis, interessadas e capacitadas para a realização de coberturas jornalísticas e promoção dos eventos. Nesse sentido, o curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, implantado em 1998, desempenhou importante papel, através de membros do corpo discente frequentadores dos eventos, atuando, muitas vezes, como colaboradores do Coletivo.

Surgem, então, importantes veículos de comunicação produzidos por esta nova geração, como o jornal impresso Oficina de Notícias, produto das disciplinas de Oficina de Jornalismo

149 Aqui, como em outros trechos do texto, consideramos como mídia “convencional” ou “tradicional”, o rádio, a TV, jornais impressos e revistas de grande circulação.

Impresso do Curso, o site Avoador¹⁵⁰, correspondente à disciplina Jornalismo Digital, além de iniciativas desvinculadas da Universidade, mas contando com alunos e ex-alunos, como os sites O Rebucetê¹⁵¹ e Revista Gambiarra¹⁵², bem como sites pessoais dedicados a temas culturais, como o Sintoma de Cultura¹⁵³, do historiador e produtor cultural Marcelo Lopes, o Blog do Rubenildo¹⁵⁴, sites das bandas locais, como o da Distintivo Blue¹⁵⁵ e seu portal BLUEZinada!¹⁵⁶, dedicado à divulgação do universo blues, expandindo-se em formato impresso – zine – e sonoro – podcast – além, ainda, dos sites locais de notícia, como o Blog do Anderson¹⁵⁷, Blog do Rodrigo Ferraz¹⁵⁸, Núcleo de Notícias – anteriormente Núcleo Universitário¹⁵⁹ –, Blog da Resenha Geral¹⁶⁰, além do site do próprio Coletivo Suíça Bahiana¹⁶¹ e o blog do programa O Som da Tribo¹⁶², produzido e alimentado diariamente, à época, por diversos voluntários, membros da cena e colaboradores do programa. A substituição do Orkut pelo Facebook e suas ferramentas para divulgação de eventos, bem como o crescente uso do Twitter como ferramenta de divulgação viabilizavam a circulação de *links* oriundos de todos esses canais, além de perfis das bandas locais em plataformas de música, como Palco MP3¹⁶³, Myspace¹⁶⁴, Melody Box¹⁶⁵, Conexão Vivo, Toque no Brasil¹⁶⁶, dentre outras. No rádio, programas como o Cult Mix e Hora Brasilis, da recém-inaugurada UESB FM¹⁶⁷ inseriam músicas de artistas regionais – incluindo bandas de rock – à programação corriqueira, realizavam entrevistas, participações e programas biográficos, apresentando ao público geral fonogramas até então escutados apenas aos sábados, através do Som da Tribo. Em 2012, a emissora passaria a ser transmitida, também, pela internet, através do website da Universidade.

150 <https://avoador.com.br/>

151 <http://orebucete.blogspot.com/>

152 <https://revistagambiarra.com.br/>

153 <http://sintomadecultura.com.br/>

154 <http://rubenildometal.blogspot.com/>

155 <http://arquivo.distintivoblue.com/>. Aqui, aplica-se à versão antiga do site, que publicava conteúdo relacionado à cena rock conquistense e à cena do blues brasileiro, originando, em 2011, o site BLUEZinada!.

156 <http://bluezinada.distintivoblue.com/>

157 <https://www.blogdoanderson.com/> (versão atual) e <http://iconquista.blogspot.com/> (versão antiga, até 23 de novembro de 2009).

158 <http://www.blogdorodrigoferraz.com.br/>

159 <https://blogdocaiquesantos.com.br/home-multicolours/sobre/>

160 <https://www.blogdaresenhageral.com.br/>

161 <http://coletivosuicabahiana.blogspot.com/>

162 Desativado após o falecimento de Miguel Côrtes.

163 <https://www.palcomp3.com.br/>

164 <https://myspace.com/>

165 Plataforma descontinuada em 2012. Atualmente é possível acessar apenas suas postagens antigas no Facebook [<https://www.facebook.com/MelodyBoxBrasil>] e Twitter [<https://twitter.com/melodybox>] (MALFÓREA, 2016).

166 Plataforma descontinuada em 2018. Publicações antigas podem ser encontradas no Facebook [<https://www.facebook.com/toquenobrasil/>].

167 A UESB FM foi inaugurada em 5 de março de 2010 (SILVA, 2020), oferecendo uma programação musical consideravelmente distinta das demais emissoras, ignorando as tendências do mercado fonográfico, executando gêneros como MPB, rock, blues, jazz, baião, samba e a musicalidade local, abrangendo diferentes épocas.

Verifica-se no período, portanto, a consagração da cena rock enquanto relevante segmento cultural da cidade, alcançando veículos de divulgação e produção externos à colônia (MEIHY, 2019), concretizando a luta autoafirmativa iniciada em 2000, quando o rock ainda era ignorado, repudiado ou visto com desconfiança pela sociedade externa ao movimento. Para tanto, a produção autoral através do registro fonográfico exerce importante papel ao demonstrar, no rock local, profissionalismo, comprometimento, criatividade e organização. Eventos produzidos pela Prefeitura Municipal, por exemplo, geralmente exigiam, em seus editais, dentre a vasta lista de documentações, CDs contendo gravações dos proponentes¹⁶⁸. Neste momento, parte considerável das bandas conquistenses já era capaz de fornecer esse tipo de material.

Entretanto, o rock ainda era – e ainda o é – um nicho cultural “alternativo”, ou seja: não-acolhido pela mídia convencional como a musicalidade-padrão e massiva (CARDOSO FILHO; JANOTTI JÚNIOR *In*: FREIRE FILHO; JANOTTI JUNIOR, 2006), mas conseguira conquistar seu espaço como “cultura conquistense legítima” e, por isso, se fez presente em importantes eventos produzidos pelo Poder Público e iniciativa privada. No Festival de Música da Bahia [FMB Produções], de caráter competitivo e voltado a gêneros próximos à MPB, a banda Os Barcos chegou a se classificar em 2010, com a música *Essa Coisa* e em 2011, com *Cinema em Preto e Branco* (BERNARDINO, 2011). Já a Distintivo Blue classificou-se em 2012, com *2012, Miopia* (MALFÖREA, 2012). No FestUesb, promovido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, a banda Ladrões de Vinil conquistou premiações de melhor intérprete em 2008, com a música *Formas* e em 2010, com *Invisível*. O vocalista e guitarrista Loro Borges recorda sobre as dificuldades enfrentadas para inserir o rock nesses espaços:

Começamos a abrir as portas da prefeitura para tocar, porque tinha uma resistência contra o rock, o som alternativo. Lembro que uma pessoa da prefeitura veio e disse: “esse secretário aí, véi, rock não vai não”. Era 2010, mais ou menos. Depois do FestUESB, a galera começou a ver que o rock também poderia participar. Não só a gente, que participou do evento, mas vários. E sempre era um Alisson Menezes¹⁶⁹ que ganhava. Não questiono o trabalho dele: tem canções belíssimas, mas sempre ficou naquela coisa de valorizar o regionalismo, a cultura da cidade, Elomar,

168 Exemplo de texto publicado em edital de seleção de projetos musicais para o Natal da Cidade, à Categoria A: “Serão escolhidos pela Comissão Julgadora até 10 (dez) espetáculos musicais, para apresentações no palco principal do Natal da Cidade 2015, com duração máxima de uma hora, na condição de o proponente (músico/compositor) ter experiência de no mínimo 05 (cinco) anos, **já tenha gravado CD/DVD** ou tenha sido premiado em Festival de Música reconhecido pela comunidade artística. **O cachê nessa categoria será no valor bruto de R\$ 6.000,00 (seis mil reais), [...]**” (PREFEITURA..., 2015). Em geral, os editais dessa natureza apresentavam poucas alterações textuais, de um para o outro, demonstrando haver, o Município, desenvolvido um modelo-padrão.

169 Alisson Menezes, cantor, compositor, arranjador e produtor cultural natural de Iguaiá-BA. No contexto desta fala, o entrevistado Loro Borges situa-o à mesma categoria de músicos classificada pelo entrevistado Kessler Coelho, anteriormente, como “cantoria”, ou seja: com musicalidade intensamente associada às regionalidades e tradições populares do sudoeste baiano.

Xangai. Entendo tudo isso, também valorizo, acho bonito, gosto de várias músicas desse estilo, mas nós estávamos ali de intrusos, tocando rock n' roll. E quando falo "nós", não falo apenas da Ladrões de Vinil, mas de todas as bandas que estavam ali tocando qualquer som diferente. E quando alguém conhecido conseguia um segundo lugar, era uma glória que todo mundo comemorava. E a gente conseguiu essa proeza, que foram esses dois "melhor intérprete". (BORGES, 2020)

Se, em 2003, conforme visto, o sucesso do Agosto de Rock despertou o interesse de uma grande e influente empresa – a TV Sudoeste – culminando (ou colaborando de alguma forma) na criação do Festival de Inverno Bahia (que manteve, com pequeno, mas ainda existente interesse em manter bandas de rock locais em seu palco alternativo), em 2011, o Festival Suíça Bahiana cumpriu papel semelhante, despertando o interesse da Prefeitura Municipal em criar seu próprio festival. O produtor Gilmar Dantas recorda o período de início de parceria entre o Poder Público Municipal e o Coletivo Suíça Bahiana em direção à criação do Festival da Juventude:

Nessa edição, como tinha o apoio da prefeitura, foram vários secretários ao evento. Um deles, Penildon [Silva Filho], que era secretário de Comunicação, falou: "poxa, eu quero um evento desse pra nós, da prefeitura". Eu falei: "por que você não apoia os eventos que já existem aqui na cidade? Para que criar um novo?" Ele: "ah, não. A gente quer um evento que seja gratuito". E aí nasceu, dessa conversa, o Festival da Juventude. E fomos chamados para a produção da primeira edição. Foi massa, na [praça] Barão [do Rio Branco]. Foi a primeira vez que eu tive orçamento para montar um festival, sem depender de bilheteria nem nada, então, aproveitei para inventar shows que não existiam: *Móveis Coloniais convida Leoni. Vendo 147 convida Lucas Santtana, Pepeu Gomes e Nina Becker*, e aí coloquei Criolo, que era o grande nome da época, com Mundo Livre S/A. Foi uma farra.

A esta altura, é importante perceber, ainda, que os festivais independentes locais se tornam mais abrangentes, não se limitando ao rock, embora ainda reservassem grande destaque ao gênero. O primeiro Festival da Juventude – 4 a 6 de maio de 2012 – conservava diversos aspectos típicos dos eventos promovidos pelo Circuito Fora do Eixo, promovendo, além dos shows, palestras, cursos, rodas de conversa, oficinas, exposições e outras atividades, assimilando espaços públicos e privados (FESTIVAL..., 2012). O apoio de entidades como a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e a Faculdade Independente do Nordeste – também um dos principais patrocinadores do Festival de Inverno Bahia – se deu em todas as três edições – 2012, 2013 e 2015.

Também em 2012, porém, um grande festival temático dedicado ao rock aconteceu, de 9 a 11 de agosto, na Praça Barão do Rio Branco onde, até então, eram realizados os eventos musicais promovidos pela prefeitura municipal, como o Natal da Cidade e o Festival da Juventude. O festival teve origem em 2007, em Fortaleza-CE, fazendo parte dos eventos patrocinados pelo Centro Cultural Banco do Nordeste (FLORES, 2012b). Sua única edição conquistense se deu em parceria

com o Fora do Eixo com a escolha das bandas através da plataforma Toque no Brasil. A predominância foi de bandas baianas, incluindo as conquistenses Na Terra de Oz, Distintivo Blue, Ladrões de Vinil, Cama de Jornal, Impiza Roots – reforçando a tradicional intersecção das cenas do rock e reggae locais –, Garboso, Os Barcos e Princípio Ativo, além da poçoense Cinco Contra Um, que continuava considerada como um dos mais antigos membros da cena conquistense. O festival aconteceu em um período onde a implantação de um Centro Cultural Banco do Nordeste na cidade foi negociada e amplamente discutida por toda a comunidade. O terreno destinado à instalação, situado à Praça Sá Barreto – bairro Cruzeiro – foi cedido pela Prefeitura Municipal, entretanto, as negociações recuaram e o tema deixou de receber destaque pela imprensa e ambientes culturais (VOLTAM..., 2014).

Se 2012 foi um dos mais movimentados e ricos anos da década para o rock conquistense, também foi neste ano que a cena sofreu seu primeiro grande impacto negativo: o falecimento, em 5 de julho, do radialista Miguel Côrtes Filho, aos 45 anos. Dentre as diversas manifestações e homenagens publicadas em blogs de notícias locais¹⁷⁰, que passaram a reunir textos postados em redes sociais e blogs pessoais ou enviados pelos próprios autores para publicação, além de locuções coletadas de programas radialísticos e matérias em vídeo, surge a informação de que o comunicador apresentava falhas de memória àquele período (DANTAS, 2012), além de fortes dores de cabeça¹⁷¹.

Ao contrário do que se espera, estereotipadamente, de um ícone do rock, Miguel não fumava, ingeria bebida alcoólica, ou sequer consumia refrigerante, além de conservar o hábito da corrida regular. Durante os eventos de rock, era comum vê-lo ou sobre o palco, anunciando as atrações, ou ao fundo da plateia, de braços cruzados, acompanhado de amigos, assistindo calmamente às apresentações, observando cada detalhe. Para os membros da cena, habituados a escutar regularmente sua voz, este acontecimento representou um forte marco. A radialista Jacqueline Jack (2020), parceira de apresentação no programa, recorda o acontecido como um “um baque gigantesco. Ninguém esperava. Até hoje é difícil acreditar”. O músico Kessler Coelho (2020), na mesma direção, afirma: “Eu fiquei muito triste. Muito baquiado, velho”. Em todos os contatos com membros da cena, ao se iniciar o tema, percebemos manifestações semelhantes. Dentro do nosso rol formal de entrevistados, porém, obtivemos de Vítor Kamikaze (2020) o relato que melhor traduziu o sentimento geral e significado da morte do radialista para a cena:

170 Reunimos diversas destas manifestações no website Memória Musical do Sudoeste da Bahia

171 Miguel Côrtes relatou, em 2008, ao autor, sofrer habitualmente com fortes dores de cabeça, mas que vinha adiando a marcação de uma consulta médica. Cruzando as informações através de relatos recentes, é possível deduzir-se que o radialista possa ter negligenciado tais sintomas, neste sentido, por ainda mais tempo.

Pra mim, o fim do “fazer qualquer coisa no rock n’ roll” foi a morte de Miguel. Ali eu acho que foi a morte da minha adolescência. Era o guru da gente, né? O cara que a gente consultava. A gente brigava, discordava e falava: “ah, Miguel é muito cuzão com isso”, mas eu tinha que escutá-lo. Era o tiozão da gente, o cara mais velho e, quando morreu, eu tive aquela sensação de órfão. E falei: “porra, agora acabou”. A música do Moptop¹⁷², né? *O rock acabou*. Quando veio a notícia, puta merda, velho! É um negócio que não cabia, não encaixava. Aquilo ali pra mim, acabou a graça. Aí, juntou tudo. Eu já estava saindo do movimento, mais distante, e depois de Miguel, desanimou bastante. Foi foda.

Com a morte de Miguel e o fim do Som da Tribo, o rock conquistense perde um de seus principais pilares. Mesmo com a crescente queda de audiência e relevância do rádio, inversamente proporcional ao crescimento da música digital, através do mp3, a popularização da mídia *podcast*¹⁷³ enquanto fonte de conhecimento em formato sonoro e o advento do *streaming* como forma totalmente instantânea e personalizada de consumo musical, o programa ainda constituía uma grande referência sobre eventos, lançamentos de bandas locais e seus fonogramas, surgimento de novos espaços e, até mesmo, questões relacionadas à política cultural local. Sem O Som da Tribo e a figura pulsante de Miguel, a cena passa a depender, quase exclusivamente, das redes sociais, através dos produtores de eventos, bandas e entusiastas, de forma descentralizada. Surgiram, ainda, outras tentativas de ocupação do vazio deixado pelo icônico programa, como o Mega Rock, na Mega Rádio (exclusivamente na internet), a partir de 2014, e o Garagem do Rock, em 2017, aos sábados, às 18h, na Clube FM, porém, sem grande receptividade, se comparadas ao antecessor.

172 Banda de *indie rock* originária do Rio de Janeiro-RJ.

173 Forma de transmissão de dados via internet através de um *feed RSS* (“Really Simple Syndication”), onde um usuário “assina” (como numa versão digital e gratuita de uma assinatura de jornal ou revista) determinado conteúdo e o recebe, automaticamente, em um programa específico denominado “agregador” (como o iTunes ou o Google Podcasts, dentre muitos outros) sempre que um novo “episódio” é publicado, sem a necessidade de se acessar o website do conteúdo em busca de atualizações. Criado em 2004, o podcast (nomenclatura originária da junção de “iPod”, o player de música da Apple, e “broadcasting” – transmissão massiva e pública de informações) foi criado em 2004 pelo comunicador e empresário Adam Curry e estreou no Brasil no mesmo ano, através do podcast Digital Minds, criado por Danilo Medeiros (LUIZ, 2014). Em Vitória da Conquista, o primeiro podcast publicado foi o BLUEZinada!, produzido pela banda Distintivo Blue, em 2 de dezembro de 2016 (BLUEZINADA!..., 2016).

Figura 20 – Miguel Côrtes acompanhando um show de rock na Concha do Centro de Cultura.



Fonte: <https://www.blogdoanderson.com/2012/07/18/o-inesquecivel-miguel-cortes/>.

No ano seguinte, como parte da segunda edição do Festival da Juventude – 10 a 12 de maio – a Prefeitura Municipal publicou o edital do Concurso Cultural Miguel Côrtes, para selecionar bandas e artistas *solo* independentes, através de uma inscrição, onde era obrigatória a indicação de um vídeo demonstrativo hospedado na plataforma YouTube (COORDENAÇÃO..., 2013). Os vinte candidatos pré-selecionados pela comissão especializada tiveram seus vídeos publicados em um website específico do concurso, onde seriam submetidos à votação popular. Destas, até cinco teriam o direito de apresentação ao palco principal do Festival, recebendo, como premiação, o valor de R\$2.000,00 e cinco se apresentariam em outros espaços, recebendo R\$1.000,00. As apresentações das vinte bandas pré-selecionadas aconteceram nos dias 2 e 3 de maio, à Praça 9 de Novembro, local amplo em pleno centro da cidade, com tradição em eventos musicais públicos. Loro Borges recorda elementos peculiares do evento que revelam o quanto a cena ainda poderia ser ativa e participativa em relação aos eventos de rock, remetendo-nos à década anterior, quando das discussões no blog do Conquista Rock Festival (v. 3.2 Fase Cover):

A gente [Ladrões de Vinil] conseguiu tocar no Festival assim: primeiro era votação popular, e aí, deu essa confusão: um cara de TI¹⁷⁴ que cuidava do site da prefeitura achou brechas, acho que era fã da banda, e começou a aumentar os votos para a

174 Sigla para “Tecnologia da Informação”.

Ladrões de Vinil e para um monte de bandas. Foi demitido, eu acho. Aí a galera começou a discutir: “tá roubando!”, e aquilo foi bem ofensivo para a gente. Lembro que Nem, da Cama de Jornal, ainda nos defendeu no Facebook. Falou: “antes de vocês criticarem a banda Ladrões de Vinil, vão ao Facebook e vejam quantos seguidores eles têm, e quantos votos teriam se cada um deles fosse votar, se não daria o dobro de votos”. A galera começou a baixar a bola. Aí, fomos tocar. (BORGES, 2020)

A Praça 9 de Novembro recebeu, ainda, outros eventos de rock. O espaço, situado ao centro antigo/principal da cidade¹⁷⁵, projetado para a ampla circulação de pessoas, conta, usualmente, com assentos, tendas de acarajé, artesãos e vendedores ambulantes – como os de *chips* de empresas de telefonia celular – além do Monumento aos Bandeirantes¹⁷⁶, inaugurado em 1940, tornando viável a realização de eventos móveis, ou seja: de estrutura montável e desmontável, como feiras de livros, de artesanato, palcos – montados pela prefeitura especialmente em época junina e natalina – e outras configurações. Também é um espaço propício a artistas itinerantes, de passagem pela cidade, e até mesmo pregadores religiosos exporem-se ao grande público.

Figura 21 – Grupo argentino Nómade Tres apresenta-se à Praça 9 de Novembro), em 5 de agosto 2015.



Fonte: <https://youtu.be/ohreb4O7hxc> (reprodução).

175 Segundo Rodrigues (2016), “o centro da cidade é, em grande maioria, onde acontece a principal dinâmica urbana, pela realidade que apresenta o setor terciário, por exemplo, venda de produtos e prestações de serviços que o indivíduo necessita, e, principalmente, pela concentração do capital”. Nesse sentido, a autora ainda considera a existência de mais de um centro, sobretudo enquanto característica de cidades médias, não associando-se, necessariamente, o conceito de “centro” à sua geolocalização no espaço urbano enquanto área onde teve início o processo de desenvolvimento da cidade. Assim, consideramos, também, enquanto centro, por exemplo, as imediações da feira do bairro Brasil, enquanto consideramos enquanto “centro antigo” ou “centro principal” a região onde se localizam as praças 9 de Novembro, Barão do Rio Branco, Tancredo Neves, etc., espaços utilizados pela cena rock conquistense e pelo Poder Público Municipal para a realização de eventos pontuais.

176 Seu nome oficial é Monumento aos Fundadores da Cidade (MONUMENTOS, 2012).

O Serviço Social do Comércio – SESC, entidade paraestatal com sede em São Paulo – e vasto histórico de parcerias com as cenas do rock em todo o país – mantinha, à época, pautas regulares junto à Prefeitura, utilizando a praça para fornecer à comunidade serviços diversos, como oficinas de artesanato, medição de pressão arterial, eventos educativos e musicais, geralmente associados à MPB e a clássica configuração “voz-e-violão”. Na tarde de 12 de julho de 2012, véspera do Dia Mundial do Rock, foi a vez de homenagear o rock, através do projeto Quinta Musical, promovido quinzenalmente pela entidade na praça. As bandas Tombstone, Ladrões de Vinil e Cama de Jornal trouxeram o público dos camisas pretas ao ambiente comum do centro da cidade, preenchendo toda a praça, gerando elogios e críticas, sobretudo dos lojistas, evidenciando o ainda presente preconceito sofrido pela cena rock na cidade (MALFÖREA, 2019a).

Outro evento de grande repercussão aconteceu em 7 de maio de 2011, em comemoração aos dez anos de carreira da banda punk Cama de Jornal. O grupo, apoiado pela Prefeitura Municipal, o Coletivo Suíça Bahiana, O Som da Tribo, o técnico de som Niel Costa, o radialista Caique Santos, dentre outros, montou um palco na praça, com o objetivo de registrar todo o evento, em áudio e vídeo, para o lançamento posterior de um CD e DVD comemorativo. Além da banda anfitriã, apresentaram-se as conquistenses Alta Voltagem e In Mundos, além da lendária banda punk paulista Cólera, fundada em 1979, cujo vocalista, Redson, faleceria quatro meses depois. Músicos importantes participaram da celebração junto à Cama de Jornal, como Lé [Autocrítica, Vitória da Conquista-BA], Alexandre Pirata [UZT; Stinky Kalau, Salvador-BA], Redson, Houly [Horda Punk, Porto União-SC] e Dalmo Sérgio [Atestado de Pobreza, Vitória da Conquista-BA]. O histórico momento, que reforçou a importância de Vitória da Conquista na cena punk rock nacional – mas que passou despercebido pela população não-roqueira – foi registrado pela Cama de Jornal e publicado sob seu selo de divulgação, Tosco Todo:

Aquele show me passou uma energia incrível. Um misto de felicidade e realização por ter conseguido reunir todas essas pessoas importantes para a história, não só da Cama de jornal, mas também de Vitória da Conquista. [...] Eu tinha comprado umas fitas a mais, para gravar o nosso DVD. Mas sobraram algumas, então resolvi filmar todo o show do Cólera, também com as 3 câmeras. Sem compromisso mesmo, só para registrar, mas posteriormente acabei lançando pelo meu selo Tosco Todo, com o título de “Cólera – De Graça, na Praça”, em uma tiragem de 100 cópias em DVD-R, devidamente autorizado pela banda. (TOSCO TODO, 2019, p. 224)

O rock, portanto, já havia conquistado seu lugar junto a eventos em praça pública, não apenas segregados em palcos exclusivos, como o Point do Rock, mas junto a outros gêneros,

apresentando-se para o mesmo público que a MPB, a música regional, a música folclórica¹⁷⁷, clássica e grandes atrações em nível nacional. No Natal da Cidade, evento realizado pela Prefeitura Municipal desde 1997, bandas da cena rock, autorais e *covers*, se apresentaram à Praça Barão do Rio Branco (palco principal até 2013¹⁷⁸), Praça 9 de Novembro (palco secundário), bem como ao Centro Cultural Glauber Rocha (2014 e 2015) e à Praça Tancredo Neves. Nomes como Randômicos, Distintivo Blue, Cinco Contra Um, Ladrões de Vinil, Café com Blues, Chirlei Dutra, Dona Iracema, Excalibur, Get Back, Iracema Miller, Kessler, Na Terra de Oz, Os Barcos, Quase Humanos, The Oldies e Weldon Borja¹⁷⁹ estão entre os que exerceram esse papel representativo, apresentando-se nos mesmos palcos que atrações como Cidade Negra, 14 Bis, Maria Gadú, Zeca Baleiro, Gal Costa e O Teatro Mágico. O mesmo se verificou com o Festival Avuador, promovido pela Catrupia Produções, embora em menor dimensão (LOPES, 2012).

Em 3 de fevereiro de 2013 (MARQUES, 2022), o Coletivo Suíça Bahiana oficializou sua retirada do espaço do Viela, inaugurando a Casa Fora do Eixo, à Avenida Rosa Cruz, 928, bairro Candeias¹⁸⁰. A ideia de uma casa habitada pelos membros do Coletivo, onde se realizariam reuniões, oficinas, shows e outras atividades já era praticada em outras cidades do Brasil, seguindo o modelo da Casa Fora do Eixo São Paulo (SAVAZONI, 2014). Assim, transferiu-se, para o novo espaço, a maioria das atividades realizadas pelo Coletivo. Ainda que instalada em uma área essencialmente residencial, a Casa Fora do Eixo Vitória da Conquista conseguiu manter sua agenda de atividades preservando relativa harmonia com a vizinhança. Entretanto, as dificuldades em gerir uma casa de alto custo logo se mostraram inviabilizadoras do experimento:

Foi nossa primeira experiência. A Casa era gerida por moradores. Eu era morador, Pablo Luz¹⁸¹ e sua família... Então, dividíamos as contas e o custo era muito alto. Só de aluguel era dois mil reais por mês, então, com todas essas despesas (água, luz...), nenhum de nós tinha experiência em gerir um espaço cultural. Uma coisa é produzir eventos. Outra coisa é ter um ponto fixo e morar no mesmo lugar. Então, foi uma experiência muito nova para a gente e não conseguimos fechar as contas. Teve um momento em que vimos que as dívidas eram grandes, só ampliavam, e não daríamos conta. Mas fazíamos evento todo domingo e foi massa pra caramba. Foram sete meses muito legais de programação. Funcionou pra caramba, e com

177 Aqui, referimo-nos à música “regional” retomando, mais uma vez, ao conceito de “cantoria” utilizado pelo entrevistado Kessler Coelho. Já o termo “música folclórica” refere-se, necessariamente, às apresentações dos grupos de ternos de reis valorizados pelo Poder Público Municipal no Natal da Cidade, onde, a estes grupos, é reservado espaço de destaque nos palcos principais.

178 Passando a ser realizado, a partir do ano seguinte, no Centro Cultural Glauber Rocha, inaugurado em 18/06/2014, localizado à Avenida Brumado, bairro Brasil (NATAL..., 2015a).

179 Atualmente utilizando o nome artístico *Weldon França*, como visto anteriormente.

180 Atualmente, conforme verificamos durante uma sessão de fotografias para uma futura exposição sobre os espaços históricos do rock conquistense, o número do imóvel passou a ser 926.

181 Analista de T.I. e colaborador do Coletivo Suíça Bahiana entre 2012 e 2013 (PABLO..., 2022). Na cena rock conquistense, tornou-se conhecido por integrar à banda 1 em Pé 2 Alados, na década de 2000.

momentos históricos, com apresentação de grandes bandas: Diamba, Scambo, Pirigulino, Suinga... E a gente não teve problemas com a vizinhança: foi por questão financeira mesmo. E aí, depois, o pessoal da Casa do Rock teve sim. (DANTAS, 2020)

Com o fim da Casa Fora do Eixo, surge, em seu lugar, a Casa do Rock. Inaugurada em 27 de julho de 2013 (INAUGURAÇÃO..., 2013), o novo espaço, dedicado exclusivamente ao rock, apresentava uma atmosfera diferente, em relação à sua antecessora: o muro externo pintado de preto e um ambiente interno com verdadeiro aspecto de bar prometia à cena um novo ponto fixo de encontros e shows. Funcionando de quinta a domingo, exibia, ainda, vídeos de rock à sala principal, onde havia um balcão e quadros de ícones do rock pendurados à parede.

Na inauguração, tocaram as bandas Dona Iracema, Ladrões de Vinil, Blackbird Hard’N Heavy e Cama de Jornal, cujo *frontman*, Nem Tosco Todo, era um dos sócios no novo empreendimento. No espaço, antigos e novos membros da cena interagiam, remetendo aos tempos do extinto Paraki. Diversas bandas locais se apresentaram em formato acústico ou elétrico, bem como bandas de outras cidades. A exemplo dos eventos do Coletivo Suíça Bahiana, alguns contaram com cobertura fotográfica e entrevistas com os músicos, publicadas posteriormente no Facebook e YouTube. Entretanto, os problemas financeiros percebidos quando da Casa Fora do Eixo persistiram, somados a outros fatores:

Tiveram problemas financeiros também, e saíram com os mesmos prejuízos que a gente. Mas, além desses, tiveram a questão do rock. Porque o nome “Casa do Rock”, preto, é realmente... Pintaram a frente da casa toda. O nosso era um espaço colorido, a fachada era grafitada, então, tinha essa questão que o povo do candeias chama de “mais leve”, que o nome “rock” carrega uma agressividade natural, então, eles jamais entraram lá. Na Casa Fora do Eixo, a gente até convidou algumas vezes. Os vizinhos foram, uma vez ou outra, mas na Casa do Rock, acho que não. Era um ambiente mais de bar mesmo, de funcionar todo fim de semana, de quinta a domingo, então, isso enchia o saco da vizinhança. (DANTAS, 2020)

Alguns dos problemas relacionados ao comportamento do público do rock – que culminaram, na década passada, à proibição de shows de rock na Concha Acústica do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima (O ROCK..., 2022) – voltaram à tona: o barulho dentro e fora da casa, os shows, geralmente mais *undergrounds* e agressivos que os de antes (quando o espaço abrigava a Casa Fora do Eixo), o vandalismo nos arredores e o uso de drogas pelos frequentadores, bem como as violações aos limites de ruído e horário contribuíram para uma consistente pressão contra a Casa pela vizinhança. A localização dos espaços do rock, geralmente em áreas

residenciais¹⁸², contribuiu, desde o início do recorte, para conflitos dessa natureza. Assim se deu com o Odeon (década de 2000), O Viela e o Apogeu (QUEREM..., 2010). Em 24 de janeiro de 2014, a página da Casa do Rock no Facebook anuncia seu fim, previsto para 1º de fevereiro (INFORMAMOS..., 2014). O show de despedida, em 31 de janeiro, refletiu fielmente a atmosfera do momento: um show acústico, ao palco interno da Casa¹⁸³, para que a vizinhança não fosse incomodada. Apresentou-se Loro Borges [Ladrões de Vinil], com a participação de diversos músicos da cena.

Ao se estudar os aspectos sociais da memória, chega-se à abordagem do silêncio, significando este aspecto, desde a intenção de ocultar dados com objetivos de construção de narrativas, bem como de formas de não evocar velhas e dolorosas feridas (POLLAK, 1989). Assim, percebe-se, na obra autobiográfica *Vagando Por Aí*, de Nem Tosco Todo (2019), a total ausência de referências à Casa do Rock em meio a um vasto conjunto de memórias relacionadas ao rock conquistense. Em resposta à resenha *Vagando Por Aí: a autobiografia de um punk conquistense* (MALFÖREA, 2019b), o autor expõe, em sua página no Facebook, os porquês da decisão:

[...] E já respondendo um questionamento na matéria, sobre a falta de um capítulo sobre a Casa do Rock, um bar que montei em sociedade com Niel Costa e Fábio Novais; pra mim foi uma experiência "traumática", que me deu dor de cabeça e prejuízo por vários anos depois do fechamento da casa em 2014 (até o começo de 2019 eu ainda pagava dívidas de banco que fiz pra abrir o bar). E dessa experiência, não consegui tirar nenhuma história interessante, apesar de a casa ter tido muitos shows legais, mas pra mim o que ficou foi isso, e acho muito pouco pra entrar no livro. É tipo um capítulo que eu quero esquecer, e esqueci propositalmente no livro! Mas sei que vários frequentadores terão suas próprias histórias da Casa do Rock! (TOSCO TODO, 2020)

Em resposta à postagem, seu ex-sócio, Fábio Novais, também expõe suas impressões:

Para mim o projeto Casa do Rock também foi um duro golpe, além de trabalhar exaustivamente, tomei um prejuízo de mais de 15 mil reais. Por muito tempo fiz de tudo para esquecer, mas depois de muito tempo tenho apreendido a filtrar as lembranças e pensar apenas nas amizades que ali conquistei. (NOVAIS, Fábio. *In: TOSCO TODO*, 2020)

182 Na verdade, não há, segundo Carvalho (2022), professor de Direito Ambiental e Direito Civil Agrário e Urbano da UESB, em Vitória da Conquista, a adoção de um sistema de divisão de uso do solo em áreas residenciais ou comerciais (sendo, o Distrito Industrial dos Imborés, a única exceção, como uma zona especificamente industrial). Destarte, uma vez sendo, toda a área urbana classificada como de uso diversificado, inevitavelmente produz-se situações como as verificadas às Avenidas Olívia Flores (zona leste) e Frei Benjamin (zona oeste), transformadas, gradativamente, em áreas de exploração comercial, gerando desconforto aos moradores, sobretudo em relação à poluição sonora emitida por bares.

183 A Casa do Rock utilizava, como espaços para apresentações, tanto a sala interna, para shows mais intimistas, quanto a garagem, para shows "elétricos", ou seja: com os instrumentos convencionais utilizados por bandas de rock: guitarras, contrabaixos e amplificadores individuais para cada instrumento.

Neste momento, o Viela havia sofrido consistentes alterações em sua gestão, anunciando, para o dia 21 de fevereiro de 2014, sua reinauguração, em novo local, com show da banda Maglore (FERRAZ, 2014), demonstrando ainda ter bons contatos desde os tempos em que dividia espaço com o Coletivo Suíça Bahiana. Em seu último ano de funcionamento, o Viela manteve uma agenda de shows semelhante à de tempos anteriores, com bandas de rock locais e externas, artistas da MPB, samba, blues, a venda de livros usados, além da criação de um clube do vinil e a exibição de eventos esportivos, sem, entretanto, alcançar o engajamento de outrora. Em 22 de novembro, apenas nove meses após sua reabertura, acontece seu evento de despedida, “Era Uma Vez...”, com as bandas Los Froxos, Nobres Companions e o DJ Loro Voodoo, marcando o fim de um dos mais icônicos pontos de manutenção da cena rock conquistense (ERA..., 2014).

Entre 2009 e 2014 percebe-se, portanto, a hegemonia do Coletivo Suíça Bahiana na produção de eventos de rock. A produtora, amparada pela grande rede de Coletivos espalhados por todo o país e suas articulações em diversos setores relacionados à produção musical, foi capaz de firmar importantes parcerias com o Poder Público e a iniciativa privada, que tornaram possível uma expressiva quantidade de shows e um inédito fluxo de bandas de rock não-conquistenses à cidade, inspirando, naturalmente, reflexões acerca das muitas e já mencionadas críticas à forma de trabalho adotada pelo Circuito Fora do Eixo mas, ainda, dos aspectos positivos de sua atuação e grandes conquistas para a cena rock local, ao contribuir consistentemente para o reconhecimento do rock enquanto importante elemento cultural da região, a esta altura também posicionada como uma grande potência do rock em todo o nordeste brasileiro (RIBEIRO, 2017).

Assim, parece-nos clara, ao compararmos com os períodos anteriores, a superioridade do Coletivo em relação às formas de divulgação e cobertura de suas atividades, uma vez que contava com um grande número de voluntários/colaboradores, mais ou menos ligados ao universo da comunicação – citamos, anteriormente, a importância do corpo discente do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia exercendo esse papel – inspirando a ideia de que, neste período, os demais produtores culturais da cena rock recolheram-se ao silêncio. Teriam, os demais produtores independentes do rock conquistense, se “rendido” ao comodismo ao se depararem com a eficiência e o crescimento do Coletivo Suíça Bahiana enquanto viabilizadora de eventos regulares, multifacetados e de estrutura profissionalizada, ao mesmo tempo em que espaços como o Viela Sebo-Café ofereciam a estrutura e abertura regular para a realização de eventos de rock? Eis, aqui, uma pergunta que, em nosso atual estágio da pesquisa, ainda não é possível de se responder.

Em tempo, não percebemos, nesta questão, características que associassem, ao Coletivo, uma postura predatória de mercado, onde outros produtores fossem considerados como concorrentes, mas, ao contrário, iniciativas de apoio e associações que viabilizaram importantes realizações. Por conseguinte, esta – os porquês da diminuição das atividades extraColetivo Suíça Bahiana – seria uma questão de particular complexidade, que demandaria um estudo mais minucioso e específico, através de métodos próprios e extrapolando os objetivos da presente pesquisa.

O fato é que houve, sim, iniciativas além do Fora do Eixo, porém, guardando certa gama de características que remetem à década anterior: a menor estrutura e rol de recursos disponíveis reflete-se em menor engajamento e capacidade publicitária – e aqui, referimo-nos tanto ao sentido de capacidade de divulgação quanto à capacidade gráfica e de gestão. Seguindo a tradição conquistense, considerável parcela dessas iniciativas parte de produtores relacionados ao punk e ao metal, realizando eventos pontuais, com grande semelhança ao que se verificou durante a Fase Cover da cena (2000-2008): bandas produzindo eventos de pequeno a médio porte em associação a outras bandas. Ainda assim, há iniciativas mais ousadas, ainda que em menor número, tendo, como principal representante, o festival Oktober Rock. Produzido pela Excalibur Produções, liderada por Gilmar Lima, *frontman* da banda homônima, surgida em 1996 e ativa até atualmente, realizou sua primeira edição em 18 de novembro de 2012, à Concha Acústica do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima, tradicional espaço utilizado pela cena. Além da banda anfitriã, apresentaram-se ao palco, Dona Iracema, Sabbatina, Degrees of Sanity, Jackass Sound Metal e a poçoense Suffocation of Soul. Em referência ao *Dou o Sangue Pelo Rock* [2008], a produção realizou campanha semelhante:

O Oktober Rock informa que fez uma parceria com o banco de sangue do Hospital Regional de Vitória da Conquista, abraçando a campanha de doação de sangue. Recentemente em Conquista tivemos o "Doe o sangue pelo Rock", promovido pelo Acrock. Dando continuidade a esta grande ideia, com o apoio da Policlínica Vida e do Laboratório Policlínica Vida, que nos doaram camisas para a divulgação da campanha, estamos contando com todos para continuarmos associando o Rock n' Roll a ações sociais. Então, pedimos encarecidamente aos roqueiros de Conquista e região que compareçam ao Hospital Regional de Vitória da Conquista e façam a sua doação!! O estoque será limitado - foram disponibilizadas 100 camisas para incentivo da doação. (O ROCK, 2012)

O Oktober Rock realizou novas edições anualmente, até 2016 [5ª edição], ora utilizando o espaço da Concha Acústica, ora o da Praça da Juventude, inaugurada em 22 de setembro de 2013, contando com o apoio da Prefeitura Municipal. O festival, seguindo as características das produções independentes extraColetivo Suíça Bahiana, não possui website próprio ou assessoria de

comunicação, sendo sua página do Facebook (OKTOBER..., 2022), a nossa principal fonte de dados e documentos.

Após o fim da Casa do Rock, a cena, mais uma vez, se via desamparada, sem um espaço de convivência e música próprio, dispersando-se novamente, como ao final da década anterior (O PREMATURO..., 2014). Novos elementos são apresentados ao cenário local, destacando-se o retorno do carnaval de Vitória da Conquista, aos moldes mais modestos e aconchegantes dos tempos das marchinhas, intitulado Carnaval Conquista Cultural, com a intenção de oferecer, aos que não viajam, durante o feriado, para os grandes centros do carnaval comercial, como Salvador, Recife e Rio de Janeiro, a segurança e tranquilidade de uma festa onde há espaço para todos (BLOCO..., 2013), ou seja: sem eventos privados e ambiente adequado a todas as idades. Nesse contexto, o Coletivo Suíça Bahiana, ainda mantendo suas reuniões em espaços particulares ou utilizando as instalações do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima, insere seu festival Grito Rock enquanto um bloco, com atrações já testadas anteriormente:

Para o público que não é tão carnavalesco assim, o bloco Grito Rock traz uma programação um pouco mais rock ‘n’ roll – mas só um pouco. As atrações escolhidas foram a banda Retrofoguetes, que aqui vai fazer um show chamado Retrofolia, em que as guitarras com distorção são substituídas por guitarras baianas e o tradicional rock instrumental da banda divide espaço com marchinhas e clássicos do carnaval soteropolitano; e a Suínga, uma banda de axé que também tem fãs entre o público do rock. (MARQUES; THIBES; OLIVEIRA; FLORES, 2014)

Através da experiência de 2008, quando o fim do bar Paraki parecia selar simbolicamente o fim do movimento, o clima, em 2014, mostrava-se consideravelmente similar, sobretudo por ser, a Casa do Rock, considerada uma espécie de “herdeira” de seu legado, abrigando desde o público mais jovem até o da década anterior, e sem o saturado – para alguns – vínculo com o Coletivo Suíça Bahiana, tendo, à sua organização, membros mais antigos da cena, intimamente ligados ao punk rock, o que, em si, já foi capaz de gerar uma natural identificação entre o público mais *underground* e a Casa, como se deu com o Paraki, um espaço sem grandes atrativos visuais¹⁸⁴ – e sem música ao vivo – que foi capaz de fidelizar todo um movimento por cerca de uma década (BRITO, 2013). Neste momento, porém, carregando-se toda essa vivência, também era possível deduzir-se sobre a

184 O Paraki, para uma descrição sucinta, era nada mais que um ponto comercial pouco espaçoso, sem qualquer decoração e um proprietário conhecido pelo seu mau-humor, mas querido e respeitado pela maioria. Porém, o som ambiente era democratizado (a qualquer um era possível levar um CD e pedir para escutá-lo no equipamento do bar) e sempre era possível encontrar algum membro da cena em seu interior: um legítimo espaço *underground*.

5 CONCLUSÃO

A partir de 2014, sobretudo até meados de 2016, a cena rock conquistense, até o momento fortemente representada pelas bandas autorais, enfrentou mais um processo de “encolhimento”, com uma drástica diminuição no número de eventos, bem como o desmantelamento de bandas, em ressonância com o fechamento dos principais espaços, como abordamos à seção anterior. Na verdade, não devemos desconsiderar, ainda, este como um período de intensas dificuldades econômicas em todo o país, que também passava por uma séria crise política, refletindo-se na vida cotidiana dos brasileiros. Não apenas espaços do rock foram extintos, mas empreendimentos em diversos setores, sobretudo ligados ao entretenimento, o que percebemos muito claramente, atuando profissionalmente enquanto músicos. Durante a pandemia de 2020, aliás, mostrou-se ainda mais nítida a profunda fragilidade do setor de entretenimento quando defrontado com crises generalizadas.

Assim, para o grupo dos músicos autorais – que compreendia antigos e novos membros da cena – o “fechar de portas” desse momento representou a necessidade de se adotar novas estratégias de subsistência, o que, para alguns, significou adotar novas práticas para manter-se sustentavelmente no campo da música e, para outros, o dramático fim de uma carreira musical para se buscar outras formas de ganhar a vida, uma vez que o “ser músico” implica em elevados e constantes gastos com equipamentos, ensaios, capacitações e outros elementos que se tornam inviáveis em muitos casos, quando não se há um ambiente favorável. Rômulo Fonseca (2020) é um dos que, em nossas entrevistas, menciona alguns desses fatores:

[...] ou cê dedica a uma coisa que tá te rendendo dinheiro, ou então você vai ficar tocando aí... Como, né? Porque o próprio tocar requer manutenção. Os bares não suprem a necessidade. Aqui em Conquista não tem como. Hoje não: essa de tocar na noite aí, né? Galera toca três, quatro lugares por semana, mas aí é um cara só, né? Às vezes dois, que tá indo... Mas uma banda não dá, véi. O cachê nunca dá. Cê pensa que a casa vai encher e não encheu...

Nesta fase, percebe-se o início de um processo de conversão da cena em seu sentido estrito – onde a música é o elemento central e responsável pelas conexões e transformações que detalhamos ao longo de todo o texto – em um atendimento a uma demanda de mercado (eventos voltados à comercialização de comida e bebida rotuladas como “artesaniais”, encontros de moto clubes e tatuadores), onde a música passa a ser um atrativo para que o público consuma os produtos, que agora assumem o papel central, e permaneça nesses encontros por mais tempo). Aqui, a música autoral, principal característica da fase anterior, passa a ser desestimulada, uma vez que a execução

dos “clássicos”, destacando-se o rock dos anos 1960-90, mostra-se mais eficaz para tais objetivos, por evocar marcos de memória coletiva (HALBWACHS, 1990), gerando identificação imediata.

Figura 22 – A Fase Tributo prossegue após a pandemia: cartazes virtuais do bar FomeStop em 2019 e 2021.



Fonte: elaborado pelo autor sobre <https://www.instagram.com/fomestop>.

Assim, eventos gastronômicos como o Dia de Feira (DIA..., 2016) e o Sabores de Conquista, associados a exposições de carros antigos, eventos *flash day*¹⁸⁵ de tatuagem (SCARPARO, 2021), grupos de cervejeiros artesanais (EVENTO..., 2019) e encontros de motoclubes, cujo mais expressivo exemplo se tornou, em 2019, parte do calendário oficial da cidade, o festival Conquista Moto Rock (MUNICÍPIO..., 2019), além de bares temáticos que incentivam a cultura dos shows-tributo, como o Café Society, FomeStop e o Fênix Rock Bar assumem a posição de maiores contratantes da cena rock conquistense, tornando mais raros tanto os eventos “à moda antiga”, com as próprias bandas produzindo eventos quanto os produzidos pelo Coletivo Suíça Bahiana, embora, relembremos, ainda existam esses elementos, mas não de forma tão expressiva quanto em outros momentos.

185 O *flash day tattoo* é um evento reunindo, geralmente, mais de um tatuador, com o objetivo de formação de público para a produção de tatuagens não-personalizadas, oferecidas através de um vasto catálogo, de rápida execução e preços mais baixos que os cobrados usualmente por artes construídas sob encomenda. Em Vitória da Conquista, esses eventos geralmente se associam a quiosques de gastronomia *fast food* e cervejeiros artesanais, atraindo, ainda, o público dos motoclubes e com música rock ao vivo, essencialmente cover.

A este período, denominamos “Fase Tributo”, ainda integrando, até o presente momento da pesquisa, o Período de Consolidação. Optamos por não abordar esta etapa detalhadamente neste texto, principalmente por consideramos ainda ser a fase vigente. Em nossa Tabela 01, percebamos, há uma interrupção entre 2020 e 2021, correspondente ao período de pandemia, quando, sobretudo no primeiro ano, houve uma grande paralisação das atividades presenciais em geral (*lockdown*), submetendo artistas e produtores ao silêncio ou às apresentações via *live*¹⁸⁶, que, em nível de música independente, adquiriram mais o aspecto simbólico que o econômico. Em 2022, quando do fechamento deste texto, as restrições começam a diminuir (como, por exemplo, o uso obrigatório de máscaras, apresentação de comprovantes de vacinação e restrições de número de pessoas em eventos), enquanto as atividades no ramo do entretenimento direcionam-se a uma “normalidade”, levando-nos a pensar, ainda hipoteticamente, em uma continuação da Fase Tributo. Destarte, reservaremos a uma outra oportunidade o estudo mais detalhista desse peculiar momento da trajetória da cena rock conquistense – onde já percebemos, inclusive, iniciativas de retorno por bandas antigas, como a A-Divert¹⁸⁷, Tombstone¹⁸⁸, Freebird¹⁸⁹, dentre outras – buscando novas fontes documentais (mais facilmente acessíveis por ser, o meio digital, amplamente utilizado para a comunicação e publicação de registros) e orais, através de novas entrevistas em história oral, nossa principal e norteadora metodologia de pesquisa.

Em tempo, importante reiterar, um dos grandes diferenciais da entrevista em história oral para uma entrevista jornalística ou de outra natureza é, certamente, o projeto de pesquisa como base, bem como a necessária transcrição e suas etapas. Inicialmente, a transcrição converte, grosso modo, a linguagem falada para a escrita, incluindo vícios de linguagem, repetições, erros gramaticais, pausas e, preferencialmente, indicações de expressão, para se captar com o máximo de fidelidade as subjetividades que, consideramos, são impossíveis de se capturar em sua totalidade,

186 Abreviação de *livestream*, uma forma de transmissão em vídeo “ao vivo” através de redes sociais na internet, destacando-se, atualmente, o Instagram, YouTube, Facebook, Twitter e TikTok (REIS, 2020). Durante a pandemia, tornou-se comum a realização de *lives* por artistas de renome e independentes, geralmente seguindo um estilo improvisado e de pouca produção, utilizando-se, principalmente, os próprios aparelhos celulares. Porém, alguns artistas mais engajados junto à indústria realizaram *lives* com produção profissional, assemelhando-se aos shows lançados em DVD. Estes artistas foram capazes de arrecadar grandes quantias em doações, geralmente oferecendo a instituições de caridade. Já os artistas independentes, como os de Vitória da Conquista, enfrentaram dificuldades em gerar renda consistente através da prática, mas também promoveram/participaram de campanhas semelhantes.

187 A banda, criada em 2001, criou uma conta na rede social Instagram [https://www.instagram.com/a_divert_rock/] e publicou, além de notícias sobre um retorno, gravações recentes de novas músicas autorais.

188 A banda, criada em 2008 e desativada desde 2015, criou uma conta na rede social Instagram [<https://www.instagram.com/bandatombstone/>] e realizou seu primeiro show do ano, em 4 de março, no bar FomeStop.

189 A banda, criada em 2009, manteve-se desativada desde o mesmo ano e encontra-se em fase de ensaios, com a formação original, conforme registramos em foto e vídeo, em 11/06/2022, em visita ao estúdio de ensaios, localizado à casa de um dos integrantes, no bairro Morada do Bem Querer (Candeias).

uma vez que a comunicação não se dá apenas através da palavra emitida, mas através de todos os recursos disponíveis ao ser humano, como expressões faciais, movimentos, pausas (e suas diferentes durações), entonações e toda a gama de possibilidades passíveis de uso, inclusive, inconsciente. Por isso, consideramos a gravação em vídeo, a qual utilizamos, a forma mais próxima da experiência *tête-à-tête* vivida de forma única por entrevistado e entrevistador no momento da entrevista, por possibilitar tanto a gravação em áudio quanto a imagem em movimento, obviamente, não se comparando à visão e audição humanas, por maior que seja a qualidade dos aparelhos utilizados.

Após a primeira transcrição, o trabalho do pesquisador ainda se ocupará da etapa de adaptação do texto para a linguagem escrita, logo, a capacidade interpretativa, bem como a bagagem literária serão fundamentais. É a fase denominada por muitos estudiosos da história oral como “transcrição” (MEIHY; HOLANDA, 2019), onde a fala original é editada de modo a tornar mais fluída a leitura, assim, o cuidado é redobrado, para que, ainda alterado o texto, não se perca ou distorça o sentido e as intenções do emissor. Para este estudo, nos limitamos à primeira etapa da transcrição, por entendermos ser suficiente para o acesso aos dados e citações diretas que, boa parte, passaram por uma etapa de transcrição para tornar mais fluída a leitura e se eliminar o uso desnecessário de espaço. A entrevista, portanto, produz conteúdo em formatos diversos: o vídeo, o áudio e o texto escrito, em pelo menos duas versões, onde ainda há a possibilidade de omitir ou não as falas do pesquisador, decisão que cabe a ele, de acordo com os seus objetivos de publicação.

O resultado final da entrevista é o produto de ambos, narrador e pesquisador. Quando as entrevistas, como é frequentemente o caso, são arrumadas para a publicação, omitindo inteiramente a voz do entrevistador, uma sutil distorção tem lugar: o texto dá as respostas sem as questões, dando a impressão que determinado narrador dirá as mesmas coisas, não importando as circunstâncias – em outras palavras, a impressão que uma pessoa falando é tão estável e repetitiva como um documento escrito. Quando a voz do pesquisador é cortada, a voz do narrador é distorcida. (PORTELLI, 1997, p. 36)

O processo de transcrição é, sem dúvida, um dos mais árduos, demorados e difíceis enfrentados pelo pesquisador. Uma hora de diálogo pode chegar facilmente a mais de vinte laudas, com fonte em tamanho 12 e espaçamento entrelinhas de 1,25. Além do numeroso volume de palavras, típico de qualquer conversa falada, há outros fatores decisivos ao sucesso de cada etapa da metodologia: uma gravação em ambiente ruidoso, com um mau equipamento, quedas de alimentação, interrupções externas, dentre outros elementos, são capazes de inviabilizar uma transcrição. Em nossa experiência remota, um dos inconvenientes mais presentes foi o desafio em torno da qualidade da conexão de internet, em geral do entrevistado. “Travamentos” se fizeram

presentes em praticamente todas as entrevistas, em algumas mais que em outras, implicando em perda de algumas informações, geralmente frases pontuais. Aqui entra, novamente, a capacidade interpretativa do pesquisador, que torna possível, analisando-se o contexto da conversa e, conforme apontamos, o conhecimento acerca do objeto de pesquisa, deduzir palavras “cortadas” por falhas de conexão, inclusive recorrendo, em alguns casos, à leitura labial, demonstrando-se, novamente a grande vantagem em se gravar em vídeo a entrevista.

Tivemos ciência da existência de ferramentas de transcrição automática, onde o software capta o áudio da entrevista – ou qualquer áudio falado – e converte a fala em texto, um recurso de enorme utilidade em tempos de tantas tarefas simultâneas. Porém, após algumas experimentações, nos pareceu, esta tecnologia, ainda consideravelmente limitada, ao menos em língua portuguesa, não sendo capaz de captar com suficiente fidelidade as diversas nuances de um diálogo em legítimo sotaque conquistense. Assim, nos pareceu mais trabalhoso desprender tempo corrigindo o texto gerado pela máquina do que transcrever “à moda antiga”, munido de fones de ouvido, o vídeo gravado à mão e o teclado de computador à frente. Assim, todas as quatorze entrevistas foram transcritas de forma “orgânica”, utilizando-se da capacidade de interpretação subjetiva do pesquisador.

Os entrevistados revelaram importantes aspectos acerca de pessoas detentoras de protagonismo cultural¹⁹⁰, bem como espaços físicos (a concha acústica do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima é, seguramente o espaço mais citado, sendo cenário de extenso número de eventos de rock), eventos (especialmente referindo-se a shows considerados essenciais para as conexões sociais e festivais de música, como o Agosto de Rock, sugerido como ponto de referência para o surgimento do Festival de Inverno Bahia, evento anual que movimenta profundamente a economia local) e subgrupos (como o Coletivo Suíça Bahiana, responsável pela grande maioria dos eventos realizados na cidade entre 2010 e 2014), demonstrando a importância do trabalho coletivo através da integração com a cidade na criação e desenvolvimento de uma cena musical.

190 Neste sentido, a figura do radialista Miguel Côrtes mostrou-se unânime, sendo positivamente citada por todos os entrevistados – o que nos inspira a um aprofundamento posterior para a pesquisa – demonstrando, a sua morte em 2012 e, conseqüentemente, o fim do programa O Som da Tribo, haver representado, para muitos, o marco relacionado a um possível início de dissolução da cena, o que, conforme constatamos, não aconteceu, mas uma transformação em direção ao que denominamos Fase Tributo, nos aparentando fazer algum sentido, uma vez que, dentre os diversos fatores que culminaram no fim da Fase Autoral, a ausência do tradicional “porto seguro” oferecido pelo programa radialístico às bandas autorais e suas produções, rompendo a barreira do campo e atingindo toda a sociedade no raio geográfico alcançado pela emissora (servindo como uma espécie de chancela de credibilidade), pode ter contribuído para um possível retrocesso no processo de consolidação da já amadurecida cena rock conquistense, forçando-a a uma adaptação materializada pelo formato “show-tributo”, de mais fácil assimilação, logo, maior poder de penetração e, conseqüentemente, de geração de renda, conforme abordamos, um dos grandes obstáculos à manutenção de uma carreira musical.

As entrevistas, como já dissemos, foram capazes de fornecer informações subjetivas de cada ator, escolhidos de forma a se constituírem como representantes da coletividade, uma vez que participaram ativamente da formação da cena musical (que, em seu aspecto humano, constitui o grupo estudado). A metodologia adotada permitiu, ainda, que o fator “música autoral” fosse abordado com naturalidade pelos entrevistados, apresentando sinais sobre sua (não) importância para a cena, ao decorrer do tempo.

Outro importante elemento, perceptível por este autor, enquanto “pesquisador-personagem” foi a escolha, pela maioria dos entrevistados, por não abordar a importante questão das drogas e seu universo acessório de riscos e consequências que chegaram, no contexto da cena, a culminar em situações de violência, comoção e irreparáveis perdas. Através da nossa experiência empírica, sabemos ter sido, o tema, usualmente tratado com certo grau de naturalidade, uma vez que a liberdade de expressão (e, conseqüentemente, o desprezo à hipocrisia) era uma cara máxima típica do grupo: os optantes pelo uso não sofriam, no interior da cena, o preconceito que lhes seria/era/é reservado em ambiente externo. “Cada um na sua” poderia ser considerada outra máxima. Ainda assim, percebemos, nas entrevistas e demais fontes, tal silêncio (POLLAK, 1989) que nos soa “ensurdecedor” e mostra-se como de grande potencial a pesquisas futuras.

O rock nunca se limitou ao mero entretenimento. É carregado de ideologia, códigos morais, padrões de comportamento em níveis diversos, de acordo não apenas com o subgênero (metal, punk, progressivo, clássico, indie, psicodélico...), mas com as particularidades de cada local onde se faz presente, como o *manguebeat* do pernambucano Chico Science, que influenciou toda uma geração, incluindo os baianos poçoences da banda Cinco Contra Um (certamente a maior representante da cena rock da vizinha cidade, mantendo constante conexão com a cena conquistense) que, por sua vez, misturaram suas influências ao reggae, ao xote e à musicalidade do sudoeste baiano, criando uma linguagem própria e original.

Em Vitória da Conquista, em ressonância, o rock significou, para além do entretenimento jovem, um longo processo não apenas de resistência à musicalidade imposta pela indústria e amplamente aceita e promovida como “oficial” pela sociedade *mainstream*, mas um movimento caracterizado pela “insistência/persistência”¹⁹¹ em se fazer notar/reconhecer enquanto parte de um todo – a cidade de Vitória da Conquista como um universo inserido, por sua vez, em macrouniversos – e, portanto, responsável por uma parcela de seu grande mosaico de identidades,

191 FREIRE FILHO, João; FERNANDES, Fernanda Marques. Jovens, espaço urbano e identidade: reflexões sobre o conceito de cena musical. In: FREIRE FILHO; JANOTTI JÚNIOR, 2006. p. 33.

nunca limitado aos estereótipos simplistas amplamente promovidos, sobretudo pela mídia, mas, também encontrados até mesmo no ambiente acadêmico. Nesse sentido, percebemos a cena rock também como política e luta, um grupo formado por outros tantos subgrupos – por vezes antagônicos – que mantêm a música como principal elo, bem como a cidade, seus espaços e culturas.

Finalizando, esperamos ter contribuído, tanto para os diversos – e valiosos – estudos acerca da nossa cidade, fornecendo uma pequena parcela deste tão peculiar e ainda pouco explorado “ângulo de visão” junto à infinitude de possibilidades de abordagem sobre a cultura de Vitória da Conquista e o sudoeste baiano, percebendo haver, ainda, longo caminho à frente, dada a grande gama de temas abordados, “clamando” por mais atenção e aprofundamento. Por ora, desfrutamos da sensação de dever cumprido, no sentido de cumprimento de apenas uma das muitas etapas demandadas pelos nossos estudos que, a cada novo diálogo, a cada nova descoberta, revelam-se mais e mais extensos e instigantes.

O rock conquistense está devidamente apresentado à academia. Pela frente, ainda vislumbramos a presença – e disponibilidade declarada – de muitos grandes personagens que em muito têm a contribuir com suas histórias, fortalecendo não apenas a pesquisa em si, mas, ainda, a metodologia da história oral, grande aliada da memória de todos os grupos, do *underground* ao *mainstream*, e eficiente instrumento para a produção de documentos cunhados pelas subjetividades e reconstruções de seus membros. Nosso acervo de transcrições será submetido às demais etapas de transcrição e retornará à comunidade sob a forma de publicações diversas, tornando-se disponível aos futuros pesquisadores e interessados sobre o tema, bem como as valiosas gravações em vídeo e áudio, capazes de gerar vasta gama de novos produtos científicos, como podcasts, videodocumentários e reportagens, bem como ser submetidos a novas abordagens, sob diferentes pontos de vista. Assim é o rock: coletivo, fluído e inquieto.

Música e dança é pra lá que eu vou
Cantando e dançando mais um rock n’ roll. (ROCKZANDO¹⁹², 2014).

192 Ouça agora em: <https://www.youtube.com/watch?v=fwiiVXkxID8>.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. *In*: ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. Seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida. Traduzido por Júlia Elisabeth Levy... [et al.]. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 7-74.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- ARAÚJO, Paulo César de. **Roberto Carlos em detalhes**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.
- ASCENÇÃO, Andréa. **Ultraje a Rigor: nós vamos invadir sua praia**. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2011.
- BAHIA. Cidades@. **IBGE**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/panorama>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- BAHIANA, Ana Maria. **Nada será como antes: MPB anos 70 – 30 anos depois**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2006.
- BATISTA, Cláudio Magalhães; OLIVEIRA, Silvana Todelo de. **O turismo no sudoeste baiano: a micareta de Vitória da Conquista – Bahia**. Disponível em: <http://docplayer.com.br/11111821-O-turismo-no-sudoeste-baiano-a-micareta-de-vitoria-da-conquista-bahia.html>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalinas**. Tradução Sergio Miceli. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- _____. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.
- BRÊDA, Lucas. Todos o 'Acústico' da MTV Brasil do pior ao melhor. **Vice**. 7 ago. 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/gy38g7/acusticos-da-mtv-brasil-do-pior-ao-melhor>. Acesso em: 12 out. 2020.
- BROWN JR., Charlie. Não é sério (part. Negra Li). **Letras.mus.br**. 2003c. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/charlie-brown-jr/6008/>. Acesso em: 12 mar. 2022.
- BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 2011.
- CALLAI, Helena Copetti. A Cidade como conceito e como conteúdo. *In*: CALLAI, Helena Copetti; OLIVEIRA, Tarcísio Dorn de; COPATTI, Carina. **A cidade para além da forma**. Coleção cidade: Conhecer e interpretar para compreender o mundo da vida. Vol. 1. Curitiba: CRV, 2018. p.115-128.

CARDOSO, Ruth Correia Leite. Sub-cultura: uma terminologia adequada? **Cadernos de Pesquisa**. n. 14 (1973). São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013. p. 3-6. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1824/1797>. Acesso em: 31 mai. 2021.

CASTRO, Igor Garcia de. **O lado B: a produção fonográfica independente brasileira**. São Paulo: Annablume, 2010.

CENSO demográfico 1991: resultados preliminares. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE, 1992.

CORDEIRO, Tiago. O que foi o Bug do Milênio? **Superinteressante**. 7 jan. 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-o-bug-do-milenio/>. Acesso em: 23 abr. 2022. Leia mais em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-o-bug-do-milenio/>

DISCOGRAFIA. **Porteira oficial de Elomar**. Disponível em: <http://www.elomar.com.br/discografia/index.html>. Acesso em: 12 dez. 2021.

DOURADO, Henrique Autran. **Dicionário de termos e expressões da música**. São Paulo: 34, 2004.

ESSINGER, Silvio (org.). **O baú do Raul revirado**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

FERNANDES, Camila. 9 cantores e bandas que são grandes representantes do indie. Indicações. **Letras.mus.br**. 5 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/blog/indie>. Acesso em: 30 nov. 2021.

FONSECA, André Azevedo da. O valor do "egocard": afetividade simbólica na rede Fora do Eixo. **Revista FAMECOS**, vol. 22, n. 1, jan-mar 2015, p.94-119. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2015.1.19461>. Acesso em: 25 nov. 2021.

FREIRE FILHO, João; JANOTTI JUNIOR, Jeder (org.). **Comunicação & música popular massiva**. Salvador: Edufba, 2006.

GUERREIRO, Goli. **A trama dos tambores: a música afro-pop de Salvador**. Prefácio de José Carlos Capinan. São Paulo: 34, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HERSCHMANN, Micael. **Indústria da música em transição**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

_____; FERNANDES, Cíntia Sanmartin. Nova Orleans não é aqui? Revista da Associação nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | **E-compós**. Brasília, v. 15, n. 2, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.777>. Acesso em: 22 mar. 2021.

INDIE Rock Music: History and Artists os Independent Rock. **MasterClass**. Feb 24, 2022. Disponível em: <https://www.masterclass.com/articles/indie-rock-music-guide#what-is-indie-rock>. Acesso em: 17 abr. 2022.

JANOTTI JUNIOR, Jeder; GOMES, Itania Maria Mota (org.). **Comunicação e estudos culturais**. Salvador: Edufba, 2011.

JANOTTI JUNIOR, Jeder Silveira; LIMA, Tatiana Rodrigues; PIRES, Victor de Almeida Nobre (org.). **Dez anos a mil: mídia e música popular massiva em tempos de internet**. Porto Alegre: Simplíssimo, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História & memória**. 7. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2013.

LEONI. **Manual de sobrevivência no mundo digital**. Disponível em: https://issuu.com/memoriasudoeste/docs/manual_de_sobrevivencia. Acesso em: 25 fev. 2021.

LOPES, Thais Macedo. **Memória e juventude: a construção social das festas conquistenses e o mercado de consumo**. Orientadora: Maria Salete de Souza Nery. 2021. 91f. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da Conquista, 2021.

LUIZ, Lucio (org.). **Reflexões sobre o podcast**. Nova Iguaçu: Marsupial, 2014.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. apresentação de Luiz Felipe Baêta Neves; radução de Maria de lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. História, memória e a educação: relações consensuais e contraditórias. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 16, n. 67, p. 165–174, 2016. DOI: 10.20396/rho.v16i67.8646116. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8646116>. Acesso em: 3 dez. 2020.

_____. **Memória em Halbwachs**. Notas de aula. 11 nov. 2020. 1 p. Notas de aula.

_____; ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas. Relações simbióticas entre memória, ideologia, história e educação. In: LOMBARDI, José Claudinei; CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt S.; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha [org]. **História, memória e educação**. Campinas: Alínea, 2011. p. 99-109.

MARCHETTI, Paulo. **O diário da turma 1976-1986: a história do rock de Brasília**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

MASSI, Luciana; AGOSTINI, Gabriela; NASCIMENTO, Matheus Monteiro. A Teoria dos Campos de Bourdieu e a Educação em Ciências: Possíveis Articulações e Apropriações. **Revista Brasileira De Pesquisa Em Educação Em Ciências**. [S. l.], p. e24691, 1–29, 2021. DOI: 10.28976/1984-2686rbpec2021u383411. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/24691>. Acesso em: 2 dez. 2021.

MAUX, Maria Eduarda Lima Brito Xerita; Dylce Basílio Cavalcanti de Menezes; FERRAZ, Kilma Maria Pontes. Importância das raves como evento artístico, cultural e de lazer e a mídia negativa. In: **III Encontro de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade Senac PE**. [Anais]. Recife: Faculdade Senac, 2009. Disponível em: http://www.faculdadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/III/anais/poster/011_2009_ap_poster.pdf. Acesso em: 12 jan. 2022.

MCINTYRE, Hugh. The 3 Major Record Labels & Their Role in the Music Industry. **CareersinMusic.com**. Boulder: 2021. Disponível em: <https://www.careersinmusic.com/major-record-labels/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2, ed. 7, reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

MENDES, Plácido O.; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. A história oral como instrumento de pesquisa em memória coletiva na cena rock de Vitória da Conquista-BA. *In: FERREIRA, Heridan de Jesus Guterres Pavão (org.). A cultura em uma perspectiva multidisciplinar*. Ponta Grossa: Atena, 2022a. p. 11-22.

_____. Memória e subjetividade de uma cena musical através da história oral. *In: GUILHERME, William Douglas (org.). História: tempo & argumento*. Ponta Grossa: Atena, 2022b. p. 77-85.

MONUMENTOS. **Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista**. 8 de outubro de 2012. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/monumentos/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MOTTA, Nelson. **Noites Tropicais**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

MÚSICA indie: o que é, quais os artistas e maiores sucessos. **Deezer**. 22 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.deezer-blog.com/br/musica-indie>. Acesso em: 30 nov. 2021.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música: história cultural da música popular**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

OLIVEIRA, Cristiano Nascimento. **A cultura dos festivais independentes: experiências do segmento de música ao vivo na Bahia**. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33519>. Acesso em: 18 jan. 2022.

PAIVA, José Eduardo Ribeiro de. Da pirataria ao streaming: discutindo novas relações entre artistas e o mercado fonográfico. **Revista GEMInIS**, v. 8, n. 1, p. 115-125, 19 jul. 2017. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/285>. Acesso em: 27 mai. 2020.

PEREIRA, Herzem Gusmão. **A trajetória da Rádio Clube de Conquista**. 2003. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Jornalismo e comunicação) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Fornecido pelo autor.

PEREIRA, John; JACOVINI, Lucas; DUARTE, Mariana; CARVALHO, Yuri. 10 Acústicos emblemáticos lançados pela MTV. **Audiograma**. 26 nov. 2019. Disponível em: <https://www.audiograma.com.br/2019/11/10-acusticos-emblematicos-lancados-pela-mtv/>. Acesso em: 12 out. 2020.

PINHEIRO, Pedro Henrique. Os 10 melhores Acústicos MTV nacionais de todos os tempos. **Tenho mais discos que amigos**. 3 jan. 2019. Disponível em: <https://www.tenhoaisdiscosqueamigos.com/2019/01/03/acustico-mtv-brasil-melhores/>. Acesso em: 12 out. 2020.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *In: Estudos Históricos*. v. 2, n. 3: Memória. Rio de Janeiro: Vértice, 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 04 jul. 2020.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, pp.59-72, p.64, 1996.

_____. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

_____. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

_____. “O que faz a história oral diferente”. **Projeto História**, São Paulo, n.14, p.31 fev. 1997.

REIS, Emanuel. O que é uma live? Saiba tudo sobre as transmissões ao vivo na Internet. **Techtudo**. 24 mar. 2020. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/03/o-que-e-uma-live-saiba-tudo-sobre-as-transmissoes-ao-vivo-na-internet.ghtml>. Acesso em: 28 abr. 2022.

RODRIGUES, Ingrid Góis. As áreas de expansão do centro principal de Vitória da Conquista. *In: SANTOS, Janio (org.). Vitória da Conquista no século XXI: reestruturação urbana e mudanças em seu papel como cidade média*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2016. p. 125-134.

RUISÁNCHEZ, Susana Gonzáles. **Glosario de terminología TIC**. Madrid: Consejo General de la Abogacía Española, 2018. Disponível em: <https://www.abogacia.es/wp-content/uploads/2018/06/GLOSARIO-DE-TERMINOLOGIA-TIC.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2022.

SÁ, Simone Pereira de; JANOTTI JUNIOR, Jeder. **Cenas Musicais**. Guararema: Anadarco, 2013.

SALAZAR, Leonardo. **Música Ltda: o negócio da música para empreendedores (inclui um Plano de Negócio para uma banda)**. Recife: Sebrae, 2010.

SANTOS, Jânio. Um (novo) olhar sobre a história de Vitória da Conquista na condição de cidade média. *In: SANTOS, Janio (org.). Vitória da Conquista no século XXI: reestruturação urbana e mudanças em seu papel como cidade média*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2016. p. 23-54.

SAVAZONI, Rodrigo. **Os novos bárbaros: a aventura política do fora do eixo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.

SCARPARO, Giovanna. O que é um evento flash day tattoo?. **Blog Tattoo2me**. 1 nov. 2021. Disponível em: <https://blog.tattoo2me.com/o-que-e-um-evento-flash-day-tattoo>. Acesso em: 25 nov. 2022.

SEIXAS, Raul; COELHO, Paulo. **Loteria da Babilônia**. 22 jun. 2021. Disponível em: <https://www.musixmatch.com/pt-br/letras/Raul-Seixas/Loteria-da-Babil%C3%B4nia>. Acesso em: 9 nov. 2021.

SILVA, Raquel Dantas. **A Conquista do rock**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

SEVERIANO, Jairo. **Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade**. São Paulo: 34, 2008.

SOBRE as licenças. **Creative Commons**. November 7, 2017. Disponível em: https://creativecommons.org/licenses/?lang=pt_BR. Acesso em: 25 fev. 2021.

SPITZ, Bob. **The Beatles: a biografia**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

STRAW, Will. Systems of Articulation, Logics of Change: Communities and Scenes in Popular Music. **Cultural Studies**, v.5, n.3, 1991, p. 368-88.

TOSCO TODO, Nem [Emmanuel Paulo Moraes]. **Vagando por aí**. Vitória da Conquista: 2019.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**. v. 40, n. 1. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 27-56. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6803>. Acesso em: 3 out. 2021.

VASCONCELLOS, Victor Maurício Barbosa de. A cena da rua, a cena na rua: um debate sobre o conceito de cena musical a partir do heavy metal no Rio de Janeiro. *In: Espaço Aberto*, PPGG – UFRJ, V. 1, N. 2, 129-141, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/2062>. Acesso em: 10 abr. 2021.

VICENTE, Eduardo. **Da vitrola ao iPod: uma história da indústria fonográfica no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2014.

VITÓRIA da Conquista. Cidades@. **IBGE**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/vitoria-da-conquista/panorama>. Acesso em: 12 nov. 2020.

WALL, Mick. **Led Zeppelin: quando os gigantes caminhavam sobre a terra**. Tradução Elvira Serapicos. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

WITT, Stephen. **Como a música ficou grátis: o fim de uma indústria, a virada do século e o paciente zero da pirataria**. Tradução de Andrea Gottlieb de Castro Neves. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

ZARAMELA, Luciana. O bom e velho mIRC não morreu!. **Canaltech**. 22 de fevereiro de 2012. Disponível em: <https://canaltech.com.br/entretenimento/o-bom-e-velho-mirc-nao-morreu-112/>. Acesso em: 02 fev. 2022.

FONTES

ORAIS

BABILÔNIA, Paula [Ana Paula de Oliveira Silva]. [Entrevista concedida a] Plácido O. Mendes. Vitória da Conquista, BA [videoconferência], 25 out. 2020.

BITTENCOURT, Lavus [Vinicius Bitencourt Silva]. [Entrevista concedida a] Plácido O. Mendes. Salvador, BA [videoconferência], 24 out. 2020.

BORGES, Loro [Lourivaldo Borges da Silva]. [Entrevista concedida a] Plácido O. Mendes. Vitória da Conquista, BA [videoconferência], 10 out. 2020.

COELHO, Kessler [Wagner Coelho Santos]. [Entrevista concedida a] Plácido O. Mendes. Vitória da Conquista, BA [videoconferência], 14 nov. 2020.

COSTA, Niel [Osniel Costa de Oliveira]. [Entrevista concedida a] Plácido O. Mendes. Vitória da Conquista, BA [videoconferência], 25 out. 2020.

DANTAS, Gilmar [Gilmar Dantas Silva]. [Entrevista concedida a] Plácido O. Mendes. Vitória da Conquista, BA [videoconferência], 26 out. 2020.

FONSECA, Rômulo [Rômulo Amaral Fonseca]. [Entrevista concedida a] Plácido O. Mendes. Vitória da Conquista, BA [videoconferência], 31 out. 2020.

FRANÇA, Weldon [Weldon Barbosa Silva]. [Entrevista concedida a] Plácido O. Mendes. Vitória da Conquista, BA [videoconferência], 09 nov. 2020.

JACK, Jacqueline [Jacqueline Pereira da Silva]. [Entrevista concedida a] Plácido O. Mendes. Vitória da Conquista, BA [videoconferência], 16 out. 2020.

GOMA, Ed [Edmilson Santos] [**Esclarecimentos**]. WhatsApp. 29 abr. a 1 mai. 2022. 17 mensagem [áudio] de WhatsApp.

KARDEK, Alan. [**Esclarecimentos**]. WhatsApp. 20 jan. 2022. 5 mensagem [áudio] de WhatsApp.

KAMIKAZE, Vitor [Vitor Amador Freitas]. [Entrevista concedida a] Plácido O. Mendes. Vitória da Conquista, BA [videoconferência], 14 nov. 2020.

LUZ, Ruckson [Ruckson Luz Novais]. [Entrevista concedida a] Plácido O. Mendes. Vitória da Conquista, BA [videoconferência], 26 out. 2020.

MAIA, Bruno [Bruno Maia Santos]. [Entrevista concedida a] Plácido O. Mendes. Vitória da Conquista, BA [videoconferência], 18 nov. 2020.

OLIVEIRA, Diego [Diego Oliveira Santos]. [Entrevista concedida a] Plácido O. Mendes. Vitória da Conquista, BA [videoconferência], 15 nov. 2020.

RUGAL, Junior [José Zito Tanan Filho]. [Entrevista concedida a] Plácido O. Mendes. Vitória da Conquista, BA [videoconferência], 29 out. 2020.

IMPRESSAS

CULTURA JOVEM. Vitória da Conquista: [s.n.], ano I, n. zero, agosto de 2003.

_____. Vitória da Conquista: [s.n.], ano I, n. 1, setembro de 2003.

NATAL da Cidade: 18 anos. Vitória da Conquista: Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, 2015a.

NATAL da Cidade 2015: uma celebração cultural. Vitória da Conquista: Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, 2015b.

OFICINA DE NOTÍCIAS. Jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social / UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, ano VII, nº 15, abril de 2007.

_____. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, ano VIII, nº 17, janeiro de 2008.

_____. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, ano VIII, nº 19, junho de 2008.

_____. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, ano X, nº 29, abril de 2010.

OUTRAS CABEÇAS. Vitória da Conquista: [s.n.], ano I, n. 02, outubro de 2003a.

_____. Vitória da Conquista: [s.n.], ano I, n. 03, dezembro de 2003b.

_____. Vitória da Conquista: [s.n.], ano I, n. 04, jan/fev de 2004.

TEMPLÁRIOS. Vitória da Conquista, [s.n.], Edição Especial Música, agosto de 2004.

DIGITAIS

ABERTURA do Noites Fora do Eixo com Stop Play Moon. **Coletivo Suíça Bahiana**. Segunda feira, 31 de maio de 2010. Disponível em: <https://coletivosuicabahiana.blogspot.com/2010/05/abertura-do-noites-fora-do-eixo-com.html>. Acesso em: 25 nov. 2021.

AGOSTO de Rock II – 2002. **YouTube**. Ano de publicação: 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tcP37XVmOoo>. Acesso em: 12 fev. 2020.

ALECRIM, Emerson. Flogão chega ao fim depois de 15 anos online. **Tecnoblog**. 25/06/2019. Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/2019/06/25/flogao-encerra-atividades>. Acesso em: 23 fev. 2022.

ANATEL realiza leilão do 5G. **Agência Nacional de Telecomunicações**. 05/11/2021. Disponível em: <https://www.gov.br/anatel/pt-br/assuntos/noticias/anatel-realiza-leilao-do-5g>. Acesso em: 08 mar. 2022.

A VOZ do Muro: agitador cultural, Miguel Côrtes é homenageado com grafite urbano em Vitória da Conquista. **Blog do Anderson**. 22 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.blogdoanderson.com/2017/07/22/voz-do-muro-agitador-cultural-miguel-cortes-e-homenageado-com-grafite-urbano-em-vitoria-da-conquista/>. Acesso em: 14 fev. 2022.

AZEVEDO, R. Cineasta rompe o silêncio e denuncia como trabalha o “Fora do Eixo”... **Veja**. 8 ago. 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/cineasta-rompe-o-silencio-e-denuncia-como-trabalha-o-fora-do-eixo-a-seita-que-esta-na-raiz-da-midia-ninja-ela-acusa-a-exploracao-de-mao-de-obra-similar-a-escravidao-a-apropriacao-indebita-do-trabalho/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

_____. Carta Capital X Fora do Eixo 3 – A estupefaciente entrevista do Fora do Eixo. **Veja**. 16 ago. 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/carta-capital-x-fora-do-eixo-3-a-estupefaciente-entrevista-do-fora-do-eixo-ele-explica-como-e-por-que-se-apropria-dos-bens-de-seus-internos/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

_____. Fora do Eixo, a seita totalitária 2 – Ex-interna relata o dia a dia da... **Veja**. 10 ago. 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/fora-do-eixo-a-seita-totalitaria-2-ex-interna-relata-o-dia-a-dia-da-casa-dos-horrores-em-que-pablo-capile-e-rei-e-profeta-amizades-monitoradas-vida-afetiva-e-sexual-patruilhada-tecnica-de-assedio-a-nov/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

_____. Fora do Eixo X Carta Capital 1 – Reportagem da revista demole a... **Veja**. 16 ago. 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/fora-do-eixo-x-carta-capital-1-reportagem-da-revista-demole-a-casa-de-capile-e-choca-alguns-ditos-progressistas/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

_____. Fora do Eixo X Carta Capital 2 – Revista omite que um dos autores do texto é um ex-Fora do Eixo... **Veja**. 16 ago. 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/fora-do-eixo-x-carta-capital-2-revista-omite-que-um-dos-autores-do-texto-e-um-ex-fora-do-eixo-jornalistas-que-o-criticam-por-isso-omitem-que-sao-atuais-fora-do-eixo/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

BANDAS da Paraíba, Nublado e Sex on The Beach, fazem show em Vitória da Conquista. **Blog do Anderson**. 18 de maio de 2010. Disponível em: <https://www.blogdoanderson.com/2010/05/18/bandas-da-paraiba-nublado-e-sex-on-the-beach-fazem-show-em-vitoria-da-conquista/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

BELLINI, Laís. Comecei a escrever esse texto com incentivo e a coragem... **Facebook**. 8 de agosto de 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/lcbellini/posts/702021409824865>. Acesso em: 25 nov. 2021.

BERNARDINO, Fernando. Festival de Música da Bahia 2011. **Os Barcos**. 1 out. 2011. Disponível em: <https://osbarcos.wordpress.com/2011/10/01/fmb2011/>. Acesso em: 12 mai. 2020.

BLOCO Curtaki faz balanço positivo do Carnaval. **Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista**. 13 de fevereiro de 2013. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/bloco-curtaki-faz-balanco-positivo-do-carnaval/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

BLUEZINADA! Podcast #001 – Release. **BLUEZinada!**. 01/12/2016. Disponível em: <http://bluezinada.distintivoblue.com/2016/12/bluezinada-podcast-001-release.html>. Acesso em: 19 abr. 2022.

BRITO, Gil. Homenagem póstuma: Paraki. **Conversa de Balcão**. 15 de outubro de 2013. Disponível em: <https://conversadebalcao.com.br/homenagem-postuma-paraki/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

CAMPANHA: Trabalhe conosco na BanquinhaFSB. **Festival Suíça Bahiana**. 2011. Disponível em: <http://festivalsuicabahiana.blogspot.com/2011/10/campanha-trabalhe-conosco-na.html>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CARTA à Carta. **Fora do Eixo**. 16 de agosto de 2013. Disponível em: <https://foradoeixo.org.br/2013/08/16/carta-a-carta/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

CARVALHO, Cláudio Oliveira de. **[Esclarecimentos]**. WhatsApp. 21 abr. 2022. 2 mensagem de WhatsApp.

CASA Fora do Eixo é agora Casa do Rock. **Blog do Anderson**. 23 de agosto de 2013. Disponível em: <https://www.blogdoanderson.com/2013/08/23/casa-fora-do-eixo-e-agora-casa-do-rock-em-conquista/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

COLETIVO Suíça Bahiana apresenta: Grito Rock Vitória da Conquista. **Coletivo Suíça Bahiana**. Segunda-feira, 8 de fevereiro de 2010. Disponível em: <https://coletivosuicabahiana.blogspot.com/2010/02/coletivo-suica-bahiana-apresenta-grito.html>. Acesso em: 25 nov. 2021.

COORDENAÇÃO do Festival da Juventude 2013. **Concurso Cultural - Miguel Côrtes**. Festival da Juventude 2013. Vitória da Conquista: Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, 2 de abril de 2013. Disponível em: https://www.pmvc.ba.gov.br/wp-content/uploads/edital_concurso_miguelcortes.pdf. Acesso em: 25 nov. 2021.

CÔRTEZ, Miguel. Miguel Côrtes explica O Som da Tribo (2009). Vídeo postado originalmente no Blog do Anderson, em 13/04/2009. Memória Musical do Sudoeste da Bahia. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BAPBQJT5uGA>. Acesso em: 25 fev. 2021.

CURRÍCULO resumido – Gilmar Dantas Silva. Criado em 14 de jul. de 2011. **Google Docs**. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1lhIN2016vQEHXcUsOPWt164MLmTmWNwIuxS_Lb26Nrc/edit?usp=sharing. Acesso em: 12 out. 2020.

DANTAS, Gilmar. O Som da Tribo não vai parar, pois é a melhor forma de manter nosso grande amigo sempre vivo. **Blog da Resenha Geral**. 05 jul. 2012. Disponível em: <https://www.blogdaresenhageral.com.br/o-som-da-tribo-nao-vai-parar-pois-e-a-melhor-forma-de-manter-nosso-grande-amigo-sempre-vivo/>. Acesso em: 10 dez. 2021.

DA PARAÍBA para o Brasil. **Coletivo Suíça Bahiana**. Segunda-feira, 3 de maio de 2010. Disponível em: <https://coletivosuicabahiana.blogspot.com/2010/05/da-paraiba-para-o-brasil.html>. Acesso em: 25 nov. 2021.

DIA de Feira. **Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista**. 29 nov. 2016. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/dia-de-feira/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

DVD Cama de Jornal 10 anos ao vivo-maio 2011 (completo). **YouTube**. Disponível em: <https://youtu.be/qperuDlerY>. Acesso em: 12 fev. 2022.

DVD Cólera de graça na praça - Vitória da Conquista-Bahia-2011. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tcDd2oep6Mc>. Acesso em: 15 fev. 2022.

ERA uma vez... Sábado, 22 de novembro de 2014. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/669727993140688/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

EVENTO da Cervejaria Brutos Beer: Banda 4Bits sacudiu o “Som dos Brutos” em Vitória da Conquista. **Blog do Anderson**. 29 abr. 2019. Disponível em: <https://www.blogdoanderson.com/2019/04/29/evento-da-cervejaria-brutos-beer-banda-14-bits-sacudiu-o-som-dos-brutos-em-vitoria-da-conquista/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

FECHADA programação das "Noites Fora do Eixo" de Julho!. **Coletivo Suíça Bahiana**. Disponível em: <https://coletivosuicabahiana.blogspot.com/2010/05/fechada-programacao-das-noites-fora-do.html>. Acesso em: 25 nov. 2021.

FERNANDES, Luís. Os Trepidantes e Os Imborés. **Blog do Anderson**. 20 de maio de 2014. Disponível em: <https://www.blogdoanderson.com/2014/05/20/os-trepidantes-e-os-imbores/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

FERRAZ, Rodrigo. Em novo endereço: Viela Sebo Café reabre hoje com show de Maglore. **Blog do Rodrigo Ferraz**. 21 de Fevereiro de 2014. Disponível em: <http://www.blogdorodrigoferraz.com.br/2014/02/21/em-novo-endereco-viela-sebo-cafe-reabre-hoje-com-show-de-maglore/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

FERREIRA, Rui. MySpace. Como a primeira grande rede social não soube resistir ao tempo. **dn insider**. 20 mar. 2019. Disponível em: <https://insider.dn.pt/em-rede/myspace-evolucao-e-queda/15726/>. Acesso em: 12 out. 2020.

FESTIVAL da Juventude acontece em maio. **Coletivo Suíça Bahiana**. Quarta-feira, 28 de março de 2012. Disponível em: <https://coletivosuicabahiana.blogspot.com/2012/03/festival-da-juventude-acontece-em-maio.html>. Acesso em: 16 fev. 2022.

FESTIVAL da Juventude – Ano II: Concurso Cultural “Miguel Côrtes” elegerá os melhores da cena musical conquistense. **Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista**. 2 de abril de 2013. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/festival-da-juventude-ano-ii-concurso-cultural-miguel-cortes-elegera-os-melhores-da-cena-musical-de-vitoria-da-conquista-2>. Acesso em: 12 fev. 2022.

FESTIVAL de Inverno BA: programa especial de 15 anos do evento terá participação de artistas de outras edições; confira detalhes. **G1**. 17/08/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/08/17/festival-de-inverno-ba-programa-especial-de-15-anos-do-evento-tera-participacao-de-artistas-de-outras-edicoes-confira-detalhes.ghtml>. Acesso em: 12 jan. 2022.

FESTIVAL Edição 2010. **Móveis Convida**. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20101211115922/http://www.moveisconvida.com.br/>. Acesso em: 07 fev. 2022.

FESTIVAL Móveis Convida celebra 20ª edição em 2020, assume nova identidade e convoca artistas para se apresentarem em edição comemorativa. **Jornal de Brasília**. 13/10/2020. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/entretenimento/festival-moveis-convida-celebra-20a-edicao-em-2020-assume-nova-identidade-e-convoca-artistas-para-se-apresentarem-em-edicao-comemorativa/>. Acesso em: 07 fev. 2022.

FESTIVAL Suíça Bahiana. **Coletivo Suíça Bahiana**. Segunda-feira, 18 de outubro de 2010b. Disponível em: <https://coletivosuicabahiana.blogspot.com/2010/10/festival-suica-bahiana.html>. Acesso em: 11 fev. 2022.

FLORES, Rafael. Bandas locais marcam território no primeiro dia de Rock Cordel. **O Rebucetê**. Agosto de 2012a. Disponível em: <http://orebucete.blogspot.com/2012/08/bandas-locais-marcam-territorio-no.html>. Acesso em: 31 dez. 2021.

_____. Segundo dia de Rock Cordel apresenta novidades da cena independente. **O Rebucetê**. Agosto de 2012b. Disponível em: <http://orebucete.blogspot.com/2012/08/segundo-dia-de-rock-cordel-apresenta.html>. Acesso em: 31 dez. 2021.

FORASTIERI, André. Uma entrevista com Pablo Capilé, do Fora do Eixo. Entrevistado: Pablo Capilé. **Blog da Ação Cultural**. 18 de agosto de 2013. Disponível em: <https://acaoculturalse.blogspot.com/2013/08/uma-entrevista-com-pablo-capile-do-fora.html>. Acesso em: 12 fev. 2022.

GRADE completa. **Festival Suíça Bahiana**. 2011. Disponível em: <http://festivalsuicabahiana.blogspot.com/p/grade-completa.html>. Acesso em: 15 fev. 2020.

INAUGURAÇÃO da Casa do Rock. Sábado, 27 de julho de 2013. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/133817356828547/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

INFORMAMOS que encerraremos nossas atividades no dia 1º de fevereiro. Casa do Rock. 24 de janeiro de 2014. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/casadorockconquista/photos/a.517643364974679/608299792575702>. Acesso em: 15 fev. 2022.

LOPES, Marcelo. Festival Avuador esquentando a praça. **Sintoma de Cultura**. 5 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://sintomadecultura.com.br/coluna-01/musica-coluna-01/festival-avuador-esquentando-a-praca/>. Acesso em: 12 out. 2020.

LOUVÁVEL Homenagem: Vitória da Conquista terá Praça Radialista Miguel Silva Côrtes Filho. **Blog do Anderson**. 26 de setembro de 2019. Disponível em: https://www.blogdoanderson.com/2019/09/26/projeto-de-lei-vitoria-da-conquista-tera-praca-radialista-miguel-silva-cortes-filho/?fbclid=IwAR1z7-o4zBIP8_ehI9gx7hWonPr31YizUS3rL0985HgB3SgG7oAmkQ4J__Q. Acesso em: 14 fev. 2022.

MAIOR nome da eletrônica nordestina diz que Fora do Eixo engana artistas. **Virgula**. 6 de agosto de 2013. Disponível em: <https://www.virgula.com.br/musica/maior-nome-da-eletronica-nordestina-diz-que-fora-do-eixo-engana-artistas/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

MALFÖREA, I. [2021] Programa Positividade homenageia Miguel Côrtes e O Som da Tribo; [OUÇA]. **Memória Musical do Sudoeste da Bahia**. 1 de dezembro de 2021a. Disponível em:

<https://memoria.distintivoblue.com/2021/12/2021-programa-positividade-homenageia.html>. Acesso em: 1 dez. 2021.

_____. A história por trás de "2012, Miopia". **Distintivo Blue – Site Oficial**. 25 fev. 2021b. Disponível em: <http://www.distintivoblue.com/2022/04/a-historia-por-tras-de-2012-miopia.html>. Acesso em: 10 jan. 2022.

_____. Distintivo Blue no Festival de Música da Bahia. **Arquivo Distintivo Blue e BLUEZinada!**. 20 out. 2012. Disponível em: <http://arquivo.distintivoblue.com/2012/10/distintivo-blue-no-festival-de-musica.html>. Acesso em: 20 mai. 2020.

_____. Livro sobre cenário underground baiano é lançado esta semana, com capítulo dedicado ao blues. Entrevistada: Raquel Dantas Silva. **BLUEZinada!**, Vitória da Conquista, 25 mai. 2017. Disponível em: <https://bluezinada.distintivoblue.com/2017/05/livro-sobre-cenario-underground-baiano.html>. Acesso em: 25 fev. 2021.

_____. Memórias de um roqueiro conquistense - #01. **Memória Musical do Sudoeste da Bahia**. 24 de julho de 2020. Disponível em: <https://memoria.distintivoblue.com/2020/07/memorias-de-um-roqueiro-conquistense-01.html>. Acesso em: 25 fev. 2021.

_____. Quinta Musical Especial Dia Mundial do Rock - SESC (2012). **Memória Musical do Sudoeste da Bahia**. 16 de agosto de 2019a. Disponível em: <https://memoria.distintivoblue.com/2019/08/quinta-musical-especial-dia-mundial-do.html>. Acesso em: 25 fev. 2021.

_____. Site próprio ou redes sociais? **O Artecete**. 20 de abr. de 2016. Disponível em: <https://www.malforea.com/2016/04/site-proprio-ou-redes-sociais.html>. Acesso em: 19 abr. 2022.

_____. Vagando por aí: a autobiografia de um punk conquistense. **Memória Musical do Sudoeste da Bahia**. 18 de dezembro de 2019b. Disponível em: <https://memoria.distintivoblue.com/2019/12/vagando-por-ai-autobiografia-de-um-punk.html>. Acesso em: 25 fev. 2021.

_____. Wigwam: a memória musical do Cine Madrigal. **Memória Musical do Sudoeste da Bahia**. 12 de dezembro de 2019c. Disponível em: <https://memoria.distintivoblue.com/2019/11/wigwam-memoria-musical-do-cine-madrigal.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MARQUES, Ana Paula. [2013] Inauguração da Casa Fora do Eixo Vitória da Conquista. **Memória Musical do Sudoeste da Bahia**. 22 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://memoria.distintivoblue.com/2022/02/2013-inauguracao-da-casa-fora-do-eixo.html>. Acesso em: 19 abr. 2022.

_____; THIBES, André; OLIVEIRA, A.J; FLORES, Rafael. Depois de 25 anos, carnaval conquistense tem programação de quatro dias. **Revista Gambiarra**. 25 de fevereiro de 2014. Disponível em: <https://revistagambiarra.com.br/depois-de-25-anos-carnaval-conquistense-tem-programacao-de-quatro-dias/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

MATOS, Luciano. Trabalho, turnês, discos e novas ideias no rock baiano. **El Cabong**. 7 de outubro de 2010. Disponível em: <https://elcabong.com.br/trabalho-turnes-discos-e-novas-ideias-no-rock-baiano>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MOURA, Guilherme. Tour Mtv Banda Antes na Estrada Confirmado no FIG. **Recife Rock**. Disponível em <http://www.reciferock.com/2006/06/26/tour-mtv-banda-antes-na-estrada-confirmado-no-fig/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

MUNICÍPIO de Vitória da Conquista. **Lei nº 2.370, de 23 de dezembro de 2019**. Institui no calendário oficial do Município de Vitória da Conquista o evento "Conquista Moto Rock" e dá outras providências. Vitória da Conquista: Câmara Municipal, [2019]. Disponível em: [https://argus-cmvc.sfo2.digitaloceanspaces.com/legislacao/Lei_2019_2370_6827_\(Leis_2019_2370\).pdf](https://argus-cmvc.sfo2.digitaloceanspaces.com/legislacao/Lei_2019_2370_6827_(Leis_2019_2370).pdf). Acesso em: 28 abr. 2022.

MÚSICA ao lado. Direção: Karina Fogaça e Marcel Fracassi. Roteiro e edição: Karina Fogassi. São Paulo: Itaú Cultural, 2016. 1 vídeo (50 min). Disponível em: <https://youtu.be/Brsk94qesFg>. Acesso em: 18 fev. 2021.

NONATO, Murilo; FLORES, Rafael. Festival Rock Cordel se despede de Vitória da Conquista. **O Rebutê**. Agosto de 2012. Disponível em: <http://orebutete.blogspot.com/2012/08/festival-rock-cordel-se-despede-de.html>. Acesso em: 31 dez. 2021.

O FESTIVAL. **Festival Suíça Bahiana**. 2011. Disponível em: <http://festivalsuicabahiana.blogspot.com/p/o-festival.html>. Acesso em: 25 nov. 2021.

OKTOBER Rock. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/oktober.rock.conquista>. Acesso em: 19 abr. 2022.

OLIVEIRA, Isadora. Meu movimento é boa música. **Memória Musical do Sudoeste da Bahia**. 16 mar. 2022. Disponível em: <https://memoria.distintivoblue.com/2022/03/meu-movimento-e-boa-musica.html>. Acesso em: 16 mar. 2022.

O PREMATURO fim da Casa do Rock. **Revista Gambiarra**. 31 de janeiro de 2014. Disponível em: <https://revistagambiarra.com.br/o-prematuro-fim-da-casa-do-rock/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

O PRÓXIMO painel A Voz do Muro será em homenagem ao nosso queridíssimo Miguel Côrtes!. A Voz do Muro. **Facebook**. 21 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/avozdomuro/photos/1899988743582612>. Acesso em: 14 fev. 2022.

O ROCK grita!. **Memória Musical do Sudoeste da Bahia**. 13 de março de 2022. Disponível em: <https://memoria.distintivoblue.com/2022/03/2004-o-rock-grita.html>. Acesso em: 13 mar. 2022.

O ROCK toca solidariedade: Doe Sangue!. Oktober Rock. 19 de outubro de 2012. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/oktober.rock.conquista/posts/316191798487963>. Acesso em: 15 fev. 2022.

PABLO Luz. **LinkedIn**. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/pablo-luz-14084469/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

PIMENTA, Thaís. Festival Rádio Rock: “De volta aos clássicos da Concha”. **O Rebucetê**. jun. 2012. Disponível em: <http://orebucete.blogspot.com/2012/06/festival-radio-rock.html>. Acesso em: 12 jan. 2022.

PRAÇA da Juventude recebe prévia de festival com bandas locais. **Revista Gambiarra**. 22 de abril de 2015. Disponível em: <https://revistagambiarra.com.br/praca-da-juventude-recebe-previa-do-festival-com-bandas-locais/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA. Secretaria de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer. Gabinete do Secretário. Edital 001/2015 [seleção de projetos musicais que integrarão a programação do Natal da Cidade 2015]. **Vitória da Conquista**: 19 out. 2015. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/wp-content/uploads/EDITAL0012015.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2020.

PROSA Cultural – Banda SS433 – P1.wmv. **YouTube**. 5 de dez. de 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aRQKSghS0dE>. Acesso em: 07 abr. 2020.

QUEREM fechar o Apogeu! **Arquivo Distintivo Blue & BLUEZinada!**. 26 jul. 2010. Disponível em: <http://arquivo.distintivoblue.com/2010/07/ba-querem-fechar-o-apogeu.html>. Acesso em: 12 jan. 2022.

RADIALISTA se irrita com falta de apoio à cultura. **Blog do Anderson**. 4 de março de 2011. Disponível em: <https://www.blogdoanderson.com/2011/03/04/radialista-se-irrita-com-falta-de-apoio-a-cultura-conquistense>. Acesso em: 11 fev. 2022.

RÁDIO Baixaria. **Memória Musical do Sudoeste da Bahia**. 12 de outubro de 2020. Disponível em: <https://memoria.distintivoblue.com/2020/10/radio-baixaria.html>. Acesso em: 25 fev. 2021.

RIBEIRO, Lúcio. CENA – Mapinha do rock. Vitória da Conquista, na Bahia, espécie de Manchester do Nordeste, anuncia o festival Suíça Bahiana. **Popload**. 2 de outubro de 2017. Disponível em: <http://www.popload.com.br/cena-mapinha-do-rock-vitoria-da-conquista-na-bahia-especie-de-manchester-do-nordeste-anuncia-o-festival-suica-bahiana/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

ROCK Vertente. **Memória Musical do Sudoeste da Bahia**. 27 de junho de 2020. Disponível em: <https://memoria.distintivoblue.com/2020/06/rock-vertente.html>. Acesso em: 25 fev. 2021.

ROCKZANDO. Intérprete: Ladrões de Vinil. Compositor: Ed Goma. *In*: LADRÕES de Vinil. Vitória da Conquista: Ladrões de Vinil, 2014. 1 CD, faixa 12 (3 min).

RPTG 006 Show de rock em Vitória da Conquista. **YouTube**. Ano de publicação: 2013. Disponível em: <https://youtu.be/ffFzgT31xnM>. Acesso em: 10 abr. 2020.

SAMPAIO, Joance. Mais um Centro Cultural no Nordeste. **Papo Cult**. 23/06/2010. Disponível em: <http://www.papocult.com.br/2010/06/23/mais-um-centro-cultural-no-nordeste/>. Acesso em: 12 fev. 2022.

SANTOS, Caíque. E aí baby, vai encarar? - Miguel Som da Tribo Cortes. **YouTube**. Vitória da Conquista: Núcleo de Notícias, 2012. 1 vídeo (16 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d10ZH7MtvGw>. Acesso em: 25 fev. 2021.

_____. “E aí baby, vai encarar?”, radialista Miguel Cortes será homenageado com grafite em muro. Blog do Caique Santos. 21/07/2017. Disponível em: <https://blogdocaiquesantos.com.br/e-ai-baby-vai-encarar-radialista-miguel-cortes-sera-homenageado-com-grafite-em-muro/>. Acesso em: 14 fev. 2022.

SILVA, Juliana; MORAES, Patrick. 10 fatos para lembrar e celebrar os 10 anos da Uesb FM. 05.03.2020. **Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia**. Disponível em: <http://www.uesb.br/noticias/10-fatos-para-lembrar-e-celebrar-os-10-anos-da-uesb-fm/>. Acesso em: 05 mar. 2020.

SHOW Pirigulino Babilake. **Coletivo Suíça Bahiana**. Quinta feira, 10 de junho de 2010. Disponível em: <https://coletivosuicabahiana.blogspot.com/2010/06/por-motivo-de-forca-maior-o-show-da.html#more>. Acesso em: 25 nov. 2021.

TOSCO TODO, Nem [Emmanuel Paulo Moraes]. Novo site sobre a cena musical de Conquista, produzido por Plácido Mendes, que publicou uma resenha... **Facebook**. 3 de janeiro de 2020a. Disponível em: <https://www.facebook.com/nem.toscotodo/posts/10220779351252077>. Acesso em: 3 jan. 2020.

_____. Tem coisas que precisam se dizer em relação ao concurso FAINOR GARAGE BAND. **Memória Musical do Sudoeste da Bahia**. 25 de julho de 2020b. Disponível em: <https://memoria.distintivoblue.com/2020/07/2012-tem-coisas-que-precisam-se-dizer.html>. Acesso em: 05 abr. 2022.

TRIBUTO da Tribo-Homenagem a Miguel Côrtes. **YouTube**. Vitória da Conquista: Tosco Todo - Selo de Divulgação, 2013. 1 vídeo (13min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TJCS1oz6ylY>. Acesso em: 25 fev. 2021.

TURNÊ Novíssimos Baianos. **Coletivo Suíça Bahiana**. Sexta-feira, 19 de novembro de 2010. Disponível em: <https://coletivosuicabahiana.blogspot.com/2010/11/turne-novissimos-baianos.html>. Acesso em: 25 fev. 2021.

VOLTAM negociações do Centro Cultural Banco do Nordeste. **Diário do Sudoeste da Bahia**. 12 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.dsvc.com.br/2014/10/voltam-negociacoes-do-centro-cultural-banco-do-nordeste>. Acesso em: 12 fev. 2022.

APÊNDICE – Entrevistas | Transcrições

ENTREVISTAS | TRANSCRIÇÕES

NOTA EXPLICATIVA

Este arquivo contém a transcrição de 14 entrevistas realizadas para a pesquisa “**A vez dos camisas pretas: memória, formação e consolidação da cena rock em Vitória da Conquista-BA**”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB em junho de 2022 sob a forma de dissertação (mestrado) e apresenta-se publicamente enquanto apêndice deste documento, disponibilizado gratuitamente através do website do referido Programa – <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls> – com o objetivo de colaborar com pesquisas futuras, não devendo ser distribuído separadamente.

Todas as entrevistas foram realizadas de forma remota no ano de 2020 (datas especificadas em cada transcrição), durante a pandemia de COVID-19, utilizando a plataforma *Google Meet*, sendo gravadas em vídeo através do aplicativo *OBS Studio*. O uso da imagem, falas e nomes reais, bem como o uso para fins científicos, de estudos e de divulgação da referida pesquisa através de livros, artigos, slides, transparências, palestras, aulas, cursos, textos em websites, mídia impressa, sonora e audiovisual foi devidamente autorizado ao pesquisador por todos os entrevistados, que assinaram termos de consentimento individuais, em duas vias, em poder de cada uma das partes.

O leitor pouco familiarizado com o método da história oral possivelmente despertará, nestes documentos, certo estranhamento, dado o estilo da escrita. Em tempo, relembremos constituir, a transcrição em história oral, um processo formado por, ao menos, duas etapas: 1) transcrição absoluta (MEIHY; HOLANDA, 2019, p. 140) – onde é realizada a conversão “em estado bruto” do diálogo falado, conservando pausas, repetições, indicando elementos externos, diferenças de entonação e demais elementos característicos da linguagem falada, claramente destoantes de um texto escrito, para a captação mais fiel possível das subjetividades presentes em uma entrevista; 2) textualização – onde o texto obtido à fase anterior é editado pela primeira vez em direção à linguagem escrita voltada ao leitor, eliminando-se “ruídos” e fazendo-se adaptações para que o sentido do conteúdo se torne mais fluidamente percebido. Aqui iniciamos a chamada “transcrição”, onde o pesquisador sagra-se “tão autor do texto final quanto o entrevistado” (MENDES; MARTA, 2022b, p. 83). Todas as entrevistas neste documento encontram-se, portanto, à fase de **transcrição absoluta**, constituindo a forma mais próxima à entrevista original (audiovisual), possibilitando, ao pesquisador interessado, maior gama de abordagens e análises. Em tempo, os arquivos audiovisuais das entrevistas encontram-se em poder do autor e podem ser disponibilizadas através de solicitação.

Por fim, alguns trechos foram retirados a pedido dos entrevistados. Outros, por decisão do autor, por considerá-los potencialmente danosos à pessoa do entrevistado. Nestes casos, haverá a devida indicação.

Vitória da Conquista, Bahia, 28 de junho de 2022.

Plácido Oliveira Mendes
Autor / pesquisador

Contato: memoria@distintivoblue.com

SUMÁRIO

1 LORO BORGES	4
2 JACQUELINE JACK	51
3 LAVUS BITTENCOURT	60
4 PAULA BABILÔNIA	98
5 NIEL COSTA	112
6 GILMAR DANTAS	126
7 RUCKSON LUZ	141
8 JÚNIOR RUGAL	164
9 RÔMULO FONSECA	177
10 WELDON FRANÇA	198
11 VITOR KAMIKAZE	218
12 KESSLER COELHO	247
13 DIEGO OLIVEIRA	276
14 BRUNO MAIA	291

LORO BORGES

Professor. Músico. Vocalista, guitarrista Ladrões de Vinil, Sr. Pokan e os Tangerinas.

Nome completo: Lourivaldo Borges da Silva

Data da entrevista: 10/10/2020

Transcrição: 20/10/2020 – 25/10/2020

Início em 08:05min.

P - Vêi, cê... Me conta aí como é que foi seu início. Cê nasceu aqui em Conquista mesmo?

L - Conquista mesmo. Assim, né? Início... Nasci aqui em Conquista, sempre morei aqui, perspectiva mesmo de... De família mais...

P - Cê nasceu em que ano?

L - 1985.

P - 85?

L - 1985. Uma das minhas memórias mais legais assim era ver Ayrton Senna ganhando, né? Aquela coisa, a gente se esgoelando com Ayrton Senna ganhando e a copa de... De 94, que eu lembro da galera assim na rua, batendo em panela...

P - Eu lembro também.

L - Aquela coisa toda, né? E eu nem conhecia os jogadores, nem sabia o que que era direito futebol, né? Só aquela coisa da torcida... É... Tinha jogadores que eu nem entendia que jogava bem, tipo Raí, Zinho... Pra mim só quem jogava bem era Romário e Bebeto...

P - He he...

L - Era quem fazia os gols, né? E Taffarel, que pegava os pênalties. Então ficava aquela coisa, falando daqueles jogadores. Eu lembro muito bem disso, aí depois eu fui ver, a galera comentando: "Raí jogava muito, Zinho jogava muito", e eu tentando buscar na memória e não conseguia lembrar disso. Só lembrava de Romário, Bebeto e Taffarel, né? As memórias mais antigas são essas, né? Do vizinho... A questão do rock mesmo: do vizinho curtindo Raul Seixas, Legião Urbana... Meu irmão aqui começando aquela... Que era mais velho, né? Começando a curtir também Legião Urbana, por causa de Faroeste Caboclo, que todo mundo achava interessante e...

P - Urrum...

L - E Racionais, curti assim... Hip-hop, né? Eu mesmo, minha formação assim... Minha formação de músico, minha construção musical foi completamente contrária do rock.

P - Hum. Cê tocava cavaquinho, né?

L - Meu primeiro instru... É, meu primeiro instrumento foi um cavaquinho, então...

P - He he...

L - Eu comecei curtindo mesmo, na época que eu tava tocando, aprendendo cavaquinho era Jorge Aragão, era... Zeca Pagodinho... E, também, por causa que eu comecei a tocar cavaquinho, a galera viu que eu tava começando tocar, aí as bandas aqui da Bahia que faziam sucesso na época, né?

P - Hum.

L - Que começou com aquela onda de Harmonia do Samba, começou popularizar o negócio do cavaquinho, “mandei meu cavaco chorar”, aquela coisa toda...

P - Sim.

L - Aí, popularizou isso... Aí eu comecei me envolver com... Tinha uns amigos aqui da região, que era justamente Simpson, um amigo da escola, Rômulo, e Goma, e eles montaram uma banda...

P - Seu bairro aí era qual? Qual era seu bairro aí quando cê era...

L - Ibirapuera.

P - Ah.

L - Ibirapuera, aqui na avenida Jequié, próximo à Rio-Bahia.

P - Ah, morei nessa rua aí.

L - Então, Plácido, pois é. Então, assim, ó... Meu primeiro envolvimento com o rock foi por conta dos amigos assim, né? Apesar de eu falar que eu conhecia Legião, que tinha as fitinhas que a gente arrumava, e a gente ficava escutando aquelas músicas, que era interessante, “faroeste caboclo”, Raul Seixas tinha muita música... Raul Seixas, na verdade, pra quem é assim da periferia, ele nem era considerado, assim, separado “isso é rock, isso é samba...”

P - Urrum...

L - “Isso é tal coisa”... Raul Seixas eu acho que era tipo um Bezerra da Silva.

P - É...

L - É uma coisa, assim, de conhecimento geral, assim, né? Ná época...

P - MPB, né?

L - Que Legião, você já começava a se aprofundar um pouquinho, né? Um Capital Inicial e tal... Mas Raul era, tipo... Um clássico dos clássicos, né?

P - É verdade...

L - Não tinha, tipo, gênero. Ele chegava até... Ele chegava até mais que Roberto Carlos, e qualquer outros estilos, né? Assim... Cê via, passava ne um lugar, tocava Raul Seixas, tocava Bezerra, tocava... Era clássicos ali, tavam tocando ali, né? Apesar da... Apesar de sempre ter aquelas músicas da época, né? que eram mais sucesso e tal... Acho que na época, na década de 90 era o sertanejo de Zezé di Camargo, Leandro & Leonardo, aquela coisa, tocava assim ne bares e tal, essas coisas que a gente sempre escutava de plano de fundo de nossa vida, né? Ou alguém tava escutando no rádio, ou sempre tava passando no rádio... Sei lá, a 100,1 da época... É... Sempre tava passando de plano de fundo da nossa vida...A gente não pensava naquilo...

P - Nessa época não tinha como escapar.

L - Não tinha como escapar e sempre tava ali, rolando, né, em volta. Voltando àquela hora que eu tava começando de como eu conheci o rock, como comecei a me envolver mais com o rock, foi que os meninos... Eu estudava com Rômulo, É... Rômulo Rocha, no Sá Nunes, e ele... E ele conheceu Simpson, Givanildo, né? Conheceu Givanildo e eles decidiram montar uma banda. Eles decidiram montar uma banda, uma banda de rock, já fazendo música autoral porque, na época, eles só (corte) coverzinhos, mas eles faziam cover tipo assim... Na diversão, no dia-a-dia, mas quando eles montaram a banda, eles já montaram ensaiando só música autoral. Sempre ensaiando só música autoral. Eles ensaiavam aqui na casa de Simpson... É... Ensaiavam na casa de Simpson e... Com uma bateriazinha de lata, né?

P - Hum (risos)...

L - Com aqueles... Com aquelas estantezinhas de filtro, pra fazer um cimbal, uns negócio... Uma bateriazinha de lata, e o bumbo era o chão, que era meio fofo, né?

P - Sim... (risos)

L - O bumbo era o chão, que era meio fofo, aí era Ed Goma na bateria... Aí era Ed Goma na bateria, Simpson... Simpson começou tocando... É... No baixo, Simpson no baixo... E Rômulo, guitarra e vocais. Aí depois entrou Anderson e foi agregando... Foi entrando uma galera aí na banda assim, né? (inaudível)

P - Isso aí foi mais ou menos que ano?

L - Rapaz...

P - Por aí, né? Não exatamente...

L - O ano mesmo, isso aí foi...

P - Cê tinha quantos anos aí?

L - Não, vai, deixa eu lembrar aqui... Ó... Deixa eu ver, na... Eu acho que mais ou menos... Eu tava na sétima, oitava, primeiro ano... Em 2003... Ali foi por volta de 2001... 2000, 2001.

P - Sei.

L - Simpson vai saber a data certinha. Simpson vai saber a data certinha...

P - Cê já tocava cavaquinho desde quando? Ou cê tocava cavaquinho desde criança mesmo?

L - Não, não... Não era desde criança não, é porque assim, ó... Meu irmão tinha um violão... Meu irmão tinha um violão, e nunca aprendeu a tocar esse violão.

P - He he...

L - Só que, como eu era o irmão mais novo, quando eu ia pegar nesse violão, por conta de qualquer coisa, por eu ser o irmão mais novo, “não, não”, ele não deixava.

P - Sei.

L - Porque, às vezes, o violão quebrava a corda e ele colocava a culpa em mim, tipo, o violão tava lá, dava um calor, alguma coisa...

P - Apertadão, até o talo...

L - Quebrava a corda, a gente não entendia muito o que que era, Aí, ou então, brincando, cê apertava mais do que devia, quebrava a corda... Aí acabava a culpa ficando pra mim, então ele começou a... Não queria nem que eu mexesse no violão. Mas assim: ele não queria que eu mexesse, não interessou de aprender, emprestou o violão pra um colega, o violão voltou, não continuei tendo acesso ao violão, aí eu fiquei com raiva e fiquei querendo um instrumento, aí minha mãe foi e comprou um cavaquinho pra mim.

P - Hum.

L - Na época, né? Nem... É... Eu invoquei com cavaquinho, acho que eu vi Jorge Aragão tocando, não sei... Não sei nem se foi Jorge Aragão... Mas eu sei que eu ganhei o cavaquinho, eu achei diferente o cavaquinho do violão...

P - Urrum...

L - E nem tinha o Samba: “ah, eu quero cavaquinho porque é samba” não. Aí depois com o cavaquinho eu comecei a aprender as músicas... Era... Eu lembro que tinha até um músico aqui na rua, um amigo meu que ele tinha uns primos que tocavam cavaquinho, que ensinavam pra ele mas, quando eu apareci com o cavaquinho gerou uma espécie de concorrência na rua aqui. Tocava as músicas e virava pra eu não ver que nota que ele tava tocando...

P - É Robert Johnson, ha ha ha!

L - Pra... Era... Aí eu ficava, assim, viajando, ne? Eu falei, moss, o cara... Tipo assim... O cara não quer mesmo mostrar, então eu fui tentando aprender por revistinha e tal, sem... Não sabia nem afinar. Aí... Um dia eu vi um cara tocando cavaquinho, eu perguntei “ô véi, ne que casa afina aí?” O cara: “ó, é na 5ª, na 4ª e na 3ª”. Eu comecei a aprender isso e fui indo, né? Meu pai, na época, era separado de minha mãe, empolgado (inaudível) cavaquinho... Eu tinha começado a tocar violão, falou: “Ó, véi, vou lhe arrumar uma vaga aí, cê vai tocar”. Isso eu sabia uns três, quatro acordes de violão, não sabia...

P - He he.

L - Não tirava nada de ouvido, era só na revistinha. Mas vou lhe arrumar um negócio. Cê vai tocar lá com Hélio Amaral, que é meu conhecido. É meu conhecido. Aí, (risos) nisso eu já tinha... Nisso,

nessa época do cavaquinho, né, você perguntou do cavaquinho, eu já tinha começado a me envolver com os meninos da banda aqui da frente, né? Ia nos ensaios, tal, ficava até zoando eles assim...

P - A banda de Simpson...

L - Coisa de menino, menino assim... Da banda de Simpson. Ficava até zoando lá, que eles ficavam ensaiando com a bateria e... Mas era a atração da rua, todo mundo ficava chamando: "Ó lá..."

P - Cê lembra o nome da banda, não? Tinha nome a banda?

L - Herdeiros do Tempo. O nome que veio a ter essa banda foi Herdeiros do Tempo. Eles tocaram, se não me engano... Eles tocaram num... (corte) formação, eles fizeram um show, que foi na URBIS V... Ou URBIS IV... Que era o... Rapaz, eu não me lembro o nome... Rock de Garagem, alguma coisa assim, que foi tipo numa praça daquelas da URBIS IV e da URBIS V...

P - Sei...

L - Eles fizeram esse show lá, aí, se quiser anotar aí pra perguntar a Simpson o nome do show...

P - É, tô anotando...

L - Eles fizeram esse show lá e tal... Foi um dos únicos shows que eles fizeram.

P - Urrum...

L - E tocando, tocando música autoral. O repertório era todo de música autoral. O ensaio deles, eu não lembro de eles ensaiarem tipo Legião Urbana, que era moda na época, né? Moda assim... Todo jovem gostava. E era o mais fácil de tocar no violão... Então assim: eu não lembro de eles tocando muita coisa. Ai, nesse processo aí que eu tava falando de Hélio Amaral, eu conheci... É, eu fui lá tocar com Hélio, Hélio fragou que eu não tocava tão bem assim, né? Falou "Ó, cê vai procurar Daniel". Inclusive Daniel, foi um dos caras que me deu um start, curiosidade de umas coisas de teoria que eu, que eu estudei, né? Que eu tinha as revistinhas, não entendia... Aí depois que ele me falou umas coisas, eu comecei a entender, abriu minha cabeça, né?

P - Urrum...

L - Aí eu cheguei lá ne Daniel: "ah, Hélio pediu pra eu vir aqui e tal, pra cê me passar umas dicas aí. Talvez a gente ia tocar junto". Eu tinha a ilusão que eu ia tocar com Hélio Amaral, né?

P - (risos)

L - Que ele era concorrido e tal, tinha lançado disco, meu pai tinha até um disco... Forrozeiro... Aí, beleza... Fui lá ne Daniel... Daniel... Daniel é irmão de Robson, que já tocou com a Excalibur, Daniel baixista.

P - Daniel baixista...

L - Daniel baixista, ele toca demais, véi. Como, como é o nome dele, é...

P - Ah, sei, eu sei quem é.

L - Acho que é Daniel Oliveira, um moreno. Baixista. Toca demais. O irmão dele é Robson. O irmão tocava guitarra. Eu comprei até um pedal na mão do irmão dele... Um overdrive, na época.

Aí, o que é que acontecia, né? Ai eu fui lá com Daniel, ele: “cê sabe, cê sabe as sequências?” Ele me perguntou, e por causa das sequências do cavaquinho, eu falei “não, eu sei a sequência de G assim, e tal. Toquei, ele: “ó, vai aprendendo essas sequências assim, que ne forró cai muita sequência, não sei o que...”. Ele me ensinou uma sequência diferente...

P - Sim.

L - Que eu não conhecia, foi a sequência de D. Eu só conhecia a sequência de G, né? G, Em, Am e D.

P - Hum.

L - Ele me ensinou a sequência de D. Aí eu fiz no violão e entendi que era a mesma lógica da sequência de G. Aí, dessa curiosidade que ele me passou lá, despertou... Abriu minha cabeça e despertou minha curiosidade pra entender um pouquinho melhor como funcionava o violão, e aí eu comecei a me desenvolver melhor. Aí, na rua aqui, aquele cavaquinista que só sabia tocar uma sequência e escondia de mim...

P - (risos)

L - Eu, daquele dia em diante, eu experimentei em casa e fui anotando no caderninho, eu vi que a sequência... Todas as sequências seguiam a mesma lógica.

P - Sim.

L - E, a partir daí, eu comecei a estudar um pouquinho mais, né? Aí, de uma sequência só, que eu sabia tocar, que era a sequência de G, porque essas músicas da Bahia, quase todas, sequência de G...

P - Urrum...

L - Coincidia, né? Mesmo desafinado o cavaquinho, cê acabava tocando e dava certo, Aí, de uma sequência só, aprendi todas as sequências do... Ali do (incompreensível) ali, né?

P - Hum.

L - Das escalas. Aí já foi um desenvolvimento, né? Eu comecei a estudar, comecei a estudar mais o cavaquinho e tal, comecei a me interessar mais por aquele samba de... Sambas... Sambas de roda, samba... Samba do Rio, de São Paulo, né? Aqueles pagodes românticos... É... Era uma barreira aqueles pagodes românticos, porque eram muito difíceis de tocar. Muitas notas dissonantes. Era uma música simples, mas cada passagem de nota era muito complicado.

P - Sim.

L - Então, eu me esbarrava naquilo, mas eu ia tentando, né? Aprendendo as mais fáceis, né? Aí, voltei ao rock quando eu comecei a frequentar mais... É... Andar mais com os meninos, né? com o colega que morava no Sá Nunes, lá por 200, 2001, a gente andando junto ali na época, aí, eu comecei tocar violão e eles começaram a ensaiar lá no antigo estúdio da Parrázio.

P - Sim.

L - Na URBIS II.

P - Já fui muito lá.

L - Ali naquele antigo estúdio da Parrázio. Eles começaram a ensaiar lá. Aí, a gente começou a frequentar aquele estúdio, né? Mesmo quando a gente não tava lá ensaiando, a gente começava a ir lá pra ver as outras bandas ensaiarem.

P - Urrum.

L - Eu lembro de alguns ensaios da banda de Zé dos Cafés

P - Também.

L - Que era...

P - Zeca Metal...

L - Que era Zé dos Cafés, Eldão, Zeca Metal... Zé dos Cafés: Zeca Metal, Eldão... E quem mais, véi?

P - Ah, era...

L - Ah, o outro integrante eu não me lembro não.

P - Era... Hum... Moss, eu tô com a...

L - Eu não lembro quem era o integrante...

P - Eu esqueci o nome dele... Ele morava com Japon, esse cara.

L - Pois é... Eu não lembro não. Eu lembro que era Zeca Metal na bateria e Eldão na guitarra. Como é que era a música, moss? É... Não sei, “como vai, well”, como é que era?

P - É... “Aonde você vai, Zé? Que eu também vou. Aonde você vai, Well, que eu quero ir”. He he he.

L - Aonde você.... Aon... Isso! Ééé! Era essa mesmo. Era essa música mesmo. Aí, nesse processo todo, aí a gente começou a frequentar lá o ensaio da Parrázio, e os meninos, Goma, é... Goma e Simpson conheceram os meninos da Reason, né? Era Thiago, Pel, e andavam muito na Reason, e a gente se tornou, assim, a casa de Pel e de Thiago se tornou meio que um lugar onde eles iam pra ficar lá falando de rock e tal... Os meninos da Reason tocavam algumas músicas assim, mais alternativas. Eu nunca entendi daquelas músicas.

P - Risos

L - Aquelas músicas mais tristes, assim....

P - Era o que, ali perto... No fundo do batalhão, eu acho, né?

L - Eu falava: “É, os caras tocam muito, a galera gosta...”... Era... A galera gostava muito, eu não entendia direito, aquela música “Aí, num sei o queee...”

P - Risos

L - É... E eu nunca entendia direito. Na época eu era sem noção, assim, muito das coisas, mas... Papo, a gente ia e ficava lá conversando, né? Aí, eu entrei em uma banda de rock mesmo porque a banda Herdeiros do Tempo, que ensaiava lá no ensaio da Parrázio, no estúdio da Parrázio, um dia... Eles tinham um guitarrista, que na época a gente sempre era um armengo, ninguém tinha guitarra... Levava uns violão velho e ficava (corde) ensaiar. Né?

P - Risos.

L - A onda de ensaiar lá na Parrázio é porque lá tinha bateria.

P - Sim.

L - Mesmo sem pratos. Sempre a gente arrumava uns pratinhos que ficavam lá, escondidos... Ou Sú deixava pelo menos o cimbalo, alguma coisa assim, que Sú... Sú batera, que tocava com a Parrázio, o estúdio era dele, na verdade.

P - Aah...

L - Cê tinha que pegar a chave lá na... No videogame dele... Né?

P - É mesmo, tinha um videogame dele... Era mesmo...

L - Tinha que pegar a chave... É... O videogame de Sú. Aí cê tinha que pegar a chave lá no videogame de Sú, ensaiar e depois devolver a chave lá. (risos). Aí, esse guitarrista, esse guitarrista, que na verdade tocava violão, né? Que na verdade tocava violão, um dia faltou ao ensaio. Aí eu tava lá, e faltou ao ensaio e os meninos tavam me contando um problema, que tinham umas músicas com uma pegada, assim, mais agitada, e ele não tinha muito ritmo. E eu acho que, por eu tocar cavaquinho, eu tinha mais um pouquinho de ritmo.

P - Sim.

L - Aí, teve um dia que os meninos (inaudível) “toca aqui, obeso”.

P - Risos.

L - Que eu era magro, mas tinha o apelido, na escola, de obeso, né?

P - Risos.

L - Aí, Rômulo, meu colega, “toca, vê se tu consegue tocar aqui”. A música eram duas notinhas: C... Três notas: Dm, Bb e Am. Quase uma *Gema*, de Evandro Correia, né?

P - Han...

L - Aí, ele me ensinou aquelas notinhas, eu tinha trabalho pra mudar a nota no violão, não tinha prática no violão, mas eu fui treinando, eles viram que tinha mais ritmo do que aquele colega deles que tocava em conservatório, que tocava peças, um monte de coisa...

P - Urrum...

L - Eu tinha mais ritmo que ele e na banda de rock ia encaixar melhor. Aí eu acabei entrando no lugar desse brother, na banda de rock, né?

P - Ram...

L - Na Herdeiros do Tempo, que a gente... Que a gente foi ensaiando depois, a gente fez até um show em Poções... Fizemos dois shows, na verdade (corte) Herdeiros do Tempo. Sempre ensaiamos só música autoral, quase nunca ensaiávamos cover, né?

P - Hum.

L - Foi onde se formou a banda que eu, Dieguinho e Goma começamos a tocar juntos. Né? Foi nessa banda, que Dieguinho era amigo de Goma na escola...

P - Sim.

L - Começou a tocar violão, aí, por conta de um baixista que tocava com a gente, Alex, tinha que ir pra... A mãe tava barrando ele de ir pros ensaios porque ele tinha que ir pro crisma, ou era pra primeira comunhão, tava colocando ele pra ir, aí ele sempre faltava nessas... nesses ensaios, aí a gente começou a... (conexão de Loro trava)

P - Peraí que travou aqui... Ah, voltou.

L - Tocando violão, Dieguinho foi começando a aprender a tocar (conexão de Loro trava novamente)

P - Peraí, Loro, que travou aqui. (29:40min)

Interrupção da entrevista até 31:00min.

L - Então, ne que parte mesmo? Tava falando lá do...?

P - Cê tava na banda, e essa banda deu origem à primeira banda que cê tocou com Dieguinho e Goma.

L - Ah! Pronto, aí a gente nesse processo de... De ensaio com a Herdeiros do Tempo, a gente fez alguns shows, né? A gente ensaiou só música própria e frequentava... Aí a gente tava nesse processo: ensaiar lá na Parrázio, sem perspectiva de tocar, porque a gente se achava... Se achava... Se achava que a gente tava muito ruim ainda, né?

P - Sim.

L - Que aquela visão de tocando, tava um bem punk, a gente querendo uma espécie de Legião, tocar um sonzinho assim, melhor...

P - Risos.

L - Mais anos 80 e tava muito punk. Não que punk seja ruim: tava... O som que a gente queria fazer, a gente não conseguia fazer. Então ficava sempre pro (inaudível). Então a gente começou a ensaiar, a ensaiar, a ensaiar, sem perspectiva de tocar mesmo, só ensaiando essas músicas de Rômulo, né?

P - Sim.

L - Nessa época... Nessa época eu ainda não compunha, né? Quem era o compositor era... Era Rômulo Rocha, né? Ele era o compositor. Ele fazia tanto letra quanto música. Já trazia pronto a base no violão e a gente ia desenvolvendo as ideias, né?

P - Ele era o vocal também?

L - De bateria, de baixo... Ele era o vocal. Ele era o vocal também. Aí a gente ia tentando, né? desenvolvendo, desenvolvendo, desenvolvendo, aí chegou um momento que a gente marcou um show com um pessoal da UJS. Não sei como eles encontrou a gente... Marcou um show na... Ali no antigo espaço Massicas.

P - Sim.

L - Que hoje é Casa Rafiki. Antigo Espaço Massicas. Agora, o ano, o ano exato eu não lembro. Simpson, nessa época, já tinha saído da banda, né?

P - Sim.

L - Já tava tocando punk em outras bandas...

P - Simpson tocava o que na banda?

L - Nessa época era... Simpson tocava baixo, né? Na Herdeiros do Tempo. Aí depois de um tempo ele saiu e entrou Alex. Aí Alex, por conta desse negócio da primeira comunhão e tal, essa coisa toda, saiu também. Aí teve uma época que Goma... Que Goma... Que Goma tava tocando com a gente, começou a faltar uns ensaios.

P - Risos.

L - A gente descobriu que Goma tava com a Reason. Ele até tocou (risos)...

P - (Risos) Traidor...

L - Ele até tocou, em um show, acho que foi ne... É... Ne Jaguaquara, Goma tocou nesse show lá ne Jaguaquara com a Reason. Mas foi bom também porque (inaudível) se desenvolveu, né? Aí a gente botou Boca na bateria, que foi um cara que a gente conheceu lá no estúdio mesmo. Tem até tempo que a gente já... Que a gente viu Boca, né?

P - Arram...

L - Aí tocou ali, ele ensaiou algum tempo... Isso tudo antes do primeiro show, né? Pra você ver o tanto que a gente tentou, ensaiou, gastou... Quem bancava tudo era o vocalista, que já trabalhava na época, né?

P - Ran...

L - Eu vendia picolé, não sobrava muito dinheiro, então, não tinha cogitação de tar ajudando ne ensaio.

P - Sim.

L - Eu ainda tava no início. Então, Rômulo pagava lá o estúdio lá de... O estúdio lá ne Sù, o ensaio era barato, se não me engano o ensaio era R\$10,00 3 horas, alguma coisa assim...

P - Inacreditável, né?

L - R\$10,00, 3 horas de ensaio... Mas naquela época o salário era 120, né? Mas...

P - Arran...

L - É, né, vei? (inaudível) até R\$200,00, mas ainda era barato. Eu sei que R\$10,00 ainda era barato. Mas, pra gente, arrumar esses R\$10,00 era um trabalho doido. A gente ensaiava... Aquele processo todo, é... Fomos convidados pra tocar nesse show lá da UJS, que se não me engano foi Ladrões de Vin... É, Ladrões de Vinil, ó... Herdeiros do Tempo, Wizard...

P - Hum.

L - Né? Que era a banda dos meninos... De PC... De PC, de Alex, de... De... De... Ah, eu esqueci agora o nome do outro cara.

P - Não era o pessoal tipo, da Mictian não?

L - De PC, Alex, eu lembro... Não, não... Era... Era... Não era os caras da Mictian não. Era de PC. PC, que é... Que toca s... Que toca... Você deve conhecer PC, moço, um rasta, que tocou reggae também...

P - Ah, conheço. Conheço demais.

L - Alex é... Alex é Bruxo. A galera chama ele de Bruxo. Um baixinho, careca, meio gordinho...

P - Sim.

L - Que anda de moto... Eles... Hoje os meninos, Bruxo e... E o percussionista deles tocam, é... Eles tem um motoclube, né? Que é o Mandacaru.

P - Sim.

L - Eles têm um motoclube ag... Aí assim, né? Tocou a gente, uma banda de reggae, que tinha o simbolozinho dos ETs, como era o nome, era...

P - Dos ETs? Banda de reggae?

L - Pô, vei... Ser humanos não, era...

P - Seres do Reggae...

L - Seres do Reggae! Seres do Reggae? É, tinha Seres do Reggae e tinha outra. Pô, eu tô contando as histórias tudo pela metade, né, vei, mas...

P - (risos) É, mas tá valendo.

L - Como era o nome da outra banda, vei? Como era o nome da outra banda? Banda de reggae... Seres do Reggae...

P - Eu lembro da... Eu lembro da Ramanaia, eu lembro da... Como era o nome da outra? Que as duas até juntou, era...

L - Haradarrum...

P - É, isso... Adarrum Orishas.

L - Que era Adarrum Orishas...

P - É...

L - É... É Ramanaia. Vamo lembrar os nomes das bandas de reggae pra ver se a gente lembra: Ramanaia Adarrums, Adarrum Orishas... Aí tinha Ganja num sei o que lá... É...

P - Ééé...

L - É, véi...

P - Risos.

L - Seres do Reggae, Porra, quando eu lembrar eu mando pra você, você adiciona...

P - Ganga Zumba. Ganga Zumba. Tinha uma Ganga Zumba.

L - Ganga Zumba! Ganga Zumba! Mas não era Gamba não. Ah, meu Deus. Seres do Reggae, Ramanaia, não! Tá entre Seres do Reggae e Ramanaia aí, depois vou lembrar. Mas tá mais pra Seres do Reggae. Aí a gente tocou com essa galera lá, foi um show... Foi um show que a gente ia tocar primeiro...

P - Sim.

L - A gente ia tocar primeiro, fizeram uma troca lá, a gente ficou por último...

P - Risos.

L - O show tava bombando, lotado... Lotado, aí a gente ficou por último. Na hora que a gente foi tocar, todo mundo sumiu.

P - Moss..

L - Na hora que a gente foi tocar, todo mundo sumiu. Uma banda estreando, né? Uma banda estreando. A gente ia tocar (corte). Na hora que a gente... (corte) que chamaram (corte) aí todo mundo sumiu. Já deu trabalho, que eu emprestei meu pedal de distorção pro, pra outra banda, a banda desregulou o pedal, já tava reguladinho, no jeito, e como eu era inexperiente, né? na hora de tocar, eu nem conferi. Quando eu fui tocar, tava o pedal todo...

P - Risos.

L - Dando um som que eu não queria, né? Isso na inocência. Dando um som que eu não queria, quando pensa que não, a corda de minha guitarra quebrou. Nessa época, já tinha comprado uma guitarra, né? Inclusive, comprei ne Morbec, uma guitarra com microafinação, e pra canhoto. Minha primeira foi uma guitarra pra canhoto. Aquela loucura de... De comprar uma guitarra,

P - Pegou a primeira.

L - Aquela loucura de comprar uma guitarra, eu vi o modelo, a guitarra, achei bonito... Achei bonito, fui lá embaixo, apressei a guitarra, era caríssima, né? com uma ponte... Uma ponte microafinação e tal... Eu acho que olhei até uma guitarra de outra marca, que era mais cara, a minha era uma Golden, né? Que eu ia comprar.

P - Hum.

L - Aí cheguei lá, a guitarra já tava no jeito pra direito, né? Canhoto, mas com as corda pra direito. Vi lá, vi que dava pra tocar, eu falei “ah, vai assim mesmo”.

P - Risos.

L - (inaudível) “ah, tá bom, tá bom, quero essa mesmo. É bom que fica estranho”. Essa guitarra deu um trabalho... Até eu vender essa guitarra, achar uma pessoa canhota pra comprar essa guitarra na minha mão deu tra... Depois de anos e anos que eu consegui vender. E essa guitarra deu trabalho por que? Ela quebrava a corda, e desafinava todas as outras.

P - Por causa da ponte...

L - E como eu nunca fui uma pessoa muito habilidosa com... Com guitarra, eu sempre quebrava corda, né?

P - Han.

L - Nessa eu quebrava menos, porque eu tocava até menos. Aí o que que aconteceu: nesse show da UJS, quebrou a corda da guitarra. Eu tive que praticamente implorar pro cara da banda de reggae que tocou antes da gente pra ele me emprestar a guitarra. “Ô, vei, eu tava ali, tava esperando ali, pra tocar, a corda quebrou, e agora complicou”. O cara é “Eu tô indo embora, véi, eu tô indo embora, eu tenho que ir embora, pra fazer tal coisa”. Falou lá. “Eu tô indo embora, eu tô indo embora, eu tô indo embora”, eu sei que ele viu que eu ia chorar...

P - Risos

L - Acho que ele viu que eu ia chorar, né? (risos).

P - Risos.

L - Tô exagerando, mas ele viu que eu ia chorar, e... E falou: “é, é o jeito eu emprestar a guitarra pra esse cara”. Aí emprestou a guitarra pra... Pra mim e ficou lá embaixo esperando, né?

P - Han.

L - Eu acho que, de público, só tinha: uma galera lá do... Do Santa Cruz, que ficou batendo resenha da gente desse show muito tempo, porque não tinha ninguém, né? E foi um show horrível...

P - Risos.

L - (Risos) E foi um show horrível, a gente deu facão e tudo, a coisa... Ninguém curtiu, porque era música desconhecida, né? Música própria. Né? As outras bandas já tinham a manha de tocar uma musiquinha, um cover, colocar uma própria no meio e tal, aquela coisa, né?

P - Urrum.

L - A gente não: a gente só tinha um repertório autoral. E aí, fomos lá. Fomos lá tocar. Tocamos música nossa e tal, deu esse pepino todo... Depois desse dia, arrumamos um show em Poções. Uma caravana de banda daqui de Conquista. Us Comipexe... E uma porrada mesmo. Eu lembro que Terra Samba tava no auge nessa época.

P - Us Comipexe era daqui?

L - Não, Us Comipexe de Ilhéus.

P - Ah, tá.

L - Não, não. De Ilhéus.

P - Sim.

L - Us Comipexe de Ilhéus também iam tocar. Aí nesse dia, tocaram... Ave Maria, tocou banda demais. Tocou 5 Contra 1... Lá ne Poções. Quem tava organizando era a galera... Era a galera da 5 Contra 1.

P - Han.

L - Quem tava organizando o show era a galera da 5 Contra 1. Aí eles chamaram, é... A gente foi por intermédio dos meninos da Reason, né?

P - Sim.

L - Que conhecia... Que conhecia os meninos da 5 Contra 1, e eles também iam tocar, aí eram dois dias de shows. Era sábado e domingo. A gente ficou de tocar no domingo, mas, a gente foi num ônibus sábado, né? Ia todo mundo junto... Ia todo mundo sábado, e voltava domingo... Domingo de noite, num ônibus só. Aí eu lembro que a galera da Mictian foi... Eu acho que era com outra banda, teve a Sigyn, que tocou também, que eu lembro de banda de Conquista assim, teve a Reason, que tocou no sábado também, teve a 5 Contra 1, e teve a gente lá na emboleira, né?

P - Risos.

L - Nesse show a gente deu um facão histórico...

P - Risos

L - Nesse show a gente deu um facão histórico, porque a gente começou a tocar uma música, e o vocalista começou a cantar outra letra...

P - Risos.

L - Risos. A gente riu demais, né? E tava com um retorno que não era tão bom, a gente cantava, o som ia lá... Ia lá na frente e voltava pra gente, né?

P - Voltava atrasado.

L - Aí, ficou legal. Ficou legal, né? E a gente não manjava, a gente não sabia nem o que que era retorno, bicho...

P - Risos.

L - A gente não sabia que, tipo assim, a gente podia mandar o cara aumentar a caixa que tava aqui no palco não. A gente não falou nada, não sabia... Simplesmente tocou lá. Ligou os instrumento...

P - É... Eu sei qual a sensação... (risos)

L - Foi lá tocar, pronto. (risos)

P - Eu qual é essa sensação de não saber nada que tá acontecendo.

L - A gente tocou, beleza, tal... É... Você não sabia de nada, você fica assim, você analisa, hoje pra analisar é fácil e engraçado, né? Mas na época, você...

P - Não tinha quem contasse... Não tinha quem contasse...

L - Você simplesmente não sabia... É... Simplesmente, você não sabia. Aí esse show foi muito comédia, que a gente ficou lá, interagiu com as outras bandas, conheceu a galera do rock toda, né? Que era... Geralmente, quando iam bandas tocar em outros lugares, ia uma caravana, né?

P - Urrum...

L - Tanto de banda, quanto de... Dos amigos que iam curtir as bandas também, né? Tinha essa tradição... Né? Tem essa tradição antigamente. Aí, teve esse show, depois desse show, nós começamos a ensaiar algumas músicas... Alguns covers, né? Além da... Das músicas da banda.

P - Urrum...

L - Aí, é... Eu acho que o.. Eu acho que o grande problema da banda foi, eu acho que foi começar a ensaiar esses covers, né? porque a gente tocava as músicas da banda, como era o vocalista mesmo que fazia, ele fazia no tempo dele, a gente entendia aquele tempo, todo mundo seguia, acabava seguindo ali, pá...

P - Urrum...

L - Ficava, ensaiava, tava legal, tinha aqueles problemas de vez em quando... A gente começou a desenvolver... Na guitarra, eu comecei a aprender umas coisinhas de solo de guitarra, Dieguinho começou a desenvolver mais no baixo, Goma também foi pegando a pegada da bateria e nós ficamos ensaiando um tempão, ó... Ensaiando, começamos a ver umas coisas de instrumentos... Eu juntei com o vocalista, compramos uma bateria, pra gente começar a ter mais uma liberdade de ensaiar em casa...

P - Sim.

L - Aí foi como se fosse um recomeço, né? Foi um recomeço, porque a gente comprou a bateria, e tinha que comprar umas caixas pra ensaiar. Aí, a gente foi improvisando, improvisando, começamos a ensaiar em casa... É... Ensaiar uns co... (inaudível), aí a gente sempre tinha um problema: a gente ensaiava na casa de Dieguinho, a gente começou a ensaiar na casa de Dieguinho, na época a casa de Dieguinho virou até um estúdio. Os meninos, os primos dele ensaiavam uns metais e tal... A gente passou a ensaiar na casa de Diego, aí aconteceu um problema, que foi...

P - Vizinho.

L - Depois desse tempo que a gente tava ensaiando em Dieguinho, a gente tava ensaiando em Dieguinho, eu comprei uma caixa maior aqui em casa, a gente tinha, colocamos, começamos a ensaiar aqui em casa, por um tempo, né? Começamos a ensaiar aqui em casa por um tempo, que nós compramos a bateria, e começou a ter um problema: a gente, eu, Dieguinho e Goma, começamos a exigir mais do vocalista.

P - Sim.

L - Porque ele errava muito no tempo. Né? E ele reconhece isso também, né? Apesar de ele bancar sempre a banda, a gente já tava com um tempo de banda que a gente tinha que tar evoluindo, né?

P - Urrum...

L - Tinha que tar evoluindo. E na hora dos covers, a gente começou a reparar, a observar, que quando a gente tava tocando os três juntos, tava dando tudo certo, e quando o vocalista entrava, atravessava o tempo...

P - Quando ele chegava...

L - ...E a gente ficava perdido. E aí, o vocalista foi ferrando com a gente cobrando ele, foi ferrando com a gente cobrando ele, e ele, e ele, com aquela toda carga dele ter feito as músicas autorais e tal,

P - Urrum...

L - ... Aí ele falou “Ó...” E ele era meu amigo também, era amigo de todos da banda, né? Que a gente já tinha se tornado muito amigos mesmo, falou: “Ó, galera, pra não perder a amizade, eu vou deixar esse negócio de banda pra lá, ó... Vou deixar quieto...” Aí o vocalista desistiu da banda.

P - Hum.

L - Aí a bateria ficou aqui em casa, né?

P - O nome da banda ainda era aquele primeiro né?

L - Aí a gente ficou até cobrando... Ainda era Herdeiros do Tempo... É... Aí a gente ficou com aquele sentimento... “Pô, Rômulo saiu e tal... Ficou sem vocalista...”. Aí nessa época a Retrofoguetes veio tocar aqui em Conquista, né?

P - Sim.

L - Naquele, naquele... No... No Miconquista, no rock, eu lembro que a Retrofoguetes veio tocar, olhei, eu achei aquilo maravilhoso, a banda tocando, só o guitarrista fazendo solos, e... E a galera gostava, e eu dei a enlouquecer, a achar lindo aquele negócio de tocar os instrumentais...

P - Sim.

L - O, a, eu viajei, eu fiquei... Eu achei maravilhoso, né? Aí eu comecei a tentar tocar uns instrumentais, tal... Ai, como o vocalista tinha saído da banda, ficou eu, Dieguinho e Goma assim, órfãos, porque ninguém nunca tinha cantado.

P - Arran...

L - Sempre tinha a pessoa que cantava. Nós nunca tínhamos cantado nada, nada, nada. Aí começamos a ensaiar. Começamos a ensaiar e fazer teste com um monte de vocalistas.

P - Hum.

L - Nada, nenhum dava certo, nenhum dava certo. Ou não arrumava a pessoa nem pra fazer o teste, ou as pessoas que vinham fazer o teste não tinham nada a ver com a banda. Né? Aí ficamos ensaiando nós três só, sem vocal, que aí, também de... É... Fomentou a ideia de fazer uns instrumen... Que a gente ficou um tempo ensaiando só a gente mesmo, é... Aquele trio ali, sem ter vocalista. Que a gente gostava de umas músicas de, de... Engenheiros do Hawaii, que tinha um (inaudível) assim... Aí, toda vez que o vocal parava de cantar a gente ficava viajando que os instrumentais tava saindo legal.

P - Sim.

L - Aí ele saiu, foi meio que um problema, mas também uma solução. Porque ele quebrava o tempo da gente, né?

P - Risos.

L - A gente já falou isso pra ele, não é fofoca.

P - Sim.

L - Ele quebrava o tempo da gente, e a gente não conseguia, tipo, tocar um *Será*, que é uma música simples.

P - Sim.

L - Quando ele começava a cantar, embaçava tudo, ficava os três aqui, se segurando, pra conseguir se manter dentro do tempo da música, pra tentar acompanhar. E quando ele parava, a gente fazia as entradas, os solos, tudo certinho. Aí quando ele saiu, né? Quando ele resolveu sair, a gente ficou ensaiando, ensaiando, ensaiando... Nessa época, como a gente não tinha música nenhuma, a gente ficou ensaiando só cover. A gente ficou só ensaiando cover, pra aprender ali, a tocar juntos e tal... Ficamos ensaiando esses covers, testando um monte de gente. Teve até uma situação engraçada, que a gente tava ensaiando aqui, e ia subindo um... Uma... Uma mãe aí, né? A mãe bateu aqui na casa. Uma mulher qualquer bateu aqui em casa,

P - Risos.

L - E chamou: “Ô, gente... Esses dias eu passei aqui com minha filha, e minha filha adora cantar. Minha filha adora cantar. Será que ela poderia vir aqui cantar com vocês?”

P - Risos.

L - Aí a gente: “Pô, massa!”. Aí a gente perguntou: “Ela gosta de rock?”, tal. Aí ela: “Não, ela ama rock. Ela ama rock. É a coisa que ela mais gosta. Ela adora cantar”. Aí, a gente foi e convidou a menina, né?

P - Risos.

L - E como nós éramos gaiatos, a gente convidou a menina e tal, ela começou a vir no ensaio, a gente tentando preparar o microfone pra ela, o pedestal e tal, aquela coisa...

P - Risos.

L - A menina vai cantar, agora a gente vai começar a desenvolver. Aí, essa menina chegou no primeiro ensaio e ficou muda. Não cantou nada. Ficou só observando a gente ensaiar.

P - A mãe tava junto, não?

L - Aí eu falei: “Cê tira essa música aqui, *Será*, ó... Pra...” “Ah, é que eu não sei essa música”. “Aí cê tira essa música aqui, *Será*, de Legião Urbana. Tira essa música lá, que no próximo ensaio, a gente ensaia ela.” Tal. Aí, beleza: próximo ensaio, a menina não tinha feito nada. Não tinha tirado a música, não tinha feito nada... Aí, a gente fazia umas brincadeirinhas com... Como eu tocava cavaquinho, eu pegava e fazia umas brincadeirinhas, tipo... Um meio pagode, meio arrocha assim, na guitarra...

P - Han.

L - E a gente ficava zoando, era um momento de diversão da banda ali, que a gente ficava zoando, né?

P - Risos.

L - Ficava piruando daquela situação, a gente tocando rock e zoando ali naquele momento de distração, com um pagodão mais pesado. Aí, quando a gente tocou, aí eu olhei pra Goma e Dieguinho, e comecei puxar. Na hora que eu puxei esse som, a menina endoidou, começou a querer dançar... Eu (inaudível). Eu tava aprendendo uns negócio de Calypso, né?

P - Risos.

L - Toquei uma do Calypso, ela adorou. Ela adorou. Aí eu falei: “Pronto! Temos nosso teste! Ela não dá pra ficar na banda!” (risos)

P - Risos.

L - “Temos nosso teste, ela não dá de jeito nenhum pra ficar na banda”. Foi nesse momento aí que a gente convidou Kécia, né?

P - Sim, lembro disso.

L - É... Foi... Foi... Foi nesse momento? Deixa eu ver...

P - Risos.

L - Rapaz, eu... Pronto! Não, ó... A gente ficou tentando fazer teste. Ah, esse episódio aí da menina do Calypso, que ela gosta do Calypso...

P - Risos.

L - ... foi... Eu acho que foi depois de Kécia ter saído da banda. Certo? A gente terminou, Rômulo saiu da banda lá, vamos recapitular:

P - Sim.

L - Na banda, a gente ficou ensaiando sozinhos, aí... É... Tinha uma amiga nossa, Kécia, que faz teatro, né? Que era amiga de Daiane, né? Nessa época, a gente já tinha os instrumentos, todos os instrumentos, tudo certinho, e Kécia tinha um baixo. Aí, como o baixo que a gente ensaiava era do outro vocalista, a gente chamou... Chamou Kécia pra banda e Dieguinho pegou... Começou a ensaiar com o baixo de Kécia, e a gente formou aquela banda, né? Ali com Kécia no vocal. Inclusive, tocamos no... Naqueles eventos que aconteciam ali de História, da UESB...

P - Na...

L - Das antigas, que tinha ali, Adarrum (corte) Dona Dalva...

P - Sim.

L - Que acontecia sempre ali em Dona Dalva, aí a gente fez um primeiro show com essa banda num reveillon na casa de Daiane e de Seu... De Detão, que foi até candidato aqui a... Pelo PSOL, pra vereador, a prefeito pelo PSOL, logo quando o PSOL surgiu, que ainda era Heloísa Helena...

P - Urrum...

L - (inaudível) candidata, né? Teve um candidato antes, depois Heloí... Eu lembro desse fato por causa da candidata, né? Da época.

P - Urrum...

L - Aí a galera ali envolvida com aquele negócio de discussão política, e tal, e Kécia entrou na banda, fizemos o primeiro show... Inclusive eu tô com a fita pra converter... Eu tô com aquela fita... É... Uma fita de vídeo, de videocassete, que é menor, que você encaixa dentro da grande, né?

P - Sei...

L - Tô com essa fita aí pra converter... Pra converter pra DVD, desse primeiro show, que foi lá na casa de Daiane, na Morada dos Pássaros, tipo um reveillon, a gente já tava ensaiando, "ah, vamo tocar lá". Aí tocamos lá, Daiane era envolvida, já tava na UESB, né? Envolvida com a galera do CA de História, chamou a gente pra tocar num evento desses que tocou a Adarrum, Ramanaiia e, no caso, a gente ainda sem nome. Não tínhamos nome ainda, quando Kécia tava na banda. A banda não tinha nome.

P - Ah, então abandonou o nome do, do... QUando Rômulo saiu, abandonou o nome então... Herdeiros do Tempo...

L - É, a banda já não tinha nome. A banda... Que Rômulo era tipo o cara que fazia as músicas, e que teve a ideia do nome, aquela coisa toda, né?

P - Sim.

L - Então, a gente abandonou o nome, porque não tinha... Não tinha lógica, não tinha...

P - Arran...

L - Né? Ai Kécia... Quando Kécia entrou, Kécia cantava bem e tal, ó... Massa, ficou...

P - Risos.

L - Bom, aí a gente conseguia tocar, tirar as músicas... Aí, também, se não me engano, entrou... A gente só tinha... Uma música própria só, era a música de Goma. A gente nem tava tocando porque o repertório de Kécia era um repertório de Pato Fu, umas músicas assim...

P - Sim.

L - Umhas músicas que não tinham muito a ver com as músicas autorais (inaudível) a compor, né? Aí, pronto... Nesse processo, a gente tocou na UESB com Kécia... Kécia tava envolvida muito com teatro, saiu da banda... Saiu da banda, né? Nessa época, porque ela tava envolvida com teatro, ensaiando muito e tal...

P - Que ano era esse, mais ou menos?

L - Aí depois casou e... Rapaz, aí é... Se não me engano, esse evento na UESB... Foi... Quer ver, ó... A banda Ladrões de Vinil mesmo, começou em 2006, né? Que a gente colocou lá o tópico... Quando surgiu o nome da banda Ladrões de Vinil foi em 2006.

P - Sim.

L - O nome. Que a gente colocou até um tópico lá no Facebook...

P - No Orkut...

L - Que a gente colocou um tópico no Facebook pedindo pra galera dar dicas de nomes de bandas...

P - Sim.

L - E, Aliúð resolveu cobrar um disco que Goma tinha pegado emprestado da mãe dele, e falou: “o nome dessa banda aí devia ser *Ladrões de Vinis*...”

P - Risos.

L - ...Porque Goma, esse safado, pegou uns vinis aqui de minha mãe, e até hoje não devolveu!”

P - Risos.

L - Ele foi cobrar, no post, né?

P - No post, né?

L - No post lá, e a gente tinha colocado: “novo projeto, nome da banda”. E não tinha nome. Aé, beleza: ele resolveu cobrar, a gente: “*Ladrões de Vinis* não... *Ladrões de Vinil* fica legal”. Aí, ficamos com aquela... Deram várias ideias escabrosas...

P - Risos.

L - Inclusive, Daniela... Daniela, que tocava com Alisson Menezes, né? Que a gente conhecia, falou: “o nome da banda devia ser *Sistemáticos*”. (risos)

P - Risos.

L - Sistemáticos. Só que a gente era gente boa. A gente não era nada disso, né? A gente falou: “não, não tem nada a ver não, galera. Tem que colocar o nome e explicar, assim, pra gente entender, pra ver se a gente aceita...” Aí foi que Aliúd apareceu com essa história, né? Aí, a gente resolveu assumir *Ladrões de Vinil*, e, no começo, nós não usávamos a listra preta, mas sempre, desde o primeiro show da Ladrões de Vinil, nós sempre tínhamos o figurino. Primeiro figurino da gente foi o mais fácil que a gente teve, que foi... Que foi os três de camisa gola polo branca... (risos)

P - Risos.

L - Calça preta com a gola polo branca. Não tinha nada a ver com nada, mas a gente já... É show.

P - (risos) Nada a ver com ladrão.

L - “É show, vamos fazer o figurino, é show”.

P - Risos.

L - Pronto. Arrumamos um show lá em Itambé. Depois dessa história toda, de Kécia ter saído da banda, aí a gente começou a tentar ensaiar, começamos a ensaiar instrumentais, tocávamos Legião Urbana, aí eu decidi cantar... “Ninguém deu certo, eu vou cantar então, né? Eu vou cantar”. Dieguinho foi cantar, não deu certo, Goma também, na época não deu certo... Eu falei: “não, então eu vou cantar então, bora...” Aí a gente começou a ensaiar, cantando ruim, gritando no (inaudível).

P - Risos.

L - Muito ruim mesmo. Gritando. Aí a gente arrumou... Arrumou esse show na UESB, aí, depois, arrumamos um show em Itambé, um especial de Legião Urbana... Chegamos lá pra tocar nesse show de Legião Urbana, tava totalmente rouco...

P - Mas aí cê já tava cantando, então... Aí cê já tava cantando...

L - Tava cantando. Eu tava totalmente rouco, praticamente sem voz. E a gente passeando lá por Itambé, com violão, e o pessoal observando assim, né?

P - Risos

L - Pensando: “rapaz, esse cara canta mesmo? Esse cara canta mesmo?” E tal... E a banda que tocou antes da gente era uma banda lá de uns professores, que os caras tocavam tudo certinho. Os caras tocavam, acho, que em banda de forró, e tiraram as músicas, assim, perfeito, né?

P - Ran...

L - A gente ficou olhando assim e falou: “tamo lascado! E Loro ainda tá rouco! Tamo lascado!” Sei que eu tomei dois conhaques nesse dia, e a voz voltou ao normal, falei “ih, galera, agora vai, viu?”

P - Risos

L - Essa primeira banda tocou... E nesse dia nós tocamos e bombamos, véi. Esse show de Itambé...

P - Tosse.

L - ...foi foda. Foi muito bom. Cantei demais, porque Legião a gente conhecia, né? A gente ens... (corte) era mais fácil de tocar e tal... Era um especial de Legião Urbana, de Renato Russo,

homenagem a Renato Russo... Tocamos, bombamos nesse show, pegamos mulher, fizemos a festa...

P - Risos.

L - Foi uma loucura lá em Itambé nesse dia, né? Lá em... Já 2007, mais ou menos... 2006, 2007, né? Esse já foi... Foi o... Esse já foi o segundo show da Ladrões de Vinil. Esse aí. O primeiro show quem deu a oportunidade pra gente foi Junão. Junão fez um show... Eletrorock...

P - Sim.

L - O nome do show que Junão fez. É... Em 2007, que a gente começou a tocar mesmo. A gente passou 2006 todo ensaiando e buscando o nome da banda, e em 2007, Junão deu essa oportunidade: Eletrorock. Aí, nós tocamos no Eletrorock, que deu 9 pessoas (risos).

P - Risos.

L - De público... A galera foi pro evento, e ficou do lado de fora...

P - Isso acontecia muito né, véi?

L - Deu 9 pessoas pagantes. E Junão falando: "A galera vai ter que entrar, o show tá massa...". Junão tinha preparado o som com a Paralips...

P - Sim.

L - Junão tinha preparado o show com a Paralips, e os meninos da Mictian, e fez um Black Sabbath cover. Foi o melhor Black Sabbath cover que eu já vi até hoje. Junão colocou efeito na voz...

P - Sim.

L - Colocou a peruquinha de Ozzy,

P - Risos.

L - ...fez toda uma performance, pra ninguém ver, né? que, no caso, tocou a gente, o cover de Black Sabbath e a Paralips, só que... Só tinha nós, entendeu? E a gente já... Nesse momento aí, a gente já tocava nossas músicas já... É... Nós tínhamos três músicas, né? No caso, tínhamos *Formas... Formas*, das antigas, a gente já encheu a cabeça da galera com *Formas* já...

P - Sim.

L - Ninguém sabe, ninguém conhece, mas ela é das antigas. Aí, então, a gente tocava *Formas...* Qual era a outra, gente? *Vários Sentidos...*

P - Hum.

L - E uma música minha que tava entrando no repertório, que era *Às Vezes*, né?

P - Sim.

L - Aí, a gente sempre tocava essas (corte). Sempre fazia a abertura com instrumental... É... Por conta daquela história lá do Retrofoguetes...

P - Urrum...

L - Por conta daquela história do Retrofoguetes, a gente começou a tocar *Misirlou*, né? A gente começou a tocar *Misirlou*... E, depois desses momentos, a gente sempre começou a tocar uma música instrumental ne cada abertura de show.

P - Sim.

L - Uma música instrumental ne cada abertura de show. Aí, eram nossas três músicas autorais, que eram músicas de (corte). Ele trazia a letra, e a gente criava... Criava as músicas no ensaio... Inclusive, tem uma história engraçada de *Formas*, que os meninos... Nós estávamos tentando, já há dias, fazer alguma coisa pra *Formas*, pra letra de *Formas* e não conseguia... Aí chegou um certo momento que eu falei: “não, moss, ó... Inventei um negócio aqui...

P - Risos.

L - ...Vai dar certo”. É... Eu falei que tinha criado antes, né?

P - Ran...

L - Mas, aí, na hora, eu fui e criei o riff de *Formas*. “tchen, tchengo djengo, djen djen... Tchen, tchengo djengo jen jaan...”. Eu falei: “Eu criei isso aqui, moss. Bora tocar”. Mentira, eu criei naquela hora, de improviso...

P - Risos.

L - É tanto, que hoje eu fico improvisando aqui, tem horas que eu fico gravando, porque...

P - Sempre aparece uma coisa boa.

L - Eu (corte) muito de improviso assim, né? Faz as coisas brincando, né? Às vezes uma coisa ali, brincando, cê fala: “Ó... Ô, isso aqui tá legal, ó...”. Mas, aí, se você não grava, já era.

P - É...

L - Se você não grava, perdeu, porque eu não tenho essa memória toda, né? Eu falo, e às vezes brincando, se eu não repetir muito, eu esqueço.

P - Risos.

L - Por isso que eu gosto de ensaiar. Pra mim, banda tem que ensaiar. Porque cê fica naquele automático de começar a não ensaiar, já era, véi. Acaba a banda.

P - É verdade.

L - Pra mim, né? Porque como a gente... Como a gente tentava, e até hoje eu tento muito dançar enquanto tô tocando, o movimento da mão, acho que, pra mim, tem que ficar meio mecânico, criar uma memória mecânica.

P - Sim.

L - Eu acho que isso só acontece com muito ensaio.

P - É.

L - Pra eu ter liberdade de olhar pra cá, de ficar livre, né?

P - Sim.

L - Ficar mermo. Não é à toa que eu sou o mais facãozeiro da banda.

P - Risos.

L - Que Goma se mantém lá e eu, sempre dando uns vacilos ou outros, né? Então assim... Beleza, e aí (risos)... Aí, veio a chance da gente tocar no ACRock, que foi aquele show que teve uma porrada de banda...

P - Eu toquei também.

L - Nessa época, a gente já tava começando a... Pois é... Você tocou com a...

P - The New Old Jam.

L - Com a Retilínea, não, é... The New Old Jam!

P - Era a Retilínea e a The New Old Jam, mudava só o vocalista, mas era a mesma banda.

L - Foi Raul e você, né? Que revezaram.

P - É...

L - Essa ban... Esse show foi foda, vei... ACRock foram muitas bandas. 30, né?

P - É, foi banda pra caramba.

L - 30 bandas.

P - Eu tenho o cartaz até hoje. Entupido de banda.

L - Dois (corte). 30 bandas. É... Eu lembro que... Eu lembro que Vitor... Vitor Quadros até zoou a gente, né? que a Príncipe Ativo já existia, né?

P - Sim.

L - E a gente tinha contato assim, e Simpson, Givanildo, conhecia muito Vitor Quadros.

P - Sim.

L - Por conta do punk e tal, daquela coisa toda...

P - Urrum...

L - E a única foto que a gente tinha pra mandar foi uma foto no escuro (corte) por acaso, a gente era tão asilado...

P - Risos.

L - Não tinha um acesso a nada... Não tinha acesso a nada, que a única foto da banda que a gente tinha pra uma possível divulgação, foi uma foto que o irmão de Luís, que tocava na Paralips,

P - Han...

L - Irmão de Luís, que tocou na Paralips, tocava no Escravo da Merendas... Escravos da Merenda... O irmão dele apareceu com um celular que tirava foto...

P - Risos.

L - E tirou uma foto daquelas resolução de celular, péssima, no escuro do Carlos Jehovah ainda. Que é uma foto que tá eu, eu, Goma e Dieguinho, com um candelabro assim, atrás, no cartaz da... No cartaz do ACRock. Eu lembro que Vitor falou: “Pô, os cara... Essa banda, ô Simpson, essa banda aí, os cara nem uma foto tira direito... Nem uma os cara tem, pô...”

P - Risos.

L - Aquela coisa de banda, né?

P - Arram...

L - “Pô, vei... É os cara tirar uma foto pra botar no cartaz...”. E os cara tinha tudo... Né? Foto e tal, tinha acesso às coisas...

P - É...Risos.

L - (Risos) Aí.. Aí (corte), né? Mas a gente não tinha nem como fazer outra foto, porque não tinha acesso a nada... Porque cê tinha que tirar uma foto e revelar. A gente não tinha como revelar.

P - É...

L - E não tinha essa câmera digital ainda. Então ficou... Isso ne 2007. Isso ne 2007 já, né? Em 2007.

P - Hum.

L - Aí, tocamos no ACRock... É, o show deu super errado, porque eu tava usando uma pedaleira que o... O palco tava com energia que... Tava falhando, então a pedaleira não ficava ligada...

P - Ah, é... Tem isso né?

L - A pedaleira, os efeitos da pedaleira não funcionavam... Só funcionava o efeito do pedal. Então, aí, eu fiquei usando só o efeito do pedal. Tudo o que eu tinha preparado na pedaleira, né, que eu já tinha uma 505, depois mudei pra uma D... Uma, 30 30 né? Pedaleira... Comprei na mão de Marcone lá da Patagônia, né? Que tocava também com Junão, com essa galera...

P - Urrum...

L - Aí, eu já tava, né? Com um envolvimento, uma pedaleirazinha e um pedalzinho, que é o Oliver, que é o que eu mais gosto, que eu tenho até hoje no set. Que é cópia do SD1 da... Da Boss. É o SD10 da Oliver, né?

P - Urrum...

L - Eu até hoje tenho no set. É o melhor overdrive, o que eu mais gosto, que é um overdrive mais limpo, né?

P - Urrum...

L - Aí, nesse processo todo, de dar errado, uma música que a gente ia tocar, que era *O Bom e Velho Rock n' Roll*, que tinha uma simulação de... De um céu na... Que eu tinha preparado na... Na pedaleira, já não dava pra fazer. Mas a gente falou: “olha, (corte) só com o overdrive mesmo. Aquilo já prejudicou nosso show, mas nós tocamos. Tem até uma foto até hoje (inaudível) que tava o nome da banda Java, né? Lá no... Tá o nome da banda Java no... No bumbo da bateria...

P - Ah, tá...

L - E nós tocamos com as... Nós resolvemos tocar com a... Tocar de grunge, com as camisas...

P - Risos.

L - Com as camisas de...

P - Flanela.

L - Ó pra você ver... Ó pra você ver o *undergroundismo*: se não me engano a gente ia tocar de grunge, mas não tinha aquelas camisas de flanela dos grunges... Do, do... Da galera...

P - Risos.

L - Então a gente tinha umas camisa tosca... Tipo de São Jo... De... Nem de São João é:

P - Risos.

L - Um camisas mesmo, de botão... Cada um vestiu uma camisa de botão e falou: “É o figurino. Pronto!” (risos)

P - (Risos). Camisa de São João é ótimo. (risos)

L - (risos) É, pô, a gente colocou... Colocou aquele... O lenço, né? Nesse dia do ACRock aí a gente colocou o lenço, tal... De ladrão, pra ficar aqui, tal, aquela coisa...

P - Ah.

L - E, depois do ACRock, depois do ACRock, a gente fez uma viagem pra Encruzilhada, foi uma porrada de banda de Conquista: Mictian, Ixe... Mictian, é... The Cadillac Rum... É “Voian”, que era uma banda que Netinho batera tocava... Era Netinho, Nilson... Era Netinho, Nilson...

P - Nilsinho, que morreu?

L - Se não me engano, é... Se não me engano, Gabriel... Nilson... Nilson... Nilson tocava ne uma porrada de banda, né, véi.

P - É...

L - Tocava demais. Porra, é foda... Tocou com a Distintivo Blue, né?

P - Tocou, gravou a...

L - Dieguinho tocou, depois foi Nilson, não foi?

P - Depois foi Nilson, é... Depois de Nilson que foi, é... Rodrigo.

L - Foi. Foi, foi isso mesmo. Pois é, inclusive, a gente tocou com Nilson também em vá... Não, vários shows a gente tocava, né? A gente viajou... Nós fizemos várias viagens com Nilson também, né vei? Que ele tocou... Tocou com os meninos da Randômicos, né? Não, com os meninos da Randômicos não... Como era o nome daquela banda, é... (corte) da Randômicos, é... Que Tales tocava?

P - Era... Tombstone. Tombstone, que era com Camilo.

L - Tombstone! Foi... Isso! Era Camilo, na batera...

P - Camilo, Nilson... Nilson e... Nauzinho na bateria.

L - Nau na batera! Isso mesmo, Nau na batera. Nau, da Signista.

P - Isso...

L - Que era da Signista também. Aí, a gente viajou pra Brumado... É... Nilson tocando com a Quase Humanos... Aí, viajamos pra Piripá com a Tombstone... Com a Tombstone, a Signista... E foram shows bem legais assim, né, véi? Essas viagens... Viajamos também com a Distintivo Blue pra Poções, né?

P - Foi mesmo... (risos) Foi massa.

L - Fizemos... Essa... Aí, aí que... Esses processos de... De ir tocando, né? Depois lá (corte) adiantando as viagens por conta de Nilson, né, véi? Que a gente... Que aí, que ele teve uma morte assim... Que abalou a galera do rock né, véi? E aí...

P - Arran...

L - Quando a gente lembra, a gente... A gente fica assim... A gente fica com a voz embargada, fica com aquele sentimento de... Porque a gente não teve como fazer nada, foi uma coisa de surpresa, de repente... Aconteceu a tragédia... Quando a gente viu, a gente não tinha mais o brother, que tava lá brincando, batendo resenha, tocando...

P - De uma hora pra outra... É...

L - É... O problema da violência é esse, né vei? que, de uma hora pra outra, cê perde uma história... Uma pessoa que tinha uma história, que tinha... É uma rede de... Uma... Uma rede de conexões que você acaba perdendo né, véi?

P - Urrum...

L - Um ponto ali que tinha conexões com várias pessoas, com várias bandas, e você acaba perdendo... Aí, depois, quando cê começa a analisar, cê fala: “porra, véi... Não tem mais o cara aqui, ó... Por conta de uma besteira, ele acabou... Acabou acontecendo uma tragédia... Por conta de qualquer coisa... É... A vida, né, véi? É... É foda!

P - É...

L - Aí, assim... Nesse processo aí... Aí, a ideia da... Do bate-papo seria a questão autoral, nós começamos a desenvolver mais por conta do FestUESB, né? Que... Tinha o festival da UESB, né? O festival universitário, que sempre tinha várias bandas, e nós começamos a tocar, a concorrer todo

ano no FestUESB, né? Começamos a... A frequentar mais a UESB... O pessoal, acho que pensava até que eu tava até sendo jubilado na UESB porque...

P - Risos.

L - Eu tava indo pra UESB, só que nem estudava na UESB ainda... Nem estudava lá. Eu ia porque a gente tocava muito ne Dona Dalva, porque a gente fez amizade com a galera lá...

P - Sim.

L - (corte) show... Quando a gente criou aquele conhecimento, a gente começou a tocar de vez em quando lá na UESB e, participou do FestUesb, que a gente con... A... A gente até conseguiu ficar como melhores intérpretes dois anos seguidos, que foi com a música *Formas*, foi com a música *Formas* e com a música *Vários Sentidos*. Foi.

P - Melhor intérprete, foi?

L - *Formas* e *Vários Sentidos*. Foi *Formas*... Melhor intérprete. Em 2008 e... Em 2010...

P - 2008 e 2010?

L - Ixe, eu (corte) release aqui, ma... Foi. 2008 foi com *Formas* e 2010 ou 2011 foi com *Vários Sentidos*. Aí, essa... Essa questão de festivais, participar... Participar de festivais, a gente ficou empolgado, né?

P - Urrum...

L - Foi... É... Foi... Foi mais ou menos isso. Eu lembro que *Formas* foi em 2008. Agora *Vários Sentidos*... Foi em 2009 ou 2010. Aí eu tiro a dúvida aqui e mando a informação pra você depois.

P - Beleza.

L - Mas, a gente ficou empolgado e gravamos nossa demo com Ruckson, né? Fomos gravar nossa demo com Ruckson, nunca tinha... A gente não tinha gravado de nada... Nem ver alguém gravar a gente não tinha visto.

P - Aí foi o que? 2009?

L - Só que Ruckson é um cara... 2009, 2009... De 2008 pra 2009, a gente ficou gravando essa demo, né?

P - Sim.

L - Em 2009, a gente lançou a demo. Aí, o que que aconteceu? Nisso, já tinha aparecido o Viela que, inclusive, eu pedi patrocínio pra Euvaldo, do Viela...

P - Foi.

L - Pra gente lançar o... Pra gente lançar o CD físico, né? Quem tem o... Quem tem o nosso... O nosso... O nosso C... A nossa demo tem lá, acho que o patrocínio do Viela e da Churrascaria Paraíso, né?

P - Eu tenho. (risos) Eu tenho.

L - Que foram os dois lugares que patrocinaram a gente. Antigamente tinha essa ideia de buscar patrocínio, assim, né? Mesmo, assim com as... Com as empresas.

P - É...

L - Hoje em dia, a gente abandonou um pouco isso mas, é interessante, porque a gente não tem como financiar as coisas né, véi? Se você não tiver dinheiro, não vai pra canto nenhum. Né? Aí a gente lançou... Lançamos a demo no Viela Sebo-Café, que inclusive, você era um dos proprietários na época, né? Viela Sebo-Café, um dos sócios...

P - Urrum... Foi quando Evandro Correia tocou, não? Foi naquele que Evandro Correia tocou com vocês? (risos)

L - (risos) Foi um daqueles eventos... Evandro Correia tocou em um evento que a gente fez pra Darka. Que era alguma coisa...

P - Sim... É... ExpoRock... ExpoRock...

L - Da memória do rock conquistense em fotografias... Era... ExpoRock... Aí, tocamos Evandro Correia, a música de Evandro Correia... Pensa que não, tá Evandro Correia pegando no microfone pra tocar e a gente tocou junto...

P - Batendo cabeça...

L - E ele: “Cês têm que gravar essa música... Vocês têm que gravar essa música... Têm que gravar essa música. Beleza? Tem que gravar essa música!”

P - Risos.

L - Aí, a gente foi... Até hoje a gente não gravou, né, véi? Mas a gente tem um plano de gravar ainda. Ele autorizou já, né?

P - Sim.

L - Ele pode não lembrar, mas ele já autorizou.

P - Risos.

L - Risos. Aí, nós fizemos essa...

P - Gema...

L - ... Essa porrada show, lançamos a demo lá no Viela... Lançamos a demo lá no Viela, nós gravamos em Ruckson... Ruckson é um cara que faz falta pro rock n' roll da cidade, porque ele... Ele é um cara que conhece de rock n' roll e sabe tirar som de rock n' roll.

P - Sim.

L - Porque nós entramos no estúdio sem saber de nada, ele no... (corte) ...dou do timbre da guitarra até cantar afinado que, na hora do show, a gente empolgava, eu gritava muito...

P - Risos.

L - Inclusive... Inclusive, é... Teve uma época que eu fiquei assim, com uma raivinha de Ceffas, né? Porque ele falou pra mim... Ele me fez um elogio no CD, ele falou assim: “Poxa, bicho... A primeira vez que eu vi você cantando sem desafinar”.

P - Porra...

L - Aí, mexe no ego, né?

P - É...

L - Não, m... É... Em primeiro momento, você fica: “poxa, que cara otário”, né? Mas aí, depois (corte) parar pra analisar... Pô, é uma crítica construtiva, ele me falar aquilo, eu comecei a me ligar que eu não só tocava guitarra...

P - Sim.

L - Eu também cantava. Comecei a tentar aprender um pouquinho mais de vocal, né, véi? Porque... É, cê tá tocando e cantando, cê tem que desenvolver os dois, né? Então, eu me toquei daquilo e falei: “Não, Ceffas me ajudou”. Depois que passa o tempo, né? Cê pensa: “não, Ceffas me ajudou ali”.

P - É...

L - E também nem fiquei chateado com ele assim, de falar “ah, eu fiquei ferrado com ele, que brig... Que fiquei sem falar”. Não. Tipo assim: só no momento eu achei assim: mexeu no meu brio, no meu ego, né? De... Que eu já tava tocando, tava lançando o CD...

P - Urrum...

L - O cara, às vezes, o cara na... (corte) ...li, quando tá começando, ele pensa que só vai vim...

P - Elogio...

L - Elogios, né? Na verdade, foi uma crítica construtiva. Isso me ajudou muito. Me ajudou muito, porque eu falei: “poxa, é mesmo. Eu tenho que... Se eu cantei afinado no CD, eu posso cantar também...

P - No palco.

L - ...treinar um pouquinho, pra não ficar vacilando em outros shows, né? Então, eu comecei a aprender um pouquinho mais do vocal (corte) mas... Mas, cê toma consciência (corte) coisa, né, bicho? Às vezes é um... Às vezes é um amigo seu que falou: “Ô, Loro, cê tá desafinando aí toda hora” mas, às vezes, na empolgação de tocar, a gente não se critica tanto, né?

P - Sim.

L - É... Tirando a parte do ensaio, você cantando ali tá bom, na hora do show você empolga, dá umas desafinada bizarra, muitas vezes seu amigo fica zoando, mas fala: “Ó, tem que melhorar, e tal”. Aí a gente começou também criando esse senso crítico e tentando melhorar, né?

P - Arran...

L - Até hoje (corte) facão, né? Mas é a vida...

P - Risos

L - Risos. Dieguinho e Goma ferram, mas (corte)...tável, não sei o que é que é... Eu acho que eu tenho problema, é... Uma dislexia foi me pegando ao longo do tempo... Porque logo no começo da banda, a banda era muito ensaiada, por isso eu falo do ensaio. A gente ensaiava demais. A gente ensaiava demais, aí depois de um tempo, todo mundo começou a tocar em trezentas bandas...

P - E o tempo ficou curto.

L - ...e o bicho pegou, a gente não tinha mais aquele tempo pra ensaiar. Aí isso... Isso acabou gerando vários conflitos. Tinha que pegar pra ensaiar em cima da hora prum evento. A gente tinha que fazer um intensivão, e aquela loucura... E até hoje nós estamos aí, né? Lançamos um CD aí em 2015...

P - Urrum...

L - E, voltando à minha trajetória, nesse meio tempo eu toquei com umas bandas de reggae, porque eram amigos meus, né? Toquei com... Toquei teclado, aprendi um pouquinho de tocar teclado, as aranhinhas só pra fazer aquele sapinho, só pra fazer aquela basezinha no reggae, né?

P - Urrum...,

L - Tranquilo, aprendi só isso até hoje, só pra banda de reggae mesmo... E, projetos que eu tenho aí no... Hoje em dia, nunca... Nunca gostei de entrar em trezentas bandas, porque eu entendia que eu ia ter que me dedicar. Eu ia ter que me dedicar (corte). E como eu sempre precisei trabalhar e nunca vivi da música mesmo, sempre... Nunca foquei em fazer uma carreira só de músico...

P - Urrum...

L - Eu sempre tentei outros empregos e a música... E a música era um extra, né?

P - Sim.

L - Porque, assim... Todo o dinheiro que a gente... Com a Ladrões de Vinil, todo o dinheiro que a gente ganhava era voltado só à banda. A gente praticamente não tirava cachê da Ladrões de Vinil. A gente falou: “Todo dinheiro que a gente tirar aqui a gente vai fazer pra banda. Vamos investir no nosso (corte)...”. Pagamos estúdio caro, fizemos a (corte) toda, né? É... Caro, pra gente, quando fala caro, é claro que é pra gente. Pra outras pessoas é barato, né? Mas assim: pra gente, a gente gastou nosso dinheiro todo num estúdio caríssimo. Tudo isso de várias apresentações em (corte), em casamentos, vários lugares, né? Tocando, ganhando um cachê aqui, outro cachê acolá, tocava... Tentava tocar na prefeitura, não conseguia... Começamos a abrir as portas na prefeitura pra tocar, porque tinha uma resistência contra o rock, o som alternativo...

P - Urrum...

L - Tinha uma resistência muito grande... Eu lembro que a primeira vez que a gente tocou, uma pessoa da prefeitura veio e disse, “ó... Esse secretário aí, véi... Rock não vai não, véi...”.

P - Cê lembra quando... Qual o ano ou mais ou menos a época?

L - Esse secretário aí... Era... Era 2010, mais ou menos, 2010 pra 2012... Essa época, mais ou menos. Aí, nós começamos a... Depois do FestUESB, a galera começou ver que, tipo assim, ó... “Poxa, o rock também pode participar”. Não só a gente que participou do evento, mas vários... Sempre Alisson Menezes ganhava, né?

P - Arran...

L - Mas a gente já tava já disputando o segundo lugar, era tipo... A TV aberta: sempre a Globo ganha, e fica ali SBT e Record e as outras brigando pelo segundo.

P - Arran...

L - E, não... Não tou discutindo o trabalho de Alisson aqui, porque tem, toca... Tem canções belíssimas, mas sempre ficou aquela coisa, né? De valorizar o regional e tal, aquela...

P - Urrum...

L - Aquela onda, justamente por... A valorização do regionalismo, da cultura da cidade, de Elomar e de Xangai e da... E da cultura meio que... Dessa cultura que a gente tem aqui, de tocar uma música mais regional, de valorizar as coisas regionais. Beleza, entendo isso tudo, tal... Também valorizo, acho bonito, gosto de várias músicas desse estilo, mas nós estávamos ali, intrusos, tocando rock n’ roll. Quando eu falo “nós”, eu não falo “nós, a Ladrões de Vinil” não, eu falo “nós, todas as bandas que estavam ali tocando qualquer som diferente”...

P - Urrum...

L - Quando alguém ganhava... Quando alguém conhecido conseguia vencer um segundo lugar, era uma glória, entendeu? Glória que todo mundo comemorava: “Ô, fulano entrou. Massa!”. E... E a gente conseguiu essa... Essa proeza que foram esses dois *melhores intérpretes*, esses prêmios, né? De melhores intérpretes. Inclusive, eu tenho ali o... Espera aí, rapidinho...

P - Vai lá.

L - Entrevistados (inaudível)

P - Risos.

(Loro traz os troféus)

L - Estão todos empoeirados aqui...

P - Risos.

L - Mas... Estão todos empoeirados aqui, mas é pra gente tirar a dúvida, né? Ó... Esse aqui foi o primeiro que foi com a música *Formas*, 2008, FestUESB 2008... Foi com a música *Formas*...

P - Sim...

L - Ladrões de Vinil, no caso, né?

P - Arran...

L - E esse aqui... Inclusive esse aqui (inaudível) um trofeu, foi feito por Arisson Sena...

P - Ah, massa...

L - Inclusive foi até umas pinturas lá no Viela, né? Que foi o... 6º FestUESB. Melhor intérprete... Xover o ano aqui... Não tem o ano.

P - Ué... Embaixo, será que não tem não?

L - Foi o 6º FestUESB. Xover aqui... Tem não.

P - Embaixo, eu falo embaixo do pé, alguma coisa...

L - “Melhor intérprete, 6º”... Tem não, só tem aqui ó... O (corte) Arisson. Deixa eu ver aqui... Deixa eu ver aqui, perai. Deixa eu ver esse aqui. Pronto: o de 2008 foi o 4º FestUESB. Então teve o 5º, 2009, 2010 foi o sexto, né?

P - Sim.

L - Aí... E esse aqui foi aquele Concurso Miguel Cortes, pra tocar no Festival da Juventude.

P - Esse aí foi quando?

L - Que deu aquela confusão... Que a votação era na internet e apareceu um hacker lá, aumentando o voto das bandas, lembra disso? Foi uma confusão retada...

P - (inaudível) não lembro mais ou menos não... Que ano foi esse aí de Miguel?

L - Um cara (corte) prefeitura lá... Isso... era em homenagem... O Festival da Juventude foi uma homenagem... Teve uma espécie de homenagem a Miguel, né?

P - A Miguel...

L - Que tinha, recentemente, deixado a gente... Tinha falecido. Então, assim: a gente conseguiu ... Conseguiu tocar no Festival da Juventude... Primeiro era votação popular, aí deu essa confusão, que um cara que cuidava do site da prefeitura foi exonerado, demitido, não lembro o nome nem quem... Eu sei que esse cara entrou lá e começou mexer ne... Nessa votação, porque o cara era de TI, né?

P - Han...

L - E ele achou as brechas lá, e quis mo...(corte)... Acho que ele foi demitido, mas a pessoa que tava cuidando do site não fez o trabalho direito, não sei qual era o (corte). Mas esse cara, parece que era fã da Ladrões de Vinil...

P - Risos.

L - Começou a aumentar os votos da Ladrões de Vinil e de um monte de bandas. Eu lembro que até Nem brigou com a galera do Rock, que a galera começou a falar “ué... Mas rapaz, como é que essa banda Ladrões de Vinil e outras...”. Não foi só a Ladrões de Vinil, entendeu?

P - Urrum...

L - Foram vários artistas que começou a subir demais o...

P - A votação.

L - No caso, a votação, o número de votos. Aí, a galera começou a discutir... “tá roubando, tá roubando, num sei o que, tá roubando, tá roubando...” e aquilo foi bem ofensivo pra gente, aí eu lembro que Nem, da Cama de Jornal ainda nos defendeu aí no Facebook. Falou: “mas rapaz, antes de vocês criticarem a banda Ladrões de Vinil, vai lá no Facebook e vê quantos seguidores eles têm e vê se cada um daqueles seguidores fosse lá votar, se não dava o dobro de votos desse”. A galera começou a baixar a bola...

P - Hum...

L - ...mas a confusão foi tão grande, que aí teve o concurso Miguel Cortes, que as bandas tocaram, pra ver quem ia... Tocaram lá na praça 9 de Novembro, pra ver quem ia tocar no Festival da Juventude.

P - Arran...

L - Aí, nós fomos tocar. Inclusive a Dona Iracema também tocou... Participou desse concurso Miguel Cortes, ainda com outro vocalista, Igor... Várias bandas tocaram e... Várias bandas tocaram e participaram também do Festival da Juventude... E assim... Nesses eventos assim, a gente foi conseguindo arrecadar esses cachês que eu falei pra você, que a gente tocava só em prol da banda...

P - Da banda...

L - A gente tocava em prol da banda assim: o dinheiro ia todo pra banda, e depois dos ensaios a gente ia pra... Todo mundo vinha na Ladrões de Vinil... É... Todo mundo que vinha de diferente a gente resolvia ir pra uma pizzaria... É... Ir pra algum canto. Então o dinheiro da Ladrões de Vinil fisicamente todo pra comer...

P - Risos.

L - E pra... Eu acho que a gente comeu quase o CD...

P - Risos.

L - Quase a gravação de outro CD. A gente comeu. Aí chegou uma hora que eu falei: “Ó, galera. Nós tamo exagerando aqui, vamo para aí, porque, senão nós vamo comer o dinheiro da banda todo”.

P - Risos.

L - Aí, o dinheiro que a gente fez foi pra investir nisso na banda, né?

P - Urrum...

L - CD, fazer tudo... E, assim... Foram vários shows, a UESB... Teve uma época que a efervescência cultural muito grande, porque os CAs sempre organizavam calouradas, né?

P - Sim...

L - Sempre organizavam calouradas... Infelizmente, isso parou de acontecer porque teve um evento lá, que nem era rock n' roll, nem era reggae, nem era mais assim, cultural.. Acabou (corte) tiros lá, e a reitoria acabou proibindo que os estudantes vendessem bebida nos eventos.

P - Aaahh... Eu lembro disso.

L - E isso acabou cortando a renda dos eventos na UESB. Aí, os eventos foram murchando, murchando... E hoje em dia nós nem temos, praticamente, evento nenhum na UESB. Que antes era... Era um lugar que aconteciam muitos eventos. Eu lembro que nós já tocamos... Nós já tocamos... A Ladrões de Vinil, né? Já tocou quatro finais de semana seguidos na UESB.

P - Urrum...

L - Quatro... Quatro finais de semana seguidos. Eu lembro que, na época, nós tiramos 60 músicas... 20 músicas pra cada show, e no último show nós misturamos as músicas. Eu lembro que nessa época a gente tava na ativa, né?

P - Arran...

L - Sempre ensaiando, sempre ensaiando, a gente botou lascando, ó... “Vamo tirar essa aqui, tirar essa aqui, essa aqui é legal”. E uma coisa interessante que eu vejo no *stand up*, que a ideia de... É... Dos humoristas testarem piada, eu vejo que a gente acabou criando um repertório tanto de músicas nossas, e de cover, um repertório testado.

P - Sim.

L - Tendeu? A gente tinha músicas... A gente tinha músicas, que a gente sabia: “Ó, nós vamos fazer um show curto? Então colocar essa, essa, essa, essa e essa outra, que são músicas que a gente sabe que a gente consegue interagir melhor o público”. Tanto música nova quanto cover, né? Como nós não tínhamos tantas músicas próprias, sempre tocávamos cover. Isso sempre... E assim, querendo ou não, o cover sempre ajudou a gente a arrecadar o dinheiro pra gente gravar nossas músicas. Então ficou nessa... Nós vamos dizer assim... Nesse paradoxo. Tipo assim, a gente tinha... Tinha que tocar os covers pra poder ganhar o dinheiro e também (corte) gostava de nossa música e queria divulgar a nossa música. Aí, nossas músicas próprias, exclusivamente próprias, o show só de músicas próprias a gente deixava pra festivais, tipo, a gente ia tocar, igual a gente tocou em Minas, Montes Claros, foi um lugar que a gente tocou que foi maravilhoso, que assim... A gente saiu daqui de Conquista pra uma espécie de teste, né?

P - Sim.

L - A gente ia tocar num lugar (corte)...ado... A gente não sabia se, tipo assim... O que a gente tocava aqui pra galera que conhecia a gente, os amigos, ia agradar ne outro lugar, que ninguém conhecia.

P - Sim.

L - E ainda mais (corte) a banda. Porque o festival era autoral. Então, nós montamos um repertório só de músicas da banda, só autoral, e fomos tocar... E, pra nossa surpresa, quando terminamos de tocar, a galera identificou nossas influências, identificaram, também, o som que a gente fazia, o nicho que a gente tava tentando tocar...

P - Ah...

L - Então, a gente falou: “poxa, será que...”. A gente ficou assim... Foi bom, que a gente teve uma ideia de que outras pessoas conhecem o que a gente conhece, e entendem o som que a gente faz.

P - É...

L - Então, assim... A gente fica pensando... Será que a ideia de tocar cover... A ideia de tocar cover porque a galera tava meio preguiçosa pra conhecer músicas a fundo pra tentar entender a linguagem que uma banda traz ali, com suas músicas autorais? Tendeu? Porque, assim: a gente foi tocar em Minas e a galera identificou na hora as influências da gente, o som que a gente se identificava, tudo... Então, aquilo, pra gente, foi legal, porque assim: foi uma galera que não conhecia a gente, não eram amigos pra poder tar ali fazendo aquela coisa da amizade, né?

P - Urrum...

L - “Pô, legal o som de vocês” e tal... Não, eram pessoas diferentes que só curtiram o som. Aquilo pra gente foi um... Um termômetro, né? Pra gente continuar tentando fazer músicas da banda. Se não me engano, foi 2010, 2011... 2010 mais ou menos, isso aí. Então, assim... Esse show de Montes Claros lá que é.. Que foi o Grito Rock, quando começou o Grito Rock...

P - Sim...

L - Grito Rock América Latina... Ainda tava no começo do Coletivo Suíça Bahiana aqui... Ainda tava naquele começo de coletivo aqui... Eu sei que a gente tocou lá no Grito Rock de Minas, e chegou aqui pra tocar no Grito Rock de Conquista, que era... Que era... Que, se não me engano, foi no... No Centro de Cultura. Aí, nós tocamos lá nesse Grito Rock, ne... Ne Montes Claros, depois voltamos a tocar em Montes Claros, porque aquele ex-Mano Quiabo, Felipe Ricota, que participou daquele programa do, da MTV...

P - Hum...

L - Acho que a gente tocou até no Viela com ele... Acho não, a gente tocou no Viela com ele. Com o projeto *A Máquina Berradora*. Felipe Ricota. Felipe Ricota mesmo. Ele participava de um programa... O primeiro programa de Marcelo Adnet, que era o programa *Quinze Minutos*, da MTV.

P - Sim.

L - Aí, Marcelo Adnet, acho que terminou com o programa da MTV e ele... E... E ele era o Mano Quiabo, né? Aquele que usava a máscara. E esse Mano Quiabo encontrou a gente na internet e falou: “Ô, brother, a gente tá... Eu tô querendo viajar aí pra Bahia, pra tocar. Encontrei a banda de vocês, achei legal, queria manter contato pra gente fazer esse som aí”. Uma coisa assim, totalmente aleatória.

P - Arran...

L - Que... Coisas de MySpace. E a gente divulgava nossa demo ainda, né?

P - Arran...

L - Aí, a gente fechou essa parceria, eu falei: “Ô, bicho... Nós tocamos em Montes Claros recentemente... A gente poderia marcar...” Ele... Ele falou que tava vindo de São Paulo pra... Do Rio pra Bahia, né? A gente falou “não, a gente tocou em Montes Claros... A gente poderia ver se a gente marcava lá em Montes Claros, pra tocar em Montes Claros, aí você vinha pra Bahia, tocava com a gente aqui, e depois a gente via”... À ele, nesse meio período também, ele marcou um show

em Governador Valadares... Lá em Governador Valadares. Aí, o que que a gente fez: A Ladrões de vinil saiu daqui... Daqui, pra tocar de novo em Montes Claros, né? Chegou lá em Montes Claros, a galera já conhecia nosso som, já foi uma recepção massa...

P - Urrum...

L - A galera querendo ver o som da gente de novo. Inclusive, a gente tem amizade com a galera até hoje... Não voltamos lá porque o processo de gravação (corte) a gente acabou abortando uma turnê que ia fazer, que já tava programado que ia passar por lá, então, fizemos esse show lá em Montes Claros, voltamos aqui pra Conquista, com Felipe Ricota, tocamos no Viela... O projeto da Máquina Berradora era assim: Ele tocava guitarra e teclado, e convidava um baterista da cidade...

P - Hum...

L - Pra acompanhar... Pra o acompanhar em todos os lug... Acompanhá-lo, né? Nos lugares que ele passava. Aí, lá em Montes Claros, teve o baterista, acho que, se não me engano, foi da banda Sofia, lá de Montes Claros, e aqui em Conquista, Ingrid Bahia acabou acompanhando... Acabou acompanhando Felipe Ricota e a gente fez esse show junto, também no Viela. Eu lembro que a gente tocou... Aí, depois Viela, é... (corte) Lá em Montes Claros (corte)...

Retorno de Loro:

P - Sim, aí ele tocou com Ingrid Bahia, que cê falou...

L - Sim, aí ele tocou aqui em Conquista com Ingrid Bahia. Aí eu tava contando assim: que lá ne Montes Claros ele tocou só 15 minutos.

P - Hum.

L - Que era também, era improviso: ele tocava improvisando. Ele tocava coisas improvisadas no teclado, na guitarra, era tudo improviso... E o baterista acompanhando ali, no... No... No total improviso. Aí eu tava contando quando cortou aqui, que lá em Monte Claros, ele tocou só 15 minutos.

P - Sim.

L - Tocou 15 minutos, a bomba ficou em nossa mão, a galera querendo música, querendo curtir, e nós descemos todo o nosso repertório autoral, e a galera continuava querendo. Querendo curtir ainda a noite, querendo (corte) a noite. Aí que veio aquela questão da, entre aspas, de nossa experiência, de já ter testado tantas músicas sem eventos da UESB, e aí a gente começou a só tocar aquelas músicas testadas, que a gente sabia que era porrada.

P - Urrum...

L - Só começou a jogar as porradas, e aí a galera só curtindo, curtindo, e as cordas da guitarra foi quebrando, eu sei que no último... A gente terminou o show porque já estávamos com três cordas só... A guitarra toda banguela, né?

P - Urrum.

L - O calor foi aumentando, as cordas foram quebrando e eu continuei tocando... E as cordas foram quebrando e eu falei “é, galera, agora não tem mais jeito não, viu? Sem corda não dá pra tocar”. Aí a gente encerrou o show e foi um show foda, bem massa mesmo. Aí tocamos em Montes Claros, depois tocamos em Governador Valadares, e aí voltamos de Governador Valadares Praqui, pra começar o processo do... Da gravação do nosso CD, que nós lançamos aí em todas as plataformas, né?

P - Urrum...

L - Nós começamos... Esse CD, também, foi outra novela, que nós começamos a gravar com... Com Diego Albino, aí deu uns problemas lá, com Diego (risos)... Tivemos... Tivemos alguns problemas com Diego Albino, né? É... Nós não, né? Ele que teve alguns problemas...

P - Risos.

L - Aí, ele acabou... (risos) Ele acabou ab... Nós acabamos abandonando o projeto pela metade, né? Já tínhamos gravado guias, já tínhamos feito um monte de coisas...

P - Ah...

L - E, foi uma novela isso aí. Né... Né... Né bem bom lembrar.

P - Risos.

L - Assim, em relação... Aí fomos pra Drummond gravar, gravamos nosso CD, fizemos lançamento... Fizemos lançamento lá no... No Natal da Cidade, né? Que assim... Pra gente foi legal, porque o Natal da Cidade era um evento que a gente vinha batendo na porta... Tentava, todo ano, fazia inscrição, parecia... Sei lá, faltava uma vírgula no projeto, o projeto não era aprovado. Um carimbo, uma coisa, um ne (corte) e nesse processo de entrar na burocratização do governo pra tentar tocar, né?

P - Urrum...

L - Fizemos CNPJ, fizemos tudo... E não conseguia tocar... Sempre as mesmas bandas, sempre... Aquela coisa... E a gente querendo tocar... Até que a gente conseguiu, no lançamento do CD, um clipe que a gente conseguiu gravar lá pelo... O Projeto Mapas Musicais, né? O Projeto Festival 5 Minutos, conseguimos gravar nosso clipe...

P - Aquele na feira... Na... Na Praça da Bandeira?

L - Que... A gente frequentou uma oficina... Isso, aquele clipe. A gente conseguiu gravar aquele clipe, porque tava frequentando uma oficina de videoclipes lá na UESB.

P - Urrum.

L - Aí, indicaram o nosso nome como banda pra fazer um clipe no final do trabalho, no final do... Do processo, pra as pessoas que tavam ali... Que estavam fazendo o minicurso...

P - Arran...

L - Aprender, na prática, né? que era o pessoal de Cinema. Aí, foram os diretores lá de... De Salvador, um diretor de Recife, que mora em Salvador, e outro diretor de Salvador também, lá...

Daniel... Foram... Daniel e Felipe, que eles já fizeram trabalhos com Carlinhos Brown, com... Com... Ô, meu Deus, com Daniela Mercury, com... Com... Eu ia falar Luan Santana, mas não é Luan Santana não, é... Como é o nome do cara, gente? Alguma coisa Santana, é um... É um artista massa lá de Salvador... Poxa...

P - Léo Santana, não? Será?

L - Não, não... Né Léo Santana não, é um artista de... De rock.

P - Ah...

L - De... Poxa, bicho, como é que eu esqueci o nome do cara? É Daniel Lisboa o nome do... O nome do... O nome do diretor. Ele fez um clipe massa desse cara, véi... Dan... Êêê, Santana... Agora pra achar só pelo sobrenome é de lascar, viu, véi?

P - Risos. Cê vai achar Carlos Santana, lá no México. Risos.

L - É, eu acho (corte) Bahia... Daniel Lisboa (procurando na internet). Colocar aqui: “Daniel Lisboa”, que deve aparecer, quer ver? Achei! Lucas Santana, pô... Por isso que eu tô confundindo com Luan Santana...

P - Risos.

L - Lucas Santana... É... “O deus que desva... Que devasta, mas também cura”. É um clipe massa, um clipe legal. E eles tinham produzido... Tinham essa experiência e gravado esse clipe com a gente, né? Inclusive... (risos) Inclusive, o clipe foi (corte) né? Porque eles tinham uma ideia de... De roteiro pro clipe, e nós ficamos... Ficamos brigando com eles... Nós estávamos ganhando o clipe de graça, mas nós ficamos brigando com eles, pra fazer do nosso jeito. É... Inclusive, Goma foi um dos grandes responsáveis por essa briga porque, a gente tava com uma ideia de clipe, aquela ideia que tava no clipe, né? Tirando a montagem que eles fizeram, a montagem das cenas, de contar uma história banal mesmo... O roubo dos vinis e tal, aquela coisa...

P - Sim... Fugindo...

L - Já que o nome da música é *O Misterioso Roubo dos Vinis*, né?

P - Arran...

L - A gente queria retratar... Aí, tinha até uns participantes lá, da oficina, que falou: “você quer o clichêzinho...” Aí, Goma falou: “Justamente. A gente quer o clichêzinho. A gente quer isso mesmo”.

P - Risos.

L - Aí foi uma briga, uma briga, uma briga mas, é... Eles começaram a... A se abrirem com a gente mais...

P - Han...

L - ...quando a gente mostrou que a gente tinha um figurino, tinha tudo prontinho, eles falaram: “ah... É, essa ideia de roubar os vinis mesmo é legal...”

P - É um lance mais bem humorado, né?

L - Aí começaram a... É... Eles começaram a... Juntar as ideias deles e aceitaram as nossas, né? E aí, fizeram todo o processo de ver locações, de ver tudo... E conseguimos produzir esse clipe. Que um clipe naquela estrutura a gente não ia conseguir fazer por tão cedo, né? Já tinha gastado o dinheiro todo da banda no... No CD e tinha deixado uma parcela pra fazer... Pra fazer a turnê...

P - No CD e na pizzaria, né? Risos.

L - É, no CD e na pizzaria. Se a gente não tivesse gastado tanto dinheiro na pizzaria, a gente tinha feito mais coisa.

P - Risos.

L - Mas... Mas, era assim: você, por exemplo: Plácido. Plácido veio visitar o ensaio da Ladrões de Vinil, descia todo mundo pra pizzaria, Praça do Cajá, que é aqui perto...

P - Risos.

L - Cachaça e pizza... Cachaça e pizza. E, a gente ainda brincava: “bota na conta do papa”. Já tinha o cartão da banda, que tava o dinheiro, que era uma conta que eu não usava mais, e todo o dinheiro da banda colocava nessa conta.

P - Sim.

L - Aí já tinha o cartão da banda. Quando a gente... Quando a gente (corte) fazer alguma coisa, passa no... No cartão do papa.

P - Risos.

L - Não sei por que a gente botou esse apelido mas, sempre a gente passava nesse cartão do papa, que tinha dinheiro, né? Que passava no débito. não era nem cartão de crédito não.

P - Era o... O... O Tropa de Elite, pô... É por causa do Tropa de Elite, na hora que ele fala: “bota na conta do papa”.

L - Era... Risos. Ah, era, era isso mesmo... Era Tro... Era essa ideia aí mesmo... Bota na conta do papa...

P - Risos.

L - Era justamente... Eu tinha perdido isso, mas era justamente nessa época aí, depois do Tropa Elite.

P - Risos.

L - Você lembrou bem, véi. Exato, foi cirúrgico aí.

P - Risos.

L - Então, assim: nesse processo, hoje em dia nós estamos aí, né? É... Desde que nós gravamos aquele CD lá em Drummond, né? E lançamos no Natal da Cidade, que foi um grande momento pra

gente como banda de rock, lançar no Natal da Cidade, nos colocaram no dia 24, que era um dia que... Pra banda de rock não era... Pra... Pra qualquer banda não era... No dia da ceia, né?

P - É...

L - Muita gente não vai sair dia 24, mas, por incrível que pareça, bombou esse dia. Nesse dia tava cheio de pessoas que não tinha... Que não tinha... Como foi no bairro Brasil, e.. A galera, às vezes não tem muita atração, comeram a ceia e foram...

P - Pra o Natal da Cidade...

L - Não tem a tradição de... De fazer a ceia à meia noite, aquela cerimônia toda... É, tipo assim... Faz a ceia na hora do jantar mesmo... Acho que a galera jantou, comeu o peruzinho e desceu pra curtir o Natal da Cidade... Aí nós tocamos (corte) massa. Apesar de, no dia do lançamento do nosso CD, eu tava rouco.

P - Risos.

L - Foi o show todo, eu cantando rouco, rouco, rouco mesmo. Muito rouco mesmo. É... Não teve cachaça, (corte), não teve nada que fizesse melhorar a rouquidão. Porque, um dia antes, tinha tido um show de João Bosco...

P - Hum.

L - E eu sou muito fã de João Bosco... Eu fiquei lá na frente do palco, "Uuuuh!" Cantando todas as músicas...

P - Risos.

L - No outro dia, do meu show, lançamento do CD da banda, eu tava rouco.

P - Esse é o drama do vocalista.

L - O show mais importante... O show mais importante de minha vida, eu tava rouco. Aí, desse dia em diante, eu fiquei.. Fiquei com mais preocupação ainda com essa questão da voz, né? Poxa... Era o show pra gente bombar, e eu tava rouco, porque eu fiquei gritando no show de João Bosco...

P - Risos.

L - Vacilei, fiquei me culpando um tanto por causa disso... Mas mesmo assim o show ainda foi legal, né? É... Até uma galera que me conhecia da época do pagode, que eu pulei a época que eu toquei numas bandas de pagode aqui da cidade, né?

P - Ah.

L - Que eu até passei com trio em frente ao Palco do Rock tocando pagode...

P - É mesmo, véi?

L - E eu já tocava rock, fiquei assim, meio disfarçado, né? Pra galera... Porque naquela época era uma rivalidade muito grande, né? Tinha até música...

P - A micareta ali na... Na praça da Normal, né?

L - O primeiro show de rock que eu fui... Isso... O primeiro show de rock que eu fui foi o Rock de Subúrbio, e a música que tava no auge era aquela “Pagodeiro bom é pagodeiro morto”.

P - Sim Risos. Eu lembro.

L - E nessa época eu ainda não tava curtindo tanto rock ainda, né? Até hoje ainda curto uns pagodes ainda, mas com aquele senso crítico, né? Dá pra gente entender... Dá pra gente curtir as músicas e entendendo as questões de letras que não são legais, várias questões... Várias questões, que envolvem essas músicas comerciais, né?

P - Urrum...

L - Então, dá pra gente entender a parte artística, a parte ali instrumental, a parte... A parte que... Que me atrai, né? A parte instrumental e tal...

P - Urrum...

L - E entender que os caras, às vezes, se perdem por uma questão mais comercial...

P - É...

L - Pra eles seguir um nicho que... Da... Da indústria cultural, que a gente vai entrar numa discussão de indústria cultural, de mercado cultural, que só querem músicas descartáveis e tudo... (corte) ... criando senso crítico, a gente sabe, né? Então, tem com a gente também entender isso e saber separar as coisas. Eu acho que... Que você deve desenvolver o senso crítico a ponto disso, né? De conhecer as músicas e saber o que é bom e o que é ruim, até porque nós temos várias músicas de rock n' roll também que... Que traduzidas, as letras são horripilantes, né?

P - Urrum...

L - Só fala de mulher, de carro... Então assim, né?

P - No blues é o que bem tem...

L - Pois é. Então assim: se nós pararmos pra observar, nós temos que ter esse senso crítico também, né? De saber não desvalorizar tudo. Tem como a gente identificar coisas boas... Que tem coisas boas, né? Que, tocando pagode com a galera, eu aprendi muito questões relacionadas a banda, de... De muita gente tocar junto, né?

P - Urrum...

L - Que cada um tem que saber o seu espaço ali, não adianta todo mundo ficar querendo fa... Querendo aparecer ou tocar muita coisa, que vai embolar tudo e não vai ter uma massa sonora... Tem as células... Banda de pagode é assim: tem a célula da percussão, harmonia, baixo, metais, dançarinas, bateria e tem que ser uma coisa que... Cê vê que tem que ser bem ensaiado, né? Essa questão do ensaio, também, eu aprendi com a galera do pagode. É ensaio direto. É ensaio direto. Chegava um momento que só ensaiava as entradas e as saídas mas, era ensaio direto. Poderia ser a música pior que fosse, mais fácil que fosse, eles estavam ensaiando. Porque tinha que manter aquela coisa unida, né? Uma coisa que a banda tocasse, o vocalista pedia pra banda fazer baixinho, fazer o que for, esses caras, a banda toda tinha segurança de fazer isso e...

P - Urrum.

L - E ninguém desesperar na hora... Porque assim: uma coisa que diferente do... Do ramo do pagode, axé, sertanejo, essas coisas, que os caras sabem manter um fundo musical pra interagir com a plateia.

P - Urrum...

L - Entendeu? É colocar baixinho, aquela coisa e tal... E no rock não: a gente tem uma coisa mais... Mais assim... Pra tentar mexer com a ira do público, às vezes a gente para até de tocar pra ficar conversando, né? Que a Ladrões de vinil é uma banda conversadeira, né?

P - Risos.

L - Tem gente que acha até chato. Tem hora que a gente para o show fica conversando. E muita gente acha chato, e tem hora que é chato mesmo. Tem hora que é chato mesmo, mas aí... Isso a gente vai desenvolvendo, melhorando, piorando, e é a vida, né? O que dá ali na hora do palco, às vezes você tá pensando em não fazer isso, que você sabe que as pessoas acham isso chato, mas acontece naturalmente e você acaba fazendo, né?

P - É verdade...

L - E... Eu tava... Eu tava fa... E... Eu tava... Eu tinha começado a falar dos projetos... Cê tá lascado pra transcrever isso, viu, véi?

P - Eu tô mesmo, risos.

L - Risos. Cê tá lascado pra transcrever isso... Isso aí, essas idas e voltas e tal... Eu tava falando que... Que hoje em dia, né? É... Todo mundo da banda tem vários projetos e... E eu... Eu exatamente, eu já citei que eu não gosto de entrar em vários projeto por que? Porque eu tenho outras coisas (corte) e quando eu entro num projeto, eu sou meio... meio maluco, assim... Eu entro no projeto eu fico levando aqui a sério, querendo fazer tudo a sério, e eu acabo me encontrando num momento que eu vejo que eu não tenho tempo pra fazer aquilo, e eu comecei a entender que, se eu não tenho tempo pra entrar em vários projetos, é melhor me manter em um, dois no máximo, pra poder dar conta...

P - Sim.

L - Senão eu vou ter que deixar de fazer várias outras coisas que eu faço pra poder me dedicar ao projeto e não sacanear com a galera do projeto que eu tou... Que eu resolvi entrar, na empolgação. Então, eu nunca fui um cara de tantos projetos assim, por isso. A galera sempre me convida, aí eu penso: “Poxa, será que eu vou manter o compromisso com fulano? Porque eu falei que vou entrar na banda...” Aí ele vai falar, ó... “Tem que tirar esse tanto de música aqui”...

P - Hum.

L - Aí eu vou ter a obrigação de tirar esse tanto de música. Será que eu vou tirar ou será que eu vou ficar enrolando ele duas, três semanas até ele ficar ferrado comigo e... E falar que não dá mais... Então, eu já vejo isso tudo antes, e já digo: “infelizmente, não dá pra eu participar”.

P - É, ou então tirar mal tirado também.

L - “É melhor eu lhe falar logo aqui, porque eu já me conheço”... É... “Eu já me conheço e não vou atrapalhar sua vida”. Aí, quando a pessoa me chama, eu fico assim: “poxa, véi... O projeto é massa mas, eu sei que vai chegar em um momento que eu vou ter que ter o compromisso de tirar as músicas, pra não ficar te enrolando. Então, pra não ficar enrolando, eu já nem entro no projeto”. Porque eu acho uma sacanagem pessoas que entram em projetos musicais, se envolvem em coisas sérias, porque, quem tá fazendo um projeto musical é uma coisa séria, não é brincadeira não, pô... Cê tem que ensaiar cada música... Então, se todo mundo da banda não tem aquele compromisso, acaba com o projeto e... E isso vai frustrando a galera da música, porque tem... às vezes a galera não entende que ali é um trabalho sério, né? Que é um trabalho que você tem que manter uma frequência... Se você tem obrigação de ir todo dia pro seu trabalho, porque que você não tem a obrigação de cumprir os compromissos com a banda? Do projeto musical que você tá fazendo parte? Então, por entender que eu vou... Se eu entrar em vários projetos, eu vou entrar em conflito com isso... E é uma coisa que me deixa chateado, pessoas irresponsáveis que entram em projetos e não cumprem com compromissos, então eu não quero ser essa pessoa. Então acabo nem entrando nos projetos.

P - Urrum...

L - Eu acabo me mantendo só no meu projeto aqui, da Ladrões de Vinil, e tem um projeto com Silvestre, que é a banda Sr. Pokan e os Tangerinas, que a gente...

P - Risos. É massa!

L - ...toca só de diversão e... Toca só anos 80, as músicas mais engraçadinhas, só por entretenimento mesmo.

P - Urrum...

L - Então, assim: hoje em dia, nós estamos aí, labutando, pra voltar a gravar, né?

P - Urrum...

L - Porque o mercado de estúdios em Vitória da Conquista tá um... Tá complicado... A galera quer ganhar dinheiro, eles estão certos, e a gente, banda de rock, todo mundo liso, continua sem ter como financiar essa... Esses... Esses estúdios, que estão cada vez mais caros, né? Tem estúdio que tá cobrando... Chegou uma (corte) que estúdio começou a cobrar até R\$1000,00 ne uma faixa, R\$800,00...

P - Urrum...

L - Então, fica inviável, pra uma banda...

P - ...de rock.

L - ...que não tem... Que não tem (corte) de patrocínio, né? Que as empresas não costumam se... Se associar muito a bandas de rock, né? Que é uma coisa, é um nicho fechado, não vai atingir a uma massa de público, então eles preferem patrocinar eventos que... Que vão trazer mais o comercial pra eles, né? Uma divulgação maior. Mas, desde que gravamos aquele CD lá em Drummond, em 2014, 2015, por lá, nós já temos praticamente um CD todo pronto pra gravar, e estamos aí, na labuta

pra começar a ensaiar pra, ver se a gente sai com esse CD até o meio do ano que vem, né? Porque nós estamos devendo esse CD aí há muito tempo. É complicado, (inaudível). Porque assim, ó...

P - O público já conhece algumas música também, né? E falta só a versão gravada.

L - É, e por isso... A gente fica... Pois... Inclusive, a gente resolveu... A gente resolveu não cometer, entre aspas, o mesmo erro de antigamente. Porque, o que que nós fizemos, antigamente: nós tínhamos as músicas, ensaiávamos, e tocávamos no show. Como a gente não tinha como gravar, a gente tocava no show. Aí, as músicas começaram a ficar batidas antes do lançamento no CD.

P - Urrum...

L - Então, quando a gente lançou o CD, a gente lançou um CD sem novidades.

P - Sem novidades.

L - Com músicas que o público rock da cidade já conhecia. A gente ficou guardando essas outras músicas, essas composições, pra gravar e, aí sim, começar a trabalhar essas músicas. Só que, aí, veio outro problema, que é o financiamento dessas músicas. Que... Que o processo de entrar num edital, a gente até fez esse processo no outro CD... A gente fez o processo, fez o processo, aprovava... Aprovava o orçamento na lei estadual, na lei de cultura estadual, fazia tudo certinho mas, na hora de aprovar o projeto, a empresa que estava querendo financiar o projeto sempre... Sempre privilegiava projetos da capital.

P - Urrum...

L - E a gente (corte) acabava nessa história. E agente foi enchendo.. Enchendo os sacos, os pacovás de... Disso tudo... De ficar labutando com o projeto, chegar no final... Que o projeto é assim: tem uma fase, você passa. Tem uma fase, você passa... Vai demorando, vai demorando...

P - Arran...

L - E você só se atrasando em lançar o projeto. Nosso projeto quase pronto. Aí, chegou um momento que a gente falou: “Ó, vamo gastar o dinheiro da pizza no CD”.

P - Risos.

L - Pegamos o dinheiro da banda todo, gastamos, e depois a gente tenta um financiamento do segundo CD. Aí, gastamos o dinheiro todo... Coincidentemente, quando nós terminamos de lançar o CD, apareceu um edital, que é aquele edital mais simples, né?

P - Hum.

L - Que financia R\$10.000,00...

P - Sim.

L - E a gente tava tentando pra fazer o CD e a turnê. Não conseguimos. E aí, aquele mais simples, de R\$10.000,00, a gente já tinha... Já tinha lançado, já tinha gastado o dinheiro, já tinha feito tudo, e aí, perdemos o prazo, e aí lascou tudo. Ferrou tudo.

P - Risos.

L - Aí, agora é ver o que que a gente vai fazer depois pra lançar esse... Esse segundo CD aí, né? Vamos estudar.

P - Esperaram pra caramba, viu, véi?

L - Mas a gente já tem um repertório de... Já temos um repertório de 12 músicas. Tipo assim... Tem umas 8 músicas prontas e umas 4 músicas, que tem o esqueleto...

P - Urrum...

L - Que falta a gente só dar aquela ensaiada pra juntar, né?

P - Urrum.

L - Fazer aquela ensaiada pra juntar e deixar ela definitiva. Porque, no processo de composição aí, você comendo, aí você muda uma coisa, altera outra coisa, mesmo depois da música pronta. Até hoje, músicas antigas da gente, a gente acaba...

P - Mudando alguma coisa.

L - No ensaio, a gente fala: “Ô, véi, a gente devia fazer isso aqui, ó...”. É... Tá lá o CD gravado e a música definitiva já, e a gente acaba adicionando uma coisa, tirando outra, mas...

P - É normal. A música, né? A música... É como se fosse viva, né?

L - São versões, né? Então, assim... É... É, com certeza. A música é viva. A gente vê uma coisa ali, a gente quer mudar, a gente quer colocar uma coisinha a mais... A gente sempre vai mudando. Então, assim: estamos com esse CD aí praticamente pronto, só falta ensaiar mesmo de novo, né? Que a gente tem tempo que não ensaia essas músicas... Por conta da pandemia, Dieguinho, o baixista da Ladrões, ficou algum tempo preso lá na cidade da namorada, né?

P - Risos.

L - Ou não sei se a namorada que trancou ele lá...

P - Risos.

L - Porque na cidade onde ele tava (risos), ele tava de *lockdown*, né? Ele não podia sair... Tinha horários que não podia nem sair de casa, só farmácias mesmo...

P - Arran...

L - Só podia sair pra ir na farmácia... Então, agora que... Que ele conseguiu voltar, a gente vai ver o que que a gente faz, pra começar a ensaiar, pra ver se a gente financia o lançamento desse segundo... Desse segundo CD aí, né? Por mais que a gente seja uma banda antiga, por incrível que pareça, e por conta de todas as dificuldades e falta de apoio que, infelizmente, nós temos pra lançar um trabalho autoral, que comercialmente, por ser mais *underground*, não tem uma apelação tão comercial quanto um sertanejo universitário, que só toca música dos outros...

P - Urrum...

L - Então, fica complicado a gente ter esse financiamento. Você abrir a boca e falar, e já aparecer os apoiadores, entendeu? Então, a gente vai tentar fazer, sei lá, se a gente faz um *Catarse*, a gente faz uma vaquinha online...

P - É... Um *crowdfunding* seria bom, pelo menos pra o início.

L - Se a gente... Faz... É, dá alguns prêmios aqui, né? É... Pelo menos pro início. E encontrar um estúdio interessante. Quando eu falei de Ruckson, que é um cara que faz falta pro rock, é porque Ruckson entende de rock n' roll.

P - Arran...

L - Ele entende o que a galera rock n' roll quer. Só que ele desmontou o estúdio, e não tem tempo, o trabalho, entendeu? Tipo assim: se fosse pra ser um produtor, dava pra chamar Ruckson, né?

P - Arran...

L - Mesmo que fosse em um outro estúdio, mas tem que ver o (corte) dele, porque é um cara massa. Que é um cara massa, que dá pra... Assim... Dá pra você confiar e dá pra fazer o som, né? Ele... Ele é uma pessoa confiável, uma pessoa responsa mesmo assim, pra fazer o som.

[Detalhes sobre datas citadas no restante do vídeo, com auxílio de Goma]

JACQUELINE JACK

Jornalista. Coapresentadora do programa O Som da Tribo.

Nome completo: Jacqueline Pereira da Silva

Data da entrevista: 16/10/2020

Transcrição: 27/10/2020

Início em 3:32

PLÁCIDO – Cê nasceu aqui em Conquista mesmo?

JACQUELINE – Nasci. Sou daqui de Conquista. Nasci em 1980. É... Sempre quis fazer rádio...

P – Risos.

J – ...sempre quis ser locutora, sempre quis... É... Me aparecer, né? Risos.

P – Risos.

J – Sempre quis... Nunca pensei em fazer nada diferente de comunicação. Desde pequena.

P – Sim. Ficava... Ficava com o microfonezinho quando era criança...

J – E aí... Sim, gravava... Sabe *Meu Primeiro Gradiente*? Risos.

P – Ah, aquele colorido.

J – Aí... Sempre. E eu era fanática pela 96 FM, louca, piolho de rádio. E aí, ouvia o tempo todo e... E queria conhecer os locutores, e aquela coisa.

P – Arran...

J – E aí, inclusive, foi por intermédio de Miguel que eu comecei a trabalhar com rádio.

P – Arran...

J – É... Ele... Ele já tra... Ele... Eu o conheci no Espaço Xis, porque, quem queria comprar CD ia no Espaço Xis e ia conversar com Miguel, né?

P – Urrum...

J – Aí, ele me... Me apresentou pra uma pessoa do rádio, foi até Célio Santos...

P – Da 100,1.

J – E eu comecei a trabalhar no rá... Da 100,1, mas Célio tava em outro projeto, cuidando de uma rádio da igreja católica, que se chamava Vida FM.

P – Sim.

J – E aí, é... Eu comecei a trabalhar lá, com 18 anos, trabalhava pra...

P – Isso aí foi, mais ou menos, que ano?

J – 98.

P – Ah, 98.

J – Que eu comecei a trabalhar. Mas, assim, conheci Miguel em **2012. (92?)**

P – Sim.

J - Era uma pirralha. Ficava ali, perturbando mesmo. 12 anos. Risos.

P – Risos.

J – E aí... E assim: já tinha feito vários pilotos na rádio, na 96, por intermédio de Maciel, de Luciano... É... E aí, já queria tar na área, e Miguel me arrumou esse trabalho. Foi onde eu comecei.

P – Urrum...

J – E, entrei na... Na... Na... Na vida de locução a partir daí. NO Som da Tribo, eu comecei a trabalhar em 2005, que foi quando voltou, né? Na verdade, Miguel voltou com O Som da Tribo... O Som da Tribo, ele começou como um programa que tocava rock n' roll pra galera curtir. Era Rubenildo Metal que fazia...

P – Hum.

J – E, depois, Miguel começou com a produção, porque o programa só tinha música.

P – Han.

J - E aí, Miguel começou a produzir esse programa... É... Falar de música, e tal... Mas o programa, ele era pra... Pra pessoa curtir rock, tanto que não tinha vinheta entre as músicas. Era pra pessoa gravar mesmo, as fitas.

P – Urrum...

J – E ele come... Voltou... Voltou não, começou a fazer parte em 93, depois voltou em 2000. E, aí, já voltou com outra *vibe*. O programa começou a dar espaço pra... Pras bandas autorais...

P – Urrum...

J - ...daqui de Conquista, porque tava naquele *boom*, né? Tinham não sei quantas bandas.

P – Sim.

J – Eu me lembro de... Tinha 5 Contra 1, tinha... Tinha a The Plant...

P – Renegados...

J – Renegados, é... Era tanta banda...

P – Risos.

J – Retilínea... Retilínea...

P – Sim...

J – Meu Deus do céu. E aí, foi a época que o Centro de Cultura bombou com os shows, a galera de preto...

P – Urrum...

J – E O Som da Tribo virou a referência pra essa galera poder colocar sua música, era o único programa que dava espaço pra que as músicas desse pessoal pudesse tocar. E onde eles tinham voz, né?

P – Arran...

J – Lá, Miguel se dedicava assim, não tinha tempo, não tinha negócio de... De jabá também, pra aparecer... E, eu entrei nessa... Nessa viagem em 2005, com Miguel, a gente começou a apresentar alguns eventos juntos também, O Som da Tribo já tinha virado uma marca, né? Já tinha virado...

P – Urrum...

J – É... É... Uma referência pras bandas, então... A gente ficava ali no prédio da Barão do Rio Branco, depois a rádio mudou pra o shopping, e Miguel continuou. Inclusive, muitas vezes tirando dinheiro do próprio bolso, pra dar continuidade ao programa porque, antes, o programa, ele era da rádio.

P – Sim.

J – Depois, a rádio passou a vender espaço e tirou o programa da grade. Então, pra o programa tar lá, começou a sobreviver de patrocínio, e pouca gente se interessava em patrocinar rock n' roll, né? Risos. Sempre assim.

P – Ô, e vendiam um horário que não era lá muito amigável, né? Sábado, de noite.

J – Não, não. Era sábado às 18 horas... Às 19 horas.

P – É...

J – E, assim, muita gente não se interessava. Só quem... Pouca... O CCAA, me lembro que apoiava, Espaço Xis, e tal...

P – Urrum...

J – Mas... Aí, a gente ficou de 2005 até 2012, né? Que foi quando Miguel faleceu. Mas, é... O programa também começou a ganhar uma cara... Porque Miguel começou a ser uma referência nesse tipo de evento, né? Eventos alternativos, e houve uma época que ele começou a fazer uns editoriais, assim... E que era o momento mais esperado, né?

P – Como assim?

J - Pau no poder público.. Risos.

P – Risos.

J – Ele... Era pau, pau mesmo...

P – Risos.

J - Em quem tivesse... É... Aprontando, era pau. Miguel Cortes ficava ali 1 hora com seu editorial...

P – É verdade...

J – E fazia o maior sucesso. E aí, começou a dar espaço, também, pra banda... É... Não-autorais. Mas bandas da cidade que... Que decidiam se apresentar, independente, mas sempre nessa pegada alternativa, sabe? Lá.

P – Urrum...

J – E aí, comecei a fazer rádio, é... Fiquei esse tempo no Som da Tribo, hoje eu tô na UESB, mas já passei em... Em várias rádios, né? Também a m... A Maior parte do tempo, eu trabalhei na Clube...

P – Urrum...

L – Como folguista, trabalhei com esporte, já trabalhei com TV também... Minha trajetória é essa, mas, assim, até hoje, inclusive, eu sou... É... Bem lembrada pela minha passagem no Som da Tribo e, assim... Serei eternamente grata porque, se não fosse O Som da Tribo, certamente eu não teria a visibilidade que eu tenho hoje, alcançado... Onde eu tô hoje, que sempre foi meu objetivo também, foi tar aqui na UESB...

P – Arran...

J – Fazendo TV, fazendo rádio... E, hoje eu tô aqui.

P – Sabe o que que eu descobri... Eu achei esses dias, pesquisando? Um post no Blog do Anderson, de quando você passou no vestibular pra Comunicação...

J – Meu Deus do céu! Risos.

P – 2009, eu acho que foi 2009.

J – 2009. Foi, porque eu sempre fiz rádio, mas não era... Não era formada em Jornalismo.

P – Não era formada.

J – Não, não, e eu sempre quis fazer. E aí eu trabalhava pra iniciativa particular e eu nunca conseguia fazer, porque o curso da UESB sempre foi matutino.

P – Hum...

J – E aí, “porra, como é que eu vou cursar?” Aí, eu saí do emprego que eu tava e falei: “agora eu vou estudar”. Aí estudei, passei no concurso público da prefeitura, e falei: “Pô, agora eu vou fazer meu curso. E aí passei na UESB, e consegui cursar.

P – Urrum...

J – Também, foi um sonho realizado.

P – É... Tem a foto sua lá, e a... E o... O print do... Da lista de aprovados. Risos.

J – Risos. A cara de Anderson fazer isso, né?

P – A cara dele.

J – Inclusive, você precisa entrevistar Anderson.

P – É verdade.

J – Pra esse seu projeto.

P – Eu já peguei tanta coisa do blog dele, que ele nem imagina. Risos.

J – Pois é. Risos.

P – E o... A cena em si, assim? Você frequentava a cena como público ou frequentava mais como comunicadora? Que você e Miguel apresentavam, sempre... Sempre se ouvia a voz de vocês dois...

J – Sim.

P – Mas, antes disso, você participava da cena... É... Independente disso, como público mesmo?

J – Não, eu sempre fui mais o público do rock n' roll, mas assim: Aquela pessoa que curtia ouvir e tal...

P – Urrum...

J – Eu não era assim, dos eventos.

P – Não era das camisas pretas. Risos.

J – Não... Eu até que eu era das cam... Inclusive, sou até hoje... Risos... Da camisa preta, mas eu... Nos eventos, eu participava mais enquanto comunicadora mesmo. Sabe?

P – Arran...

J – É... Miguel não: ele sempre teve mais ativo nos shows. Mas eu já tive uma época, também, de frequentar muito os shows e tal... Na época, todo mundo se envolve muito, né?

P – Urrum...

J – Mas, assim... Eu não fui... Eu não saí dali. Do meio. Eu entrei no meio.

P – Cê entrou depois.

J – Eu sempre gostei de rock... Foi justamente por isso que eu e Miguel nos conhecemos, porque eu sempre gostei de rock, e a gente batia papo sobre as banda, e tal... Mas, eu não era exatamente da galera ali. Conheci muita gente depois.

P – Urrum...

J – Já conhecia algumas pessoas, do rock, né? Raul, Vitor...

P – Sim.

J – É... Já conhecia de antes... Fábio... Que era da... Já foi Sorrow's Embrace, depois...

P – Fábio, era... Sorrow's Embrace, Captain Peppers...

J – Fábio... Fábio... Teve a outra também, que era com ele e Larissa...

P – Liatris.

J – É... Liatris. Aff, adorava a Liatris.

P – Risos.

J – E Fábio é meu amigo de infância, né? Enfim, a gente gostou da mesma coisa. Mas eu não saí dali. Frequentei e tudo mas, não saí... Não saí da galera de preto não.

P – Risos.

J – Eu me achava velha pra...

P – Risos.

J - ...pra eles ali. Risos.

P – Risos.

J – Ai, ai... Pois é.

P – Aí você falou aí da questão de quando Miguel faleceu, né? Foi aquele baque, ninguém esperava.

J – Não.

P – Você, nessa época, você na rádio, na 96, você só fazia parte do Som da Tribo ou você fazia parte do... Do... Do... Do pessoal mesmo, dos locutores oficiais da banda... Da rádio...

J – Sim. Eu já trabalhava. Eu era fol... Eu também era folguista e trabalhava no esporte. Nessa época.

P – Hum, tá.

J – E aí eu fazia O Som da Tribo no sábado, com Miguel.

P – Sim.

J – E foi um baque gigantesco... Até hoje é difícil acreditar.

P – Foi.

J – Eu consegui uns programas. Eu acho que foi num... Num 4Shared aí de... De... Talvez de Rubenildo, que eu achei uns 80 programas.

J – Ah, deve ser de Rubenildo.

P – É, de 2010 a 2012, assim, aí... É difícil... E assim, Miguel era o símbolo do programa, mas a sua voz também tava sempre lá, porque começava o programa com aquela vinheta sua: “agora, é...”

J – É... Risos.

P – “Na fita, na faixa...” Risos.

J – E assim... “Na fita, na faixa, na ideia...” E a vinheta, eu gravei antes de... De começar a trabalhar lá.

P – Arran...

J – Ele: “Ah, ô, Jacqueline, grava essa vinheta pra mim”. Eu “Ai, eu não, Miguel, vai fic...” Porque eu sempre fi... Eu era super insegura, né?

P – Arran...

J – “Não... Por que você quer me colocar?” “Não, moça. Grava aqui pra mim”. E aí, toda vez. O programa mudou de rádio... É... Depois que teve uma época que passou pela AM...

P – Foi?

J – Quando a... A... Foi.

P – Ah, quando mudou os donos, não foi? Da... Da... Da rádio?

J – Teve uma época que foi na AM. Isso! Aquela briga de Maria Emília, da irmã, não sei o que...

P – Sim.

J - ...aí mudou o dono e Miguel foi pra AM. E aí, grava a vinheta, e aí, eu: “De novo, Miguel? Bota outra pessoa”.

P – Hum.

J - “Não! É a sua. É a sua voz”. E aí, quando eu entrei, eu... Daí que o povo já me conhecia, né?

P – Urrum...

J – E aí, tinha o final, né? Risos. “Foi bom pra você?” Risos.

P – “Foi bom pra você?” Risos.

J – “E aí, Jacqueline, foi bom pra você?” “Foi ótimo, Miguel”. Risos.

P – Acho que até eu já respondi a essa pergunta, quando cê não tava lá.

J – Ah, sim. Tinha... Tinha que responder. Risos.

P – Beleza. Tem mais alguma coisa que você... Lembre assim, que seria legal?

J – Eu acho que...

P - Não precisa ser necessariamente do Som da Tribo, mas da sua trajetória mesmo...

J – Da minha trajetória... (pensando) É difícil a gente falar da gente, né?

P – Risos. É.

J – Mas, eu acho que... Que... Eu acho que hoje eu tô no... Hoje é... Eu acho que é meu auge, sabe?

P – Urrum...

J – É... Eu acho que hoje eu tô fazendo o que eu quero, eu... Eu programo...

P – Hum.

J – Eu não sou só locutora aqui, né?

P – Sim.

J – Eu trabalho com a parte de programação, que sempre foi uma coisa que eu gostei muito... É... Hoje já sou formada no que eu queria fazer... Mas da minha trajetória mesmo assim, que eu acho mais bacana, foi da época que eu ainda era aquela aprendiz, né? Que eu ficava ali, com os meninos, querendo saber como é que mexia na mesa... Eu não peguei vinil, mas peguei CD e era um horror, eu vou te falar, viu?

P – Urrum...

J – Pra um tal de pro... Quando a gente trabalhava... Eu ainda falo: “poxa, hoje é tão fácil, é só botar tudo ali no computador, e roda sozinho e vinheta e não sei o que” e aí você tem que ficar ligado ali, que a música ia acabar e você tinha que colocar a vinheta em outra coisa... MD... Que depois que botou computador... Que aí, isso era o máximo...

P – É... Hoje tá tudo programadinho, né? Cê deixa lá, certinho.

J – É... Era o máximo, porque a gente ficava ali, ó, na loucura...

P – Risos.

J – É... Não tinha tempo pra nada. Era massa. Eu gostava muito. E assim, não me arrependo não, apesar do dinheiro ser pouco. Risos. A vida toda. Mas...

P – Risos. É igual ser músico.

J – Exato. Ser músico é a mesma *vibe*.

P – É a mesma *vibe*.

J – Se você não for... Um sertanejeiro aí da vida, né? Que... Risos.

P – Não dá pra ficar rico não. Risos.

J – Não. Mas... É... Eu acho que eu escolhi certo. Tô bem... Mas, assim: É... É muito... A minha trajetória é muito... Eu me lembro sempre de Miguel, porque foi ele que me incentivou, foi o que não me deixou desistir muitas vezes...

P – Urrum...

J – É... E tá... Tá muito ligada a ele, né? E ao Som da Tribo. Eu sou muito grata, eu acho que os melhores momentos do rádio que eu passei foram lá...

P – Urrum.

J – Como locutora, como... Como apresentadora de eventos, como comunicadora. Aprendi muito. Aprendi muito mais do que na faculdade, né? Porque foi a prática, foi o dia-a-dia, foi a vivência, foi... É... Programa sai do ar ali, você tem que improvisar...

P – Urrum...

J – É assim que a gente aprende, porque é o que eu falo... Eu acho que... Hoje, quando eu vou fazer alguma coisa de TV, e que eu consigo me sair bem, é tudo... Tudo graças ao rádio. É no rádio que você aprende a improvisar mesmo, aprendi a se virar.

Final em 17:14 min.

LAVUS BITTENCOURT

Professor. Guitarrista The Outsiders, Surf Riders.

Nome completo: Vinicius Bitencourt Silva

Data da entrevista: 24/10/2020

Transcrição: 02/11/2020 – 26/01/2021

Início em: 4:00min

PLÁCIDO - Eu sempre começo assim, pra situar: Cê nasceu em Conquista?

LAVUS – Natural de Vitória da Conquista, com certeza. (risos)

P – (risos) Nasceu em que ano... Mais ou menos? (risos) Mais ou menos...

L – (risos) Mais ou menos... 9 de janeiro de 1991, às 12:40. Na verdade, 11:40, porque era horário de verão.

P – Droga...

L – Horário de verão... É uma hora a menos. E 39 segundos...

P – Droga... (risos) O bairro que você morava era... Era... Sempre foi lá na URBIS 4, URBIS 4, né?

L – Não, eu sempre morei no bairro Brasil, na verdade. Eu morava perto do seminário. Na Brumado mesmo.

P – Hum.

L – Tem um... Um... Hoje tem uma autoescola ali onde é per... Onde... Tem o seminário, a gente tem ali a Frei Benjamin, né?

P – Hum.

L – Pra... Cê sobe ela, dá de frente no seminário, e ali na Brumado mesmo, próximo, ainda tem algumas casas junto com pontos comerciais. A maioria vendeu, virou ponto comercial, mas ainda tem algumas poucas casas ali.

P – Hum.

L – E aí eu moro em uma daquelas que, hoje, na verdade na entrada da casa onde eu morava tem só uma portinha, mas você abre, o terreno é grande, né?

P – Hum.

L – Só que são duas casas: é a casa que... Que era onde eu morava, que hoje é alugada, já tá meio que pegou metade do terreno que era da casa e fez ponto comercial, e o pessoal aluga ali, pra poder utilizar pro comércio, e a casa da minha tia, que até hoje mora lá, uma das minhas tias.

P – Hum.

L – Que me criou também. Então, é um terreno bem grande, e ali fica bem escondido, né? Tanto o ponto comercial, como...

P – Ali perto do... Da... Da esfirra, perto do Fênix ali, né? daquelas casas...

L – É... Mas ali é Frei Benjamin, né? A minha é na Brumado mesmo. Cê sobe a rua do Fênix, do lado do Fênix, da... À direita de quem sobe, aí chegou na Brumado, cê vai virar à direita, mais ou menos no meio da rua ali, no meio... Entre uma ponta e outra, tá o... É a casa onde eu morava. Eu fiquei lá de 91, quando eu nasci, até 2002. E aí, em 2002 eu fui pra casa da minha tia, lá na URBIS 5, né?

P – Hum.

L – E, desde então, não voltei mais pro bairro Brasil. Mas, também, a casa, ela acabou ficando vazia, porque quando eu me mudei pro... Pra casa da minha tia, e meus irmãos também foram pra lá, é... Minha mãe acabou indo pra... Foi pra casa da minha tia, ficou um tempo lá também, a casa ia reformar, e acabou que, depois disso, ninguém voltou pra lá. Minha foi... Alugou uma casa pra ela, foi morar em outro lugar, a casa ficou lá parada, meus irmãos foram seguir vida, né? Se casaram e...

P – Urrum...

L – Tocaram a vida pra frente, eu fiquei com minha tia durante 15 anos, né? De 2002 até 2017, quando me mudei pra cá pra Salvador.

P – Hum.

L – E assim: foi massa, né? É diferente. É engraçado quando você fala essa coisa de família, fala: “Pô, você não... Foi pra casa da sua tia e não voltou. Cê é brigado com sua mãe, é brigado com seu pai”, e não teve nada disso. Eu só fui lá passar o... (risos) São João mesmo e fiquei. É engraçado porque você não pode sair da casa dos seus pais, porque se você sair, é porque você tá brigado com alguém...

P – Han....

L – É o... É o... É o comum, né? Que... Que... Que... Que a pessoa...

P – É... É incomum você sair de... Da casa da mãe assim, tão cedo.

L – É... Na verdade, minha tia, ela é 11 anos mais velha do que minha mãe, e ela também criou a minha mãe quando minha mãe era mais nova.

P – Hum...

L – Minha mãe era bebê, né? Então, ela teve uma participação muito forte na criação da minha própria mãe, e ela acabou sendo a matriarca da família. Criou minha mãe, depois meus irmãos mais velhos foram ficar lá, né? Depois eu fui, e aí...

P – Ela falou... Ela falou pra sua mãe: “não, cê não tem competência de criar filho não, passa esse menino pra cá”. Risos.

L – (risos) Quase isso... Quase isso. Então, acabou que eu tenho duas mães hoje... Aqui.

P – É... Pode crer. E cê estudou aonde, véi?

L – Rapaz, passei pela UESB, fiz o... Escolinha, na época que tinha escolinha no prezinho, primário...

P – Ah, é... Bem Querer, não? Não, ali é a creche, né?

L – É... Tinha a... Eu fiquei na creche, no Bem Querer, quando era mais novo... Minha mãe sempre trabalhou na UESB, por sinal, né? Minha mãe tem...

P – Ah, é?

L – Desde os anos... Não, começo dos anos 90... Final dos anos 80, começo dos anos 90, minha mãe foi trabalhar na UESB, e...

P – Trabalha aonde, lá?

L – Ela começou como secretária na ProVÍdeo. Eu nem sei se a ProVÍdeo existe ainda...

P – Hum.

L – E era uma produtora de vídeo da própria universidade, né? E a ProVÍdeo evoluiu pra TV UESB, e eram eles que organizavam a Mostra de Cinema Conquista, né?

P – Urrum...

L – Foi lá que eu conheci Esmon também, minha mãe é muito amiga de Esmon. Esmon é uma pessoa super influente na área de...

P – Cinema.

L – De audiovisual em Conquista, né? Área de cinema. Na área de música também, ele gosta bastante, participou aí, ajudando de alguma maneira, vários eventos (cortado), até o Festival de Inverno ele teve alguma influência no começo, né? O festival, no começo, ele tinha... O Festival de Inverno, no começo, ele tinha... Ó, o Festival de Inverno, no começo, tinha um objetivo mais cultural, né? Até a gente sabia, tinha mostra dentro, depois que virou essa...

P – Urrum...

L – O que é hoje, né?

P – Virou esse enlatadão aí. (risos)

L – O comum, o mais do mesmo...

P – É...

L – Né? E... Aí, comecei lá na... Na... Eu lembro que eu ficava lá na creche... E engraçado que, normalmente, você não tem memórias da sua... Da sua infância, a gente vai perdendo com o tempo,

mas algumas coisas pra mim são muito claras e esse período na... Que eu ficava lá na escolinha era bem... Bem claro pra mim, que eu perturbava lá naquela UESB até não aguentar mais, aquele povo.

P – Risos.

L – (risos) Né? Aí, depois de lá, eu fui pro Paulo VI, que já era mais perto de minha casa, que antes também não era só o Paulo VI, né? Eram duas escolas. Eu nem lembro como era...

P – O Centro de Assistência Social Nossa Senhora das Vitórias.

L – Exatamente. Acho que todo mundo que morou ali perto do bairro Brasil passou por lá.

P – É, até a 4ª série era lá.

L – Isso, era até a quarta série. Tia Daja, né?

P – Hum.

L - Adalgisa, que era professora de lá. Acho que passou por todo mundo, né?

P – Urrum... É...

L – E aí, fui pro Paulo VI, fiz até a 5ª... Fiz a 5ª série no Paulo VI, depois do Paulo VI, eu fui pro Polivalente. Rapaz... E aí, o Polivalente, é uma escola do município, né?

P – Urrum...

L - Escola pública, e é engraçado, porque você tem um choque muito grande... Querendo ou não, por mais que o Centro de Assistência... É... Fosse também público, mas grande parte das crianças que estudavam, e depois em colégio particular... É... Acabavam saindo de lá, por ser uma... Uma escola religiosa, minha família tem uma formação toda católica, minha tia, a do bairro Brasil, né? Que, que...

P – Urrum.

L – Que vive lá até hoje, é super católica, minha avó por parte de mãe... Já... Já minha mãe, assim, tem a formação católica, mas acabou sendo mais liberal, mas o pessoal, antigamente, na minha família era bem fervoroso.

P – Urrum...

L – Então, passei por lá, e acho que a maioria das crianças que foram pro Paulo VI depois, acabaram vindo de lá. E depois eu fui pro Polivalente, depois do Polivalente, pra Normal. Acho que a Normal é o... O berço do... (risos) Das crianças rock n' roll de Conquista (risos).

P – Verdade.

L – Se aquela praça falasse, ela ia ter muita história pra contar. (risos)

P – (risos) A praça colada com a concha... (risos)

L – Ô... Muitas histórias muito loucas pra falar sobre aquela cidade... Sobre aquela área ali, e a própria cena rock n' roll, acho que a Normal é um...

P – Mas quando cê foi pra Normal, cê já tinha quantos anos, mais ou menos?

L – Aí, o seguinte: eu estudei no Paulo VI até a sexta série, depois eu fui pro Padre Palmeira, que era...

P – URBIS IV.

L – Na URBIS V.

P – URBIS V.

L – É URBIS V ali. Quando eu fui mudar com minha tia, era mais perto pra poder estudar lá.

P – Hum.

L – E aí, eu fiz a 7ª e 8ª lá, e aí o primeiro ano do Ensino Médio, eu fui pra Normal.

P – Hum.

L – E aí, foi um... O choque cultural, né? A Normal, encontrar com a galera do rock n' roll, e tal.

P – É...

L – E aí, da Normal eu fui pra Agrotécnica, fiz o 2º na Agrotécnica, o 3º... Agrotécnica, na UESB, né? O...

P – Sim.

L – Que hoje é o... CETEP.

P – CETEP.

L – CETEP o nome. E depois, eu voltei pra Normal, fiz o 3º ano e aí... Acabou a fase da escola.

P – Risos.

L – Fui pro... Fui pro mundo.

P – Mas aí, cê fez Cinema também, não foi?

L – Isso. Depois que eu terminei a escola, eu fui estudar pra fazer o vestibular, e aí eu... Tinha passado em Engenharia Elétrica no IFBA, mas não cursei. Foi só um dia mesmo, depois eu fiz um semestre de Eletrônica, no IFBA também, (inaudível) fiz um semestre de Eletrônica, e depois eu fui pra... Pra UESB.

P – Urrum.

L – Aí eu passei em Cinema, aí fiz o curso de Cinema três semestres, eu acho, quatro semestres, nem lembro mais. Tem tanto tempo, tem quase... É engraçado essa coisa do tempo.

P – Urrum...

L – Porque você acha que tá próximo e, quando você para pra buscar na memória, não, já tem quase 10 anos isso.

P – Urrum...

L – Já tou com 29, eu acho que foi com 21 ou foi 22 que eu fui pra UESB. E, por sinal, foi uma experiência muito bacana, não só musicalmente falando, mas em termos de experiência de vida mesmo, foi... Foi legal fazer o curso de Cinema. Conheci muita gente bacana, muita gente que... Que saca muito de arte...

P – Urrum...

L – ... e muita gente, também, que não saca nada e acha que... Cê sabe. São as coisas da vida.

P – Risos

L – A gente sempre vai esbarrar com gente assim...

P – A galera do... Das aparências.

L – Urrum...

P – Risos.

L – Mas foi muito bom, é... É... Esse período na UESB, porque não só teve influência a parte do curso de Cinema em si, mas os próprios alunos, né? Porque você... Você vai fazer uma faculdade, você não tem contato só com as pessoas do seu curso, você tem pessoas de outros cursos também, de outros cursos que estão lá. Então acabei fazendo um leque de amizades muito grande, muita gente que é do rock n' roll, era do rock n' roll de Conquista, muita gente que escrevia, né? Compunha, tinha banda, que tocava, que tava na estrada, acabei, acabou me influenciando também, né? Eu fiz muitas amizades na UESB. No... No... Na parte musical. Foi superinteressante o período que fiquei lá. Depois, eu desisti da faculdade. Tive algumas decepções também. A gente entra na...

P – Fale mais sobre isso. Risos.

L – Risos.

P – Decepções na faculdade? Nunca ouvi falar isso. Fiquei até curioso, que eu nunca vi isso.

L – Decepções na faculdade. Rapaz, é o seguinte: a gente tem uma... A gente vai com... Com... A gente vai entrar num curso... Na verdade, antes de você entrar na universidade, você tem uma, uma... Um, uma visão muito romântica do que é ser a universidade. Por que? Porque a minha mãe trabalhou a vida inteira na universidade, na UESB...

P – Hum.

L – É... Você tem amigos... Os amigos da sua família falam sobre isso: “não, porque lá é um lugar de conhecimento, onde você vai abrir a sua mente, vai conhecer muitas coisas, e é um salto muito grande, você sair do Ensino Médio e chegar na universidade, e isso e aquilo... Aquela coisa bonita que sempre falam por aí...

P – O que, também, não deixa de ser verdade, né?

L – Também não deixa de ser verdade, claro. Não é... É uma verdade também, mas é uma verdade que as pessoas não contam por completo. É a meia-verdade.

P – Urrum...

L – Né? Contam a parte bonita, mas não contam a parte que te decepciona. E muitas coisas foram muito decepcionantes na universidade. Que você entra com essa coisa: “pô, lá eu vou conhecer, lá eu vou ouvir muitas opiniões” e, no fundo, você se depara com uma grande batalha de egos entre os professores da universidade onde, no fundo, no fundo, sua opinião não vale de p... Nada. Às vezes, você tem professores muito bons, pra isso não tô generalizando, a gente tem realmente pessoas incríveis na universidade, eu conheci professores fantásticos, pessoas que são realmente sensacionais, sabe? Aquela pessoa que é legítima, que dá vontade de cê tar perto, de você ouvir a pessoa falar, que você só sabe que ela... Que você sabe que ela não vai falar abobrinha...

P – Hum...

L – E você sabe que ela vai te ouvir de uma maneira verdadeira. Cê tem pessoas assim, também mas, infelizmente, pelo menos aonde eu vi, não era a maioria.

P – Urrum...

L – Então, cê tem uma disputa muito... Muito... De muito ego dentro da universidade, você tem professores que se defendem atrás de título: “não, porque a minha opinião é a única verdadeira, porque eu sei mais da vida do que você, porque eu tenho título”, e a gente sabe que a vida é uma coisa muito complicada, é muito...

P – Urrum...

L – É muito vasto, né? Às vezes cê tem pessoa que é nova e já viveu muita coisa e a pessoa que é mais velha não viveu nada, e vice-versa. E, o conhecimento que você adquire na universidade é um conhecimento específico, na verdade, sobre determinado assunto. Cê vai estudar, cê vai se formar, cê vai ficar especialista nele, naquilo...

P – Urrum...

L – Mas, não necessariamente, cê vai ficar especialista na vida, em saber lidar com outras pessoas, né? E, às vezes, falta um pouco de tato de professores e de algumas pessoas dentro da universidade. Cê acaba se decepcionando com essa parte. Cê fala: “pô, vou lá pra adquirir conhecimento”. Aí, beleza, massa... Aí, vem um professor, e ele não vai com a sua cara. Sei lá, “pô, Plácido, você tem a barba aí, eu não gosto da sua barba não...

P – Risos.

L - ... Agora eu vou lascar com o seu time, cê não vai formar nunca, se depender de mim” e aí, o cara dificulta a sua vida, ele lhe atrapalha, e você faz o trabalho mais perfeito do mundo, e pra ele tá ruim, você vai apresentar, É... Não foi o meu caso, assim, mas eu vi muita gente próxima passar por esse tipo de perrengue; “pô, eu não consigo passar na matéria, porque eu só tenho esse professor, e o professor não vai com a minha cara, e ele já disse pra mim que eu não vou me formar nunca”.

P – É... Isso... O pior é que isso acontece mesmo. E o cara tem um cargo público, né, velho? E usa o pouco poder que tem pra... Pra o que não interessa pra um cargo público, é uma viagem louca.

L – É uma coisa muito... Muito complexa. Isso acabou me gerando muitas frustrações, assim, dentro...

P – Aí era que ano, mais ou menos?

L – 2000 e... 2013, 2012... 2012, 2013... (inaudível) A gente vai se perdendo nas datas...

P – Aí cê já fazia kung fu então, né? Já, né?

L – Já. Eu pratico arte marcial desde os meus 13 anos de idade. Eu comecei a treinar foi em 2004. 13 de setembro de 2004.

P – Hum.

L – E, eu sempre fui apaixonado por artes marciais. Duas coisas que eu sempre fui fã, assim e, graças a Deus, hoje é o que eu trabalho, é o que eu vivo, é o que eu me esforço pra fazer, é... É o kung fu e a música. Assim, foi duas coisas que eu realmente me encontrei, que faço com paixão, né? Não é fácil viver do que você gosta, a gente sabe muito bem disso, você lutar pelo que você gosta, principalmente quando o que você gosta não está no *mainstream* das profissões, e aí vem essa decepção da faculdade, porque você é renegado porque você faz um curso de Cinema. Olha que doideira: você tem um curso na universidade...

P – Hum.

L - ...e você vai lá: “vou fazer o curso de Cinema”. E as pessoas dos cursos, de outros cursos, falam: “meu Deus, que merda que você faz. Cê tem que fazer o meu curso, porque fulano de tal...”

P – Risos.

L - ...faço Direito, isso, eu faço Medicina, faço aquilo e... Como se isso fosse a verdade e o resto que existisse na faculdade fosse só pra ganhar uma notinha pro MEC, (inaudível)...

P – Como se existisse uma hierarquia de áreas, né?

L – É, uma loucura... Coisas que a gente só percebe depois que a gente vai participar daquele.. Daquele grupo ali.

P – Urrum...

L – E... Sim, eu sempre fui apaixonado por música, (inaudível). Comecei no kung fu, é... Porque eu dava muito trabalho pra minha mãe... (risos).

P – Risos.

L – Dei muito trabalho pra ela, ela falou: “não, vou colocar numa arte marcial. Ele já gosta, pra ver se disciplina”...

P – “Ele já gosta” significa o que? Que você brigava na rua? Risos.

L – Não... Eu sempre gostei de filme de arte marcial, mas nunca fui uma criança violenta, de brigar, de dar trabalho de... Com isso não. Eu sempre fui de afrontar minha mãe. Minha mãe era uma pessoa que.. Que dava uma criação muito rígida, né?

P – Hum.

L – Até por medo de violência, coisas que ela passou na vida... Acho que nossos pais têm muito disso, né? Os nossos pais não querem que... Que a gente sinta ou passe pelas dificuldades que eles passaram e querem que o mundo seja mais fácil pra gente...

P – Arran...

L – Só que, às vezes, é... Você precisa largar o seu filho no mundo, ele precisa, realmente, quebrar a cara por conta própria, porque o aprendizado real, ele vem...

P – Da experiência.

L – Na experiência, nas decepções, de você tentar fazer algo e você não conseguir, e você... É o famoso *quebrar a cara*. Isso faz parte da formação. Minha mãe tinha muito medo que a gente aprendesse pela dor, então, ela era muito rígida: “ah, cê não vai ficar na rua até tal hora... Ah, cê não vai sair com fulaninho... Ah, você não vai ouvir isso aqui... Ah, cê tem que estudar 20 horas por dia, e cê vai fazer um curso, pra poder ganhar dinheiro”, essas coisas que todo pai... Toda mãe e todo pai, eles têm, e não é uma coisa ruim, né? Às vezes, quando a gente é novo, a gente demora pra poder compreender isso. Quando a gente é novo, a gente não entende. A gente falta aquela maturidade de... De entender que a ele tá fazendo isso por bem, e não quer que a gente sofra o que ele sofreu mas, até a gente entender isso, meu irmão... É revolta atrás de revolta, é briga atrás de briga...

P – Muita coisa pra lembrar e passar vergonha sozinho, né? Tipo... Lembrar passando vergonha. Risos.

L – Exatamente. Aquela hora que cê fala: “porra, é verdade. Tudo que minha mãe falou e fez é... Era necessário, mas... Acho que todo mundo passa por isso, todo jovem tem disso. E aí, eu não era muito... Eu nunca fui muito de briga, né? Engraçado... Eu sempre fui muito de afrontar essas coisas. Ela falava “ah, não fica na rua até tarde”. Meu irmão, eu pulava o muro de casa. Ela saía pra UESB trabalhar, trancava a porta... Isso novo, com 9, 10 anos. Aprendi a pular o muro, pulava, ia pra rua, voltava pra casa de noite todo sujo...

P – Risos.

L – De ficar brincando, perturbando na casa dos outros... E ela tinha muito medo, né? De violência, essas coisas... Embora, naquela época era algo que... A gente nem pensava. Hoje em dia, cê ter um filho e deixar o filho na rua... Meu Deus do céu...

P – É, velho, cê imaginar hoje, cê ter um filho, ir trabalhar e largar ele sozinho, o dia todo, igual minha mãe fazia comigo, é uma coisa impensável. Brincando na rua...

L – Rapaz, eu ia na UESB... Na época que eu... Isso eu me lembro muito bem, que eu tava na creche da UESB, eu fazia, sei lá, creche, e depois fui pra, acho, primeira série, eu... Antes da primeira série eu fiz lá, assim com uns oito, nove anos de idade, eu ia pra UESB sozinho. Eu saía de casa, pegava o ônibus, chegava na UESB lá, descia e ia pra escola fazer minha primeira série. Imagine aí, cê largar uma criança de nove anos de idade, dez anos de idade, pra chegar ali no bairro Brasil, ir no ponto de ônibus, pegar o ônibus, ir pra o... Lá pra casa do... Pra casa da porra, lá pra UESB, pegar e voltar e...

P – É.

L – Han? Realmente, é uma coisa que hoje em dia é impensável. Cê largar seu filho na esquina ali, um tempo...

P – Já fica na paranoia.

L – Já fica na paranoia, mas enfim, eram outros tempos, né?

P – Urrum...

L – Mudam-se os tempos, mudam-se os problemas. É... Voltar aqui pra não me perder...

P – Hum.

L – E aí, sim, é isso, né? Aí, ela me colocou na arte marcial, pra eu poder ter essa disciplina, aprender a acatar as ordens dela, e depois eu não saí mais. Fiquei lá, aprendi a dar aula, que é uma coisa que eu gostava, trabalho com isso até hoje.

P – Urrum...

L – A música, também, eu sempre gostei. A parte musical, eu sempre fui muito fã. Eu sempre escutei muita música. Minha mãe, ela consumia muita MPB. Minha mãe é fã alucinada de Maria Bethânia, de Chico Buarque, de Milton Nascimento, Oswaldo Montenegro, a galera da MPB ali, é... Realmente, minha mãe era muito fã e eu cresci ouvindo muito isso. Eu tive muito essa influência. Né? E, depois que eu fui pra casa da minha tia, minha tia também já tinha outras influências. Gostava de MPB, mas já gostava de Raul Seixas, aí que eu acho que foi meu primeiro contato com o rock n' roll...

P – Urrum...

L – ...acho que foi Raul, né? De... De escutar alguma coisa, foi Raul Seixas e depois Legião Urbana. Foram os meus primeiros contatos com o rock. Saí do mundo da MPB, que minha mãe só ouvia muito isso, depois eu fui pra casa da minha tia, e na casa da minha tia eu tive contato com Raul, tive contato com Legião, coisa que minha mãe já ouvia também mas, até então, não dava muita atenção, assim... Depois, que eu fui ouvir pela primeira vez. Até cê entender o significado... É engraçado que Legião Urbana, você ouve quando você é criança, Raul Seixas também...

P – Urrum...

L – Você gosta da harmonia, você gosta da letra, você reproduz aquilo mas, de fato, você não entende. É uma coisa que você só vai entender depois que você fica mais velho.

P – É.

L – Né? É criança lá, cê escuta Raul, cê fala: “pô, que legal!” Cê reproduz aquilo, mas depois que você fica velho, cê vai ouvir, cê fala: “porra...”.

P – O que é uma coisa interessante pra você... É... Definir, por exemplo, o que é música boa. Raul Seixas, quando cê é criança, cê ouve, cê gosta, mas cê não entende nada e não tem noção nenhuma musical, mas você gostou, então, quer dizer que a música era boa. E depois, cê descobre que a música realmente era boa, né? É uma coisa...

L – É. E faz super sentido, né? Tem muita coisa que a gente ouvia quando a gente era criança... Isso é engraçado, (ruído) paralelo... Que quando a gente é criança a gente acha legal, que hoje eu também ouço e falo: “que merda é essa?”

P – É... Risos.

L – Por exemplo: na casa da minha tia, se ouvia muito sertanejo, e eu também ouv... Acabei ouvindo também, né? Fora a MPB, Leandro & Leonardo, Zezé Di Camargo & Luciano... Tinha umas coisas que cê ouve hoje, cê fala: “pô, véi, esses caras eram legal”, comparado ao que se tem hoje de sertanejo, meu Deus do céu, é o santo graal.

P – É... Risos.

L – Tinham composições que eram legais. Tinham coisas que eram boas, mas muita coisa cê fala: “porra, que porcaria. Só fala de bebida, mulher rebolando, dançando e... E o cara tem que comer água até não aguentar mais, e aí... Por aí vai, e você vê que realmente era muito vazio. Não tudo, né? Cê ainda acha coisas muito boas... É... Cê vai pegar um Chitãozinho & Xororó antigamente mesmo, tem muita coisa que até hoje é super sensacio... É... Super legal, e no final, foram caras que foram superinfluentes pra trazer o... Muita coisa legal que se fazia no pop, no country americano, eles trouxeram... Hoje cê vai pegar muitas músicas deles, eram releituras de Billy Ray Cyrus, de Willie Nelson, parceria com cantores que tavam fazendo sucesso na época, de country e de pop também...

P – Urrum...

L – Então, acho que eles serviram como porta de entrada pra esse estilo de fora vir pra cá. Mais até do que os outros da época deles. Né? Então, eu ouvi muito isso, depois eu fui pra Legião Urbana, fui pra Raul... É... Realmente eu ouvi muito, acho que porque esses caras tudo eram... Lançar e ouvir naquela época, era viciado, a pegada o... O jeito de tocar, você ver os vídeos do cara tocando ao vivo assim, né? A gente não tinha muito acesso, a internet ainda tava começando, e aí é uma coisa que eu acabei tendo vantagem com as crianças na minha... Da minha época, né? Do que... Quem era criança nos anos 2000 porque, como minha mãe trabalhava na universidade, e eu ia muito com ela pra lá, e eu tive acesso à informática desde cedo...

P – Sim.

L – Então tive acesso a... Poder ver vídeos dessa galera na internet onde, naquela época, cê sabe que não era assim. Cê tinha que ir na loja, comprar um CD, comprar um DVD, Às vezes não tinha tanta... Tantas opções de... De escolha, né? Pra você poder ali consumir, do artista que você quer...

P – Ainda mais que ela trabalhava na ProVÍdeo, né? Então, sempre devia ter alguém que chegava lá com alguma coisa, um disco de alguém, alguma coisa assim...

L – É. Tinha, tinha... Rapaz, essa época da UESB era engraçado, porque me atiçou dois grandes interesses ali, através das próprias pessoas que trabalhavam ali na ProVÍdeo quando eu ficava, que... O rock n’ roll era bem consumido quando eu tava começando ali, a época da TV UESB, eu me lembro que colocavam muita música, muito Titãs na... Nas vinhetas, quando ia fazer alguma reportagem pra falar sobre política, tinha um... Rolava *Homem Primata*, rolava ali Paralamas, eles usavam essa coisa mais pop, mais rock...

P – Arran...

L – Pra poder fazer, e isso acaba sendo porta de entrada também, porque às vezes eu não tinha o disco em casa, né? Mas eu tinha esse acesso, e uma coisa nada a ver aqui, que acho que... Eu não lembro que era que consumia lá na UESB, mas alguém era viciado em ufologia, era assinante da revista UFO...

P – Risos.

L – Risos. E toda vez toda vez tinha uma revista UFO lá...

P – Chegava lá. Risos.

L – Risos. É, velho, e era engraçado, porque a internet naquela época... Porque hoje em dia é muito fácil você desmascarar alguém, né? Cê vai ali na Wikipédia, cê vai no Google, cê pesquisa rapidinho, você sabe se a informação é verdadeira ou se não é.

P – Hum.

L – Antigamente, o que que tinha: os meios de comunicação era a verdade absoluta. Né? E a internet tava começando, e algumas coisas da internet também, naquela época, eram tidas como verdade absoluta, porque a informação ainda não era pra todo mundo.

P – Urrum...

L – Então, eu... Eu, eu pegava, assim, tinha aquela revista UFO lá, eu pegava, olhava aquela coisa, via a matéria que tava na revista e da... Da matéria, eu ia pra internet pesquisar, e já tinha outro caso ali, de abdução, daquilo, tal... Né? E com música, também rolava isso, eu ia pesquisar alguma história de algum artista, e aí tinha aquela... Quem ouve Raul sabe, né? Tem aquela polêmica de Raul ter feito um pacto com o demônio, aí eu gostava de Raul Seixas e aí na internet tinha aquele monte de informação...

P – Urrum...

L - ... E cê toma aquilo como verdade, e quando você é criança, cê é muito inocente, né? Aí você fica com aquela coisa...

P – É... Nessa época aí tinha muito site, por exemplo, que falava das músicas do Led Zeppelin ao contrário, essas coisas assim. Risos.

L – É... Aí depois cê fica velho, cê... E a informação depois... Hoje em dia, que é muito mais fácil, muitas pessoas desmentiram muitas coisas, aí você percebe que aquela música ao contrário, que era uma seita satânica, não: os caras fizeram de propósito, viram que ia ficar engraçado, tava na moda da psicodelia, gravar ao contrário, e aí através daquilo cê percebia que cê podia pegar algumas palavras, se você cantar de tal jeito, quando virasse ao contrário se tornaria uma palavra e aquilo meio que ia criando a mágica por trás do...

P – A mística.

L – A mística por trás do som, e era massa, né? Que muita gente caiu. Beatles se aproveitou disso bastante, com a história do Paul McCartney...

P – Risos.

L – Hoje cê vê entrevista dos caras, falando: “não, velho... Alguém postou uma nota dizendo que Paul tinha morrido, e aí a gente aproveitou da ideia e começou a colocar em alguns discos também, porque...

P – É...

L - ...gera popularidade, né? Não é à toa que esses casos ficaram aí, décadas e décadas para serem [inaudível].

P – É, numa época que não dava pra você destrinchar um caso em minutos igual hoje, que cê chega ali, cê pega um... Esse negócio de Paul mesmo, que morreu: cê chega aqui na internet, passa 15 pesquisando, cê já entendeu tudo.

L – É...

P – Antigamente não. Antigamente você acreditava ou não, porque cê não tinha onde comprovar...

L – É... Tudo era verdade absoluta pra gente naquela época... E é massa, porque essa coisa da mística, acho que na infância, a... Essa coisa do místico mexe muito com a gente [inaudível]. E aí, tem aquela coisa do efeito, né? Tem crianças que vão ouvir essas histórias e às vezes ficam com medo e deixam de ouvir, os pais se assustam também... Tô falando da realidade da nossa época, que não teve... Tava começando a engatinhar essa coisa da internet e a gente [inaudível] muito verdadeiro, pela falta de informação. E tem crianças, que foi o meu caso, quando cê vê uma coisa assim, diferente, aí é que você fica curioso de verdade e quer pesquisar mais a fundo... E essas coisas mais voltadas pra mística dos discos, esses contos... Essas lendas urbanas, né? Que envolvem a música, acabaram me deixando muito curioso, eu conheci muita coisa... É... Muito som eu ouvi por causa disso, o Led Zeppelin foi uma das coisas que eu comecei a ouvir porque tinha misticismo envolvido...

P – Risos.

L – Aí eu lembro da revista UFO, que aí você mistura essas coisas do sobrenatural... Mexe muito com a gente, principalmente no imaginário da criança, do adolescente, aí cê vai querendo pesquisar a fundo, saber... Muita coisa do rock n’ roll eu ouvi mais por causa disso do que pela sonoridade. Eu queria ver a polêmica, eu queria ver o que tava por trás.

P – Urrum.

L – E por ter acesso à internet naquela época, essa coisa da curiosidade era muito mais atizada, porque eu não precisava esperar chegar uma revista, comprar uma coisa sobre rock, porque tinha a internet ali, ia eu mesmo pesquisar, então acabei conhecendo muita coisa através disso.

[conversa sobre ruído do microfone]

L – Enfim, né? Eu tive esse contato com Raul, com Legião Urbana, e muita parte da minha infância ali, foi ouvindo só essas duas coisas. O resto, passava e eu não dava muita atenção. Até que... Isso eu não vou esquecer nunca. No São João de 2002, Tem um muito amigo meu e amigo do meu primo também. Meu primo, por sinal, já é mais pro metal... Engraçado, que quando eu fui pra casa da minha tia, eu tive esse choque, né? Eu tive... Minha mãe ouvia muita MPB... É... Fui pra casa da minha tia, aí teve esse contato com Raul Seixas, que minha tia gostava, teve esse contato com a Legião mais lá também, e ouvia essas duas coisas mas, em paralelo na mesma casa, eu morava com meu primo, que é o filho da minha tia, e ele, já naquela época, já ouvia muito rock n' roll, ele é 7 anos... Acho que é 7 anos mais velho que eu, então, enquanto eu tava com 11 ele já tava com 18. Né? 17, 18...

P – Como é o nome dele mesmo?

L – Rafael.

P – Ah, Rafael. Hum.

L – Hoje, vulgo Rafael Hatred, da Inside Hatred. Enfim... E Rafael já ouvia rock n' roll naquela época, né? Já participava de outra cena do rock da cidade, né? Que é o pessoal que veio contigo, né? Por conta de [inaudível] de mim.

P – Urrum.

L – Então, ele já ouvia muito metal, mas eu nunca dei muita bola. Eu achava o som nacional mais... Mais palpável, por você entender o idioma, tal. Por fato de você ser novo também, tá cantando em inglês, você não compreende muito, então Raul foi um grande marco e a Legião. E depois disso, no São João de 2002, esse amigo nosso, Roni, né? Roni Landau, também tá na cena aí até hoje, do Festival e tal... Ele foi lá e viu que eu gostava muito de Raul e falou: “velho, eu tenho uma coisa aqui que você vai gostar”. E aí ele me deu uma coletânea... Isso não vou esquecer nunca... Uma coletânea do Beatles. Eu acho que a coletânea era até recente na época. Era aquele *One*, que tinha só o número 1, o disco, acho que era vermelho e o número 1 em amarelo.

P – Sei. Sei.

L – Rapaz, depois daquilo ali, a cabeça... [gesto de explosão com as mãos]

P – Risos.

L – Explodiu. Eu nunca tinha ouvido nada igual... Nunca tinha escutado nada igual, mesmo que o idioma fosse diferente, aquele som dos Beatles ali, realmente mudou minha cabeça. E, a partir dali, eu queria cada vez mais e mais. Eu falava: “velho, eu preciso ouvir mais coisas desse tipo”. E aí, Roni... Pouco tempo depois, levou pra mim um disco de Chuck Berry, e aí, depois que eu ouvi *Johnny B. Goode* pela primeira vez...

P – Risos.

L – Aí eu falei: “puta que pariu! É isso aí que eu preciso ouvir”. E eu fiquei realmente muito viciado. De Beatles e eu... E aí, aquela coisa, né? A vantagem de você ter o acesso à internet naquela época era esse: eu ia pra UESB e ia pesquisar sobre os Beatles, e aí, dos Beatles, você descobre que o Beatles, na época, tinha uma guerra com uma banda de uns americanos lá, chamada

Beach Boys, que era uma banda onde os caras todos cantavam, e eram surfistas. Eu falei: “o que que é isso aqui? Deixa eu procurar isso”. Eu guri, sempre fui muito curioso.

P – Arran.

L – E aí, eu dei de cara com *Pet Sounds*... Puta disco, e eu fiquei realmente impressionado. Os meus três primeiros contatos com o rock, de gostar de verdade, de tentar entender e procurar o que eu, o que era a música, acho que foi com esses três caras: foi o *I* dos Beatles, depois o disco do Chuck Berry que Roni levou pra mim, depois o *Pet Sounds*. E aí, daí foi ladeira abaixo, ou ladeira acima. Ladeira acima, na verdade, né? Porque depois vieram várias outras coisas... Veio Dylan de lá, veio Elvis também... Consumi muito Elvis, e aí depois do Elvis eu comecei... Como eu comecei a escutar muita coisa em inglês, eu comecei a criar interesse pelas coisas que o meu primo ouvia.

P – Hum.

L – Aí comecei a ouvir Iron Maiden, comecei a ouvir o Led, comecei a ouvir... Que aí veio a parte que eu fui... Essa coisa da mística, né? Aí já tinha Raul, depois o Led Zeppelin, e aí o cara começa a enlouquecer, e aí veio...

P – E aí cê descobre que Raul e Jimmy Page gostavam de Aleister Crowley... Risos.

L – É... Comprou a casa, a mansão do Aleister Crowley... Mora lá, né? Acho que deve viver lá até hoje...

P – Acho que não. Acho que não tá lá mais não. Mas ele morou lá. Ele comprou a casa lá e... E o bicho ainda botava pressão, né? Ele falou que a casa era completamente assombrada mesmo. Risos.

L – É...

P – O povo é bom de marketing.

L – É... Porra, velho, hoje em dia, naquela época é foda, porque você tem essa coisa da... Da adolescente de querer, da mística, do dark, né? Você... Não sei se é aquela coisa hormonal, aquele sentimento de revolta que os hormônios da adolescência te causam e você tá revoltado [falha na transmissão] [...] dessa, onde os caras vão pra locais loucos assim, e você fala: “porra! Aquilo é verdade?” mas depois de velho você percebe que aquilo era tudo marketing, os caras são tudo marqueteiro. É aquele famoso “falem de mim... Enquanto eu estiver em evidência, meus discos vão estar vendendo e eu vou tar ganhando mais dinheiro”. E certo eles, porque realmente deu certo. Muita gente consumiu e ouve eles até hoje por causa dessas histórias. E é massa você, assim... Toda essa coisa envolvida todo esse... Todo esse cenário em volta das bandas que a gente gosta, né? Infelizmente, o futuro pra muitos desses músicos não foi tão legal, a galera usava droga pra porra e... Acabou nem... Nem todo mundo deu conta, né? Do recado...

P – É, o corpo cobra o preço, né?

L – Exatamente.

P – O corpo e a mente, na verdade.

L – Urrum. E nessa época, interessante [inaudível] com meu primo Rafael, que nessa época que eu comecei a consumir o metal, foi a época que eu comecei a frequentar show de rock. Eu não me

lembro bem, se não me engano, o primeiro show que eu fui... Teve o Agosto, né? O Agosto de Rock em 2003, eu não fui pro Agosto de Rock em 2003, mas eu acho que em 2004 eu já cheguei a ir pra show na Concha, não me lembro qual o show eu fui... Mas foi pra mais ou menos ali em 2004, e aí em 2005 eu já ia pro point do rock. Eu já tava treinando kung fu, a academia era na Frei Benjamin, só que depois ela se mudou pra Normal logo no finalzinho de 2004 e começo de 2005, né? E aí, o Point do Rock era lá perto... Se eu não me engano, eu peguei dois Points do Rock na... No Bosque da Paquera e depois ele foi pra Praça da Normal. E era uma muvuca da porra, né? Naquela praça...

P – Cê já pegou no final então... Nos últimos.

L – É, já peguei no finalzinho, acho que foi 2006, né? 2007? Os últimos. 2007, 2008...

P – Por aí.

L – E assim: depois que eu comecei a consumir metal, esse som, por causa de Rafael, comecei a ir pra show. E aí foi massa, né? Porque, porra, uma coisa é você ouvir o disco, aquela coisa que tá lá, outra coisa é você ver uma banda tocando... E aí, quando eu vi, eu fui pra show e vi banda tocando, eu falei: “rapaz, eu quero fazer isso também um dia”.

P – Risos.

L – Porque eu achava massa e... Ver o barulho ao vivo, cê ver alguém tocando a guitarra... Eu nem lembro se essa galera tocava bem, não sei nem dizer se eram bons músicos no rock n’ roll, porque, no fundo, no fundo, cê não tá interessado na técnica: cê tá interessado no som, de ouvir a agressividade, a rebeldia... É você, naquela época, enfrentando os conflitos familiares, de você querer a liberdade e você ainda não poder ter em suas mãos o poder de fazer o que você quer, né? Sentimento de revolta adolescente, todo mundo passa por isso, e quando você vai prum show de rock e você vê toda aquela agressividade... Por mais que seja tudo meio que... Cê começa a tocar, cê vê que, às vezes, no fundo é tudo um pouco teatral demais, né? Aí você tá lá, o cara agressivo pra porra, no metal, quando sai o cara é um pai de família, nerd... Risos... Nunca fez nada de pesado em sua vida, mas tá lá tocando um som agressivo... Então, uma parte disso acaba sendo um pouco teatral, outra parte não: tem gente que realmente... A gente sabe, a gente teve amigos que acabaram perdendo a vida porque incorporou o rock n’ roll demais...

P – Urrum...

L – E, infelizmente acabou perdendo, por várias coisas, às vezes por atitudes... É... Loucas, por conta de droga e, enfim, né? Não cabe à gente julgar também, senão cada um faz o que quer da própria vida, desde que não influencie na vida do próximo.

P – Urrum...

L – Então, teve esse contato com o rock n’ roll, e quando eu ouvi as bandas tocando pela primeira vez eu falei: “porra, eu quero fazer isso algum dia”, e aí, o meu desejo por consumir música foi cada vez maior, porque você tem ali, a galera que tá tocando um cover, aí tem aquela música que você nunca ouviu na vida, que é o cover de uma banda que o cara fez, e você quer saber que música foi aquela, e aí, entra uma parada superinteressante, que você vai ouvir a música e fala: “que música é

aquela?” e o cara fala: “porra! Essa música é minha!” E você vê: “caralho, então não é só aquela galera que você ouve no disco que faz coisa própria, é a galera mais perto de você também...”

P – Urrum...

L – “É possível fazer isso...”, né? Pra gente é óbvio hoje em dia. É engraçado isso: é muito óbvio pra gente atualmente, essa coisa de você ser compositor, de você escrever, mas quando você tá começando na cena isso não é óbvio. Né?

P – Na verdade é uma coisa que é quase inalcançável assim. É quase uma coisa sobrenatural, né? Cê vê só os grandes fazem. Os mais velhos...”

L – É, parece que os caras já nasceram prontos e cê fala: “porra!”, parece que aquilo simplesmente existe, né? Você fala que não... Parece que não houve esse processo de composição, que isso simplesmente existe. Que, na verdade, não é assim, toda banda, ela é capaz de fazer isso mas, quando você é novo, você não entende, né? A gente ainda tá muito fresco ali na vida e cê não consegue compreender essas possibilidades que a música, ela te traz. Então, ir pra show de rock abriu muito a minha mente sobre isso: sobre a revolta, sobre a... Eu ia meio que tipo assim, Eu ia escondido, né?

P – Arran...

L – Você ir escondido é você... “tô infringindo a lei” né?

L – Da sua mãe ou da sua tia? Ou de ambas? Risos.

P – Da minha mãe, mais da minha mãe. Minha tia, ela tem uma coisa que é super fantástica: Só que na verdade... É uma faca de dois gumes, dependendo da pessoa, mas comigo funcionou: enquanto a minha mãe era uma pessoa extremamente protetora e sempre teve muito zelo e não me deixava fazer as coisas, a minha tia, ela tinha uma atitude de mais “olha, isso aí que você vai fazer é perigoso. Mas, se você tentar, depois você me fala como foi”.

P – Arran... Deixava você tentar, né?

L – Deixava eu tentar. Muitas vezes deu e ela falou: “parabéns, deu certo”, e muitas vezes deu errado, ela falou: “tá vendo?”

P – “Eu disse!”

L – “Eu disse!”. Mas, vale o aprendizado. De certa forma, isso é bom, Sabe? Você deixar a pessoa... Lógico que hoje eu percebo que nem todo mundo tá preparado pra tanta liberdade, não sei... Mas isso foi superimportante na minha formação e o que me levou a ter mais liberdade pra poder ver shows, consumir, ver a galera tocando, ver os amigos tocando e tal, era, era massa. Fiz muita amizade nesse começo aí... Mais ou menos a época que a gente se conheceu ali, 2005, 2006...

P – É, eu não lembro quando foi que a gente se conheceu não. Quando eu tento lembrar, já se conhecia, não lembro como...

L – É... Tem coisas no universo, pô, que não acontecem: elas simplesmente existem... Risos.

P – Risos. Quando eu tento lembrar, eu falo: “ah... a lembrança mais antiga que eu tenho já era lá, rolando, lá... No meio de todo mundo”. Sei lá.

L – É, naquela época... Aí tinha uma coisa massa, bate um sentimento de nostalgia bacana dessa época, porque cê tinha muito show, né? Hoje, que a gente trabalha com isso e vê qual é o perrengue de fazer um show, eu elogio toda essa galera dessa época, porque eu não entendo como essa galera conseguia fazer, entre 2000 ali, 2007, 2008, um show toda semana, sabendo hoje como é o perrengue pra você conseguir montar um evento, a grana que você gasta, o retorno que você não tem... Cê tem, na verdade, prejuízo, e aí você via que, naquela época, realmente, a galera de Conquista, o pessoal que fazia o som, realmente tinha uma atitude rock n’ roll, por mais que a gente não concordasse com algumas coisas na época, por mais que a gente brigasse, mas cê vê que era muita atitude você chegar numa cidade igual Vitória da Conquista, onde você percebe, hoje em dia, que é uma cidade superconservadora, onde o rock n’ roll realmente não tem espaço, o espaço que aparece, onde você tem muitas pessoas muito inteligentes, muitas pessoas muito talentosas, que compõem, que participam, que tocam, que executam... Falo de execução mesmo, de executar, tocar o instrumento, executar também, organizar eventos, que envolve o rock n’ roll, que envolve cultura, a gente sabe que Conquista é um berço de grandes artistas mas não... Não deixa de ser um berço. Parece que cê nunca vai sair desse berço, porque a própria cidade... É... Eu não sei até que ponto, se faz parte do poder público, se é as... As gerações antigas, né? A gente tá falando aqui da nossa geração, se é as gerações antigas que acabam não deixando que certas coisas fluam, mas o rock acaba não tendo o reconhecimento que ele merece aí na cidade. Então, a cidade tão boa de rock n’ roll... Hoje, que eu entendo de música, que eu trabalho com música, que eu percebo que muitas das bandas que eu ouvia nessa época que eu comecei a tocar, tinha muita banda ruim? Tinha, mas tinha muita banda que não perdía em nada pra gente até de fora do país. Cê fala: “ó...”. Hoje eu lembro de algumas bandas, falo: “puta que pariu, como é que esses caras pararam de compor? Como é que esses caras pararam de escrever? Como é que esses caras ficaram aqui em Conquista? Como é que isso não foi pra fora?” e tanta música boa, não só experimental, de rock, de música até pop, que poderia muito bem emplacar numa rádio... E hoje a gente não tem registro de várias dessas bandas, né? Algumas conseguiram uma grana, juntaram... Teve galera que passou em concurso, foi pra uma condição de vida maior, e ainda tava numa... Hoje a gente entende a frustração que alguns tiveram com música, teve gente que largou de vez, teve gente que não. “Porra, eu ainda gosto disso aqui. Vou pra uma profissão diferente e vou, depois, compor, gravar o que eu fiz e a gente consegue ter alguns registros”. Mas Conquista sempre foi uma cidade muito forte, musicalmente falando, e não só do rock n’ roll não, a MPB também, a gente não perde pra ninguém de fora do país. Mas, como o foco é o rock n’ roll, aí teve sempre muitas bandas sensacionais, pessoas fantásticas, músicos incríveis, que não tiveram o reconhecimento que mereciam. Um exemplo básico que eu dou pra isso é a própria Café com Blues, que hoje são... Que não é da nossa época, já é um pouquinho mais de antes, né? Da MPBlues e tal...

P – Urrum.

L – E a Café, que eu ouço o disco deles hoje, eu falo: “rapaz, esses caras num festival de Montreux, um Buddy Guy da vida, um...

P – Com certeza.

L - ...olhar pra esses caras...”

P – Pode tocar em qualquer lugar.

L – Pode tocar em qualquer lugar e não faz feio não. Muito pelo contrário: deixa muita gente de queixo caído, como eu já vi em algumas apresentações, de ter gringo na cidade e assistir o show dos caras, e os caras ficarem...

P – Boquiabertos.

L – Boquiabertos com a pluralidade do som deles, entendeu? E sem se vender e sem fazer porcaria. Porque quando a gente fala de pluralidade...

P – Sem apelar.

L – É... Porque hoje é foda, porque você vai usar a palavra *plural*, dá margem pra fazer qualquer merda: “não, é a pluralidade do som, eu tô misturando um cocô com...” Risos.

P – A pluralidade hoje é você misturar funk carioca com arrocha e sertanejo... Aí, você é plural. Aí é jazz. Risos.

L – É o jazz, né? Não tirando o mérito dos caras. Tem gente que consome isso. Enfim, não sou eu que consumo, mas você vê realmente uma riqueza. Uma riqueza, um embasamento no que os caras faziam. Muita banda aqui em Conquista fez isso. Não é? Cê tem a 5 Contra 1... 5 Contra 1 qualquer festival que fosse tocar nacional aqui com bandas grandes... O Rappa... Fala aí outra banda dessas que...

P – Paralamas... Qualquer banda assim.

L – É... banda... Os caras da 5 Contra 1 iam botar pra lascar. E acabou que a banda terminou, né? Muita coisa deles não foi registrada.

P – Sim. Não sei se terminou não, mas eles... Meio que cada um foi fazer... Foi seguir sua vida. Os caras, também, já tem... Já são de uma... Mais velhos que eu também, já devem tar indo lá, quase chegando nos 50 anos os caras já... Não dá pra ficar...

L – Será?

P – Eles são mais velhos que eu. Eles são mais ou menos da idade de Rômulo, de Diro... Então já devem tar... 45, por aí. Não dá pra ficar dando murro em ponta de faca a vida toda.

L – É. Querendo ou não, muita coisa da música... Hoje em dia tá até mais tranquilo. A gente consegue sentar aqui, montar o equipamento, gravar alguma coisa, fazer um som de qualidade, mas naquela época, velho... Você tinha que ter sangue no olho, e *tchau família*, e *tchau o que for*, e vai pra outro lugar, porque Conquista não dava gás pra banda. Cê tinha que ir pra uma capital, nem todo mundo teve coragem de fazer, e não julgo também não, porque realmente é uma escolha... São escolhas muito difíceis que cê tem que fazer na sua vida pra você poder encarar o trampo da música. Até hoje, com toda a facilidade que tem, cê sabe que é uma escolha difícil.

P – Arran...

L – Né? E fico triste, porque eu queria ver muita banda daí, da região no geral: Conquista, Poções também, queria ver muita banda metendo a cara e mostrando pra galera do país como é que faz som de verdade, que tem muita gente aí que, sinceramente, não perde pra ninguém, né? E aí, indo mais adiante, né? Teve esses contatos com os shows, essas coisas de explodir a cabeça, de [inaudível], e ficou sempre aquela vontade: “pô, eu quero fazer isso um dia”. Eu sempre me imaginava tocando guitarra. Depois que eu vi Chuck Berry, a cabeça do cara explode, porque cê tem acesso à internet, aí você vai ver vídeo do cara tocando e você fala: “porra, que animal!”. Eu sempre gostei dessa coisa da performance, do cara pegar a guitarra e sair dançando, eu achava muito... Muito chocante, né? Pra época que eles fizeram era chocante, pra mim também era chocante, no sentido de eu falar: “porra, se for pra eu tocar, tem que ser assim”.

P – Urrum...

L – “Tem que ter atitude”. Né? Você vai ver Elvis cantando, e o cara dança e rebola, tal e joga o microfone, aí cê vai ver The Who, é doideira, cê quebra instrumento...

P – Risos.

L – E aí [risos], tem uma coisa interessante, que antes de eu tocar, eu achava massa essa coisa da agressividade do palco, botar fogo na guitarra, eu não entendia. Até eu subir no palco a primeira vez e bater o primeiro acorde, que eu pensei: “se eu tivesse dinheiro, não sobrava uma guitarra na minha mão”.

P – Risos.

L – Porque, rapaz, você tem uma sensação de... Cê sabe disso... A música, ela te dá uma sensação de poder muito grande na hora que você tá tocando. E é um poder que transcende o poder como a gente conhece a palavra *poder*, *poder do cara que manda*...

P – Sim.

L – Não é esse *poder*. É a... Parece que quando você bate um acorde ali, cê tem o poder de destruir o universo, sabe? Bater, cê ver aquela distorção indo lá pra frente, e você se arrepia todo e parece que aquele momento ali é único, especial e aquilo ali, você pode controlar todo o universo naquele momento.

P – Urrum...

L – É uma parada que só quem toca vai entender, só quem já tocou em palco grande vai entender essa sensação. E depois que eu toquei pela primeira vez eu falei: “é, agora eu entendi os caras, porque que eles botavam fogo na guitarra”.

P – Risos.

L – Se fosse eu, não sobrava uma. Risos. Se eu tivesse condição, não sobrava uma. Risos.

P – Risos.

L – Engraçado, que eu só fui começar a tocar mesmo, aí mais velho: comecei a tocar com 17 anos. Foi em 2008, aí foi realmente onde eu decidi tocar. Tinha um amigo meu que trabalhava comigo dando aula de kung fu, Marcel, né? Que tocou também em banda de rock n’ roll, né?

P – Sim.

L – Marcel já tocava e sempre que rolava na academia, ele levava o violão e eu via ele tocando, eu falava: “porra, que massa!”. E tinha a galera que eu conhecia também, tinha uns vizinhos meus que tocavam, e eu achava legal e eu falava: “porra, eu quero aprender também”. E aí, me falaram do Conservatório Municipal de Música da cidade, né?

P – Arran...

L – Que, por sinal, tá de parabéns, que é um conservatório que funciona até hoje, aos trancos e barrancos, não sei como é que tá, mas... Pessoas muito fantásticas saíram de lá e tem professores incríveis. E aí, em 2017 eu comecei, rolou essa coisa da vaga no Conservatório, né? Da seleção, fui fazer o teste, né? E Nilson também, né? Nilsinho, Juninho, baixista, infelizmente nos deixou mas, naquela época... Ele é primo de Marcel, então, quando a gente saía...

P – Ah, ele é primo de Marcel...

L – É primo de Marcel.

P – Ah, não sabia não.

L – E aí, quando a gente saía junto, é... Nilsinho tava no bolo também, né? Não sei se é primo carnal ou se é primo de consideração, mas eles se consideravam parentes. E Nilsinho sempre tocou muito. Eu olhava pro cara, falava: “porra, quero fazer isso também”, tal. E aí, eu fui pro Conservatório, e lá no Conservatório, eu fiz o teste com Ney, com Geslaney. Aí Geslaney é tio mesmo de...

P – De Nilsinho.

L – Isso. Ney é tio dele mesmo. E aí, eu fiz o teste com Ney, não sabia fazer porcaria nenhuma... Eu falava: “porra, não vou entrar nunca”, porque a galera que fazia o teste lá, na hora que eu cheguei pra fazer o teste, todo mundo tocando, eu não sabia porcaria nenhuma, E foi massa, porque Ney, ele falou: “velho, é mais fácil uma pessoa que nunca tocou passar no Conservatório do que quem já toca, porque a ideia do Conservatório é justamente pegar pessoas novas. Não adianta cê pegar um cara que já toca muito e ensinar o básico pra ele, a não ser que ele queira aprender a parte teórica”. Então, isso me confortou um pouco mais, quando saiu o resultado, eu passei. E aí, eu estudei com Ney lá...

P – Isso aí que ano, mais ou menos? 2008, cê falou?

L – 2008. 2008. E aí, eu comecei a estudar, velho, e fiquei viciado. Eu tenho uma coisa que quando eu começo a focar em algo, eu não consigo parar mais. Eu começava a tocar todo dia, e pegava e estudava escala e olhava cifra de internet e, enfim: da minha turma, eu fui a única pessoa que não sabia tocar nada no instrumento e todo mundo já tocava. E aí, pra compensar a minha falta de habilidade no instrumento, eu aprendi a ler partitura muito rápido. Uma semana, já tava lendo partitura, fazendo divisão, porque eu realmente, eu peguei o livro de teoria, o Mário Mascarenhas, que é o que eles usam lá, e sequelei naquele livro e aí, pra compensar, aprendi a ler partitura. E ler partitura, realmente, ela te dá uma base muito grande, porque quando você começa a estudar lendo, não tem como você errar. Então, aprendi onde ficavam as notas no violão e comecei a estudar

música... Pouco tempo de estudo, antes de terminar o primeiro semestre, já tinha terminado o primeiro livro, que era pra durar pelo menos uns dois semestres. E aí daí, Ney me passou pra Carlos Porto, que é outra pessoa sensacional, maluco mas [risos] não tenho o que dizer daquele bicho. Toca muito. Muito muito mesmo. Excelente músico. Grande inspirador.

P – Nível mundial, né?

L – É. Carlos é uma pessoa fantástica. Pra mim, o cara que toca muito não é o cara que sabe executar um monte de coisa, muito pelo contrário, é o cara que sabe tirar som de qualquer coisa. Carlos Porto, se você der um pedaço de pau pra ele com uma corda, ele vai tocar e vai tocar bem. Não tem essa, esse ego que você vê em muitos músicos... Botar... Erudito, hoje em dia tem muita gente que toca erudito, e “ah, preciso do meu violão, porque eu tenho que pegar ali, e tá afinado e a corda é na pressão correta, e foi feito pra mim por um luthier”... Carlos Porto, cê dá um pedaço de pau com duas cordas, ele afina e toca e ponto final. Não tem conversa: cê dá um violão com um buraco pra ele, ele [inaudível] e se diverte ali fazendo o som, e isso inspirava muita gente. E aí, eu comecei a tocar. Estudei violão, tal, aprendi a fazer essa coisa dos acordes rápido... Dos acordes com mais facilidade, que você tem aquela coisa de mudar de acorde, aprender a mecânica do instrumento e, depois de estudar violão... E aí tem uma coisa interessante, né? Porque, quando eu falei pra minha mãe que ia passar no Conservatório e pro meu pai, eles ficaram rindo. Eles falaram: “ah, cê tá muito velho pra poder fazer isso”. E aí, algumas pessoas desistem, outras pessoas tomam isso como inspiração. Quando alguém fala que você não vai conseguir, cê fala: “ah, peraí que cê vai ver o seu”.

P – Risos.

L – E aí, beleza: aproveitou, acabou que me inspirou a estudar e a aprender mais. Quando foi no ano seguinte, em 2009, né? É... Lá, eu já tava na Normal, né? Já tava estudando na Normal, E aí, a galera tema aquela coisa de fazer as bandas de colégio, né? Muitas bandas de rock n’ roll de Conquista, provavelmente surgiram assim. As bandas de escola, e eu acabei caindo nessa também. Um amigo meu, Rodrigo, hoje Bodão, que fez parte da Dona Iracema e não sei se tá tocando ainda hoje, cantando, mas enfim: a primeira banda que teve foi eu e ele e mais alguns amigos nossos, né? E aí, eu fui assistir, na verdade, existia uma banda, e aí, Rodrigo, que tava tentando tocar guitarra e cantar, e tinha outro guitarrista, Dan, Daniel, amigo meu. Hoje ele nem toca mais, acho que tá fazendo outra coisa da vida. E aí, eu fui assistir o ensaio deles, aí Rodrigo falou: “velho, segura a guitarra aqui pra mim, porque eu tô com muita dificuldade de tocar e cantar ao mesmo tempo”. Aí eu fui e acompanhei, consegui acompanhar, tocando *Bete Balanço*... Risos.

P – Risos.

L – Né, do Barão, na época, e aí consegui acompanhar, os caras: “pronto. Cê tá na banda”. Eu falei: “ué, como assim?”. “Pô, cê participou do ensaio, tocando tudo errado, mas... Não, cê tá na banda. Cê é o novo guitarrista”. “Então, beleza”.

P – Risos.

L – E a gente fez a Correria Urbana. Por sinal, tô até com a camisa aqui.

P – Ah, tá...

L – E aí, a gente fez a Correria Urbana. E a gente começou a tocar. Tocava pop, Barão Vermelho... Foi massa ter essa sensação. Pouco tempo depois a gente já tava fazendo show e... Pô, a primeira vez que eu subi num palco pra poder tocar, aí foi aquela sensação que eu te falei aquele dia. Eu falei: “porra!”. Eu nem lembro qual foi o show. Foi um desses shows pequenos aí. Em... Porra, puxando a memória não vou lembrar não, mas a gente tocou acho que foi no Apogeu. O finado Apogeu. Teve um show de rock lá e chamaram a gente pra tocar no Apogeu. Acho que foi lá o primeiro show. Eu tenho até foto. Aí foi o Apogeu, depois teve no Viela, depois teve outros eventos de rock, e eu só sei que a primeira vez que eu toquei, tinha gente pulando assim, porque eu tava fazendo de som, foi que eu vi... [inaudível] Risos. Primeira coisa que um roqueiro pensa, pelo menos eu, foi: “ah, preciso destruir isso daqui”.

P – Risos. Sensação que quem não toca não tem como ter ideia.

L – É... Aquela coisa... Velho... Tocar... Provavelmente cê deve ter sentido isso quando cê cantou a primeira vez, cê, sei lá, vai cantar um Led...

P – Foi Led mesmo. Risos.

L – Ó aí, tá vendo? E aí, fala se você não se sentiu Robert Plant, falou: “ah, eu vou fazer alguma destruição aqui, chutar alguma coisa...”.

P – Na Concha do Centro de Cultura... Urrum...

L – É, cê sempre pensa logo em destruir alguma coisa. Esse é o poder do rock n’ roll.

P – Risos.

L – O rock n’ roll é muito destrutivo. Enfim... E aí, da Correria Urbana, tocando com os meninos, quando foi em 2010... 2010? 2009, 2010, eu tive o convite dos meninos da Ladrões de Vinil pra poder tocar... E aí, é engraçado, né? Essa coisa que cê falou: quando a gente se conheceu, a gente simplesmente se conhece. A gente não lembra a data. A mesma coisa com Loro, Dieguinho e Goma. Eu não lembro de quando eu conheci: eu só sei que eu conheço os caras. É uma coisa interessante isso.

P – Risos.

L – Simplesmente existe. E aí, rolou o convite de tocar na Ladrões. E aí eu fui tocar com a Ladrões, a gente... Fiquei um ano tocando com eles, aí depois os caras me botaram pra fora, me demitiram.

P – Uai, te botaram pra fora por quê? Risos.

L – É, me chamaram e me botaram pra fora. Me chamaram pra dentro, depois me colocaram pra fora. A banda sempre foi *power trio*. E aí, Nesse tempo [inaudível] dessa coisa de ser três pessoas, e aí... Eu também não tinha muita habilidade pra tocar, ainda tava muito verde e tal, então não conseguia fazer aquela coisa de dividir guitarra, fazer arranjo, porra nenhuma. Acompanhava Loro ali tocando e inventava qualquer doideira lá e tava bom. E aí, acabou que, enfim, depois eu saí. E aí, depois que eu saí, eu fui fazer a Sabbatina, que era o tributo ao Black Sabbath, com Pablo Luz, Nephtali e John. John Nogueira. Ali toca baixo pra porra. E, beleza, né? E aí, foi engraçado, porque eu tava começando a querer estudar mais guitarra, foi uma coisa mais difícil. Comecei a estudar o Sabbath, aí John tava lá em casa, ele me viu tocando *Paranoid*, ele falou: “porra, velho, que massa!

Gosto de Black Sabbath pra porra. A gente podia fazer uma banda aí, fazer uns covers do Black Sabbath, tal... Cê tá estudando..." e ele me viu tocando *War Pigs* também... Aí, eu falei: "porra! Bora, a gente só precisa arrumar o resto da galera". E aí, foi assim, né? Neph era aluno da academia... E aí, com Neph foi... Um pouco antes de fazer a Sabbatina, Gleidson, né? Que toca baixo, Gleidson é meu amigo de infância, e foi um dos caras, também, que me ajudou, quando eu tava começando tocar, porque um dos violões que eu tive... Eu não tinha instrumento, não tinha violão pra poder tocar no conservatório. Então, duas pessoas que foram importantes nisso, foi Rubão, que é meu vizinho, dono de um bar. Ele tinha um Di Giorgio lá, me emprestou esse violão pra eu poder estudar em casa, depois Gleidson me emprestou o violão dele, que ele tinha, pra eu poder ficar treinando as músicas do conservatório. São duas pessoas que me ajudaram muito quando eu tava começando e... Gleidson, engraçado que toca comigo até hoje, né? E aí, eu e Gleidson, eu sempre, dessa coisa da viagem musical, eu cheguei na música instrumental, no *surf rock*, no Dick Dale, no Ventures... Eu queria fazer aquilo, e aí, Gleidson: "pô, velho, pode ser um bom estudo pra mim. Vamo montar uma banda pra tocar *surf rock*, e eu tinha acabado de sair da Ladrões de Vinil, a Ladrões de Vinil ainda tocava uns instrumentais que eu gostava, eu falei: "não, vou seguir fazendo instrumental, que é bom que eu aprendo a tocar".

P – Sim.

L – E aí, eu fiz uma banda, e na academia, Neph era aluno, né? E a gente conversando por acaso lá, de música, Neph: "eu toco bateria". Né? Nephtali: "porra, eu toco bateria", e eu olhei praquele cara gordo assim, com a cara de doido, eu falei: "será que esse cara toca mesmo?". E aí, a gente marcou um ensaio, falei: "vamo tocar aí umas cinco músicas", né? E marcou esse ensaio, eu, Gleidson e Neph, a gente foi pro estúdio de Robson Falcão, e aí, a gente chegou lá, vamo ensaiar. Rapaz, mermão, na hora que Neph começou a tocar a bateria, Gleidson até parou de tocar, falou: "que porra é essa, véi?". Porque a gente botou uma música do Dick Dale, que a gente só ia fazer um trecho, e ela tem uma parte que é um solo de bateria que é muito difícil, a gente falou: "ó véi, vamos fazer só um pedaço dessa música aqui, e a gente não precisa fazer a outra parte não", porque, na minha cabeça, "porra véi, tocar com o cara, ninguém vai conseguir fazer isso", eu não entendia muito, eu só entendia de guitarra, pra mim aquilo era extremamente difícil, e eu falei: "porra, ninguém... Vamo fazer só essa parte aqui, que essa parte aqui é legal". Rapaz, chegou lá mesmo, Neph tava tocando igual ao disco, meu irmão. E na hora do solo de bateria, o bicho esbagaçando e sorrindo, eu falei: "meu Deus do céu, esse cara é desgraçado".

P – Risos.

L – E aí, a gente fez um... Fez uns shows, participou, tal, a gente tocou no Viela, teve um encontro de guitarristas lá, um brother me chamou pra poder participar, e aí, foi engraçado, porque Lucinho, ele era até o cara do som nesse dia, e aí Lucinho: "pô, velho, o som que vocês fizeram foi massa, porque todo mundo chegou aqui, ficou só improvisando". Os caras fizeram um encontro de guitarristas, na verdade era os caras lá tocando uma base só e fazendo solo, aí tocavam um blues, e aí faziam um solo de blues improvisado, e eu não: eu cheguei com um tema mesmo. Eu toquei cinco temas mesmo. Músicas instrumentais prontas, aí Lucinho: "porra, véi, cê tem uma sacada. A galera acha que fazer um encontro instrumental é só chegar e ficar improvisando, e não é. Cê chegou e tocou um tema, e as paradas de faroeste, pô, foi massa.". E aí, a gente fez uns shows. E aí, a gente ainda tava ensaiando com... Você até que deu o nome: *Surfin' Joes*, né? Que eu tinha falado

contigo, eu falei que era uma banda de instrumental, “*Surfin’ Joes* o nome!”, e cê ainda me deu a logo. A logo eu tenho guardada até hoje...

P – Risos. Com a pranchinha.

L – É, com a pranchinha. Aí cê me deu a logo. Foi nessa época aí. E aí, depois rolou a parada com John. John me viu tocando Black Sabbath, ele: “velho, vamos fazer o tributo ao Sabbath”, aí eu falei: “tá massa, vamo lá.”. E aí, eu falei: “velho, vou chamar Neph”, que tava tocando comigo, eu falei: “aquele batera vai tocar isso bem”. E aí, nessas conversas, “pô, a gente tem que chamar alguém pra cantar”, e em algum evento, eu tava conversando com Pablo Luz. Na época eu ajudava o pessoal do Suíça Bahiana. Né? Gil fazia os eventos, eu ia lá, ajudava ele e, nesses de ajudar, num desses eventos, é... Eu acabei trocando ideia com Pablo. Pablo tava lá sempre também...

P – Pablo tocava na 1 em Pé, 2 Alados?

L – 1 em Pé, 2 Alados... Tinha a 1 em Pé, 2 Alados, teve outras bandas também, ele fez participação com... Na Randômicos, né? Que era ele, Rau e Thiago, na guitarra, e... Acho que é Thiago. Vou aqui lembrar... É foda, que cê vai tentando lembrar a galera, tem nome que acaba... Enfim... E aí, eu falei com Pablo, Pablo: “porra, véi, eu gosto de cantar, tal, a gente podia fazer o Black Sabbath, só que, até então, pô, aí eu só conhecia Neph tocando porque Neph fazia o instrumental comigo, eu falei: “porra, Neph vai aguentar”. Neph falou que gosta de Black Sabbath, e no dia que eu fui tocar os instrumental, o bicho tava esbagaçando, eu falei: “esse cara gosta”. E aí, a gente marcou um ensaio... Risos. Rapaz, foi um negócio surreal, porque a gente se encontrou num estúdio lá no bairro Brasil, pra poder ensaiar e, quando a gente chegou pra poder fazer esse ensaio, É... Ficou um olhando pra cara do outro, né? John chegou lá, só me conhecia... Tipo assim, Pablo, a galera meio que se conhecia só de vista, né? Pablo nunca tinha tocado com John, conhecia da época das bandas da, da fase deles lá, 1 em Pé, 2 Alados, Ardefeto, essa galera aí, tal... Se conhecia assim, de banda, mas nunca tinha tocado junto, e Neph, ninguém conhecia, pô. Neph só era conhecido meu, e aí, o batera do Black Sabbath tem que ser um cara responsa, porque é a parte que vai dar vida pra banda, né? Então todo mundo...

P – Não tem improviso, né?

L – Rapaz, a primeira música que a gente tocou no ensaio foi *The Wizard*, e foi um negócio surreal, porque a gente fez a música toda de primeira, e parecia que a gente tocando no disco. Foi uma parada assim de entrosamento que a gente nunca viu igual. E nesse primeiro ensaio, a gente passou o primeiro disco do Sabbath quase todo. A gente só não tocou... É... A última. Não, a última é *Wicked World*, né? Tem... Que é uma de oito, nove minutos, do disco. É uma das últimas do disco. A gente só não tocou essa, que era grandona e tal, que era bem improvisada. O resto, todas, a gente passou de primeira, com, é... *War Pigs*. Né? Do outro disco. E aí, foi surreal, porque a gente passou as músicas de primeira e, porra, aquilo ali foi... Porra, me senti Tony Iommi no dia.

P – Risos.

L – Botar fogo na guitarra. A primeira coisa que eu penso, eu preciso botar fogo nisso algum dia. Ainda vou fazer. Enfim, e a gente começou a ensaiar...

P – Cê não tava no Pantanal esses dias não, né?

L – Risos. Não. Tava de boa.

P – Não tocou no Pantanal esses dias não...

L – Não, não. Esse dia não teve Pantanal não. Foi um negócio... Não teve Samurai X, não teve nada disso, foi... Foi realmente impressionante. E aí, a gente começou a fazer som, né? Primeira vez que a gente tocou foi no Viela, né? Por sinal, o Viela foi um dos... Eu acho que, dessa última década, dessas últimas duas décadas, que eu posso dizer, de 2000 até agora, 2020, eu acho que foi um dos lugares mais importantes pra cena rock n' roll e pra cena cultural de Conquista...

P – Aí foi em que ano, mais ou menos?

L – Rapaz, que eu toquei no Viela, que eu comecei a tocar desde 2011, 2012? Acho que foi 2012... O show do tributo ao Black Sabbath, acho que foi em 2013. Foi em abril. Eu tenho esse cartaz até hoje, né? Que é o cartaz do Suíça, que quem fez até foi Luiza. Eu tenho ele até hoje, foi, acho que em abril de 2013, esse que a gente fez no Viela, mas eu já tocava desde antes lá, eu já tinha feito com a Correria Urbana, eu já tinha feito um encontro acústico, já tinha tocado com a Ladrões lá algumas vezes e, enfim, eu acho que, das duas décadas, duas coisas que foram grandes, três coisas que eu considero como três grandes marcos pro rock n' roll de Conquista nessas duas décadas: foi o Viela Sebo-Café, não tem pra onde correr, em termos de vir banda de fora, em termos de show, em termos de mostra de cinema, que rolava também lá de vez em quando, teve uma época que rolou, em termos de botar banda autoral pra tocar música autoral porque, até então, existia banda autoral, mas o cara tinha cinquenta músicas que o cara escrevia, e tocava, no Centro de Cultura, uma autoral e cinquenta cover.

P – Urrum...

L – Não é? Pra ver se o público aceitava. Então, quando começou a rolar o Viela, as pessoas iam pro Viela e iam de mente aberta pra escutar o cover e escutar a música autoral também. Eu não sei se quando a DB começou, quando começou o Viela e a DB tocou e era um processo onde tinha música autoral e isso já deu o ponto de partida pra falar: “não, aqui é um lugar onde [inaudível], mas aqui a gente vai deixar a pessoa tocar o que ela quer”. Eu não sei dizer se isso de fato foi realmente o que influenciou a cena mas, simplesmente, o Viela era um lugar onde as pessoas tocavam, onde o pessoal tocava, e você ia lá e a pessoa ia de mente aberta pra poder ouvir e conhecer o seu trabalho. Então, eu considero o Viela como, talvez, o mais importante marco do rock nessas duas décadas, porque foi muito tempo que o Viela funcionou, muito tempo, se falando em espaço de rock em Conquista, porque a gente sabe que não dura porra nenhuma...

P – Foi o que, uns três, uns quatro anos, eu acho... Quatro a cinco anos, no máximo, né?

L – É... E, fora isso, o Viela já deu espaço pra abrir a Casa do Rock, pra abrir a Casa Suíça Bahiana, né? Foi o primeiro grande marco porque, querendo ou não, quando o público do Viela, quando o Viela fechou, a galera migrou pra a Casa Fora do Eixo, né? E aí, da Casa Fora do Eixo, a Casa do Rock, da Casa do Rock, e aí, fodeu tudo. Mas, enfim, se você for ver o grande ponto de partida foi o Viela. Começou no Viela, do Viela foi pra um e foi pra outro. Se expandiu o negócio. E aí, eu tenho isso como grande marco pra cena nessas duas décadas, a união com o pessoal do Suíça Bahiana, não posso negar que Gil foi uma pessoa superimportante assim, com.. É engraçado, porque muita gente do rock n' roll acaba... Acabou criticando Gil, mas eu não tenho como dizer, como não citar

como uma pessoa importante, porque o cara realmente deu o sangue, fez show, trouxe gente de fora, trouxe muita banda boa, trouxe muita banda ruim, trouxe muita banda mais ou menos, mas trouxe banda e trouxe gente que tava trabalhando no autoral, que tava lá lutando pra poder fazer a parada acontecer e tava se virando também, e esse contato com essa galera de fora é muito importante, porque a gente passou a entender como era a cena fora da nossa cidade, porque a gente reclamava daqui, mas não sabia que o povo de lá também tava reclamando de lá, exemplo, as bandas daqui de Salvador que chegavam lá em Conquista e achavam que Conquista era o suprassumo. “Meu Deus, que cidade é essa que consome muito rock n’ roll? Salvador não é assim”... E é engraçado, porque você traça o paralelo: você vem pra cá pra uma cidade que tem três milhões de habitantes e cê tá numa cidade onde tem trezentos. Então, e você vê que Conquista não perder nada, culturalmente falando, pra capital do nosso estado, dá um orgulho da cidade. Não sei se dá orgulho ou se dá tristeza, você falar: “porra, cidade tão grande, tá tão fodida assim...”.

P – Risos.

L – Risos. Cê não consegue dizer se é bom ou se é ruim, mas teve esse poder, né? Assim, É... Viela, Suíça, a influência de Gilmar, você tem Miguel Cortes, que foi superimportante pra galera local que tava gravando, você tinha *O Som da Tribo*, que tava mostrando pra cidade que a cena local também compunha também, tava se expressava... A gente não pode tirar a figura de Miguel Cortes, e aí...

P – Miguel, a cena nossa tinha uma, um diferencial que é assim: quando uma banda conseguia a proeza de conseguir gravar uma música, ela já tinha, automaticamente, um canal no rádio pra tocar essa música.

L – Né? E isso é massa, porque, bom ou ruim a banda, você gostando dos integrantes da banda, você gostando ou não do que a banda fazia, tava lá. O cara: “não, o espaço tá garantido”. Então, cê tem Miguel aí como uma grande influência, um grande influenciador e um grande motivador também: “vou gravar minha música, ninguém vai ouvir”. Aí, “porra, vou gravar minha música, vai tocar no *O Som da Tribo*”, então, já era um lugar pra você poder, pelo menos, é... Dar os primeiros passos pro seu trabalho, pelo menos falar: “pô, tô passando no rádio. Pelo menos em algum lugar eu... Tá acontecendo a coisa”.

P – É. É uma banda que conseguisse botar uma música no *O Som da Tribo*, mesmo que ela fosse nova, ela já tinha um respaldo pra conseguir entrar numa grade de um festival de rock, alguma coisa assim, porque tem uma música gravada tocando no rádio. Não era ninguém. Já era alguma coisa, né? Já era um cartão de visita bom.

L – É, cê não era ninguém: você era um Zé Ninguém. Pelo menos tinha o Zé antes do *Ninguém*. Risos.

P – É, *José Ninguém*. Risos.

L – *José Ninguém*. Já era algo, né? E aí, você tem isso como ponto de partida, eu posso dizer, de casa, de evento, e aí, teve uma coisa muito massa, que começou no Viela também: até então, em Conquista, poucas pessoas tocavam rock n’ roll em bar.

P – Sim, é verdade. Era MPB.

L – Não é? Era MPB, no máximo, um cara que tocava um pop-rock, cê tinha um Kessler ali, que saiu ali da cena e conseguiu encarar ali, entrar, cê tinha Chirlei, que também um pouquinho e conseguiu entrar, mas você ter a expansão e a cena rock como acontece hoje, você deve muito pro Viela, se deve muito, depois, pro Café Society também, que foi outro lugar que abriu esse espaço, e a gente tem que dar esse crédito porque, realmente, é merecido, ali, pra esses dois espaços que peitaram e falaram: “não, aqui vai tocar música de qualidade e ponto final”.

P – Sim, banda tocando em bar é uma coisa que não rolava.

L – Pensa aí, véi: eu fiz um tributo ao Black Sabbath, mermão, no Viela, foram mais de trezentas cabeças, mais do que o espaço, do que o bar podia... Gente dentro, fora, pulando em cima do outro, pau quebrando e...

P – Só dava pra fazer isso no Viela ou no Apogeu, mas o Apogeu já era um bar bem mais *underground*, né?

L – É. Mas, aí, tem outra coisa massa, porque depois da época do Viela, naquela época do Viela ali, o Apogeu também começou a ter um trato mais rock n’ roll mesmo, porque quando o Suíça aproveitou que tinha um bar que você poderia trazer banda e começou a rolar shows de outras bandas autorais no espaço, o Viela começou a ficar, é... A banda vinha de fora, vai tocar num lugar? Não vai. Então vai tocar no Viela, do Viela, vai tocar no Apogeu também, então, [inaudível] né? E aí, você, agora, já tinha dois espaços, né? Não era só o Apogeu, como era antes, que rolava show periodicamente, já era o... O Viela já começou a entrar com mais força a rolar o som como um bar rock n’ roll, e você já tinha dois espaços pra poder tocar ali, aí depois veio o Café Society, não entrava banda igual a gente tava acostumado a ouvir, mas você já conseguia, pelo menos, tocar um blues, tocar um jazz, um cara que tocava um pop mais decente ia tocar lá...

P – Arran...

L – Né? Um cara que tocava um folk, porra, tocar folk em Conquista, o cara chegar lá e tocar Bob Dylan. Cê chegar naqueles bares ali da Olívia, naquela época, tocar Bob Dylan, cê ia ser...

P – Expulso. Risos.

L – Nunca mais ia (risos) aparecer em lugar nenhum, né? E aí, você teve isso, você teve antes, né? Aí, já em 2007, você teve o ACRock, que eu considero como outro grande marco, dentro do rock dessas duas décadas em Conquista, porque, infelizmente, foi o último show de muita banda boa, mas foi um evento da porra: dois dias de evento num sítio, onde você teve várias bandas da cidade e muita gente que tocava autoral ali fazendo o som, então, foi um evento que eu considero que foi super marcante, né? Muita briga de banda nos dois dias. Gente... [risos] Banda xingando banda, é massa essa força jovem, né? A galera é cheia de hormônio. [risos]

P – Risos.

L – Esbanjando juventude. [risos]

P – É, foi o *revival* dos Agostos de Rock e do Rock Vertente de uma vez só, né? Inclusive, no mesmo lugar do Agosto de Rock.

L – Isso. E você tem, também, outro grande evento, que eu considero outro marco, que foi o ACRock, né? Apesar de eu não ter ido, você tem ali...

P – Ué, cê não foi não? [risos]

L – Não, no Agosto de Rock não. ACRock eu tava, eu tô falando do Agosto de Rock, perdão.

P – Ah, tá...

L – No ACRock eu tava. Ave Maria, no ACRock eu tava e tava... [risos] mais pra lá do que pra cá. Teve o Agosto de Rock, né? 2003. Eu acho que foram três grandes marcos ali, até mais do que o Point do Rock, eu considero assim, pelo menos pra mim, eu acho que eles tiveram mais importância do que o Point do Rock. Os dois: o Agosto de Rock e o ACRock como evento fechado, né? Assim, um evento particular, porque, querendo ou não, o Point do Rock, cê teve o apoio da prefeitura, tal, cê tem a coisa do investimento da prefeitura, já o ACRock e o Agosto, eu considero como uma coisa mais particular, por mais que tenha tido alguma ajuda ali, não é a mesma coisa do Point do Rock, né?

P – É. Ali foi um... O rock, nessa época, ele tinha um negócio de ser espontâneo, né? E o lucro... Um empreendimento particular, tem... Cê pensa em ter um lucro. [risos] Nessa época, parece que o lucro era a última coisa que se pensava, tanto que o que mais tinha era o que? Prejuízo, né?

L – Ô... Lucro? Que que é isso? De onde veio? Onde vive, o que come, do que se alimenta?

P – E tem uma coisa que, se tem gente que entende de prejuízo, é o pessoal do rock de Conquista. [risos]

L – Porra, não fale não. É massa porque, tipo assim, se fosse, se foi por prova de amor, acho que todo mundo amava o rock de verdade, porque provou realmente que gostava. Eu tenho essas três coisas assim, na minha cabeça como os três grandes marcos dessas duas décadas pro rock, né? E, pra mim, principalmente como... Por ter sido a base da estrutura do que cê tem hoje na cidade, de você poder ir pra bar e poder ouvir um rock n' roll, cê poder, né? Ir pros lugares e poder ouvir um som de qualidade, ter essa liberdade e não ser sufocado por qualquer porcaria que acontece por aí. E, foi massa, porque motivou, o Viela acabou motivando muitas pessoas. Hoje você tem o Aquarius, hoje você tem o Fênix, que abriu, né? Você teve outras casas que foram impulsionadas, a Casa do Rock, do Viela não pode... O Viela fechou, a galera: “porra, velho, não pode deixar de ter um lugar pra rolar evento”, aí, beleza: A Casa Suíça Bahiana. “Porra, a Casa do Suíça tá morrendo”, aí você vê a galera: “pô, não vamos deixar isso morrer não, que a galera do rock n' roll precisa ser acolhida”. Aí, pô, a Casa do Rock. Aí, a Casa do Rock fechou também, acabou e a... Mas, de um lado, né? Aí tem um lado bom: acabou a Casa do Rock, aí, “pô, vamos ficar desamparados”, e aí, cada um teve que se virar. A gente se virou, começando a tocar em barzinho. E assim, foi massa, porque a gente conseguiu abrir as portas pra muita gente de rock n' roll também tocar. Tinha gente que fazia já antes da gente? Tinha. Mas, a gente foi com força total, a gente... Mais, quase 300 shows num ano. [risos] Teve um ano que a gente fez quase 300 shows. Era tocar toda semana e, porra, foi massa, porque você amadurece muito como músico, a gente mudou muito os nossos conceitos sobre o que é ser músico, o que é o nosso público, porque teve uma grande reflexão que eu tirei disso sobre o rock n' roll, e é até uma crítica pro próprio rock n' roll, o próprio consumidor de rock, né? Hoje a gente reclama que o rock morreu e a gente... Hoje eu tenho certeza: quem

matou o rock n' roll foi o próprio roqueiro. O próprio cara que prefere pagar pra ir no show de axé e não pagar, por exemplo, pra ir no show do amigo, no show de uma banda de uma banda de rock, não é? Acho que o grande *start* que eu tive, vou falar por mim, mas provavelmente você deve ter pensado a mesma coisa, foi quando a gente foi tocar num bar, e se fazia shows de rock e vendia-se os discos e uma pessoa comprava, duas pessoas compravam, né? E a gente vai tocar num bar, e chega lá, vem aquele cara axezeiro, com a camisa do Bahia, com a camisa de time de futebol, o estereótipo do axé, e o cara chegar na mão da gente e “me vê cinco discos aí, quatro discos de vocês” e a gente falar: “porra!”. E a gente já criticando o cara, a gente tocando ali e olhando...

P – O preconceito, né? Já olhando com preconceito.

L – É, já olhando com preconceito, o cara: “me dá, vou comprar”. E cê até estranha. O cara: “pô, véi, o som de vocês é massa, gostei pra caramba. Minha mãe gosta, minha vó gosta, meu tio gosta, vou comprar pra levar pra meu tio”, e aí, você vê que o cara consegue ter um gosto mais genuíno pro seu som do que, às vezes, seu próprio amigo, que tá lá, andando contigo e pede pra entrar no show de graça e não prestigia o seu trabalho. Né? Então, muita coisa foi mudando do que se espera de público hoje em dia, eu acho que foi tocar em barzinho. Né? Voltando lá, né? Aí, pra essa coisa da Sabbatina, E aí, em 2014, final de 2013, na época quando a gente fez o projeto, cê falou: “pô, véi, tô precisando de uma grana”. “tô precisando de uma grana também”, conversando sobre música, acho que no MSN ainda, véi, tava falando de alguma coisa e a gente falou: “pô, vamos juntar pra gente ensaiar e tocar alguma coisa”. Não foi? E a gente fez o ensaio lá na Praça da Normal, tocou *Bad Moon Rising*, tocamos *You Got It*, tocamos, é... *Mrs. Robinson*, né? Acho que foi as músicas que engatou o Diglett Joes aí, e a gente...

P – Era o Dug Trio.

L – Dug Trio, que tinha Gleidson também. Tinha *I Can't Explain*, né? Só que a gente nunca conseguiu fazer o Dug Trio, porque Gleidson acabava não... Chocava a agenda, porque, pra eu ensaiar, Gleidson tinha que dar aula no meu lugar. Né? E quando era fim de semana, Gleidson tinha os compromissos com as outras bandas e acabou que acho a gente só fez um ou foi dois ensaios com Gleidson, e depois acabou que não rolou, e foi nós dois mesmo, fazendo o som, e foi massa, né? A gente começou a tocar, a gente fez um som no Café Society... A gente tinha ensaiado e você já tocava com o Acoustic Alchemy, né? Com Camilo e com Rômulo no Café...

P – Sim.

L – E aí, eu fui no Café assistir a um show, eu filmei e eu acho que eu tenho no computador esse show ainda...

P – Procure, procure. [risos]

L – E aí, fiz participação e a gente tocou *Light My Fire*, na versão do B. J. Thomas, a versão que menino faz também, é... Como é que é o nome daquele maluco, é... Portorriquenho... Porra...

P – Ah, não sei, mas Maysa também gravou essa versão.

L – É, mas tem a versão desse cara também, que é um cara manjado. Eu vou procurar aqui e ainda vou falar em algum momento, mas é: tem esse cara e tem a versão do B. J. Thomas, não é? Que a gente gravou e tem o registro dessas músicas lá no Café Society. Ali foi o primeiro passo pra gente

começar o Diglett Joes. E aí, já no final do ano, isso eu lembro, não vou esquecer nunca, cê foi lá na academia e falou... Antes a gente tinha conversado pela internet na verdade, né? E cê: “porra, véi, a banda tá precisando de gente pra tocar, Camilo saiu da banda e eu tô precisando de outro guitarrista”. E aí, eu lembro que você foi lá na academia num dia de noite e falou: “velho, preciso falar com você”, eu falei: “foi o que?” “Não, é que cê é o novo guitarrista da banda, a gente vai ensaiar semana que vem aí, você acabou de ser promovido”.

P – Risos.

L – Aí, foi mais ou menos assim, e o primeiro ensaio que a gente fez foi no dia 1º de janeiro, não foi? Acho que 2014. Foi o primeiro ensaio. Eu sei que foi no começo do ano, acho que foi 1º de janeiro de 2014.

P – Por aí.

L – Ou foi dia 2 de janeiro... A gente fez o ensaio do Diglett num dia e com a DB no outro, mas foi mais ou menos por aí. Eu sei que 1º de janeiro de 2014 teve um ensaio, não sei se foi do Diglett ou se foi da DB. Né? E, a partir daí, eu comecei a tocar com a Distintivo e a gente foi até 2017, quando eu me mudei pra cá pra Salvador. E aí, foi outro, foi outro grande... Engraçado que foi outro grande baque pra mim, porque a gente tinha a Ladrões, eu toquei na Ladrões, a Ladrões tinha música autoral, mas tinha muito cover. A Ladrões tinha músicas autorais, eram cinco, seis que a gente tocava e o resto era tudo cover e tava aprendendo e tava tocando, mas com a DB já era diferente: era uma pensa de música autoral e três cover. Era muita música autoral e pouco cover, e foi massa, porque, realmente, a gente pegou a experiência de como é ter uma banda de uma maneira realmente profissional, e como é realmente lidar com música como a música é, sem brincadeira, sem... Tinha o momento de resenha da banda, mas realmente tinha todo o processo de compor, de escrever, de chegar e pensar, pensar e ver a parada de maneira profissional, pensar em ver o negócio como um trabalho de verdade e digno porque, até então, você... É o problema do músico, né? É o mal da música: pelo fato de a gente trabalhar com entretenimento, a gente acha que o entretenimento também é pra gente. Não é. Entretenimento é pra quem vai ouvir a gente.

P – Confunde.

L – É. Confunde as coisas, né? Por isso que a gente vê muito músico, às vezes, que você fala... O cara tocando em barzinho e falar: “porra, não dá pra viver de barzinho, pra ganhar grana com isso”. Claro que dá. É cansativo, né? E tipo assim: eu falo não pra gente. Pra gente às vezes é mais frustrante porque o nosso nicho é selecionado. A gente não toca música pra todo mundo. A gente até com o Diglett Joes, a gente tocava o som, é... Que a gente gostava, né? E tinha uma coisa ou outra que colocava pra agradar o público, mas ainda assim em cima do que a gente gostava, mas a gente meteu a cara pra tocar Dylan, pra tocar Simon and Garfunkel, pra tocar...

P – Beatles, Led Zeppelin, música autoral...

L – Música autoral e coisa que a gente gostava que a gente não sabia, na verdade, se ia agradar o público. No fundo deu certo: agradou, a gente fez show pra caralho, né? Mas aí, tem aquele problema de Conquista, né? Os bares em Conquista, eles têm data de validade. E às vezes não era a gente: a gente tocava num bar, quando a gente ia fechar data na semana seguinte, o cara fechou o bar: agora é uma papelaria.

P – Uma sorveteria.

L – O Argentino's fechou, virou sorveteria. Porque, realmente, o público de Conquista é um público que não é um público cativo assim, é uma galera que tá ali pela onda e migra de bar em bar como se tivesse, sei lá, fazendo qualquer outra coisa, e aí acabava que...

P – Busca a novidade, né? Não busca... Sei lá.

L – É isso. Eu achava que era um mal de Conquista também, mas hoje em Salvador eu já vejo isso também, é a mesma coisa. O cara... É, monta o bar, daí o cara fica seis meses com o bar, depois ele fecha o bar umas duas semanas e compra uma placa nova pra fazer reforma e muda pra vir outro público, né?

P – [risos] Reinaugura com outro nome.

L – Muda um pouquinho o cardápio, mas é a mesma porra. É o próprio dono que fala: “véi, se eu deixar esse nome aqui por um ano, eu vou falir, então, eu mudo... Quando a gente vai fazer a reforma, né? Ganha uma grana pra reformar, a gente muda aqui a estrutura pra poder o público voltar”. Aí, infelizmente, muitos bares de Conquista não teve a mesma sorte ou a mesma sacada e acabaram fechando. Tem, mas graças... Hoje ainda tem muita gente que mantém o trabalho lá. Mas, enfim, voltando a falar da Distintivo, né? A gente teve esse processo de aprendizado, e era massa, porque você tem, ali, o processo da banda, aí você tem que aprender a lidar com a amizade, tem que aprender a lidar com a parte do profissional, e teve essa coisa que você tem, né? Falo você, você Plácido, de pesquisar a parada, né? A coisa do historiador, é o lado bom que você trouxe da faculdade, da pesquisa, do estudo... E aí, você teve toda essa sacada de pesquisar como funciona o mercado. É uma coisa que muita banda, hoje em dia, não entende. É ver como a coisa é de verdade, porque a gente acha que é mágico: “não, vou chegar aqui, vou tocar e vai vir um cara que vai me ver e pronto: eu tô famoso, tô rico”. E não é, véi. Né? É aquele processo de você, dos cursos, né? Você, tipo, vai lá, você tem que estudar, você tem que saber. “Meu Deus, o que que é isso? Como eu registro uma música?” Não era toda banda que tinha essa sacada que você tem de chegar e registrar a música... É o básico, né? Hoje em dia a gente que vê que isso é “porra, eu tenho uma música, vou registrar essa porra, porque, pelo menos ninguém vai me roubar”. E é o que a gente acha que é óbvio mas, no fundo, no fundo, não é e tem muita gente que não sabe disso até hoje. Porra, o que é que acontecia? E a gente vivia às custas da galera que fazia som aqui em Conquista. Vivia nas custas de Gil, vivia nas custas de Niel, vivia nas custas de Fulaninho, de Sicraninho, que tava organizando esses eventos, e esperava essa galera chamar a gente pra tocar. Quando rolou isso do Viela fechar, de todos os lugares fecharem as portas, foi que a ficha bateu: “e agora, véi? Não tem mais Fulano nem Sicrano pra chamar a gente. O que a gente tem que fazer?” Não sei se essa foi a, isso que bateu na sua cabeça, mas na minha pelo menos, depois de um tempo refletindo sobre esse processo todo, me veio isso: “porra, não tem mais ninguém pra me chamar. O que que eu vou fazer? E agora, como é que faz? De que viver? Do que que eu me alimento? Pra onde eu vou? Eu tenho que estudar, eu tenho que saber”. Aí você vai perceber que dentro do processo da música tem toda uma coisa envolvida ali, tem toda uma teia, uma cadeia de funções que você tem que executar pra fazer o negócio dar certo. Não é só tocar. Na verdade, tocar, meu irmão, é o mais fácil. É parte bonitinha que você chega, senta e toca. Pronto, acabou. Mas não: aí, você tem que lidar com rede social, tem que lidar com a parte de compor, você tem que lidar com a parte de procurar estúdio pra

ensaiar, procura um estúdio pra gravar, mexe em repertório, monta repertório, desmonta repertório, monta som, desmonta som, compra equipamento, investe nisso. E eu vou fazer um curso, que eu tenho que saber como é que eu vou registrar minha música, como é que eu vou sincronizar minha música na plataforma, como é que eu vou fazer isso... Tem todo um processo muito grande e desgastante e frustrante também, que aí é a parte chata da parada. Né? E aí, teve uma vez que a gente foi na palestra de Miranda, que Miranda foi muito sucinto em falar dessa parte do negócio da música. Ele falava: “velho, às vezes cê vai num show, e aí você não toca nada. Cê tá aprendendo a tocar”, vou dar um exemplo aqui agora, não sei se foi isso que ele falou, mas a ideia foi essa: se você vai lá agora, cê vai ver o cara tocando guitarra e você tá começando a tocar guitarra e aí cê fala: “pô, esse cara toca muito. Quero ser igual a ele”. E você volta pra casa, e estuda, estuda, estuda, estuda, mata e você virou um guitarrista da porra. Quatro anos depois, cê volta e cê olha o mesmo cara tocando e cê fala: “porra, véi, esse cara não tá tocando nada, véi. Esse cara aí, que foi o cara que eu me inspirei, eu toco mais do que ele. Por que que ele tá lá e eu não tô?”. Aí, Miranda fala: “porra, cê fica se perguntando por que Fulano faz sucesso e você não faz, mas você esquece: Fulano pode não tar tocando hoje como você tá porque enquanto você ficou só tocando em casa, Fulano tava cuidando do *business*. Não era só o *music* que existe: tem o *business* também, O cara, ele tá lá agendando o show que você não tá agendando, tá preocupado em criar o CNPJ dele, porque a partir do momento que ele passa a ser uma banda, ele já é uma empresa, já não é mais um Zé Ninguém, porque ele tem que gerar nota fiscal, se você quer tocar pra um evento grande, pra uma prefeitura da vida, cê tem que gerar nota, você tem que ter o seu MEI. Se você não tem MEI tem que criar uma microempresa, e aí você percebe que a banda não é só cinco músicos: “meu Deus, não é uma banda: isso aqui é uma empresa!”. Ah, e você vai procurar a bandinha que cê gosta, ela tem um registro, pô... E por mais que isso hoje, pra gente seja óbvio, pelo fato da DB e você tem impulsionado isso com a banda de realmente buscar esse processo, e tem de buscar esse processo também, falar pra galera: “galera, não é só assim que funciona, ó: a música é assim: eu tô estudando isso daqui, ó... Vem aqui comigo porque o negócio é mais embaixo que a gente achava. Se a DB, ela quer chegar em algum lugar, a gente vai ter que pensar nisso daqui também, que é a parte chata da parada. Se cê não tivesse chegado nisso, até hoje a gente não saberia pra onde ir. Né? Aí você vê, hoje em dia, um monte de músico frustrado, sentado em casa e falando: “porra, véi...”

P – Não sei por que que nada acontece.

L – É... Minha banda não chega. É o que acontece com o básico, que é o barzinho. Cê sabe mesmo, muita gente já foi procurar a gente: “porra, velho, eu vejo aí o Diglett Joes, cês tão fazendo 247 shows no ano, velho, é um negócio... Porra, e ninguém me chama e não sei o que e não sei o que” e aí cê fala: “porra, man. É muito fácil cê tar aí se queixando, falando que a gente tá tocando em tanto lugar, tá repetido, mas não é tu que sai carregando não sei quantos quilos nas costas pra poder ir tocar, não é tu que vai ligar pra dono de bar, não é você que fica cheio de mensagem falando: ‘Sicraninho, e aí, e o show?’ não é você que vai cobrar, que depois a gente tem o trabalho pra poder cobrar o cara, não é você que tem que preparar o equipamento, desmontar o equipamento”, e aí cê vai tocar num bar, o som do cara é uma porcaria... Aí, “porra, e agora?” parte do cachê aqui eu vou ter que comprar um som, aí você vai tocar num bar, chega perto do microfone que cê usava do lugar, que cheiro de carniça. “Não, tem que comprar meu microfone”, é outro investimento.

P – Risos.

L – [risos] Né?

P – Sei bem. [risos]

L – O cara quer ser músico e não quer passar pelos perrengues, porra, do negócio, né? Isso é frustrante, isso acaba deixando muita gente frustrada, muito chateada com a música.

P – É uma visão romântica, de que a música é aquela coisa meio que de conto de fadas, né? Você... Já tá tudo pronto, cê só precisa chegar lá, cantar e brilhar e pronto. Aí, você já é aquela pessoa meio quase divina e já foi... Como se não tivesse nada por trás disso.

L – E, quando cê vai pra prática mesmo, véi, cê vê que o buraco é mais embaixo, é ralação mesmo, é você chegar e ter que dar a cara a tapa e, muitas vezes, quase que a maioria das vezes, ser músico envolve mais mexer nessa parte do que tocar.

P – Sim.

L – Cê passa mais tempo resolvendo pepino do que tocando, não é?

P – Do que treinando...

L – É, até no processo do barzinho mesmo, que a gente fazia no Diglett... Beleza, no começo a gente não tocava em muitos lugares, a gente teve tempo pra montar um repertório, pra poder fazer as coisas, mas depois que a gente começou a tocar, a gente, na verdade, praticamente não tocava... A gente tocava, no caso de chegar em casa e tirar música nova, era meio *cada um lê o seu aí e toca na hora*, porque não dava pra ensaiar, porque a gente tava resolvendo... Ou a gente tava marcando show ou a gente tava ensaiando, porque ensaiar demanda um tempo e você sentar pra agendar os shows nos bares e organizar a agenda da gente, levava... Demandava outro tempo. E, por mais que pareça ser fácil, não é fácil você sentar no computador e ter que fazer uma coisa dessas, realmente demanda muito tempo, vulgo Distintivo Blue, que pra você fazer uma postagem em um blog, que às vezes a pessoa entra lá e acha e vê bonitinho: “pô, o texto de Plácido lá um texto de, sei lá, dez páginas, duas páginas... Vou dar um menor: duas páginas, a pessoa: “pô esse cara escreveu tão rápido”, sei lá, às vezes cê deve passar dias fazendo sua pesquisa pra escrever aquela resenha ali, né? Porque não se trata só de você escrever e montar o código do site, que já é uma coisa que demanda trabalho você fazer o código: é você sentar, botar a ideia na cabeça, organizar o texto, fazer bonitinho, revisa o texto, assiste a obra: “ah, vou fazer uma resenha de um filme aqui agora”. Cê tem que assistir o filme, aí você reassistiu o filme, aí você busca a referência do filme, e aí tudo isso pra virar aquelas duas páginas que cê tá escrevendo, porque, no fundo, a pessoa que vai ler aquilo que você fez não vai ver uma porcaria: vai ver uma coisa de alguém que realmente leu e entende do que tá falando. E, infelizmente, depois que... Aí voltando a falar daquela coisa, né? Que quando a gente é criança, tudo que a gente toma, lê, acaba sendo verdade. E graças a esse tudo que a gente acaba tomando como verdade, a gente acaba tomando como verdade um monte de porcaria, um monte de mentira. Então, pra... Com o aprendizado de ver tanta merda por aí sendo divulgada e você não querer fazer o mesmo, você gasta muitas horas estudando, pra quando você falar alguma coisa e alguém te questionar sobre o que você escreveu, você ter *know-how* pra chegar e falar: “não. Você está errado, você está certo”. Por que? Porque eu estudei sobre isso, eu li, eu reví, eu procurei fonte e fui ver o livro do filme, fui procurar a biografia do cara... Então, realmente ter... Pra você fazer uma coisa com qualidade, e isso não se refere só a escrever, a fazer resenha: se refere à música

também, né? A gente tocava o nosso repertório em bar, mas qualquer pessoa chegar pra gente e for conversar sobre as músicas que a gente tá tocando, a gente não tocava porque a letra é bonita: cê sabe conversar sobre o disco, cê sabe conversar sobre o artista, a gente não tá tocando uma coisa “ah, eu...” Era aquela coisa: eu não toco isso aqui porque...

P – Porque é sucesso.

L – Porque é sucesso ou porque Fulaninho vai gostar... Não, pô. Eu toco essa música aqui do Buddy Guy porque, porra, a história do cara é assim, ele escreveu assim, ele gravou assim, a gente vai conversar, a gente vai ter *know-how* pra falar sobre o que a gente toca. E isso consome muito tempo, esse estudo por trás da obra. Como consome muito tempo, você chegar, porra, “massa, a DB lançou um disco. É... Beleza, legal, o disco vai fazer sucesso, o cara da rádio vai vir aqui, vai botar o disco da DB pra tocar e a gente vai fazer sucesso, vai tocar em todos os festivais de blues”. Não. Cê vai ter que sentar num banco aí agora, no seu notebook, você vai ter que saber como é que você faz pra sincronizar no Spotify, nas plataformas pro disco ser visto, cê vai ter que saber fazer o resumo do disco, você vai ter que escrever a informação, pra você mandar o disco pro blog do blog, você vai mandar pra Fulaninho de Tal, pra Sicrano de Tal, pra depois um cara desse chegar e falar que não vai passar no seu disco porque não é bom o suficiente pra rádio dele, cê ainda tem que ouvir coisa, cê ralar pra caralho pra poder fazer o som e o cara ainda te dar piada, porque, simplesmente, “ah, é porque não é o tipo de som que eu escuto”. Beleza, mas cê não pode chegar e falar que não é ruim porque você não gosta. Cê tem que reconhecer o trabalho que a pessoa faz. Isso acontece com muitos artistas, né? Hoje em dia. E, tem todo um trabalho de você fazer isso. Cê tem que mandar pra rádio, cê tem que sincronizar com o YouTube, cê tem que escrever sobre o disco, tem que mandar pra Fulano, pra Sicrano, cê tem que buscar, cê tem que correr atrás, você tem que pegar o seu disco ali, e levar num lugar pra tocar, e levar na rádio e toca a música autoral no bar e mete a cara, porque você tocar o autoral num bar, realmente, é você ter muita coragem, porque cê vai chegar lá e não sabe se a pessoa, ela vai gostar, se não vai gostar, cê tá metendo uma coisa que ninguém nunca ouviu...

P – E um bar não é, necessariamente, um lugar onde as pessoas vão pra ouvir música, né? O músico é meio que como se fosse ali uma planta, uma decoração, uma coisa meio que de lado assim, que, se depender, você tá até atrapalhando, se você toca muito alto, e tal... [risos]

L – É, e você tem que... E aí, lidar com isso também é difícil. Pensa aí: você tá todo empolgado lá, cê: “porra, mamãe, gravei um disco”. Não é?

P – Risos.

L – “Mamãe, fiz uma música”. E você, vai todo empolgado pra tocar, porque é arte, véi. Você quer que as pessoas ouçam sua arte. Gostando ou não gostando, você quer que a pessoa ouça. Aí você vai chegar e tocar num bar, o cara fala: “ô, véi, toca mais baixo aí” [risos]

P – É dureza, viu? [risos]

L – Dar a cara a tapa é um processo que requer muita coragem, você tem que tar muito... É... Preparado pra esse momento, né? E, de um lado, foi bom, porque nesse processo de de compor e de pegar o repertório que a gente tocava autoral e fazer em barzinho, a gente conseguiu reconhecer que muitas pessoas gostavam do som que a gente fazia, isso deu um gás... Cê acha gente que não gosta

também? Acha, e é válido: tem gente que não tem que gostar não, porque o fato de cê achar gente que não gosta, isso motiva a melhorar e fazer algo de mais qualidade depois. Isso é importante. Cê não pode levar o *feedback* negativo como um “ai, meu Deus, eu não vou conseguir mais. Isso já era pra mim”. Não, a gente, muito pelo contrário: a gente conseguiu levar como positivo e melhorar pra poder fazer coisas melhores, e procê também saber que seu som, porra, é possível, né? Porra, pensa aí, cê chegar num barzinho, aí aquela que eu falei do disco, né? Cê chegar num barzinho onde só tem o público que a gente mais criticava, que é o pagodeiro e o axezeiro, aí você “não, tem que meter a cara, véi. Vamo tocar nossa música aqui”. Cê chega a fechar o olho, né, véi? Que cê não quer ver... Vai ser só bagaceira.

P – Risos.

L – E aí, quando você abre o olho, tá o cara na sua frente, querendo comprar seu disco, e fala: “pô, o som de vocês é de foder, eu vou comprar”. Pô, isso inspira o cara, né? Cê fala: “realmente, há futuro, eu posso chegar em algum lugar com isso, eu posso ir pra algum... Ter um futuro com a música”, isso impulsiona a gente bastante, e é massa você ter isso, né? E perceber que a música, ela pode causar essas sensações, às vezes, em quem você menos espera, isso foi muito massa. Foi uma experiência muito boa que o barzinho trouxe pra gente, né? Fora os perrengue também, né? Teve umas experiências muito ruins, né? Gente que não paga, gente que... [risos]

P – Gente que não paga, passa na sua frente e finge que tá tudo de boa.

L – *That's Life*, é... *Como são as pessoas são os seres humanos*, já diziam. Já dizia o poeta.

P – Considerações finais.

L – [risos] Não considero ninguém. [risos]

P – Risos.

[...]

L – Só fazer uma última menção honrosa, que eu esqueci de falar, né? Falei da DB, falei das bandas que eu passei, dessa importância dos trabalhos que a gente fez, né? E faltou falar de um cara que também foi superimportante, que eu acho que nem você lembrou, véi, de Jeremias Metal, que era o cara que tinha a loja que vendia discos de rock n' roll e metal numa época onde você não podia fazer muito isso, né? Porra, aí é um cara que realmente merece ser mencionado, porque muita coisa de rock n' roll chegou pra muita gente através dele. Porque, o que que acontecia antigamente: antigamente você tinha, e aí, pra quem colecionava fita, né? Você tinha um brother que comprava o CD, você pegava o CD do brother e gravava na sua fitinha. Ou você esperava a música passar na rádio e gravava o programa todo pra você poder ouvir a música, porque tem umas coisas interessantes e isso é uma coisa que não é antiga, porque até 2006, 2007, eu fazia isso. Porra, uma música legal, que eu gostava pra caramba e passava na rádio, às vezes eu não sabia gravar, não conseguia achar na internet, por mais que eu já tinha acesso, cê pegava a fita lá e esperava tocar na rádio e você gravava pra poder ouvir depois, né? E aí, Jeremias não: Jeremias, cê podia ele

encomendar CD, cê chegava lá o bicho tinha o catálogo das revistas, “pô, eu quero comprar esse disco aqui”...

P – Camisa também.

L – Camisa, tal... Então, Jeremias Metal é um cara que valia a pena você até fazer a... Nem sei se tá vivo ainda, né?

P – Tá, eu o encontrei, só que ele disse que não quer não. Ele virou evangélico.

L – É, a coisa não [inaudível]... Enfim... Mas é isso: foi um cara que teve aí uma relevância muito grande.

P – Sim. Era um cara tipo Miguel, né? É um cara tipo Miguel, Niel, esses caras-chave na cena.

L – É. Nem também, né? É outro cara que... Uma coisa interessante, né? Porque, engraçado que não é da nossa praia, não faz parte da nossa cena musical, mas aquele evento que Nem fez na praça, 10 anos de rock, né? Do...

P – Do DVD?

L – Do DVD, porra, aquilo ali também foi uma coisa histórica também, viu? Nessas últimas, nesses últimos anos em Conquista, por sinal...

P – Ele botou no YouTube.

L – Botou no YouTube e a outra banda que tocou com eles...

P – O Cólera, Redson.

L – É, o vocalista faleceu um tempo depois, né?

P – Foi.

L – Alguns, poucos anos depois, o cara faleceu e foi massa, né? Porque, porra, cê viu o cara em vida...

P – É... Veio aqui... O Cólera é tipo o Ratos de Porão, velho... Uma banda de punk brasileiro chave pra o Brasil inteiro, tá ligado? Vieram aqui por causa da Cama de Jornal, tocaram na praça. Isso aí é...

L – É, por causa da Cama de Jornal, aí você, porra... Pra gente é foda, que a Cama de Jornal, pra gente é superimportante na cena do rock, mas pô, pra uma banda de Vitória da Conquista, lá no fim do mundo e teve relevância pra uma banda tipo o Cólera vir...

P – É, como se viesse o Paralamas do Sucesso tocar no meio da praça aqui, de graça, com uma banda daqui de Conquista.

L – É, uma parada...

P – É tipo uma coisa assim, só que do *underground*, né? [risos]

L – É, menção honrosa aí pra esse momento também, que foi massa. E é isso.

P – Show de bola.

Final em 1:43:58

PAULA BABILÔNIA

Jornalista. Professora. Organizadora Festa da Babilônia.

Nome completo: Ana Paula de Oliveira Silva

Data da entrevista: 25/10/2020

Transcrição: 26/01/2021 – 03/04/2021

Início em: 3:35min

PLÁCIDO – Do começo mesmo: cê nasceu aqui em Conquista, quando foi que cê nasceu...

BABILÔNIA – Eu nasci aqui mesmo. Nasci em 78, quando *Suspicious Mind* era sucesso.

P – Risos.

B – Risos. Elvis Presley. E, nasci aqui em Conquista, filha de uma cidadã da redondeza e um cara de Alagoas.

P – Cê é de que bairro, assim? Cê sempre morou no mesmo bairro ou cê foi mudando?

B – Não, eu sempre morei no mesmo bairro, porque a casa lá era uma casa de família e tal, então a gente foi ficando e até hoje minha família mora lá ainda.

P – Qual é o bairro?

B – Bairro Iracema. Mas depois de lá, na época da rebeldia, eu saí de casa e fui morar no Sumaré. Mas é tudo ali na mesma redondeza, né? Tudo ali ao redor do Cemitério.

P – E aí, sua infância, como é que foi? Alguma coisa que cê lembra assim...

B – Ah, a infância, véi. A infância foi muito... É muito... Assim: mexe muito comigo lembrar de minha infância porque eu acho que eu era uma criança muito questionadora demais das coisas, eu sempre cresci assim, questionando muito as coisas e querendo saber porque é que eu tinha uma vida tão fechada, porque eu era uma criança que ficava muito em casa, e eu queria sair e minha família tinha uma visão de rua bem assim, preconceituosa, então eu não podia ir pra rua, né? Eu era mulher, tinha que ficar em casa. Aí eu cresci bem questionadora das coisas e comecei a me distrair com o que tinha, que era livro, então comecei a ler, ler, ler...

P – Urrum. Cê gostava de ler o que?

B – Cara, tinha, na minha casa tinha muito livro de história antigo, sabe? De minha mãe, da época que ela estudava lá, nos anos 60, 50... Eu gostava de olhar esses livros. Aí tinha umas minieniclopédias, aí tinha uns livros de literatura, porque meu pai se formou já eu grande, né? Então ele tinha livros lá da época do Ensino Médio, eu ficava lendo literatura nacional, entendeu?

José de Alencar... Risos. É... Machado de Assis, eu ficava lendo essas coisas... Aí fui crescendo assim, aí organizei uma biblioteca, enfim... Aí comecei a desenvolver mais minha... É... Meu gosto pela leitura.

P – Sim.

B – Nessa época, também, eu ouvia muita música, né? Meu pai, desde cedo, ele colocava muita música pra gente ouvir, então... Ele botava Pink Floyd, Raul Seixas, Roberto Carlos, né? Eu cresci ouvindo essas coisas... Gostava pra caramba. Aí depois fui tentar estudar música, e aí fui estudar teclado... Estudar piano, gostei. Aí, fui no conservatório municipal na época, né? E depois, eu ganhei uma bolsa pra estudar numa escola privada de música, mas não me adaptei ao lado da burguesia, é uma coisa muito...

P – Risos.

B – A escola muito burguesa. Não me adaptei, enfim...

P – Cê lembra que escola era?

B – Era a Frederic Chopin.

P – Ah, tá. É, ela é bem tradicionalzona mesmo.

B – É muito, velho. E assim: não me interagia com os colegas, achava a aula um saco. Aí falei: “ó, não vou mais não”. Sempre fui de muita opinião, desde cedo. [risos]

P – Risos. Eu também passei por isso aí de conservatório, de ir assim, e chegar lá e “velho, que lugar estranho” e, sei lá, não se sentir à vontade, tá ligado?

B – Risos.

P – Aí eu ficava... Eu nunca consegui.

B – Risos. Pois é, mas aí, foi isso. Não tinha instrumento em casa, né? Enfim... Tudo isso também cooperou pra eu parar de me dedicar.

P – Urrum... E aí... Cê estudou aonde?

B – Pois é. Eu estudei no Diocesa... Ó, eu estudei... Eu fico assim, ó, lembrando de minha história, né? Todas as escolas que eu estudei fecharam, véi.

P – Risos.

B – Risos. As escolas só existem aqui agora (apontando para a cabeça). Eu estudei numa escolinha chamada... Bem experimental, Escolinha da Emília. Ficava no Iracema. Depois, fui pra o colégio que era até da Maçonaria com o Estado, que era o Hostílio.

P – Lembro vagamente do nome.

B – Hostílio, muito bacana. E aí, de lá, eu fui pro Diocesano, onde eu cursei o Fundamental II e o Ensino Médio Técnico em Contabilidade, porque eu não queria ser professora de jeito nenhum! [risos]

P – Risos. Se lascou! Risos.

B – [Risos] E caí nessa licenciatura, que é uma cachaça que eu gosto pra caramba, véi. Gosto e me revolto, porque é uma profissão tão desvalorizada, entendeu?

P – Sim.

B – A gente é tanto assim... não vou falar que é idealista, mas a gente tenta... Acredita tanto no que faz, sabe? E acho que a sociedade não valoriza mesmo.

P – É. Sei bem. Eu mesmo terminei a faculdade e não dei aula. De lá pra cá até hoje não dei aula, porque acho que eu não ia ter nervos. [risos]

B – [risos]

P – Aí resolvi me meter com uma coisa que é pior ainda, né? Que é música. [risos]

B – [risos] Ai, cada um com sua cachaça.

P – [risos] Nessa época aí do Diocesano, cê falou que terminou lá... Qual foi o que cê fez até lá?

B – Eu fiz o Fundamental II, que é antigo ginásio, né? Ainda era ginásio nessa época. Da 5^a à 8^a, e que hoje é do 6^o ao 9^o, e depois o Ensino Médio Técnico, que era em Contabilidade.

P – Hum.

B – Aí eu não queria... Lá só tinha duas opções: ou você fazia magistério ou contabilidade. Aí, eu não queria magistério de jeito nenhum, já descartei logo. Falei: “o que tiver aqui eu abraço”. E aí, eu gostava de matemática também... Enfim... Fui pra essa área.

P – E como é que cê foi parar em História depois, véi?

B – Risos.

P – Risos.

B – Véi, é muita história. Eu fui parar em História porque eu tinha uma professora de redação, Elvira, ela tá na federal do Piauí hoje...

P – Sim.

B – E aí ela ficava me falando que eu escrevia muito bem, que eu podia fazer Jornalismo e não sei o que, bababã... E aí eu cresci com essa ideia de que eu devia fazer Jornalismo, mas aí, nessa época, eu me formei muito nova, isso em 93, 94... Eu acho que eu tinha 16 anos, Então assim... Ainda...

P – Bem nova mesmo.

B – Minha família ainda exercia muita influência sobre mim, então, eu queria... É.... Fazer jornalismo em Salvador, e eles não... Sabe, não me incentivaram, não me deram apoio e acabei... É... Tempos depois achando em História uma coisa que eu gostava, porque, assim... Inclusive foi assim: eu entrei em História meio que de paraquedas mesmo. A professora falou: “olha...”... Encontrei com ela tempos depois, “e aí, você fez o curso, tal...”, era um ano depois, eu falei: “não, não fiz”, ela: “por que que você não faz História? História tem muitas disciplinas que é do curso de

Comunicação, de repente, se você quiser futuramente, você pode até pedir transferência, algo assim, pá... Né? O curso de Comunicação vai ir pra UESB”... Eu: “tá”... Aí eu peguei e me joguei em História, porque eu também era trabalhadora, né, véi?

P – Urrum...

B – E precisava trabalhar durante o dia e o curso que tinha à noite, dentro dos que tinha lá na UESB, era História, não é? Não queria fazer Administração. E aí, entrei em História. Eu odiava, entendeu? Odiava o curso no início, porque...

P – É mesmo?

B - ...chegava muito cansada do trabalho, no comércio e ia pra UESB, e muita teoria no início, uma teoria chata pra caramba pra quem tá entrando. Aí, eu cheguei no terceiro semestre e falei: “se eu não gostar daqui em diante eu vou jogar esse trem pra cima”. E aí, conheci um professor, né? De Teoria da História e apaixonei pela disciplina, e aí, pronto: me joguei na... No curso e aí... Minha paixão esse curso de História. Meu divisor de águas.

P – [risos] Cê terminou quando lá?

B – Terminei... Colei grau em janeiro de 2000, véi. Eu, felizmente, não peguei nenhuma greve assim, longa, né? (inaudível) curtas, então formei dentro dos quatro anos assim, um fato histórico...

P – Difícil, viu? Ainda mais em História. Risos.

B – Risos. Fazendo ainda um pouquinho de movimento estudantil, porque, assim, é... Lá na metade do curso eu comecei a me envolver com isso. É... Inclusive, é bom que eu fale, que eu era ligada a uma religião quando entrei no curso de História. Risos.

P – É mesmo?

B – Eu era adventista do sétimo dia, então, eu era bem quadradinha, bem cartesiana. E aí, entrei no curso, e aí o curso começou a me dar várias ideias interessantes, né? Eu comecei a ler várias coisas e comecei a questionar por que que eu ainda tava ligada à religião, o que me fazia ainda tar ligada lá. E aí, saí de lá. Como eles dizem lá, fui *eliminada*. [risos]

P – Nem te imagino, véi, de adventista. [risos]

B – Risos.

P – Que eu também já lhe conheci... Cê se formou em 2000, cê falou, né?

B – Foi.

P – Foi quando eu comecei a ir nas festas de rock, foi quando eu lhe conheci, mais ou menos. Então, já lhe conheci historiadora, né?

B – É verdade...

P – Nem te imagino adventista...

B – Cê conheceu nos anos 2000. Foi mesmo. Pois é... Uma fase interessante, porque, assim: foi lá que eu conheci o vegetarianismo, entendeu?

P – Ah, você é vegetariana?

B – Sou vegetariana, entendeu? Com desejo de ser vegana assim, urgentemente...

P – Risos.

B – E eu acredito, sabe? Conexão com a natureza e tal, e era uma coisa que tinha lá, uma das doutrinas, então, eu gostava muito dessa parte.

P – Ah, massa...

B – A religião também não me cabia, porque eu questionava muito também, aí, juntou uma coisa à outra.

P – Risos. Bom, aí cê vai falar... Imagino que você começou a ir nos rock nessa época aí da UESB, né? [risos]. Conta aí como é que era a época...

B – Pois é. Eu andava pela cidade e eu via umas pichações, uns negócio, né? Mas eu nunca sabia onde era, porque não conhecia pessoas que frequentavam, né?

P – Sim.

B – Aí, quando eu fui pra UESB, que aí eu já gostava muito de ouvir rock, né? Que é uma coisa também que a religião meio que não... Né? Não permite assim, né? Você ouvir a música do mundo... Enfim... [risos] Quando eu fui pra UESB aí comecei a conhecer os meninos lá e tal, e aí eu comecei a sair mais e comecei a frequentar os shows mesmo, de rock, que tinha aqui. É, eu ia muito no show da Renegados, né? Assim, Dani desde sempre foi muito meu amigão, e aí, assim: a ideia de fazer a festa veio justamente de tentar dar uma cara diferente para uma época que eu ficava muito depressiva, que era meu aniversário.

P – Hum... É a Festa da Babilônia era a festa do seu aniversário, né?

B – Foi. Já pulei, porque, assim: eu me lembrei. Eu fiz uma conexão rápida... Quando eu quis fazer uma festa, foi justamente por isso, velho, eu gostava muito de rock e queria ter sempre os meus amigos por perto, e era uma época que eu tava começando a me enturmar bastante na UESB, tinha também as coisas assim de rede social, Messenger... É, na verdade era o IRC, né? O IRC que a gente conversava muito, né? O mIRC.

P – mIRC.

B – E aí tinha os IRContros, enfim, aí tinha toda essa coisa, todo esse clima aí que era festivo, né? Eu ainda me considerava uma adolescente que tinha aí... Entre uns dezoito e 22 anos, essa fase aí. E aí, “bora fazer uma festa?” “Bora, vamo fazer aqui, vamo fazer aonde?” “Ah, vamo fazer na minha casa”. A gente pensava uma coisa bem pequenininha mesmo assim, chamar alguns amigos. “Ah, e aí, o som? Como vai ser o som?” “ah...” E aí, o povo começou a entrar em contato: “Ó, eu sei que você vai fazer uma festa. Eu queria tocar”. Dani mesmo, eu conheci Dani a partir da festa.

P – Isso aí foi que ano? A primeira que cê fez?

B – Foi em 2001.

P – 2001. Ah. Essa aí eu não fui, mas eu só vi a galera falando depois, né? [risos] Eu ainda não tava muito enturmado, mas aí eu lembro do pessoal falando que foi massa.

B – Foi massa, véi, e aí tinha muita gente. Porque a gente começou a divulgar, apareceram umas cinco, seis bandas... Era muita banda, né? Porque, assim... Tinha muita gente tocando, fazendo cover ou alguma coisa autoral também...

P – Urrum...

B – E eles não tinham espaço pra tocar também, né? Então, quando tinha uma festa assim, que era pra botar um som ao vivo, todo mundo queria tocar.

P – Urrum... Cê lembra as bandas que tocaram nessa primeira?

B – Ó... Vamos tentar lembrar: A-Divert, que era uma banda de Japon...

P – Sim, eu lembro dela.

B – Tinha a Renegados, tinha a banda de Junão, velho... Que eu não tou conseguindo...

P – Paralips?

B – Não sei se era Paralips na época... Mas era a banda de Junão... E tinha a Inércia também... A Inércia tocou... Gente!

P – Risos

B – (inaudível) essas... E aí foi numa casa, entendeu? numa casa, numa área residencial lá no... Ao lado da igreja Nova Sião ali, na 10 de Novembro... Assim: foi ousadia demais, e a gente começou a divulgar numa rádio, que eu tinha um amigo que trabalhava na antiga 100,1, e aí era muito meu amigo do IRC também, aí eu falei “ó, vai ter a festa”, aí ele começou a divulgar no rádio...

P – Risos.

B – Risos.

P – Aí já tinha Miguel também, né? Já tinha, né?

B – Tinha Miguel também. Miguel também divulgou essa festa. Divulgou sim. Fui lá (inaudível) com ele já na segunda. Enfim, velho... Foi gente pra caramba. Quando a gente chegou lá pra botar a festa pra funcionar tinha muita gente do lado de fora, e aí a gente começou, nesse processo de que a festa já tava assim, muito divulgada, a querer botar um sonzinho melhor e tal... A gente cobrou, assim, 1 real. Era 1 real pra entrar na festa. 1 real. (risos) 1 real e aí cada um levava a sua bebida, e depois a gente resolveu botar bebida pra vender, pra poder ajudar a pagar o som, enfim... Foi isso, entendeu? E aí, a partir daí a gente quis fazer a segunda. Eram eu, Afonso, Dedé, Diego também, que ajudava...

P – Diego?

B – Diego Garcia.

P – Ah, tá... Essa primeira foi na casa de quem?

B – Foi na casa de Afonso e Nani, que é de Vitor.

P – Mas vocês são muito doidos de fazer uma festa numa casa e divulgar no rádio. Risos.

B – Risos. Loucura demais. A gente também não imaginava que ia dar assim... Ter tanta gente. Pra você ver que tem muita gente também que ouve rádio. Porque assim: a internet não era uma coisa pra todo mundo, não é, velho? No início dos anos 2000. Não era tantas pessoas que tinham. Então, enfim... A divulgação era rádio mesmo, então o povo ouvia rádio. Alguns programas de rádio (inaudível) né? é uma coisa que eu amo também viu? Rádio. Adoro. Trabalhei em duas rádios alternativas.

P – Foi mesmo?

B – Ô... Amei. Amava, amava. Fazia locução, produzia um programinha... Risos.

P – Ô, que massa. Ah, depois a gente vai falar dessas rádios aí. Outro dia, se você quiser. Risos.

B – Risos. Saudades, sabia? De mexer com isso. É uma coisa que eu gostaria. Talvez a comunicação veio daí também. (inaudível) de rádio.

P – É... Eu também tive minhas quedinhas pelo rádio.

B – Risos. Você também tinha uma rádio, não tinha não?

P – Não, eu tive um podcast, mas teve uma época que eu fui na 96 e meio que fazia um, entre aspas, um estágio pra locutor, aí eu ficava lá... Conheci Gilmar Bruto lá, me ensinou a mexer no Sound Forge, pra editar vinhetas e tal. Fiz uns testes, depois eu sou muito doido, eu saí fora, não sei ne por que. Risos. Eu achava massa.

B – Até hoje eu acho, velho. Eu ainda escuto rádio, procuro algumas rádios pela internet, mas assim: infelizmente a paixão... Né? Não entrei para a profissionalização, né? Então, não entrei no rádio. Mas é uma coisa que eu gosto muito.

P – Sim, aí cê tava falando da segunda...

B – Ah, sim. Pois é: aí veio a segunda. Pois é, a primeira foi em março, né? De 2001, a segunda também foi em março, de 2002. Assim, na primeira quinzena sempre. E nessa segunda festa foi interessante, porque a gente já quis fazer uma coisa bem maior mesmo, já pensando em ser maior, né? Pra ter mais pessoas, pra não ser numa área residencial, né? Restrita... Aí a gente foi pra o centro, né? Fui fazer uma festa no centro, porque o centro é uma área comercial, né? Ao menos era, né? Aquela época. Hoje o centro ainda é bastante residencial, né? Cê tem casas comerciais embaixo e vários quitinetes em cima, e enfim... Muito habitado o centro hoje. E aí, a gente fez essa festa lá ao lado do estacionamento do Bradesco, onde a gente botou um som que era o som de Cabral. Na época era um sonzaço...

P – O melhor, né? Que tinha na época.

B – É... Tinha gravação, MD, não sei o que... E aí, a gente foi, colocando algumas bandas que já tinham tocado na primeira, né? Dani mesmo foi uma presença confirmadíssima... E aí, foi botando outras, a 1 em Pé, 2 Alados...

P – A-Divert também tocou, né? Com Japon cantando. Essa eu fui.

B – A-Divert tocou. Foi. Risos. Ai, tinha muita banda... Oásicos... Tinha muita banda que hoje não tem mais também. D-Phezzys.

P – De Vitor. (risos)

B – Muita gente tocando. Tinha a banda de Marcelão também. Eu não lembro o nome...

P – De reggae? Marcelão do reggae?

B – Marfelão do reggae. Tinha uma banda dele... Eu não sei se era Menarca... Acho que era Menarca... Menarca. Era ele e Marconi, que é professor de português. Fez até um mestrado desses um dia desses aí. Marconi também. Pois é, tinha todas essas bandas aí. (risos) Bandas nojentas, pra demorar pra abrir. (risos)

P – Cê ainda tem essas gravações desse show? Desse MD aí que você falou?

B – Oh, pois é, velho, eu tinha alguma coisa disso aí, só que eu emprestei pra alguém e não sei... Não: na verdade, o MD, quem ficou com essa parte foi Dedé. Teria que ver com ele. Eu nunca me interessei em ouvir. Ó pra você ver...

P – Pô, meu Deus do céu... Risos.

B – Eu gostava de ver as fotos, mas não queria ouvir. Não me interessei, não pensei nessa parte de ouvir. Queria mesmo ver as fotos, registros e tal... Essa parte eu gostava de ficar... Enfim... Cultivei. Mesmo assim, sumiram as fotos. Não sei mais com quem estão. Alguém pegou não tinha WhatsApp, né? Era tudo máquina então... (risos) As fotos são físicas. Mas tem uma gravação de Dani. Dani fez umas gravações meio caseiras, tanto da primeira, tanto da segunda.

P – Ah, vou procurar ele depois. Na verdade, já tem uma entrevista com ele marcada.

B – Risos. Tem que ter com aquele verme. Risos. 2002 foi a época também que eu fui convocada no Estado, né? Então é bom que eu fale sobre isso. 2002 entrei no Estado... É... Tinha feito o concurso no ano anterior, que foi quando teve o Rock in Rio, e aí, eu tinha ganho uma viagem pro Rock in Rio e não fui com essa galera porque foi na época da prova do concurso. Pra você ver... Foi bem no final de semana, velho, e aí eu fui, fiz o concurso, e depois me mandei de lá de Teixeira de Freitas e fui pro Rio encontrar com a galera da excursão de Camelo, que tinha Gilmar, tinha Miguel, Simon, Aldo Punk Boy, essa galera toda. Risos.

P – Urrum. Eu lembro de alguma coisa de ouvir falar dessa excursão de Camelo.

B – Lucy foi nessa... Luciana Vital também foi nesse Rock in Rio comigo... Comigo não: eles foram na frente, eu encontrei com eles depois. Diego X-Bad, que trabalha no banco. Enfim... Aí foi nessa época que eu fiz o concurso do Estado. No outro ano eu fui convocada e foi bem nessa época da Festa da Babilônia. E aí a Festa da Babilônia ficou sendo também uma festa de despedida, que eu tava indo embora. Aí, juntei tudo, as duas coisas...

P – Ah, cê ia mudar de cidade...

B – É... Mudei de cidade exatamente depois da festa. Eles me ligaram antes: “olha, você foi convocada pra vir”. Porque não tinha sido publicado no Diário, mas as escolas já mantinham contato, né? Com o professor. Na época era assim, aí eu falei: “vixe, eu não tou nem sabendo disso!” Ela: “Pois é, então, você se arrume e venha logo!”

P – Foi pra que cidade?

B – Mucuri. Extremo sul da Bahia. Eu falei: “ó, mas eu tenho um compromisso pelos próximos dias”, que era a festa, que já tava marcada. Aí ela: “mas você vem que dia?” Eu falei: “vou tipo... Dois dias depois”. Aí pronto: fui pra Mucuri.

P – 2003 né?

B – 2002.

P – Ah, essa aí que cê tá falando foi depois da Festa 2.

B – Foi durante a Festa 2. Que eu fui embora.

P – Ah, tá...

B – Eu fiz a festa e dois dias depois eu fui embora. 2002, e aí fui morar numa cidade que eu não conhecia de jeito nenhum. Só conhecia pelo Google, que era Mucuri. É... Idealizei morar lá porque era um lugar tranquilo, era litoral, eu tava a fim de experimentar uma vida no litoral e porque era uma vila assim, que era bem pequena, né? Uma cidade que er abem pequena, que sobrevivia de turismo, mas era de pesca, não sei o que, artesanato, eu falei “ah, vou ficar nesse lugar aqui, mais tranquilo”. E aí, cheguei lá, surtei, né? Porque eu sempre fui urbana e cheguei numa cidade pequena demais. (risos)

P – Calmaria demais, né?

B – Ai, enlouqueci na cidade. Meu Deus!

P – Quanto tempo lá?

B – 2 anos. Essa época, eu já cheguei assim: a cidade muito carente de professor, assumi 40 horas, como um contrato extra com o Município. Depois assumi mais 20 numa escola particular, então fiquei 60. Aí trabalhava demais.

P – Bom, o tempo passou rápido pra você. Risos.

B – Risos. Fiquei 60, aí depois eu reduzi pra 40, porque eu não dei conta não. 60 horas não é pra mim não. Pra quem tem muita coragem, eu não tenho essa coragem.

P – É... Pauleira, viu?

B – Pauleira demais. Trabalhar em sala de aula com 60 horas véi, semanais. Cê dar conta de muita conta. Cê pira.

P – Ensino Médio, né?

B – Porque são muitas séries, entendeu? A carga horária de História é muito pequena, então cê tem que... Pfff. (gesto com o braço)

P – Arran... E cada uma com um assunto diferente.

B – Exatamente. Aí, pra você ser tipo, um professor menos medíocre, cê tem que preparar aula né, véi? Aí, cÇe se estressa, porque a vida fora da sala de aula é foda! Cê tem que planejar aula, cê tem que dar conta de sua vida pessoal, cê tem que dar conta de sua vida como mãe, entendeu? Mulher, todas essas necessidades e a escola ocupa muito tempo. O professor tá muito em sala de aula, e pouco tempo pra planejar, o professor tem que ter mais tempo pra planejar. Essa é a realidade pra educação melhorar.

P – Seu filho já tá com quantos anos?

B – 13 anos.

P – 13 anos. Mooss... Passa rápido, hein? Risos.

B – (sinal de positivo com a cabeça)

P – Eu lembro, você postava coisa, ele pequenininho, tal...

B – Pequeninho. Altas histórias, meu filhote.

P – Risos. Aí você de lá cê passou dois anos. Cê o que? Pediu transferência pra cá ou foi outro concurso...

B – Pois é... Esses dois anos eu conheci o pai do meu filho, né? A gente se conheceu virtualmente, depois pessoalmente, ele morava em Ilhéus nessa época, e eu em Mucuri. A gente resolveu morar junto, ele foi morar comigo lá em Mucuri, e aí a área dele lá não era uma área bacana, a área de tecnologia né? Assim, informática e tal... E aí a gente resolveu, eu pedi transferência pra voltar pra Conquista, eu não tava muito a fim também de continuar por lá... Nessa época também, eu meio que adoeci... E aí, consegui me remover pra Conquista, aí cheguei aqui no final de 2003.

P – 2003.

B – Cheguei, eu estava grávida, inclusive, só que aí eu, pouco tempo depois, eu perdi o bebê. Dezembro de 2003. Assim que eu cheguei. Aí, depois, em 2004, comecei a atuar aqui, né? Fui transferida nessa época de férias, então fui trabalhar no Sá Nunes, que é uma escola que eu gosto muito, entendeu? Foi a primeira vez onde eu botei o pé numa sala de aula quando eu era uma estagiária em 97 em 97, dando aula de inglês, aula de ciências...

P – Olha... Risos.

B – Risos. Ai, a UESB tinha essas coisas, né? Enfim... Aí fui pro Sá Nunes e eu só tinha 20 horas nessa época e fui trabalhar à noite. Eu sempre gostei muito de trabalhar à noite. Sempre gostei de trabalhar com jovens e adultos, né? Trabalhei lá. Depois, entrei no... Cansei de ficar tentando o enquadramento, na minha área de História parece que não saía nunca, ou então eu era uma pessoa perigosa que não podia ter 40 horas. Risos. Sei lá que porra era que eu nunca conseguia enquadrar, véi. Aí eu fiz outro concurso. Aí dessa vez eles foram obrigados a me chamar, e aí me chamaram já pra enquadrar. Aí eu fui trabalhar no Adélia Teixeira, onde é outra família que eu amo demais.

P – Cê dá aula lá até hoje, no Adélia?

B – Tô, tô no Adélia... Esse ano eu não estou em sala de aula porque eu estou numa função lá chamada Articulação de Curso, que é de Segurança do Trabalho. Então, mesmo não sendo na área, eu estou lá ajudando a área de Segurança do Trabalho, que é outra paixão, que eu vi o curso nascer e, enfim... E aí, fui pra sala de aula, dando aula de História, de Sociologia, por isso que eu tô fazendo Sociologia também, porque tô dando muita aula de Sociologia, e aí eu tô começando a querer me aprofundar mais, e aí eu fui fazer o curso. Gostei. Tô gostando, na verdade. Só não terminei ainda, estou em vias de conclusão.

P – Ah, já tá terminando...

B – Tô terminando agora em dezembro.

P – Ah, show de bola demais. No finzinho já.

B – Pois é. Não me aventurei pelos mestrados, não tive a disciplina dos mestrados.

P – Risos. Eu também não tenho não. Risos. Mas tenho a cara de pau, né? Risos.

B – Cê tem foco, meu jovem (inaudível)

P – Admiro, hein? Admiro quem tem. Risos. Comigo é meio difícil.

B – Pois é, eu admiro quem tem (apontando em direção à câmera). Eu admiro quem tem. Eu não tenho. Risos.

P – Risos. Você... Cê fez a 3 também, não fez?

B – Se eu fiz o que? A 3, fiz, fiz a 3. A 3 eu fiz... Eu fui pra casa... Pois é, aí depois disso, eu queria voltar com a festa, mas assim: não tinha pessoas pra apoiar fazer a festa,. Tipo assim: a minha gangue, né? Oficial não tava mais querendo fazer a festa. E aí, assim: fazer uma festa dá trabalho, entendeu? Cê tá achando que não dá trabalho não... É só chamar o povo: “bora, chega ali...” né não: cê tem que se organizar, botar... É... às vezes até melhorar a coisa de energia, né? Enfim... Ver bateria, ver som, ver... É... Bebida, não sei o que, quem vai tocar, quem vai divulgar... É uns trem assim que num topava fazer só, enfim... E aí, resolvi fazer a festa na Casa do Rock na época. Era Casa do Rock já...

P – Aí foi o que? 2014, por aí? 13?

B – 2015... Não, foi 2013, 2013... Foi 2013. Exatamente: foi em 2013, e aí tinha... Foi nessa transição de Casa Fora do Eixo pra Casa do Rock, não sei exatamente quem é que tava gerindo a casa nessa época. Acho que era Gilmar. Enfim... E aí, fui fazer a festa lá, e dessa vez eu precisava levantar uma grana, porque meu filho precisava fazer uns exames em Salvador, e tal, e aí eu falei: “poxa, eu vou botar o ingresso bem simbólico, só pra poder ajudar a custear essa viagem. E aí, foi isso: uma festa, novamente, sem fins lucrativos, sempre foi... A primeira... A segunda que deu uma graninha, que eu fui viajar pra Mucuri com 300 reais, que era a grana que eu tinha, grana da festa... Risos. 300 Reais. Enfim... Aí foi isso: aí a gente foi, aí teme Nem da Cama de Jornal, Dani de novo tocou... Tinha a banda de Alfredo, que eu não me lembro o nome da banda de Alfredo, gente... Alfredo e Anderson... Tinha uma banda... Tinha a Ladrões de Vinil, né? Meninos, mais... E tinha a banda de João, Jackass...

P – Jackass.

B – Jackass... Ah, foi massa essa festa também...

P – Essa eu perdi, não sei nem por que. Não lembro.

B – E assim... Foi massa, porque foi voltando a ideia original da festa, que era fazer a festa em uma casa. A gente sempre pensou isso.

P – Ah, é. Verdade.

B – Uma casa. Era essa cultura da casa. Por sinal, era pouca gente. Não era pra ser assim... 200, 300... Era uma reunião ampliada. Tipo umas 60, 80, 100 pessoas, e aí, sempre do início sempre foi muito mais. A ideia era assim, de fazer uma festa numa casa, com amigos, pra gente ouvir música, rir, ver os amigos tocar... Era isso.

P – Podia fazer a próxima aí, né: Depois que acabar o pandemônio. Risos.

B – Pois é, velho... Depois disso eu ainda fiz mais uma, agora eu não lembro exatamente o ano. Isso já foi já na... Em Ailton, né? Que era o Underground. Só que tava em construção, então foi bem... Risos. Bem *underground* mesmo. Não teve banda. Aí já foi só discotecagem mesmo.

P – Ah, tá. Mas o nome foi Festa da Babilônia mesmo?

B – Não, não foi não. Foi um ajuntamento. Não foi uma Festa da Babilônia não. Enfim, eu penso em fazer uma Festa de novo, sabe? Mas, assim: Eu tenho preguiça, na verdade. De correr atrás.

P – É uma labutinha, hein?

B – É uma labutinha, velho... E sei lá. Hoje eu dia eu acho que pra fazer uma festa é muito burocrático às vezes, sei lá. Só se você fizer uma festa numa casa sei lá, num sítio. Porque se for dentro da cidade assim, uma festa mesmo, eu acho que vizinhança não deixa, né? A polícia bate em cima, sei lá. Porque tem essa coisa do barulho, né? Se você fizer numa casa, numa área residencial, não dá.

P – Eu não sei nem como é que a Casa do Rock conseguiu durar tanto tempo naquele bairro ali.

B – Exatamente. Exatamente, naquele bairro. E juntava um povo muito doido ali, falando alto, bebendo na porta dos outros, né? Risos.

P – Risos.

B – É isso...

P – Show de bola. Cê tem acompanhado as bandas mais recentes ou você meio que se desligou um pouco?

B – Eu acho que eu me desliguei das bandas aqui de Conquista, né? Eu me desliguei, velho... Porque, sei lá, depois que eu também me tornei mãe eu fiquei muito... É... Focada. Precisei ficar um tempo bastante focada aqui nas coisas aqui em casa, entendeu? É... Meu filho nasceu com hidrocefalia, ele passou por várias correrias cirúrgicas no início, ele adoeceu, ficou internado um tempo se recuperando, teve meningite, foi transferido pra Salvador então, foi bem puxado no início.

Eu precisei ficar dois anos fora de sala de aula porque ele era um bebê de alto risco e tal... Fez três cirurgias no crânio em menos de oito meses de vida, então... Entendeu? Meio brabo.

P – Não, aí o mundo da pessoa vira outro.

B – Correria braba, e depois a gente descobriu que ele tinha... Que ele tava no espectro, né? Do autismo, então ele tem TEA. (inaudível), então é uma correria. Então, assim: minha vida é bem corrida. Eu tenho muitas ocupações, sabe? A gente corre atrás de tentar oferecer pra ele um tratamento, né? Multiprofissional, tal... E isso é uma coisa pra vida, entendeu? São demandas. E aí, você acaba ficando mais cansado, né? A gente chega o final de semana, cê fala: “ah, não vou mais pras festas. Vou ficar em casa. Vou descansar, né? Ficar por aqui”. E aí, com isso, eu parei mais de ir nas festas, fiquei muito tempo sem ir nos shows, né? Centro de Cultura, não sei o que... Carlos Jehovah... O Carlos Jehovah, às vezes eu tentava me organizar e ir, né? Nos shows mais punks, e tal... E fui, mas meio que distanciando mesmo... É isso. Minha rotina como professora também, me cansa muito.

P – Pois é. Pra mim aqui tá show de bola. Tem alguma coisa assim que cê lembre que cê acha que seria legal também relembrar?

B – Ah, eu tenho que falar, véi. Do movimento. A (inaudível) de afinidades, eu não conto a história linear. Risos. A gente fez um coletivo de afinidades, é... O Conquista Ativa. A gente aproveitou um Point do Rock que tinha, e divulgou, né? Era eu, Mauri, Vitor, Marcelino, Lázaro... É... Enfim... E aí a gente pegou uma época de micareta e começou a divulgar que a gente ia fazer uma reunião e era na... Num lance da prefeitura... Casa da Cidadania. A gente já criticava o nome, né? A cidadania tem casa? Como assim? Negócio estranho... E aí, a gente reuniu lá, e foi muita gente nesse dia, e a gente ficou assim... Porque a gente era muito perdido assim... A gente queria fazer algum movimento de caráter próximo do libertário, né? Do anarquista e tal, mas a gente não tinha muita leitura. Só queria se juntar e tentar fazer alguma coisa, ideia de revolução, não sei o que... E aí, a gente se reuniu e o que a gente vai fazer? E aí a gente abriu pra todo mundo falar o que a gente ia fazer... Ó que loucura... Tinha, sei lá, umas 80 pessoas no lugar... Risos...

P – Rapaz...

B – E aí a gente se reduziu depois a um grupo de, sei lá... 6, 8 pessoas, e a gente fez um encontro anarquista aqui em Conquista... Um encontro estadual.

P Foi quando isso aí?

B – Foi em dois mil e... Logo quando eu voltei: ou foi 2004 ou foi 2005. Foi logo que eu voltei. Foi bacana, velho. Veio gente de Salvador, veio um cara de Campinas, a gente discutiu algumas coisas e tal... Foi lá no Centro de Cultura. Foi massa. Depois a gente fez um show lá no Carlos Jehovah, um dia de punk, né?

P – Risos. Carlos Jehovah é o templo do punk, né?

B – Inclusive, eu quero mostrar: eu estou com a roupa da festa da Babilônia. (mostra a blusa). Eu vou mostrar. Risos.

P – Rapaz... A roupa que cê usou lá...

B – A roupa que eu usei lá. E as correntes... Sempre gostei, as correntes... E aqui, ó... Eu quero mostrar: é uma roupa que tem um patch anarquista, que eu peguei do encontro internacional em Salvador, que eu participei. O Encontro Internacional Anarcopunk. Fala assim que “as meninas boas vão pro céu, mas as más vão pra onde querem”.

P – Risos. Que massa, velho!

B – Legal essas coisas, né?

P – Cê guarda coisas assim, de... Cartaz, essas coisas?

B – Eu tenho... Eu, assim: minha casa é muito pequena. Eu moro num apartamento, né, velho? Eu tive que jogar muita coisa fora, pra não acumular caixas. Então, assim: eu tenho uma caixa de cartas. Eu tenho muitas cartas colecionadas, mas coisas do rock eu tenho pouquíssimas coisas... Muito poucas. E algumas coisas que eu tinha dessa época rock anarcopunk eu doe pro PROLER.

P – Aqui do Centro de Cultura?

B – É... Eu tinha muito material anarcopunk. Coisas que a gente fazia e coisas que eu recebia de fora eu dei pra lá. Espero que eles estejam sendo guardiões dessa memória.

P – Ah, depois eu vou lá futucar pra ver. Risos.

B – Não tenham jogado fora, porque isso é importante, velho...Pro movimento de (inaudível), enfim... Mas foi bom lembrar dessas coisas, velho. Eu tenho muita gratidão por essa época, sabe? Porque eu conheci pessoas maravilhosas assim, que foram meus amigos, sabe? Que são meus amigos que eu prezo muito. Então essa época, as coisas eram assim: era como... Todo mundo se conhecia, né? Era muito bacana, véi.

P – A gente sempre falava na época que os shows rolavam, tinha todo mundo e não rolava briga, era todo mundo de boa...

B – Pois é, velho, era muito bacana, era bom demais, esse espírito super...

P – Cê se sentia acolhido, né?

B – É... Ou também, a gente tá ficando velho e tá...

P – Risos. Nostálgico. Risos.

B – Risos. Pode ser, pode ser. Mas é bom, eu gosto muito de lembrar dessa época. E quando eu encontro gente que lembra dessa época, “aai” e fica conversando: “cê lembra de fulano, de sicrano, beltrano... Cadê fulano?” É isso, Plácido.

Final em 44:26

NIEL COSTA

Microempresário. Técnico de som. Baixista Atestado de Pobreza, Renegados.

Nome completo: Osniel Costa de Oliveira

Data da entrevista: 25/10/2020

Transcrição: 03/04/2021 – 09/04/2021

Início em: 1:10min

PLÁCIDO – Acho que ninguém foi mais em show em Conquista que você, né? Risos. Show de rock.

NIEL – Rapaz, isso é verdade assim, porque eu já venho já de um (corte) depois deu um hiato assim, de tempo, mas já realizava show em 1988, 89. Acho que o primeiro show acho que com o pessoal da banda Atestado de Pobreza em 89, foi na escola (corte), entendeu? Acho que, de lá pra cá a gente movimentava alguma coisa, porque também, né? Já fazendo parte da história, não existia promotores de eventos então, a cada banda, quando (corte) pra tocar ne algum aniversário, alguma coisa, a gente tinha que promover os próprios eventos, entendeu? Eu cheguei a fazer acho que uns, junto com outras pessoas também, acho que uns dois ou três, nesse período aí de 89 a 90.

P – Bom, vamo começar do começo então: a primeira coisa que eu pergunto pra pessoa é: cê nasceu quando e onde? Cê nasceu em Conquista mermo?

N – Aqui em Conquista mesmo. Eu nasci no dia 5 do 9 de 72, em Vitória da Conquista, aqui mesmo. Precisamente, no Alto Maron.

P – E aí, como é que foi sua infância? Como é que cê foi chegar no rock n' roll, me conta aí um pouquinho como é que foi a sua...

N – Rapaz, é assim: eu fui na adolescência. Na verdade, é... Eu venho de uma família evangélica, e até os dez, onze anos eu ia pra igreja. Igreja Batista Betel, na rua 10 de Novembro... 10 de Novembro não... Ali acho que é João Pessoa. E aí assim, com 12, 13 anos, a gente começou a descobrir com a proximidade do Rock in Rio, né? Aí começou aquela coisa rock, rock... Eu ainda não tinha ideia do que era rock, a gente falava de rock, mas imaginava que era uma coisa mais (corte), eu não tinha nenhum outro contato com banda de rock, a não ser quando os pastores falavam, né? Eu lembro que o Kiss veio em 83, 82, eu era pequeno, eu lembro do testemunho de alguém, que disse que a marquise levantava meio metro do palco, e eu lembro que ali que me marcou. Eu falei “gente, é coisa do satanás mesmo!”.

P – Risos.

N – Aí eu acho que (corte) esse período de 84 (corte) igreja, né? Aí pra mim ouvir as bandas de rock assim, e começar a entender e gostar foi... É... Período de escola, associado ao Rock in Rio, né? Porque eu já começava a ouvir alguma coisa do rock na época: Camisa de Vênus, o rock nacional, né? Que já tinha uma efervescência, e a gente tinha essa base. Aí, depois do Rock in Rio, que já passei a ouvir (corte) de rock, comprar disco, essas coisas, e em 87, 88, aí, já tinha aquele pessoal de rua, né? As (corte) se associava a um, no colégio tinha as turminhas que curti rock, entendeu? E aí, passamos... Naquela época em Conquista não tinha um público de rock. Não tinha, digamos, um décimo dos que tem hoje, né? Pelo menos assumidamente. Então, naquele período as pessoas assim, não tinha rede social então, ficava cada um no seu quadrado e tinha os colecionadores de disco, né? Que era uma coisa que também aproximava a gente. “Fulano tem uns discos”, a gente ia na casa de Siclano, que nem conhecia, porque alguém falou que ele tinha disco, a gente batia na porta mesmo: “e aí, tudo bom? Tal... Que eu curto rock”, aí os caras mostravam aquela coleção de vinil, né? E aí a gente aproximava, começava a trocar vinil, negociava, depois veio o período das fitas, mas era nesse movimento aí que ia surgindo a galera do rock. Então, tinha um pessoal de várias gerações. Eu lembro que na minha época os caras quarentões que ouviam Led Zeppelin, ouvia Black Sabbath... E já ouvia e tinha disco, né? Então, eu nunca tinha visto disco do Black Sabbath, acho que 80 e poucos... É... 86, 87... Eu achava estranho, as capas meio tenebrosas... Pra quem vinha de igreja tinha assim, uma (inaudível).

P – E você ouvindo isso em casa, velho? Como é que foi? Cê na igreja ainda, e cê começou a levar esses discos pra casa... Como é que foi a recepção?

N – Rapaz, assim: a sorte minha, assim: porque também teve os precedentes que eram os irmãos mais velhos, que todos gostavam de rock, né? Na verdade, eu tenho um irmão que chegou a tocar em uma banda, que na verdade foi a primeira banda de rock punk de Conquista, que chamava Exame de Fezes. Era um irmão mais velho meu. Então, ele levava esses discos primeiro, com as chibatadas, né?

P – Como é o nome dele? Risos.

N – Osinaldo. Ele fez a banda inicialmente com Dalmo. Dalmo que era da banda. Era Dalmo, ele, Formigão e Helder, bateria. Helder é dessa época também já bem nos primórdios.

P – Helder, da Cama de Jornal?

N – Cama de Jornal. Isso.

P – Ah, rapaz...

N – Helder participou também dessa primeira banda de... Digamos assim, desse rock antigo. Que já existia banda de rock nesse período, como a banda SS-433, banda K Vermelho 27, mas era aquela coisa mais pop, né? Banda de rock assim, tocando metal e punk, surgiu mesmo aqui em Conquista em 1986, mais ou menos, 87...

P – Sim. Cê estudava onde nessa época aí?

N – Nesse período eu estudava no Diocesano. Colégio Diocesano. Colégio do padre.

P – Risos. É, isso que eu tava pensando aqui.

N – E também tinha um público forte lá assim, na época né? Porque tinha os locais onde tinha uma galera. Então, esses movimentos mais alternativos de rock vinham mais de esquina. Era pouco, é... Quase não tinha assim um grupo de bairro, porque era tão pouca gente que não conseguia formar um grupo, mas as escolas tinham. Então, tinha o pessoal da Normal que eu lembro que tinha uma galera mais... Que já ouvia um som mais pesado na época, né? Pessoal da Agrotécnica... Não sei se ainda tem esse nome que era Sérgio de Carvalho, né?

P – Hoje é CETEP, eu acho. CETEP.

N – Era. Mas na época tinha, um... Assim: juntava uma turminha de cinco, seis, juntava com outro... (corte) Diocesano, eu devia ter uns 12 ou 13. Então, no período da manhã, aí à tarde. Então, às vezes o pessoal se encontrava né? Pra poder marcar. Como não tinha show, às vezes a loja de Rogério, que era a Scorpions, na época, Eu não sei se (corte). A gente às vezes ia lá ver a fita... A loja era o ponto de encontro, né? Como era uma loja de disco...

P – Como era o nome da loja?

N – Na época? É loja Scorpions. E essa loja...

(pausa para ajuste de conexão)

N – Aí teve essa loja Scorpion, depois ele transformou, se eu não me engano em Metal, acho que era Loja Metal... Metal Brigade, uma coisa assim... Isso em 87 também, 88.

P – Sim. Essa loja ficava aonde? Lá no centro?

N – Não tem aquele becozinho chamado Beco da Tesoura... Na verdade, Beco da Tesoura não... Ali é um bequinho de Rai.

P – Ah, do sebo de Rai ali.

N – Isso. Se eu não me engano, o local dela era o equivalente hoje à loteria. Era mais ou menos ali. Ela servia na ponto de encontro assim, às vezes pra a gente trocar ideia, conhecer pessoas novas, né? “Ah, fulano aqui curte o som também”, aí mais aproximava era assim, né? As bandas né? O cara que tinha uma banda que compartilhava e aí criava mais um vínculo, né? “Ah, fulano aqui curte Metallica, tal”; “Ô, cê tem os discos?” A gente marcava pra encontrar na casa do cara pra poder a gente ouvir esses discos, tal... E era mais ou menos assim.

P – Shows então, eram uma coisa bem rara, né? De banda, assim...

N – Muito rara, e a gente às vezes ficava meses sem fazer show. Quando surgiram as bandas, né? Que depois virou o Atestado... Que já existia uma banda chamada Depressivos... Aí, surgia a oportunidade assim: escolas, como surge ainda, né? Alguma gincana, o pessoal chamava pra tocar, aniversários, levava as caixas de um, material de ensaio, e fazia. O show propriamente dito, pago, eram pouquíssimos. Não tinha espaço, não tinha um público forte que pudesse bancar, entendeu? Porque as coisas eram bem mais difíceis que hoje, a questão de logística, de locação de som, era mais caro, os espaços não (corte). Então, quando a gente conseguia, era alguma coisa pública, o

teatro Carlos Jehovah... Eu lembro que o Depressivos fez um show lá... A gente fez alguns no Centro de Cultura, outros conseguiam a praça da Normal...

P – “A gente” cê fala qual?

N – “A gente” assim: que eram da banda, né? Que eu falo “nós da banda” que tomávamos a frente de fazer os próprios eventos. Agora não tinha produtor. Atestado de Pobreza. Aí, com essa formação, que a gente teve, eu devo ter feito ao todo, apresentação, entre shows em aniversário, colégio, eu acredito que deve ter chegado a umas 7 a 8 apresentações. Alguns shows beneficentes que na época a gente fez um... Associou na época a um propenso, que era o... Que eu não lembro o nome. Tinha Absolon. Ele tinha uma entidade que criava... Na verdade cuidava de crianças carentes e aí chamou a gente pra fazer show beneficente, e aí nós fizemos, tiramos foto, e por coincidência, lá atrás, essa foto que foi tirada pelo pai de Nem, da Tosco Todo. O pai dele tirou a foto pra botar no jornal. Na época o jornal conquistense, que o pessoal... É Davi que tinha, né? Pra anunciar esse show beneficente, e Nem disse que tem essa foto até hoje. O negativo, alguma coisa... O pai dele, tinha o (corte) o fotógrafo, né? Que era um... Na época não tinha essa coisa de a gente tirar foto: chamava o fotógrafo, o fotógrafo tirava, revelava e depois passava pra gente. Então, mas assim: produtor mesmo, não tinha. Não conheci ninguém que fizesse um evento próprio, eles. Assim, produzir. Eram as próprias bandas que corriam atrás, tanto a Depressivos como a nossa banda. As bandas de rock maiores que já tinham conhecimento com o público, que eram a SS-433, aí sim: às vezes já tocava fora, ia pra Ipiaú, em festivais, mas nós não tivemos essa sorte. A gente ficou sempre por aqui mesmo na região. Acho que o local mais longe que eu cheguei a tocar com a Atestado foi Itambé. Uma gincana que tava lá, o pessoal gostava de rock, pra animar... Uma equipe... Aí, mandou uma Kombi da prefeitura, o PF pra todo mundo e nós fomos pra lá. Da mesma forma que é feito hoje. “Eu lhe dou transporte, um local pra ficar, e cês tocam aqui”. Aí a gente levou o equipamento de ensaio e fez a baderna lá mesmo.

P – Massa. Gincana é um negócio que não rola mais, né, véi? Que antigamente movimentava a cidade mesmo.

N – É... E mais tarde, assim: Eu acho que já tinha acabado com a banda. Em 91, 92, já começou, também, eventos em Poções também, é dessa época. Era uma outra galera, mas tinha eventos que eu já fui em eventos em Poções... É... Banda Headhunter já tocou lá, nesse período, e já tinha umas bandas mais conhecidas fazendo eventos mais organizados até de que os daqui. Porque os eventos lá eram feitos como festivais. Aqui, a gente chegou a fazer um evento com uma banda. No qual a gente (corte) estranha, porque punk, as música é pequena. A gente tocava o repertório todo, dava um talo, entendeu? E voltava a banda novamente tocando mais uns 30 minutos, quarenta minutos pra terminar a festa.

P – Entendi. Risos.

N – O show de uma hora e meia, duas horas. Falta de banda, né? Quando começaram a surgir novas bandas, aí o pessoal aproveitava esse (corte) pra dar a famosa canja, né? Entendeu? Aí, intervalo, alguém seguia lá com a banda completa, surgia e pedia pra gente o espaço, né? E a gente sempre abriu. É... Tinha uma outra banda da época, né? Que era a Depressivos, que os componentes eram amigos da gente, mas eles não tinham essa abertura. Normalmente eles não gostavam de dar o espaço pra novas bandas, entendeu? Por isso, também, a gente levou a gente a ter que produzir os

próprios shows. Aquela coisa *faça você mesmo*, porque ninguém chamava a gente pra tocar. Quando eles tocavam, às vezes na mesma pegada, de tocar 1 hora, dava intervalo, tocava novamente, e não abria o espaço pra novas bandas, né? E a gente tava com banda formada, já tinha repertório e a gente ficou paralelo ali uns dois anos e nunca chegou a fazer um show as duas bandas juntas. Era quase que uma rivalidade. Não pessoal, que não tinha, mas a questão de público assim, tinha um pessoal que gostava mais da Depressivos, tinha gente que gostava mais da Atestado e tal e criou-se um pouco dessa rivalidade.

P – Aí o que? Início dos 90, né? Final dos 80 aí...

N – 89, 90...

P – E a década de 90, velho? Como é que foi pra você, assim? Eu mesmo, não tenho conhecimento de causa nenhum. Eu só entrei na cena mais ou menos em 2000. Em 90 assim, que que rolou que cê lembra?

N – 90, é... A 90 já ficou assim: porque é daquele público já formado do pessoal dos anos 80, né? Os meninos novos tavam começando e veio aquela onda já do grunge. Eu lembro que teve o ápice aí do Nirvana... Foi mais reinado nessa pegada. Então já vinha uma galera mais nova. Aí os *truezão*, que a gente chama até hoje, né? Os caras que gostavam de metal, foi um período assim que... Eu não me lembro, assim, de uma banda grande, de outra coisa que surgiu nesse período. Foi um hiato grande até o período de (corte) década de 90 aqui no circuito, é... De Conquista, praticamente, ela sucumbiu. Ficou só no público que curti som. Eu cheguei a fazer umas bandas de pop, nessa pegada aí também: eu, Cristian, que toca comigo hoje também, né? A gente fez uma banda Lockout, tinha a banda Hipnose, que era uma banda anterior à Lockout, que eles também fazia cover do Beatles, e também só tocava assim, em gincanas, que naquela época era comum, gincanas de colégio, feiras de colégio, tipo a Feira IST, feira do Diocesano, feira do Paulo VI, então, o pessoal usava os intervalos pra botar essas bandinhas de rock pra poder animar a meninada, né? Aí, tinha essas bandas, mas assim: era uma coisa meio... Já que a gente chama de comercial. O pessoal já tocava, que já tocava em barzinho, entendeu? Teve banda Cygnus, que fazia banda cover... É... (corte) é uma também que ficou muito conhecida, Nesse período de 90, que eu conheci, banda... Como é que era? Máscara de Ferro, não... Tinha outro nome, rapaz... Era uma banda também, que era o pessoal da universidade, Jo(corte) o vocalista, tinha um Cleber, Claudio Mengele... Então, tinha uma banda... Cortina de Ferro, lembrei agora. Essa banda também tocou bastante. Tocava sempre em CAs, abertura de shows maiores, tipo... Vinha alguma banda de rock nacional, aí eles faziam essa abertura, entendeu? Mas era basicamente cover. Eles tocavam duas músicas próprias. Que é a banda Cortina de Ferro. Banda Cygnus era uma banda também comercial: tocava só em barzinho e som cover: não tinha um trabalho próprio. Aí, nossa banda, não chegamos... A Lockout, né? Chegamos a ensaiar várias vezes, gravamos alguma demo, mas nunca chegamos a tocar em show ao vivo, pela dificuldade... É... A gente acabou fazendo um outro momento que o rock foi sucumbindo. O nacional, já tava rolando aí bandas como Raimundos, Charlie Brown, então, já era uma outra geração que não era um som, naquele momento, me agradava, pra poder tar tocando. Eu mesmo, eu gosto até de Raimundos mais hoje que na época. Eu não era fã do Raimundos não, naquele período. Hoje eu escuto, gosto e tudo...

P – Ah, cês chegaram a gravar uma demo, foi isso que cê falou?

N – (corte) em fita K-7.

P – Ainda tem, velho? Esse material?

N – Eu tenho aqui, rapaz. Eu vou dar uma procurada, que eu tenho umas três músicas, e por acidente, algumas músicas, a gente gravou em cima, entendeu? Mas assim: Do Atestado de Pobreza, nós temos muitas gravações. Da banda Lockout, eu tenho acho que uma gravação. Foi um material que a gente gravou no Centro de Cultura. Assim, condições precárias, analógica, era com fita... O vocalista já tocava em banda de baile, que a gente chamava... Banda Face Nova... E aí nós fizemos uma experiência que, na época, era uma coisa louca: a gente gravou toco um playback com a banda, sem ele, depois ele chegou de viagem, eu fui pra lá, botava o back em um deck... Efeito, a gente tirava efeito da própria pedaleira. Delay de pedal, a gente botava na voz, era uma coisa muito... Mas, ao mesmo tempo, me serviu de aprendizado. Foi a minha experiência de trabalhar com esses eventos... De trabalhar com showzinho pequeno, que me jogou na parte de mixador, né? De som profissional. Depois eu passei a comprar deck, aquelas aparelhagens que era comum, também associada ao rock, que era a pessoa que curti rock normalmente tinha uma aparelhagem de som. Você levava pras festas de aniversário e, ao mesmo tempo, ostentava dentro de casa, né? Ostentação era você ter um bom equipamento de som dentro de casa, né? Foi o período que eu conheci Adalberto, que mexe com som, que mora no Paulo VI ali, um cara que ia pro rio assistir show de rock e trazia esse material pra gente... Deck, pick-ups, amplificadores, caixas de som...

P – Cê foi aprendendo tudo na prática mesmo...

N – Isso, eu sou autodidata assim, de você ir perguntando, que eu sempre fui curioso, e mexendo, e até essa gravação mesmo, eu não tinha noção nenhuma de som. Eu sempre gostei de som de qualidade, porque eu tinha os equipamentos de som também, essas a(corte) também eu tinha, e aí a gente futucava, como dizia assim, e conseguia tirar... A gente chamava *tirar leite de pedra*. Aí, nesse período aí, a gravação me chamou tanto a atenção, que um colega meu que já tocava em rock e também tocava em banda de axé, que era Café, né? Que é finado até que tem uns dez anos, numa oportunidade que ele tava tocando com Nagib, Nagib precisava de um mixador e não tinha ninguém pra usar, e naquela época, tinha a obrigação do músico ter operador. E aí, tinha poucos, ele lembrou de mim. E aí me botou nessa parada. Eu disse “rapaz, eu não tenho conhecimento...” Ele: “Não, mas você tem ouvido. É o mais importante”. E eu fui pra esse show, em Aracatu. São Pedro. Até hoje eu lembro. São João e fiquei lá um período de, acho que dois dias tocando com Nagib. E aprendendo, né? Aprendendo junto com...

P – Nagib aí, no auge, né?

N – É, na época era. Iam surgindo as oportunidades de tocar, depois surgiu a possibilidade de eu entrar na Banda Face Nova, como operador. E o vocalista da minha última banda era o cantor, e ele que me puxou pra lá. O Edson, né? Edson (corte). Hoje ele tá morando acho que nos Estados Unidos. E ele é um cara que tinha muita influência de Guns n’ Roses, Axl Rose aquela época... Rodava Conquista todinha com um violão nas costas. Ia pra casa de um, ia pra casa de outro... Fazendo o som, tocando em porta de colégio... E aí eu formei uma banda com ele, que era eu, Cristian, Ivan, que também tá morando em Portugal hoje, e Boquinha, que é hoje o guitarrista de Durval Lelis, né? Foi meu aluno. Na verdade, eu que ensinei as primeiras notas pra ele, e hoje é

guitarrista de Durval. Tá morando em Salvador, praticamente, ele vai pra lá e volta, mas ele... Quer dizer, mora aqui, mas ele fica muito tempo por lá. Quando a banda não tá tocando ele volta.

P – Massa. E aí, cê foi entrando no mundo da técnica de mixagem, ficar atrás da mesa, meio que... Como fala... Em fade assim, né?

N – Sim, exatamente, mas o início foi justamente... A questão do rock, né? Que eu tinha o equipamento de som, fazia os eventos e não tinha ninguém pra tomar conta, as pessoas, como até hoje, né? Não têm o ouvido pra você administrar, então quando você ia colocar uma banda de rock pra tocar, a gente chegou a tocar em locais legais, tipo barraquinhas, que (corte) gravação boa até hoje, que era uma festa da prefeitura, lá na praça Sá Barreto, ali em frente ao Clube Social, e aí, quando se botava outra pessoa pra mixar, aí botava bumbo muito alto, a guitarra chega estranhava aquela distorção, achava que o som tava rachando, não devia ser daquele jeito, e aí, “tem problema não: deixa que Niel faz, porque Niel já conhece”. Aí, eu partia pra cima e tomava conta do... Da empreitada, né? E foi me direcionando pra ir pra... É... No fundo, me virou uma profissão, né?

P – Arran... Hoje cê vive disso, né? Ou você faz outra coisa também?

N – Vivo... Não, eu já cheguei a trabalhar também, assim, num período em que... Não, mas assim: basicamente, assim: mesmo quando eu trabalhava, era nessa área de som. Eu cheguei a trabalhar como mixador muito tempo, né? Trabalhando pra bandas aqui, em Minas Gerais, e depois de muito tempo que eu cheguei a montar um material próprio, né: Comprar pra poder tar trabalhando diretamente. E na verdade, mais uma vez quem me colocou nisso aí de som, porque eu tinha a iluminação também, que era uma outra área que eu trabalhava, eu já tinha uma iluminação boa. Comecei a fazer alguns eventos de rock, e aí foi nesse período de 2000, mas som mesmo pra mim comprar, foi num evento que Vitor Kamikaze, que eu já tinha feito uma amizade com ele, que ele fazia os eventozinhos dele, e me pediu: “Ô, Niel, me arruma um som pra eu tocar. Nesse “arruma um som”, ele falou: “ô bicho, por que tu não monta um som pra você? Porque você conhece de som, é um cara legal, tem um preço, tal... Era mais fácil a gente negociar”. Aí, eu resolvi, do nada, aí falei: “vou comprar um sonzinho pra mim”. E o primeiro evento de rock que eu fiz, foi lá, não sei se é do seu período, ali em frente ao Camarote Massicas, tinha outra boate, que era a Midnight...

P – Midnight... Fui lá.

N – Ela tava desativada, e Vitor fazia esses eventos lá. Isso já foi 2002, 2001... Uns eventos de rock lá. Alugava o espaço, a gente colocava um sonzinho e ele botava três, quatro bandas pra tocar. Isso aí já foi no período de 2000.

P – É, aí eu já tava.

N – Aí, pra concluir, 90 eu falei de atividade assim, foi pouca coisa, né? Que rolou. É... A Babilônia, se eu não me engano, ela já foi em 2000. Não foi, não sei se foi antes, teve... Foi em 2000?

P – Foi, foi...

N – Eu ouvia falar por um amigo meu que colocava o som pra ela, pra Paula, né? Era Paula e um outro rapaz. Esqueci o nome dele agora, não me vem à memória... Mas fazia esses eventos num estacionamento. E naquele período, eu não ia porque eu já trabalhava com som, então,

normalmente, final de semana eu sempre tava trabalhando com banda, uma coisa ou outra, não conseguia conciliar as duas coisas, dos eventos que aconteciam com o trabalho meu, que normalmente era final de semana. Que eu não tava trabalhando, uma ou outras vezes que eu estava aqui, que eu podia presenciar, né? Mas, assim: aí veio o ressurgimento, nos anos 2000, se eu não me engano, que o pessoal do Som da Trino, tinha um rapaz lá que promoveu alguns eventos cover de Legião Urbana, Legião Urbana... Além do Legião Urbana também que tocou, rapaz, que não sei se chegou a tocar, que era a banda Dezoito 21, de nosso amigo Roni. Que era bem baseada nessa linha também, de Legião... Nesse período aí o pessoal já tava assim, já fazendo cover dos anos 80, que era uma coisa que eu vivi, mas pra eles era uma coisa nova. Tocava Ira!, é... Legião, Paralamas, Lobão, mas eu mesmo não cheguei a ver a banda Dezoito 21 tocando. Se eu não me engano, parece que eles tocaram no Centro de Cultura. Não me vem à memória. Eu acho que eu tava nesse show no Centro de Cultura. A data também eu não me lembro. Teve uma banda também desse período, de 90, que era de rock e chegou a fazer alguns shows, que era a banda de Elias. Não vou lembrar o nome, rapaz, mas eu tenho essa banda gravada até hoje, em fita. Porque foi um cara que trabalhava como mecânico, ele juntou uma grana, alugou um som bom, que era o som de Nei na época, fez um show e foi bom, no Centro de Cultura. Não deve ter dado mais de que 30 pessoas.

P – No Centro de Cultura, cê fala na concha ou lá dentro?

N – Na concha. Bancou tudo do próprio bolso...

P – Na concha. Pô, 30 pessoas... Nada, né?

N – Nada, nada. É como lhe falei. Eram pouquíssimas festas que vingavam. Entendeu? Evento pop assim, de você fazer, quase todos sucumbiram. Tinha também, teve alguns eventos cover, né? Porque nesse período, como eu não tinha banda, teve algumas bandas que teve na AABB, que era Guns n' Roses cover, teve, U2 Cover, banda bem formada naquela época, né? O pessoal fazia toda a caracterização... Assim, mas vinha assim: muito na pegada do que tava acontecendo no momento. Então, se tinha uma banda que tava estourada, tinha uma banda cover que fazia o cover daquela banda e viajava pelo Brasil.

P – Ah, aí passava aqui de vez em quando uma banda dessa, uma banda cover...

N – Passava. Assim: esse evento mesmo do Guns n' Roses, a banda tava tão estourada na época, o Guns n' Roses, porque foi um evento grande. Era considerado um evento que foi feito na AABB ali naquele ginásio, né? Era um evento já pra um público de 300 a 400 pessoas. Como o Guns n' Roses não se aplicava só ao público, porque já tinha aquela época de sucesso todo, aquelas músicas estouradas na rádio, então já era um evento que abrangia um público que, digamos assim: os *playba*, né? Os *playba*, os roqueiro e a galera da Pracinha, né? Na época ainda era a Pracinha do Gil. A Olívia Flores ainda não tinha esse status não. Risos. O status de antes era a Pracinha do Gil.

P – Verdade. Eu lembro dessa época da Pracinha do Gil lá, um barulho retado, e a Olívia Flores nem existia ainda.

N – Ela era bem precária ali. Não tinha comento todo não. Era a Pracinha, e tinha bons bares ali, inclusive tinha um que era o Bar do Tuta, era onde, assim: quando tinha uma banda que era mais pop, uma coisa mais comercial, era onde se apresentava. Inclusive essa banda Cygnus, que eu lhe disse, ela sempre se apresentava lá nos domingos, sábado à noite, entendeu? SS-433 chegou a

tocar... E eu ainda era público. Mas, assim, não me associava muito a esse tipo de rock, então eu não ia. Mas a banda Cygnus eu lembro que tocou ali na Pracinha algumas vezes. Ele botava o equipamento na Pracinha mesmo, e o cara enchia aquela pracinha de mesas. O pessoal bebia e... Quase igual à Olívia, né? Naquela época não tinha essa repercussão que tem hoje, né? Hoje, qualquer barulho que tem ali, como tem pessoas de influência ali, rapidamente, a polícia chega, baixa e bloqueia.

P – E aí, nos anos 2000, assim: duas figuras que todo mundo sempre via: uma era Miguel, que também tava sempre... Fora no programa, do Som da Tribo, ele sempre apresentava a maioria dos shows, e você sempre tava lá na maioria dos shows, atrás da mesa. Que que você lembra aí dessa época? Aí, também, tudo molecada, né?

N – Isso. Exatamente. Quando veio esse ressurgimento, essa onda veio novamente, e aí veio pra ficar, de 2000 pra cá, desse hiato de (corte) sempre tem bandas, teve um movimento mais ativo. E Miguel já era desse período. Miguel da época anterior a isso, né? Eu conheci Miguel... Eu fui colega do irmão dele, e ele tinha essa ideia de rádio. Miguel teve (corte) em 1980 e alguma coisa, ele tinha uma rádio, que era um sonho que a gente tinha, né? Todo mundo que queria... Como não tinha rede social, queria tocar o rock era assim: (corte) o transmissorzinho, pra poder divulgar e tocar o som que você curte, tal... E Miguel tinha essa rádio. Era ele com um colega meu, inclusive, Gildásio, né? Montaram. Aí tinha o horário de funcionamento da rádio... (corte) o horário, que senão a polícia pega...

P – Essa aí era a Rádio Baixaria, que ele fez?

N – A Rádio Baixaria, exatamente. Isso. Rádio Baixaria.

P – É, eu achei uns arquivos dessa Rádio Baixaria. Deve ser até de Rubenildo. Achei na internet. Engraçado.

N – Exatamente. Era Rubenildo, Miguel e Gildásio. Eles juntaram uma graninha e compraram um transmissorzinho pirata e fizeram essa Rádio Baixaria.

P – Risos. Viagem demais. Só comédia, os caras contando piada, e tal... E zoando um com a cara do outro.

N – Era. Miguel já era um comunicador nato naquela época. Ele gostava de contar casos, de contar histórias, de questionar, ele sempre foi questionador, entendeu? Mas era precário. Ela pegava em alguns locais. Às vezes, eu morava no Alto Maron, e essa rádio funcionava no Sumaré, então, às vezes chegava o sinal, e tinha hora que não chegava, e tinha que ficar procurando a sintonia pra poder conseguir ouvir alguma coisa.

P – Show de bola. E aí, você sempre teve o hábito de registrar, né? Registrava os shows, registrava as coisas... Você guarda tudo assim, num lugar específico ou você vai guardando e de vez em quando pode acontecer de... Sei lá, se perder alguma coisa...

N – Rapaz, eu tenho... Já ocorreu. Eu era comum gravar e às vezes não podia gravar a banda toda nos meus MDs ou fita. Acontece que, às vezes, a pessoa ficava de me trocar o MD. Tipo assim: “Ô (corte), eu vou lhe dar um novo e você me dá esse aqui. E aí, o cara não vinha pra poder trocar. E aí, chegava no show de outra banda, eu queria gravar, falava “pô, bicho, eu não tenho MD aqui”. Aí ia

gravando por cima, que era um sacrilégio fazer isso, mas era o jeito. Isso já ocorreu. Gravar por cima pra poder ouvir coisas novas. Eu falava “pô, gostei dessa banda aí, vou gravar aqui”. E aí desgravava uma coisa. Mas, com o tempo, as pessoas acostumaram a ter essa possibilidade comigo e já me avisavam: “Ô, Niel, cê vai gravar o show?” Eu falava: “vou”. “Ah, então eu vou comprar o MD”, aí eu direcionava o lugar onde eles compravam, e aí, durante o show, eu gravava. Inclusive, Ed Goma veio esses dias aqui em casa, atrás de um MD meu pra poder ouvir um MD dos Ladrões de Vinil que eu gravei pra eles. Isso deve ter mais de uns doze anos, entendeu? E tem muita gente que tem esses disquetezinhos, né? de MD que eu gravei (inaudível).

P – Eu tenho da Tomarock.

N – Cê tem?

P – Tenho. Risos.

N – É, era costume... Foi em algum evento do Micareta?

P – Eu acho que sim. Eu toquei na Micareta com a Tomarock. Eu tenho todos os shows da Tomarock gravado em MD. E assim: como eu não tenho aparelho, né? Eu nunca ouvi. Mas tem aí guardado. Risos.

N – Ah, exatamente. Ó aí... É, rapaz, hoje em dia a gente tem que ter um cuidado com essas coisas, porque, eu falo sempre aqui com, principalmente com o Atestado de Pobreza, né? Foi uma banda que a gente tinha mais ou menos 20 e poucas músicas autorais, que era mais ou menos o que o Cama de Jornal faz hoje, e nós não tivemos nada gravado oficialmente. Nem uma demo. A gente conseguiu gravar, acho que umas quatro músicas, todo mundo junto assim, quase como um ensaio. O custo era muito elevado, não tinha estúdio aqui em Conquista ainda, né? E aí, você tinha que ir lá alugar um equipamento, levar pra uma sala e, de forma arcaica, né? Gravar tudo junto e nós não fizemos um vinil, nada que pudesse registrar. Nem uma demo assim, legal, na época a gente não tinha. A gente tem gravações de shows ao vivo com fita cassete. A gente tem fita cassete aqui gravada que (corte) ruim, ficava (som de ruído), grava o tom da música, acelerava, mas era registro. O primeiro show da gente, lá na Normal, foi gravado desse jeito. É uma pena, velho. Foi o primeiro show de rock que eu toquei e uma boa parte do que foi gravado, foi gravado precariamente assim. O cabeçote mastigando. Você conhece deck?

P – Sim, mudando a rotação... Conheço, porra... Risos.

N – Isso. Porque desarma o deck com problema, e aí a fita ficou... Mas Cristian me mostrou esses dias aqui, ele conseguiu, através de Ruckson, porque Ruckson tinha essas gravações lá arquivadas, e tá com a gente. Ele tem muito material da banda Atestado de Pobreza. E o primeiro show da gente acho que foi em 88. E o valor do ingresso era 1 cruzado novo. Pensa aí.

P – Risos.

N – Moeda que pouca gente sabe que existiu.

P – É, a molecada de hoje aí, dezoito anos, tipo assim: quando eles nasceram já tinha o Real há muito tempo, né? Então... Não faz nem ideia de como é...

N – Ficou muito tempo, naquela época da inflação, o dinheiro mudava a cada dois anos. Cê ia comprar um disco, o disco custava 1 milhão de reais, de cruzado novo. Aí, eles cortavam três zeros, quatro zeros e inventavam uma moeda nova.

P – Isso aí eu tenho lembrança de infância mesmo. Mudava toda hora. Sarney...

N – Ave Maria, inflação. Hiperinflação, (inaudível) 60%. E também, acho que foi também uma situação que ficou... Que contribuiu também pro declínio, porque teve uma época que (corte) é o disco, né? E o disco chegou a ser tão caro, o vinil que, praticamente, se você trabalhasse e ganhasse um salário mínimo você compraria dois vinis por mês. Se você não tirasse dinheiro pra comprar um tênis, uma calça, cê compraria dois discos. Então, era caro, e aí o pessoal passou pra o que? Gravar fitas cassete. Então, eu tenho muita fita cassete aqui até hoje, eu devo ter aqui, pelo menos umas 30 fitas. (inaudível) porque não tinha condição mais de comprar disco. Era também (corte) passava, de quem gostava de rock, queria tocar. A gente desfazia dos discos pra comprar instrumento. OU uma coisa ou outra. Os dois não dava pra ter. Aí era comum, fulano tinha 60 discos, 50 discos, aí, de repente, o cara falava: “vou vender tudo, porque vou comprar uma bateria”. Aí, todo mundo corria. Rapaz, era aquela (corte) pra comprar esses discos. “Ah, eu peguei os melhores”. “Ah, fulano tinha um que eu era doido pra ter”. E comprava. Aí, o cara vendia, pegava aquela grana e comprava um baixo...

P – Pra comprar o instrumento.

N – Pra comprar o instrumento. Várias pessoas fizeram isso durante esse período aí. O fazia de... Ou então, quando o cara casava. Eu lembro de Dalmo quando casou também, precisou de uma grana, e aí desfez de um monte de disco. E hoje, ele trabalha com disco novamente. Ali, o Ponto do Disco, né? Trabalha com vinil. Mas ele também, junto com Rogério, um dos pioneiros. Era os caras assim: Eduardo, os caras que mais tinham disco aqui em Conquista. Chegavam a ter cento e poucos exemplares de disco. Era o dinheiro de um carro na época. Como eu falei, os discos eram caros, né? E o disco, como era algo de colecionador, então tinha discos raros lá, que não tinha mais (corte) que custavam mais de um salário mínimo, um disco só.

P – Que hoje voltou a ser, né? De colecionador também.

N – Exato, é... Uma tiragem uma edição original do Sabbath, tiragem de 74... Então esse disco aí com capa assim e assado, que veio diferente, aí é mais diferente dos prensados normal. E aí, quem tinha 50 discos, tava com o dinheiro de uma moto.

P – Risos. Verdade.

N – Era. Eu muitas vezes tive que desfazer do disco, pra comprar carro e pra comprar som. Carro não: na verdade, moto. A primeira vez que eu comprei foi um meio de transporte, que foi uma motinha.

P – É, velho, foi uma época bem rock n’ roll mesmo, pra poder fazer rock n’ roll, o cara tinha que ser rock n’ roll.

N – É. Tipo assim: hoje em dia, eu acho que talvez isso continue também que é mais fácil fazer um movimento, né? Mas cê imagina... Conquista não tinha meio de transporte. Toda vez que precisava fazer um evento, você tinha que cruzar a cidade de madrugada pra poder ir. Por exemplo: a gente

chegava, eu morava no Alto Maron e ia até o Inocoop II andando. Indo e voltando. Porque taxi era coisa de playboy, gente que tinha dinheiro, a gente não tinha, então, como faz hoje alguns né? O dinheiro que tinha era pra bebida e chegar lá e não ficar... Ia andando e voltando, é... Bairro Brasil, tinha evento no Paulo VI, a gente ia e assim as pessoas que moravam no bairro Brasil faziam a mesma coisa, né? Então, era uma coisa muito sofrida. O disco caro, eventos não tinha, espaço pra você tocar rock, também não tinha, algumas pessoas faziam algum barzinho, mas era só pra cê tomar uma cerveja, tomar um vinho... Eu lembro que Formigão tinha um, logo depois que ele acabou com a Depressivos, a gente se encontrava, simplesmente pra tocar ou tomar vinho. Ali na Crescêncio Silveira. A gente reunia à noite, né? Sábado... “Ó, fulano, (corte) lá”. E avisava de boca em boca, e aí ele botava uma aparelhagem de som, né? Que a gente chamava de aparelhagem de som, boa, que ele tinha, e aí, às vezes a gente levava o disco pra ele tocar lá. As pessoas faziam. Hoje é tudo no Spotify, assim: o cara levava o disco embaixo do braço, falava: “rapaz, vou levar lá pra gente tocar, pra gente ouvir”. Levava quatro discos. Aí o cara botava o disco dele, até daqui a pouco alguém pegava outro disco e botava pra tocar. E isso, a gente ia tomando uns caldo lá e tomando vinho. Nem cerveja, acho que pouca gente tomava cerveja, era mais bebida quente. Coca com pinga e vinho, é... Que era barato, né? Cerveja, nesse período aí era... Não era como é hoje, entendeu? Quem tomava cerveja era o pessoal mais velho, que já tinha uma estabilidade, cê pagava uma cerveja, só tinha cerveja Brahma e Antártica. Não tinha concorrência e o custo de vida era alto, a gente não tinha o hábito de tomar cerveja. Mais bebida quente mesmo e vinho.

P – É verdade. Beleza, cê tem mais alguma coisa que cê queira lembrar de qualquer época dessas, até a mais recente também...

N – Rapaz, assim: eu lembro de já nos anos 2000. Foi os primeiros shows de rock que eu apareci, que eu achei interessante, que eu vi a Renegados tocando, foi um evento na Urbis IV... Rapaz, eram 10 bandas. Eu já trabalhava com iluminação e alguém me contratou pra colocar essa iluminação lá. O som não era meu. Eu não sabia que tinha essa quantidade de banda aqui em Conquista. Então, aí quando eu cheguei lá tinha bandas é... Renegados, tinha banda de Robson, tinha banda *Cors Driners(46min)*, não sei. Não, não era isso não. Era a banda de Vinição, então, eram dez bandas. Aí eu fui: “pô, cara...” (corte) desse movimento alternativo. Aí, foi pra mim assim, um marco do (corte) tinha já uma galera voltando, né? Esse era um evento totalmente *underground*, porque foi feito num espaço alugado, que foi o irmão de Darka, Davi, que fez esse evento, ele que me contratou na iluminação. E, de repente eu vi lá, tinha dez bandas. A primeira começou a tocar 3 horas da tarde e foi até meia noite. Falei: “gente, não sabia que tinha essa quantidade de banda”, banda de metal, banda de pop rock, banda de death metal, vários estilos ali unidos pra fazer um evento só.

P – Cê lembra o nome do evento?

N – O nome do evento? Rapaz, eu não lembro, rapaz... O nome eu não lembro. Já me falaram algumas vezes, mas agora... Foi na Urbis IV. O promotor dele foi Davi, é irmão de Darka. Ele que promoveu esse evento. Contratou o som, chamava as bandas, fazia uma ordem lá aleatória, o pessoal picava o pau tocando. E aí, de lá pra cá eu já tive o conhecimento com banda. Primeira vez que vi a banda Renegados tocando, e por coincidência, hoje eu tô tocando nela, né? Mas foi a primeira vez que eu vi tocando ao vivo assim, falei: “pô, os caras tocando punk aqui, isso em pleno 2000, achei que esse trem tava enterrado”...

P – Já tinha acabado.

N – É, porque assim: vira e mexe, como (corte) novas bandas, a gente fica com aquele saudosismo e achando que aquilo... Não é que o punk acabou, mas que não se renova, né? E naturalmente, eu acho que o estilo musical que menos se renovou foi o punk. Por que? Pelo fato de todas as bandas do evento uma boa parte se mantém na ativa e não tem surgido muitas coisas novas, né? E digamos ainda que as bandas... Eagles ainda é anos 80... Até surgirem bandas como Jason, aqui Cama de Jornal, mas pouco... Cama de Jornal, acho que tem Renegados... Na verdade Renegados veio primeiro que Cama de Jornal, né? E duas ou três bandas. Depois deu aquela queda. As bandas de metal, sempre tá surgindo um estilo novo e se mantendo, né? Mas o punk mesmo, acho que ficou mais nos anos 80 mesmo e anos 90.

P – Cê chegou a botar som no Agosto de Rock?

N – Botei. Ó, eu, a primeira vez que eu fiz o Agosto de Rock, eu trabalhava com iluminação ainda. Eu coloquei... Porque os promotores eram Esmon, Vitor, já conhecido meu... Eu botei iluminação, mas como eu falei: teve um período viajando. Eu não... Inclusive, o primeiro Agosto de Rock eu não fui, porque eu estava viajando com um evento. E aí (corte) iluminação, mas eu não fiquei. O segundo, eu cheguei acho que no último dia. Participei também com iluminação de Cabral, que é parceiro meu. Já foi um evento maior, já foi um evento grande, eu botei o som na tenda. Já tinha a tenda eletrônica, tinha uma estrutura mais... Que foi o último (corte) terceiro? O terceiro teve Tihuana... Aí, dali pra cá, não teve mais nenhuma edição, mas assim: eu participei de alguns. Aí, lá no sítio mesmo, eu participei colocando o som pro evento de Vitor, né? Que chama o ACRock...

P – O ACRock. Rock Vertente também cê foi?

N – Também não. Eu não tava lá nesse dia não. Eu tava, esse período eu trabalhava com evento fora. Mas teve o Rock Vertente também, que foi um evento grande, que Diro fez né? Ele até me perguntou sobre o orçamento e tal... Ele fez uma estrutura legal, e o negócio não vingou. O Rock Vertente tentou pegar a lacuna do Agosto de Rock, se eu não me engano. Ele mesmo me falou isso. É, que ele fez no mesmo período.

P – É, seria na época do Agosto de Rock 4. Se tivesse, né?

N – Isso. Aí em seguida, a Sudoeste anunciou o Festival de Inverno e aí tirou toda a pretensão de voltar o Agosto de Rock porque o Festival de Inverno simplesmente ficou no agosto. E na mesma data, praticamente. Eu não sei qual foi a influência, eu acho que teve uma influência, porque sempre a Sudoeste fazia aquela cobertura do rock, tal. Alguém teve a ideia e vingou um evento de rock no período de (corte) em Conquista, né? Mas eu achei coincidente, né?

P – E no início ele era mais pop-rock mesmo né? Ele era mais pop-rock mesmo no início, eles devem ter observado e...

N – Isso. Então, eu acho assim, que talvez tenha alguma influência de alguém ter visto ou participado e criado a ideia de fazer o Festival de Inverno baseado no que seria o Agosto de Rock, so que numa dimensão ultra maior, né?

P – Show de bola, velho... 50min

(Corte)

N – [...] Que eu lembro mais ativamente, era anos 80. Anos 90, acho que passou tão rápido que tem muita coisa que eu não lembro, cara. Ah tinha umas coisas que eu fazia antes, que eu tenho foto aqui antes, que era o Baba dos Malucos, que era umas bandas de rock que eu tocava, né? Aí, alguns componentes faziam um baba mesmo que muitos já tentaram marcar uma vez, né? Pra poder tentar reaviver. Fazer um time só de roqueiro, né? E a gente jogava contra times, é... Outros aí, né? Inclusive, nos anos 80 tinha isso aí. Eu não participava, mas ali no Inocoop II tinha o baba dos roqueiros, né? Roqueiros versus algum time... Os caras apostando cerveja. E aí jogava os times... Os caras não tinham camisa, pra entrar no baba era só camisa preta, e o outro time ia todo uniformizado. E aí, tinha a galera do baba, que os caras era (inaudível). Era interessante. Ali do lado do Bem Querer, no Inocoop, deve ter feito acho que uns três ou quatro babas. Aí, quando terminava, cerveja, tomar goró, né? E ouvir som. Mas era algo que quando não tinha show, o pessoal atuava né? Teve atividades também, que não é do meu tempo, eu não sei, mas meu irmão chegou a ir algumas vezes. E era comum também na época, o pessoal (corte) um caminhão, enchia de roqueiro em cima, ia pra uma roça. Chegava lá, comia, os caras levavam (corte) o pessoal da fazenda, acho que o pessoal era contribuição, né? Pra fazer a feijoada, e cada um levava de casa um goró pra tomar lá. Geralmente, uma bebida quente, né? Aí, passava o dia lá, quando dava umas cinco horas voltava pra casa. Era o Rock in Roça. Era, o (corte) falta de show e levava só isso, o pessoal curtia som mecânico, botava um sonzão lá e ia bater cabeça com som mecânico mesmo.

P – Era, pra reunir a galera, né, vei? Não tinha internet, não tinha como... Era interagir desse jeito mesmo.

N – A interação era presencial.

Final em 54:20

GILMAR DANTAS

Técnico em assuntos culturais. Produtor Coletivo Suíça Bahiana, Caso à Parte Eventos.

Nome completo: Gilmar Dantas Silva

Data da entrevista: 26/10/2020

Transcrição: 09/04/2021 – 12/08/2021

Início em: 1:37

PLÁCIDO – [...] então, a primeira pergunta que eu faço pra todo mundo é: você nasceu aqui em Conquista mesmo e quando?

GILMAR – Nasci aqui em Conquista mesmo. Em 82. 1982. Sempre morei aqui em Conquista também. Aqui em Conquista. Não morei fora não.

P – Cê é de que bairro mesmo? Ibirapuera, né?

G – Ibirapuera.

P – Cê estudou aonde, velho?

G – Sempre em escola pública. Sempre no Polivalente, Centro Integrado, Lions Club, sempre naquele meio ali do bairro Brasil. Ensino fundamental no Polivalente, ensino médio no Centro Integrado. E ensino superior na UESB, né?

P – Fez Letras, não foi?

G – Foi. Fiz Letras, depois fiz Jornalismo, mas não cheguei a concluir Jornalismo não. Concluí Letras... Jornalismo eu larguei lá no sexto semestre, mais ou menos.

P – E da sua infância assim, o que que você lembra de interessante assim, do que você viveu?

G – Que relacione ao rock? Eu lembro...

P – Não necessariamente. Que seria digno de nota, pra você se entender como pessoa, vamos dizer assim.

G – Ah, eu lembro de, da minha infância, que não tem hoje em dia, pelo menos não da mesma forma, é que eu peguei o finalzinho da época das gangues que tinha aqui, de adolescentes na cidade, né? Gangue da Caveira... Quer dizer, na verdade em Conquista chamava-se *galera*. Galera da Caveira, Galera do Pau de Ferro, Galera de Anão... Né? Então, cada bairro tinha uma galera diferente, né? Tinha... E na escola, essas rivalidades, né? Principalmente que eu estudava numa escola do bairro Brasil, que é um bairro muito populoso e aí pegava gente do Ibirapuera, do bairro Brasil, de Patagônia, que era de várias gangues diferentes, e aí era um lugar de confronto comum

dessas galeras, né? Isso aí já foi o finalzinho desse período. Eu acredito que tenha sido mais forte mesmo nos anos 80. Aí eu peguei esse finalzinho do meu ensino fundamental no início da década de 90, que já não tinha tanta força assim. Mas essas rivalidades, né? Marcava todo mundo... Principalmente os meninos, né? Com as meninas, talvez não sei, não fazia parte do mundo delas, eu acredito, né? Era uma sociedade muito mais machista, então era focado mais nos meninos, então, todo menino daquela época com certeza lembra dessas brigas de galera, de ter medo de ir pra escola, de sofrer bullying dessas galeras, isso aí fazia parte, né? Da nossa infância...

P – Arran... Eu lembro que tinha umas marcações em muros: *Galera de Não Sei o Que...* Sempre tinha assim...

G – É... As pichações que marcavam território, e aí eu lembro que tinha um amigo da gente, Tuti, que era roqueiro... Ele não fazia parte de nenhuma galera, mas ele era roqueiro. Então, nenhuma galera mexia com ele porque ele era roqueiro. Roqueiro naquela época no início da década de 90 assustava as pessoas. Mesmo podia ser... O povo da galera podia... Ninguém... “Não, ali é roqueiro. Não mexe não que é roqueiro”. Se a gente via um roqueiro na rua, “ó lá, ó lá o roqueiro!”

P – Meio que um alienígena, né?

G – É, uma coisa que chamava bem a atenção assim.

P – Principalmente se fosse punk.

G – É.

P – E aí no... É... Você e Raquel, né? Cês foram criados juntos?

G – Sim. Fomos criados juntos.

P – Urrum. E que que cês ouviam quando eram crianças? Ouvia rádio...

G – É, ouvia muito sertanejo, né? Porque meu pai era fã de música sertaneja, então era o que tocava na rádio, né? Aqueles sertanejos mais clássicos, né? João Mineiro e Marciano, Lenadro e Leo... Aí, logo quando surgiu Leandro & Leonardo, Zezé di Camargo & Luciano... Mas aí antes era João Mineiro e Marciano, Trio Parada Dura, esses sertanejos mais... Ouvia muito Trio Parada Dura. Talvez a primeira música que eu cantei, que eu sabia cantar inteira era Das Andorinhas, né? De tanto que tocava e... Agora, uma vez a Rádio Clube fez um especial dos Beatles, quando eu tinha uns 10 anos, 9 anos, e eu adorei. E aí eu gravei aquele especial, gostava muito de ouvir música na rádio e gravar o que tocava, né? Eu gravei esse especial e ficava ouvindo sempre, né? Todo dia eu colocava essa fita pra tocar, né? Isso criança ainda e, no início dos anos 90 ainda eu ouvia muito dance, né? Aquele eurodance, né? De [inaudível]...

P – Corona. Risos.

G – Corona, aí é... 92 até 94, né? Foi um período que eu ouvia tudo de eurodance, né? Haddaway, misturado com... Que tinha as versões remix de Haddaway, e aí tinha muita coisa, e sempre vinha na, no programa de Xuxa, né? Engraçado, essas cantoras de eurodance tinham uma parceria com Xuxa, e sempre tava presente.

P – É verdade. Eu lembro. E o rock n' roll, véi? Como você descobriu, assim, que existia mais gente ouvindo rock n' roll na cidade, assim, na escola, sei lá...

G – Então... Aí, isso foi aqui na rua né? Thiago... Os irmãos Thiago e Pel, né? Sempre foram meus vizinhos e a gente brincando de bola e tal, e foi aproximando, ficando amigo, e os primos deles, né? Tinham uma banda, a Prole Operária, que depois virou a Néspera. Eram primos mais velhos, né? Então, tinham uma influência enorme sobre eles e a gente acabou ficando amigo também, e aí, foi aí que eu comecei a curtir rock mesmo, né? Por conta dessa influência, e eles moram aqui perto também, moravam aqui perto...

P – Ah, cê ainda mora no mesmo bairro...

G – Moro no mesmo bairro. E eles moravam aqui também, né? A duas, três quadras daqui de casa, então a gente começou a ir pros ensaios... O ensaio era na casa deles mesmo, então, às vezes ensaiava na casa de Thiago... Thiago logo em seguida começou a montar banda também, né? Pra tocar Nirvana... E nisso, nessa época, eu só conhecia Legião Urbana, mas aí com a aproximação dos meninos, que eram muito fãs de Legião Urbana também, eu comecei a gostar de outras bandas, né? A banda preferida de **Hallison** sempre foi os Smiths... Não, a banda preferida de Hallison, que era vocalista da Néspera, era os Smiths, e a banda preferida de Cristiano, que era o guitarrista, era o REM. Então, eu comecei a ouvir muito essas duas bandas, aí Thiago gostava muito de Nirvana. Essas três bandas foram as primeiras bandas internacionais que eu comecei a ouvir, e eram bandas autorais, né? A Néspera era uma banda autoral, então eu sempre tive, desde meus primeiros contatos com o rock, eu sempre tive contato com bandas locais e autorais. Então, nunca tive que esperar essa questão: “poxa, eu queria ouvir um show de rock ao vivo”. Eu já conheci as bandas, né? in loco mesmo assim né? Indo ao show... Talvez o primeiro show que eu tenha ido de rock foi no Carlos Jehovah, com um show da banda Prole Operária, que depois virou Néspera, junto com a banda Abismo... Que... Não, Abismo não, que era... Eu sei que a banda era com Kessler e Thiago. Eu não lembro o nome da banda.

P – Que ano foi isso aí mais ou menos?

G – 98, eu acho...

P – 98?

G – É... Eles fizeram a abertura do show. Não era a Parrázio não. Eles tinham um outro nome. Mas era com Jack, Thiago na bateria, né? Kessler, Jack, e eu não lembro quem era o baixista. Aí, depois, enfim... Aí, eles abriram o show da Prole Operária, né? Foi o primeiro show que eu fui de rock, né? Foi um show local, né? Produção local, banda local, tudo local lá no Carlos Jehovah. Eles mesmos organizaram e foi divertido. Foi um início de noite. Era um show cedo. Né? Foi massa. Foi uma experiência incrível. E aí, depois, teve aquele festival de UESB, um festival que era tributo a Renato Russo...

P – Sim... Anos 90 ainda...

G – Era um festival competitivo. É... Finalzinho dos anos 90, que era um festival competitivo. Eu aí, eu lembro que a Néspera tirou terceiro lugar ou foi segundo lugar, e aí podia gravar alguma coisa em Salvador, não lembro o que. Eu lembro que Su já era o baterista da Néspera na época, né? A

banda era Su, John no baixo, Cristiano na guitarra e **Hallison** nos vocais, e aí foi massa, que aí foi um show grande, né? Cheio de gente. Foi a primeira vez que eu fui num show com mais de mil pessoas, foi esse lá na concha do Centro de Cultura, que foi o... Esse festival universitário.

P – Sim. Da década de 90 assim, cê lembra de alguma movimentação ou cê acha que era mais shows pontuais... Existia alguma cena nessa época que cê lembre?

G – De banda começou a ter muito. No finalzinho da década de 90, início dos anos 2000, mas os shows eram pontuais. Né? Os shows eram pontuais, eram shows pequenos, né? Um marco nesse início aí foi no ano de 2000, quando Junão fez o Fest Rock. Né? Foi o primeiro show na concha, com produção toda independente mesmo de meninada, não ser... Porque o Festival UESB tinha a UESB por trás, né? Bancando...

P – Toda a estrutura.

G – O show de Junão não. Foi ele correndo atrás de tudo, né? Produção alternativa mesmo... Acho que era Avalon Produções que ele chamava.

P – Sim. Verdade.

G – E a gente ajudando. E todo mundo ajudando. Então, aquilo marcou muito né? Foi antes do primeiro Agosto de Rock, e aí tocou a Retilínea, a Paralips, e a Abismo. Eu não sei se a Portal tocou nesse evento, mas eu lembro dessas três. Três bandas né? A Retilínea, a Paralips e a Abismo. A Abismo de Thiago, a Paralips de Junão, Retilínea de Raul, aquela turma toda que cê conhece...

P – Arran...

G - ...e foi massa, né? Foi uma produção totalmente independente que funcionou. Deu certo pra caramba e depois começou a vir Agosto de Rock, né? 2001, tal, tal... Mas esse show eu acho muito significativo. E é um show que, como a gente, todo mundo era de Ensino Médio, o público daquele show era basicamente de alunos do Ensino Médio, né? Acho que isso foi se perdendo um pouco ao longo dos anos, que a gente foi saindo, né? A gente foi pra faculdade. A gente foi saindo das escolas de Ensino Médio, de Ensino Fundamental, então a gente foi perdendo esse contato com a escola ao longo dos anos, que naquela época era muito forte porque nós todos estávamos lá né? Estudava nas escolas. Então foi quando começou a sair as rádios nas escolas... As escolas começaram a ter sistema de som interno. Então, a gente utilizava pra tocar rock nos intervalos, pra divulgar os eventos... Foi justamente nesse período aí.

P – E aí, já entrando nos anos 2000, que aí foi quando mais ou menos eu entrei também na cena, acho que eu já lhe conheci produzindo eventos. Como foi que você entrou nessa onda de produzir eventos? Foi nessa época do Fest Rock ou cê ainda demorou um pouco?

G – Nessa época do Fest Rock eu ajudava muito. Mas nunca assumi de fato produzir não. E aí, inventei de ter banda também, né? Tocando no Rock de Subúrbio, que Danilo fazia...

P – Qual era a sua banda?

G – **Red Blood Cells**. A banda era eu na bateria...

P – Sim. Na bateria?

G – É, na bateria. No baixo era Romilson, na guitarra era Ronaldo Ros, não sei se você conhece, um guitarrista incrível, fez Música na UFBA depois... Apresenta-se solo hoje.

P – O nome não me é estranho.

G – É, Ronaldo Ros. Excelente. É um monstro, né? É um monstro na guitarra... Ele que era o músico de fato na banda, assim... E Pâmela. Pâmela era a vocalista. No show a gente tocou três músicas. Eu lembro que a gente tocou Rebeca Matta, U2 e Smashing Pumpkins né? Mas foi divertido demais. Acabou a gente não classificou né? Que as três... Eram 40 bandas, um negócio assim. Era muita banda. Eram dois dias de uma porrada de banda tocando e as três principais ganhavam uma vaga no Agosto de Rock.

P – Hum...

G – E foi massa pra caramba. Era no subúrbio mesmo, né? No Jurema e lotado. Entupido de gente assim... A galera colado, porque era muito raro ter show também, né? Então quando tinha, todo mundo aproveitava pra caramba. Então, nesse período aí, 2001, 2002, foi um período que eu resolvi ter banda. Em 2003 eu resolvi produzir. Isso também vem muito do acesso à internet, né? Da gente, né? A gente começou a ter acesso à internet e conhecer bandas novas, né? Então, buscando no Cadê?, que era mais usado que o Google na época,

P – Nem tinha Google nessa época, eu acho...

G – É. Talvez nem tinha. Yahoo! Eu sei que tinha, mas o Cadê? No Brasil era muito popular. Muito mais fácil pra gente usar, né? Tudo em português, tal... Aí, buscando lá: “bandas similares ao Radiohead”, aí apareceu a banda Soma, de Salvador. E aí, ficou mais fácil a gente conhecer as bandas e entrar em contato. E eu resolvi produzir o show da Soma. Falei: “ah, vou chamar essa banda pra tocar aqui”. Né? E uma ideia maluca resolver fazer o meu primeiro show já com uma banda de fora e chamar a Reason pra tocar, né? A ideia sempre foi ter uma banda local e uma banda de fora. Só que esse evento foi tomando umas proporções muito grandes, que eu não tava preparado pra lidar na época. Aí, quando os produtores de Salvador viram eu tinha gente no interior querendo fazer shows, começaram a entrar em contato, né? Oferecer outras bandas, e aí apareceu o Retrofoguetes, Nancyta e tal, e aí apareceu a Penélope também querendo fazer show, e a Penélope já era uma banda gigante na época, banda de gravadora e coincidiu com esse evento que eu ia fazer ia ser quando eles estavam na Bahia. E aí, o que era pra ser um show da Soma virou um festival de três dias, né? Comecei da maneira mais insequente possível. Três dias de show, festival gigante, tudo caro, sem noção nenhuma e não podia dar outra forma, né? Foi um... Em termos financeiros, um desastre...

P – Qual foi o nome desse evento aí?

G – Outono Alternativo.

P – Outono Alternativo.

G – 6, 7, 8 de junho de 2003.

P – Foi aonde ele?

G – Foi na concha. Três dias na concha do Centro de Cultura, e foi um fim de semana que choveu pra caramba. Muito frio. Junho em Conquista, na concha? Sabe aquele frio cortando a alma, todo mundo em clima de São João, então, o primeiro dia deu gente por conta da Penélope, mas os outros dois dias não. Então, foi muito complicado. E era um evento todo autoral, numa época que a cena não tava muito preparada pra isso.

P – Sim. Na época, na cidade, você ia num show, basicamente, era Renegados e mais alguma outra que tocava autoral. O resto tudo cover. Tudo tocando *Paranoid* e *Que País é Esse?*.

G – É. Exatamente. Em 2004 que a coisa foi mudando, né? Eu fiz esse festival e aí aprendi a voltar, a recuar um pouco e fazer coisas menores. Em 2003 eu comecei a fazer outros shows menores, a explorar outros espaços, sair da concha, porque fazer um evento na concha era muito caro, né? Então, aí descobri o Casa Blanca, no bairro Brasil, né? Naquele show que teve o Autoramas, pá pá pá... Fiz o show da Violins no teatro do Centro de Cultura, que também foi um show caro, mas não tão caro quanto fazer um evento na concha. Foi a Violins de Goiânia e a Sorrow's Embrace.

P – Sim.

G – E foi massa, que talvez a única vez que a gente tenha conseguido fazer um show de metal dentro do teatro do Centro de Cultura. Então, foi um negócio histórico também. Foi divertido. E em 2004 que a gente conseguiu chegar no auge dessa primeira, desses primeiros anos dos anos 2000, que foi o Outono Alternativo, né? Ali a gente conseguiu uma mescla bem legal de misturar bandas covers com bandas autorais, a gente tem muita banda autoral, mas também tinha banda cover, e o público compareceu em peso, né? A gente colocou mais de mil pessoas. Foram raras as vezes que eu consegui colocar mais de mil pagantes. Já coloquei no Festival da Juventude mais de dez mil, mas era gratuito, né? Então, assim... De graça, só com bandas praticamente locais... Que tinha as bandas de Salvador também, né? No Outono Alternativo a gente trouxe duas bandas de Salvador por noite, mas ninguém fazia ideia de quem eram essas bandas, né? O povo tava lá pra ver as bandas locais, pra ver a cena local, pra ver o festival local, então as bandas de Salvador aproveitaram esse público, né? E pra elas foram muito difícil. Eu lembro, principalmente, o Automata, que o público ficou de costas pro show do Automata o tempo todo, porque a banda chegou dizendo que só ia tocar música autoral...

P – Sério? Risos.

G – Foi uma loucura. Aí, ficaram de costas o tempo todo pra banda, né? Mil pessoas na concha, de costas. Então, uma cena horrível assim, aí as meninas da Lou, era de Salvador também, viram a cena, né? E fizeram um repertório mesclado, mesclaram suas músicas autorais, mas também tocaram cover e aí ganhou o público. Em Salvador, a Automata era muito maior que a Lou, né? Mas aí a Lou soube aproveitar muito melhor a oportunidade e aprendeu, né? Viu que deu errado o show do Automata todo autoral, e acabou ganhando o público, né? Mas o Outono Alternativo foi um festival que conseguiu mesclar bem essa questão de bandas covers e bandas autorais, pra conseguir um público legal, né? Foi um evento, um marco naquela época lá.

P – Essa época você usava o nome *Caso à Parte*? Era você que usava? *Caso à Parte*?

G – *Caso à Parte*. É. *Caso à Parte Eventos*. Até 2007, 2008, até 2009, usei o nome *Caso à Parte Eventos* e, em janeiro de 2010, a gente começou a usar *Coletivo Suíça Bahiana*. Mas até 2009 foi... Era *Caso à Parte Eventos*. Até de 2003 a 2009.

P – O Conquista Rock Festival era produção sua, né?

G – O Conquista Rock Festival era uma união de três produtores: que era eu, Ronny Voxx, e Dau. Ronildo fazia as festas dele, né? Dau também, fazia o Cover Rock, né? Dau já tinha a experiência do Cover Rock, que é um evento que lotava pra caramba, né? Acho que era o evento mais bem sucedido dessa cena aí, e eu fazia né? Os meus eventos com as bandas de fora. Então, a gente mesclou isso, né? Ronny Voxx, com a experiência dele, Dau com a experiência das bandas cover e eu com a experiência de trazer bandas de fora, então, juntando tudo no mesmo festival.

P – Que foi aquele que teve o Blig, não foi esse? O Blig lá que o povo ficava brigando nos comentários e tal... Risos.

G – Foi. Foi a melhor coisa pro festival, porque facilitou demais a divulgação, né? A cena só presta quando tem treta. E ali tinha muita treta, né? Quando tem treta, Miranda que falava muito isso, né? Quando tem treta é bom pra cena, né? Treta faz bem... É... Alguém começa a falar mal do outro, não sei o que, tal, tal, tal, isso chama a atenção. Então, repercutia muito. Então, era divulgação gratuita que a gente tinha.

P – Todo mundo entrava no Blig todo dia só pra ver as respostas, né? Das brigas.

G – É... Aí era... Pra gente foi maravilhoso aquilo ali. A gente ficava puto, né? A gente ficava retardíssimo: “pô, quem é esse tal de Messias que tá esculhambando o nosso evento?” Mas depois que passou, que a gente foi ver: “pô, aquilo ali fez um bem tão grande pra divulgação do evento”, né? Que foi massa pra caramba ali, aquela treta ali foi ótima.

P – É, uma vez eu conseguir, no arquivo da internet. Tem um site que pega uns sites antigos assim, tipo... Ele tipo, tira um *print* né? Do site, de todos os sites, aí eu consegui acessar, sem as imagens e tal, mas consegui ver algumas mensagens, aí a gente vê assim que era uma coisa bem de molecada, né? Descobrimos a internet, acho que começando a sair na noite e tal, era... Bem engraçado assim. Bem ingênua mesmo.

G – Exatamente.

P – Sim, aí você falou do Coletivo. Como foi que você descobriu o Fora do Eixo a ponto de fazer o Coletivo Suíça Bahiana, tal... De onde veio essa experiência?

G – O Fora do Eixo eu descobri em 2005, 2006, quando o Fora do Eixo tava ajudando na turnê MTV Apresenta: Tour Independente, que era uma turnê de um produtor chamado Bruno Montalvão, com várias bandas rodando o norte e o nordeste e com transmissão da MTV. Era uma ideia bem maluca, que todo mundo achou que não ia acontecer, mas aconteceu. E aí, eu fiz a produção local desse show, e aí tinha o Vanguard, que é de Mato Grosso, era muito ligada à galera do Fora do Eixo de Mato Grosso, o próprio Capilé, então conheci os meninos do Fora do Eixo ali, e aí comecei, naquele ano também, 2006 eu comecei a conhecer festivais. Então, eu fui pro Buena Noise, em Goiânia, fui também pro Porão do Rock em Brasília, e eu lembro do Porão do Rock, eu lembro, a galera do Fora do Eixo entregando revista, militando, não sei o que, discutindo, criando a

ABRAFIN, participando da criação da ABRAFIN, então, eu via todo mundo ali de... Conhecia, e tal. Tinha todo mundo ali no MSN, tinha o contato da galera... Em 2007, eu parei de fazer eventos, né? Que passei numa seleção REDA pra trabalhar em Poções, então, de 2007 até 2010, eu tava dando aula em Poções, aí parei de fazer eventos, mas em 2009, tava passando uma turnê do Mato Grosso chamada Música do Mato. Macaco Bong, Paulo Monarco, uma galera...

P – Teve até um CD não foi? Uma coletânea.

G – Isso. Era uma galera do Mato Grosso, tal, e aí o Pablo Capilé, né? Me chamou. Falou: “ó, Gilmar, tá passando por sua cidade. Cê não quer fazer não?” E o Macaco Bong já tinha ganho o prêmio de disco do ano da Rolling Stone, era uma banda meio hypada, né? Todo mundo queria fazer o show deles, tal, falei: “poxa, seria massa fazer”. E aí eu chamei... O Paulo Monarco, ele era um cara muito conhecido aqui em Conquista, que ele era ganhador desses festivais do FMB. Né? Então, ele sempre vinha participar do FMB, era conhecido. Então, eu chamei Leu Couto, né? Esposa de Alisson Menezes, que já era amiga do Paulo Monarco, né? Então eu chamei essa galera que já fazia essas produções pra tar comigo fazendo essa produção desse evento, né? Música do Mato. E como era um evento gratuito, a gente conseguiu muita coisa, né? Conseguimos o som de graça, essas coisas assim, através da prefeitura, e o SESC também apoiou. O SESC acho que bancou o palco, e a prefeitura o som. E aí, deu tudo muito certo, sabe? O evento funcionou tão bem... Aí o Pablo falou: “pô, Gilmar, funcionou tão bem aí. Vocês fizeram todas as oficinas que a gente tinha programado, que o evento não era só show: tinha show e oficinas. Tinha todas as atividades de formação que tinha no cardápio do evento a gente aproveitou. E aí, “pô, funcionou tão bem... Montem um coletivo. Bora integrar à Rede Fora do Eixo”. E aí, a gente montou esse coletivo com base na turma que fez a produção do Música do Mato. E aí, montamos o Coletivo Suíça Bahiana em janeiro de 2010, o Coletivo já foi aprovado como Ponto Fora do Eixo, né? Já começou a trabalhar como Ponto Fora do Eixo aqui em Vitória da Conquista.

P – Que aí foi a época que vocês fizeram o escritório no Viela, não é isso?

G – Isso aí foi bem depois. O escritório do Viela a gente fez em 2011, é... Foi em 2011 que a gente fez um escritório no... Mas em 2010 não: a gente fazia reuniões no próprio Centro de Cultura. A gente ia lá no Centro de Cultura à noite... Acho que as reuniões eram segunda feira à noite, né? E não tinha um escritório não. E aí, a gente começou a fazer eventos no Viela no segundo semestre... Em maio de 2010 a gente fez o primeiro evento lá. Foi uma turnê de bandas da Paraíba, que tava passando por aqui. E aí, no segundo semestre que a gente resolveu fazer eventos no Viela pelo menos uma vez por mês. E aí a gente começou a fazer quando o Viela, né? Não tinha palco, não tinha nada. né? As bandas tocavam naquele meiozinho ali...

P – Sim. Da escada ali.

G – É, em frente à escada ali, e aí começamos a fazer eventos né? Sempre com uma banda local e uma banda de fora: as Noites Fora do Eixo. E esses eventos foram dando certo, né? No início era trinta pessoas, quarenta... Cinquenta, só que com a constância, né? Como a gente ia fazendo sempre, esse público ia aumentando e aumentando e aumentando, até a gente viu que dava pra fazer toda semana. E se era pra fazer toda semana, era legal que a gente tivesse um ponto ali, e aí a gente pegou uma sala lá no Viela pra ser o escritório. A gente alugou... Relocou né? Euvaldo sublocou o espaço lá pra gente e a gente pegou uma sala pra ser o escritório do Coletivo em 2011, né? Que a

gente fazia toda quinta feira, né? Toda quinta feira com uma banda local e uma banda de fora, e em 2012, não satisfeito em fazer toda quinta feira, a gente fazia toda sexta feira também, né? Então, a gente mantinha duas pautas semanais lá, que era as Noites Fora do Eixo na quinta, e o Projeto Sexta Básica na sexta, né? As Noites Fora do Eixo de 2012 foram patrocinadas pelo Conexão Vivo. Então, pra gente foi bacana porque não dependia de bilheteria pra pagar cachê pras bandas, né? Em 2012, nas quintas feiras.

P – Sem paranoia. Risos.

G – É, nas quintas feiras, né? Na sexta feira não: a sexta feira era na bilheteria e tal, era o Projeto Sexta Básica. É... Talvez tenha sido o último evento a captar recursos pelo Fazcultura aqui em Conquista. Não me lembro... Não sei de um outro evento, né? Que na verdade a história de Vitória da Conquista com o Fazcultura é muito curta, né? Eu só sei do Festival Suíça Bahiana, de uma turnê de Alisson, que também foi via Conexão Vivo, em 2012, e de dois... De uma edição da Mostra Cinema Conquista, via Oi, via edital da Oi e de um outro evento que Esmon fez: Cinema de Olhos Fechados, não sei. Alguma coisa com acessibilidade, que também foi bancado pela Oi. Aí esses dois eram via Fazcultura. Fora isso, não conheço mais ninguém que tenha conseguido captar aqui em Conquista pelo Fazcultura, né?

P – Urrum. Aí, cê falou do Festival Suíça Bahiana, que foi, assim, na segunda década do século XXI, foi como se fosse assim, um Agosto de Rock modernizado, né? Até então a gente tava meio que órfão de eventos maiores assim pra o rock n' roll, então, conta aí como é que foi que aconteceu. 2011, não foi?

G – Isso. É... Na verdade, a primeira edição, pouca gente lembra, que foi em 2010. Porque foi pequena, foi no Apogeu. Né, como a gente fazia eventos... A gente pensou assim: “poxa, se a gente leva cinquenta pessoas com duas bandas, se a gente faz um festival com oito, a gente leva quatrocentas pessoas”. E foi isso mesmo que aconteceu: a gente fez no Apogeu um festival de três dias, a primeira edição do Festival Suíça Bahiana, em 2010. Né? Com Honkers, com Os Barcos, com várias bandas locais e foi bem pequenininho. Né? Um festival sem patrocínio nenhum, com tudo muito pequeno, muito precário mesmo, né? Mas foi bem divertido. Foi a primeira edição do Festival Suíça Bahiana. Em 2011, a gente resolveu fazer um trem muito maior, porque em 2011 e gente fez um evento na concha chamado Folia Fora do Eixo, com Móveis Coloniais de Acaju, Canastra, Camarones Orquestra Guitarrística, um evento grande. E aí, nosso saudoso Miguel Côrtes perguntou: “ô, Gilmar, que evento gigantesco vocês tão fazendo aqui, né? E aí eu tô anunciando aqui o apoio da prefeitura, o chefe de gabinete tá até lá no público, né? Curtindo o evento...”, que ela Márcio Higino, “...Então, a prefeitura tá sendo anunciada aqui pra eu tar falando o nome da prefeitura. A prefeitura tá dando o que mesmo?”

P – Risos.

G – Falei: “ô, Miguel, a prefeitura deu os cartazes”. Aí ele: “rapaz, só isso, bicho? Num evento desse tamanho?”

P – Risos.

G – Eu falei: “É”. “Eu posso falar o que eu quiser aqui?” Eu falei: “pode, cê sempre pode falar o que você quiser. Fique à vontade”. Mas Miguel desceu o pau na prefeitura. Desceu o pau, sem dó nem piedade. E aí Anderson, né? Sempre sensacionalista, né?

P – Do blog?

G – Do blog, né? Muito bem colocado, sempre, chegou e colocou. Fez a matéria, né? “Chefe de gabinete passa... Fica de saia justa em show de rock em Conquista”. E ele postou o áudio de Miguel detonando (risos) a prefeitura.

P – Eta...

G – Na semana seguinte fui chamado pra uma reunião com o prefeito. Não foi com o secretário de cultura não: foi com o prefeito. E Guilherme, né? Guilherme: “poxa, eu nem conheço o Miguel, eu sei da importância dele pra cidade, tal, e ele me detonou lá no evento, a prefeitura. E eu não quero que fique assim: eu quero que os shows de rock tenham participação, então a prefeitura quer patrocinar a próxima edição do Suíça Bahiana. A gente quer tar junto com vocês, quer... Acho que a maneira que a gente pode tar junto aí, a gente entende esse movimento que vocês fazem, é importante, blá blá blá, blá blá blá, blá blá blá”. Então, tá. A gente falou: “pô, já que a gente tem essa promessa não da Secretaria de Cultura né? Do próprio prefeito, né, da cidade... Se tem essa abertura...” Saiu a matéria no próprio site da prefeitura, dessa reunião...” A gente falou: “uai, vamo aproveitar isso aí e fazer um festival gigante como a gente nunca imaginou”. Né? E aí, a gente fez um Festival Suíça Bahiana que, modéstia à parte, eu considero a melhor programação de um evento musical da história de Conquista, né? Nunca que um evento conseguiu unir tanta banda independente boa, sabe? De Marcelo Jeneci a Ratos de Porão, de Emicida a Canastra...

P – E de várias partes do país né, velho? Do sul, de todo...

G – Exato. De tudo que é canto. Do Madame Satã do Pará ao Apanhador Só do Rio Grande do Sul. Então, assim, agente foi em tudo quanto é lugar. Quase todo estado tinha um representante. Transmissor, de BH, Gloom de Goiânia...

P – Hillbilly de... Do Paraná...

G – Hillbilly do Paraná... As principais bandas baianas, todas, né? Maglore, Pirigulino Babilake, Suinga... Né? Todo mundo ali, sabe? E vários estilos diferentes... Tinha um show de hip-hop mesmo que as participações eram apenas Rashid e Marechal, né? “Versu2 convida Rashid e Marechal”, dois dos principais nomes do hip-hop nacional. No mesmo dia do Emicida, que tinha acabado ganhar prêmio de artista do ano. Marcelo Jeneci, que tinha feito disco do ano, o Autoramas com BNegão... É uma loucura...

P – Foi esse ano que teve Ratos também? Foi, não foi?

G – Teve Ratos, Facada... E foi no ano que o Ratos tinha acabado de recusar participação no Rock in Rio, foi a maior polêmica... Aí João Gordo tem um vídeo, do João Gordo que “ah, mas Rock in Rio é festival ruim. Festival bom é isso aqui. Estrutura boa, as bandas tudo boa, os amigos da gente tocando aqui... Facada, não sei o que, tal, tal... Isso é que é festival bom”. Então, pra gente foi maravilhoso aquela edição, e eu nunca mais consegui repetir uma programação tão boa quanto aquela, né? Foi fantástico aquele, aquela edição, né? Mesmo que tenha nomes mais famosos em

outras edições. Em 2012, a gente trouxe Humberto Gessinger, né? Que é mais famoso que... Mas uma grade tão coesa, coerente, igual à de 2000... E assim: artistas locais tocando no mesmo palco, né? O Ladrões de Vinil tocou entre o Canastra e o Emicida, não lembro quem foi que tocou entre...

P – Esse dia teve a Cama de Jornal também, eu acho...

G – É, a Cama de Jornal tocou no domingo entre o Facada e o Ratos de Porão, sabe? A banda anterior ao Ratos de Porão foi a Cama de Jornal. Eu sei que teve uma banda local que tocou também entre Marcelo Jeneci e o show de Autoramas com BNegão, que eu lembro quem foi. Mas, assim... Foi, foi fantástico pra gente, assim, isso aí. Esse evento, né? Foi um marco. Essa edição, a segunda edição do Festival Suíça Bahiana.

P – Ele já teve quantas edições até agora?

G – Teve seis.

P – Arran...

G – Né? Como o Festival Suíça Bahiana, ele nunca teve apoio do estado, né? Teve apoio da... E curioso, né? Que nessa edição do festival, o Suíça Bahiana, como tinha o apoio da prefeitura, então foram vários secretários, né? No evento. Um deles, que era Penildo, secretário de comunicação, aí ele olhando assim o festival, ele falou: “poxa, eu quero um evento desse pra nós, da prefeitura”. Eu falei; “pô, porque cê não apoia os eventos que já têm aqui na cidade? Pra que criar um novo?” Ele: “Ah, não, mas é que a gente quer um evento que seja gratuito e tal, tal...” E aí, nasceu, dessa conversa, o Festival da Juventude. E a gente foi chamado pra fazer a produção da primeira edição.

P – Na Barão ainda, né?

G – Foi massa, que foi a primeira... Na Barão ainda. Foi a primeira vez que eu tive orçamento pra montar um festival, sabe? Sem depender de bilheteria nem nada, então, eu aproveitei pra inventar shows que não existiam, né? Então, eu criei Móveis Coloniais convida Leoni, Vendo 147 convida Lucas Santana, Pepeu Gomes e Nina Becker, e aí coloquei Criolo, que era o grande nome da época, junto com Mundo Livre S.A. no mesmo dia, então foi uma farra. Foi uma farra, né? A gente tinha... Tinha grana... Assim, muita grana não, tinha 150 mil, que é nada né? Se a gente for levar em conta que o Festival de Inverno custa cinco milhões de reais.

P – É...

G – Mas assim... Pra quem nunca teve nada, foi uma farra, né? Cê ter 150 mil pra fazer um festival, e a gente fez um monte de oficina massa. Foi fantástico, o Festival da Juventude de 2012, e aí foi um público muito grande, né? A Barão ficava entupida de gente, né? Mais de dez mil pessoas, tinha tenda eletrônica... Foi um festival fantástico também, e nasceu dessa parceria com a prefeitura. O estado nunca apoiou de nenhuma forma o festival, né? A gente nunca teve nenhum patrocínio do festival, então, às vezes a gente passava um ano, dois anos pagando uma edição anterior, né? Então, por isso que impedia a continuidade de ser todo ano, né? O festival, por isso que não foi todo ano. Então, são dez anos de festival, mas a gente só fez seis edições.

P – Seis edições. E aí, nessa, vocês também nesse meio tempo fizeram a Casa Fora do Eixo. Como é que foi? Que aí já... Cês saíram do Viela, que já era um QG né? Da cena rock n’ roll de Conquista

independente, na verdade, e foram lá pra... Tiveram coragem: foram pra um bairro residencial de classe média alta botar show e rock. Como é que foi aí?

G – Exatamente. Foi massa pra caramba, porque a gente... É... Nesse período que a gente teve lá, nunca tivemos problema com a vizinhança. A Casa do Rock teve. A Casa do Rock depois, né? Quando a gente fechou a Casa Fora do Eixo, e aí Niel e Nem pegaram o ponto pra fazer a Casa do Rock, né? Aproveitando que a gente já tava com o contrato de aluguel já feito, né? Já não tinha muita dificuldade, já era um espaço conhecido da cena, então eles tiveram porque eles começaram a fazer eventos no sábado, né? Passava das 22h, então o povo lá realmente não tolera. Então, a gente como era forasteiro, a gente respeitou, né? As regras do bairro. Então, a gente fazia show só no domingo, e a gente nunca passou das 22h mesmo, porque sabia que não rolava. Então, nunca tivemos problema com a vizinhança, embora a vizinhança devia achar muito estranho, né? Porque teve shows... A gente era muito irresponsável...

P – Risos.

G – Teve dois shows principalmente, né? Canto dos Malditos na Terra do Nunca e outro do Scambo, que a gente colocou mais de quinhentas pessoas dentro da casa. Eu lembro que **Sia**, dos Cinco Continentes foi lá numa dessas [inaudível], ficou com uma cara assustadíssima.

P – Uma multidão, né? Dentro daquela casa que...

G – Quinhentas pessoas dentro de uma casa, sabe? Não faz sentido nenhum, ainda mais hoje que a gente tá em momento de distanciamento social, né? A gente olha praquele passado... A gente sempre foi, teve essas irresponsabilidades desde a época do Viela, né? Euvaldo ficava puto com a gente, né?

P – O Viela era no máximo, assim, quando tava entupido de gente era umas trezentas pessoas, estourando, né?

G – Estourando. A gente botou quatrocentas... A gente colocava quatrocentas. Toda vez que a Maglore ia lá, e toda vez acabava a cerveja no meio da noite. A gente ficava muito puto com Euvaldo e Renato por causa que eles sabiam que ia lotar, e...

P – Risos. E não abasteciam o suficiente.

G – E eles ficavam putos com a gente, porque eles compravam cerveja pra trezentas pessoas, que era a capacidade do local, né? Duzentas e cinquenta pessoas, só que a gente colocava quatrocentas. Aí Euvaldo ficava doido. Euvaldo: “já pensou se tem alguma coisa aqui? Morre todo mundo!” Risos.

P – Risos.

G – As paredes... Isso era clássico: as paredes suavam, essa era a fase... A gente via as paredes, o suor nas paredes de tão quente que era. Era um inferno. E o público gosta disso, né? O público, quanto mais lotado, mais ele quer tar no meio...

P – E essas coisas ficam na lembrança, né? Todo mundo que eu converso, que é dessa época, fala dessa época do Viela aí, que sempre ia, mesmo quando não tinha show, acabava indo, porque o lugar era acolhedor mesmo, assim, de... Chegava lá, tinha algum show de vocês sempre, ou mesmo

que não tivesse, sempre tinha alguém conhecido, meio como era o... Claro, guardadas as proporções, como era o Paraki uns dez anos antes, ode a gente sabia onde ir, que ia ter gente pra conversar e tal... Aí cês conseguiram fazer esse negócio com o lugar.

G – É... Exatamente. Num desses shows que a gente fez lá no Viela veio o Wander Wildner. E aí, o Wandner falou: “poxa, em Porto Alegre não tem, hoje...” Isso aí em 2012, né? “...não tem essa cena que existe aqui, porque a cena precisa de um lugar de encontro”. Não é o Bar Opinião, que é gigantesco e com megaeventos. Não. É um lugar que as pessoas vão pra se encontrar, né? Isso é que é uma cena, né? Então, ele falou: “o que vocês têm aqui nem Porto Alegre tem hoje”. Então, é uma... São momentos raros, né? Que voltam, né? A gente vai ter uma outra cena dessa com certeza aqui... É cíclico. A gente sabe que isso é cíclico, que Conquista tem essa tendência, né? Eu tava conversando com Roney George, que é um artista plástico incrível, de Salvador... Salvador não, mas que mora em Salvador, e aí a gente tava num bar no Manifesto... No antigo Manifesto, que agora é um outro Manifesto, aí ele falou: “poxa, Conquista sempre teve esses bares, esses espaços”, é... Qual foi o termo que ele usou? Eu não lembro o termo exato que ele usou mas, que eram lugares que poderiam... Por exemplo: tavam em Conquista, mas poderiam ser em Seattle ou poderia ser em algum lugar de Londres ou em qualquer lugar da Argentina, sabe? Poderia tar em qualquer lugar do mundo. Conquista tem essa característica de ter esses espaços assim, né? Que qualquer pessoa do mundo vai se sentir à vontade, né? E conseguir... “Cosmopolita” foi a palavra que ele usou. Conquista sempre teve esses espaços alternativos cosmopolitas.

P – E a Casa Fora do Eixo assim... Por que ela deixou de acontecer?

G – Porque foi a primeira vez que a gente foi... Nossa primeira experiência, né? A casa era gerida por moradores, né? Eu era morador, Pablo Luz...

P – Ah, cê morava lá mesmo?

G – Morava lá. Nós morávamos lá. Né? Então, foi uma experiência que a gente tinha meio Novos Baianos, de vida coletiva. Então, a gente dividia as contas, né? A família de Pablo, Amanda, eu... Então... E era uma casa com um custo muito alto, né? Só de aluguel era dois mil reais por mês, então, tinha todas essas contas de água, luz, não sei o que e tal, e a gente nunca, nenhum de nós, tínhamos experiência de gerir um espaço cultural. Foi a primeira experiência da gente. Então, a gente não soube lidar financeiramente com ter um espaço cultural. Uma coisa é produzir eventos, outra coisa é ter um ponto fixo.

P – E morar no mesmo lugar do evento também... Né?

G – Exato. E morar no mesmo lugar, então foi uma experiência muito nova pra gente e a gente não conseguiu fechar as contas, né? Teve um momento que a gente viu que tava muito grande as dívidas, que a gente não ia dar conta, que só ampliava, que não ia fechar. Mas a gente fazia todo evento, todo domingo lá a gente fazia o domingo na casa e foi massa pra caramba, foi... Sete meses bem legais né? De programação, funcionou pra caramba, né? E com esses momentos históricos aí, né? [inaudível] Grandes bandas se apresentarem, né? Djamba, Scambo, Pirigulino, Suinga... Então, foi massa pra caramba, né? E a gente não teve problemas com a vizinhança. Foi por questão financeira mesmo. E aí, depois, o pessoal do rock teve sim, né? O pessoal da Casa do Rock teve problemas com vizinhança, né? Tiveram problemas financeiros também, né? É... Saíram com os

mesmos prejuízos que a gente saiu, mas além desses, tiveram essa questão da... Porque o nome Casa do Rock, preto, é, realmente... Pintaram a frente da casa toda... O nosso era um espaço colorido, né? Tinha uma... A fachada era grafitada, então, era evento que acontecia de tarde, né? Então, tinha essa questão, que o povo do Candeias chama de “mais leve” que o nome “rock”, né? O nome “rock” carrega ainda uma grandeza ali...

P – Uma agressividade natural no nome, né? Na verdade.

G – É, uma agressividade natural, então, jamais eles entraram pra as, na Casa Fora do Eixo a gente até convidou algumas vezes. A gente convidou, a gente lembra que os vizinhos foram, uma vez ou outra, mas na Casa do Rock, acho que não. Porque era um ambiente mais de bar mesmo. Mais de bar, né? De funcionar todos os dias no final de semana, de quinta a domingo, então, isso enchia o saco deles, da vizinhança, né?

P – De lá, vocês foram pra onde? Como virou o Suíça Bahiana depois que vocês saíram da Casa Fora do Eixo?

G – Aí a gente perdeu esse lugar de sede. A gente fazia as reuniões nas nossas casas mesmo. Continuamos fazendo evento, né? Tanto é que fizemos edições de festivais... Depois... Mas não tinha essa questão de uma sede fixa não, né? O Coletivo Suíça Bahiana continuou produzindo eventos, mas sem esse espaço físico, né? Sem uma sede física. A gente não inventou de ter um outro espaço... Apesar de ter feito várias parcerias, né? A gente fez parceria com o Underground Pub, né? A gente tava fazendo shows lá todo mês, a gente fez também com o Cultura Bacana, fizemos alguns shows no Cultura Bacana... O Centro de Cultura, né? Quando o Centro de Cultura reabriu, a gente voltou a fazer vários eventos lá também. A gente fez o evento que reabriu a concha, que foi um show do Edson Gomes, então, o Centro de Cultura voltou a ser um espaço muito utilizado. E a gente tinha os, as Conversas Infinitas no Centro de Cultura, que era um evento de formação, que acontecia todas as quartas e quintas. Então, toda quarta e quinta a gente tava à noite lá no Centro de Cultura. Então, acabava o Centro de Cultura sendo uma sede não-oficial do Coletivo, né? Que era um lugar que a gente tava toda semana junto ali.

P – Certo. E aí, você também chegou... Aliás, hoje você também tá na Secretaria de Cultura também, né?

G – Tô. Tô na Secretaria de Cultura, né? Eu sou técnico em assuntos culturais...

P – Agora cê tá no outro lado. Como é que é?

G – É. De fato. Esse cargo é bem raro. Eu acho que toda prefeitura deveria ter, que é um cargo via concurso público pra área de cultura. Pra um técnico na área de cultura. Como a maioria das prefeituras... 99% das prefeituras do Brasil não tem esse cargo, quando muda da gestão de um governo pro outro, é um caos porque, geralmente, na Cultura, sai todo mundo, então, os projetos... Há uma descontinuidade nos projetos muito grande, né? Então, eu tou lá pra evitar que isso aconteça, né? Que a gente tem uma lei, né? Então, eu criei, eu escrevi essa lei do Sistema Municipal de Cultura, e essa lei, a gente busca cumprir. Então, tá sendo uma experiência bem legal. Eu só... O ruim, por exemplo, agora, né? Que eu não posso participar dos editais, porque eu que crio. Eu que escrevo os editais, então, não faz sentido. Agora mesmo tá aberto um edital do... Pra espaços culturais. Pra coletivos culturais. Então, é um edital que, com certeza, o Coletivo Suíça Bahiana

participaria, mas não pode participar porque eu que escrevi o edital, né? Que é o inciso II a Lei Aldir Blanc, que é subsídio pra espaços culturais. Então... Mas faz parte. É normal, tudo bem... Agora vai ter uma porrada de editais, né? Por conta da Lei Aldir Blanc, e a gente não pode participar de nenhum. Então, é um pouco complicado, mas dá pra saber lidar, né? É só saber separar as coisas. Agora mesmo a gente conseguiu colocar a Mostra Cinema Conquista e o Festival Suíça Bahiana no calendário oficial da cidade. Né? Porque, então isso é legal, porque aí sim permite que eu, como servidor do Município faça parte da produção do festival porque é um evento que integra o calendário oficial da cidade. Né? Então, não é um evento qualquer de uma... Então, faz parte do calendário oficial, assim também, da mesma forma como eu trabalho na Mostra Cinema Conquista, né? Então, tou fazendo um serviço de utilidade pública, porque são eventos que viraram lei. E aí, foi uma falha da gestão passada, né? Não ter colocado o Festival da Juventude, o Natal da Cidade, o Arraiá Pé-de-Serra do Periperi, não ter colocado esses eventos no calendário oficial porque, se coloca no calendário, é obrigação da...

P – A gestão passada você fala a passada ou a atual?

G – A passada. A gestão passada não colocou o... Por exemplo: não colocou o Festival da Juventude no calendário oficial da cidade, então, o evento deixou de existir. Então, a gente tá tendo o cuidado de oficializar essas coisas, pra que elas possam ter continuidade.

P – Urrum. Cê tá lá nesse cargo desde quando?

G – Desde 2015. Desde 2015. Cinco anos já nesse cargo.

P – Notou uma diferença no trato com a cultura de uma gestão pra outra? Se é que você pode falar disso também, né?

G – Não, acho que eu posso. Acho que nenhuma das gestões... Inclusive, Kétia tem um trabalho muito legal... É... O trabalho de mestrado dela em Políticas Culturais, foi uma análise dos vinte anos de políticas culturais, os vinte anos de PT, analisando as políticas culturais. E, resumindo, não teve políticas culturais em vinte anos do PT então, da mesma forma, como não tem neste governo porque, independente do trabalho dos secretários, falta um olhar mais carinhoso, um olhar da gestão, né? Não é prioridade. Não foi nos vinte anos do PT e continua não sendo agora, na gestão de Herzem também. Deixa... E quando cultura não é tratada como prioridade, cê pode ter o melhor secretário de cultura do mundo...

P – Mãos atadas.

G – E não vai conseguir [inaudível]. Porque não vai ter orçamento, não vai ter estrutura... Então, é difícil trabalhar. O orçamento cultural de Vitória da Conquista sempre foi baixo, né? tanto nas gestões anteriores quanto agora. Mas a gente tá lutando pra mudar.

P – Beleza. Mais alguma coisa que cê acha que seria interessante?

G – Deixa ver se tem alguma coisa eu acho legal falar aqui... É, acho que não. Eu acho que... Acho que é por aí mesmo. O resto, cê vai descobrindo nas pesquisas...

Termina em 58:15

RUCKSON LUZ

Bancário. Guitarrista ÑRÛ, 1 em Pé 2 Alados, proprietário estúdio Radioative Hippies.

Nome completo: Ruckson Luz Novais

Data da entrevista: 26/10/2020

Transcrição: 13/08/2021 – 28/08/2021

Início em: 1:40

PLÁCIDO – [...] a primeira pergunta que eu faço é essa: se você nasceu aqui em Conquista e em que ano foi.

RUCKSON – Não. Nasci na cidade de Abaíra, cara. Cidade da Chapada Diamantina. Há 300km daqui, em 77. Mas eu moro em Conquista desde 3 anos de idade, cara. Pra mim, eu me considero conquistense, apesar de eu ter dividido a minha infância entre lá e aqui. Mas vim pra cá com três anos.

[...]

P – E sua infância, como é que foi... Na verdade, assim: porque você veio de lá pra cá, Abaíra já na chapada, né? Cê veio parar aqui como?

R – É... Chapada Diamantina. Rapaz, meus pais, né, véi? Assim, a cidade lá era uma cidade pequena na época o turismo lá... Até hoje. Na verdade, na cidade de Abaíra até hoje o turismo é muito fraco, sabe? Lá pela chapada ali ao redor, não. Tem um turismo legal lá, mas lá a cidade ainda é fraco. Naquela época mais ainda, né? Início dos anos 80, aí, tal... E meu pai veio à procura de oportunidade mesmo, trouxe a família junto, tal... Minha mãe era professora, já tinha conseguido a transferência pra cá e eles vieram pra cá. Foi uma boa escolha. Quiseram até ir pra Salvador, graças a Deus desistiram. Ficaram por aqui mesmo. Legal.

P – Risos. Aqui cê morou em que bairro, nessa época aí da infância?

R – Rapaz, aqui, quando a gente chegou, a gente morou no bairro Brasil, e hoje eu moro aqui... É... Algumas cartas chegam como Recreio, outras cartas chegam como Centro. Mas a gente mora aqui desde 87, então, tem muito tempo. Na mesma casa, inclusive. Tô até aqui, na casa dele agora, falando contigo. Na mesma casa que eu vim desde 87.

P – Sim. Cê estudou aonde aqui?

R – Rapaz, eu estudei numa pá de escola, véi. Estudei no Polivalente, [risos] fiz o primeiro grau numa escolinha que chamava Cinderela, aí fui pro Polivalente, estudei no Paulo VI COEDUC, São Tarcísio... É... Quando eu estudava assim, o segundo grau... Rapaz, eu gostava muito de escola, da companhia mais, do pessoal de escola, e eu era muito envolvido com questões de política, sabe? Aí

eu ficava fazendo amizade com muita gente. Eu cheguei a estudar em duas escolas. Estudava no Polivalente e no Paulo VI ao mesmo tempo, COEDUC e Polivalente ao mesmo tempo, assim, uma escola particular e uma escola pública, sabe? Minha mãe era professora também, ela conseguia sempre assim essas vagas pra mim, de modo que eu ficava na escola praticamente o dia todo, estudando... É... Metade estudando, metade zoando, né? Que eu também não era aquele aluno... Não posso dizer que eu era um aluno exemplar não. Não era não. Mas, gostava de tar ali no ambiente [corte] começou na escola mesmo. Com amigos assim, na escola e tal. Passei por um monte de escola na cidade, na época.

P – Como é que era a sua relação com música na infância assim... Aí, 70... 80... Início dos anos 80, né? Por aí...

R – É... Assim: aí já vem dos meus pais, que meus pais eram fãs mesmo assim, de carteirinha, de jovem guarda, entendeu? Então, em casa, era escutando jovem guarda quase o dia todo. Meu vô só vivia com um radinho, assim, do lado, escutando música... Acho que a família toda sempre gostou de música. E... Mas essa [inaudível] de cair aí pro... Fora a jovem guarda, que é um rock, né? Um estilo de rock e tal... Importante, inclusive, na época... É... Mas assim, esse despertar pra produção musical, de ouvir uma música autoral e tal assim, foi mais pelo meu irmão. Meu irmão já tocava um violão assim, então, eu ficava em casa... É... Vendo ele tocar Legião Urbana, Ultraje a Rigor, Ira!, Capital Inicial, Replicantes, eu lembro que ele tocava muito um EPzinho do Replicantes, que ele ouvia muito e tocava na época, tenho até esse EP... Acabei que eu até toquei com o Wander Wildner depois, né? Quem diria, né? Assim, né? Depois de um tempo... Mas ele tocava aquela música *Surfista Calhorda*, aquelas músicas assim e eu, porra, aí... E era um negócio diferente, né, véi, do que você, apesar do rock fazer sucesso na rádio naquele tempo, mas o que fazia sucesso era RPM, que também eu gosto também, pra caramba, meu irmão tocava e tal, mas ouvir umas letras assim com alguma... Com uma temática mais inteligente, mais questionadora, entendeu? Uma certa política ali, me despertou pra música e pro rock... [corte] Esse tipo de rock autoral, de você poder dizer uma coisa diferente do que tava sendo dita e tal, e aí, começou isso, e juntou. Acho que na mesma época, meu irmão tocava esse violão desde pequeno, né? Eu ouvia sempre ele tocando ali, né? Na escola eu acabei encontrando uns colegas que eram metaleiros. A gente já, bem novo, pô: coisa assim, de 12 anos, 13 anos, a galera já curtindo rock, curtindo metal, Iron Maiden, tal, essas coisas assim. Era mais uma questão de estilo, de tar usando ali aquele estigma de fazer parte de um grupo, entendeu? Do que realmente de ouvir a música, porque, é até estranho dizer isso pras gerações mais novas, mas rapaz, era uma limitação incrível, bicho. Conseguir música naquele tempo era muito limitado, cara. Era muito. Cê tinha que fica com o cassete ali, gravando música na rádio... Pra você comprar o disco de uma banda que você queria, não era assim... Cê não saía na rua ali, comprava na internet e comprava não. Era difícil de você conseguir. Quando um colega conseguia um disco de uma banda que cê curtiava, porra, saía gravando pra todo mundo. A pirataria naquele tempo ali é que era pesada. Hoje em dia né nada. Um disco rendia pra cidade todinha. Bastava um. Bastava um colega ter, todo mundo tinha. Então, era massa, pô. E assim: é aquela época era diferente, sabe? É... O rock naquele tempo fazia sucesso, entendeu? Diferente de hoje. A música que existia era rock, né? Até a música pop perdia pro rock. E, principalmente, no Brasil. Existem pessoas que falam que isso aí foi mau, foi ruim a forma como o rock se destacou, né? No meio musical brasileiro, porque foi uma forma muito controlada ali pela indústria fonográfica, quer dizer: o objetivo era muito mais dinheiro, entendeu? Então, algumas pessoas acreditam que aquilo

ali foi ruim, mas pô, mas eu que vivi aquilo ali, pra mim isso foi uma coisa totalmente positiva. Queria que continuasse assim. Já que, sendo negativo ou não, porra, se tivesse continuado até hoje dessa forma, man. Seria... Porque era bom, entendeu? Assim, tinha... Apesar de que Conquista não tinha espaço, como te falei, não tinha loja, não tinha espaço pra você tocar, quando eu comecei a tocar, não se sabia de shows de bandas pequenas. Eu pelo menos não tinha conhecimento, mas mesmo assim você viv... Era diferente, você ligava a rádio, de dez músicas tinha nove que cê gostava, pô... Entendeu? Hoje, de dez músicas, tem zero, né? Tem zero música que eu gosto, então, é completamente diferente e não só eu: tem várias gerações que vieram depois de mim, mas a geração do meu filho... Porque gosta de rock, pra escutar ele tem que entrar na internet. É outro acesso. É uma coisa completamente diferente, né? Do que você tar vendo ela ao seu redor sem você procurar por ela. É diferente.

P – Cê começou a tocar quando?

R – Rapaz, em 92. Isso aí é exatamente. Em janeiro de 92, tava tendo lá na cidade de Abaíra, eu tava lá e começou a ter chuvas assim, torrenciais o tempo todo e a gente ficou, literalmente, trancado na cidade. Ninguém entrava, ninguém saía. As estradas se acabaram, aí a gente falou: “pô, bora fazer alguma coisa aqui”. É... Eu tinha um primo mais velho também, que é da idade desse meu irmão mais velho, eles eram amigos assim entre eles... Meu irmão já tinha me apresentado pra bandas aqui da cidade. Ele falava, né? Me apresentado não, mas ele falava das bandas. Cê conseguir uma fita daquelas bandas naquele tempo era difícilimo. Cê tinha que ir num show mesmo e gravar. Mas ele me falava, de Atestado de Pobreza, Depressivos, tinha uma banda que ele falava, de Exame de Fezes. Chamava Exame de Fezes, tipo... Eu só fui saber muito tempo depois que essa banda realmente... Que eu achava que era uma brincadeira. Mas não, aí, ele me falava dessas bandas e eu, pô, eu ficava super curioso né, véi? Com aquilo ali assim... “porra, vei. Que negócio legal. Cê fazer música”. Aí, acaba... Eu tô lá em Abaíra, trancado em Abaíra... É... Meu primo ficava tocando violão, ele falou: “ô, bicho, bora fazer umas melodias aqui. Eu toco violão, cê canta qualquer coisa”. Aí eu cantava assim com ele, tocando violão. Eu não sabia tocar instrumento algum, sabe? Aí ele tocava o violão e eu pegava a letra de qualquer coisa assim e ficava cantando por cima. Ele falou: “porra, bicho, tu sabe fazer melodia, porra. Tu canta afinado, não sei o que, bora fazer uma banda”. Aí tinha meu irmão Russano... “Pô, chama Russano também, bora fazer essa banda aí, bora juntar aqui. A gente não tem nada pra fazer...”

P – Russano é mais novo que você, né?

R – É. 1 ano. Aí, a gente começou com essa banda, sem ninguém saber tocar nada. Era literalmente a banda *faça você mesmo*, entendeu? Só esse primo meu que sabia tocar. Ninguém mais sabia. Aí chamou um outro primo dele lá, que ele tinha. Eu não conhecia. Fui conhecer o cara já nessa situação. Ele falou: “rapaz, cê precisa conhecer Zezé”. Aí, ele perguntou: “o que você ouve, bicho?” Tal, assim, esse primo meu era sete anos mais velho que eu, tá? Aí ele ficou assim: “porra, bicho, os cara...” Imagino ele pensando, né? “porra, os cara novinho aqui, gostando dessas músicas, pô...” “Pô, cê precisa conhecer Zezé, véi, que é um primo meu, tal...” Aí, fui na casa do cara, o cara cheio de disco de rock, véi. Aqueles discos que eu amava. Aquelas coisas que eu amava assim, e eu gostava muito de banda punk. Ainda gosto, mas naquela época eu era fissurado com punk, porque me chamava muito a atenção, principalmente, a questão das letras da banda, apesar de ser uma coisa bem embandeirada, né? Tem um protesto muito assim, primário, mas eu gostava, entendeu? Na

época eu gostava, e continuo gostando. Hoje eu gosto de uma forma diferente do que naquela época, mas na época me chamava muito a atenção. E esse cara tinha um monte de disco, bicho. Eu falei: “porra! Caramba, véi! Tem que fazer a banda”, sabe? Juntou... Sabe o que é você juntar tudo assim, tudo numa coisa só, convergir tudo pra um interesse, uma vontade que cê tinha de fazer com a oportunidade. Convergiu tudo naquele tempo ali. Janeiro de 92. E, a partir daí, eu não parei mais, véi. Assim, fui parar agora, né? Mas foi assim: uma banda atrás da outra, sempre fazendo, produzindo alguma coisa... Essa banda que a gente formou em janeiro de 92 chama ÑRÛ. A gente chegou a gravar disco com ela. A ÑRÛ ficou ativa até 97, assim, né? A gente produzindo, fazendo música, tal... É... Aí depois, não. Aí depois, a gente fazia show esporadicamente, aí, tipo a cena aqui em Conquista já foi acabando mesmo, de 96 em diante, né? Eu estudava na UESB, os shows que a gente fazia era quase sempre pela UESB, tal assim... Não tinha, realmente, uma cena. Não existia uma cena na cidade. A cena foi iniciar realmente nessa época que você entrou: em 2000. Exatamente em 2000 é que a cena voltou. Eu não me recordo. Às vezes tento me recordar o que foi que chamou essa cena de volta. Não consigo me recordar, mas o fato é que em 2000 várias bandas começaram a tocar de novo. Entendeu? E aí, a gente já tava com a banda. A ÑRÛ assim, como essa formação que te falei, de produzir música, de fazer música autoral, de gravar... A gente chamava de *demo*, né? Que era uma fita cassete com uma demonstração ali das músicas que a gente fazia. Eu lembro nisso aí, voltando a janeiro de 92, quando esse primo meu me falou isso, como eu te falei, eu já era muito envolvido... Eu era tipo, delegado da UNES e coisa. Eu era muito envolvido ali com a parte da política. Eu sou anarquista. Não gosto de política partidária. Eu achava que não tava, mas eu tava, né? Envolvido com partidos ali, que eram, na época, que eram *undergrounds*. Hoje já não são mais. Tive muita decepção com esse povo mas, enfim, gostava de tar ali nesse meio. É... Aí o cara me falou assim: “porra, bicho. Vamos fazer umas letras. Traz umas letras amanhã aqui, que a gente faz umas música”. Rapaz, eu sentei, eu já fiz tipo encarte. Eu peguei... Fui na loja no meu vô, ele tinha uns papeis lá assim, de embalar uns negócio lá de caixa, e fiz como se fosse o encarte do disco, pô. Já fazia os desenhinho e as letra. As letra já tava tudo na cabeça. Porra, de um dia pro outro saiu assim, umas trinta letras de música, sabe? As músicas eram compostas desse jeito que eu te falei: a gente tocava ali, três acordes, tal... Sol, lá, ré... E eu mandava ver na melodia sem entender nada de música. O outro que cara, o Zezé, que te falei, que tinha vários discos, também não entendia porra nenhuma de música, foi tocar baixo. Russano não tocava nada de bateria. Ficava tocando a bateria de todo jeito lá, e assim a gente fez uma demo, véi, mas à vontade. Eu fico até falando com os caras: “pô, como é que naquele tempo a gente conseguia produzir tanto, véi, assim?”

P – É isso que eu ia te perguntar, velho. Como vocês gravaram? Eu tive acesso a dois ou três discos. Eu não sei nem como é que eu cheguei a esses discos, mas eu baixei. Como vocês fizeram isso? Cês eram tudo novinho também, na década de 90, eu acho que era 93, eu acho, que cês lançaram, não foi?

R – É, eu tinha dezesseis. Russano, a gente chegou a ser, a gente foi tocar em Salvador assim, Russano chegou a ser barrado, porque além de ele ser mais novo que eu, era mais baixo, assim... Ele era bem franzininho, pô. Eu também. Eu era um palito, assim... Mas aí, tipo... Os caras... A gente chegava pra tocar nos lugares... Isso né mentira não: verdade. Várias vezes, a gente chegou pra tocar com bandas até maiores, a gente chegou com a ÑRÛ a gente chegou a tocar com a galera assim... Planet Hemp, a gente dividiu com Pitty. Pitty chegou a abrir um show com a gente, pô.

Imagina... Pitty. Ela tinha uma banda que se chamava Inkoma, chegou a abrir pra gente, pessoal de uma banda que chegou a fazer na época, não sei se o pessoal vai lembrar hoje em dia, Penélope, chegou a abrir pra gente... É... Aí a gente chegava nesses lugares pra tocar assim, a galera: “Pô, mas são vocês?” Porque a minha voz mesmo, pô, se você ouvir a minha voz na ÑRÜ, o cara vai [inaudível].”Porra, mas é tu, assim?” sabe?

P – Risos.

R – O cara tá parecendo, digamos assim, né? Era um negócio que a imagem da gente não condizia com as músicas, porra. Na hora que ele via as músicas, “pô... São vocês não!”. A gente com aquela cara de roceiro, de menino roceiro assim... Às vezes a gente chegava num lugar que a galera não acreditava muito não. A gente já chegou a ser barrado em rodoviária, sem conseguir voltar, tal... [inaudível], mas muito legal. Muito legal, assim.

P – Rapaz... Cês gravaram como? O que que cês usaram pra gravar? Onde cês gravaram?

R – E assim: essa capacidade de [inaudível]. Nós fazíamos muita música, véi. Muita música. Muita, muita. Quando eu falo *muita* é tipo, dum dia pro outro, a gente fazia dez músicas. Hoje em dia não tenho mais capacidade criativa pra isso, né? Tudo bem que não eram músicas “oh, que música maravilhosa!”. Não era, né? Lógico, né? Mas tem algumas, tem uma meia dúzia aí que se salva. Hoje eu escuto assim, falo: “porra, véi, a gente era bom”. É... Eu peguei, esses dias, pra reviver meus cassetes. Dessa época aí, 92, quando a gente fez a banda, 93, 94, eu só queria ouvir música *underground*, entendeu? Aí eu parei de ouvir... Parei de ouvir Legião Urbana, Ira!, tal, esse tipo de coisa. Eu só ouvia *underground*, entendeu? Só pegava fita de banda que eu podia falar com o cara. Tipo, tu, Plácido tem uma banda. Pô, eu posso falar com Plácido. Quero ouvir a banda dele. Entendeu? Não quero ouvir outra banda de blues. Quero ouvir a banda de Plácido. Não quero ouvir outra. Entendeu? Só com os caras que eu tinha contato. E o contato na época era carta. Carta mesmo. Cê fazia carta pro cara, escrevia ali e mandava pelo Correio, o cara respondia de volta, a gente passava sabão em cima do selo assim, pra não gastar muito aí o cara chegava lá, lavava o selo, botava de novo, mandava de novo... Bicho, era um negócio... É inacreditável. Eu conto isso pro meu filho hoje, ele fica rindo, véi. Que é uma coisa... Sabe, uma coisa surreal pro que é a vida hoje, né?

P – É, hoje, acho que nem em filme se vê mais isso.

R – Pois é, véi. Era... Eu parecia... Minha mãe falava que eu parecia Xuxa, cara. De tanta carta que eu recebia. Era carta pra caramba. E mandava também, né? Recebia e mandava. Ficava vendendo as fitinhas dentro da fita... Dentro das cartas, porra. Mandava as fita, gravava pros caras e mandava. Cê perguntou foi como a gente produzia, aí esse negócio que eu te falei, né? Fiz lá o encartezinho, 92, no outro dia já tinha trinta músicas pra tocar, o cara: “porra, caramba! Bora fazer a banda...”. Tocava... Já botava pra gravar já pra ver. O que saísse, “ficou bom? Ficou. É uma música. Pronto, já tá gravada. Já é uma música. Vamo outra”. Entendeu? Aí, ficava ruim, o cara “não, ô, bicho, ficou legal não”. Que o bicho, ele tocava já, né? Ele já tocava em banda mesmo, com banda de baile, banda de axé, esse primo meu. Ele era o maestro da banda, digamos assim. Né? Aí, ele falava: “pô, essa não ficou legal não. Bora outra”, tal. Então, até que a gente conseguia fazer uma demo. A gente conseguia gravar ali, dez músicas, “já é uma demo. Bora lançar. Bora mostrar pros amigos”.

P – Urrum...

R – E a coisa era feita desse jeito. Só que isso dava um gás tão grande, uma energia tão diferente assim, que a gente, a vontade da gente era mostrar música pros amigos, entendeu? Precisava nem ter show. O show era um *plus*, digamos assim. A vontade era gravar música e mandar música pros amigos. A coisa deu... Deu certo assim: nós nunca ganhamos um centavo de dinheiro: o que ganhava, a gente gastava na própria viagem, na própria ali, na produção, né? Não dava pra fazer dinheiro não, mas o ânimo que aquilo dava, a satisfação que ali dava era muito legal, diferente de hoje em dia assim, né? Hoje em dia, os espaços são... Eu acho os espaços limitados, assim, tal... Até os amigos hoje em dia, parece que não... Eu não sei se a gente vai ficando mais velho e a gente começa a enxergar o mundo de outra forma, mas assim, eu sinto que, apesar de eu gostar de música tanto quanto eu gostava antes, eu sinto que falta essa união entre o pessoal assim, de um querer ouvir a música do outro, de um apoiar o outro, de um mostrar a música do outro pra outro, entendeu? Essa colaboração, eu acho que hoje é muito pequena, até por conta da internet. A gente fica muito baseado em divulgar sua música pra desconhecidos, aí acaba que a coisa não começa localmente, entendeu? Eu ainda sou daquela mente antiga, que hoje em dia isso é uma coisa antiga, que é aquela coisa que tem que acontecer primeiro localmente, entendeu? Cê tem que ter primeiro um apoio ali, da pessoa que tá próxima a você, e você também oferecer seu apoio a ela pra, a partir dali, a coisa sair pra fora. Ou seja: ela sair pra fora com mais substância, entendeu? Com mais propriedade. Hoje em dia a gente só pensa em colocar coisa na internet, e tal... Acho que eu tô... Fiquei atrasado no tempo. O tempo, eu acho que me atropelou um pouquinho nisso aí. A tecnologia me atropelou um pouquinho nisso aí. Antes cê vê assim: tu tem a banda... Não sou só eu. Eu vou me colocar aqui, mas não sou só eu: cê tem a sua banda, outro toca. Cê não sente a falta do apoio dos seus amigos, pô? Eu mesmo, sinto: “pô, eu podia tar no show do cara, não tou, véi”. Entendeu? Assim, né? O pessoal não tem essa... É... Às vezes eu vejo até a banda. Quando eu tinha a banda, já nos 2000 pra cá... Daqui a pouco a gente entra no assunto que cê quer, mas só pra colocar essa observação assim, do quanto que isso precisa mudar... Aí tu tem uma banda que cê quer tocar. Cê vai tocar oito horas. Cê chega oito horas, tocou, cê vai embora, pô. Cê não fica pra ver o show dos seus amigos, entendeu? Os seus amigos não ficam pra ver seu show. Não sei. Isso é o que mudou. Isso é que na época era muito diferente. Entendeu? A questão da escola, que eu te falei. É... Aí, nesse tempo aí, eu ainda tava... Acho que tava entrando no segundo grau. É, tava entrando no segundo grau, então, seus amigos todos conheciam, pô. Todos os amigos tinham as músicas da gente. Todo mundo tinha. É... Um pouco antes disso, eu conheci Marcelo, que cantava no Atestado de Pobreza, na época [inaudível]. Ô, aí sim, eu conheci mesmo abanda, tal, fui ouvir. Porra, eu ficava o dia todo escutando a música dos caras. Então, eu acho que era uma outra realidade. A falta da internet, a falta dessa questão dessa comunicação tão fácil fazia a gente se comunicar localmente de forma mais eficiente, na minha opinião. Mas vamo lá, véi. Vamo...

P – Não, pode seguir. O que você achar que é interessante, cê manda bala.

R – A diferença que eu sentia... Que eu sinto a falta dessa energia, é essa aí: essa troca de energia próxima. Eu acho que hoje em dia, eu acho que a cena do rock perdeu, na minha opinião. Isso é uma coisa minha, muito própria minha, sabe? Eu acho que a cena do rock, ela se perdeu mais localmente do que essa questão de não ter mais investimento da indústria fonográfica. O investimento da indústria fonográfica, ele acabou em todos os sentidos, eu acho, né? Eu acho não:

eu vejo, né? Assim, porque... É... Hoje a música tá muito na questão da internet, entendeu? Mas essa música da internet, ela não gera tanto dinheiro quanto gerava a venda de um disco, a venda de um CD, que seja, entendeu? Então, as gravadoras não têm mais interesse em investir num artista, por mais que ele seja bom, porque não vai ter o retorno financeiro, e a gravadora, ela quer dinheiro. Né? O artista, às vezes não. O artista, os pequenos não: eles querem satisfação, querem viver daquela música, mas querem mais satisfação do que o dinheiro. A coisa, eu acho que não começa, pelo menos, com o dinheiro sendo o objetivo. Não sei. Você mesmo pode dizer isso, né? Quando você toca música, eu acho, eu acredito que o dinheiro não é o seu objetivo. Se fosse, cê ia tocar outro estilo de música, né? Não precisa nem responder isso, né?

P – É aquela sensação que cê falou, de criar alguma coisa e ver essa coisa circulando na mão de um, na mão de outro, uma pessoa que você nem conheceria se não fosse música, né? Tá ali ouvindo sua música, no caso, né? Na época aí... É por aí.

R – É um prazer indescritível, né? Isso hoje, eu acho que isso, hoje... Lógico que eu não tou convivendo com a geração que hoje frequenta shows. Eu vou, porque eu gosto muito, né? Quando eu vou. Mas, eu acho que falta essa convivência de um interesse comum entre as pessoas. As pessoas separadas em suas casas, não é a mesma coisa que uma pessoa ali, se encontrando em shows com frequência, digamos assim, né? Imagina tu viver, por exemplo: cê pegou um show, cê encontra seus amigos num show, poxa... Isso aí é uma situação de prazer assim, né? Que tu tem. Imagina tu viver isso aí diariamente, cara... Você deve ter pegado isso talvez, dos anos 2000 assim, porque 2000 a internet não definia tanto a nossa rotina. Mas cê imagina aí, pouco antes de 2000 era mais ainda: não existia internet, né? Em 92, 93, 94, 95 não tinha internet. Não existia. Se você quisesse conversar com alguém, cê tinha que ir pessoalmente conversar, e aí a turma era muito grande. Não era meia dúzia de pessoas que cê conhecia. Eram muitas pessoas. Então, porra, era muito legal. Ter uma banda de rock, eu, assim: se fosse uns dez anos antes, melhor ainda, né? Mas eu acho que eu peguei um período legal pra ter uma banda de rock. Pena que eu estivesse no lugar errado. Não que Conquista seja uma cidade ruim não, mas se eu estivesse num lugar maior, seria melhor ainda, né? Num centro, né? Assim, seria melhor ainda.

P – Sim, anos 90, Conquista ainda era meio... Bem cidade pequena mesmo, assim. Um jeitão de cidade pequena, não era essa movimentação de hoje, era bem diferente.

R – É, não tinha show não, Plácido. Não tinha show não, porra. Se você não se movesse pra fazer seu show, cê não tocava em lugar nenhum, pô. Não tinha um bar li com estrutura. Porra, um bar com estrutura era uma coisa impensável, entendeu? Pra cê tocar num lugar já com estrutura pra você tocar era impensável. A gente dependia de patrocínio em quase tudo, pô. Quase tudo. Até um instrumento bom a gente não tinha. Era difícil comprar um instrumento de qualidade que eu falo, do que a gente tem acesso hoje. Imagina. Se isso era difícil, imagina cê ter um som bom, pô. Um som bom, tipo, a gente dependia... A gente já fez muitos shows. Tem que até agradecer os caras assim, nessa parte, né? Com patrocínio de partidos, patrocínio de sindicatos, e tal, que forneciam o som deles pra gente tocar, o caminhão deles pra gente tocar, mas era assim: a gente saía correndo atrás de praticamente tudo. Tudo. Alugava ali um lugar numa oficina que tava parada... Descobria um lugar lá que tava parado. A gente ia fazer o show lá, divulgava no papelzinho pros colegas... “ô, pô, fala com seu outro colega, com seu outro colega...”. Não dava uma galera bonita como dá hoje. Pô, hoje cê vai no show assim, tem um pessoal bonito, velho, mesmo assim, tal. Naquele tempo não:

parecia que... (risos) Com o perdão da palavra, parecia que a galera tinha saído do esgoto, porra. Risos. É, era uma galera legal, gente fina, gente fina mesmo assim, mas parecia que... “Rapaz, de onde é que veio essa figura, véi? Por que esse cara apareceu aqui, esse cara. Eu nunca tinha visto esse cara na minha vida, o cara tá no show”. Era diferente, mas era legal. Se pudesse unir as duas coisas, né, bicho? Tipo a galera ali dos anos 2000, até 2000 e... 2010, assim, que eu tava mais na ativa assim, se pudesse unir aquela galera com aquela cena de antes, pô, seria acho que a perfeição, assim.

P – Urrum... E aí até quando... A NRÜ durou até quando, cê falou?

R – Rapaz, em atividade mesmo, com essa formação que eu te falei, gravando fita, fazendo música, tal... Até 95. Que foi 95 foi a última fita que a gente gravou. Mas aí ela já não tinha mais... A gente começou como uma banda punk. Punk mesmo, primáriazona, três acordes, pá pum, pá pum, pá pum, botava letra, refrão, cabou, entendeu? Nem repetir refrão, assim, mensagem direta mesmo...Banda punk, a gente durou até...

P – Passou a mensagem, já foi.

R – É. Até 93. Eu tenho uma coisa assim, que eu tenho muita honra de falar, que a gente começou a fazer mistura com ritmos... Isso tá fácil, tá registrado, né? Eu posso dizer assim com propriedade, a mistura ali com ritmos nordestinos, dois anos antes de Raimundos e de Chico Science, né? Que a gente começou em 92. Quem pegar uma fita nossa vai ver, a gente assim, né? As músicas nossas eram mistura de punk com nordestino. Assim, eu não tinha conhecimento, pelo menos, eu não tinha conhecimento de outra pessoa que fizesse aquilo. No início era até estranho assim, né? Pessoal de São Paulo sempre foi um pouco xenófobo. Isso aí, na época, já era, mesmo o pessoal ali do tal do movimento anarquista, do não sei o que, eles eram xenófobos, então cê via que a aceitação era meio complicado pra cê entrar no meio daquele povo ali.

P – Cês tiveram algum problema com gravar Elomar, não?

R – Ah, vários. Tanto que não saiu, né? Só ficou uma música, por conta do saudoso aí Miguel Côrtes, né, véi? Que ficava insistindo em passar essa música nossa na rádio. Essa música, no fim dos tempos [inaudível] mixar. Aquela música foi mixada por conta dele, véi. Ele ficava falando: “bicho, porra, mixa essa música pra eu botar na rádio aí, porra! Mixa”. Eu falei: “porra, bicho, mas os caras não deixaram a gente gravar, porra”. Aí, a história é a seguinte, bicho, não sei se você pode colocar isso. Vamos resumir pra você poder colocar: a gente encontrou com Elomar uma vez, lá, ele tava muito alegre nesse dia, tavamuito feliz, e a gente encontrava ele nesse lugar direto, e a gente falou: “pô, Elomar, porra, a gente toca umas músicas de vocês no show”, a gente já tocava no show, a música, mas nunca tinha gravado. “A gente pode gravar?” Ele falou: “rapaz, é muita honra ver a juventude tocando minhas músicas...”, acho que ele não imaginava o que é que a gente faria com as músicas dele, né? Aí, a gente pegou e gravou. A gente gravou no estúdio, e gente todo animado, gravou no estúdio as músicas... Acho que eram oito músicas, a gente gravou sete músicas dele. Músicas que a gente já tocava nos shows assim.

P – Ah, foram tantas assim?

R – É. Aí, as músicas eram: *Arrumação*, né? Que era essa que passava na rádio... *Arrumação*, *Curvas do Rio*, que a gente tocava muito também nos shows, É...*Chuva no Terreiro*, *Violeiro*... Pô,

a versão de *Violeiro* mesmo era massa. Pra os dias de hoje a versão de *Violeiro* acho que seria a que ficaria melhor, pô. A gente fez um, uma mistura de... Hoje em dia, acho que já tem nome pra isso, né? *punk psicodélico*, né? Naquele tempo não existia esse nome não. Essa mistura, tipo, era água e óleo, né? Duas coisas que não combinam, né? Era tipo um soul, um funk assim, uma música meio suingada assim, meio punk, violeiro, era massa. Música massa. Tô até pensando em remixar essas músicas, pegar os originais e remixar.

P – Ah, faça! Risos.

R – É... *Cavaleiro* [inaudível], que já é um rock, né? O Elomar é que gravou errado, na verdade. A música já é um rock, né? *Curvas do rio* também já é. Ele que gravou errado, porra. A música devia ser nossa. Assim, a gente pensava: “[inaudível] tá pronta. Não precisa fazer nada. É só tocar as músicas. Bota a bateria aí, tá pronta”.

P – Risos.

R – Então, eram essas músicas aí. A gente tocava elas no show, porra, e a galera gostava. Por incrível que pareça, a galera gostava muito. A gente tinha uma onda de pegar no meio do show, distribuir rapadura. A gente quebrava, comprava a rapadura, tal... Trazia lá de Abaíra. Abaíra é a terra da cachaça. A rapadura de lá também é muito famosa, né? Da cana-de-açúcar. A gente quebrava a rapadura todinha, entre uma música e outra ali, a gente dava rapadura pro pessoal assim, era brincadeira, né? Uma brincadeira lá, que acabou chamando atenção. A gente tinha uma música que chama... Que o nome da música é *Sobre Solo Ardente*. É... Aí, o refrão da música é *eu te amo, desgraça! Nordeste, pedra lascada. Eu te amo, desgraça!* Porra, aí o pessoal pedia muito essa música. Mas mais por conta dessa frase, né? *Eu te amo, desgraça!*. Então, “pô, toca *eu te amo, desgraça!*, toca *eu te amo, desgraça!*”. E na hora de *eu te amo, desgraça!* Tinha rapadura, tal, tinha essas brincadeiras assim. Era legal também. Uma carneira de um boi, a gente sempre levava pro show também, tal, esse tipo de coisa.

P – Risos.

R – E aí, aí, meio que... Ah, eu ia contar essa história assim, porque que a gente abandonou, mais ou menos, isso aí. Cê ver como é que era a mentalidade na época, da gente assim, de querer ser diferente, né? Aí, Chico Science lançou um, o disco dele, né? Misturando ali com a música lá de Pernambuco e tal... E Raimundos fez uma coisa muito boa, que eu gostava muito, mas era um... Era uma questão com nordestino meio caricaturada, então a nossa era uma coisa mais séria, um pouquinho mais séria assim. Não era tão brincadeira quanto a questão do Raimundos não, apesar do Raimundos ser excelente. Pra mim é muito bom. Aí, meio que perdeu a graça, sabe? Porque ficou parecendo que a gente tava copiando, que a gente tava numa moda. Que nessa época aí, 94, quando eles lançaram, tanto Chico Science quanto Raimundos, aí virou uma moda isso aí, então todas as bandas queriam fazer mistura de rock, entendeu? Aí a gente falou: “porra bicho! Aí agora a gente ficou meio deslocado assim, que tá parecendo que a gente tá numa modinha, aí. Bora mudar um pouco essas coisas aí, bora colocar outras músicas”. A gente colocou, a gente tem, depois até te mando se você não tiver, algumas misturas com blues, é... Com músicas, é... De temática assim, já mundial, digamos assim, né? Com uma mistura mesmo... Só que não uma coisa tão liquidificada. Parte de uma música era de um jeito, outra parte era de outro. Na época, a gente fez isso e eu, eu não me agradei muito na época. Hoje eu até gosto. Hoje eu ouço assim, eu até gosto desse trabalho

nosso a partir de 94. 94, 95, 96 já tava um negócio meio perdido. Entendeu A gente começou a perder a essência. A última fita que a gente gravou foi em 95, 96 já nem gravou mais porque já tinha realmente perdido a essência da coisa. A energia já tinha passado. Passa rápido, né? Quatro anos só, a energia já tinha passado. Porque não existia incentivo, né? Aquela coisa: existia o incentivo local, mas o incentivo local já tinha chegado num limite. Não tinha mais pra onde crescer, entendeu? Então, a gente teria que ter um campo pra gente desenvolver uma banda legal, porque a banda era legal, pô, se você ouvisse cê ia ver. Se você comparar hoje, quando eu sei tocar um pouquinho mais... No tempo eu só sabia três acorde, hoje eu sei quatro, mas hoje eu vejo assim e vou escutar as bandas que eu escutava naquela época, eu fala: “porra, véi, que banda ruim. Cacete, como é que eu gostava disso”, entendeu? “Que banda ruim, banda ruim”. A banda que andava no mesmo cenário que a gente, os bicho era muito ruim, pô. Hoje as bandas tocam melhor, assim. Bem melhor mesmo. As bandas de hoje tocam muito melhor que naquele tempo. Não sei se é por conta de estrutura, ou se é por conta de estudo, de preparação, ou de tudo. Mas o fato é que hoje as bandas tocam melhor. Naquele tempo era muito ruim, aí quando a gente pega as músicas da ÑRÜ que eu ouço hoje, eu ouço assim, e comparo com as outras, era ruim, mas não era tão ruim quanto as outras. Então, talvez, quem sabe se a gente tivesse num grande centro ou se a gente tivesse mais incentivo, né? Se tivesse acontecido de uma forma diferente, talvez a gente tivesse crescido, né? Assim... Conquista é uma cidade que tem muito artista, pô. Tem muita gente boa aqui que cê vê. E aí, cê que o cara não cresceu porque faltou pra ele um incentivo, pô. Tem muita gente boa aqui em conquista. Muita gente boa. Tem muita gente que poderia ser um Elomar aqui, não só no rock, né? Na música em geral. Poderia ser um Elomar, pô. Por que não? Né? Assim, falando, tipo, quando a gente tocou a primeira vez, que a gente tocou... Que Pitty tocou com essa banda dela, pô, ela não era melhor que a gente não. Sem ficar com falsa modéstia, não era melhor não. Embora é uma artista da porra, ela provou né? Que é, continua até hoje sendo. A música dela não é descartável de forma nenhuma. Ela teve o sucesso merecido. Mas, por que que um artista conquistense não poderia ter também, né? Ou a gente ou outra pessoa, que tinha outras bandas na cidade também, né? Poderia ter tido. Então, o que faltou naquela época ali, é... É o que tem excesso hoje: muita coisa, muita visibilidade. Então, quando cê tem muita visibilidade, quando muita coisa aparece, cê não consegue escolher entre uma coisa e outra pra você escutar, né? A coisa fica muito... É... Fugaz, né? Muito passageira, muito descartável assim. A juventude precisa de informação o tempo todo, o tempo todo, o tempo todo. Não dá tempo você ser fã de uma banda hoje.

P – É, na verdade, hoje cê vai ouvir uma música, é tanta coisa que cê tem, tanta possibilidade, que cê nem ouve um disco inteiro...

R – Exato. Acho que o ideal seria o equilíbrio entre essas duas coisa, né? Um pouco de incentivo, um pouco mais de oportunidade e visibilidade, e um pouco menos de descartabilidade, né? Que a coisa fosse... Você pudesse dar uma atenção à coisa. O que merecesse atenção, tivesse uma atenção maior.

P – Sim.

R – Aí poderia ser diferente. Mas assim... Mas foi legal, foi um tempo bom. Valeu a juventude. Minha infância foi muito boa, minha adolescência foi melhor ainda. Foi bom pra caramba, mesmo não tendo assim, né? Porque nessa época, não vou negar: nessa época eu tinha essa banda, eu sonhava. Eu sonhava: “porra, bicho!”. Meus sonhos eram, principalmente dois: “vou tocar um dia

com Legião Urbana”, que eu amava Legião Urbana... “Vou tocar um dia com Legião Urbana e vou um dia no Jô Soares”. Porra, meu sonho. A gente ficava conversando: “porra, se a gente chegar no Jô Soares lá, e o Jô Soares perguntar isso pra gente, a gente vai falar o que?” Entendeu? Então, a gente tinha aquele sonho, pô. Era um adolescente normal, inclusive, né? Tal, que você fazendo uma banda, cê quer ter uma ascensão, quer aparecer, quer chegar, quem sabe, nacionalmente... A gente queria, pô. Se a gente falasse: “não, que eu queria tocar só pra diversão”, não. Era diversão, mas existia um certo nível de profissionalismo, de querer ser bom, entendeu? De não tocar errado, é uma coisa que eu via muito que as bandas não se preocupavam de errar em palco. A gente sempre foi muito preocupado. “Porra, véi, tu errou, bicho! Porra, tu errou naquela música lá, porra. Pode errar não, véi. Bora corrigir aqui, pode errar não”. “Ah, que nada, porra. O povo não tava nem ouvindo. O povo tava tudo bebo, o povo não tava nem ouvindo a gente tocar”. “Não, porra, mas não pode não. Bora acertar as música aí. Bora tocar as músicas certinha”. A gente gostava muito de gravar show. A gente gostava de gravar show, de ficar gravando. Todo show que a gente tocava, a gente gravava. Até ensaio, a gente gravava. A gente ensaiava gravando, tal, pra ficar ouvindo depois, aí um ficava apontando: “porra, ó, tu errou, porra. Ó que facão feio aí, véi. Porra, errando toda hora nessa música aqui cê erra”. Ficava um cobrando ali, cobrando um nível de profissionalismo melhor do outro, né? Ali faz crescer, porra. Dentro de uma turma ali... Os próprios amigos também criticavam sem muita vergonha. Hoje cê tem até vergonha de criticar um amigo seu que toca, porque o cara fica ofendido, o cara achar que cê tá insultando ele, tal... Naquele tempo não: os caras: “pô, véi. Cês tocaram mal demais, bicho. Porra, que show ruim da porra!”. Os caras falavam sem vergonha. “Não, porra. O próximo vai ser melhor, tal tal tal...”. Eu falo assim, parecendo que tinha show toda semana, mas que nada. Dificuldade da porra. Risos.

P – Risos.

R – Risos. Dificuldade pra tocar demais, véi. Risos.

P – E aí, depois da ÑRÜ, o que que cada um foi fazer?

R – Rapaz, a gente ficava com projetos assim. A gente teve uma banda de reggae...

P – Qual era o nome da...

R – Rapaz, a banda de reggae era Croc-em-Jambe. A gente teve Croc-em-Jambe, teve outra também, véi. Como é que era o nome da outra, bicho? Coconut Lemon, era uma coisa assim. Cocada de Limão, era um trem desse assim, que a gente tocava. Mas coisa que não vingou, entendeu? A gente começou ali... Essa Croc-em-Jambe mesmo, tinha... Eu esqueci o nome dele, véi. Tinha um vocalista, o bicho tocava pra caramba. Nessa eu já tocava baixo. O cara cantava demais, véi. O cara era um Edson Gomes, assim. Uma pena a banda não ter vingado, assim. A gente não foi pra frente. Aí, a gente ficava misturando. Isso aí, como a gente tinha pouco show, a gente ficava fazendo uma banda e outra. Tocava com várias pessoas, né? Existia a base da banda ali, eram quatro, né? Eu, Russano, Zezé e Denis, que era esse primo meu, mas aí os caras tavam em Abaíra, tal, às vezes não podia... Aparecia um show de repente pra gente: “ó, vai ter uma festa lá do...” Quase sempre era coisa voltada com a UESB, né, véi? “Vai ter uma festa lá do pessoal de História. Chamaram a gente pra tocar esse fim de semana. Dá pra tocar?” “Não, não dá pra eu ir não”. Aí chamava outra pessoa pra abrir, que tocava. Os amigos tudo sabiam as músicas. Às vezes tinha amigo que sabia melhor que a gente. Os caras tocavam melhor do que a gente. Sabiam tocar melhor

do que a gente, sabe? Isso, numa vez só ia tocar com o cara, tal... Era uma situação legal, véi. Era um negócio legal. E aí, nesse meio tempo a gente ficava fazendo outras bandas também, com os caras, também, pros caras também poderem participar mais ativamente da banda, né? Pro cara poder compor, pro cara poder oferecer a letra dele e tal, não ficar tocando só as músicas que eram nossas, aí a gente fazia... Várias bandas, bicho. Teve um tanto. Agora, nenhuma banda assim, teve essa questão da produção que eu te falei, da ÑRÜ, de ficar fazendo fita, de ficar mandando pra outro, de ficar trocando, de ter as músicas aí pra gente tocar, de ter um repertório, de ter um plano de tocar música de Elomar, que depois não deu certo... O negócio de Elomar, nem terminei de falar, depois cê organiza toda a entrevista aí... Quando ele ouviu a música, bicho... A produtora já ligou pra gente, né? A produtora dele: “ó, cês vão ser processados. Cês tocaram, acho que uma música aí, vai ser processo em cima de vocês”. Eu lembro que eu ainda brinquei, assim, falei... Teve duas situações: teve essa, e teve um festival também, que rolou assim um atritozinho. Aí eu falei: “não, não tem problema não, pô. A gente divide aí os lucros financeiros da gente, a gente divide com você”. Risos. “Cê fica com zero e a gente fica com zero, pô. Tem problema não”.

P – Risos.

R – Risos. Aí, a gente falou: “pô, véi. Não vai sair não. Não sei por que a gente perdeu tempo gravando”. A gente deixou de gravar as nossas músicas pra gravar... A gente não tinha dinheiro, véi. Tinha que pagar o estúdio com o pouquinho de dinheiro que a gente arrumava assim. Então, a gente deixou de gravar nossas músicas pra gravar a música dele, achando que fosse uma coisa que fosse vingar e depois não vingou.

P – Uma homenagem, né, véi?

R – E outra vez foi num festival... É... Teve um festival que a gente ia tocar num festival, na cidade tinha muito festival, mas a gente chamava o festival de música raizeira. Nè? Que era um monte de... Sem querer criticar ninguém, né? Mas é a verdade... Era um monte de imitador de Elomar e de Caetano Veloso, às vezes as duas coisas. Então, assim: a gente ficava brincando: “porra, véi! Só aparece Caetano Veloso e Elomar aqui, véi!” Não tem uma coisa assim mais... Não arrisca nada de diferente um pouquinho assim, tal... E aí, a gente sempre tentava se classificar e a gente conseguiu se classificar num tanto de festival desse aí. É... Aí, a gente, numa hora lá do... Passando o som a gente tocou uma música de Elomar. Rapaz, mas deu uma confusão, bicho... Aí os caras do festival: “rapaz, cês não podem tocar essa música aqui não, tal, tal, tal...” Com medo de a gente chegar na hora da apresentação, a gente tocar a música, entendeu?

P – Sim.

R – “Não pode não, bicho!” Acabou que os caras ficaram com tanto medo, que acabaram tirando a gente do festival, véi. Não deixou a gente tocar. Outra vez, que a gente teve um atrito... Outra vez a gente teve atrito com Xangai. Xangai, a gente ia tocar num festival, Xangai ia fechar o festival. O show dele ia fechar o festival. APi, na hora ali, a gente fez alguma coisa relacionado a isso também, que teve um atrito, a gente não foi tocar também... Por conta desse negócio de Elomar, acho que a gente teve mais prejuízo do que lucro, porque, várias vezes assim, o pessoal... É interessante, né, véi? Porque assim: você quer homenagear... Porque a nossa música, você ver as versões que a gente fez da música dele, não é uma esculhambação, porra. Não é uma caricatura, entendeu? A gente não

tá brincando com a música dele. A gente só pegou a música dele e tocou do jeito que a gente achou que deveria ser a música. Não tem brincadeira nenhuma, não tem ofensa nenhuma, não.

P – Insulto nenhum.

R – Nada. Nada, pô, nada. É uma homenagem mesmo, pra gente é uma homenagem, mas a gente vê como isso é malvisto, né? Assim? Como a mentalidade das pessoas pode, às vezes, achar que você tá desrespeitando. Não sei se a música dele necessita de tanto respeito assim, mas enfim, né? Sei lá. Risos.

P – Falou tudo o que eu queria falar. Risos.

R – Risos. É. Gosto demais de Elomar, mas ele não é tão original assim quanto ele fala, né, véi? Por favor, né? Só cê ouvir um pouquinho de música clássica aí, cê vai ver... De música clássica e música progressiva aí europeia que tu vai ver Elomar tocando, pô.

P – Sim, sim, sim... Daí pra chegar na...

R – Se eu lhe falar música clássica, música clássica é muito evidente, agora se tu pegar, é... A música progressiva anos 70 e italiana e alemã tu vai ver Elomar. Vai ver Elomar. Então, assim, não é uma coisa... É um artista da porra, tenho o maior orgulho de ele ser da mesma cidade que eu, gosto demais, tenho os discos dele tudo... Mas, enfim... É isso aí. Devia ter deixado a gente gravar as músicas dele.

P – Risos. Devia mesmo.

R – Acho que ele ficou foi com inveja, sabe?

P – Risos.

R – Ele ficou foi com inveja que a versão da gente ficou melhor que a dele. Risos.

P – Ele queria uma bateria e uma guitarra elétrica na música dele, mas não... Risos.

R – Risos. É. “Por que que eu não fiz assim?”. Risos.

P – Risos. Daí, já entrando no ano 2000, já veio uma geração já diferente. Aí eu já lembro de vocês com a 1 em Pé, 2 Alados. Eu lembro especificamente de um show que cês fizeram no Casa Blanca. Que aí já era um lance diferente, umas psicodelias e tal. Como é que foi essa época aí pra vocês?

R – É. A 1 em Pé, 2 Alados é o seguinte: a gente já vinha com essa mesma banda tocando já há um tempo. A 1 em Pé 2 Alados, digamos que a 1 em Pé 2 Alados fosse a ÑRÜ. A gente veio tocando, a gente chegou a fazer até, com a mesma formação da 1 em Pé, 2 Alados, e mais um acréscimo de um amigo nosso chama Elvisson, né? Que ficava no baixo, Pablo era o guitarrista, eu era guitarrista e voz, e Russano era baterista. Foi com essa formação que a gente fez os últimos shows da ÑRÜ, mas aí já não era mais a banda assim. Já não tinha mais aquela intenção de trabalho. Era só tocar por tocar, né? Como a gente gostava de tocar, melhor qualquer coisa do que não tocar nada. É... Aí, a gente começou a fazer de novo, né? Isso aí é em 99. A gente começou a fazer música novamente. “Pô, bora fazer umas músicas diferentes aqui”. Cada um bota seu estilo na música e a gente tenta misturar tudo. Eu queria fazer música punk. Aí, Russano já tinha aprendido a tocar bateria, já queria fazer uma bateriazinha melhorzinha. Já não tava se contentando mais com “tá tum, tá tum”. Eu tava.

Eu contentava. Pra mim, dois acordes tava bom demais, botava um terceiro no refrão ali, e tá massa. Pra mim, tava assim tava bom. E Pablo era mais uma vertente mais do metal, né? Esse tipo de coisa. A gente tentou misturar assim... Foi a questão da psicodelia, que a gente tava na época assim, muito vida doida assim nessa época, nos anos 2000... Juntamo tudo, véi, acabou [inaudível] das músicas que a gente já fazia. A gente juntou uma meia dúzia de música e começou a fazer um repertório. No início a gente começou a fazer... A intenção era tocar metade nossa, metade de bandas setentistas, né? Bandas ali, do progressivo, ou do rock setentista em geral assim... A intenção inicial era isso aí. A intenção era essa. Mas aí, nos primeiros shows a gente já começou a tocar... Sabe, colocar mais música nossa do que das outras bandas, e as músicas que a gente começou a colocar, por a gente não ter um repertório totalmente montado, acabou colocando músicas assim, um pouquinho mais próprias ainda, que as músicas nem tavam feitas. Eu tô pegando uns shows... Esse ano, que eu fiquei muito tempo em casa, eu peguei as fitas antigas, os vídeos antigos e tou convertendo pro digital, pra eu ouvir. Eu lembro, tem um monte de show a gente tocando assim, com as letras, eu cantando *inventês*...

P – Risos.

R – Eu nem tinha a letra da música, pô... É, fazia no meio da semana ali, chegava fim de semana, tocava sem a música nem tar acabada, e tal...

P – Risos.

R – E como eu te falei: desde a ÑRÜ, que tenho a mania de tudo a gente gravar. Ia ensaiar, gravava. Ia fazer show, gravava. Aí, de vez em quando... Véi, eu vou te dizer: tipo... Os amigos mais próximos sabiam que era assim. Era improviso. Improviso. A maioria das músicas era improviso. Só que tinha uns improvisos que davam certo, entendeu? Aí a gente: “pô, véi, isso aqui dá uma música. Bora gravar, bora ficar com essa música. Vamos fazer uma música com isso aqui”. “Bora! Bora fazer a música”. E aí, foi. Era outra época também, que foi muito legal também, é como eu te falei. O movimento apareceu. De repente, quando a gente começou a tocar, eu achava que não tinha banda nenhuma na cidade, eu vou ser sincero pra você, eu achava que não tinha ninguém tocando na cidade, porque realmente, 99... Acho que 98, 99, a gente não tocou nenhuma vez em Conquista. Só tocou fora. Aqui em Conquista não tinha cena. Eu não lembro, pelo menos, de ter a cena de rock, ter show. Se você souber de algum show que aconteceu aqui em 98, 99, tu me conta, porque eu não lembro.

P – Tô juntando as informações aí.

R – É. Aí, 2000... Quando a gente tocou, a gente fez um show em Poções... Ia ter um show em Poções, que era a gente e mais bandas de Poções. Poções, mas aqui não tinha. Não tinha cena. Aí, quando a gente fez esse show em Poções, esse show foi em abril. Abril de 2000. Rapaz, apareceu, quando a gente... Aí, em maio de 2000, já tinha dez bandas aqui em Conquista. Já tinha... No meio do ano começou a política, e eu lembro que tinha o comitê de Dudu... Dudu, não sei se cê conhece Dudu... Ele fazia História lá, no tempo ele queria, ele almejava ser vereador. Que aí, ele fez o comitê dele, até perto de casa o comitê dele, e ele levava banda de rock pra tocar. Era o que tinha na cidade em 2000 era isso aí. No início de 2000, primeiro semestre de 2000... Final, né? Que a eleição é final, é segundo semestre, era o lugar que tinha para tocar aqui era esse. Entendeu? A gente tocava em Poções, a gente tocava em Salvador, a gente tocava em outras cidades, mas aqui em Conquista

não tinha. Não existia. Só que foi... Né? Localmente, com as devidas proporções, a explosão surgiu, a coisa começou de novo. Começou a surgir banda, gente que eu já conhecia, né? Que eu sabia que era pessoal ali do meio musical, pessoal amigo assim, tal, mas eu não sabia que também tava fazendo banda igual a gente tava ali, meio que escondido, entendeu? Tocando pra si mesmo, pra agradar, pra gente ter nossa própria satisfação, sem muita pretensão de fazer show, porque não existia realmente a cena. Aí cê viu que, “pô, véi, tal, o cara ali tá com uma banda também, o outro tal amigo ali tá com uma banda também. Pô, bora juntar, bora fazer show”. E aí, se você se lembrar bem, cê vai ver que o ano 2001 acho que foi o ano que deve ter sido o ano que teve mais show aqui em Conquista. Que a coisa assim: como eu te falei, né? Não é aquela “ô, uma explosão”, não é isso, mas assim, salvo essas proporções, houve realmente uma explosão. Todo mundo quis ir em show de rock de novo, teve empresário querendo fazer festival de rock, quando locais, já não era... Não precisava trazer um nome grande de fora, entendeu? Não precisava trazer uma banda grande. As bandas locais aqui seguravam um festival. Tinha festival aqui de três dias, e tudo com banda local, pô. Tinha uma banda de Salvador, uma banda de fora assim, só pra colocar o nome da banda maior no cartaz assim, pra chamar a atenção, mas o resto das bandas eram bandas aqui da cidade mesmo ou da microrregião, né? E eram bandas boas, pô. Bandas boas. É outra situação que eu fico espantado: porra, nenhuma dessas bandas teve um destaque assim, nacional... Não que as bandas não tenham destaque. Tem o destaque e têm o mérito delas reconhecido. Mas muito localmente. Pô, tinha muita banda ali que merecia, porra, um destaque, sair da cidade, sair do estado, ir pra fora, entendeu? Fazer um sucesso como outros aí, baianos fazem, né? A Bahia é um celeiro artístico, digamos assim, e a gente aqui na cidade, não consegue colocar uma banda de rock num... A gente tem que mudar isso aí, véi. Tu que tá na geração aí que ainda tá nessa produção, porra, bicho, [inaudível]

P – Eu já tô véi já. Risos. Eu não tenho mais fôlego não, pra tentar uma dessa... Risos.

R – É, a gente precisa botar uma banda no cenário nacional, porra, que já tá rolando muita coisa boa que merecia assim, cada um em seu estilo... Hoje eu consigo ver assim que existe uma distância muito grande das bandas, que não deveria haver, porra. Cada uma tem seu estilo, porra. Cê tem que ser bom naquilo que cê faz, não tem muita importância cê ficar disputando quem toca melhor, quem toca isso, quem toca aquilo, não é bem por aí não. No início aí que eu tocava tinha muita guerrazinha assim, ah... “Ah, eu gosto de punk, não gosto de você porque você cê gosta de heavy metal”. “Ah, eu não gosto de você porque cê gosta de pop-rock”. Hoje não existe mais isso, pô. Acho que o pessoal mais novo é muito esclarecido nessa parte. Não tem essa necessidade dessa divisão não. Isso deve ser aproveitado no meio artístico também, de um apoiar o outro, tipo, um que começar a destacar, dá apoio praquele cara que tá destacando, pô! Deixa o cara crescer. Depois que ele crescer, ele puxa as outras, entendeu? Se uma sair, cê vê como foi o cenário em Brasília, por exemplo, né? Que levou todo aquele cenário, né? Nacional, pô. Paralamas do Sucesso saiu, pô. Um saiu, sai puxando todo mundo, entendeu? É um sonho meio adolescente, meio bobo assim, mas é, pô! Pode acontecer, né?

P – Mas é real, né?

R – É, pô! Uma sai, as outras vão atrás, pô. Chama a atenção praqueles outros. “Ah, Paralamas do Sucesso tá naquele auge. Com quem é que eles tocavam? Ah, vou chamar Legião Urbana, que Legião Urbana era uma banda de destaque na minha cidade. Ou, com quem que Legião Urbana

tocava?”. Ó, pra você ver, quantas bandas saíram de uma historinha dessa, né, véi? Tocava com tal banda, tocava com tal outra, então, assim: eu acho que a cidade merece... Não precisa ser limitado ao rock, mas só Elomar aqui tá pouco, viu, véi? Pô, aqui tem muito artista, véi. Precisa de um, uma pessoa com um reconhecimento maior assim, tal... Talvez falte esse apoio aí que eu te falei. O pessoal de Conquista gosta muito de disputar. E as pessoas... Existe essa intrigazinha nesse meio de um ficar: “ó, bicho, tal cara falou isso de você, tal outro cara falou isso de você”. Ô, bicho, porra, na moral... Eu tenho muita cabeça pra isso não, véi, eu só quero me divertir, tocar... Tenho cabeça pra essa disputa aí não, pra esse tipo de coisa não, então, isso atrapalha, né, véi? Atrapalha.

P – Com certeza. E hoje, velho? Você, assim: dessa época pra cá, cê ainda fez outras bandas, cê hoje ainda faz um som...

R – Fiz, fiz. A 1 em Pé, 2 Alados, como te falei, a convivência nossa já é antiga. Nós somos primos, né? Todo mundo da banda. Eu sou irmão de Russano, Pablo é meu primo... Então, a convivência nossa não era só a banda. A gente convivia junto o dia todo, entendeu? Era o tempo todo junto. Aquilo vai indo, aquilo desgasta, né, pô? Desgasta assim... Eu saía na porrada com Russano. Várias vezes, murro mesmo. Murro. Várias vezes e tal, né?

P – Irmão, né?

R – É, pô... E, vai desgastando. Por você não ter esse outro incentivo, por não se transformar numa coisa profissional... A 1 em Pé, 2 Alados também ficou bem, pô. Acho que no ano de 2002 ou 2000... A gente fez um show por semana, a gente ficou um tempão fazendo um show por semana. Isso pra uma banda de rock é uma glória, né, véi? Assim, né? Cê fazer, toda semana, cê tar numa cidade fazendo show, todo lugar cê tá... Com música própria. Que, como eu te falei: no início, a intenção era tocar metade. Metade de música autoral, metade de música de outras bandas. Aí, depois, a gente abandonou isso. Eu lembro que eu ficava brigando. Eu queria ficar tocando *Whole Lotta Love*, e os caras já não queriam mais: “não, porra, não vamos tocar mais nenhuma música de outra banda não. Tocar só música nossa”. Então, você sabe, bicho, como é que é bom, você tar tocando num show... Às vezes eu conto isso pra colegas meus, o cara fica rindo: “ah, queta, Ruckson... Que conversa é essa?”. “Porra. Não, eu tô falando, eu já toquei show, pra eu começar a tocar a música...” É verdade. Eu tenho orgulho disso, porra. Tem gente que, talvez veja sempre ali, cê vai saber que isso é verdade. De eu começar a letra, porra. A letra que é minha, eu fiz na minha casa lá, eu sozinho, junto com meus amigos e tal, a gente fez a música, eu começar a letra e o público terminar, porra. Cê começar e a galera ficar cantando, isso é... O prazer disso aí é enorme. Cê sabe disso. O prazer de você ser reconhecido [inaudível]. Mesmo que seja pequeno, mesmo que seja por dois amigos, velho. Mesmo que tenha duas pessoas ali, te ouvindo embaixo, acreditando e gostando do que cê faz... Pô, isso aí é... Rapaz, é muito satisfatório. Eu imagino como é que é cê tocar num show assim grandão, com um monte de gente cantando sua música. Deve ser muito bom. Deve ser muito bom. Então, assim: a gente chegou nesse ponto. Aí, limitou, a coisa parou também. Aquela convivência nossa do dia, de chegar nesse limite, foi mais ou menos a coisa da ÑRÛ. Chegou no limite ali local, que não crescia mais, entendeu? Não tinha mais crescimento. Aí a gente precisaria, [inaudível] pra essa banda, no caso, assim como a gente viveu isso, eu imagino que muitas outras bandas viveram também. Chegou naquele ponto que cê vai ter que passar, subir um novo degrau. Entendeu? Não dava mais pra continuar daquele jeito ali. O que cê tinha que fazer, já tava feito. A criatividade vai acabando. Cê não consegue mais fazer músicas que nem... Não agrada

nem a você mesmo, quem dirá os outros, né? Aí você perde a criatividade, porque não tem incentivo, pô. Eu lembro que um dono de uma rádio aqui uma vez, ele tentou contratar a gente pra gente fazer um trabalho como ele, mas depois ele queria que a gente fizesse música dele. Não era música nossa. A gente achou, no início, a gente achou que ele queria apoiar o nosso trabalho, mas não era. Acho que ele gostou da banda nossa, mas queria que a gente fizesse música pra ele. Aí, não deu certo. [inaudível] porque ele falou isso pra gente: “rapaz...”. Não vou falar quem é, mas ele já tinha uma vivência maior assim nesse meio, né? Ele falou pra gente: “ô, bicho, se você acha que você tá se sentindo motivado hoje, que você tá se sentindo assim, né? Sua criatividade tá latente, imagina no dia que você tiver num hotel, tomando ali seu whisky, e um monte de gente te esperando pra você tocar, imagina como é que cê vai tar nesse dia’. Então, é verdade, eu imagino como é que é, véi, um cara subir, ter sucesso fazendo aquilo que ele gosta, porque até hoje eu só trabalhei com o que eu não gosto, trabalhar mesmo, profissionalmente, pra eu ganhar dinheiro, é coisa que eu não gosto. O que eu não gosto mesmo. Isso não... Todo mundo sabe. Meus patrões todos sabem disso, os diretores, os colegas sabem que eu não gosto. Trabalho pra ganhar dinheiro. Não gosto do meu trabalho, agora imagina como é você tocar e ser reconhecido. E aí, você tem esse sonho. Não vou negar, né? Teve um momento na banda que eu tinha esse sonho. A banda ter um destaque, da música nossa ser reconhecida, pessoas gostarem assim, como dois amigos nossos gostam, como meia dúzia de pessoas gostam, né? Que se multiplicasse e tal, e não sai do ponto. Cabou. Aí, como a gente tinha muita convivência, eu Pablo, Russano, eu falei: “ô, bicho, bora parar com essa banda? Bora parar, que a gente tá brigando muito. Bora dar um tempo aqui...”. A gente até inventou, pro pessoal parar de chamar a gente pra tocar, porque a gente parava com a banda aí, daqui a pouco, vinha um convite. “Pô, véi, vamos tocar em tal lugar, tem um convite pra gente tocar em tal lugar ali”. “Porra, bicho, mas a gente não acabou com a banda? Vamos tocar mais não”. “Não, pô. Bora fazer só esse, bora fazer só esse, tal tal tal”, aí aquilo foi. Plácido, a gente teve que inventar que a gente tinha brigado, véi. “Não, bicho. Na hora que te chamar, véi, cê fala que cê brigou comigo. Pronto. Fala que a gente não tá conversando mais não. Bora fazer outra banda. Bora fazer outras bandas aí, e bora pra frente”. [trecho retirado a pedido do entrevistado]

P – É... Não era a Ardefeto não, né?

R – Ardefeto, é. Ardefeto é de Russano. Foi Russano que fez aquela banda. Esse nome é até dele. Aí, ele fez essa banda, depois ele saiu da banda, e a banda continuou. Eu fiz uma banda que chamava Esqueleto. Pablo tinha uma banda que chamava Scarlet Clan. A gente fez um combinado entre nós: “ó bicho, vamos fazer uma coisa? Vamos parar com a 1 em Pé, 2 Alados, acaba a 1 em Pé, 2 Alados, a gente não faz mais shows, de jeito nenhum, se a pessoa convidar a gente fala que a gente tá brigado, cada um faz sua banda, e a gente toca pro outro, entendeu? Pra gente não ter mais essa briga de ficar discutindo: “ah, vamos tocar essa música”, “ah, não”. “Ah, eu quero que a introdução seja assim, ah eu quero que o arranjo seja assim”. A gente ficava brigando detalhes. Detalhes da música, era motivo pra gente sair no tapa. Besteira assim, era motivo pra gente sair no tapa. “Bora parar com isso”.

P – É, convivência demais. Risos.

R – É. “Bora parar com isso, cada um faz sua banda, faz sua música, e a gente toca pro outro. Russano faz a banda dele, e eu toco pra Russano. Eu faço minha banda, Russano toca pra mim, Pablo faz a banda dele, eu toco pra ele”, entendeu? A gente fez esse combinado. Fizemos alguns

shows com essas bandas também, Mas aí, a coisa foi, junto com o cenário... Isso já devia ser já 2010... Aí, o cenário já começou a diminuir a frequência de shows já começou a diminuir também, tal, a coisa foi sumindo aos pouquinhos, né? Foi mudando. Não é que foi sumindo: foi mudando, na verdade. A forma de tocar foi mudando, né? Até hoje, cê vê: até bandas de grande nome tocando em lugares pequenos, né? Eu tinha aquele negócio de tocar em palco, tal, não gostava muito de tocar em bar, aí Russano já gostava mais, esse tipo de coisa, eu não queria tocar em bar... “Ah, bora tocar...”. Eu: “ô, bicho eu não gosto de tocar assim, em lugares menores não. Eu não gosto de tocar pra público desconhecido...” Eu preferia... Eu, né? Uma coisa particular minha. Eu preferia tocar pra seis pessoas que tavam ali só pra ouvir a minha música, do que divulgar pra pessoas que não conheciam ainda. Eu sou meio conservador nessa parte assim. Eu não sei. Eu não me saio bem, assim. Eu sou tímido. Apesar de eu tocar em bandas como vocalista e tal, eu sou muito tímido. Eu não gosto de tocar pra pessoas desconhecidas. Eu prefiro tocar pra seis, pra meia dúzia de amigos do que tocar pra muita gente desconhecida. Aí a gente não tava combinando, a ideia não tava combinando tanto, e aí foi morrendo aos pouquinhos. A coisa foi mudando. O cenário foi mudando. Já não tinham mais aqueles festivais, aqueles shows de bandas autorais, os shows que aconteciam aqui em Conquista começaram a ser de bandas grandes... Como a gente já não tinha nenhum trabalho novo, aí a gente já não tava tocando fora mais... Tipo, não tinha... Cidades maiores... Salvador, Belo Horizonte, não tinha mais lugar pra gente tocar, os convites não tavam aparecendo mais... As bandas eram novas, não tinham nome, a própria internet foi meio que engolindo isso aí, né? Assim, essa questão da divulgação ali no boca a boca, na entrega, na troca de material, isso foi mudando, e eu acho, pelo menos, de minha parte, eu não me adaptei muito a essa mudança. Não vou dizer que eu abandonei a vontade de tocar não. Até hoje eu tenho. Eu falo... Pablo tá nos Estados Unidos agora, né? Mas eu falo com ele: “pô, se tu voltasse pra cá, a gente ia fazer outra banda de novo, véi. Vamos começar do zero. Vamos ver se aquela energia voltava... Os véi tocando de novo, vamos ver [inaudível] esse negócio aí”.

P – É outro astral já. Seria outro astral, pra ver no que dá.

R – É, outro astral, outra ideia, começar do zero. Eu ainda tenho vontade de tocar ainda, mas já consciência de que aquele som que eu tinha antes, na adolescência não vai nem existir mais, né? Nem na minha cabeça vai existir mais. Mas, só pelo prazer da música. Eu gosto muito de tocar. É coisa que é muito mesmo satisfatória mesmo. Enche o seu dia-a-dia, enche sua vida, cê tar tocando. Tenho inveja, bicho, de gente assim igual você, dos caras aí, da 5 Contra Um, do pessoal que ficou. Aqui em Conquista tem muita gente que mantém o nome de uma banda por muito tempo, pô. Eu tenho amigos aí do tempo da ÑRÜ, os caras ainda têm a banda, pô. Renegados, Ladrões de Vinil, Cama de Jornal, 5 Contra Um mesmo, pra mim, bato palma pra aqueles caras, de eles continuarem com a banda por tanto tempo, sendo irmãos. Eu não sei como é que eles conseguem. Eu falo com os caras: “ô bicho, eu não sei como é que vocês conseguem não”. Eu queria ter essa persistência assim, sabe? Esse senso de profissionalismo de fazer um trabalho e ir administrando aquele trabalho ali, sem deixar as coisas externas interferirem. Que na época da 1 em Pé, 2 Alados mesmo, as coisas tavam indo muito bem, mas aí as coisas internas começaram a interferir demais. E a gente parou. Eu queria ter voltado. “Pô, bicho, eu tenho uma banda...”, falar com o cara: “eu tenho uma banda de vinte anos. Eu tenho uma banda de dez anos”. “Ah, vocês ganham dinheiro?”. “Não, porra, a gente não quer ganhar dinheiro. Quer tocar”. Eu quero tocar até hoje, eu quero tocar só. Não tô interessado em ter sucesso, nem ter dinheiro, nem ter reconhecimento não. Não é isso. Tocar. Aí eu

tenho inveja, bicho. Verdade. Tenho inveja desse pessoal que consegue fazer isso, porque eu não consigo. Eu não me adaptei muito à mudança dos tempos assim não. O novo cenário, conforme ele foi aparecendo, ele foi me botando pra trás.

P – Outra coisa que eu queria falar com você, é o seguinte: eu entrevistei várias pessoas, e um dos nomes que mais aparecem é o seu. Por que? Porque você tinha o seu estúdio, e algumas das principais bandas de Conquista passaram por você, né? E todo mundo fala: “não, Ruckson é o cara que entende de rock n’ roll, ele sabe gravar um rock n’ roll, sabe colocar na gravação o que a gente tava pensando. Aí, eu queria que você falasse um pouco desse seu lado aí do estúdio. Cê ainda tem o estúdio?

R – Rapaz, tenho. O estúdio tá lá, numa casa minha. Mas, assim: eu posso te dizer, Plácido, que eu perdi mais amizade do que eu ganhei nesse estúdio, viu, véi? Na moral.

P – Foi mesmo?

R – É. É um negócio trabalhoso, bicho. Negócio de estúdio é trabalhoso. Porque a minha ideia não era ser. [trecho retirado a pedido do entrevistado] Mas era uma coisa que era pra ser diferente mesmo. A minha ideia diferente. Talvez eu até tenha errado no exagero dessa ideia. Que a minha ideia era: “não bicho, a gente vai gravar a guitarra? Vai. Agora, a guitarra vai ser suja, véi”.

P – Sim.

R – “Vai ser suja. O som da guitarra é sujo, porra. Bora gravar a guitarra suja. Cê quer gravar com metrônomo? Cê sabe gravar com metrônomo?”. “Não”. “Então, bora gravar sem metrônomo mesmo, porra. Tu sabe gravar como? Sua banda sai boa como? É ao vivo?”. “É”. “Bora. Deixa eu ver aí no seu ensaio”. Aí o cara tocava no ensaio, eu falei: “é, essas músicas aqui, no estúdio cê não consegue gravar não. Quer gravar ao vivo?”. “Quero”. “Então, bora gravar ao vivo”. Entendeu? A ideia era essa, bicho. Era assim, de fazer um estúdio, eu não... Porra, eu fazia gravação pros caras aí, eu não vou falar quem é, né? Pra não ficar ruim, mas assim: só pra não falar que é de graça, eu cobrava dos caras, cem reais, pô. Cem reais. Cem reais, na época, era o meu dia de trabalho, né? No trabalho normal, entendeu? “Ô, bicho, vai ser quanto?”. “Cem reais. Tá bom?”. Se o cara falasse “pô, bicho, cem reais tá caro. Faz cinquenta pra mim”. “Tá bom. Faz cinquenta. Bora gravar”. Era mais assim, o gosto de tar gravando, entendeu? O poder participar, de poder ajudar de alguma coisa. Porque, nessa época aí, o meu acesso já era melhor, assim, né? Equipamentos, eu já tava melhor assim, de dinheiro, digamos assim, né? Eu podia comprar um equipamento legal, eu tinha a casa pra montar o estúdio... Na época da ÑRÜ eu não tinha, pô. Eu já cheguei a pedir... Só... Muito agradecido. Instrumentos emprestados a colegas pra poder fazer show. Pra poder gravação, porque o instrumento que eu tinha não dava, entendeu? Não dava pra tocar. Assim, pra fazer show, pra fazer uma gravação. Não dava. Eu pedia emprestado, os caras me emprestavam. E aí, eu notava isso na época que eu comecei o estúdio, eu achava que... Eu achava não, eu achava que com isso aí eu achava com assertividade, porque realmente, deveria. O que fez não acontecer o sucesso do rock em Conquista, de a gente não se destacar assim, a níveis maiores, né? Foi um acaso. Um infeliz acaso, porque tinha qualidade pra isso. Então, eu achava que eu podia participar de alguma forma dessa cena, de fazer essa cena crescer. Quando eu fiz o estúdio, a 1 em Pé, 2 Alados já tava acabada, então, a gente não fez nenhuma gravação boa da 1 em Pé, 2 Alados. A gente tá tentando gravar esse ano e a gente não consegue, porra. Pelo mesmo motivo de antes: desentendimentos internos,

entendeu? Eu quero gravar. Eu não tenho problema em falar isso não, que os caras vão rir disso aqui, que a gente fica rindo dessa história. Eu quero gravar do mesmo jeito que a gente fazia em 2000. Com os mesmos erros, com as mesmas... Sabe? Com os arranjos pobres do jeito que eram. Eu quero gravar daquele jeito. Russano não quer. Russano quer melhorar a música, entendeu? Corrigir falhas, quer corrigir arranjos, tal, tal, aí “pô, bicho. Aí não dá”. Aí fica essa, sabe? O fato é que a 1 em Pé, 2 Alados não tem uma gravação que presta, véi. Tem nenhuma gravação que presta. Nenhuma pra eu mostrar pra um desconhecido com orgulho. Não tem. Eu tenho vergonha de mostrar. “Afe, Maria! Que gravação ruim é essa? Não quero nem escutar”. Risos. A 1 em Pé 2 Alados tem uma gravação de estúdio relativamente boa de 2008, mas a banda já tinha acabado. Foi feita só como registro. As que não foram ao vivo foram lançadas propositalmente estragadas.

P – Risos.

R – É. A gente tem um CD que a gente lançou, que foi um show, foi um ao vivo no Teatro Glauber Rocha da UESB, em 06/11/2000, e o clima ficou bom. A gravação é uma bosta, mas o clima da gravação ficou legal. Aí, a gente lançou. Entendeu? A gente tinha vários... Todo show que a gente fazia, a gente gravava. Todo show. E alguns ficavam ruins, né? a gravação ficava tão ruim, que não dava pra mostrar pra ninguém. Mas esse ficou... O clima da gravação ficou legal, assim... Quando eu falo o clima, é assim, sabe? O geral da gravação, você ouve e parece que cê tá no show, que a intenção é essa, né? Você ouvir e parecer que você tá assistindo ali o show. Esse ficou, a gente lançou ele. Pronto, cabou. Todas as outras gravações nossas são horríveis. Então, a gente queria gravar de novo. Tinha a intenção de gravar de novo e até hoje a gente não conseguiu. Como esse disco foi lançado em... Vai acabar agora, ele foi lançado em 11 de novembro de 2000. A gente queria fazer o lançamento dele, chama Envy, o disco, né? A gente queria fazer... “Porra, vamo fazer um comemorativo de Enwe 20 anos depois”. Já tá chegando novembro e a gente não conseguiu nem começar. Risos.

P – Risos.

R – Aí, como eu tinha esse acesso a equipamentos, tal, lugar, Aí eu achava que eu pudesse, sei lá, colaborar realmente de uma forma mais efetiva, uma coisa que pudesse realmente, mais ali, tangível. Né? Pra participar, fazer as bandas terem acesso a uma gravação com o mínimo de qualidade possível, entendeu? Assim, esse pessoal que gravou, eles vão poder falar isso pra você. Eu não cobre nada, porra, na maioria do pessoal que gravou comigo. Era mesmo uma coisa de gravar mesmo, pra poder o pessoal ter uma gravação. Ou, quando gravava, era desse jeito que eu te falei: era cem reais, era cinquenta... Já apareceu gente pra me procurar, com uma banda de forró. “Ah, bicho, eu tô sabendo que você faz a gravação por cem reais”. Eu: “porra, véi, quem foi que falou isso pra você, véi?”.

P – Risos.

R – “Ah, foi tal pessoa”. Risos. “Tal pessoa falou pra mim que gravou por cem reais”. Eu falei: “não, pô, mas é que o lance não é profissional não. Meu estúdio é só pra fazer com os amigos assim, tal...”. Mas realmente, acabei... Um monte de amigo acabou passando por lá, no tempo foi legal também. Pena que também acabou não vingando. O estúdio tá lá, mas hoje eu uso ele mais só pra poucas coisas pessoais assim. Até mesmo pessoalmente, ele não tá... Eu tive que desmontar. Deu cupim lá nas madeiras que eu fiz no estúdio, aí eu tive que desmontar pra não acabar de estragar o

restante do equipamento, e aí eu deixei só pra eu poder fazer alguma coisa, pra eu gravar alguma coisa de vez em quando, mas assim: profissionalmente não, até porque o meu tempo hoje é menor, sabe? Não dá tempo me dedicar a isso. E eu não gosto de fazer coisa mal feita não. Se eu for fazer alguma coisa, eu gosto de me dedicar a ela, de dar o máximo de mim na coisa. Eu não gosto de fazer coisa meia-boca não. Mas a intenção do estúdio era essa: era um estúdio pra gravar rock. E pro entendo de gravar rock, não é rock muito bom não: é rock fuleiro mesmo. Quer gravar rock fuleiro? Bora, então vá lá. É comigo mesmo. Bora gravar. “Cê quer gravar o baixo com distorção?” “Quero”. “Sua caixa quando cê toca, que cê aumenta, distorce?”, “Distorce”. “Cê gosta do som?”, “gosto”. “Então, traz sua sua caixa. Vamo botar um microfone na frente dela e cê grava com a distorção da sua caixa”. Eu sou... Eu brigava com Pablo um tempo, pô, que Pablo queria tocar baixo sem distorção. Eu falei: “porra, véi! Baixo sem distorção é baixo de reggae, porra!”

P – Risos.

R – “Não, bota distorção nessa porra aí. Aumenta essa caixa aí. Bota distorção e aumenta tudo, porra. Bota distorção na bateria, na voz, na caixa, bota distorção em tudo!”

P – Rock n’ roll, né?

R – É, o som que cê gosta é esse? “É”. O ruído da guitarra é maior que o som? “É”. Cê gosta? “Gosto”. Então, bora, porra. Grava aí com ruído, ué. Risos.

P – Risos. Cê ainda tem essas gravações, do pessoal que passou por lá?

R – Rapaz, uma boa parte. Eu usei muito equipamento diferente, Plácido. E aí, tem uns equipamentos que saíram de mercado, tipo a DAT. Eu cheguei a usar a DAT, tentei recuperar a DAT e não consegui. Tinha muita gravação de DAT. Eu tinha um aparelho que hoje ele virou *cult*. Era um Tascam. Ele gravava cassete, pô. Tipo, cê pegava um cassete de 90 minutos, virava 7 nele, né? Um lado. Num lado de 40, nele virava 7 minutos. Ele botava super-rápido. Gravava em oito canais, o cassete. O bicho tem uma qualidade, véi, impressionante. Ele grava muito bem, véi. Os graves dele saem uma coisa maravilhosa. Só que aí, ele deu um defeito e ninguém consegue consertar. Ninguém. Já passou por vários técnicos aqui de Conquista, ninguém consegue consertar. Aí eu tenho todas as fitas guardadas ainda, mas eu não tenho o aparelho pra tocar. Não tenho onde converter essas fitas. Na época, eu não fiz, não tenho onde converter pra digital, né? Pra colocar no computador, igual eu tô [corte] agora e mixar de novo. Da 1 em Pé 2 Alados também, a gente tem um tanto de gravação assim, que eu não consigo mais puxar, algumas eu tentei, mas eu não deu certo... Só gravando de novo mesmo. Mas tem um monte de coisa que eu tenho. Eu tou até fazendo, esse ano eu vim fazendo isso aí, recuperando umas gravações de shows que a gente tinha gravado, de coisas que a gente tinha feito no estúdio, e tô entregando pro pessoal aí, assim, que participou. Eu pergunto: “ô, véi, cê tem orgulho do que você fez aí quando cê era adolescente?” Tem gente que fala que não tem não. Tem gente que não quer nem saber. Acredite se quiser. “Ah, véi, quero ouvir aquilo não”. “Então, tá bom”. Aí o cara que eu vejo se o cara tá interessado mesmo, eu falo: “pô, se tu quiser, eu gravo pra você aqui, pô”, eu falo. “Ah, cê vai cobrar quanto?” “Não, pô. Vou passar minha noite aqui. Tou aqui sem nada pra fazer, vou fazendo essas coisas aqui”. Eu fiz um tanto, véi. Fiz um tanto assim. Tou fazendo... Tou lembrando. Quando eu fico vendo os shows que eu fazia, 1900 e bolachinha, 2000 assim, eu falo: “caramba, véi!”. Até o que os caras, eu mostro assim, os caras: “rapaz, eu não lembro que a gente tocava essa música”. Eu falo: “pois é”. Aquelas músicas

que eu te falei, no início, que eram músicas de improviso assim, né? A gente tocava improvisado mesmo, só tinha... A música só tinha a introdução e a primeira estrofe. O resto, era improviso. Aí, saía lá. Algumas saíam boas, outras saíam uma merda, aí os caras: “porra, não lembrava disso”. É um saudosismo meio estranho pra quem não viveu a coisa, mas é legal, porra.

P – Ah, mas eu entendo. Esses registros aí, inclusive, depois, mais pra frente aí, a gente podia conversar sobre esse acervo seu aí. Risos.

R – É... Não, tô fazendo, eu tipo: eu passei muita coisa pro computador e eu tô mixando aos pouquinhos, conforme vai aparecendo tempo, eu vou fazendo alguns assim. Mas tem. Pena que não tenha mais. Tanta coisa tenha se perdido, né? Cassete é interessante cassetete. CD não: a gente sabe que CD estraga mesmo, né? Não tem jeito: todos estragam. Cassete, alguns estragam e outros não, véi. Eu não sabia disso. Eu peguei alguns cassetes, alguns tão perfeitos. Perfeitos. Cê pode pegar e jogar dentro do computador, vai tar perfeito, e outros tão ruins. Ruins mesmo, esfarelado assim, que cê perdeu. Eu lembro que tinha uma gravação que a gente fez em Barra da Estiva mesmo, que foi um show que a gente fez assim, rolou até uma confusão no meio do show lá, mas o show ficou bom. Eu lembro que no dia, o show, tava com uma energia boa assim, sabe? O show saiu legal, a fita tá ruim. Tipo, só o início dela que pegou assim, o resto ficou ruim. O outro show que a gente fez em Salvador também, tava com uma energia legal e a fita ficou ruim também, alguns casos assim, sabe? Que a gente perdeu pra sempre. Não vai ter aquele registro mais, né? Esse show que tu falou, do Casa Blanca mesmo, é um show que eu quero, porque eu, na minha cabeça... Eu não sei se eu tava muito doido no dia...

P – Risos.

R – Mas na minha cabeça, esse show foi muito bom, véi.

P – Foi. Na minha também. Risos.

R – Na minha cabeça esse show foi muito bom. Eu tenho que recuperar esse show aí.

P – Essa época aí já era dos MDs, né?

R – Já. A tecnologia depois dos anos 2000, ela cresceu assim, diametricamente assim, muito rápido. De um ano pra outro, aparecia muita novidade.

P – É, verdade.

R – Por isso que eu usei tanto equipamento no estúdio, entendeu? Tanto equipamento. Pegava um no estúdio, daqui a pouco... Ah, já tem um melhor do que esse. Aí, vendia, pegava outro, tal... Peguei muito equipamento diferente. Porque cada ano aparecia... Cada ano não: cada mês aparecia uma novidade assim, numa facilidade... Quando apareceu gravação em computador, ave Maria. Eu falei: “porra, véi! Que facilita... [inaudível]

P – Um mundo de possibilidades.

R – É. Um mundo de possibilidades aí. E aí, cresceu muito, pô. Tivesse isso... Tivesse esse recurso quando eu era adolescente, pô... Ave Maria, não ia fazer outra coisa da vida, pô. Risos

P – Risos.

R – Eu entendo os adolescentes de hoje. Eu acho que eu não ia sair da frente do computador. Não sei se eu ia ficar mexendo com internet, mas pelo menos com música, eu não ia sair da frente não.

Final em 1:15:00

JÚNIOR RUGAL

Advogado. Vocalista, compositor Paralips, Black Lis, Arcabuzz. Produtor Fest Rock.

Nome completo: José Zito Tanan Filho

Data da entrevista: 29/10/2020

Transcrição: 30/08/2021 – 01/09/2021

Antes da entrevista: dicas de pessoas com potencial para contatos.

Início em: 3:57

PLÁCIDO – [...] A primeira pergunta que eu faço pra todo mundo é: “que ano você nasceu, e se foi aqui em Conquista”.

José – Eu nasci aqui em Conquista, em 1981. Fevereiro de 1981. 39. Já tou passando pros 40 ano que vem. Risos.

P – Risos. Eu, dois anos depois. Risos.

J – Ó aí, ó... Nós somos da...

P - ... Da mesma época. E sua infância, cê passou aonde, velho? Ali naquela casa do Ibirapuera mesmo?

J – Não. A minha infância, eu passei na casa do Boa Vontade... Avenida Boa Vontade, ali, bairro Brasil, próximo ao Paulo VI, estudei no Paulo VI, depois, aí fui pro Ibirapuera, que foi quando eu tinha dez anos, foi quando a gente mudou pro Ibirapuera. E aí, foi assim: passei a maior parte ali no Ibirapuera, e quando foi em... Quer ver? Olha aí: eu sou péssimo com datas. Mas quando foi [inaudível]... 15 anos atrás. 15 anos atrás, mais ou menos. 15 anos atrás, a gente foi morar lá perto do Hospital de Base. Eu e minha família. Minha mãe, tal, meus irmãos.

P – Dau também?

J – Também.

P – E sua infância, que que cê lembra, assim de... Essa parte aqui da minha infância me... Foi importante pra mim como a pessoa que eu me transformei. Fala aí como é que foi sua infância, assim...

J – Ó... Em relação ao rock...

P – Também. Não só ao rock, mas em geral também.

J – Não. Eu lembro que na minha infância... Como a sua também deve ter sido, eu lembro que a gente brincava muito na rua, né? Era uma infância mais de futebol, pião, gude, então, a gente saía

ali do Paulo VI, era todo mundo, aquela meninada, tudo sujo de terra, jogando gude, e foi ali naquele período do finalzinho dos anos 80, né? Aí quando a gente foi pro Ibirapuera, foi quando eu tive o contato com o Rock. Aí, vamos entrar agora no lado do rock, né? Com 10 anos, foi um primo meu morar lá no fundo lá de casa. Esse primo meu, o nome dele é Alan. Aí ele curtia só assim, heavy metal... Uns rocks mais assim, rock nacional... Ele tocava violão. Foi daí que me despertou a tocar. Que eu via ele tocando e gostava. Falava: “pô, que som massa”. E ele levava aqueles vinis lá em casa, era aquele vinil do... Eu lembro até hoje, o vinil do Guns, e eu olhando aquela capa assim... “pô, que capa massa. *Appetite for Destruction*”, né? Aquela capa bem sinistra...

P – Aquela que mostra o robô ou a que mostra as caveiras?

J – É, a que mostra o robô e uma mulher jogada, toda com a roupa rasgada. Era massa demais. Aí, eu comecei querer tocar violão. Aí, eu chegava pro meu pai: “ô, pai. Eu quero um violão. Eu quero um violão...”. Toda semana eu tava pedindo um violão pro meu pai. Invoquei que eu queria tocar. Foi daí que começou. Aí, meu pai comprou um violão velho, bem velhinho, bem velhinho, na roça, de um cara da roça. Trouxe pra mim esse violão. Violão cheio de problema. Todo empenado, com tinta a óleo por cima, aí eu paguei um cara pra... Ó pra tu ver a história: eu paguei um cara pra reformar o violão. O cara reformou o violão, ficou mais ou menos. Aí, comecei a aprender, com dez anos. Aprendi umas besteirinhas mas parei, depois, assim, com treze, quatorze anos, fui jogar bola, basquete, e deixei o violão de lado. Aí, voltei de novo a tocar, já com uns quinze. Voltei a pegar firme pra tocar guitarra... Aí, vamos lá. Isso aí já foi o que? Em 97. Eu tava com dezesseis anos, aí foi daí que eu comecei a querer montar banda. 97 pra 98. Foi que a gente montou a primeira banda, foi a banda Paralips, no caso...

P – Cê ainda tá com a Paralips hoje? Ainda é Paralips hoje?

J – Não. Tem o projeto, mas assim: não está ativo, né? Eu tenho vontade de fazer um remake, fazer umas regravações, gravar agora, com a qualidade que a gente tem, né? Mas assim: banda não existe. Banda, os componentes não têm. Tem a galera que a gente convida de última hora, e aí, os caras que já tocaram, né? “Vamo reunir?” “Vamo!”. Eu conversei até com Pel esses dias, pra gente fazer uma gravação, assim... Mas continuando: a gente inventou de ter essa banda, aí passou várias formações, até que eu fechei com Pel... Era Pel e um baterista. Era só nós três. O baterista era Gil. Gilmar o nome dele também. Morava lá no Remanso. Lá nas Terras do Remanso. A gente ia ensaiar lá. Eu lembro que a gente ia de bike, véi. Eu levando Pel na bike, era uma aventura só pra ir pro ensaio. Imagine...

P – Risos. É, véi. A disposição rolava mesmo nessa época...

J – Foi daí que a gente começou... Eu lembro de você já nessa época, que você ia na casa de Darlan.

P – Sim. Eu no começo ali.

J – Darlan guitarrista. Darlan chegou a tocar comigo depois, posterior a essa banda, a gente montou outra banda, que eu vou chegar lá, que era a **Black Lis** Aí, esse período era só a Paralips. Era a primeira banda que eu montei, que era rock... A gente tocava rock nacional, tocava as coisas mais manjadas que tinha na época, tocava Nirvana... O que tava... O que tava rolando, a gente tocava.

P – O nome veio da onde, véi?

J – Ó... Paralips... Quando eu inventei o nome, eu nem busquei significado. Eu falei, é... Eu tava conversando com Thiago.

P – Soou bem.

J – É, soou assim... Aí, eu tava conversando com Thiago. Foi até Thiago da Reason, não sei se você lembra.

P – Sim. Irmão de Pel.

J – Irmão de Pel. É. Aí, eu falei assim: “vei, eu vou montar. Vou montar a Paralips”. Aí, do nada, ele falou assim: “Para... Soou bem. Paralips”. Eu nem busquei significado. Depois, quando eu fui ver o significado, aí sim, eu falei: “encaixa. Dá pra ficar esse nome mesmo”. Porque *paralips* é uma coisa... É *que vem a omitir todavia o que você está dizendo*. Você finge querer omitir, você finge querer esconder aquilo, e não, você quer mostrar. Então, eu falei: “dá certo. Porque eu faço minhas coisinhas, e não tenho coragem de mostrar”. Eu não tenho coragem de mostrar, mas no final de contas, a gente faz uma coisa, mas quer mostrar. Eu já fazia poesia e letras. As letrinhas das canções, né? Eu falei: “vai dar certo”. Aí, a gente brincava, também, *paralips*, que *lips* é *lábios* em inglês, né? Aí a gente falava: “para os lábios”. Risos. Brincando, “paralips, para lábios”. Aí, ficava essas resenhas. Só que, eu lembro que, eu fui inventar de fazer eventos foi justamente, acho que foi em 99. Aí a gente vai ter que ver essa data aí. Se foi em 99 ou 2000. Que foi o primeiro Fest Rock. Aí eu... Por que eu tive que enveredar nessa área de produtor? Porque a gente tinha as bandinhas do lado de lá, que era o lado oeste de Conquista, que ninguém ligava, tinha a galera que já tocava, que eu lembro que tinha a Retilínea, tinha essas bandas que já tocavam, que eram do outro lado, eram do lado leste, e era a galera que fazia mais acontecer. E o nosso lado, eu pensava assim: “poxa, só tem bandas aqui deste lado, mas não tem gente pra curtir”. A gente queria formação de plateia. Aí, eu conversei com Alisson, que é... Não, é Arisson... Arisson Sena, artista plástico. Eu, ele e Ramon. Ramon eu tenho ele no *Face*, eu encontrei ele no *Face* até esse ano. Que tinha até desconhecido com ele, depois eu vou te indicar ele, pra ver alguma coisa. Ramon e Arisson. Arisson, a princípio, ficou com a gente na produção e saiu logo, no primeiro mês. Aí, ficou só eu e Ramon pra fazer esse evento. Quem deu a maior força foi Miguel. Eu falei: “ô, Miguel, a gente tá querendo formar plateia, porque a gente tem bandas, mas não tem plateia. Porque só vai assim: uma banda assistir à outra”. E o showzinho era mirrado, né? Eu já tinha tocado no encontro de skatistas, que eu lembro que foi o primeiro lugar que eu toquei, no encontro de skatistas que o pessoal promoveu lá no CEASA. Que os skatistas da época, eu era skatista também... Aí, na época, o pessoal andava de skate lá no CEASA. Robertinho, DJ Robertinho...

P – CEASA aqui do centro?

J – É. Nesse CEASA. A gente andava ali, final de semana ali ficava fechado, a gente colocava as rampas e andava lá. Aí, Robertinho falou: “vamo fazer um evento?” “vamo!”. Primeiro encontro de skatistas de Vitória da Conquista. Isso foi em... Isso aí eu já tô voltando um pouquinho a data. Foi antes, tá? Isso aí foi em 98, por aí.

P – Sim.

J – Aí, eu toquei nesse encontro de skatistas, depois toquei também no comitê de Dudu... Foi acho que a segunda vez, que foi a época de eleição. Aí, vai ser fácil você achar a data porque aí já foi na...

P – É, já me falaram desse comitê de Dudu também.

J – Porque, naqueles projetos da COEDUC... Aí, comecei tocar com essa banda Paralips. Todos os projetos que apareciam, a gente tocava. Mas não tinha público. Aí, a gente ficou nessa pegada: “vamo fazer um evento?” “Vamo”. “Como é o nome do evento?” “Ah, coloca Fest Rock”. Do nada, assim. “Ah, Fest Rock”. Nome simples. Beleza. Aí, ficou só eu e Ramon nesse evento até o final. A gente divulgou esse evento 1 mês. Foi 1 mês de divulgação e a ideia era essa: era fazer a galera que curtia rock sair de casa. E deu muito certo, porque o evento bombou. Foi banda Abismo, que era a banda de Thiago, e depois virou a banda... Depois eles mudaram de nome lá. Eu esqueci o nome. Depois foi pra Reason. Foi antes da Reason, mas era a mesma galera. Aí, eles colocaram Abismo o nome. Aí, foi banda Paralips, que era a minha, e a terceira banda foi a banda Retilínea. Foi show. Daí, eu falei “poxa, agora a gente tem uma banda”. Agora eu posso dizer que eu tenho uma banda. A gente tocou, filmou. **Tenho a filmagem. Até hoje eu tenho.**

P – É mesmo? Depois vamos conversar sobre isso. Risos.

J – Rapaz, vamos conversar. Vamos conversar. Eu tenho que passar até pra digitalizar, porque as fitas estragam, né?

P – Sim.

J – Elas podem estragar, e eu tou com medo de elas estragarem e não digitalizar logo.

P – Não, aí a gente junta e dá um jeito nisso aí. Tem muita gente que tá guardando fita assim e a gente tem que dar um jeito de resguardar isso aí.

J – Teve as festinhas também, que eu comecei promover, que eu tinha umas caixas de som de ensaio. Foi justamente nesse período também. Essas festinhas, meu irmão botou o nome, é... Meu irmão não é do rock não, mas meu irmão mais velho foi lá na festa e colocou Fest Tota, porque quem emprestava a casa era o vô de Gilmar, Gilmar Dantas. Eu tenho as filmagens da festa também. Risos. Todo mundo... Os meninos tudo novo...

P – Tudo gurizão. Magrelão...

J – Tudo gurizão, é... Todo mundo magrelão... Tem aquela galera toda. Aí, Gilmar pediu o vô dele a casa emprestada, e o nome do vô dele era Tota. Totona. A gente chamava de Tota, aí a gente falava que era Fest Tota. Risos.

P – Risos.

J – Risos. Era o Fest Tota. Pensa na brincadeira, véi. Eu levava as caixas pra lá, a gente fazia, só nossa galerinha ali. Xover o que mais que eu posso lembrar. Aí você pode fazer as perguntas. Eu tô falando aqui, aleatoriamente...

P – Nessa época aí da Black Lis, cês já botavam música própria?

J – Já. Tinha umas três músicas que a gente colocava. A gente tinha aquela música “Pagodeiro bom é pagodeiro morto”, quando o pagode estourava na Bahia.

P – Ah, é de vocês ela?

J – É. É minha essa aí.

P – Ah, eu lembro demais, dessa aí. Da Black Lis, né? Risos. Eu lembro dessa. Só não lembrava de quem era mais.

J – Era... Mas essa letra era de... De... Marcone, e aí tinha algumas coisas que eu coloquei também, um refrão, alguma coisinha assim. Mas a letra era dele. Era massa demais. A galera agitava, pedia pra tocar de novo no final do show.

P – É, e a música era bem pra frente, né?

J – Sim... Aí, teve esse período aí. Aí quando chegou nos anos 2000, aí a gente inventou de tocar justamente com a Black Lis, que era mais heavy metal. Já mudou a banda, mudou a galera... Aí foi no período que Darlan tocou, Bruno, irmão de Darlan tocou... Naquele período que você ia na casa deles, lembra?

P – Sim. Que eu tava conhecendo a galera aí.

J – Cê aparecia lá, a gente batia resenha lá. É... Então, foi nesse período aí. Aí, a gente começou a tocar heavy metal. A gente tocou também no primeiro Point do Rock... Primeiro Point do Rock a gente tocou, com Black List. Primeiro Agosto de Rock, a gente tocou com Black Lis também. Primeiro Rock de Subúrbio, a gente tocou com Black Lis. Então, foram diversos shows assim. Que eu não tenho datas, assim... Na cabeça, não memorizo muito datas não, mas tem uns cartazes aí que a gente pode achar tudo certinho.

P – Sim, sim.

[...]

J – Tem tantas histórias, que fica aleatório, sabe? Você vai ter um trabalho pra organizar depois... Deixa eu ver o que eu lembro mais...

P – Isso aí, no começo dos 2000, né? Agosto de Rock, 2001, por aí...

J – Sim. No primeiro Point do Rock, foi massa, que aí eu fiz uma performance bem doida. Eu falei assim: “véi, eu vou inventar uma parada doida aí, que rock n’ roll tem que ter umas loucuras”. Aí, eu falei assim: “eu vou pegar uma tinta vermelha e jogar no corpo todinho. Vai ficar tipo assim: o cara como se estivesse todo cheio de sangue, né?”. Aí, eu peguei, rapaz, falei: “não vou melar minha roupa todinha na tinta guache, é melhor ficar só de cueca”. Risos. Moço, mas eu subi, depois, na última música, eu fiz essa onda...

P – Eu tenho uma vaga lembrança disso aí, viu?

J – A gente jogou a tinta tudo, mas foi uma comédia, véi. Aí, eu com a cueca, e todo vermelhão de tinta, aquele Point do Rock, na última música. A galera foi uma resenha, moço. Foi uma resenha... Isso aí repercutiu pra caramba.

P – Isso foi aquele Point do Rock do lado do posto ali, descendo a... Acho que descendo a rua da Yabadabadoo? Por ali, né?

J – Foi. Foi. Do lado do posto.

P – Isso. Risos. Aí, com a Black Lis.

J – Com a Black Lis, é... Com a Black Lis a gente aprontou muito. Aprontamos pra caramba.

P – E aí, depois dessa época aí, que que rolou?

J – Teve outro show também, que u fiz uma performancezinha também, foi no... Eu coloquei umas asas. Tem fotos e tudo também. Eu coloquei umas asas de anjo. A gente, todo mundo vestido de preto, né? Só assim, Metallica, um som mais heavy metal... Algumas músicas do heavy também, e algumas autorais. Aí, eu coloquei uma asa. Uma asa de anjo assim, todo mundo vestido de preto e eu com essa asa, entrei no palco, resenhando, aí a galera gostava demais... Era uma onda, véi. Aí, depois de todo esse período de bandas, aí eu comecei a tocar mais em barzinho. Aí, já foi bem mais pra cá, né? Aí, já foi, já em 2007... 2007 em diante... 2008... Aí eu já comecei a tocar em barzinho. Que é bom também, né? A gente acaba pegando uma experiência legal.

P – Sozinho?

J – Sozinho. Eu fui pra Itacaré, fiquei um mês... Eu fui pra Itacaré pra passar uma semana. Só com um pouquinho de dinheiro, de uma semana assim... Aí Weldon... Aí já é outra história, véi. Pode ir contando assim?

P – Pode falar. Vai, fica à vontade.

J – Depois fica ruim pra você organizar. Aí, Weldão guitarrista... Weldão guitarrista: “véi, bora pra Itacaré, véi. Tá indo aí um brother nosso, vai com uma caminhonete, vai toco mundo tocar. Só músico...” Chegar lá... Aquele jeito dele, né? “Não, cara. Tudo vai dar certo. Tudo vai dar certo, cara”. Eu falei: “rapaz, eu tô com pouca grana. Sair pra viajar assim...”. “Não, a gente vai tocar lá, vai ganhar dinheiro. Vai ganhar muito dinheiro”. “Tá bom”. Aí, eu vou com uma guitarra, com violão, uma caixa, ele também com o equipamento dele... Chega lá, ele briga com os... Logo no primeiro dia, ele briga com a galera [risos] que levou a gente. E eu não conhecia. Os caras eram amigos dele. Eram os amigos dele assim, né? Tinha uma menina lá, que cantava também, e eu conhecia. Agora, a galera que tava com o carro, o dono do carro falou assim: “ah, a gente tá indo embora”. Aí deixou um recado lá desaforado: “ah, se vocês quiserem ir com a gente, se virem aí pra arrumar o dinheiro do petróleo”. Eu falei assim: “pô, velho. Esse recado aí foi muito desaforado. Se ele veio com a gente, trouxe a gente e não quer levar a gente de volta, de boa. Vamos ficar aqui. A gente tá com instrumento, tem pouco dinheiro, a gente come miojo aqui, o que der...”

P – ...E faz agora.

J – Rapaz, mas a gente... Foi dali que eu virei músico, véi. Ali tinha que virar músico.

P – Risos.

J – Porque a gente tinha que trabalhar pra comer, véi. Tinha dia que era só Miojo mesmo. Só no Miojo puro. E tinha dia que a gente só ia comer à noite. Era o tempo todo na praia correndo atrás de

trampo... A gente ficou 1 mês. Aí, também, a gente conquistou a cidade: tocamos em todos os lugares, aí foi uma aventura boa. Aí eu falei: “agora eu posso falar que eu sou músico”, porque eu vivi da música, ganhei minha grana tocando, toquei nos points da cidade, os melhores points que tinham lá, eu toquei... Nós formamos uma banda lá que chama... A gente batizou a banda de... Brasília Beat Band. Que era uns caras de Brasília, e eu e Weldon. Aí, os caras de Brasília lá, também tinham estúdio de música, Marçal, o sobrenome deles. Era... Eu esqueci o nome. Eu sei que era Marçal. Eles têm o estúdio lá. Até hoje eu tenho o contato deles... É Estúdio Marçal. Mas eles eram amigos de Weldão. Weldão é rodado, véi. Conhecia os caras lá de Brasília. Chegou lá, “oh, meu amigo, e aí, véi? Cadê aquele som que a gente fazia?” Falei, “pô, véi, tu conhece também o Brasil todo, né? Já rodou o Brasil todo”. Aí Weldão: “não, eu conheço os caras meus amigão, não sei o que”, aquela ideia de sempre. Eu falei: “Então, bora, véi”. Risos. Vamo fazer um som com esses caras.

P – Empolgadíssimo.

J – Rapaz, mas aconteceu cada doideira... Tem coisa que não dá nem pra contar, né? Mas... Não dá nem pra contar. Eu sei que a gente... Aí, montava essa banda, depois brigava com esses caras, aí a gente fechou um show, aí, na época de ir embora, né? A gente fechou o show. Aí, eu falei: “ô, Weldon, eu quero ir embora. Já tem um mês que a gente tá aqui. Vamos pegar o dinheiro e ir embora. Vou pegar o dinheiro e ir embora. Se você não quiser, eu vou embora”. Aí, beleza... A gente fechou o cachê, os caras tudo com a moeda, né? Aí, eu e Weldon fechou o cachê. Aí, eu e Weldon pegou, falou: “ô, vamo pegar logo esse dinheiro aqui desse cachê e vamo sair fora”. Aí, a gente falou pros caras: “ô, vocês tão com grana aí, cês tão barão, nós vamos pegar aqui nosso cachezinho, ó, e vamos vazar”. Aí, Weldão já brigou com os caras de novo, né? Por causa de negócio de cachê de novo. Outra briga de novo. E eu falei: “ô, véi. Deixa esses caras pra lá. Deixa essa briga pra lá e vamos embora”. Aí, teve uma briga lá por causa desse cachê, uma briga da porra... Eu sei que resolveram lá, do jeito que deu, aí eu falei: “ô, me dá minha parte”, aí a gente pegou o busão e veio. Mas eu falei: “ô, dessas histórias aí eu não entro mais nunca, véi”. Foi perrengue, véi. Foi perrengue.

P – Você e Weldão não brigou não? Risos.

J – Ah, brigava. Tinha discussão sempre. Mas assim, a amizade prevalecia, né? A gente discutia e tudo, sempre discutia, que ele tem uma personalidade forte, e eu também tinha, né? Aí, “porra, véi. Vamos resolver o que hoje, véi. Porra, como é que é? Cadê...” E aquele jeito dele, agitado. “Porra, véi, vamos lá procurar um lugar pra tocar, cara!” Aí saía, aí ia procurar os lugares pra tocar. Tocava em restaurante, tocava em tudo, véi. Tinha casa de show, que a gente tocava à noite, e tinha restaurante, que a gente tocava durante o dia também.

P – E aí, cê voltou pra cá, nessa época, cê fez o que? Continuou fazendo barzinho ou com banda de novo?

J – Pô, nesse período aí, aí eu fiquei fazendo barzinho. Aí foi quando eu mais empolguei assim, falei: “poxa, eu tô trabalhando com isso...”. Foi a época que eu empolguei mesmo, eu parei... Eu fazia um curso de Física na UESB, eu saí do curso de Física, abandonei o curso porque eu não tava conciliando. Eu tocava à noite, tocava demais ali no Cana Café. Toquei muito no Cana Café. Aí, eu falei: “ah, não tô aguentando não”. Que eu virava noite direto, sexta, sábado e domingo virando

noite, chegava segunda feira eu tava morgado. Já filava aula. Aí ficava aquela. “Ah, abandonei”. Falei: “ah, não tô conciliando. Vou abandonar”. Aí, montei estúdio de música, era o estúdio que a gente ensaiava.

P – Era o estúdio ali na... Não lembro. Era tipo na sua, só que lá embaixo? Era esse, não?

J – Era. Isso. Era isso mesmo, lá na Avenida Lapa, em frente à casa de Daniel guitarrista.

P – Ah, sim. Ah, aquele ali era o seu estúdio. Tá, entendi.

J – Era. Eu fui o primeiro a montar estúdio ali. Depois que eu saí do ponto, os meninos pegaram ali também, alugaram lá.

P – Que virou o estúdio da Mictian.

J – Aí, depois de um tempo, eu voltei de novo. Foi no período até de... Eu fiquei lá de 2003, ou foi... De 2003 até... Eu fiquei uns dois anos lá. Até 2005. Que eu montei o estúdio lá.

P – Sim, acho que foi ali que o primeiro ensaio da Tomarock rolou, quando eu comecei a cantar, acho que foi ali.

J – Era. Isso.

P – Que era a “Tomapinga”, né? Que na frente do estúdio tinha um boteco. Risos.

J – Isso. Era. Rapaz, naquele estúdio também foi história, véi. Ali também... Das bandas, era massa, porque todas as bandas eu conhecia, né? Eu acabei conhecendo todo mundo. Todo mundo da cidade, do rock, pelo menos, principalmente do rock. Tinha bandas que não eram do rock, que iam, mas principalmente do rock tinha um acesso melhor lá, né? O preço era melhor, então foram muitas bandas lá, acabei conhecendo muita gente lá também.

P – E cê parou com o estúdio lá por que?

J – Eu parei, justamente, porque não era viável. Eu tava fazendo mais pra tocar com a minha banda. Mas, se tornou um negócio inviável, porque a gente pagava aluguel, eu pagava tudo sozinho, aí começou a ficar assim, né? A galera parou de ir pro estúdio. Não sei, deu uma queda, né? No comércio. A galera não queria ensaiar, parou os shows e tal... Aí eu falei: “vou parar com o estúdio. Vou continuar com a banda, mas não com o estúdio”. Aí, a gente acabou parando com o estúdio, depois de uns dois anos.

P – Nessa época aí cê ainda fazia evento?

J – Não. Eu parei de fazer evento depois. Eu fiz o Fest Rock 2 também, que foi em 2001. Que demorou dois anos pra fazer, então, eu creio que foi em 99 ou foi em 2000 o Fest Rock 1. Tem que olhar esses cartazes direito. E aí, depois de dois anos, teve o Fest Rock 2, aí a gente convidou bandas aqui da região, bandas de... Dessas cidades aqui. Bandas de Ilhéus, Itabuna, Poçoões... Aqui, as cidades vizinhas. Foi bem legal.

P – Esse foi aonde, o 2?

J – Foi lá no Centro de Cultura também. O 1 e o 2.,

P – Na concha, né?

J – É. Todos os dois foram na concha. Aí, depois que passou esse período de Black Lis, que foi o período da Black Lis, que eu voltei com o estúdio, aí eu voltei com a Paralips de novo. Que aí, a gente tem que lembrar, né? Porque houve isso. Teve um período com a Black Lis, aí eu parei, depois teve um período assim, que eu fiquei tocando voz e violão, barzinho, tal, um tempão, aí depois voltou a Paralips de novo, que era esse período, justamente em 2000. 2004, 2003, 2005, era o período que eu tinha estúdio, aí a gente tocava como Paralips. Que aí, foi a época que Dieguinho, que é Ladrões de Vinil, e Goma, que é Ladrões de Vinil, eles tocaram comigo. Que era esse outro período. Que teve um período antes deles, que quem tocava comigo era Júnior Nilson, finado Júnior Nilson, e Clebinho... Deixa eu ver quem mais era... Clebinho, Júnior e tinha outro também, que tocava guitarra. Às vezes era Darleandro... Finado Darleandro também. Que a gente chamava de Bubbalo, não sei se você lembra dele, lembra?

P – Rapaz, de nome não, véi. Mas, com certeza, eu conheço. O tempo passa, eu vou esquecendo...

J – Nos vídeos tem ele. Ele também faleceu. Ele também faleceu, já tem um tempo já. É... Darleandro. Tem dois shows que ele fez nesse período aí. Que era em 2003, 4, que voltou a... Que era com ele. Aí, o último período que foi, que era o período com Goma, Dieguinho, aí ficou um tempão, aí depois a gente parou de tocar, com Paralips. Aí eu parei de tocar de novo com banda... Aí foi que em 2012, a gente inventou outro projeto. Que já veio o projeto que era Arcabuzz. O projeto Arcabuzz, eu fiz com Simon. Nós reunimos assim, é... A gente foi num evento do Centro de Cultura. Era um evento, acho que era... Acho que era do Suíça Bahiana.

P – É. Nessa época aí, provável.

J – É. Mas era um evento pra... Era um evento pra... Era um curso, na verdade. Não era um show. Era um curso de sonorização. Curso básico de mixagem... Nesse evento, eu encontrei Simon. Aí, a gente começou a começar de banda, e Simon: “pô, cara, você teve umas bandas massa aí, tal. Vamos fazer um projeto, vamos fazer um projeto”. Eu falei: “pois é, cara. Eu tô querendo fazer um projeto agora, mais rock regional, tipo aquela onda assim, de pegar as coisas aqui da Bahia, e fazer um som”. Aí ele: “ah, eu tenho também umas letras...” Eu falei: “então, vamos reunir aí”. A gente começou a reunir... Era só eu e Simon. Só um violão na mão e fazendo as letras dele, aí eu pegava um pedaço de uma letra minha e falava: “vamos pegar um pedaço dessa letra aqui e você coloca o resto”. Que ele cantava mais tipo um rap, né? A parte dele. Fazia as partes do rap. Que aí, vinha aquela parte: “catingueiro, pé rachado, muito louco, esclerosado, de rolé pelo mundão, só rachando em pancadão, bote uma [inaudível] no violão. Caatingueiro [inaudível] mal-amado, headbanger, sou loucão, de sandália, meu irmão, tô aí pelo mundão. Vida e morte Severina, [inaudível] é minha sina, nessa terra malandro, sol rachando e escaldante, lombo de jegue galopante...” Aí vai... Essas ideias assim mais da Bahia, do nordeste. Aí, beleza. “então bora”. Aí, começou a montar a banda. Aí tocamos no... Foi em 2012 mesmo, acho que foi 2012 ou 2013, a gente participou de um festival, era pra tocar no projeto... Como era o nome? Não sei o que lá da juventude.

P – Ah, Festival da Juventude.

J – É, o Festival da Juventude a gente abriu o show de Arnaldo. Não. Foi de Arnaldo? Foi. A gente abriu o show de Arnaldo. Arnaldo Antunes. Aí, que a gente conseguiu... A gente passou, a gente foi

classificado, que era até o... Tinha o nome de Miguel Côrtes, que era em homenagem a ele, o evento. O concurso musical Miguel Côrtes. É, o radialista, né? Nosso amigo, saudoso Miguel Côrtes. Então, nesse período aí, foi o período que começou a bombar com a Arcabuzz. Esse período aí. 2012. A gente tocou, passou nesse festival, abrimos o show, e aí foi. Fizemos diversos shows também, só que a banda também durou só um ano. Ficou aí o projeto, tem o projeto gravado, só que a gente não lançou. Assim... Ficou lá gravado, mas não teve produção, não teve mais mixagem não teve mais nada. Tem um projeto, mas o projeto não ficou bom. Não tá pronto. Aí eu falei: “ó, não dá pra lançar. Não dá pra lançar ainda, que não tem mixagem boa ainda”. Aí, ficou por isso. Cada um foi viver sua vida, aí foi o período que eu fui começar o curso de Direito, aí já é outra história agora, mas aí já é mais história particular minha, né? Não sei se encaixa aí, né?

P – Urrum. Cê fez aonde, Direito?

J – Eu fiz na FTC.

P – Ah. Já terminou, né?

J – Terminei, terminei.

P – Ah, show de bola. Tô nessa labuta aí, fazendo lá na UESB. Risos.

J – Ó aí...

P – Junto com o mestrado, pior ainda. Risos.

J – Rapaz, véi. Aí cê tá...

P – Não sei se eu sou doido ou corajoso.

J – É. Tem que inventar, ué. A gente tá na chuva é pra se molhar.

[...]

P – Depois da Arcabuzz, e aí, que que aconteceu? Terminou? Cê...

J – Ó, eu parei com a música. Na verdade, eu fiquei em off da música justamente por conta do curso. Falei: “não, dessa vez eu vou fazer o curso e vou terminar”. Até aquela história de ter o diploma, né? Ter o diploma, então, eu fiz o curso, comecei em 2014, o curso era de cinco anos, terminei em 2018, terminei regular, tudo certinho, pronto. Me formei. Hoje eu estou trabalhando como advogado, sou associado de um escritório, e tou aí trabalhando. Começando a minha carreira como advogado, mas a música nunca sai do coração. A música é aquela coisa, né? Onde tiver pra fazer um som, eu faço. É só eu ter o tempo. E eu tenho um projeto ainda de continuar, fazer o remake da Paralips, que são as letras antigas, a gente fazer uma gravação boa. Uma gravação de qualidade hoje. Porque a gente não tem uma gravação. A gravação que a gente fez foi uma gravação assim: de fundo de quintal, vamos dizer. Aquela época dos anos 2000, a gravação já era ruim, ainda mais aqui em Conquista. E ainda mais de computador, assim, em casa... Foi bem simples. A gente tem uma gravação, mas é simples.

P – É, os estúdios que tinham eram meio, todo mundo experimental, na verdade, nessa época, né?

J – É, experimental. Bem...

P – Depois que você terminou o curso, mais ou menos 2018... [...] Que você falou que deu uma parada na música, até terminar o curso. Mas e aí, de vez em quando cê ia num show... Nessa época aí que cê terminou, quando cê foi num show a primeira vez, que que cê viu de diferente assim, ou você... Só viu assim: “ah, só mudou a galera”, porque é uma galera mais nova, né? Mas ainda tava na mesma vibe ou não?

J – Não, a vibe não tem como tar a mesma, porque são períodos e períodos, pessoas e pessoas, né? A gente sempre vai dizer assim: “a minha época era melhor”. Mas, o meu pai vai dizer também que a época dele era melhor. Né? Então, cada geração fala: “a minha época era melhor. Eu fazia isso, isso e isso”. Esses caras de hoje vão falar pros filhos deles que a época deles, hoje, é melhor. Então, eu penso assim: cada um vai achar a sua época. Quem experimentou, acha a sua época melhor. Mas, assim: o que eu vejo de diferente é: as bandas não estão tocando mais som autoral, igual você falou. É, eu vejo muito assim: tá na modinha agora as bandas de rock fazer tipo banda de baile, né? Pega os clássicos do rock e faz o som. Pronto. Não tem mais ninguém assim, com a identidade. “ah, tal...”. Claro que a gente tira... Tem a banda de vocês, né? Que é marcante aqui no cenário, tem a banda punk, né? Cama de Jornal, tem os meninos da Ladrões de Vinil, que é, sempre são uma galera que tá aí sempre fazendo som autoral. Mas, assim: o restante da galera... Não, assim: não tô excluindo ninguém, tá? Porque eu não tô acompanhando. Eu sei que tem muitas bandas boas também, que são autoral, mas eu não estou acompanhando agora ultimamente, mas assim: a maioria que eu vejo quando vou num show, vou no Moto Rock, por exemplo, eu vejo bandas cover. Né? Isso aí. É, *tributo a tal banda, tributo a tal banda*... E bandas autorais mesmo, diminuiu. É a minha percepção, né? Quando eu vou nos shows.

P – Show de bola. E aí, tem mais alguma coisa que cê queira destacar?

J – Eu quero destacar assim, que na época que eu comecei a fazer esses eventos, quem deu a maior força foi Miguel, cara. Miguel. Ele nem me conhecia. Foi aí que eu conheci Miguel. Por isso que eu tenho a maior gratidão por Miguel. Finado Miguel, né? Miguel Côrtes. Eu cheguei na loja, ele trabalhava no Espaço Xis. O pessoal: “ó, velho, Miguel tem o projeto dele, tem O Som da Tribo, que ele tem lá, né? O horário dele na rádio, e ele dá força pra qualquer projeto de rock. Vá lá e procura Miguel”. Nem conhecia, ó... Cheguei lá, foi em 99 isso, né? “Miguel, estamos com um projeto aí, tal... Meu nome é tal”, me apresentei, “comecei uma banda, e eu quero fazer eventos assim, pra formar plateia, porque a cidade só tem bandas. Tem meia dúzia de bandas e não tem plateia. A gente quer divulgar pra cidade de novo, chamar a galera pra vir de novo”. Porque tinha morrido, entendeu? Tinha morrido. A ideia era essa: era formar a galera de novo. Miguel então, me indicou tudo. Foi Miguel que me explicou como fazer o e evento, como pedir patrocínio, aí Miguel me explicou tudo: “ó, você vai na prefeitura, aí você conversa com tal pessoa, você vai conversar com Elton Becker...”, aí me direcionou... Eu fui lá na rádio conversar com Elton Becker, Elton Becker gravou a chamada pra gente, tipo *free*, né? Naquele jeito. “ó...”, ele ligou pra Elton Becker, “faz aí, véi, no estilo rock n’ roll, que cê sabe que a galera não tem dinheiro, é um evento só pra divulgar”. Elton Becker foi muito gente boa também. Chegou lá, “oh, cara, então vamos gravar a chamada”. A gente gravou a chamada, teve carro de som, teve tudo. O show foi assim. Tipo assim, estourou, sabe? O rock n’ roll de novo na cidade. E tem muita gente que relata, a galera de banda de hoje, por exemplo, Goma, Simpson, aquela galera que foi pro rock, fala que aquele show foi o primeiro show deles. Muita gente de banda...

P – Foi. Loro mesmo, falou que foi o primeiro show da Ladrões foi aí.

J – Não. O da Ladrões não. O show da Ladrões foi outro.

P – Ô, Não. Foi com Herdeiros do Tempo, ele falou.

J – O primeiro show da Ladrões foi num evento que eu fiz, até que a gente chamava Eletrorock. Que a gente fez cover do Black Sabbath.

P – Foi. Foi. Falou desse mesmo.

J – Depois cê pergunta pra Loro. Ele falou, eles até falaram: “porra, o primeiro evento que a gente fez foi você que organizou também. Ó aí, ó... Outro evento que passou batido na nossa conversa. Foi no Eletrorock que a gente fez o cover do Black Sabbath, aí eu coloquei uma peruca, [inaudível], fazer a performance... A gente fez o show do Black Sabbath, e eles fizeram a abertura. A Ladrões de Vinil. Foi o primeiro show deles.

P – Foi. Ele disse. Risos. É massa, né, véi? Muita história.

J – Muita história, mas é bom assim: intercalar com a galera, porque eu não decoro datas. Eu não tenho datas. Mas é bom intercalar com Renan Punk, que vai ter os cartazes, com Pel, que tocou comigo, aí tem uma galera que tocou comigo, tem Luquinhas, Luquinhas que já tocou com você. Luquinhas fez o Fest Rock 2 comigo. Ele promoveu. Ele comprou a primeira guitarra dele, não sei se foi a primeira guitarra, mas ele falou pra mim que comprou uma guitarra com o dinheiro daquele evento. Eu falei: “Lucas, bora fazer o Fest Rock 2?” “Bora!”. Aí, ele correu atrás comigo. Porque não tinha ninguém pra fazer. Chamei o pessoal que fazia, fez, que fizeram, né? O Fest Rock 1, que foi Ramon e o outro brother também que ajudou, falei: “vamos fazer o Fest Rock 2?”, eles não quiseram, né? Não ligaram pra proposta, falou “ah, não tenho tempo, tal...”, aí eu chamei Lucas. Aí, Lucas fez, e ele comprou uma guitarra com aquele... Aí eu fiquei feliz. Eu falei: “ó aí, ó... Comprou uma guitarra com o dinheiro do show que ele fez comigo”.

P – É, eu lembro que ele tinha... A guitarra, ele tinha uma guitarra Les Paul, não sei se foi essa. Uma preta, eu acho. Na época da Tomarock.

J – É. Eu sei que era uma preta. Era uma guitarra preta, mas eu não lembro. Não lembro qual era a marca.

P – É, eu acho que era uma Les Paul que ele usava na Tomarock. Eu tenho até foto dessa guitarra ainda...

[...]

J – Ele tocou também comigo muito, na Paralips.

P – Na verdade, todo mundo tocou com todo mundo, de alguma forma, né, véi? Nessa época. Não teve esse que não dividiu um palco com...

J – Não tem como negar. Era bom e era bom, e era bom. Eu acho que isso é legal, ter essa dinâmica, a galera, ter amizade... Fazer os eventos, tal, um ajudar o outro. Isso é bom, porque vai crescendo o cenário. Quando fica aquela picuinha, isso aí é que acaba estragando, quando um quer criar picuinha com outra banda, ai estraga, que o cenário já é pequeno, né? A cidade também não é tão

grande. Não cabe, então, tem que ser assim: vai fazer um evento? Você vai lá e colabora. O outro vai lá e colabora, tal. São bandas assistindo bandas. Risos.

P – Sim. Assim que forma a cena mesmo.

J – É.

P – Eu lembrei esses dias de você tocando sabe o que? Aquela vocalista do Penélope no Viela, e você cantou com ela. Cê lembra?

J – Foi. Foi. Eu lembro. No Viela também foi legal, um período legal. É, eu cantei a música dos Raimundos com ela.

P – Foi. Foi uma coisa assim, eu não lembro direito não, que ano foi, mas eu lembro de tar lá e você cantar. A parte que seria com...

J – Rodolfo.

P – Isso. Foi mesmo.

J – É... “Ao menos uma vez... Toca o nosso som aí, que tu me faz feliz”. Risos. Foi legal, foi legal.

Final em 48:00

RÔMULO FONSECA

Pedagogo. Guitarrista, compositor Distintivo Blue, The New Old Jam, Retilínea, vocalista e guitarrista Freebird. Coprodutor Orion Music Company.

Nome completo: Rômulo Amaral Fonseca

Data da entrevista: 31/10/2020

Transcrição: 02/09/2021 – 14/09/2021

Início em: 1:53

PLÁCIDO – [...] a primeira coisa que eu pergunto é: o ano que cê nasceu, e onde cê nasceu. Daí, a gente parte.

RÔMULO – Bom, isso aí cê já sabe, mas eu vou falar, né? Eu nasci em 1977, né? No dia 13 de junho. No dia de Santo Antônio. E nasci no hospital do Jabaquara, lá em São Paulo. Não sei a hora, véi Eu acho que foi de tarde.

P – Pode crer. E como é que foi, véi... Tipo, cê passou quanto tempo morando lá, antes de vir pra cá?

R – Eu vim pra Conquista, eu tinha dez anos, né?

P – Ah, então, cê passou sua infância toda lá.

R – Sim, sim. A família de minha mãe, ela é daqui da Bahia. Na verdade, assim: minha mãe é nascida em Itarantim. Meu pai é de Minas. E assim, é tudo essa região: Jordânia, aquela região ali, né? Que é Bahia e Minas, esse norte de Minas ai, e o sul da Bahia... Sudoeste, né? E aí eu acabei vindo pra cá em 87, mas já tinha vindo outras vezes, né? Porque a família de minha mãe mora aqui em Conquista, já tinha vindo outras vezes...

P – Urrum. Mas pra morar, mesmo, em 87.

R – Pra morar foi em 87.

P – E como é que foi a tua infância lá, assim, em São Paulo? Onde cê estudou...

R – Assim: São Paulo, eu estudei... Eu fiquei, eu estudei até a terceira ou a segunda série. Né? Lá. Depois eu vim... Que a minha mãe acabou me botando pra perder de ano na segunda série. Lá, eu tive que estudar duas vezes.

P – É, eu também tive isso. Risos. Bem na segunda também.

R – É... “Não, tá fraco. Não vai passar não. Passou? Não, não passa não. Tá fraco”. Aí, assim: Então, foi esse período, né? De 77 a 87, eu começo a ter, assim... Eu acredito, né? Que eu começo a

ter consciência das coisas assim, lá praquela, pra 83, né? Por aí. Né? Tem umas coisas assim, que eu lembro. E assim, morava ali na, no... Perto de Diadema ali. Era divisa de Diadema com São Bernardo, meu pai trabalhava no zoológico. Eu tive muito no zoológico, né? O zoológico era minha segunda casa. E, assim: os parentes de meu pai moravam tudo ali perto, São Bernardo, né? E tal... E assim, eu tive muito contato musical em São Paulo, né? Até porque, nessa época, né? Essa época de, digamos assim, de 83 até 87, eu tive muita experiência com música, e assim: era uma época que muitas dessas bandas tipo, esse rock de Brasília, né? Legião, Capital, além de Titãs, é... Todo esse rock. É tanta banda, véi... De Rádio Táxi, né? Paulo Ricardo, RPM, tudo isso rolava nas rádios, né? Cazusa, Barão Vermelho, não é? Mas assim: tive muito contato também com Djavan, né? Samba em geral... Clara Nunes, Martinho da Vila, além de músicas internacionais também, que naquela época tava aquela coisa, né? Então, assim: eu ouvi muito, ouvia muita rádio, até porque naquele momento, a rádio ainda tinha muita força, né? Tinha TV, mas a rádio... Assim, a TV também era voltada pra uma música que não era tão descartável assim, né? Tinha música descartável, mas a mídia televisiva não tava como a gente tá hoje. Então, assim: aquele momento, né? Eu lembro quando teve o Rock in Rio. Eu fiquei enchendo o saco... E eu em São Paulo, né? Enchendo o saco de minha mãe pra ela comprar uma camisa do Rock in Rio pra mim. Ela comprou, e tal... O Kiss foi quem me chamou atenção assim. Eu não conhecia, mas aquelas caras tudo, né?

P – Chamava atenção, né? De criança, ainda mais., ainda mais...

R – É, pô. Não tem jeito. E com o passar do tempo, depois que eu me enveredei aí pela música e tal, né? Eu acabei entendendo que muitas das músicas que eu ouvia lá na minha infância, e até que eu gostava, né? Mas eu não sabia quem era... De repente na TV, ou alguma coisa assim, aí eu via que era um Eric Clapton que tava tocando, né? Eu via que era uma música do BB King... Com o tempo, fui tendo conhecimento e vi que aquelas músicas que me despertavam interesse na minha infância, que eu também não conhecia, minha família não tem tradição musical... Mas, depois eu fui identificando, né? Que era um Eric Clapton, alguma coisa assim, né? Dos clássicos do blues e tal, e do rock também.

P – E, que que levou vocês a virem aqui pra Conquista? Aí, já em 87, né?

R – É, 87. Pela questão da... Assim... É... São Paulo tava naquele momento, né? De... Década de 80, né? Tava começando essa abertura aí de... Saindo da ditadura, né? E tal... Em 85 acaba a ditadura formalmente, né? Mas assim: toda essa questão de criminalidade... Teve a oportunidade de vir pra Conquista, e acabou que a gente veio... É... Meus pais juntaram aí com meus tios, e eles também criaram um empreendimento assim, de fábrica de chocolate e tal... Então, aí a gente acabou vindo pra cá. Por conta disso. Porque assim: São Paulo tava de um jeito que tava assim: naquela época era ruim, véi. A criminalidade tava demais, né? Hoje a gente vê muito... As pessoas falando que o crime e tal, mas nessa época, principalmente em lugares assim, tipo Diadema, São Bernardo, né? Aquela região ali do ABC, ali era bem esquisito, véi. Muito assalto, muita coisa. Tava complicado, né? A questão de sequestro também, São Paulo naquela época, né? De criança sumindo e tal, então assim: São Paulo tava... As pessoas tavam vivendo, mas tavam vivendo no terror.

P – É quando surgiu aquelas lendas urbanas do sequestro de criança na Kombi, essas, que ficou até anos 90, ainda ficavam... Ainda se falava dessas coisas.

R – Mas assim, né? Esses sequestros aí, eles não eram massificados como, né? Apareceu, mas muita gente sumiu, véi. Muita criança sumiu, né? Aquela, a polícia ainda era aquela polícia meio, digamos, ditatorial, aí muita gente... Tava difícil de viver, né? Assim: a gente entrou num processo de abertura, porém, a vida não tava fácil. Tava a bandidagem, a polícia também bem arbitrária, com as decisões, e aquele jeito que a gente sabe, né? Aquela pornochanchada, né? Viva, né? Aquele jeito ali.

P – Risos. E chegando aqui em Conquista, véi? Cês se depararam com o que? Se bem que cê já falou que tinha família aqui, né? Então não foi uma coisa muito assustadora assi, de chegar num lugar sem saber de nada...

R – Não. Aí, assim: sem saber de nada... É, como cê tá falando. Já tinha uma experiência, mas não... A gente... Principalmente criança, né? Tem uma percepção bem superficial. Mas assim: é um choque de cultura da porra também, véi. Porque assim: coisas... Ó, um exemplo simples que eu vou lhe dar aqui agora: em São Paulo, o negócio que faz a ponta do lápis, o nome é apontador, né? Lapiseira é aquela que a gente escreve. Grafite é a carga. Aí, cê chega aqui, pede uma lapiseira, o sujeito vem com um apontador. Pede um grafite, o cara vem com uma lapiseira. Né? Cê quer um grafite, cê tem que pedir ponta. O quadro negro que a gente lá em São Paulo chamava de lousa, aqui o povo chama de quadro. Né? Então, tem esse choque, né? Muita coisa. Muito disso aí, né? De coisas que é do dia-a-dia, que lá é uma coisa, e aqui é outra, né? É a mesma coisa, mas o nome é diferente.

P – Na escola, cê virou o “paulistinha”.

R – Ah, é. É. Além da questão do sotaque, né? O modo de vida da Bahia, né? Hoje em dia, nem tanto, mas assim: naquela época, tudo era muito... Conquista era uma cidade meio que rural ainda, né? 87. Não parece muito longe, né? Mas a cidade era rural. Vários bairros que a gente, hoje em dia, vai assim e tal, eles nem existiam, né? A cidade era bem resumida mesmo, né? Então, assim: é um choque. Foi um choque de cultura mesmo, justamente por isso: por sair de São Paulo, daquela coisa. Cê tinha que entrar num ônibus, e ficar uma hora e meia, duas horas, pra chegar em tal lugar... Conquista era aquela cidade, né? Interiorana, um monte de rua sem asfaltar, né? Até próximas ao centro da cidade, as ruas eram de terra ainda... Então, assim: é um choque, né? É um choque bem grande, essa questão de você estar vivendo numa metrópole, e aí, você já vem pra um lugar onde as pessoas vão pro sítio, vão pra roça, né? Cê vê boi no meio da rua, né? Então, assim: foi um negócio bem chocante mesmo assim. Pra acostumar não foi fácil.

P – Cê teve vontade de voltar? Tipo: “pelo amor de Deus, me leva pra casa de volta”. Risos. Ou não: cê achou massa. Cê achou diferente...

R – Não. Essa vontade de voltar pra São Paulo foi durante muito tempo, né? Mas só que assim: com o tempo, cê vai percebendo também que... Hoje em dia, eu não troco não, véi. Assim: pra eu ir pra São Paulo é fazer um turismo, ou de repente, sei lá, se você vai pra um, se você tá com uma possibilidade legal de grana, de trabalho e tal, garantido, tranquilo. Mas, pra ir arriscar e tipo, como as pessoas faziam, né? Sair do nordeste, “vai pra São Paulo, que é garantia”...

P – Retirante.

R – É, garantia lá é, hoje em dia, assim: as capitais, a não ser que a pessoa tenha algo pra ela viver legal, ou então as pessoas que são pobres e tão lá que às vezes tão até acorrentadas: tá querendo sair, mas não sai, não consegue, né? Não consegue voltar pro nordeste e tal. Hoje em dia, já há algum tempo, eu penso dessa forma. São Paulo... Não só São Paulo: capitais, elas são boas pra você fazer turismo. Pra ter uma qualidade de vida, uma cidade do interior é melhor. Só que hoje também não tem tanto aquela coisa da roça, né? Cê tá no interior, os caras abandonaram o burro, a mula. Todo mundo anda de moto, né? O crack tá em tudo quanto é lugar, né? Tráfico de droga, essa coisa do crime organizado, ele tá em tudo quanto é lugar, véi. Então, hoje a gente é que tem que procurar o melhor lugar. Não importa se é São Paulo ou se é no Guigó, não importa: o cara tá... Se ele conseguir viver legal, né? Com paz de espírito, viver legal, não importa o lugar não, véi. Aí frizo de novo: capitais é bom pra fazer turismo. Ou pra estudar, cê vai fazer alguma coisa, né? E depois cê volta, mas ficar morando lá não dá não.

P – Beleza. Aí, cê chegando na década de 90, aqui em Conquista, como é que foi aí pra você?

R – 90 não: 87, né? É aquela doideira, né? Dança do índio, dança da galinha, é o fricote, é carnaval, aquele carnaval de trio elétrico... Aqui em Conquista, nessa época, ainda tinha carnaval, né? A micareta ela veio depois. Essa questão, né? Do axé, aquela baianidade nagô... Conquista naquela época também era uma coisa assim, né? Querendo ser Salvador. Salvador era a... Digamos que era o exemplo pra Conquista. Todo mundo queria, né? Salvador, Salvador, Salvador... Aquela música de Salvador. Que naquele momento eu achava massa, né? Pensa aí: cê sai lá de São Paulo, chega numa bagaceira da porra, dança do índio pra lá, dança do jacaré pra lá...3

P – Samba-reggae...

R – É. Né? “Já chupou Xibiu”, né? Quando chegava no São João, aqueles forró da Clemilda, do Genival Lacerda, né? Sandro Becker... Então, assim: tudo isso foi... É um aprendizado também, né? E também, nesse momento, além dessa coisa toda, eu não participava, né? Mas, eu lembro que os músicos, tipo Dão Barros, Gil Barros, Geslaney, Gutemberg, esses caras aí, essa galera... Paulo Macedo... Eles tinham, nessa época, tinha essa efervescência também, né? Eu lembro que Conquista tinha muitos bares ali naquelas imediações da Siqueira Campos e tal...

P – Sim. Perto da Pracinha do Gil.

R – Isso. Tinha um, que eu me lembro, que era naquela descida ali, que vai pro Itatiaia, né? Que desce do posto ali, a João Pessoa, tem um posto, né? Eu lembro que tinha um bar ali chamado Raízes Bar. Tinha o Raízes... Não, o Raízes era do lado do antigo Camarote Massicas. Ali era o Raízes. Esse outro que eu tô falando era chamado Cactus. Eu sempre via divulgação aqui na cidade, né? De que o Grupo Barros vai tocar, Paulo Macedo, Geslaney, Gutemberg, Lima Júnior, né? Tinha isso, os festivais, aqueles festivais do Centro de Cultura, né? Festival da Música... Tinham vários festivais, né? Esses dias eu tava até ouvindo um disco que David tem aqui. Tem Paulo Macedo... Foi da época... Ele é da época de Murilo Mármore, aquele disco. Teve toda essa coisa, né? Além também e que nessa época, esses blocos que depois viraram blocos de carnaval, de micareta, Massicas, Esecutivos... Eles vieram de uma coisa que quando eu cheguei me Conquista ainda tinha essa... Eu acho que esse movimento tava meio que decaindo, que era o movimento de gincanas das escolas. Aí cê tinha o Massicas, que era grupo de gincana, né? Aí tinha o Queixões, que depois

virou o Esecutivos... Tinha essas gincanas nas escolas, né? Centro Integrado... Isso tudo movimentava a cidade. Era um negócio muito doido.

P – Sim, eu lembro que eu era criança, eu de vez em quando ouvia daqui de casa, mas às vezes eu saía com minha mãe, os carros tudo correndo, e não sei o que, uma correria doida, um barulho doido na cidade.

R – Isso. A galera buscando as pistas, fazendo as... Não é *missão* não. Como é que chama? Na gincana cê tem esse momento que você dá a pista e aí a galera tem que ir lá não sei aonde buscar a charada e ainda pegar o negócio que tem a outra pista pra ir pra não sei aonde, né? Enfim... Tinha todo esse processo, né? Além do carnaval também, né? Que eu lembro do carnaval ali na Bartolomeu de Gusmão, desfilavam uns blocos carnavalescos mesmo. Eu lembro disso. Que na época eu fiquei morando na casa de minha vó quase um ano, né? E ela morava ali na Rua dos Andrades, na rua do Santo Antônio. Então, ali era centro da cidade, né? Quando chegava o carnaval, eu via descendo gente com fantasia, gente fantasiada de índio, baiana... E era aquela doideira. Aí eu fui um dia lá, né? Meus pais me levaram. A gente... Foi no ano que a gente... Não, foi no outro ano. 88 isso. Me levaram lá na Bartolomeu de Gusmão, era aquela coisa, sabe? Era um carnaval bem diferente. Um carnaval daquele de bloco mesmo. Conquista tinha aqueles blocos. Tinha o carnaval, mas nesse momento, se era carnaval de trio, de bloco, eu não sei dizer, porque eu não participava disso. Eu fui começar a ir pra carnaval depois. Lá pra, sei lá... 89, 90, por aí, né? Eu nem me lembro bem. Mas nesse momento que eu cheguei, eu via isso, né? Conquista ainda era uma cidade muito rural. Pra comprar pão aqui era um trabalho da porra. A única padaria assim, que eu entendia que era uma padaria, era a Panvicon. O resto, era tudo esses mercadinho... Tinha o mercado Jequié, a venda de seu Toninho... O Santo Antônio era a venda de Seu Toninho, né? Ali naquele mesmo lugar. Tinha o Superlar, né? Que era a potência da cidade, um monte de loja... E Conquista se resumia muito nisso aí, pelo menos na minha visão, nesse momento, né? Depois, eu lembro que teve uma época que foi logo depois disso aí. Acho que foi oitenta e pouco também: o cinema, né? Cine Madrigal. Fui muito no Cine Madrigal pegar sessão das cinco às sete, né? Moço, o cinema lotava, e era aquela filona imensa, sabe? Aquela telona... A galera assistia muito filme. Tinha esse movimento aqui em Conquista era grande, véi. E tinha o Cine Glória, né? Risos. Cine Glória passava ou os filmes de shaolin, Bruce Lee, ou então os pornozão doido. Risos.

P – Risos. Ali onde é a igreja hoje, né? Ali no Posto Tiroteio, ali...

R – Isso. Aquelas cadeiras ali, acho que se o cara der uma futucada nelas, ela deve tar dura. Acha altas coisas. Risos. Mas assim: Tinha essa coisa, né? Essa ideia de começar a frequentar barzinho e tal, na noite, aí eu já fui mais pra frente aí, com uns quatorze, quinze anos, né? Tinha muito aquela coisa de jogar jogo de tabuleiro também, escutar música, né? A música tava sempre presente nisso tudo, né? Ela tá ou na rádio... É o que eu falei: nas rádios, nesse momento, até meados da década de 90, as rádios... Cê tinha porcaria? Tinha! Mas tinha muita coisa interessante também, né? Bandas dessas renomadas aí que a gente sabe, né? Elas tavam tocando nas rádios. Cê não escutava só aquela coisa que, igual hoje em dia, cê sintoniza uma rádio, aquela mesma música passa umas três, quatro, cinco vezes numa hora, véi. Antes não: cê tinha vários artistas. Cê tinha música internacional, cê tinha brasileira, tinha música regional... Era outra pegada, né, véi?

P – Cê lembra das rádios que tinha nessa época?

R – Tinha rádio Clube de Conquista, tinha... Eu acho que a Band também já existia, né?

P – Urrum... Bandeirantes, chamava na época, né? O nome completo.

R – Bandeirantes, é... E eu lembro que tinha mais outras rádios, né? Mas eu lembro que na década de 90 teve a 100,1 também, né? “100,1...” Daquele João Melo... João Melo não, João... O cara lá que ganhou não sei quantas mil vezes na Mega Sena.

P – Ah, teve isso? O dono... Ele morreu já... Eu fiz um post sobre ele no site esses dias, uns quatro meses atrás. Esqueci o nome dele.

R – É, porra. Eu acho que ele era deputado federal, né? Ele era deputado, aí a 100,1 foi assim: o que aconteceu foi como se tivesse sido uma lavagem de dinheiro. Porque ele disse que certou não sei quantas vezes na Sena, né? Na loteria... Eu não lembro, acho que era Sena, né? Quina. Eu sei que o bicho ganhou e ainda falou assim: “eu tenho culpa de ter sorte?” Risos. A 100,1 era interessante também, né? A programação era legal.

P – Sim, sim. À a gente já tá falando o que? 92, 93, por aí, né?

R – É. Década de 90 aí, né, véi?

P – Você já morava no bairro que cê mora hoje?

R – Não. Eu morei no Alto Maron, um tempo. Eu tenho a certeza de quando foi que eu mudei porque a gente mudou do Alto Maron lá pro bairro Cruzeiro, né?

P – Ah, é: que cê mora não. Que cê morava, né? Esqueci.

R – É. Risos. Às vezes até eu esqueço. Eu acho que foi na sexta feira. Não, foi no sábado mesmo, que a gente mudou... Eu não me lembro certinho não, véi. Mas assim: foi. Foi isso mesmo. Foi no sábado que teve aquele acidente da estrada da Barra. Que a carreta virou lá e matou um monte de gente.

P – Hum. Na verdade, eu lembro que tinha direto acidente na estrada da Barra, né?

R – É. Esse aí foi um acidente que o domingo tava tendo uma micareta, um carnaval, uma micareta, sei lá, na Barra do Choça. Micareta. Foi a primeira que teve. E aí, os caras subiram no caminhão, vieram embora, o cara, o motorista bêbado, virou o caminhão cheio de..

P – Ah, tenho uma vaga lembrança disso aí.

R – E morreu um monte de gente, e aí, assim: isso foi do sábado pro domingo. O domingo era dia das mães, doido.

P – Adoido.

R – Domingo era dia das mães. É. Eu tava até vendo um vídeo aqui, um dia desses, da TV Bahia, vou pegar e vou mandar pra você. Tem um amigo de Gil lá do Inocoop, eu não sei se você lembra dele... [...] Que o cara assim, não tem os dedos... Eu acho que é Helinho o nome dele... Ele não tem o dedo, ele tem umas cicatrizes e tal... Ele foi sobrevivente desse acidente aí.

P – É, eu lembro disso aí vagamente. Eu lembro que virou um assuntão assim, na cidade. Aí eu já devia ter uns quase dez anos, eu acho. Eu lembro mesmo disso.

R – Morreu bastante gente. E pra cidade mesmo, foi um impacto muito grande. Além disso também, nesse momento aí, entre a década de 90 até ali, meados, quase final da década de 90, aconteceu muita coisa desse, assim... Acidente aqui em Conquista. Talvez cê vai falar assim: “ué, véi, que que tem a ver?”. Tem a ver, porque aconteceu tanto aqui na cidade, que os caras tinham carro... Muitos menores, os pais às vezes tinham uma condiçãozinha financeira, pegavam os carros, os 147, aqueles carros que eram *top* na época né?

P – Os Escort...

R – É, aqueles carros. Isso. Os Monza, e acontecia muito acidente aqui em Conquista, porque nesse momento Conquista tinha umas boates também, saca? Tinha a Midnight, que é lá, aquela casa que é lá em frente ao Janela Cajaíba, lá em cima. Ali, onde tem aquelas rádios ali, onde tem aquelas antenas, tinha um motel que chamava Motel Las Vegas. Tinha um letreiro imenso.

P – Eu lembro do letreiro dele, eu lembro.

R – Imenso, véi. Imenso. E ali em cima também tinha uma boate, que eu acho que era o Carrascão, que chamavam, que rolou até, rolaram várias coisas ali, né? Crimes e tal, né? E tinha um Cafezal 2000 lá na Lagoa das Flores. Imagina essa galera chapada pegando o carro, indo pra esse cafezal ou voltando... Vários acidentes aconteceram ali, véi. Vários caras morreram nesse trajeto e no trajeto também pra Barra do Choça, vários caras morreram ali. O último a morrer dessas coisas foi o filho de Irma Lemos, Charles. Eu conheci Charles, né? Charles ficou anos em cima da cama. Porque sofreu um acidente de moto, né? E aí, ficou vegetando e morreu tem pouco tempo. Acho que tem uns dois anos que Charles morreu. Mas assim: isso acontecia muito em Conquista também, acidente automobilístico assim, da galera bêbada, né? Maioria galera nova, carro cheio de gente, né? Isso aí acontecia muito mesmo.

P – É, isso daí é bem o que cê falou mesmo: a cidade tinha uma vibe mais rural, se você for no sertãozinho aí, até hoje, essas cidadezinhas pequenininhas mesmo, cê vê menino dirigindo pick-up, tal, só que não tinha uma BR no meio dessas cidades, né?

R – Isso. E aí, mistura com a bebida, né? Assim, a questão das drogas, se você for fazer um apanhado aí em Conquista, você vai perceber que Conquista tem uma relação com cocaína muito antiga, né? A cidade tem uma relação com isso. Um monte de gente de família, digamos, de família tradicional de Conquista, morreu de overdose, né? Foi envolvido com isso, né? Então, assim: Conquista tinha esse clima rural, mas ao mesmo tempo ela era uma cidade, digamos, que era uma esbórnia, né? Era uma esbórnia. Risos.

P – Avançadinha.

R – É, pô, as famílias aqui é que mandavam ainda, né? Essa coisa, né? Das famílias tradicionais. Periferia era muito pequena, as pessoas não tinham muita força. Hoje em dia não. Hoje em dia é diferente. Essa coisa de “ah, fulano é da família tal” já não tem tanto peso quanto tinha naquela época.

P – Sim, sim... Aí, quando é que cê começou a pensar em música assim, pra tocar, por exemplo? Foi nessa época ou foi mais pra frente?

R – Não, a música foi assim, porque, como eu lhe disse: a música, ela não tem como não afetar as pessoas. Independente de qualidade, né? De estilo, não tem como não afetar. Eu sempre gostei de música. Um fato que eu não falei: que quando eu morava em São Paulo, tinha uns vizinhos, uns adolescentes, né? Eram uns adolescentes meio maloqueiros assim, né? Nera vagabundo não, mas eram meio maloqueiros, né? Depois de tempos eu soube que alguns até morreram e outras coisas. Mas tinham uns caras que ficavam batendo lá um sambão, né? Aí, de vez em quando eu colava neles, e aí tocava o timbal, tocava o pandeiro... Então, eu já tinha essa relação de gostar de um instrumento e tal... E aqui em Conquista, quando eu morei lá no Alto Maron, e em frente tinha um brother que eu acabei conhecendo ele e tal, e o irmão dele tinha um violão, né? Um violão, se não me engano era daqueles Di Giorgio, né? Com aquelas cordas pretas...

P – Sim, sim...

R – Risos. Tá ligado? Aquelas cordas pretas de náilon... E aí, foi o meu primeiro contato que eu tive com violão, né? E tal, e fiquei tentando entender como é que tocava aquele bagulho, com aquele tanto de corda... Como é que os caras... Daí, o negócio foi me interessando. Fui me interessando por música, né? Fui me interessando, fui procurando revistinha, fui aprendendo tocar à base de revistinha mesmo. A gente não tinha internet, não tinha nada, né? Então, vai na base das revistinhas e tal, fui, fui... E quando foi... Isso acho que foi noventa e... Ó... 92. A partir do ano de 92 foi que eu comecei a me envolver com música mesmo, né?

P – No Alto Maron, cê morava...

R – Não. Aí eu já tava morando lá no Cruzeiro. Eu ia pra casa dum brother, e a gente ia, final de semana, a gente ia comer as água, né? Encher a cara com uns conhaque, conhaque com guaraná Antarctica... E lá, foi isso mesmo: porque quando eu tava estudando na Normal, eu já comecei a ter acesso com aquela, com Guns n' Roses... Scorpions já tocava na rádio, né? Foi até aquela *Knockin' on Heaven's Door*, né? E tinha, nessa época também tinha o Engenheiros com aquele disco *O Papa é Pop*, né? Então, aquelas músicas, *Pra ser sincero*, *Exército de um homem só*, *Era um garoto que como eu...* Aquilo tudo... Então, foi a partir daí que eu fui começando a me interessar, né? Aí, 92 foi aquele boom do grunge, né? Nirvana veio aqui no Brasil, né? Nirvana, Alice in Chains, aí eu fui começando a querer saber mais sobre esse... Digamos que eu comecei a formar minha identidade musical do rock ali, né? Guns n' Roses, Nirvana... E aí, fui conhecendo uma galera também, só que cada um, os caras gostavam daqueles pagodes, né? Tipo Só Pra Contrariar... Até tentei gostar daquilo ali mas não deu certo não. Eu falei: “é, véi. Não dá pra mim não”. E assim, além de Legião Urbana, essas coisas que já tocavam na rádio, né? E aí, eu fui começando a conhecer isso, e a partir do momento que eu comecei a perceber o rock, eu comecei a comprar revista. Aquelas revistas Top Rock, né? EU ia pra banca comprar as revistinhas de violão, mas também comecei a dar mais atenção a essas revistas, saber das bandas...

P – É, tinha umas biografiazinhas, né? Umas matérias assim, biográficas...

R – Isso. No momento tava ali o Metallica, o Iron Maiden com aquelas baladas ali, eles começando a aparecer, essas bandas como Red Hot, Alice in Chains, esse grunge aí tava tudo aparecendo. O

Guns n' Roses tava despontando, né? Então, foi a partir daí que eu comecei a querer mais, a ter contato com a música... Conheci um cara também, que morava ali na Rua dos Andradas, né? Que eles tocavam nas bandas de axé. Aí, eu vi uma guitarra. Quando eu vi aquela guitarra eu falei: "moço, que negócio é esse, véi?" E ele com um aparelhinho, que chamavam de *Zoom*, né? Que era um aparelho da Zoom mesmo, mas ele era tipo um pedal, né? Mas na verdade você prega ele no cinto, assim... E aí, fui pro conservatório, né? Fiquei ali naquele namoro, e comecei a estudar violão...

P – Conservatório, aí era que ano, mais ou menos?

R – Conservatório municipal. Do lado da catedral ali.

P – Ah, tipo ali na...

R – Na Casa Régis Pacheco.

P – Na Casa Régis Pacheco. Que ano era isso aí, mais ou menos?

R – Aí foi mais pra frente, né? Mas eu acho que isso aí deve ter sido 94, 95, por aí, véi. Né? Depois eles mudaram. O conservatório já mudou várias vezes de lugar, né? E aí, foi isso: eu comecei, fui gostando de música e tal, até o dia em que eu conheci Murilo, véi. Murilo, que estudava no Diocesano, né? Aí Murilo, tal... Aí acabou que a casa de Murilo virou um point, né? A gente ia pra lá zoar, ouvir muita coisa, conheci muita coisa na casa de Murilo, porque o pai de Murilo também já curtia rock, né? Tinha já essa... E aí, ele tinha uma guitarra lá, um baixo, e aí a... Foi aí onde eu fui começando, né? A perceber as coisas e falar assim: "pô, véi, eu quero tocar um instrumento", né? E foi a partir daí, né? Isso aí deve ter sido 95, 96, por aí. Então, foi a partir daí que eu comecei, né? Eu acho que foi até antes, porque assim... Aí eu fui estudar com Carlos Porto já era... Acho que já era 97 quando eu fui estudar com Carlos.

P – No conservatório, né?

R – Não. Aí foi particular, véi. Porque eu estudei duas vezes no conservatório... Estudei assim... Saí, foram cinco meses. Que lá tinha aquela coisa: cê estudava um tempo, depois cê tinha que fazer uma prova pra ver se passava pra prática... Era só teoria. E mesmo assim, a teoria deficiente, né? Aí, beleza: consegui estudar com Carlos, aí comecei a pagar, né? Aí, foi outra história. Aí, né? Com dois meses de aula com Carlos, já tinha superado os cinco meses que eu tinha estudado no conservatório. Foi outra história. Mas foi a partir daí, de estudar com Carlos Porto, que eu comecei a estudar, a entrar na música mesmo. Né? Foi a partir disso aí. Eu comecei a abandonar as revistinhas e estudar mais a música como um estudo mesmo, né? E definindo também a minha identidade musical, né? A partir daí.

P – Urrum. Então, nessa época aí cê já teve, começou a ter contato com gente que tocava também, né? Cê lembra de ter show, alguma coisa assim? De ver gente tocando, ensaio de banda assim?

R – Não... Assim: ensaio de banda, tinha uma banda de axé que ensaiava no fundo da casa que eu morava ali na rua dos Andradas. Eu tive alguns contatos, mas não com banda de rock, até porque, nessa época, banda de rock aqui em Conquista... Depois eu vim saber que teve a Depressivos, teve aquelas bandas de punk, aquele histórico show no negócio da COFARMA ali, né?

P – Como foi isso?

R – Foi um show de punk, véi. Eu não sei dizer muito bem não. Mas disse que deu um BO da porra, a polícia foi lá, tomou o coturno de todo mundo, né?

P – Ah, a história dos coturnos...

R – É... Os caras cheirando detefon... Várias viagens. Mas assim: eu não participei. Fiquei sabendo das histórias depois. Depois disso, aí eu comprei uma guitarra. Fui em São Paulo comprar uma guitarra, porque uma guitarra aqui era cara. Saía mais barato cê ir em São Paulo comprar uma guitarra e volta do que comprar aqui.

P – É igual hoje. Cê ir comprar uma guitarra boa nos Estados Unidos e voltar do que comprar uma aqui.

R – É isso. Bem por aí. Aí, assim: quando eu comprei a guitarra, aí eu comecei... Assim: eu já tava conhecendo, já conhecia uns caras. Conhecia Murilo... E de vez em quando os caras falavam: “vamos fazer um som? Bora fazer um som?” Aí, pá, ia pra casa de não sei quem, tinha lá uns instrumentos, aí eu comecei a colar. Até um dia que eu fui tocar na... Eu fui num ensaio, e tava ensaiando Raulzinho... Era aquela banda, Retilínea, né? Não sabia.

P – Já era Retilínea?

R – É. Murilo tava tocando com eles. Murilo tocava guitarra. Aí, a gente foi pra casa de um cara que o apelido dele era Paçoca. Paçoca tocava bateria. Ali naquela rua... Não tem a rua do Café Society ali? Só que fica na parte de baixo. Ao invés de cê subir pro Café, cê desce ali à direita, né? Tem um posto na esquina. Tem a Olívia Flores, né? Ao invés de cê subir pra Dinani ali, cê desce. Paçoca morava por ali. Aí, tal, nesse dia fui, quando cheguei tava Raulzinho, a irmã, e os caras ensaiando e tal... Conheci Raul nesse dia. Gil Metal já tinha conhecido de outros momentos, né? Lá em Jeremias. Comprar camisa, tal... Aí os caras: “vai, toca uma, tal...” Aí, pá, fiz um som lá com os caras, aí (risos) os caras falou assim: “ô, véi. Eu acho que cê tem que tocar guitarra com a gente, porque Murilo é ruim demais”. Eu falei: “porra, véi... Cês...” Aí, acabou que eu comecei a tocar com esses caras né? E a partir daí, véi, foi isso, né? Toquei com a Retilínea e foi aparecendo banda e fui tocando, aí veio Café com Blues, MPBlues, Zé dos Cafés...

P – Ah, cê tocou na Zé dos Cafés também?

R – É, a Zé dos Cafés a gente criou, véi. Foi eu, Weldão, Gil Metal e Thomaz. Que a gente foi tocar na casa de... Cê lembra onde Silvestre morava, ali acima da Siqueira Campos ali, atrás, lá em cima? Tem ali onde era o Viela, na rua de cima.

P – Ah, sim.

R – Foi por ali. Eu achoq eu era vizinho de onde Silvestre morava. Um cara, um argentino, Athos, o cara era gay, né? Era não: é. Beleza. Aí ele fez uma festa lá à fantasia que era a despedida de Marissa. Marissa foi uma menina que foi pra França, né? Diro até namorou com Marissa. Os caras batiam uma resenha da porra. Mas, enfim: a gente foi tocar lá, né? Pauline que chamou a gente. Cê lembra de Pauline? Filha de Sônia Leite.

[...]

R – Cê lembra que tinha o irmão dela, que morreu, né? Ele até gravou uns negócios da Café com Blues lá uma época. Paulo Tiago. Aí, assim: Pauline falou: “Ô, a gente vai fazer uma despedida de Marissa, e tal, tal tal... Aí, nessa época a gente tava ensaiando lá na casa de Thomaz, né? Aí, Weldão apareceu justamente com essa proposta, né? De a gente tocar lá. Aí, a gente ensaiou e foi tocar, só que acabou que Weldão um dia chegou e a gente tava com a banda sem nome, aí Weldão, naquela doideira dele, né? No auge da criatividade, aí ele: “ó, véi, eu acho que a gente podia colocar um nome assim, é... Que a gente tá aqui no Planalto da Conquista, né? E tal... E aqui tinha muito café e tal, e nós somos os Zés, né? Os Zés...”, aí, “Zé dos Cafés”. Foi aí que surgiu Zé dos Cafés. Pra tocar de despedida pra Marissa. Aí, foi uma festa a fantasia... Nesse dia foi viagem demais, moço... A gente ia tocar dentro da casa, aí Thomaz... A gente entrou lá e tal, aí ficamos lá quase que o dia todo. Pauline fez um rango e tal, aí Thomaz entrou e tava montando as coisas da bateria na sala, né? Aí, beleza, eu tava lá fora fumando um cigarro, eu acho que tava eu e Gil, a gente batendo um papo. Aí, vem Thomaz de lá: “ô, véi. Num rola não”. Daquele jeito dele. “Não rola não”. Aí a gente: “qual foi, véi? Qual foi?” Ele: “não, moço! Eu tô ali, pá, botei a bateria, sentei na cadeira, quando eu olhei pra trás na parede, uns caras ó: (gesto sugerindo sexo)”. Umas fotos de uns caras se grudando, saca? Aí, ele: “Não, vou tocar não. O cara...”. Ele “não, véi. Vamos tocar lá fora”. Aí eu fui lá dentro, né? A gente foi lá, falou: “não, Thomaz...”. A parede cheia de foto de homem se pegando, saca? Risos. Aí, eu: “Não, vamos tocar lá na área então, bora”. Aí, ele tocou lá, mas foi de foder, véi. No dia foi massa demais. Muito bom.

P – Zé dos Cafés. Esse ensaio que você foi lá, da Retilínea, cê lembra que ano era mais ou menos?

R – Rapaz, eu acho que isso aí deve ter sido 96, 97... Por aí, véi.

P – Porra, a banda é bem mais antiga do que eu imaginava, véi.

R – Rapaz, Raul é na música assim, das antigas, porra. Né? E Raul é precoce, né? Risos. Raul é precoce. Então, assim: foi... Raul tem uma música, um tal dum trezinho, né? Acho que quem gravou baixo com ele foi Luciano PP, véi. É das antigas. Eu vou ver se acho essa parada pra mandar pra você.

P – Risos. E aí, Zé dos Cafés... Vocês e Weldão, que é a pessoa mais calma, relax do universo...

R – Assim, véi: a gente tocou essa vez, né? Se não me engano, a gente tocou outra vez junto, só que acabou não dando certo, porque Weldão é daquele jeito, né, véi? Risos.

P – Cê tava no show que rolou no... Acho que na concha do Centro de Cultura, que a Zé dos Cafés chegou de carroça? Cê tava tocando com ele?

R – Não, mas eu achoq eu eu tava nesse show, mas eu não tava tocando com ele mais não. Porque dava muito estresse, porra, Weldão ele chegava e ficava: “bicho, vai, vai. É lá, dó, ré. Pá. Pá”. E ficava: “paranpam, tum tum, pá pá pá”, e Thomaz, tinha uma hora que Thomaz parava: “ué, véi. Não para não? Vinte minutos a música, é?”. E Weldão: (mãos na cabeça) não, Thomas, não para não, porra!”. E aí, pensa aí, véi. Aquele Estresse, né?

P – É a época do “eu queria ter vários de mim”? Risos.

R – É. Desse jeito. Eu também, teve uma época também, que eu já tava... Foi com a Retilínea, né? A gente ensaiou, não sei pra tocar onde. A gente acabou ensaiando, porque tava sem lugar de

ensaiar... Eu acho que Raul tava trabalhando lá. Não sei se foi Raul ou foi Paçoca. A gente tava ensaiando ali na Siqueira Campos. Quase em frente ali onde é a Criativa hoje em dia. Ali tinha uma... Acho que era Kodak Express, um negócio assim. Aí, a gente ensaiou ali uns dias também, com a bateria de Date, isso foi antes da Zé dos Cafés. Mas aí, assim: foi Zé dos Cafés, depois, Retilínea... Aí, a Retilínea eu embarquei, a gente ficou ensaiando bastante tempo, né? A gente tocou também bastante...

P – É, que aí cês tocaram até a década de 2000, cês ainda tavam na Retilínea, né?

R – Foi. Aí, que que aconteceu? Paçoca saiu, aí a gente acabou colocando Thomaz na fita.

P – Cê conheceu Thomaz como?

R – Ah, Thomaz, é porque eu fui morar lá no bairro. Aí, acabei conhecendo Thomaz.

P – Ah, sim. Ele morava lá na casa de Diro, né? Onde era a casa de Hildebrando.

R – Isso. Morava tudo ali. Thomaz tocando com a bateriazinha de Camilo... Thomaz tinha bateria não, véi. A bateria de Camilo. E um violão, e Rodrigo tinha um amplificador velho que um dia a gente botou lá na área e Diro soprando aquela gaita... E aí, antes da... Foi antes de eu comprar a guitarra. Murilo tinha um equipamento, a gente levou lá pra casa do gordo, lá na saída da Barra, e era eu, Léo e tinha outra Pessoa... Eu, Léo e Thomaz. A gente acabou montando uma banda... Porque a gente não... Os instrumentos eram tudo de Murilo. Aí a gente botou o nome de Usucapião. Risos. Usucapião, porque ninguém tinha nada, véi. Aí, a gente ensaiou uma época, um tempo também, mas não foi pra frente não. A gente ficou só tocando ali, fazendo zoeira... Foi antes da Retilínea. Aí, quando eu entrei na Retilínea, a gente seguiu até... Aí, Paçoca saiu, Thomaz entrou na fita. Aí, depois, eu acho que foi Raul, né? Foi porque Raul foi embora, né? E era o vocal, e tal... E aí, a gente ficou naquela... Foi quando a gente voltou com a banda e tal, e tava sem vocalista, aí veio um cara de Poções, né? Que a gente tinha divulgado que... Eu acho que esse essa época eu acho que já tinha Orkut, né? Nessa época...

P – Rum. Aí já era anos 2000 então...

R – É. Aí, a gente tava querendo um vocalista e tal, aí esse cara veio, não deu certo, aí a gente ensaiou mais umas duas vezes, né? Foi quando cê apareceu. Aí, o dia que cê apareceu, a gente não ensaiou. Aí., a partir daí, cê já sabe qual foi a onda que rolou, né? Porque foi quando cê apareceu ali que aí a gente... É montou a banda, The New Old Jam, e aí, aí já é conhecida a história, né? Risos.

P – Risos. Essa guitarra que cê tem, é a primeira que cê falou que foi comprar?

R – Foi, foi...

P – Que cê não troca até hoje. Tipo assim: Virou a identidade sonora mesmo.

R – Não, não. Essa guitarra aqui eu não vou... Ela tá precisando de regulagem, né? Trocar umas coisas, mas eu não vendo não, véi. Eu me arrependi de vender instrumento quando eu vendi um baixo que eu tinha, né? Aí, eu não vendo... Assim: pra eu vender um instrumento, é só se eu for vender pra pegar outra coisa. Se for assim, “ah, ô tô precisando de uma grana, vou vender esse instrumento”. Não vendo não, véi. Não vendo não, porque não rola, né?

P – É. E aí, essa guitarra virou sua marca registrada. Tanto visual quanto sonora, né? Que é uma guitarra massa e... Desde que eu lhe vi a primeira vez, foi com essa guitarra, do mesmo jeito que ela tá hoje.

R – É... [inaudível]

P – Sim, e aí, agora anos 2000: cês tocaram , com a Retilínea, cês tocaram no Agosto de Rock, não foi?

R – Tocamos. Na verdade, eu toquei nos três Agosto de Rock, né? Eu toquei, no primeiro, foi com a Greenland Metal...

P – Sim. Que era quem?

R – Era uma banda que tinha eu, Heavy... Heavy tá em São Paulo hoje em dia, né? Guitarrista bom da porra. Lá de Itapetinga ele. Eu, Heavy, Thomaz, Breno, irmão de Iano, e Iano. Iano tocou baixo.

P – Ah, tá...

R – Breno cantava...

P – Iano tattoo..

R – Isso. Aí, a gente tocou no primeiro Agosto de Rock, com a Greenland Metal. Aí, no segundo, foi com a Retilínea, e no terceiro eu toquei com a Barulhinho Bom. Pensa aí. Risos.

P – Com Chirlei, né?

R – É, de Ricardo. Ricardo Marques. Tô esperando meus cinquenta reais até hoje.

P – Risos.

R – É, de cachê. Cachê não veio na mão de jeito nenhum. Mas assim: nesses interim aí, véi, teve uma época que a gente ensaiou também com aquela menina, acho que é Perla o nome dela. Iano que... A gente ia tocar uns negócio mais pop, né? Quem tocou baixo foi... A gente e aquele Laércio. Laércio tava tocando baixo com a gente, né?

P – Eu acho que essa Perla era minha vizinha, véi.

R – É, bonita ela. Do cabelão liso, né?

P – Eu não lembro dela não, mas eu lembro que tinha uma menina chamada Perla vizinha aqui do lado que ela foi acho que pra França, sei lá.

R – É. Ela mesma. Aí, a gente começou a ensaiar com ela e depois acabou não dando certo não, porque, assim: pelo tipo de repertório dela, né, véi? Que não era um repertório assim pra... Tinha coisa massa. Tinha aquela Sade, várias coisas assim, né? Mas, ela precisava de uma outra banda, véi. A gente tava a fim de tocar rock n' roll, né? Aí, nesse meio tempo aí, aconteceram várias uniões dessas de “vamo tocar, não sei o que, juntar, montar uma banda”, e depois ver que o negócio não vai, não dá certo, né? Aí, assim: eu toquei nesse período entre esses Agostos de Rock, foi se desenvolvendo também aquela, a ideia ali da MPBlues, né? Ela vinha junto. Java junto ali, né? Foi a Café com Blues, tiveram aqueles eventos que Diro também idealizou. Ali era porque a gente tava

precisando de dinheiro, né? Pra pagar as coisas do Rock Vertente, aí Diro falou: “véi, vamos fazer uns shows”. Aí a gente fazia de tudo, né? Carregava caixa e tocava. Aí, esses eventos de blues também, né? Que movimentou bastante a cidade, né? A cena aqui na cidade...

P – É os encontros de gaitistas, que rolava... E a banda de apoio era sempre vocês, né? Verdade.

R – É. E também, começou aquela coisa também, daquelas bandas Reptaliens, DP... Aí, foi quando... Finalzinho da década de 90, início de 2000 foi quando começou isso aí, né? Um tanto de banda, né? As bandas cover... A galera só queria ouvir Red Hot, essas coisas. Doido era os meninos da 1 em Pé 2 Alados, né? Que faziam... Queriam tocar música autoral e o povo queria matar eles, né?

P – É, eu entrevistei... Quem foi, véi? Que eu entrevistei recentemente, que disse que...

R – Ruckson?

P – É, eu entrevistei Ruckson, mas eu não sei se foi ele... Não. Acho que foi Gilmar Dantas, que falou que teve um show que teve uma banda autoral, e que o público virou as costas pra banda, porra, porque tava tocando autoral.

R – Isso. Porque a galera não queria saber, véi. A galera queria... Assim: aquele momento aí, eu acredito até porque, por conta dessa coisa de internet e tal, a gente, a galera começou a curtir o rock, começou a ter mais acesso, então, tava todo mundo sedento por ouvir os solos do Black Sabbath, do Iron Maiden, tava todo mundo sedento por isso, né, véi? Porque a gente tava vindo de uma realidade onde Conquista era uma cidade que não tinha rock, né? Quando teve, foram aquelas bandas que eu falei, né? Que eu citei: Depressivos, Beatriz Beach Band, né? E algumas outras, mas era um rock punk... Tem até a SS-433, né? E tal, mas na década de 2000 foi que começou, né? A galera começou a tocar Black Sabbath, começou a tocar Iron Maiden, cê via a galera tocando Legião, mal-tocado, mas tocava, e um monte de banda cover, né? A galera tava com essa sede.

P – Aí eu já tava na cena, eu lembro que todo show as bandas tinham que tocar *Que país é esse?* e *Paranoid*. Risos. As duas músicas rolavam praticamente todos os shows tinham que ter essas duas aí.

R – É. Exato. E o repertório da galera também era sempre assim, né? Colocava sempre essas, né?

[...]

P – Da época da The New Old Jam, o que que você lembra? Que eu já participei, mas aí é o seu ângulo da história.

R – Ah, a The New Old Jam, véi, assim: eu acho que foi... Eu falo por mim, né? Mas eu acredito que pra todos nós, que estávamos envolvidos com aquele... Não só a The New Old Jam, né? Mas esse processo, aquele núcleo, como hoje em dia as pessoas estão gostando de falar, o núcleo duro da coisa, ali com Diro, né? Porque, querendo ou não, Diro foi uma peça importante, pra mim, né? E pra todo aquele movimento que aconteceu ali, em volta da The New Old Jam e Café com Blues, MPBlues, Encontro de Gaitistas, esse núcleo aí era um negócio que... E Diro foi importante, porque aquele jeito dele de “vamos fazer essa porra. Vamos não sei o que”, né? Então, eu aprendi muita

coisa ali, véi. Aprendi muita coisa, com a mão na massa. Eu lembro da primeira vez que teve um programa ao vivo na rádio com o saudoso Miguel Côrtes...

P – Ah, foi o **Show no Rádio**. Isso aí tá no site, essa gravação aí.

R – Pois é. Foi a primeira vez. Quando eu saí, tava Darka e Aline lá pedindo autógrafo, quase rasgando a blusa. “Autógrafo”. Eu falei: “autógrafo, véi?”

P – Risos.

R – Foi a primeira vez, véi. Diro falou: “vamos fazer um som ao vivo na rádio, véi”. Eu falei: “é, véi?” “é, véi”. Aí chega lá, ali do lado de onde é o HSBC, né?

P – Sim. Era o estúdio da 96 na Barão.

R – 96. Isso. Aí a gente entrou lá, botamo lá e uma hora o som não saía e foi daquele jeito ali, véi. Foi daquele jeito. De lá pra cá, outras aconteceram, né? Mas foi o primeiro, véi. Isso foi pilha de Diro, né? Diro com Miguel Côrtes, aí a gente foi fazer isso. Então, nesse momento, tanto pela MPBlues e a The New Old Jam, foi um negócio que a gente tava no cerne do movimento, né? Tinha aquelas coisas de que Diro conhecia várias pessoas que, às vezes eram donos de bar. Tipo: Gutemberg, Deta, né? Tudo amigo de Hildebrando. Então, pra gente, sempre ficou um pouco mais fácil de ter acesso a algumas coisas, né? De ter acesso à rádio, acesso a entrevista de TV, né? Conseguir entrar em eventos via esses editais da prefeitura, então foi um momento interessante. Bem interessante mesmo. Além do que, se a gente for contar TUDO mesmo assim, aí são anos e anos de histórias, né, véi? Porque as viagens que a gente fez, né? A gente com a Distintivo, eu não coloco nem o período inteiro, né? Mas, coloca aí, em dois anos, um rolé que a gente deu em dois anos. Pra muita banda pode não parecer muito, né? Mas tanta coisa, tanta história que a gente... Risos. Né? De whiskey roubado, de... Risos. Né? É muita coisa. De galinha de 80 reais, né? Risos.

P – Risos. É. Uma viagem dessa é um crescimento considerável, como pessoa mesmo...

R – Ficar esperando em rodoviária, né? Ir pra Itabuna e o cara bater lá: “ó, vamos brincar de acabar?”, né? É tudo isso, né, véi? De ir pra Bom Jesus da Lapa, né? E não só isso, mas eu já fiz também umas viagens com a Retilínea que pelo amor de Deus. A gente foi tocar em Poções, né? Quando eu conheci o pessoal da 5 Contra um. Porra, era roots demais, véi. Roots demais.

P – Risos.

R – E eu também já viajei com a Café com Blues uma época, né? Que a gente foi pra Salvador, Camaçari, né? Fomos pra Itapetinga, Teixeira de Freitas... A Café com Blues tocou também lá no teatro do IRDEB, então, tudo isso aí, todo esse processo, né? Que eu acredito que foi um processo até 2009, por aí, né? 2008, 2009, é um negócio assim, é muita coisa pra se contar, véi. É muita estrada. E olha que a gente nem era uns caras que viajavam tanto, né? Fico imaginando essas bandas aí, que pegam a estrada seis, sete meses de turnê, né? Mas assim: é muita história. É história que vai pra... Eu fui com os meninos tocar lá em Jussiape, num festival hippie. Festival hippie da porra aquele, véi. Diro perdeu logo o microfone dele, que ele tinha pago a primeira parcela do bullet dele, né?

P – Ah, de gaita. Eu lembro dessa história.

R – É, véi. Foi uma doideira da porra. Muita... Assim: é uma experiência que valeu demais, véi. Né? A gente tem história pra contar. Risos. Se quiser escrever um livro, já pode escrever, e dá material pra porra, véi.

P – Rapaz, eu queria que cê falasse de duas coisas assim, que foram bem marcantes na década de 2000, que você participou. A primeira é: a Orion Music, que teve as raves, e a segunda é o Rock Vertente.

R – Sim. A Orion foi assim, véi: porque tem um brother da gente **Bizorão**, que por sinal ele até tocou algumas vezes, né? Como DJ. Ricardo. Ricardo Bizorão. Bizorão mora no Arraial já tem é muito tempo, né? A primeira vez que eu fui no Arraial D’Ajuda foi em 98. Fui com a galera e tal, e lá, eu percebi, tive contato com a música eletrônica, que na verdade, na época, a galera chamava de *techno*, né? Eu tive contato com algumas coisas, e comecei a gostar. Aí, os caras começaram a ir pra Porto também, ficar lá na casa... E Diro foi pra o Arraial D’Ajuda, ele e Thomaz. Eles foram pra lá pra trabalhar, né? Pintar camisa, essas coisas. E eles passaram um tempo lá. Rodrigo até foi também, passou acho que um mês lá. Um mês e pouco. E beleza. Aí, quando os caras voltaram, [...] os caras começaram, cê sabe, né? Diro e Thomaz... Diro principalmente. Empolgado pra porra. Aí os cara começaram a empolgar com essa coisa do LSD, véi. E da música eletrônica. Aí, vieram pra Conquista, voltaram de lá, e aí não tinha música eletrônica na cidade. Tinha algumas pessoas, que na época era até chamada de *clubber*, e tinha algumas poucas pessoas que gostavam dessa vertente musical, né? EU não sei se você conhece Renata, que tem uma loja de camisa. A Pandora Cult. [...] Renata é dessa época. Eu lembro, e ela ia pra Porto Seguro, pras festas *rave* lá. E aí, a gente acabou, por pilha de Diro, né? A gente: “vamos fazer umas festas”. Festa. Aí, teve a hora mesmo que... Tanto que no primeiro Agosto de Rock não teve tenda eletrônica. Não tinha. Era só Agosto de Rock. O primeiro Agosto de Rock foi quando?

P – Foi 2001, eu acho.

R – 2001 ou 2002, né?

P – É. Foi 2001, o segundo 2002, 3, e o quatro, que seria o 4, foi o Rock Vertente.

R – Sim. Então, nesse caso, foi 2001. A gente, em 2002, rolou aquela Orion, de fazer a festa na micareta.

P – Sim. No Point do Rock, né?

R – É. E o Point do Rock era lá embaixo, né? Perto do Aerobar.

P – Que ano foi esse aí?

R – Acho que foi 2002.

P – Sim.

R – É porque 2001 foi o Point do Rock que o palco ficava do lado do posto. Naquela mesma rua, né? Aí, quando foi em 2002, o palco foi mais pra baixo. E aí foi onde teve a Orion, né? Que por sinal, deu um prejuízo ali...

P – Risos. A Orion era o nome da festa, né?

R – É. Que na verdade, *Orion Music Company*. É uma companhia de música, né? E aí, a gente acabou fazendo camisa e tal, inventou essa história. Quando foi no Agosto de Rock desse mesmo ano, aí os caras meteram uma tenda eletrônica, né? Que foi Bizerão, quem tocou foi Bizerão e Robertinho. DJ Robertinho. Robertinho da loja, né? E a gente fez algumas outras festas, porque naquela época a música eletrônica, a galera tava começando a perceber, todo mundo usando droga, né? Começando a usar LSD... Vai pras festas eletrônicas, e a gente com essa ida... Vai pra Porto Seguro, vai pra Porto... Aí, acabamos fazendo festas. Fizemos essa, depois a gente fez uma na... Eu não sei aí agora os anos, né? Mas a gente fez uma outra naquela boate Taj Mahal, que era uma boate itinerante, que ela vinha aí de vez em quando. [...] Ela vinha, ela veio em Conquista, montou, se não me engano, acho que foram três vezes, né? Mas eu lembro de duas. Ali naquela rua da Movel, no fundo da Normal, tinha um lugar de evento ali, né? Aí eles botaram a boate ali, né?

P – Tipo umas tendas, umas coisas assim, né?

R – Isso. Esse ano a gente trouxe... A gente falou com Bizerão, né? Que era pra Bizerão tocar, e aí Bizerão falou: “ó, véi, tem um cara aqui que é israelense ele. Um DJ. Pode levar?” Aí a gente falou: “vai, traz, ué”. Risos. O cara chegou. Pense num cara doido, véi. Aí, numa outra vez, que aí no caso já foi... A gente fez uma festa na... Aqui onde era o antigo Odeon, aqui no bairro Brasil... Era o Rancho da Goiabada. A gente fez uma festa lá também, que por sinal foi a festa que não ia dar prejuízo, acabou dando, porque o adesivo pregou errado no carro de Hildebrando, a hora que Diro foi puxar, arrancou a tinta. Risos.

P – Risos.

R – Aí teve que mandar pintar. É, ia ter lucro, né? Mas saiu no zero a zero. E no Rock Vertente também teve. Rock Vertente a gente trouxe Bizerão, ele veio tocar, e veio Felipe também. Felipe é um francês que mora no Arraial. Ele toca também, né? É professor de [...] *kite surfing*. Então, assim: e a gente fez... Uma vez a gente fez uma coisa lá na Padre Gilberto, que as meninas chamaram Diro pra fazer, e a gente foi lá e fez, aí Diro cuspiu fogo e os ET, e era uma doadeira da porra. Mas a Orion foi interessante, né? Por conta dessa coisa também, de a gente se organizar, de fazer decoração. Era tudo a gente que fazia, né? Tem pintura, essas coisas, quem fazia era a gente, véi. Diro conseguia o patrocínio dos panfletos, de alguma coisa assim, né? E o resto a gente tacava mão.

P – É, eu não sei se tem ligação, porque, por exemplo: teve o Agosto de Rock 1, 2, 3 e aí no ano seguinte teve o Rock Vertente, aí no outro já foi o Festival de Inverno. E aí, o Festival também continuou, né? Com esse hábito de palco do rock e a tenda eletrônica, né?

R – Sim. Porque, justamente porque hoje em dia, cê pega um celular e bota música eletrônica, aparece tomador de ácido de tudo quanto é lado, né? Aparece gente com pirulito na boca até sai de baixo da pedra. Mas naquela época, a gente fazia a festa e era meia dúzia. Era meia dúzia de pessoas, né? O povo não sabia... Na verdade, a gente fazia as festas mais pra tomar droga do que pra fazer a... Risos. Porque, outra coisa, véi: a gente é que curti mesmo, mas depois da primeira festa da Orion, na micareta, aí Alan Kardec e Adão, eles já pegaram e colocaram uma tenda eletrônica, né? Porque viu que o negócio [corte]. E de lá pra cá, cê vê que qualquer evento que tem, sempre tem que ter uma tenda. Sempre tem e tem aquele monte de zumbi lá, né? Risos.

P – Risos.

R – Parecendo The Walking Dead, aquela porra.

P – Eu lembro que o cartaz do Rock Vertente ainda tinha Orion como produtor, né? Como produtora. Aproveite agora pra falar como é que foi fazer o Rock Vertente. De onde veio...

R – Sim. O Rock Vertente foi uma doideira porque assim: boa parte daquilo ali quem conseguiu foi Diro, né? Porque ele conhecia Elvis lá do Tôa Tôa, né? E tal... Então, aquela estrutura foi toda conseguida na mão de Elvis. E conseguida assim, né? Diro conseguiu pra pagar. A gente fez umas contas, levando em consideração o Agosto de Rock, né? Então, a gente fez as contas. Se a gente tivesse um público mínimo, em cada dia, pagava o negócio sem problema. Só que o que aconteceu? Quando fez o evento, véi, o público não foi, né? E a ideia de Diro também foi o que? Tentar colocar uma estrutura legal, porque onde a gente tocava, normalmente quando a gente tocava, Plácido, você sabe disso, era tudo caótico, véi. Era tudo caindo aos pedaços, né? Aí Diro falou: “Ó, tem que pagar um cachê legal pras bandas e tem que ter uma estrutura legal”. Tanto que a estrutura do Rock Vertente, até então, foi a melhor estrutura que teve. Porque era a estrutura de Elvis. Estrutura de show do Tôa Tôa, né? Mas ali, véi, foi um prejuízo de dez mil. Naquela época, né? Dez mil conto. E assim, Diro... A gente discutindo lá, ele falou: “ó, véi, vamos chamar Arlindo”... Porque veio Arlindo Polvinthai...

P – Sim. Ely Pinto. Um monte de gente das redondezas e...

R – Isso. A ideia do Rock Vertente era justamente essa, né? De não precisar trazer uma atração grande, mas tentar valorizar aquilo que tá aqui na região, com um equipamento legal, uma estrutura massa... Só que não deu, véi. O público não... Eu não sei se naquele momento ali esse movimento do rock ele tava começando a se deteriorar aí, né? Na verdade foi isso. Deu pra perceber no Agosto de Rock 3, né? Que foi lá no Sítio Viver. Foi no Viver? Não...

P – Não. Foi o Sítio Uchôa.

R – Rancho Uchôa. É. Então, assim: dali já tava, já percebi que o negócio baixou, né? E de lá pra cá, a derrocada foi... Né? Evento só foi caindo, até chegar aquele momento de 2009, 2010, que aí as bandas autorais começaram, né? Que aí, por sinal, até a gente já começa nessa fase aí também, né? Com a Distintivo. Porque assim: o intervalo foi mais ou menos entre 2005 e 2008, né? Foi tipo assim, uns três anos direto.

P – É, deu uma queda de show, tal... Foi mesmo.

R – Isso. O pessoal começou a chiar por causa do Centro de Cultura, né? Toda aquela... Né? Os eventos foram começando a ficar cada vez pior... Teve a praga de Selma Doida... “A partir de hoje eu declaro o fim do Odeon!”.

P – Eu lembro mais ou menos disso aí.

R – A gente tava lá e ela parece que brigou com Hildebrando lá, alguma coisa, aí botaram pra fora... E o pior de tudo: a praga dela pegou, véi. Que o Odeon durou uns poucos dias ali, depois acabou.

P – Eu acho que eu tava nesse dia.

R – Tava, moço. A gente tava tocando. Foi onde a gente tirou aquelas fotos da logomarca da The New Old jam, que tem a mão do baixo de Gil, né? Foi naquele dia ali...

P – Que eu usei no ACRock, que fez o adesivo no ACRock, tal...

R – Foi. Que a gente tocava num negócio assim, que era enfiado lá pra dentro assim... Era um trabalho da porra, que tinha um resto de gente do outro lado... Aí, foi aquele dia ali, véi.

P – Risos.

R – “A partir de hoje eu acabo com o Odeon. É o fim, decreto o fim do Odeon”. Pegou, véi. Risos.

P – Risos. Aí você falou da época da volta da cena. Até da época do Viela, tal, que voltou pra cena com a Freebird. Conte mais.

R – Sim. A Freebird foi, tipo, aquela coisa da necessidade de tocar.

P – 2009, né?

R – A Freebird, acho que finalzinho de 2009, né? Foi por aí. Até porque 2010, eu fiz o vestibular da UESB. Foi isso. Que eu fiz no segundo semestre. A gente tocou acho que duas vezes no Viela. Foram as únicas apresentações da gente. Mas ali também foi meio que a necessidade de tocar, porque Gil entrou em contato comigo e tava ele, André e João, né? João na bateria... Raul, acho que tinha saído, né? Porque Raul é desse jeito: aparece aqui em Conquista, depois fica um tempo, aí engravida uma mulher, vai embora... Risos. É desse jeito. Teve que fazer vasectomia pra não engravidar mais ninguém. Raul tem três filhos, véi.

P – E adulto, né?

R – É. Ariel acho que já tem 20. E tem mais duas meninas. Acho que uma tem 15 a outra tem 16, ou 16, 17, é por aí. Mas assim: foi a vontade de tocar mesmo, né? Os caras: “porra, vamos fazer um som aqui, tal”. A gente foi ensaiando, né? Tanto que a Freebird era um caldeirão da porra, véi. Porque a gente tocou Metallica, U2, Lynyrd Skynyrd, a gente tocava um monte de coisa. Eu lembro que aquele primeiro show que a gente fez lá no Viela. Os dois foram no Viela, né? Teve um primeiro... Depois... Aquele primeiro, Rubenildo escreveu uma matéria lá num site que... “a melhor banda que apareceu nos últimos tempos e tal”, né? Eu achei até assim: eu fiquei surpreso, porque “porra, véi”. Porque André é um cara que é assim, nojento com música, véi. Se o negócio tá ruim, André... Pode tar bom, André fala “tá ruim”. Que André tem dessas. E a gente tocando e tal, eu também não achei que ia abalar assim, mas pra galera que gosta do rock n’ roll, ela surtiu até um efeito, só que depois a gente acabou, por conta também de todo aquele processo... Eu tava estudando, eu tava fazendo umas coisas, eu falei: “ô, véi, aqui...” né?

P – E você cantava, né?

R – Cantava. E assim, também a coisa da falta de grana, né? Porque assim: ou cê dedica a uma coisa que tá te rendendo dinheiro, ou então você vai ficar tocando aí... Como, né? Porque o próprio tocar requer manutenção. Os bares não suprem a necessidade. Aqui em Conquista não tem como. Hoje não: essa de tar tocando na noite aí, né? Galera toca três, quatro lugar por semana, né? Mas aí é um cara só, né? às vezes dois, que tá indo... Mas uma banda não dá, véi. O cachê nunca dá pra... Cê pensa que a casa vai encher e não encheu.

P – Mais pra frente aí, que que cê lembra de interessante? De lá pra 2019, por aí...

R – Assim... Aí, tirando essa coisa, né? Até a Freebird, beleza. Aí, foi a partir daí que eu fiquei um tempo sem mexer com música... Sem mexer assim, né? Sem tar com banda e tal... E nesse mesmo período também, a única banda que tava fazendo alguma coisa, né? Que tava movimentando, foi a Distintivo mesmo. Alguns ranços ainda né? daquelas coisas do Coletivo, né? daquelas bandas tipo Maglore, ainda acontecia, né? Que era até por conta do Viela, né? Que tinha umas bandas ali ainda. O Coletivo Suíça Bahiana também, né? Que, mesmo com os atropelos e tal, ele movimentava, né? Isso a gente não pode negar. O interessante foi isso, né? Que a partir de 2009 apareceram várias bandas... Apareceram não: as bandas que a gente já conhecia fazendo trabalho autoral, né? A Ladrões de Vinil... Parece que 2009, 2010 foi um marco assim pra essas bandas, né? De criação de conteúdo, de material... A Garboso, A Distintivo, Ladrões de Vinil como já falei. Quais outras bandas mais? Tinha outras mais.

P – Tinha a Randômicos, tinha...

R – Randômicos, tinha Os Barcos... Tinha até, mas não, aquela banda de Fernando com a mulher, eles não tocavam autoral não, né?

P – Era a Rádio Zero, mas era só cover.

R – Rádio Zero. É. Nesse período, o interessante foi isso, né? Algumas bandas daqui da cidade se despontando aí, e a questão da tecnologia também, as plataformas, né? Galera foi começando a divulgar o trabalho, começando a entrar em plataformas, né? Ser conhecido fora daqui da cidade, não é? Aquele processo que a gente ganhou, as cordas dos instrumentos, foi uma coisa interessante, por conta de que assim: a gente tava concorrendo ali com várias outras bandas que, por sinal, não eram bandas ruins, né? E a gente acabou ganhando, né? Conseguindo ganhar. Ali eu também achei interessante, porque mostrou como é que bandas que tão fora daquele eixo, né? Conseguem se projetar nesse mercado, mesmo ali naquele início, aquelas plataformas meio que num processo meio *beta*, né? A galera ainda tava entendendo... Hoje não: hoje a gente tem Spotify, o Deezer, e além de muitas outras, né? Naquela época era o MySpace, né? Risos.

P – É. MySpace, PalcoMP3... Tinha essas assim. Show de bola. Tem mais alguma coisa que cê queria lembrar aí, que cê acha que é importante?

R – Rapaz, eu acho que agora, desse momento em diante, é bem aquilo que a gente já tem em comum, né? Porque teve o convívio com a banda e é muita... As histórias a gente passou foi junto. Então, as experiências têm muito daí em diante, não vai dar... Talvez assim, é a minha visão, mas é um conteúdo que você já tem. Cê já deve ter esse conteúdo sobre essas viagens, né? Essas baldeações, e vai tocar não sei aonde, e editais que passa e que não passa e... Corega! Risos.

P – Risos. Beleza. Agora é esperar aí depois que acabar o pandemônio pra ver o que que vai ser, né? Se vai voltar a ter cena, se ainda vai demorar um tempo... Aí já é outra realidade já.

R – É, véi. Eu mesmo eu tou assim querendo ver o que que vai realmente acontecer, porque já tá uma coisa esquisita isso aí, véi, porque, por mais que eu tou vendo aqui bandas famosas, né? Mas também tem uma galera que não é tão famosa assim, que tá correndo atrás, mas essa coisa do fazer

essas lives... É importante, eu acho... Eu não tenho paciência pra fazer. Vontade de fazer uma live mandando tomo mundo tomar no cú durante 24 horas.

P – Risos.

R – Mas assim: não substitui... Esses dias eu tava conversando com um brother aqui, ele falando “porra, véi. Pra uma banda deve ser ruim, né? Não poder tar saindo pra fazer show e tal...”. O fazer show, é ruim, né? Principalmente pra banda que já tá na estrada, que tem trabalho, que tá vendendo, tal, mas pra essas outras bandas que não tão em estrada, falta o que? O ensaio, véi. O ensaio. O tar junto ali com os brother. Não é nem show: é o ensaio mesmo, é tocando. Uma coisa é cê tar aqui, aí, eu tô aqui, aí tira uma música e faz um balaio de gato aí, a gente toca, mas não tem aquela energia de tar todo mundo junto. Não tem essa interação, né? É tudo virtual. Hoje tá tudo virtual, então assim: eu tô querendo tentar vislumbrar o que que vai acontecer aí agora, véi. Além do que eu, as notícias que eu venho acompanhando aí, políticas e tal, a sociedade tá num caos, véi. Os caras tão matando por qualquer coisa, tá todo mundo estressado, né? Tá um treco esquisito. Uma coisa que tá me preocupando também é esse domínio do crime organizado, né? Que tá uma coisa esquisita, véi.

Final em 1:27:00

WELDON FRANÇA

Músico. Compositor. Vocalista e guitarrista Zé dos Cafés.

Nome completo: Weldon Barbosa Silva

Data da entrevista: 09/11/2020

Transcrição: 14/09/2021 – 28/09/2021

Início em: 0:08

WELDON – Ô, Plácido. Eu tenho uma música, [...] que se chama *Os Ladrões do Palácio*. Aquela banda, Ladrões de Vinil, eles gravaram a minha música, só que eles mudaram o nome, né? Porque Goma trabalha na prefeitura, acho que ele ficou com medo de alguma represaria lá do... Porque a música é uma crítica sobre os políticos, né? Sobre essa roubalheira toda, que chama assim: *Os ladrões estão à solta em seus palacetes...* [toca violão] [cantando] *Os ladrões estão à solta em seus gabinetes, apartamentos e palacetes. Armando seus planos indecentes. Eles têm a chave da prisão e não prendem ninguém. E desfilam sobre as ruas usando aquilo que não é seu. Por isso eu canto: os ladrões estão à solta.* Aí, tem uma parte que fala assim: *Ei, cuidado. Eles usam paletó e gravata e estão sempre prontos a nos enganar.* Tu acha que dá pra aproveitar essa música?

PLÁCIDO – Oxe, se você não quiser, eu quero. Risos.

W – Ô, porque é o seguinte, Plácido: como você já tem essa voz... Sua voz, cara, você pra mim é um dos melhores blueseiros de Vitória da Conquista. Eu sei que tem outros blues que a gente respeita e gosta, mas você o tom da sua voz, cara, a timbragem da sua voz, mesmo quando você fala sem cantar, a gente nota que tem algo diferente, cara. É diferente das outras pessoas. Porque tem gente que força. Tem pessoas que eles cantam muito bem, são músicos altamente profissionais... [...] Você tem um... Rapaz, você tem algo muito especial dentro desse trabalho que cê tá fazendo, a começar pela timbragem da sua voz. Então, é uma coisa que me encanta muito quando a gente vê um artista, né? Que ele já começa, ele já carrega na sua essência toda essa bagagem que você tem, né? Por exemplo, a timbragem da sua voz mesmo, por exemplo. Ela se expressa de uma maneira natural. Já diz: “eu sou blues! Sou azul! Eu sou rock n’ roll”. Então, quer dizer: isso me agrada muito, cara. Esse tipo de coisa, quando vem natural no ser humano. Eu por exemplo, Plácido, já diria que já é um pontapé inicial da nossa conversa, a música tem nos levado a vários lugares, né? Porque a música, queira ou não, ela é um meio de comunicação. É um meio de comunicação que a gente leva essa coisa toda do, da comunicação através da música, né? E a música tem me levado pra vários lugares, inclusive pra fora do país que eu morei lá um tempo, lá na Europa, né? Onde eu aprendi falar um pouco do francês. Inclusive os meus filhos nasceram lá e tal, e eu representei meu país lá. Pena que eu não tenho documentários. Nessa época era muito assim, muito desligado dessa coisa toda, então meus amigos é que ficaram com os materiais, era pra eu tar com foto, mas a colônia brasileira sabe disso, **Cida**, que é professora da universidade aqui, que foi minha ex-mulher,

que é minha ex-mulher, né? Já tem um pós-doutorado, ela sabe da minha trajetória. Os meus filhos sabem, né? E, ao longo dos anos, eu tenho tocado em várias bandas, com vários artistas, não só aqui em Vitória da Conquista, mas também fora daqui de Vitória da Conquista, né? Então, a gente toca com grandes músicos aqui e fora daqui, porque Conquista tem se tornado um celeiro artístico, né? Onde nós encontramos grandes músicos. Você pode ver que tem grandes músicos nossos tocando como músicos já famosos, né? Que estão aí na mídia: Ivete Sangalo, tem outros que tocam com Tuca, com Jammil, que é no caso de Léo Brasileiro e outros e outros músicos, né? Então, Conquista, praticamente, exporta músicos daqui pra fora né, cara? Eu tenho honra de quando eu tô por aí afora, em outros lugares, quando as pessoas me perguntam eu tenho a honra e o prazer de falar que eu sou de Vitória da Conquista, né? Quando, na realidade, eu sou de uma cidade circunvizinha que se chama Iguai.

P – Iguai. Ah, eu achava que você era daqui de Conquista.

W – Mas eu me considero conquistense, porque eu me criei aqui em Conquista, né? Eu só nasci lá e vim pra cá.

P – Cê nasceu em que ano?

W – Eu nasci em 68. Eu sou 7 de janeiro de 1968. Daí então, a música tem esse papel, né? De levar e direcionar as pessoas a lugares. Eu quando fui ser artista, Plácido, eu sabia que poderia ser difícil, né? Difícil como? Porque na realidade, quando os gregos falam também ali, tem alguma coisa a ver com essa coisa dos gregos, a gente voltando pra Grécia antiga, a gente sabe que os gregos sobreviveram àquele momento trágico, até por causa da música, né? Tem alguma coisa dos gregos que fala *a divina tragédia do espírito da música*. Hoje em dia, muitos músicos até que vivem essa tragédia, não da maneira dramática, né? Não trágica, eu diria mas, talvez, dramática porque, Plácido, a gente pra sobreviver da música em nosso país é muito difícil, né? Principalmente quando você não tá na mídia e tocando com grandes artistas. Mas, eu tive esse privilégio de representar o meu país lá na França com a Companhia do Brasil, que era um grupo que se chamava Companhia do Brasil. Eu cheguei na Europa, com um mês mais ou menos na Europa, Cida tava fazendo na Joseph Courier, lá na França, que é uma universidade que fica numa cidade chamada Grenoble. Aqui no Brasil se pronuncia *Grenoble*. E fica no sudeste da França, por ali, uma cidade universitária, como se fosse Ouro Preto. E Cida colocou meu nome lá no sistema lá da universidade, “músico recém-chegado deseja tocar”, e esse pessoal da Companhia do Brasil, que era encabeçado por Sheila Costa e a Patrícia, né? Elas são aqui do Recife, né? Radicadas lá já há mais de vinte anos, então, eu entrei pra tocar nessa banda, quando eu fui trabalhar...

P – Isso aí foi em que ano, mais ou menos?

W – Isso foi nos anos 1999, por aí. Aí eu fui ser baixista dessa banda, né? Fui ser baixista dessa banda, mas como eu já tinha um feeling pra tocar guitarra lá, eu comprei uma guitarra Fender lá nessa cidade, né? Então, além de tocar baixo... Aliás, minto, desculpa. Eu comecei, na realidade, eu comecei como contrabaixista em minha carreira, né? E tinha um amigo meu... Tudo começou com um cara que se chamava Reinaldo. Reinaldo Oliveira, pseudônimo Nanado, né?

P – Aqui em Conquista?

W – Aqui em Conquista. Esse cara me ensinou tudo de blues. Era um cara assim, parecido com você assim no jeito de pesquisar música e ter essa desenvoltura pra o blues, pra o jazz, pro rock n’ roll, enfim... Pra literatura também, né? Ele gostava muito de ler, então foi ele que me aplicou os primeiros livros, Clarice Lispector, Dostoiévski, Kafka, eu conheci toda essa rapaziada através de Nanado, é... Muitos outros livros, né? Enfim, então esse cara foi quem me ensinou tudo do blues e do rock n’ roll, né? Se chama Reinaldo Oliveira, Nadado, meu grande amigo, que esse cara, inclusive, ele sumiu do nada. Então, entendeu? Pense um cara igual você, de repente some, ninguém sabe pra onde é que foi, ninguém sabe se morreu, se mataram...

P – Até hoje? Rapaz...

W – Até hoje. Tem vinte anos, então, assim: procurávamos, procurávamos, até na Globo saiu, né?

P – Ah, desaparecido, desaparecido mesmo. Não é que ele simplesmente viajou e...

W – Desaparecido, desaparecido mesmo, então, foi um cara que marcou muito a minha história. Era um cara que era meu amigo. Eu dormia na casa dele, a gente fazia música junto, a gente saía pra noitada, a gente curtia. Eu ficava uma semana na casa dele curtindo, fumando, bebendo, aquela época eu fumava, mas graças a Deus, hoje eu sou cara que sou livre de toda essa parafernália, que aquilo foi uma coisa da minha juventude, aquela coisa de querer mudar o mundo, de querer transformar as coisas... Que a música tem esse poder de transformar, né? Numa mensagem que você manda e tal... Então, Nanado falou: “Weldon, você tem alma de guitarrista, cara. Você não nasceu pra ser baixista. Você tem alma de guitarrista”. Aí, com o tempo, cara, é... Eu comprei uma guitarra na mão de Nagib. Nagib praticamente me deu essa guitarra, que era uma guitarra Kramer azul. Daí então, eu tomei amor pelo som que a guitarra emitia, que era cordas mais graves, mais agudas... Mais agudas, mais espaços pra você expressar os sentimentos através da música, né? Porque a música é a arte na qual nós podemos expressar os nossos sentimentos através do som, né? Daí então eu tomei amor pela guitarra. Aí, nesses idos e tal, depois, largando a história de Nanado, que foi o cara que me aplicou tudo o que eu conheço hoje, eu agradeço a ele, né? Meu grande amigo, meu irmão. Às vezes eu sinto saudade, eu choro. [pequena pausa] Sou muito emotivo e de repente eu choro, das pessoas que eu gosto, que eu amo, que eu tou distante. E aí, depois disso eu fui pra França, como eu falei. Já tava tocando em par, já havia montado a minha banda aqui, Zé dos Cafés e tal...

P – Ah, já tinha nessa época.

W – Nessa época não: depois de tudo isso aí, que eu comprei a guitarra de Nagib eu passei a tocar em várias outras bandas aqui em Conquista, fazendo freelance com os artistas, até que eu fui pra Europa, né? Esse período que eu passei na Europa, toquei em várias bandas. Além de tocar na Companhia do Brasil, eu toquei numa banda que se chama **Stangroove**. *Stan Groove*, né? Em francês se pronuncia *stangroove*. Que era uma banda formada por um baterista indiano, tinha também um vocalista e guitarrista que chamava Gil, que era um francês, tinha eu que, nessa banda, inclusive, eu passei a tocar contrabaixo, porque eles precisavam de um contrabaixista, não de um guitarrista. Como eu tocava contrabaixo antes, eu fui fazer esse papel de contrabaixista, e também tocando na Companhia do Brasil, guitarra. Então, fui tocar, eu tocava na Companhia do Brasil e na banda Stangroove, né? Como baixista. Aí, tinha um brasileiro também que também cantava junto com Gil. Afinal de contas, era dois brasileiros, um francês e um cara, Henry, que era da Índia, um

indiano. Tocando bateria, um cara muito bom, e é até hoje. E daí então, retornando pro Brasil, no ano 2000 por aí, mais ou menos... Ô... Ainda 1999... 1994, por aí, 1995, eu montei a banda Zé dos Cafés, né? E o primeiro baterista dessa banda foi Thomaz [pronuncia Thomas], da banda MPBlues, que era MPBlues na época, hoje é Café com Blues.

P – Sim. Primeiro baterista.

W – É. [...] E eu também, eu esqueci de agradecer você pela oportunidade de participar desse seu projeto, porque, pra mim, nada mais, é deixar um rastro da minha história, né? Porque como diz o poeta: morre o homem, fica a fama, né? Tem uma música, acho que é de Lupicínio Rodrigues, que Cássia Eller interpretava, não sei se é de Lupicínio que falava assim: *morre o homem, e fica a fama. Eu quero morrer numa batucada de bamba*. A gente, como bom roqueiro, como bom rock n' roll, que rock n' roll é aquilo que acontece, aquilo que rola, né? A gente não tem, eu não sou um cara preconceituoso, né? Eu curto rock n' roll, gosto de blues, né? Tenho essa pegada que Deus me deu, que é uma coisa minha, que nasceu dentro de mim, mas eu também pesquiso outros estilos, como o forró pé-de-serra, né? Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro... A gente tem passeado por várias vertentes da música, né? Então, eu acho muito bacana essa coisa, quando você é desprendido desse negócio de preconceito, né? Então, eu não tenho preconceito nenhum, a música, eu acho que ela tá aí pra todos, né? Que não tem fronteira. Então, a minha trajetória, depois que eu vim da França, montei a banda Zé dos Cafés, onde Thomaz foi o primeiro baterista, e depois nós mudamos, né? Entrou Ronildo de batera, passou... Ronildo, que tocava contrabaixo, que era da banda Dezoito 21...

P – Ah, foi essa época que eu conheci você, eu acho.

W – Isso. Aí, já tô me trazendo aqui pra perto de você, né? Nessa época, eu montei uma banda junto com Japão, que era Japon de batera, Ronildo...

P – Sim, foi quando eu conheci Ronny também.

W – E no contrabaixo... Muito bem. Ronny, gente fina. Ronny de contrabaixo e cantando, interpretando algumas músicas, e eu de guitarra. Então, porque eu coloquei o nome dessa banda Zé dos Cafés, né? Dentre essa história toda passei por várias bandas, cheguei à banda Zé dos Cafés... Eu coloquei o nome Zé dos Cafés porque são personagens imaginários. É assim: Zé dos Cafés (*Personagens Imaginários*). Porque *café* em francês significa *bar*. Eu achei muito criativo esse nome, Plácido, quando se refere a Zé dos Cafés, porque pode ser Zé dos Bares e também pode ser representando aqui a minha cidade, Vitória da Conquista, que é *capital do café*, né? Risos. Então, ficou assim, meio que duplo sentido, amparou um nome conotativo, eu diria assim, né? Com duplo sentido. Então, por por isso, Zé dos Cafés (*Personagens Imaginários*), porque a banda trocava muito, trocava muito de músicos, né? Então, eu preferi colocar *Personagens Imaginários*. Imaginário é o que você imagina, né? Que tá no imaginário e tal, né? Então, a minha banda poderia ser com você, com siclano e beltrano... Por esse sentido de tar mudando de nome. E daí então, essa banda, fizemos alguns shows em Vitória da Conquista, participamos de alguns encontros, né? Como até hoje eu participo, direta ou indiretamente da vida sociocultural de Vitória da Conquista, eu diria assim, né? Que a gente sempre participa, né, Plácido? Uma entrevista como esta, um show que alguém nos convida pra participar, num barzinho que você faz e etc., mas a minha trajetória tem sido muito fora de Vitória da Conquista, né? A minha trajetória, eu morei em cidades, por exemplo, como Belo Horizonte, teve uma época também que eu morei em Brasília. Em Brasília, eu tive o

privilégio de conhecer também grandes músicos. Foi na época daquela febre do Legião Urbana, que foi antes de eu ir pra Europa, né? 1980, 85, por aí, que vivi aquela coisa gostosa, que a música brasiliense tava sendo conhecida no Brasil inteiro, tava...

P – Ah, cê tava em Brasília naquela época, velho? Que massa.

W – 1985. É. Então, eu participava dos encontros com uma banda que se chamava Marssal. Fiz algumas canjas com ele, com a banda Marssal, que hoje Marcelo, que era da banda Marssal, uma banda de rock n' roll que fazia cover do Led-Zeppelin. Então, nessa época que eu estive em Brasília também eu tocava com uma banda que era contrabaixista dessa banda que se chamava Exit Hell. Já era uma banda heavy metal. Aquela coisa toda... Quando o Sepultura tava começando a se lançar também, eu conheci Paulo... Inclusive, eu conheci Paulo lá no Parque da Cidade, quando nós fomos convidados pela banda P.U.S., que era uma banda que se chamava *Porrada Ultra Suicida*, que era uma banda de Ronan, da Syang. Syang ainda não era Syang, ainda era Simone. Era Simone, que era guitarrista da banda P.U.S. Eu não sei se você já ouviu falar dessa banda. Banda P.U.S., *Porrada*. Então. Então, lá em Brasília que eu conheci esse lado meu heavy metal, né? Então eu tocava na banda Exit Hell, um nome muito macabro... *Exit Hell* significa *saída do inferno*, né? Foi ideia dos meus amigos, né? De Rosivaldo... Rosivaldo é primo daquele cara da Tribo de Jah. Tribo de Jah, que é uma banda de reggae. Então, eu sempre me relacionando com grandes músicos. Desde que eu comecei minha carreira, eu tive esse privilégio de não tocar só com músico X ou Y. Toquei com uma infinidade de músicos, e o meu privilégio foi o de tocar com grandes músicos. Que esse guitarrista mesmo, Rosivaldo, que era primo da banda Tribo de Jah, esse cara é um puta dum guitarrista, cara. Então, lá em Brasília, eu tive a oportunidade de conhecer o lado heavy metal, né? Que pra mim funcionava mais como um modismo, aquela coisa toda, porque Cazuzza falou que heavy metal é uma coisa de modismo, eu realmente eu participava porque eu via os caras... Eu tinha o cabelo grande... Eu nem usava muito camisa de banda. Era mais camisas pretas mesmo, sem nome, porque tinha a coisa dos skinheads, que atacavam a gente e queriam brigar naquela coisa toda de protestar contra os headbangers, né? Contra os negros e as bichas, isso tudo... Os homossexuais, e tal, eles eram contra. Então, os skinheads eram totalmente a favor dessa parafernália toda que é... Brigas e... Bater em pessoas, em negros, etc, etc. Igual nazista, né? Não os neonazistas, né? Os skinheads. Então, em Brasília tinha muito nessa época, né? A gente corria desses caras. A gente tinha cabelo grande e eles queriam pegar a gente e quebrar. Então, eu tocava nessa banda, Exit Hell, né? Tocava contrabaixo, que era formada por Nenel, Rosivaldo, eu, Paulinho... Éramos um quarteto, né? Envenenado, então eu tive o privilégio de abrir shows pra bandas tipo Sepultura. Sepultura quando tava no início, eles foram tocar lá no extinto Relâmpago lá em Brasília, quem foi abrir o show da banda Sepultura foi a minha banda, a banda que eu participava, que se chamava Exit Hell. Então, lá eu conheci a banda Asgard, que era uma banda de São Paulo, Asgard, não sei se você ouviu falar também da banda Asgard. É uma banda que na época era bem conhecida no meio heavy metal, né? Tinha Asgard, tinha a banda Dorsal Atlântica também... Eu conheci essa rapaziada toda desse círculo, junto com os caras do Sepultura, né? Tive até o privilégio de conversar com o Max, com o Paulo, né? Que nós éramos uma das bandas que ia abrir o show. Depois disso, a gente foi convidado como uma das melhores bandas, a décima melhor banda de heavy metal de Brasília, pra participar de um festival lá no Parque da Cidade, onde tinha grandes bandas do cenário ali do Rio de Janeiro, de São Paulo, essas bandas pesadas de heavy metal, como eu falei aqui. Acabei de falar, Dorsal Atlântica, Asgard, Sepultura... E daí então, eu toquei aproximadamente, dois, três anos

com essa rapaziada aí e eu gostava muito de blues, de jazz, de rock n' roll, eu falei: “meu Deus, pô, isso não é o meu caminho. Eu vou querer trilhar o meu caminho agora. Eu quero fazer a minha própria música. Eu quero tocar blues, eu quero tocar rock n' roll...” Aí montamos uma nova formação com essa banda, onde a gente incluía os trabalhos do Rush, né? Eu lembro que a gente tocava música da banda Rush, daquele disco 2112. Eu sempre gostei de Geddy Lee, daquela rapaziada do Rush. Aí o negócio foi ficando mais leve. Aí, eu voltei pra Vitória da Conquista.

P – Isso foi quando?

W – Isso foi 1980 já, 85, 89 por aí, né? 89... Regressei a Vitória da Conquista depois de passar por Fortaleza. Aí, passando um tempo aqui em Vitória da Conquista e tocando também em trio elétricos, em bandas de axé music, me convidavam como músico, né? Eu, pra ganhar o cachê, pra ganhar o dinheiro, como eu não tenho essa coisa de radical, de “ah, não vou tocar uma boa música do axé music”... Ainda tinha uma certa, entre aspas, entre parênteses, ainda fazia uma música ainda mais ou menos, que dava pra gente assimilar... Hoje virou... A gente tem muita coisa da música que eu não diria que é lixo cultural, né? Que a música tem uma liberdade de... Você tem a sua liberdade de expressar do jeito que você quer. Seja lá no samba, no arrocha, etc., então, tem coisas que não me agradam muito, né? Eu não tocaria. Por exemplo, eu não tocaria, eu não faria uma banda de arrocha. Né? Nada contra Pablo, sicrano ou beltrano, Eu não tenho esse preconceito...

P – Cada um na sua, né, velho?

W – É. Mas como músico, guitarrista, baixista e também toco um pouco de gaita, eu aceitava o convite por causa da grana, por sobrevivência, então, toquei em algumas bandas, depois fui morar em Belo Horizonte. Em Belo Horizonte, na década de 89, por aí, eu comecei a tocar em uma banda com um camarada que se chamava Gláucio Barbosa, onde também eu exercia o papel de contrabaixista, porque ele precisava de um baixista. Então, lá eu me bati com muitos músicos bons também, como Luisinho, Luisinho Oliveira, né? Que hoje é baixista de Lazzo Matumbi, tá lá em Salvador, que é primo de Tiago, que trabalha na Globo, que toca lá fazendo trabalho com Luan Santana, inclusive tava aqui ontem. Tiago é muito meu amigo, né? Essa rapaziada toda que toca com os grandes nomes da axé music, que uma boa parte são músicos conquistenses, que tão tocando com Ivete, tá tocando com Tuca, que toca com... Enfim, com Jammil, com essa rapaziada, são meus amigos, então, quando eu vou em Salvador, eu tenho o privilégio de me bater com essa rapaziada, que eu fico lá na praia do Flamengo, né? Na casa dos meus parentes, eu tenho um village lá, eu fico lá em frente à praia, eu gosto muito, que me traz muita paz, né? E então, me relaciono com esses músicos, né? Através de Luisinho também, que é um grande amigo meu, que eu já conheci ele aqui em Conquista, que tocava na Banda Face Nova na época, e lá eu me bati com essa rapaziada, em Belo Horizonte. Então, eu morei em Belo Horizonte, morei em Brasília, morei em Goiânia, passei um tempo em Fortaleza, morei na Europa, na França, como eu tô te dizendo. Inclusive, meus filhos nasceram lá na Europa, né? EU aprendi a falar um pouco do francês, então a música tem esse poder de nos levar a lugares e deixar um pouco da história aí num rastro, como nesse trabalho que você tá fazendo, inclusive um trabalho maravilhoso, onde você tá resgatando uma cultura que é muito importante pra Vitória da Conquista e pro Brasil, né, Plácido? Um trabalho lindo de doutorado que cê tá fazendo, né isso?

P – De mestrado.

W – De mestrado, que vai chegar lá no doutorado e depois um pós, né? Que você vai acrescentar. Doutorado não é nada mais... É um curso que você vai colocando dentro do seu doutorado, o pessoal fala *pós*, né?

P – Sim.

W – Então, é... Eu acho isso muito bom, cara. Que atitude linda essa sua viu? De criar esse projeto. Mas que coisa linda. Isso vai ficar pra posteridade...

P – Com certeza. Além da gente, vai continuar e daqui a cinquenta anos alguém vai pesquisar o que que rolava aqui e vai encontrar a gente.

W – Claro. Os novos remanescentes, né? Então, é... Mas a música tem esse lado trágico, viu, Plácido? E um pouco dramático. Por exemplo: muitos músicos, inclusive eu, não é bem visto pelos seus familiares, ou não é bem querido, né? Às vezes seus familiares não sabem do seu potencial, né? Eu por exemplo, eu herdei esse dom de improvisar... [toca o violão] Meu pai, ele tocava violão, né? [toca novamente]. Ele tocava violão com os amigos dele, eu era criança, eu ficava observando que ele era o cara que solava. [toca novamente]. E eu ficava admirando, que os caras faziam a base, e meu pai ficava fazendo a parte do violão solo, cara. Eu achava, falei “porra, meu pai tem um sentimento virado nos setecentos”...

P – Lá em Iguai...

W – Aqui em Conquista. Eu só nasci em Iguai, e me criei aqui, por isso eu me considero conquistense. Mas eu nasci numa cidade que se chama Iguai, na linguagem indígena significa *água*. Que é a terra de João de Lídia, né? **João Juiz**, a terra de Nanado Oliveira, que me ensinou tudo, né? Essa rapaziada, que eu já andava... Eu era de menor, me batia com a galera de maior, onde eles me apresentavam Creedence, Led-Zeppelin, ouvia Black Sabbath nessa época, então cresci nesse meio, né? Os caras gostavam tanto de mim, que às vezes eles infringiam as regras e me levavam para os clubes, né? Para eu curtir junto com eles Dire Straits, toda essa coisa, que naquela época a gente só ouvia isso. Não tinha aquela coisa do axé music ainda. Tinha os trios elétricos com guitarra baiana e aqueles montes de tambores, aquela coisa percussiva toda, que não tinha nem bateria. Então, eles conversavam com o juizado de menores e eu conseguia entrar com eles pra ficar curtindo as músicas, né, velho? Às vezes, o cara descobria, me botava pra fora e eu tinha que voltar pra casa. “Olha, esse menino não pode, que é de menor”... Mas eu andava com essa rapaziada de maior, né? Então, eles me aplicavam muita música boa. Foi daí que, essa coisa toda também, né? Com Nanado, com essa galera toda... Mas a música, Plácido, ela tem essa beleza, de você deixar o seu legado, a sua história, de você... Fala: “pô, não, Weldon, ele passou por algumas bandas... Até que não gravou muita coisa legal não, porque...” Aquelas músicas que cê me mandou mesmo, eu não gosto daquelas músicas que eu fiz. Da letra eu até gosto. Eu tô falando o jeito de tocar na época... Talvez é... [toca o violão] “Meu amor... Meu amor...” [Planalto da Conquista]. A música é legal, só que foi mal gravada, então ficou uma coisa muito assim... Eu tenho coisas melhores.

P – Sim. Tá na hora de gravar de novo, véi. Juntar umas músicas suas aí e gravar.

W – É, tem umas tecnologias hoje que permitem você dependendo desse avanço todo, você ter uma qualidade melhor de som, né? Etc. E daí então, a música, eu vou falar agora do lado meio dramático da música, porque esse lado... Na Europa, por exemplo, quando eu falava que era músico,

brasileiro, as pessoas: [em francês] “você é músico, senhor?” “Sim, eu sou músico, músico do Brasil”, né? Então, eles abriam um sorriso pra mim, abriam um leque, me abriam um sorriso, né? Eu toquei com árabe, toquei com indiano, toquei com francês, eu toquei com os caras lá dos Estados Unidos, né? Nas canjas, nos pubs onde eu ia, né? Onde eu ia... Mas a música tem um lado trágico, cara, que é o lado financeiro. Às vezes você é um bom músico, você tem uma percepção musical, você tem uma sensibilidade à flor da pele... Mas, às vezes, você fica no anonimato, então, é onde uma pesquisa dessa sua acrescenta na minha vida. Acrescenta bastante, viu, Plácido? Pra um bem maior. Porque eu tô podendo falar disso pra você, né, velho? Talvez tem pessoas que me conhecem, mas não têm essa oportunidade de trocar esse diálogo, né? Eu diria que é um diálogo, você tá me ouvindo, você participa, mas eu tô falando muito mais do que você me pergunta, praticamente um monólogo, mas não é monólogo, porque você tá participando.

P – Mas a ideia é essa. A ideia é essa. A ideia é você contar a sua história. Tá falando um monte de coisa aí que eu nem fazia ideia. Imagine quem só lhe conhece de vista.

W – Porra, brigado, cara. Obrigado. Então, Quem conhece só Plácido de vista, ou Weldon de vista, não imagina o conteúdo que você tem, cara. Bicho, quem não lhe conhece, cara, só vai olhar pra você como “Plácido, um cara que curte rock n’ roll”. Cara, os caras não sabem do significado que você tem pra música, cara. Sabe? Os caras não sabem, muita gente não sabe e que agora vão passar a saber, com certeza muita gente sabe também, que você é um grande artista, né? Quero aqui realmente falar o que você merece ouvir em vida. Né? Que você, cara... Eu admiro, eu já te falei: eu sou seu fã, cara. Eu não tô aqui puxando o saco... É uma coisa porque não tem como você esconder, cara. Então, tem pessoas que vê pessoas igual você, que vê pessoas igual a mim e fala: “pô, aquele cara é simplesmente um cara que passa, que gosta de música... Rock n’ roll, muito louco, porra louca”... Não! Tem uma história por trás disso, né, cara? As músicas que a gente já viveu, né? Que vivíamos, né? O que você tem de sensibilidade, pra você compor uma música... Você pode não tar na mídia, tocando nas grandes bandas, então, essa daí seria um momento trágico da música em minha vida. Por exemplo: eu nunca... Eu não me dou... É... Eu e meu pai, a gente tem um relacionamento um pouco difícil. Embora, depois da separação, eu tô aqui na casa dele e agradeço por ele me receber na casa dele, ter meu quarto aqui, um lugar pra eu dormir e ficar, mas o meu pai não vê a música como um trabalho. Tá entendendo? Então, há uma discriminação muito grande a partir da sua casa. Se você não tem uma cabeça legal, cara, se cê não tem uma mente legal... Muitas pessoas se suicidam, muitas pessoas morrem pela desilusão, pela falta de amor, porque isso gera também uma falta de amor nas pessoas pra contigo, né? Quando elas não conhecem o teu potencial. Isso começa a partir da tua casa. Né? De um pai que nasceu lá na década de 40, que é ditador, é um cara conservador, pode ser uma pessoa retrógrada, né? Pode ser uma pessoa que ela não se adapta nos dias que vivemos.

P – É um outro mundo, né, velho?

W – É outro mundo, cara. É o cara que fala assim: “abra a porta!” Você já tem que abrir a porta, antes que você coloque uma roupa. Então, se você não vai abrir a porta, o cara te xinga de maluco, xinga de doido, xinga de... Que não serve pra nada, “você não presta!” Então, às vezes, a música tem esse lado trágico, né? Que você tem que sobreviver à tragédia. Eu digo que eu sobrevivo à tragédia. Hoje, em 2020, né? Numa época em que as coisas tão bem evoluídas, né? A cibernética tá aí, os meios de comunicação tá aí bem estampado, né? A gente ainda vive esse preconceito, Plácido,

e vivemos também essa discriminação total, cara. A discriminação não acabou. Então, ela tá bem próxima de você, cara. Então, tem pessoas que discriminam antes de te conhecer, sabe? Eles tiram conclusões antecipadas. Isso é uma coisa que agride os artistas, né? As pessoas que não estão na mídia, porque se eu estivesse tocando agora com o Barão Vermelho, por exemplo, eu tava de boa. Como Di... Tem um amigo meu que, na época, era guitarrista da banda Marssal, que chama Dillo D'Araújo, inclusive eu quero que você seja amigo dele. Aí no Facebook, no YouTube, que ele tem um canal chama Dillo D'Araújo, Dillo com dois "l". Dillo é um cara que participou da minha história também, naquela banda Marssal, eu, ele, Marcelo, junto com Marssal, que era o irmão de Marcelo, que é a família Marssal, né? O sobrenome deles é Marssal. Dillo hoje é, pra mim, um dos melhores, juntamente com você, você na área do blues. Dillo, o trabalho dele é meio pop, meio blues, meio baião, sabe? Ele tem essa, ele passa por essas vertentes todas da música... Dillo é um cara que tá se destacando hoje lá nos grandes polos aí, é... São Paulo, Rio de Janeiro, porque ele tem tocado com Frejat, ele tem tocado nos Estados Unidos, hoje ele tem um trabalho dele próprio, rapaz, é uma coisa linda de admirar o trabalho de Dillo. Dillo D'Araújo. Eu tenho orgulho de ter participado da trajetória de Dillo naquela época, em 1985, em Brasília.

[...]

Esse cara, pra mim, é um dos melhores... Inclusive ele tá bombando no YouTube, já tem não sei quantos mil pessoas que seguem ele. Ele até outro dia me escreveu: "Weldão, porra, me segue aí no YouTube, brother, porque eu tô na sobrevivência também". O cara humilde, véi. Olha, véi, o cara é amigo daquele Nonato, aqueles caras lá da bossa nova, acho que é Nonato, se não me engano... Esqueci o nome do cara. O cara é... Ele se bate com Frejat, ele se bate com Nando Reis, porque ele também é produtor musical lá em São Paulo. Então, você vê a humildade do cara pra falar com a gente, né, cara? O cara tem uma humildade, assim como você. Os grandes músicos, eles são humildes.

P – Fundamental, né, velho?

W – Olha, humildade é muito boa no ser humano, rapaz. Cê vê um cara como Luciano PP mesmo, vou citar aqui em Vitória da Conquista. Luciano PP é meu amigo, meu irmão, né? Não é só na área de música.

P – Um monstro na música.

W – Um monstro. Cê vê a humildade daquele cara, rapaz, até pra conversar com a gente, cara. É um cara que ele esbanja humildade. Cê vê um Artur Maia mesmo, que era amigo de Luciano, é um cara humilde. Humilde. Ele pagou, ele "Ó, Luciano, deixa que eu pago aí"... Arthur Maia morreu, né?

P – Sim.

W – De infarto, morreu novo. Eu conheci, por exemplo, o baixista de Stevie Wonder. Aliás, minto, de Elton John. Eu conheci lá na França. Se eu for falar... Eu nunca falei isso pra ninguém aqui em Vitória da Conquista, porque se eu for falar, eles não vão acreditar em mim. Talvez não acreditem. Eu sei que você acredita, porque a minha ex-esposa, Cida, na época tava fazendo esse doutorado lá na universidade Joseph Courier, Eu conheci Ian Guess. Era um cara parecido com Papalo Monteiro, de cor mais, cor preta, né? Mas assim, parecia, do tamanho de Papalo Monteiro, e eu frequentava a casa dele pra fumar um baseado, um haxixe. Nessa época eu fumava, né? Eu gostava pra compor,

né? Eu não vou aqui mentir pra você, também nunca gostei de química, de cocaína, essas coisas... Eu nunca me adaptei muito a essa coisa sintética e das químicas, né? Mas eu usava a *cannabis sativa* como meio de inspiração... Eu ouvia muito The Doors, aquela coisa de *as portas da percepção*, que inclusive foi inspirado num livro, né? É... *As portas*, né? E eu falava: “porra, quero saber como é que é isso”, então, a música, ela abria realmente um link de ideias na sua mente pra você poder compor, né? Eu passava horas e horas tocando quando eu fumava. Eu tocava mais do que hoje, né? Hoje, graças a Deus, da minha vida não faz mais parte, negócio de alucinógenos, maconha, essas coisas... Não faz mais parte da minha vida, né? Quero deixar bem claro aqui que hoje eu tenho filho, né? Bom, enfim... Nesse lado trágico todo da música, tem essa coisa boa também, né? De você expressar os sentimentos através da alma, né? Dessa linguagem, através dos sentimentos, é que é a linguagem da alma, a música. E teve um momento também da minha vida, Plácido, depois que vieram os meus filhos, Francisco, Maria Teresa e Fernanda Caroline. Fernanda Caroline hoje, ela é doutora ali na área de bioquímica em Curitiba, e é casada com um rapaz da Polícia Federal, né? O meu filho tá fazendo aqui, tá estudando também pra prestar concurso, tem 22 anos de idade, o meu filho Francisco. Esse nasceu na Europa, e tem Maria Tereza, né? Que tá fazendo Comunicação e Propaganda. Falta dois anos pra terminar, ela já assessora alguns empresários aqui em Vitória da Conquista. Então, teve um lado da minha vida também, que eu participei de um trabalho gospel, na igreja. Eu comecei a ir à igreja e tal, depois que eu casei, né?

P – Quando, mais ou menos?

W – Isso foi 1980, 1990... 1990. Década de 1990. Né? Na época que eu voltei de Brasília, aí eu fui tocar numa banda em Ilhéus, que se chamava Ruanda. Né? eu tive em Ilhéus também, quero te deixar legal pra você anotar aí, eu tive em Ilhéus. Em 1990, quando eu tive em Ilhéus, nesse percurso de 90, 93, 94, 95, Né? Que eu conheci Cida em 1998, por aí, 99ela foi pra Europa, foi quando meus filhos nasceram, né? Passei aproximadamente quatro anos na Europa, Aí... Antes de ir pra Europa, eu fiquei em Ilhéus tocando numa banda que se chamava Ruanda. Que hoje é O Quadro. Não sei se você já ouviu falar na banda que se chama OQuadro. Inclusive, essa banda tocou muito aqui em Vitória da Conquista. OQuadro. Com Victor Negão, uma rapaziada... Rans. Uma galera que faz OQuadro, eles tocam hip-hop, sabe? Uma mistura de trip-hop, essa coisa toda, né? A música mais falada. OQuadro é uma das melhores bandas que eu já vi também dessa rapaziada dessa geração de 90 pra cá, né? Junto com Dillo D’Araújo, pra mim, e Plácido, né? Com a Distintivo Blue, né? [corte] Não começou com a Distintivo Blue, mas você já gostava de música muito antes disso, e participava de encontros musicais e, conseqüentemente, nas canjas e etc. etc., Mas você hoje, você pode seguir seu trabalho sozinho. Certo? Plácido, blues, sei lá, você criar um nome pra você, um artístico, né? Plácido... Plácido mesmo é um nome bonito, né? Você pode muito seguir sua carreira assim, independente de Distintivo Blue, independente de alguém que... Né? Ter uma nomenclatura lá, alguma coisa, né? Pô, eu acho que você tem esse potencial, inclusive eu vi você tocando contrabaixo, tocando cajón, você mesmo gravando você. Eu achei interessante demais. Mas rapaz, que coisa linda, cara. Então, eu tive essa trajetória, né, Plácido? E hoje eu tô aqui em Vitória da Conquista, né? Já tô com 52 anos [corte] participo também da [corte] artística, né? Porque às vezes um ou outro músico nos convida... Agora nessa pandemia tá mais difícil, mas ainda fiz alguns shows aqui na Barra do Choça um dia desses, mantendo a distância e tudo, graças a Deus, não contraí esse vírus até hoje, não... Espero que não chegue até aqui a minha casa, Mas é muito perigoso você tocar hoje em dia. Você tar indo pra um lugar onde tem pessoas bebendo e tal.

Lá foi uma [corte] mas depois “por que que eu fui correr esse risco por quinhentos reais?” Aí o cara me chamou pra tocar de novo. Eu falei: “pô, bicho, não vai dar, cara. Eu tô ocupado aqui. Não vai dar. Deixa pra uma próxima”.

P – É. Eu mesmo parei. Esse ano eu não vou tocar, véi. Só ano que vem, mas não sei quando ano que vem, né?

W – É. Eu também, tô nessa mesma linha aí. Eu também quero só ano que vem...

P – O mal é a garganta também vai enferrujando, né? Depois, pra voltar, é complicado. Mas, é o jeito.

W – É. E daí, desse período gospel, que eu passei na igreja com os meus filhos, eu gravei um disco que se chama *O Verbo*. Tenho até uma capa dele próxima aqui, Plácido. Eu não sei se dá pra você tirar uma foto. Acho que não dá, nesse aplicativo não sei se dá pra tirar uma foto. De repente pode ser útil pra você lá no seu trabalho. Deixa eu pegar aqui a capa. Que a capa ficou bem interessante, né? A capa desse CD foi eu que tive a ideia. [buscando] [...] Agora veja só que capa interessante viu, Plácido? [...] Então, é... Regressando a Vitória da Conquista depois de morar um tempo na Europa, eu me casei com Cida, né? Aliás, ela já tinha ido pra Europa, eu fui à procura dela, né? Lá, meu filho nasceu lá, Francisco, Lá em Grenoble, E, nesse período que eu tava na igreja, na Assembleia de Deus, né? Porque quando a gente casa muda toda a percepção, aquela coisa de família, você tem que ficar mais tranquilo, isso já 1999, por aí, sabe? Aí, eu gravei esse CD aqui. [mostrando a capa] Essa capinha aqui, Plácido, olha que ideia legal, né? Como o CD se chamava *O Verbo*, o verbo ali I João, da bíblia, eu andei pesquisando a bíblia uma época, mas nunca me deixei ser levado por pastores e aquela coisa dos dogmas da igreja, né? A igreja existe pra frear o ser humano, e é legal esse lado espiritual e tudo, né? Tem quem é espírita também, já pesquisei muito sobre o espiritismo e tal, abri palestras do Marcelo Guerra e tudo, tocando, aí eu fiz esse... Como é *O Verbo*, que o verbo se materializou na linguagem cristã, né? Virou carne, né? Aí, eu fiz esse CD que se chama *O Verbo*. Olha que interessante. Então, tem pessoas na capa, né? Tem eu com uma guitarra andando no meio das pessoas, e do outro lado também, tem a minha guitarra, que é uma semiacústica, né?

P – Ela se destaca, né? As cores dela se destacam do restante.

W – Ela se destaca do restante, né? Então, isso aí foi tudo ideia minha, a ideia dessa capa de CD, dessas pessoas, foram todas as minhas ideias que o fotógrafo foi lá, tirou, e tal. Falei: “eu quero assim, assim, assado”, e gravei esse disco *O Verbo*, na qual muita gente não conhece, né? Mais o pessoal do meio gospel, né?

P – Ah, depois vamos dar um jeito de resgatar esse disco aí pra disponibilizar ele. Depois a gente conversa sobre ele.

W – É, eu tenho ele aqui em casa. Ainda tenho umas duas ou três cópias ainda, original, né? Eu gravei esse CD com uma rapaziada lá em Natal, Rio Grande do Norte, que eu também morei em Natal. Eu morei em Natal já no ano 2000, né? No ano 2000 por aí, 99, 2000 eu tive em Natal, foi por aí, acho que 2000... Eu já tava aqui em Conquista... É... 1999, por aí. É por aí... 2000, eu já tava em Natal. Aí, gravei esse disco lá no estúdio de Oscar, né? Que era um cara, era tecladista de uma banda que se chamava... Poxa, me falhou o nome da banda. É uma banda famosa no meio gospel, tá

entendendo? E aí, eu conheci Montanha, falhei o nome da banda agora, então eu gravei esse CD, *O Verbo*, com uma rapaziada de Natal, Rio Grande do Norte, cara. Um puta dum estúdio, uma banda legal... Tem umas coisas interessantes aqui, que tem uma música, gospel, que ela parece com uma música do Yes que fala assim: [toca ao violão acordes semelhantes a *Owner of a Lonely Heart*, da banda britânica Yes] [canta] “Não quero mais viver nesse mundo frio”... Parece que a pessoa quer morrer, né? “Sem nenhum ombro para contar num dia sombrio”. Essa música tem uma pegada de guitarra muito boa, sabe? [tocando].

P – É, lembra a do Yes mesmo.

W – É, uma música do Yes, quando eu saio daqui, ó: [tocando] Aí, sai do Yes e entra na minha, né? [tocando] Aí, eu fazia questão nas entrevistas em rádio, de dizer que essa música quem me inspirou foi o Yes, por isso eu fiz essa alusão, né? Na entrada da música, ao Yes. Aí, voltando aqui pra banda Zé dos Cafés, esquecendo um pouco desse lado gospel, né? Você deve ter anotado alguma coisa aí...

P – Tô anotando um monte de coisa aqui.

W – Na banda Zé dos Cafés, quando eu participava da banda Zé dos Cafés, eu fiz até uma música que... É... Fiz algumas músicas, como você sabe, né? Compus algumas coisas e interpretava também músicas de outras pessoas, né? Chico Science, etc, etc, e... Mas tem uma música muito legal, né? Que na época o PT tava no auge aí e tinha Zé Raimundo, essa galera toda, que eu fiz uma música... Foi uma alusão a Zé, de uma certa forma. Depois, essa coisa da politicagem me deixou muito triste, não dá nem vontade de votar mais em ninguém, mas infelizmente a gente tem que escolher um candidato... Talvez eu vote em algum candidato do PSOL hoje em dia, né? Talvez eu vote em Ferdinand ali, eu sei que o professor Ferdinand, ele não vai ganhar, mas eu voto nele. Ele tem ideias boas. Maris Stella, por exemplo... Só não voto em ninguém filiado a Bolsonaro, né? Essa rapaziada que é filiada a ele. Também, nada contra, mas eu não sei, não votaria num candidato que é filiado a... Mas, é... Aí, teve uma coisa bonita, que tem uma música que fala assim: “Zé dos Cafés segredo. Zé dos Cafés é amor. Zé dos Cafés é silêncio na batida do tambor. É o amor que sai de dentro. De dentro do seu coração. Zé dos Cafés virou história. Personagem do sertão”. Essa música é minha e de Dório, de Dorinho, que é um contador de causo, é um artista de cordel, né?

P – Dorinho Caves, né?

W – É. Eu tive produzindo um disco dele, numa época aí atrás, acho que foi 2000, 2005, 2007, por aí, se não me engano, eu tava na direção desse disco. Eu tava dirigindo o disco dele, né? No qual eu fiquei muito triste com o guitarrista amigo da gente, que eu não vou citar o nome, eu vou citar o nome, que isso não vai ficar... Alex Baducha. Eu tava gravando no estúdio de Alex Baducha, as ideias de arranjo eram todas minhas. Eu que criava os arranjos das músicas de Dorinho, porque Dorinho era como um diamante bruto: ele não sabia cantar direito as músicas dele, e nem sabia tocar. Então, eu fui colocando arranjo nas músicas dele, tá entendendo? [tocando] “Zé dos Cafés é segredo. Zé dos Cafés é amor...” Eu fui lapidando a música do cara e colocando arranjos. Solos de guitarra, aí, precisei viajar, Alex terminou o trabalho. Terminou o trabalho de áudio, de gravação. Não de arranjos, né? As ideias que tinham lá eram todas minhas. Aí ele colocou no CD do cara bem assim: “concepção de arranjos: Alex Baducha”. Eu falei: “porra, o cara me traiu, ó, velho...” Concepção de arranjos é minha, cara! Pô, eu acho que eu sou digno de o cara colocar pelo menos

meu nome lá: “concepção de arranjos: Weldon França”, né? Que hoje, eu assino Weldon França. Por causa do meu filho, que se chama Francisco, né? E ele nasceu na França, aí eu coloquei Weldon França, ao invés de Weldon Silva. Porque Weldon Silva fica muito comum. França também, eu acho comum, mas é forte, mais forte. *Weldon França*. Outros me chama de Weldon Borja... Eu tenho vários nomes artísticos, cara. As pessoas me chamam de Weldon Borja... Foi Nanado que falou pra mim esse nome: “pô, por que você não coloca *Weldon Borja*? É um nome, assim, mais sei lá, mais universal e tal...” Outros me chamam de Weldon França, outros me chamam de Weldon Silva, né? O pessoal da igreja me chama de Weldon Silva. Né? Inclusive, meu CD tá aqui *Weldon Silva*, dO Verbo, né? Outros me chamam... Mas eu gosto de *Weldon França*. Eu gosto de *Weldon França* porque é uma alusão ao meu filho Francisco e à França que eu morei lá um tempo, né? Francisco. Pessoal chama muito meu filho de *França*. “Ei, França, ei, França!”, porque ele nasceu na Europa, né? A identidade dele tá lá como cidadão europeu e tal... Mas foi registrado lá em Marseille, no consulado do Brasil, em Marseille, e aí, eu coloquei *Weldon França*. Ficou legal, não ficou? *Weldon França*.

P – Ficou. E essa alusão ao seu filho aí deu a cereja do bolo.

W – Deu uma ênfase. É. Aí, eu deixei por causa do meu filho, mas a gente tem vivido assim, um momento trágico na música, viu, Plácido? Inclusive, por causa desse vírus que chegou. O vírus, você não pode mais tocar, você tem que ficar em casa lendo livro, né? Pra passar o tempo. Nessa daí, eu tenho pai, as pessoas não entendem, né? Então, vira aí uma confusão generalizada em relação a tudo isso, mas graças a Deus a gente vai sobrevivendo, né? À tragédia do divino espírito da música, por causa da própria música, que é a arte, né?

P – É o que alimenta...

W – O que alimenta a alma. A minha história é essa, cara. Eu tenho tido o privilégio, eu sou grato a tudo, a Deus, a tudo por ter sido músico. Eu não quero ser outra coisa além de ser músico. Eu cheguei também a fazer cursos de segurança, né? Como eu não tenho um grau superior, eu não sou universitário, né? Eu não encerrei, inclusive, o Ensino Médio. Agora que eu vou fazer o Encceja, pra terminar o Ensino Médio, né? E vou fazer, porque eu parei de estudar lá na oitava série, né? Ou nono ano, por aí, então vou ter que fazer pra terminar. Hoje eu namoro com uma mulher que ela tá fazendo doutorado, né? Tá defendendo uma tese de doutorado aí, então não posso ficar sem estudar, né cara? Assim mesmo, ela gosta de mim porque eu sou artista, né? Ela falou: “pô, Weldon, talvez se você não fosse artista, não fosse músico, fosse segurança, talvez a gente não teria nem...” [risos] “Mas eu gosto de você, porque você é um cara muito sensível, você pesquisa, lê alguns livros, se identifica muito comigo”... Porque, queira ou não, eu também trabalho com comunicação, porque ela tá defendendo a tese dela na área de comunicação, né? Porque ela faz linguística. Linguística é comunicação, né? Claro.

P – Tem a ver também. Tudo a ver, na verdade.

W – Tudo a ver, né? A linguística. Que estuda mesmo, né? A comunicação lá na essência, se não me engano, né, Plácido? Aí, como a música também é comunicação, então ela gosta muito de mim, essa coisa de ter lido... Pô, eu já li os livros que ela já leu tudo. Ela já leu trezentos livros, né? E aí, quando ela vai falar de Alice, eu já conheci Alice, né? Que Cazuza também gostava muito de Alice [Clarice] Lispector, né? Aí eu falo de Dostoievsky, de Kafka, de né? Etc., de [inaudível], de... Paulo

Freire, de tantos outros escritores, né? Eu já tinha pesquisado ou, ao menos, dando uma folheada em alguns livros, né? Então ela se identifica. A gente se identifica muito nessa área de comunicação, tanto é que ela é doutora. Ela não se importa de se relacionar comigo, né? Não tendo um curso superior, né? Porque muita gente esse orgulho, falar: “pô, o cara tem a oitava série. Eu sou doutora...”. Foi uma onda. Tem pessoas que têm esse preconceito, que na época pesou um pouco lá com Cida. Cida é pós-doutora, né? Falei: “pô, mas eu sou músico. Você sabia quando você veio se relacionar comigo, eu te disse que eu era músico. Eu não tinha nem onde cair morto”, a gente usava essa expressão antigamente, né? “Porra, eu não tenho nem onde cair morto, como é que cê quer ir comigo, cara?” “Não, eu gosto de você, você vai conhecer a França”. Eu falei: “ah, eu não gosto, eu não sei fazer biquinho pra falar francês, eu não conheço nem meu país direito”. Acabei indo pra França, véi. Toquei com várias pessoas, com vários artistas na Europa, né? Porra, velho, foi bom demais esse período na Europa, né? E um dia eu quero voltar lá, inclusive, Suzana, o doutorado dela, ela vai defender lá a tese dela lá na França. Talvez eu vá com ela, porque ela quer que eu vá com ela. Tô juntando dinheiro desde agora, porque talvez eu vá morar na Europa, cara, mais um tempo. Na França, principalmente ali, perto... Em Paris mesmo, né? Suzana quer morar em Paris. Ela gostou muito de ter conhecido Paris, né? Eu já tinha conhecido antes. Então, até isso a gente se identifica, porque eu sei falar um pouco de francês, né? Que eu estudei francês na Europa, nessa época, então, eu falo um pouco de francês *un petit peu*, né? Um pouco. Então, a gente tem falado muito em francês, eu e Suzana, né? Ela fazia um curso aqui com o professor, mas depois dessa pandemia, ela me usa, né? Pra gente praticar o francês, e eu também gosto de trocar essa idéia.

P – É. Praticar é essencial mesmo.

W – É, eu gosto de trocar ideias com ela em francês. Às vezes eu falo: “ô, meu amor, hoje vamos falar só em francês”. Ela: “[em francês]” Aí eu começo a falar em francês e tal, às vezes eu erro alguma coisa, a gente vai lá no dicionário, né? E corrige, e tal... Aprendendo sempre um com o outro, e Cida fala cinco idiomas, né? Cida fala inglês, francês, aramaico... Sei lá, alemão, um monte de língua que Cida fala, né, véi? Então, lá em casa, quando eu vivia com meus filhos, tinha essa coisa toda, né? Dessa desenvoltura pra música, porque Cida ela participava, ela sempre foi [corte] com o coral da igreja, né? E das universidades que ela passou, ela sempre participou do coral. Então, minha vida foi sempre ligada à música, né? Na época que eu morava com meus filhos, a gente trabalhava muito esse lado de compor. Eu compunha músicas com minha filha, né? Ela regia o coral dos adolescentes na igreja, então, lá em casa, a gente vivia musicando. Tem uma música minha que se chama *Abrigo*, que é assim. Eu e minha filha. Essa música eu fiz pra ela, mas ela sempre coloca uma frase. É minha e dela essa música, né? [tocando] “anda, vem ficar comigo. Meu peito é teu abrigo. Um novo amanhecer”. Cê vê que tem uma pegada blues, ó: “vem, vem ficar comigo. Você é meu paraíso. É tudo natural. Anda, que a estrada é longa e nos leva a algum lugar. E nos leva a algum lugar”. Depois, fala assim: “amor, você é um encanto. Em cada canto da cidade eu amo você. Eu amo você” Aí, entra um baixo *fretless* que faz [solfejando enquanto canta]. Ela não tem solo de guitarra. Eu que assovio: [assoviando e tocando]. Aí também, tem essa música que se chama *abrigo*, que eu compus pra minha filha e pra minha namorada, né? Que elas que foram minhas musas inspiradora, né? E tem essa também, que eu fiz pra minha outra filha lá de Natal, que se chama *Uma canção de amor*, na qual acho que aquele Jauperí, talvez ele grave essa música. Né? Não, sei como vai ficar, a Zié ficou de levar pra ele, que se chama *Uma canção de amor*. Vou cantar só um trequinho rapidinho aqui pra você, viu, Plácido? Que essa já é uma balada, né? com

uma mistura de reggae, ela pode ficar uma balada com essa pegada de reggae, né? [tocando] “Eu vou fazer uma canção pra ela” Ó, que coisa linda. Coisa do Mutantes,,, “Uma canção singela, uma canção de amor, para tocar num disco voador, pro mundo inteiro ouvir o que eu sinto por ela. Ela é uma flor, linda flor do meu jardim. É lindo de admirar quando ela passa seu sorriso brilha mais que a luz do sol. É lindo de admirar o seu sorriso, a sua pele, a sua cor. O jeito dela. Ela é uma flor, linda flor do meu jardim”, essa música é sucesso, cara, na voz desses caras aí, de uma Ivete Sangalo, de Jauperí, que gostou da música, né? Isso aqui eles vão botar no ritmo de samba-reggae, né? [tocando] Alias, de reggae. Assim, Ziê tava me falando, né? Porque essa música, ela tem uma pegada com o bumbo dessa música ela fica com um ska. O ska é o bumbo ligado direto [solfejando]. Eu não sei se você lembra daquela música de Nando Reis, que foi abertura de uma novela, *Por do Sol*. Daquela música que fala assim: “quando o segundo sol chegar...”. Os caras mudaram e colocaram o ritmo dela assim, ó: [canta *O Segundo Sol* e toca ao violão]. Então, minha música, o ritmo dela é naquele ritmo. O bumbo, com a pegada de reggae, de ska. [solfeja] “eu vou fazer...” Aí tem o shuffle no meio, o shuffle, que é o reggae mais arrastado, né? Que o cara vai pegar o xilofone, a voz vai sair meio robótica. Igual o cara fez lá na de Nando Reis, que tem uma parte meio falada, que é essa parte onde entra essa pegada do *trip-hop*, que eles falam, né? O cara colocou essa voz meio falada. O *trip-hop*, nada mais, é um estilo de música, que a pessoa não tem muita melodia, eles falam mais, né? É mais falada a música, né? Do hip-hop, do trip-hop, essa coisa toda.

P – É, quem usava bastante esse recurso aí era Charlie Brown Jr. Usava bastante,

W – Isso. Charlie Brown Jr. Usava bastante esse recurso aí dessa coisa, cara. E, porra, que pegada que aqueles caras tinham. Então, tem outra música minha que Targino Gondim também não sei se vai gravar, que foi bacana, do Cultura Bacana, que mandou, que chama *Xote do bom*. Cê vê que eu passeio do rock n’ roll, do blues, ao jazz ao xote. O xote é assim, Plácido: [tocando] outra música que é pegajosa. Uma música que é inteligente, que não tem uma letra assim muito boba, né? Mas é uma música comercial. Ela começa assim, ó: “Lelê. Lelelelelele... Amor, tô precisando desse teu carinho. Não posso mais ficar aqui sozinho. Me dá uma vontade de te abraçar. Lalaiá, lalaiá. Então, venha pra cá, venha dançar comigo, agarradinho até o dia amanhecer. Um xote do bom, agarradinho, eu e você. Um xote do bom, até o dia amanhecer. Um xote do bom, agarradinho eu e... Lelê...” Esse “Lelê” é o que pega, cara. Aí disse que Targino ficou sabendo dessa música, talvez ele grave no próximo disco dele, eu não sei. Bacana chegou a enviar essa música pra ele, que tem uma pegada bem comercial, né? Na praia dele. E, então, eu tenho também esse lado compositor meu, não só como guitarrista, intérprete de outros artistas, né? Mas, o **SS-433** também, na época, aqui em Vitória da Conquista, viu, Plácido? Em 1980, o **SS-433** era uma banda daqui de Vitória da Conquista, na qual também me influenciou muito, que eu ouvia muito o **SS-433**. Tem até uma música deles, que se chama *Jane Furacão*, que eu também... É... Tava no repertório da Zé dos Cafés, e *Menina da era astral*. *Jane Furacão*, não sei se você se lembra, uma música que tocava, fala assim, ó... [tocando] “Jane era uma menina muito calada. Ficava sempre fora da rapaziada. Garota estranha naquela cidade. O seu rádio de pilha era a felicidade. [inaudível] de menina com a razão. Ser o rock n’ roll a única saída. Mudou o visual, deu um jeito na vida. Tornou-se para todos Jane Furacão. Jane, ela é Jane, amante do rock n’ roll. É a garota que o guru me disse para manter um caso de amor. Punk, ela é punk. Amante do rock n’ roll. É um motor de arranque que vai gerar pavor”. Entendeu? Aí vai. *Menina da era astral* já tem uma pegada mais pop, né? E essa música,

Menina da era astral, que é do SS-433, que influenciou bastante a minha história. Que é assim: [tocando] [...] Então essa música, *Menina da era astral* fazia parte também do repertório da Zé dos Cafés, que eu coloquei uma roupagem minha, né? Essa roupagem aqui é minha, sabe? A banda SS já tocava de uma maneira diferente, mais arrastada, entendeu? Aí, eu acelerei mais ela. Que fala de punk, de rock n' roll, eu coloquei [tocando]. Entendeu? [solfejando] com uma pegada mais Chuck Berry, Little Richard, assim, de guitarra. E na área do rock n' roll e do blues, o que me influenciou bastante foi BB King, Eric Clapton, eu escutava muito Stevie Ray Vaughan, Chuck Berry, Little Richard, essa galera toda a gente vinha ouvindo ao longo dos anos, né? Ouvindo boa música, então, o que me aplicou mesmo, quando eu ouvi Jimi Hendrix e Stevie Ray Vaughan tocando, bicho, eu apaixonei, véi. Que aquela pegada dele é... [tocando *Mary had a little lamb* (Stevie Ray Vaughan)]. Entendeu? Essa coisa de... Essa pegada de Stevie Ray Vaughan que eu aprendi com ele. Ouvindo Eric Clapton, Buddy Guy, essa rapaziada toda, né? do blues foi que também me aplicou na veia, Jimmy Page, me aplicou muito, Jimi Hendrix, né? Então, esse lado rock n' roll meu veio daí, né, cara? De ouvir boas músicas. E depois, eu toquei muito aqui também com Papalo Monteiro, eu fiz parte do cenário, eu participei ativamente e participo da vida cultural de Vitória da Conquista, aqui da cidade onde eu moro, e tenho tocado com Papalo Monteiro, que você conhece Papalo Monteiro. Papalo Monteiro é um dos maiores compositores, né? Dessa rapaziada regional, né? Pra mim é um Chico Buarque da vida, que não tá também famoso, mas ele é mais compositor do que cantor, mas ele descobriu um jeito dele de cantar também, que a voz dele ficou bacana, personalizada, naquele estilo dele. Então, eu vejo Papalo como um grande compositor. Não um grande cantor. Ele canta bem, mas Papalo pra mim é um grande compositor. Você conhece Papalo Monteiro?

P – Conheço.

W – Coisa linda de Papalo Monteiro quando ele fala assim, ó: “que diferença, é... Quantas léguas se consomem entre o amor e o ódio?” Isso é de Papalo Monteiro. “Quantas léguas se consomem entre o amor e o ódio. Lixo, meu amor. Nosso amor é um lixo”. Quer ver outra? “Sou pau de atiradeira. Sou do meio do mato. Sou filho da relva”, aquela coisa toda de Papalo Monteiro.

P – É. Essa eu lembro criança, que passava em todo lugar essa música aí.

W – Entre outras composições que Papalo Monteiro também tem, né? Como uma outra música dele que eu canto, que é: [tocando] “o meu amor com os olhos de porcelana e a boca de mel. Eu acho que tem gosto de água doce quando o peito feito uma saudade, quer sair da gente. O meu amor com vestido de primavera e perfume, o cheiro de mar” Não é bonito? “Eu acho que se esconde numa cidade lá do interior, do interior”... Lá no interior do interior, né? [apontando para o peito] “Eu penso ela sorrindo, cantando com os pés na pele...” E vai. Isso é Papalo Monteiro.

P – É um poeta. Aí é o nível de poeta.

W – É o nível de poeta. O cara é muito bom, cara. Então, eu tenho participado também da vida artística e cultural de Conquista com a rapaziada do regional, da MPB, né? Eles me chamavam muito pra tocar guitarra com eles, pra inserir, eles queriam inserir guitarra tipo Mutantes fez lá com Gilberto Gil na época da tropicália, né? No momento da bossa nova, aquela rapaziada lá na época da ditadura, eles usavam a banda dos Mutantes, né? Pra fazer umas participações, inclusive na tropicália, né? No movimento tropicália. Então, a música, ela é pra mim como um alívio. É realmente a linguagem da alma, hoje a música... Se não fosse a música, talvez eu teria virado um

traficante ou sei lá, um caminhoneiro por exemplo, né? Porque as pessoas queriam me transformar num caminhoneiro, né? Motorista de caminhão. Por causa da dificuldade que a gente se encontra também de obter o dinheiro através da música, porque a música tem esse lado, né? Quando você não tá tocando numa grande banda, dificulta muito o lado financeiro, né? Então, se você não tem um pai pra apoiar, uma mãe ou alguma coisa... Graças a Deus, meu pai me apoia aqui. Só ele deixar eu morar aqui com muita dificuldade, né? Aqui, na casa dele, que é da minha mãe também, né? Isso pra mim já é uma força que ele me dá, né? Mas, a gente vai suportando essa coisa desse trabalho que a gente acaba, queira ou não, dando pro pai da gente e pra mãe. Qual é o trabalho? Não é com vício, com droga, porque eu não saio tipo, tarde. Hoje eu não bebo, não fumo, durmo cedo, fico lendo meus livros aqui, pesquisando, né? Mas lá ele deve tar pensando que eu tô dormindo. Mas ele não sabe que eu tô lendo, que eu tô pesquisando aqui música no celular, baixando um aplicativo aqui, alguma coisa, alguma música que me interessa, tô tirando músicas, né? Tava tirando uma... Aquele que te falei, tava tirando uma música de Gilberto Gil, que é *Drão*, né? [toca *Drão*]. *Drão*, que é uma música bem difícil de tocar, né? Tirei ela toda... [toca e canta]. Estudando minha música, né?

P – Essa é show de bola. E o tempo dela também é todo complicado, né?

W – É todo complicado, rapaz. Então, Plácido, a música tem esse papel na vida do ser humano, né? De aliviar a alma, né? Porque senão o cara mete um revólver no ouvido e se mata, pô. Momentos que meu pai, é... Porque eu te falei, o meu relacionamento com meu pai, como você é um pesquisador, eu tenho que falar, tem que deixar escrito. Meu pai, ele me botava pra fora de casa, pô. Me chamava de vagabundo, os piores nomes que você pode ver. Era igual aquele João Gordo da banda Ratos de Porão. O pai dele só faltava amarrar ele. O pai dele não sei se era policial, imagina, o cara tinha um QI de ditador. Então, na época dele era pior, porque ele prendia o cara no quarto, pô. Às vezes colocava comida por debaixo da porta. Isso é escravidão, porra! Isso não existe, porra! Isso é *bullying*, o cara virar pra você: “seu vagabundo, você não presta. Que porra de música! Que nada, filho da puta. Suma da minha frente!”. A gente foi criado nesse naipe, porra, nessa ditadura. Eu, João Gordo, essa rapaziada aí, a Clarice já sofreu, Hitler. Quer ver um cara que sofreu pra caramba... O que desencadeou em Hitler aquela raiva dele véi, contra o ser humano, foi o pai dele. O pai dele pegava ele, bicho, o pai dele não xingava ele como meu pai me xingava e xinga até hoje, né? De altos nomes pesados, né, véi? Que se você não tem Deus, e a música, você se mata. Literalmente, você pega revólver, brother, e ó... [aponta para a cabeça]. Ou então, você pega uma droga forte e cê não levanta nunca mais, cara. Que é tanto desgosto que o cara fica... Já pensou, um pai te botar pra fora te chamando de filho da puta, de miserável, que você não é músico porra nenhuma, “cadê sua música?” Bicho, isso aí te mata, porra, por dentro, essas palavras, né? Então, Hitler fazia pior: fazia sabe o que com o cara? Hitler batia, quebrava o filho dele de murro, véi. O pai de Hitler pegava Hitler quando ele era pequenininho, cabelinho todo lisinho e tal...

P – Queria ser desenhista.

W – Queria ser desenhista. Aí não conseguiu, não passou, ele fez vários testes lá na faculdade. Isso também frustrou um pouco ele, ele foi morar na rua com os caras que moravam na rua, né, véi? Depois ele entrou pro exército e tal, foi desenvolvendo aquela toda, ele queria mudar a história toda, virou o que virou, né, bicho? Ele era, ele levava as notícias, ele era uma espécie de um soldado, ele levava...

P – Mensageiro.

W – Mensageiro. Ele foi crescendo, querendo mudar tudo, bicho, o cara virou um monstro, cara, porque o pai dele batia nele. Quando a mãe entrava no meio, ele batia de murro, porra! Pegava no braço, ele brincando com os colegas, e levava pro quarto... Pá! Pá! Pá! Espancando. A mãe dele não aguentava e se jogava na frente, aí ele dava tapa na mãe também, xingava a mãe e tudo, então o cara foi crescendo frustrado. Foi desenvolvendo um ódio dentro dele, né? E graças a Deus a música não deixou acontecer isso comigo, né? [mostrando o violão] A música. Eu sei que eu não sou o melhor guitarrista do mundo. Nem sou o melhor violonista nem nada. Eu sou, simplesmente, um ser humano tentando ser feliz aqui nessa passagem aqui na Terra. De alguma forma. É, cara. Eu, você, todo ser humano, a gente tem o mesmo caminho. Vamos pro mesmo lugar, cara, vamos morrer, cara. Cada dia não é um dia a mais não. É um dia a menos. [risos] A gente vai vivendo, Plácido. É um dia a menos, cara. “Ah, eu tô vivendo, graças a Deus, um dia a mais”. Eu dou glória a Deus por um dia a menos que eu tô vivendo, porque eu tô com 52 anos... Cê tem quantos anos?

P – 37.

W – Quando você chegar nos cinquenta, você vai começar a ter medo da morte. Cê vai começar a temer a morte um pouco. Ou talvez ficar mais amigo dela. Você sabe que ela vai vir. Graças a Deus, como eu tenho um porte atlético e malho, faço minhas caminhadas e minhas corridas, às vezes uma pressão alta, alguma coisa que cê come sal, até evitar sal, né? Que não tá batendo legal... É fazer uns exames aí e tal... Então, ainda tenho uma saúde. Eu acho que quero viver ainda uns noventa anos, quanto mais viver melhor, porque viver é bom demais, né? Mas, a morte é nossa amiga, pô. Ela anda ao nosso lado. Daqui dos cinquenta anos pra frente, como sempre foi, cada dia é a menos. A gente começa a ter um certo medo de morrer. Sabe? Então, cê começa a querer cuidar mais da saúde, você não quer perder mais noite, você não quer tar muito em... Sabe? Em rock n’ roll, tal... Eu quando tinha essa idade tua, eu ainda tava ativo, curtindo, né? Querendo ainda alguma coisa e tal, mas chega um momento que o corpo da gente vai pedindo mais paz, o espírito, a alma vai pedindo tranquilidade, né? Então, meu envolvimento com drogas foi mais por experiência, né? Daquela coisa de escutar The Doors, de saber que ela sensibilizava pra você compor, eu entrei nessa daí com uns amigos, mas não era muito de química, de cocaína, de outras drogas pesadas, né? Então, meu envolvimento foi com a *cannabis sativa*, no qual eu parei, né? Chegou um momento que eu falei: “ó, chega. Pra mim não dá”, e graças a Deus, não precisei de centro de recuperação, né? Para me sair dessa parada, porque hoje eu faço meu trabalho, vou pra Salvador, toco com a rapaziada e não uso drogas, não bebo... “porra, bicho, você não bebe?” “Eu não bebo, cara, eu não quero. Eu vou tomar um suco de abacaxi com...”. Os caras ficam de cara comigo, porra. “Porra, bicho, eu queria ser igual você assim...” Aí, no outro dia, tá todo mundo fodido, cabeça doendo e eu levando, vou dar uma corrida na praia... Tá entendendo? É gostoso. Então, eu posso até tomar uma garrafa com vinho, com minha namorada, no caso a gente for num jantar, se pedir um vinhozinho ali, tomar moderadamente, entendeu? Não sou aquele cara careta de tudo, mas drogas, essas coisas de orgias, de noitadas, eu... Tem muito tempo que parei com isso, sabe, cara? Então, meu envolvimento com esses lisérgicos... Maconha acho que não é lisérgico, né, Plácido? Acho que não é, né? Não sei...

P – Aí eu não tenho conhecimento pra dizer não.

W – Eu também não tenho muito não, viu? Mas é... Foi pouca a minha experiência, apesar da minha imagem, né? Passar que eu era um cara muito louco, drogado... Eu conheci uma menina na época da igreja, que ela falou assim pra mim: “Weldon, eu tinha medo de falar com você, velho”, eu falava: “por que?” “porque você andava com aquele cabelão, aquelas jaquetas de couro assim, com umas botas”, aquele jeito meio Stevie Ray Vaughan, né?

P – O estereótipo do roqueiro muito doido, né? Tem isso mesmo...

W – A pessoa pensava que eu tomava droga na veia, pensava que eu cheirava, pensava que eu era assim, totalmente drogado, sabe? Nada a ver, cara. Eu não era assim, tá entendendo? Eu simplesmente, às vezes fumava um baseado porque fulano de tal tava fumando lá, eu chegava e encostava... Um, eu não tinha nem grana pra comprar, né? Músico nunca teve grana, certo? Então, eu via o cara fumando, eu falava: “ó, véi, deixa eu dar um pau nessa porra aí, véi”, aí ia tocar muito doido, às vezes tomava alguma dose de whisky nos bares, então eu nunca tive essa experiência com drogas pesadas, né? Químicas. Tive com a maconha, graças a Deus, saí dessa o quanto antes, né? Saí, hoje não tenho nada contra quem fuma, quem quiser fumar, mas eu não fumo, eu não sinto vontade de fumar, sabe? Se eu sentir eu fumo, mas eu não quero, eu não quero isso pra minha vida, eu tô bem assim, né? E quero continuar assim até o fim dos dias, né? E uma coisa que eu tenho vontade também, Plácido, é de encerrar a minha vida tocando, fazendo um som gospel, de blues. Porque eu tenho curtido muito a banda Resgate. Não sei se você já ouviu falar na banda Resgate... É uma banda do mundo gospel.

P – Não, Nunca ouvi.

W – Inclusive, quando você terminar esta entrevista, se você quiser ouvir a banda Resgate, você vai amar, porque ela é gospel porque ela fala de amor. Ela fala bem assim: “olho pra escuridão e vejo uma... Lembro uma cena de guerra. Homens e crianças sendo escravos da escuridão. Um grito de silêncio explode no peito. A alma [corte]. Grato ao Pai, ao Filho e ao Santo Espírito. Minha vida”. Os caras são muito bons. Pra mim é a Rolling Stones do mundo gospel, cara. Chama “Banda Resgate”. Não é Anjos de Resgate não. Depois você escuta aí *Até eu envelhecer*. Os cara é tão rock n’ roll que tem um carro antigo na capa do disco assim. Os cara é rock n’ roll, porra. Eles falam que a banda deles não é gospel não, numa entrevista deles, só que os caras são pastores. Um é pastor de uma igreja aí no Rio e São Paulo, o outro mora em belo Horizonte, é bispo, os caras vestem camisa dos Beatles, dos Rolling Stones, tá entendendo? Tudo crente, porra. Eles têm essa coisa de... Eles falam de amor, eles acreditam numa transformação do ser humano, que é um lado bom também, né? Mas os caras curtem Led-Zeppelin, Jimi Hendrix, Beatles, os caras são pesquisadores, né? Aí numa entrevista, o cara perguntou: “vem cá, é...” Esqueci o nome do vocalista da banda Resgate... “Fulano, você é... Sua banda é uma banda gospel?” Ele falou: “não, minha banda não é uma banda gospel. Minha banda é uma banda de rock n’ roll. Eu quero deixar bem claro aqui pras pessoas da nossa igreja, pras pessoas que frequentam a música gospel, a gente é uma banda de rock. Agora, a gente fala de amor nas músicas, se torna maleável a letra, mais leve. Então, a gente leva essa mensagem pras pessoas através do amor, mas a gente é uma banda de rock”. Então, muita gente vê a banda Resgate como uma banda gospel. É Gospel porque fala de amor. Aquilo que fala de amor é gospel, né? Na minha concepção, né? Aí eu curto muito a banda Resgate, do mundo gospel, viu, Plácido? Depois cê dê uma pesquisada na banda Resgate, aquele disco *Até eu envelhecer*, pra você ver que sonzeira que esses caras fazem, cara. Rapaz, os caras são muito bons, viu, Plácido. Porra,

que banda, viu, véi? Que banda a banda Resgate, viu? Cada som bom, viu? E aí, obrigado por você me ouvir...

P – Pô, eu que agradeço, velho. Sua contribuição aqui valiosíssima, e assim, anotei... Aqui, ó... Tem uma página cheia de anotação [mostrando a página de anotações]. Risos.

W – Pô, que legal. [risos]. A partir desses rascunhos aí, Plácido, você vai ter uma ideia de como você colocar na sua tese aí, é?

[1:19:00h]

[...]

W – [...] O que que eu acho legal nesse meio de comunicação toda, cara? É a linguagem, você fazer música ou uma escrita em um livro em uma linguagem simples e direta, pô, porque a linguagem, quando a linguagem é simples e direta, é mais fácil a gente compreender. Por isso que eu fiz essa música: [tocando] “uma canção de amor”. É uma linguagem, quando as pessoas falam “como é que é a sua música?”, eu falo “rapaz, a música que eu faço é uma linguagem simples e direta, porque é mais fácil das pessoas assimilarem”. No segundo refrão, a segunda vez que canta o refrão, tá todo mundo cantando com você. “Lelê... Lelelele...” Entendeu? Muito “Lelele na cabeça”.

P – É que o objetivo é se fazer entender, né, velho? Então, pra que ficar complicando demais?

W – Pra que procurando palavras que você tem que ir no dicionário pra... “porra, bicho, deixa eu procurar no dicionário aqui o significa...”. É bom que cê acaba aprendendo também, né? Enfim. Não tem fronteira, né? A comunicação, a arte...

Final em 1:23:50

VITOR KAMIKAZE

Professor. Vocalista DP. Coprodutor Agosto de Rock, ACRock, Conquista Rock Festival.

Nome completo: Vitor Amador Freitas Silva

Data da entrevista: 14/11/2020

Transcrição: 28/09/2021 – 18/10/2021

Início em: 0:58

PLÁCIDO – [...] A primeira pergunta que eu faço é: se você nasceu aqui em Conquista, e em que ano você nasceu. Daí, a gente parte.

VITOR – A gente desanda, né? Mas, primeiro, eu quero agradecer você também, né, velho? Por me convidar pra fazer parte do seu projeto, da sua conclusão de curso aí, quem sabe um livro, um documentário, qualquer coisa que você venha a criar e por lembrar, né? véi? Que foi tanta gente massa nesse movimento, nessa época, né, velho? E é muita gente, né, velho? Então, quando a gente é lembrado, é massa. Então, velho: eu nasci no Rio, sou filho de retirantes nordestinos, né? Então, a gente nasce no sudeste, né? Então, eu nasci no Rio de Janeiro, e logo em seguida a gente foi pra São Paulo, morou em São Paulo e logo depois voltamos pra Bahia, nasci em 82, né? Não podia ser diferente [risos] dessa galera do rock n' roll dos anos 80, né? Então, sou de 82 aí, de fevereiro.

P – Você ficou no Rio assim, até quando? [1:57]

V – Não, no Rio foi curto. Foi nos primeiros meses, e aí a gente foi para São Paulo. Em São Paulo ficou até os 5 anos. Aí ficou naquelas idas e vindas né? Vai pra São Paulo, volta, mas assim: dos cinco anos para cá pode dizer que é morador da Bahia mesmo, né? A gente foi ali pra Barra do Choça ali pra zona rural de Barra do Choça e veio aqui pra Conquista ali aos set, oito anos de idade.

P - Aqui cê morou em que bairro?

V - Morei no Kadija, Patagônia e Morada dos Pássaros e agora no *Péla Jegue*, né? na Nova Cidade [risos]

P – [Risos] E da sua infância aí, o que você destacaria? Você estudou aonde? Como é que foi aí sua vida aqui em Conquista? Então você não tem nem tempo de ser chamado de carioca ou de paulistinha nem nada, né?

V – Não, nada disso. Sem sotaque, sem *porta* [com sotaque paulista], sem o *x* no lugar do *s*, né? Não teve isso não. Estudei em escola pública, né? Ali na Patagônia, ali na escola municipal Rainha da Paz, né? Que é a escola ligada à igreja católica, e de lá, terminei, fui fazer o Fundamental, o Ginásio, na época, né? Do 5º ao 3º ano no Centro Integrado, né? No bairro Brasil. Aí depois UESB, UESB, e abandona UESB e volta pra UESB e faz outra coisa... [risos]

P – [Risos] Cê fez o que na UESB?

V - UESB eu fiz oito semestres de Ciências Contábeis, larguei...

P – Ué, véi... OITO semestres? Era o que? Dez?

V – Eram dez. Mas larguei, né? Comecei a fazer História, larguei também, não deu certo...

P – É, eu sei como é que é. Ali é doideira...

V – É... Não, ali não deu certo mesmo, velho. 60% da sala era evangélica, eu falei: “não, aqui não vai dar certo não”.

P – Sério?

V – Foi. Eu peguei uma turma bem ruim. [risos] Bem ruim, bem triste. Aí, depois eu fui e fiz Administração. Concluí Administração e comecei Filosofia na UESB, mas abandonei também, por conta do trabalho, né? Aí eu tô terminando Filosofia à distância, na UNIASSELVI, só mesmo pra sala de aula aí. Brincar com os meninos.

P – Cê trabalha com o que hoje?

V - Eu trabalho com educação também, no Grupo Arco Educação, né? Mas na Conquista Solução Educacional. Um sistema de ensino dentro desse grupo, né? Fazia parte antes do Grupo Positivo. Aí é um sistema de ensino. Conquista também, né? Aí, às vezes eu confundo se eu trabalho ou se eu moro, né? [risos]. Mas é massa.

P – Vamos voltar pra tua infância então. Que que cê lembra assim de massa, fala: “pô, isso aqui me ajudou a ser quem eu virei hoje”. Tipo, lembre aí. Sua infância como foi, chegando na adolescência...

V – Rapaz, tem aquele filme *Quem quer ser um milionário?*, eu viajo direto que minha vida é muito parecida com aquilo. Eu só não fiquei milionário, né? Mas [risos] eu me fodi tanto em vários aspectos [risos]...

P – [risos] Fale mais sobre isso.

V – Eu não gosto nem de... Eu não posso nem falar que eu me fodi porque já era fodido, né? Então, você não... Cê só viveu [corte]. Eu já vendi picolé, né? A minha infância fodida ali no Kadija, então, vendi picolé... É massa que a galera via só o playboy, né? Na época dos shows de rock, o menino arrumadinho ali, né? E nem via a história, né, velho? [riso]

P – É. [risos]. Galã, playboyzinho da Olívia.

V – É. Porra nenhuma, velho. Não era não, é só porque eu só não era feio, né, velho? Na época. [risos] Era até bonitinho, aí me lascava. Mas aí, eu vendia picolé. Da venda de picolé eu fui pro jogo do bicho, né, velho? Com dez anos de idade eu tinha uma banca de jogo do bicho, né? O Galo. Tinha aquela banca antes da unificação, né? Antes de virar Paratodos, tinha várias... Tinha Águia e tal. E aí, eu tinha uma banca de jogo do bicho Galo, né, véi? E começou toda essa onda. Eu lia... O pessoal contava os sonhos pra mim, eu tinha aquele livrinho de interpretação dos sonhos, então, eu

ia fazer aquela... A pessoa contava o sonho, ia lá no livrinho, começava a juntar, fazia a interpretação do sonho e falava qual bicho ia dar na cabeça, né? [risos]

P – [risos]

V – É massa, porra! [risos] E aí, o jogo do bicho é complexo, né? É um lance bem complexo, né, velho? Tipo assim: tem grupo, duque de grupo, terno de grupo, milho, centena, dezena, duque de dezena, e tudo, a depender de onde você ganhar ali no jogo, tem um valor, né? Então, tinha toda essa parte de consultoria financeira, aos dez anos de idade, né?

P – “Consultoria financeira”. [risos]

V – Quem é Wall Street, velho? Né? [risos] Quem é Wall Street.

P – Que na verdade, cê era tipo João Bidu, né? Consultoria espiritual e financeira ao mesmo tempo. [risos]

V – Ao mesmo tempo. [risos] Eu era aquele cara do milhão, como é o nome dele? Fala que promete ganhar um milhão aí, esqueci o nome... Rico, né? Primo Rico.

P – Ah, é. Sim, do YouTube.

V – Eu era uma mistura de João Bidu com Primo Rico, né? Eu ia ser esses caras aí. O Rico Bidu. Aí, com dez anos, eu tinha isso, eu tinha banca de jogo do bicho, depois do jogo do bicho, com doze anos, aí a cena forte é a copa de 94, eu bêbado com meu próprio dinheiro, né? Porque...

P – Ó...

V – É, porra, eu trabalhava num supermercado ali, tinha um mercadinho ali no São Vicente, eu trabalhava meio período. Eu recebia 1 URV. Então, o que eu recebia na época, e assim: tinha aquela bala de maçã e periferia é foda, né, velho?

P – Lilith?

V – Lilith, aquela do capeta, né? Que o povo falava que era do diabo, né? Da deusa. [risos]

P – Risos.

V – Porra, eu tinha uma vontade de comer uma porra de uma maçã verde, velho, e a maçã verde...

P – É uma decepção.

V – Tipo assim: eu não comia maçã verde, né? Maçã era um negócio caro... É... E aí, quando eu recebi o meu primeiro salário, que era $\frac{1}{4}$ de um salário mínimo. Na época a URV era 2.750,00, né? Isso era cravado, né? Que, porra, toda hora mudava quanto eu ia ganhar. Eu investia em bolacha recheada, refrigerante de dois litros, que o Sacola Cheia já tava vendendo... [risos] Sacola Cheia vendia, né? Refrigerante de dois litros, não tinha geladeira lá em casa, então, eu tinha que resfriar na geladeira da vizinha, e aí eu comprei a desgraça da tal da maçã verde, velho, uma sacola de maçã verde.

P – Achando que ia ser doce igual à bala...

V – Porra, é igual à bala: uma bosta! [risos]

P – Não tem nada a ver, né, véi? Risos.

V – Nada a ver, não é? E aí, teve isso, aí, mais pra frente, eu consegui trabalhar no Superlar. Com 14 anos eu trabalhava no Superlar, ali no bairro Brasil, né? Na loja 6.

P – Em frente à feirinha quase ali, né?

V – Em frente à feirinha. Era massa. Superlar era massa: pão com mortadela todo dia... Pô, ali era massa, velho. A galera não sabe o que é pão com mortadela. Risos.

P – Eu gostava do pastel de forno do Superlar. Mas aí, agora, véi, é um gosto que nunca mais eu vou reviver é o do pastel de forno de lá.

V – É foda, velho... [corte] E pra mim era o pão com mortadela lá do Superlar, velho. Não tinha igual não. Da lanchonete. A gente investia também o dinheiro em pão com mortadela. Estudava de manhã no Centro Integrado e à tarde eu... Aliás, às 13, eu começava no Superlar e ia até às 20. Sete horas diárias e nesse momento eu começo a me tornar um dos caras com mais dinheiro na rua, né? Lá na Patagônia, porque assim: a maioria dos pais de família ganhava um salário mínimo, né? Então, assim, eu ganhava quase um salário mínimo e tinha vale transporte... E aí, largar um menino de 14 anos [corte] na Patagônia...

P – É, véi... Cê falou “copa de 94”. Copa de 94, eu tava brincando, véi. Não tinha nada de grana. [risos].

V – É, porra. Não, 94 eu tinha 12. Isso daí era quando eu ganhava meio salário mínimo. Era meio salário mínimo. Em 96, que foi a época do Superlar, né? Eu com 14 anos, aí eu já ganhava um salário mínimo, então, na rua, eu ganhava igual aos pais de família, bicho. Isso era um negócio, assim, que marca muito assim, a gente começar a a transformar...

P – Sem filho pra criar...

V – É, a gente começava a transformar lá dentro de casa, né? Então, a gente já tinha acesso a algumas coisas que realmente não tinha. De novo, acho que dos anos 2000 pra cá, aí só quem viveu mesmo. Eu até brinco com Flávia, né? Não, cê bebia leite Ninho, velho, então, cê não tem como falar, né? Tipo assim, é só quem viveu, velho. Só quem viveu sabe a transformação que aconteceu, abertura de mercado, com tudo isso aí, né? Mas era muito difícil acesso a essas coisas, né? O abismo era bem maior do que é hoje, né? O abismo era bem maior. E assim, a gente começou a ter acesso a algumas coisas. E aí, em 96, no Superlar, um brother meu, Arlindo, né? Já escutava, já escutava Capital, já escutava um bocado de coisa, mas assim: Eu recebi uma punição e fui pro depósito, né? Por ser uma certa indisciplina, eu fui pro depósito e aí era descascar cebola. Você ficava tirando a casca da cebola, pra cebola ficar limpa, pra ir pra prateleira de novo, né? Pra chegar lá bonita, né? E aí, Arlindo... Tinha não: tem Arlindo, um brother meu, *Lindão*, né? E aí, eu fiquei com ele lá e ele resolveu cantar *Faroeste Caboclo*, e eu tinha antipatia do Legião, véi. Eu não gostava do Legião, véi. Eu não suportava Legião, e ele cantou *Faroeste Caboclo*, que eu falei: “porra, vale a pena prestar atenção um pouco mais nessa banda, né, velho?” [risos]

P – É. Aí, você se ateu só à letra também, né? Tipo... Sem o... Cê tinha ranço da banda, pegou só a letra mesmo ali.

V – É. Eu encantei com aquilo. Foi em 96 não, perdão, foi em 95. 95 isso aí. 95. Porque... E aí, no Superlar foi massa que... O Mamonas, se eu não me engano, morreu em 95, né? A galera do Mamonas?

P – É. Renato acho que foi em 96, se não me engano.

V – Renato foi em outubro, e Mamonas foi em maio... Ou março. Março de 96, acho... Foi um combo aí, de coisa ruim, né?

P – Foi, foi por aí.

V – Foi, foi isso mesmo. E aí, Mamonas eu tava bêbado, velho, quando Mamonas morreu, lá na URBIS VI, que não era URBIS VI, era *Pé Inchado*, e aí eu, porra, playboy, né, velho? Que eu ia com o pessoal do Superlar jogar bola, velho, sempre fui uma merda no futebol, né, velho, mas eu gostava de tar no meio ali, né? Então, eu ia só pra pirraçar. E foi quando a gente indo, eu acho que era Band, alguma coisa, anunciou a morte dos Mamonas, né? E aí ficou aquela, aquele sentimento ali, a galera jogando bola, chorando, bebendo, chorando mais ainda porque bebeu... [risos] E foi isso, velho. Foi, ali eu... Mas o Superlar, é que marca aí a minha relação com Legião, velho, com o som mesmo assim, de encantar pelo Legião foi *Faroeste Caboclo* ali, descascando cebola, meu brother cantando, eu falei: “porra, que negócio massa, velho!”, que eu nunca tinha parado, achava um saco Legião, velho. Achava um saco. É... E aí, pronto.

P – E cê ouvia o que antes disso aí? Cê curtia o que?

V – Eu sempre ouvia muito Capital, velho. Sempre escutei muito Capital, Biquíni Cavado, aí tinha Raul em casa, né? Sempre, né? Raul... Raul, Roberto, né? Pai tinha uns discos do The Doors, uns discos que ele não deixava, né? Era uma coisa proibida, né? Aí escutava, ele escutava The Doors, Scorpions, Pholhas, né?

P – Ah, cê não podia *pegar* no disco, né? Com medo de quebrar.

V – Não, lá em casa não. Lá em casa, eu acho que foi no Superlar, eu trabalhando no Superlar, que eu pude ligar a TV. Que tinha isso lá em casa, né?

P – Tinha umas maluquices dessa mesmo. Meu pai também me proibia de ligar o som.

V – Tinha, é porque era muito difícil. Era muito difícil ter as coisas, né, velho? Um som era uma coisa pra vida toda, porra. Hoje em dia não, né?

P – Se você quebra, tipo assim, né, véi?

V – Cabou. Quebrava junto.

P – A família fica sem. É verdade. Tinha isso mesmo.

V – Ficava sem, velho. Oxe, era um negócio da porra. Você assumia, a partir do momento que você podia ligar um som, uma TV, é um nível de responsabilidade.

P – Era uma emancipação. Risos.

V – Emancipação. Isso. [risos]

P – É igual quando você tá na escola e você pode começar a usar caneta em vez de só lápis. É quase isso aí, né? [risos]

V – Sim. É exatamente isso, véi. [risos] Mas é massa, velho.

P – Porra, não lembrava disso não. Meu pai comprou um Aiwa e não deixava eu ligar sozinho não.

V – Porra. Aí, pai me deu um som nessa época. Ele me deu um radinho, e aí pronto. Aí, já era, velho. Eu já não saía mais do quarto. E assim: morar em periferia, hoje Patagônia é bacana né, velho? Mas, Patagônia na época, né? Era foda, né? Mas assim: foda, mas com muito respeito, né? Sempre tive muito respeito, o pessoal sempre respeitava muito, né? Tinha os limites, sabia quem era do bairro, quem não era, quem era da... Aprontava e não aprontava...

P – Teve uma época também, não sei quem foi que me lembrou isso... Acho que foi Gilmar, que eu entrevistei ele, ele lembrou da época das galeras, que tinha em Conquista, né?

V – Sim, porra. Tinha os Caveira, tinha das Cruz Vermelha, era muito de micareta. Eu era de caceteiro lá na Patagônia também, né? Porque, caceteiro assim: eu era de aprontar, né? Eu chamava a confusão, porque eu sempre fui pequeno, né, velho? Então, assim: eu fazia a confusão, e tinha alguém pra... [risos] Pra segurar a onda, né? Mas a Patagônia sempre teve muita briga, velho. Tipo assim, era muito comum a gente não poder passar em tal rua, porque aí ia tomar tapa mesmo, tomar cacete. Teve uma briga, eu tinha uns 12, acho que foi a última briga minha, pra eu deixar de ser besta, tinha um carinha que chegou da... E morava na roça, né? Ele chegou e a gente tinha a mania de chamar o cara de catingueiro, né? *Caatingueiro, catingueiro*... E, porra, o carinha, velho, gente boa demais, só que a gente era merda mesmo, véi. E aí, a gente rejeitava o cara, véi. Não queria o cara e eu, porra, dar uns pau nesse cara, invoquei que queria bater no cara, véi. O cara gente boa demais, véi. Eu insisti tanto pra brigar que, até a galera que andava comigo falou: “ó, velho, a gente não vai entrar não”. Eu falei: “não precisa não, véi”. Rapaz, esse cara me pegou, mas me bateu tanto, véi... Me bateu tanto, e a galera ria, velho. A galera ria, eu apanhando, e o povo rindo, né, velho? Aí eu aprendi, não brigo mais não. [risos] E cheguei em casa, pai me bateu de novo, porque tinha aquela, né? Apanhar na rua, apanha. E se bater na rua, também apanha, né? Porque tá fazendo confusão, né? [...] E pai, sempre foi muito jogo duro comigo ali, com medo, né, velho? É foda, né? Qualquer coisa a gente se perde né, véi? Adolescência é uma roleta russa, né? Adolescência ali, criança ali, já... Porra. É foda. E aí, pai sempre me proibiu de ir pra festa, velho. Eu não podia ir pra festa, porra nenhuma, né? Então, assim: era muito forte aquele movimento de micareta, né? Então, as meninhas, todas já indo pra micareta, tal...

P – Na verdade, no auge aí da micareta.

V – Porra, aí... E eu não podia ir, velho. Aí, a gente volta mais um pouco, né? onze anos, pai não deixava ir pra micareta porque... Aí eu comecei a criar um ranço com esse negócio de axé music, né? Ficava aquela coisa que só tem coisa ruim, claro que tem muita coisa boa, né, velho? Coisa massa dentro do axé music, né? Mas assim, eu tinha nojo, velho. Eu criei raiva daquilo, e aí, era o rock n' roll que eu escutava pra... Pra fugir, né? E fugia legal. Aí, pronto: ele me deu o sonzinho, aí pronto. Aí que eu me tranquei mesmo dentro dos meus momentos que eu tinha dentro do quarto... Eu tinha um pássaro preto, e aí já tinha uma fitinha do Led-Zeppelin, e toda vez que tocava

Stairway to Heaven o pássaro enlouquecia, velho. A gente passava o dia todo escutando *Stairway to Heaven*, e o pássaro cantando, né, velho?

P – E o bicho endoidava. [risos]

V – Endoidava. Aí, depois da minha aventura no Superlar, aí eu fiquei mais rico ainda, né, velho? Que eu fui trabalhar com produtos agropecuários. Numa loja Purina, né? Representante Purina. E aí, essa loja, aí eu ganhava um salário mínimo e comissão. Então, com 15 anos, assim, tinha mês que eu tirava três salários mínimos. [...]

P – Ué, véi. Cê era mais rico que eu hoje. [risos]

V – Puta merda, né? Velho, eu queria ter a condição que eu tinha com quinze. [risos]

P – Cê tava melhor do que eu hoje. [risos]

V – [risos] É. É foda. E aí, sim: a gente lá em casa conseguiu comprar a geladeira né, velho? A gente comprou a geladeira, né? Aí pronto. Aí começou, comprei um violão também... Acho que o problema é que eu queria ter as coisas, e quando eu tinha as coisas, aí eu já não valorizava mais, né? Que eu comprei a porra do violão, até hoje eu não toco, né? Então, assim: o violão já tá aí com vinte e três anos, né? Tá lá, né? O violão tá lá. Ainda bem que vale mais do que na época. O violão tá novinho, né? Então... [risos] Aí, pronto: comecei e com quinze, foi aí eu consegui ir pra minha primeira micareta, e fui pro primeiro... É, pro Tributo a Renato Russo. Aí, foi meu primeiro show que eu fui, foi pro Tributo a Renato Russo, né? Acho que foi em 97, acho que foi 97. Foi 97, ou foi 98. É, aí, porra, aí foi massa. Aí, nesse tributo a Renato Russo, eu acho que foi aí que eu conheci Dani, velho. Da Renegados. Que aí eu acho que a gente já se batia ali mais ou menos no Centro Integrado, mas pra: “porra, você tá aqui? Você tá aqui?”, aí a gente começa, eu acho que o cara que eu tenho o primeiro contato mais forte do rock n’ roll é com Dani. Aí, pronto. Aí, não podia ver um karaokê, a gente tinha que cantar *Polícia*, né? Queria quebrar os karaokê... [risos] Aí a gente foi e fez um... Teve uma feira cultural no Centro Integrado, e aí a gente falou: “porra, a gente vai montar um estande falando só de rock”. Né? Aí, a gente criou a equipe *Rock CIENB*. Aí, nenhum professor teve coragem de tomar conta dessa equipe, aí eu e outro brother que já até partiu, né? Que a gente que ficou responsável por avaliar os alunos que participavam, né? A gente... Tinha uma nota... Valia três pontos, né? Aí pronto, véi. Foi uma loucura. As meninas não queriam participar, ninguém queria participar dessa equipe, né? Porque era eu e Charlão que tava conduzindo, aí...

P – Tinha uma galera que tinha medo dos roqueiros né, véi? Cê lembra que tinha uma galera que tinha medo assim...

V – Tinha. Mas aí, a gente conseguiu uma peça importantíssima aí, que foi Jacqueline, véi. Jacqueline Jack. Jacqueline Jack vinha ali do Polivalente, né? Linda linda na época, né? E Jacqueline Jack sempre curtiu rock n’ roll, né, velho? Aí tinha ela e Juliano, Juliano a gente falava que era o Chico Buarque, né? Olho verde e tal, não sei o que... “Vocês vão participar da equipe”. Aí Jacqueline: “com certeza!”. Já metemos logo uma camisa em Jacqueline, velho. Quando Jacqueline resolveu entrar na equipe, aí todo mundo queria, velho. Aí não tinha mais vaga. Aí a gente começou: “pronto, agora vamos começar a tirar dinheiro desses trouxas, porque agora todo mundo quer porque Jacqueline tá”. Aí a gente foi e aumentou o preço, fez um negócio massa, aí foi na época que juntou Adão, Alan, né? E foi essa galera foi decorar o espaço da gente, que a gente não

sabia fazer nada, né? A gente só teve a ideia e a galera veio, começou a decorar e, a partir daí, a gente começou a falar de fazer festa né, velho? Fazer um show de rock... Porque eu queria comprar uma guitarra. Eu já tinha violão, não sabia tocar, e aí agora queria comprar uma guitarra, também, eu acho, que pra não saber tocar, né? Pra continuar sem saber tocar. [risos] Aí, foi quando começou essa onda toda de querer fazer as festas, né? Aí, veio a Festa da Babilônia, né? Em 99, né?

P – Cê fez parte da produção?

V – Não. Foi na casa de Nani. Tu foi na primeira?

P – Ah! Não, eu só fui na segunda. Na primeira eu tava entrando na cena. Não conhecia quase ninguém ainda. Aí eu fiquei só ouvindo falar: “ó, rolou há pouco tempo”, aí não fui.

V – Foi, ela foi e me ligou. Falou que ia ter a festa na casa dela, né? Que era o aniversário de Paula, aí falou: “não, os meninos vão tocar”. Aí, eu falei: “rapaz, não vou não, velho. Tô com saco não”. Aí, quando pensa que não, tá Miguel no Som da Tribo, né? “E aí, na 10 de Novembro, 101, sete bandas”. Eu falei: “que porra é essa?” [risos] Aí eu fui. Falei: “não, vou pra lá, velho”. Aí, quando cheguei, foi um negócio massa, véi. Dedé caindo na casa do vizinho, subindo no telhado da casa do vizinho pra pegar o sapato, louco, louco na madrugada, né? Subiu, caiu dentro do telhado da casa do vizinho, aí saiu, aí André, eu lembro de André, né? Falando: “pode vir, Dedé! Pula, que dá!” Aí Dedé pula do TELHADO da casa do vizinho pra cair no quintal da casa de Nani, só que tinha um corredor no meio, véi. Ele bate no muro e cai no corredor da casa... Né? [risos].

P – Moss, eu imagino o cara, o susto do vizinho... [risos]

V - ...Do vizinho... Aí, foi louco, véi, mas foi massa. Foi massa. E aí, a Festa da Babilônia aí... “Porra, dá pra fazer festa de rock aqui na cidade, véi. Dá pra fazer”.

P – Pô, não sabia que tinha sido na casa de Nani não.

V – Foi. Aí, o segundo foi lá no...

P – No estacionamento.

V – No estacionamento, né? Mas o primeiro foi na casa de Nani. Dona Generosa louca, né? Porque... Um bando de gente... Drogada... [risos] Com garrafas... E aqui a entrada era uma garrafa de bebida, né, velho?

P – Pô... Aí não tinha nem pra onde correr, né, velho? [risos]

V – Pô, não ia... Aí, Clécio... Clécio, né? *Baco*...

P – Sim... *Baco*. [risos]

V – Assumi o bar. Ele criou o bar. Cê dava bebida, ele criou o bar e ele já tava comercializando a bebida, né, velho? [risos]

P – Que viagem, véi. [risos]

V – Aí, o KM, né? Ele tinha um bar, chamado KM. Eu acho que o KM... Antes do Apogeu, né? O KM era na pracinha do Gil. Aí, depois teve o Apogeu, mas eu acho que tudo começou também na

casa de Flávia, né? De Nani, na Festa da Babilônia, velho... Aí pronto: casais se pegando, casais de todos os gêneros se pegando...

P – Mas aí, tipo assim... A casa de Nani, a mãe dela lá, todo mundo... Casa normal, que ela morava com a família...

V – Era uma casa normal, só que tinha uma garagem embaixo, né? Então, essa garagem é o que bombou né, velho?

P – E os pais dela?

V – Só tava a mãe. A mãe sabia que era a festa de uma colega do irmão dela, né? De Paulinha, de Paulinha. Aí, depois, ela ficou sabendo que o nome da festa era *Babilônia*, né? Esqueceu que era *Paula Babilônia*, né? [risos]

P – *Paula Babilônia*... [risos]

V – Mas foi massa. Mas era só um encontro né, velho? Aí, nisso, amanheceu o dia, e aí pronto. Aí juntou uma galera aí.

P – Cê já tocava nessa época? Já tinha banda?

V – Tocar eu nunca toquei, né? Inclusive, tivesse uma música assim, pra marcar o momento, era aquela do Titãs, né? *Do Tudo ao mesmo tempo agora*, né? *Eu não sei fazer música*, né? Que é bem isso, né? *Eu não sei cantar mas eu canto, eu não sei fazer, mas eu faço*...

P – É, eu também... Eu vivo isso aí todo dia [risos]

V – [risos] Mas eu não: eu sempre fui pior, porra! [risos]

P – [risos]

V – Mas, a gente tinha atitude, né? [...] Aí, eu não tocava, nem tentava tocar, só que aí eu encontrei André, né? Aí, André com o violão ali, tocando tudo do Capital, eu falei: “porra, dá pra tocar”, né? Aí, nisso, já... No show lá tinha os meninos da A-Divert, né? Bruno, Darlan, Chip, Japon, né? “Afe Marêa” (imitando Japon) [risos]

P – “E aê, moss?” [risos]

V – “E aê, moss?” Cadê? Tu tá brigado com ele, Plácido?

P – Não. Voltei a falar com ele já tem um tempão já.

V – [risos] Japon é sempre isso, né? Eu acho que o único que não brigou com Japon fui eu, velho. [risos] Eu nunca fiquei brigado com Japon, velho. Japon é de gêmeos, né? Tem isso. Acho que Japon é de Gêmeos, né? Aí, Japon é de gêmeos, Nani é de gêmeos, André é de gêmeos, tem uma galera... É de gêmeos, eu acabo me dando bem, velho. Eu acabo aguentando esse pessoal. [risos]

P – É, velho. Japon é uma personalidade forte, eu também era, e eu molecão, qualquer coisa eu estourava, não deu outra.

V – Porra. [risos] Até hoje, né? A gente estoura. Mas aí, pronto. Aí, começou a rolar aqueles movimentos ali, perto da casa de Nani e tal... E aí, eu falei: “porra, agora eu vou comprar a

guitarra”. Aí, eu fui e falei com Alan. Falei: “Alan, bora fazer uma festa, velho. Uma festa”. Aí, ele: “ah, tem um senhor” que sempre foi velho, né? Esmon, né? [risos] Mesmo quando a gente era novo, Esmon era velho, né? Então, Alan: “não, tem um senhor, Esmon, e ele faz o *Rock in Roça*”. Aí, eu falei... [risos] Aí eu falei: “porra, então a gente precisa conhecer esse senhor” [risos]. Aí eu fui conhecer Esmon, e aí eu conheci um cara massa, que é Beto Veroneze, né? Beto Veroneze, um cara massa da porra, tio de Caçula, né? Aí, pronto. A gente juntou com eles e aí “ah, não sei o que”, e aí criou o lance do **Agosto de Rock**, né? Que a gente não tinha muita noção do que ia fazer, mas ia fazer, né? E pra mim, eu acho que pra cena do rock n’ roll assim, que marca, é... A gente vendeu todas as camisas. Só tinha quinhentas camisas, né? E quando eu tava chegando no sítio... Aí, eu cheguei um pouquinho mais tarde, que eu tava resolvendo algumas coisas na rua, eu acho que eu tava com quantos anos? 2001... Eu tava ali com dezoito anos, né? Com dezoito anos, eu cheguei num sítio e falando: “porra, velho, eu tô fazendo uma parada dessa, velho...” Já cheguei sem camisa, porque eu já não tinha mais nem a minha camisa. Eu nunca tive a camisa do primeiro Agosto. Não sobraram, né?

P – Eu tenho até hoje.

V – Porra, que massa, viu, velho? Eu vou reproduzir uma depois. [risos] Mas assim: quando eu cheguei ali, quando eu cheguei, eu falei: “porra, velho, eu tô fazendo isso, velho!”. Foi um negócio tão fantástico assim né, velho? Ali foi massa, velho. Eu acho que é a cena que marca.

P – Moleque né, velho? Dezoito anos assim... Fazendo um trem daquele tamanho, porra...

V – Porra... Dezoito anos, velho. Porra, foi fantástico. E a loucura, né, velho? Foi massa, velho. Foi massa. Aí, pra mim, é aquela cena ali do...

P – Recapitulando: foi você, Alan, Esmon...

V – Caçula e Beto Veroneze. Adão tava ali presente, né? Adão sempre teve presente, mas Adão era um cara ocupado com coisas maiores, né? Adão já era um *superstar*, né? Das salas de aula, né? Cara da mídia, né? A gente não: a gente tava fazendo uma festa de rock e só, né? Mas aí depois Adão se aproximou e acabou, onde Adão chega... O cara fala muito bem, o cara aparece muito bem né, velho? Acaba a coisa direcionando pro nome dele, né? Mas o começo foi bem isso aí: eu, Caçula, Beto Veroneze, Esmon e Alan.

P – Que onda, véi. Nem imaginava esses bastidores aí.

V – Porra, massa, velho. Massa.

P – Eu quero é saber o seguinte: teve prejuízo ou não? [risos]

V – Todos os anos. Inclusive, o ano que eu tive mais lucro, o ano que eu tive lucro foi o ano que, tipo assim: o terceiro ano foi ali em 2003, aí a gente já tinha montado tudo...

P – Aquele abadá de micareta... [risos]

V – Porra! Ali foi feio. Que bosta, viu?

P – Ela eu não tenho não.

V – Eu também não. Eu, Caçula já tava praticamente fora, porque naquele ano rolou o lance da TV Sudoeste, né?

P – Sim. Tem o vídeo no YouTube, inclusive, a reportagem.

V – Sim. Mas assim: o lance na TV Sudoeste é o seguinte: esqueci o nome do cara, velho... Porra, esqueci o nome do diretor da TV Sudoeste na época, que o cara massa. Acampou lá e tudo. Depois ele assumiu o iBahia, né? O cara de ideia massa Foi o cara que fez o Festival de Inverno, né? Em 2003, eles fizeram uma proposta pra comprar o Agosto, né? Aí, a ideia, na época, era trazer o Ira!, né? Botar o Ira!, e a gente teria uma microparticipação ali na bilheteria, mas aí acabou não rolando porque a gente achou que dava pra ser grande sem a TV. Né? E aí, eu tava na UESB, tava fazendo o curso, tava trabalhando de novo, o dia todo, né? Então, eu tava um pouco distante, e aí, nesse movimento, o pessoal acabou sugerindo que eu e Caçula ficasse de fora do Agosto, né? E aí, ficou ali, com Esmon, Alan e Adão. Aí, eu falei: “ó, velho...”, eu sou muito desapegado com as coisas, e falei: “massa, velho! Toquem aí”. Mas foi a melhor coisa, a vida sempre me ajuda, né? Tipo [corte] meu, né? Quando a gente acha que tá tudo errado, dá super certo, porque naquele ano, acho que foi mais de trinta mil, velho. Em 2003, né? O que era pra ganhar, fazer uma parceria com a TV e ser início do Festival de Inverno, foi um [corte], Adão vendeu carro na época, a galera se fodeu, velho. E eu, né? Eu e Caçula... Acho que cada um ganhou sete camisas. A gente saiu do Agosto de Rock com sete camisas, e aí [risos]...

P – [Risos] E a galera com um prejuízo de trinta mil. [Risos]

V – [Risos] Mas foi massa, véi. [Risos]

P – [Risos] É... E pior que o ano seguinte teve o Rock Vertente, e Diro até hoje lembra como o maior prejuízo da vida dele também.

[...] [queda de sinal]

V – Sim, sim. Porque aí, não ia ter mais Agosto e Diro até falou: “e aí, velho?”. Eu falei: “rapaz...”. Aí, outro cara que eu me dou bem demais, né, velho? [Risos] E eu me dava bem com Diro antes da UDV, né? Antes da UDV, né? Porque depois da UDV, Diro melhorou muito. [Risos] Diro era muito complicado nates da UDV, e eu sempre me dei bem com Diro, né, véi?

P – Na verdade, a gente é um para-raio de maluco que... [Risos]

V – É, velho... [Risos]. Mas assim: Diro é massa, velho. Eu não sei como conheci Diro, velho. Diro apareceu do nada, assim... A maioria. Tipo assim, você eu sei, porque foi ali naqueles ensaios que rolavam ali na casa de Jamille...

P – Da A-Divert.

V – Da A-Divert, né? Você, Luquinhas, tal... Agora tem uns caras assim que eu não sei de onde apareceram, véi. E Diro foi desses caras que apareceram como se já fosse amigo há muito tempo. Diro, Ronildo... Não sei.. Tu fala assim: “cê conheceu Ronildo quando?” Não sei, velho.

P – É. Sempre estive lá, né?

V – Ronildo também é outro cara aí... É... Os caras [risos]. Mas aí, o Rock Vertente... O Rock Vertente em 2004, né? Nessa época, tu namorava com Jaque ou com Darka... Não, Darka começou com Silvestre lá, não foi?

P – Foi, foi. Darka tava com Silvestre lá. Essa época aí, eu acho que tava *avulso*. [Risos]

V – Avulso. [Risos] É mesmo... Plácido foi Jaqueline, Darka...

P – Não, Darka não...

V – Iracema também... Tu não namorou com Darka não?

P – Não, não. Foi eu não. Foi Kessler.

V – Kessler. É mesmo, velho. [Risos] Waguinho, porra!

P – Waguinho. Das antigas. [Risos]

[...]

P – Mas, venha cá. Por que que não teve mais Agosto depois? Se bem que você já tinha saído da organização...

V – Perdeu o gosto, né, véi? Tomou um pau de 30 mil. E aí, o seguinte: porra, como é o nome do cara, véi? Esqueci. Mas

P – Esse cara ajudou o Rock Vertente também. Eu lembro dele. Era um gordinho, eu acho... Eu esqueci o nome dele, mas eu conheço ele. Eu vou entrevistar Diro depois, e eu vou perguntar o nome dele. Eu não lembro... Marcelo Alguma coisa.

V – Tem Marcelo... Marcelo era um branquelo, né? Ele sempre teve na produção. Marcelo é um cara... Marcelo alguma coisa também. Marcelo, gente boa demais, véi. Sempre esteve apoiando aí o rock n' roll, mas era o outro cara. O que virou diretor da TV. Antes do que tá aí agora, e aí ele virou diretor do iBahia, foi quem iniciou o Festival de Inverno. Aí, 2003, o Agosto tomou um pau e já sabia que não ia ter como recuperar, 2004, o Rock Vertente, e a TV sempre apoiando, velho. A TV nunca sacaneou, né? Sempre apoiou. 2004 tomou outro pau, 2005, “ah, perai, já que os meninos... Ninguém vai fazer não? A gente faz”. Aí, começa o Festival de Inverno em agosto, né, velho?

P – Então, realmente, as suspeitas que a gente, um monte de gente, na verdade, tem essa suspeita de que o Agosto de Rock influenciou o Festival de Inverno, então influenciou mesmo, né?

V – É, não deixa de ser, né? Porque senão o povo fica se achando demais, né? Mas é, né, véi? Gilmar que não gosta disso, né? Porque Gilmar nunca conseguiu ser Agosto de Rock, né? [Risos] Ai, ai, Gil... Fugiu. [Risos]

P – Pô, esse apelido aí... [Risos] Só quem é das antigas, lembra. [Risos]

V – Pô, e eu e Jacqueline... Teve aquele show, como é o nome? De uma cantora, que era... Uma menina... Uma loirinha que era até de Malhação...

P – Marjorie Estiano?

V – Não. Esqueci o nome... Famosinha... Foi no Centro de Cultura esse show... E, na metade do show, Gil chega pra gente e fala: “ó, véi... Você e Jacqueline conversa com o povo aí, véi...”. Foi quando surge o *Gil Fugiu*... [Risos]Aí, Gil saiu, velho. Ficou eu e Jacqueline.... O pessoal vinha perguntar pra gente, né? Como é que ia ficar as coisas... E Gil... *Vup!* Sumiu... [Risos]

P – Moss...

V – Aí, ficou uns dois dias. No outro dia, eu e Jacqueline ainda tava dando satisfação pro pessoal, e assim: eu paguei meu ingresso. Eu tava lá na plateia, né? Não tava envolvido em nada. [risos]

P – Público pagante.

V – É, público pagante. Aí apertaram Jacqueline, e Jacqueline: “Vitor, me ajuda aqui”. Aí, eu falei: “porra...”. Aí, surgiu o *Gil Fugiu*, né? Ronny: “cadê gil?” “Gil fugiu, velho!”. [Risos]

P – [Risos]

V – [Risos] Várias vezes, né? Aí, ele pegou gosto, né?

P – Pode crer. Aí, você já tinha banda então, nessa época... Eu lembro da Sclerozzy, eu lembro da DP, que era D-Phezzys, nome... Lindo! [Risos]

V – É. É, porque Sclerozzy era muito ruim. Né? Aí, quando a gente falou: “vamo montar de novo”, pô, “isso é uma bosta, né, véi?”

P – Mas foi a primeira a sua, a Sclerozzy?

V – Foi. Assim, a primeira coisa que aconteceu foi eu, Sú, Jack e Pel. Não, eu Sù, Jack e Lucas, na época do Centro Integrado. Ali, eu acho que... Não sei se 98, 99, a gente fez dois, três ensaios, mas aí dois ladrões de banda me roubou a banda por completo, velho... Que foi Ronildo e Waguinho. Né Kessler não: Waguinho! Aí, foi a Dezoito 21. Foi lá e roubaram Jack, Sú e Lucas. Aí fiquei sem banda. Aí eu desisti da carreira artística naquela época.

P – Tinha nome a sua banda?

V – Tinha nada, tinha nada. A gente ia inventar o nome ainda, né? Pô, mas eu comecei bem, né? Com Jack, Sú e Lucas, né velho? Falei: “pô, tem tudo pra ser engraçado”.

P – Pô, Sù era o baterista dos sonhos de qualquer um, né, véi?

V – Pô, e parceiro dos sonhos, que Sú é gente boa demais.

P – É, eu não tinha, muita proximidade como ele não, mas eu ficava viajando ele tocando bateria.

V – É. Legião, principalmente, né, velho? Mas aí, Waguinho e Ronildo roubaram e montaram a Dezoito 21. Aí, eu fiquei sem banda. Aí, eu fui ter banda com os meninos lá, né? Com Japon, com André, Darlan, Bruno... Tinha tanta gente na banda, né? Que a gente nem sabe...

P – É, eu fiquei até pensando: “será que ele cantou na A-Divert ou não?” e tal... Não foi na A-Divert enquanto A-Divert, mas foi com todo mundo da A-Divert, né?

V – Foi todo mundo e mais gente, né? Que foi umas quinze pessoas, que tinha a *República da Fumaça*, tu lembra, né?

P – Sim. Aí eu já ia nos ensaios.

V – É, que só tinha couve e maconha, né?

P – [Risos]

V – Não tinha outra coisa, né? Bala, tu lembra de Bala? Que fazia Biologia, um gordão...

P – Rapaz, eu não sei. Se eu ver, talvez eu lembro, agora de nome não lembro não.

V – Não, se você ver, não vai lembrar, que ele fez redução de estômago, né, velho? Porra. E bariátrica... Teve uma vez que eu encontrei com ele, e ele falava comigo, e eu: “velho, eu sei de quem é essa voz. Eu não sei de quem é essa cara, velho”. Aí, ele: “é André Luiz”. Eu falei: “não sei...” “Bala!” Aí, eu falei: “bala eu sei...” [Risos]. Mas aí, ele se transformou em André Luiz, né? [Risos]

P – *Se transformou...* [Risos]. Aí, nessa época com Japon era a Sclerozzy, né?

V – Sclerozzy. Aí, era muito ruim, porque eu sempre fui muito ruim, né, velho? E aí, era uma bosta. Eu tava... Tem hora que eu escuto as músicas, eu falo: “porra, eu não tinha a responsabilidade nem de aprender as letras direito, velho”. Tinha até umas letras que eu cantava errado. Que bosta, velho!

P – Ah, mas aí, velho... Quem nunca? Eu era altamente *embromation society*...

V – Mas era em inglês, né? Ninguém sabia inglês, então tava melhor ainda, né? Você ainda tava certo. Eu, nem português, velho, eu cantava direito... [Risos]

P – Tem alguma gravação, véi? Dessa época?

V – Rapaz, tem uma que tá perdida aí... André que deve ter. André que tem tudo, véi. Aí tem 2003 ali, que a gente gravou, acho que três, quatro músicas... Aí 2005 eu comecei um projeto... Escrevi umas músicas, né? Umas canções e as canções que gravo até hoje, né? Porque até hoje eu não terminei. Porque quem? QUEM tá gravando comigo? Pra não terminar as coisas? Eu fui gravar com quem pra você sa... Quando você vai gravar com alguém, você fala; “isso não vai terminar”, quem é a pessoa de Conquista que você começa a gravar alguma coisa e nunca termina?

P – Eu prefiro não responder e esperar você responder. [Risos]

V – Então, mas aí pra não ter o nome da pessoa, até hoje eu tô terminando o disco com essa pessoa. [Risos] Tá tudo pronto, mas só falta eu ter coragem. Aí, tem hora que eu escuto as músicas e fico com raiva, né? Porque enrolou tanto as músicas... [Risos]

P – Não, porra! Fale o nome, pode falar o nome...

V – Não, pode não, porra... [Risos] Todo mundo já tem uma experiência... [Risos] Todo mundo que for falar de gravação vai falar dessa pessoa. [Risos]

P – É, eu imagino. [Risos]

V – Risos.

P – De largar no meio, etal...

V – É... E, o mais foda é porque eu acho que é o cara mais talentoso que tem, né, velho? Da cidade, né, velho? Talento gigante, velho, porra! Mas aí se perde, né?

P – Toca tudo bem tocado, né?

V – É. Mas acho que o cara também não precisa ter tudo não. Tem que ter essa irresponsabilidade mesmo, né, velho? O cara é artista né, velho?

P – É verdade.

V – A gente que não é artista, aí tem que inventar. Aí sim, cê tem que fazer tudo, né? Pra compensar a falta de talento, né? meu caso, principalmente... Pra compensar a falta de talento, você tem que fazer tudo: faz o show, você mesmo faz a arte, você faz a camisa da banda, você divulga, você vende a banda, e você ainda fala que a banda é boa pra tentar convencer os outros, né? [Risos]

P – Falar em camisa, cê tinha a *Drops*, lembro da *Drops*... Era uma loja de... Eu mostrei pra você esses dias uma foto de uma camisa minha da *Drops*, do Led-Zeppelin, que eu uso até hoje.

V – Sim. A verde, né? A sua é a verde?

P – Eu tinha uma verde e uma vermelha. A verde eu não sei onde foi parar, agora a vermelha eu tenho até hoje. Não dá pra usar na rua, mas ainda tá de boa...

V – Eu acho que eu tenho uma só, velho. Eu tenho até que voltar a fazer umas camisas...

P – Era você que fazia a serigrafia?

V – Eu que fazia. É.

P – Porra, muito bem a sua serigrafia. Muito bem feita, por sinal.

V – Não é, véi? Porra... Tinha hora que dava certo. [Risos] Mas tinha umas camisas, porra, que eu queria comprar e, porra, tudo era preto, preto, preto né, velho?

P – Sim. É verdade.

V – Aí, eu falei: “pô, não. Preciso de umas camisas coloridas”. Acho que isso começou a destruir o movimento também, essas camisas coloridas que eu... Né? Que aí, a gente começou a vender calça xadrez, camisa colorida, aí veio esse movimento *indie rock*, né? Eu acho que esse movimento *indie rock* foi o que mais destruiu... Destruiu não, né? O que mais diferenciou a cena, né? deixou a cena diferente do que era antes, né?

P – Eu me lembro de pensar isso mesmo. “Pô, eu só tenho camisa preta, véi, e não tem camisa de outra cor, de banda” e tal. Eu lembro disso mesmo.

V – É, a gente é chato né, velho? Porque tipo assim: aí, às vezes, não tem ninguém com camisa preta, aí tu começa a incomodar porque tá todo mundo colorido, aí quando tava todo mundo, os shows lotados...

P – Cê queria ser único ali, né? Todo mundo queria chegar lá e ser... “sou o único no show”. Pra que... Grande coisa, né? tanto faz. Ninguém liga. [Risos]

V – É. Todo mundo. Mas isso aí... Isso foi massa né, velho? E aí, esse lance de querer ser único, aí começou todo mundo querer fazer alguma coisa, né? E aí eu acho que foi isso que produziu muita coisa ali, muito show, né, velho? Muito show... Só que aí a gente começou a ficar metido, né? A gente começou a achar que a gente era fodão, e realmente era né, velho? Porra, interior da Bahia, o Brasil todo queria tocar aqui, velho... Era foda né, velho? A gente ia no micareta, tinha o Point do Rock, né? Que aí, eu acabei fazendo produção do Point do Rock, eu acho que uns quatro ou cinco anos também, né? Que aí chamava, quando chamava, eu chamava gente. Né? Pra TV Sudoeste, quando começou o Festival de inverno também, sempre chamavam a gente pra ajudar ali na seleção das bandas, né? Então, porra, foi massa, aquela galera largada ali, a galera do *porta-canetas* da Olívia, a galera de... [risos] Porra, e de repente, tava influenciando a cena da cidade né, velho? E aí, quando você falou bem assim, do auge do rock, depois do declínio, eu não consigo ver como declínio, velho. Eu tava vendo Shau, conversando com Shau, falei: “velho, que massa que hoje tu chega ali, tem uma Jack, e tá vocês tocando na Jack, velho!” Né? Pô, quem imaginava que nesses espaços assim, uns espaços tão massa aqui na cidade, o rock n’ roll ia tocar né, véi? Pô, e pior: o público gostando!

P – Urrum...

V – Não é, velho? Que massa, com cachê, com... Porra, é bacana. Rico ninguém ia ficar, a gente já sabia disso, né? Sucesso, ninguém ia fazer, mas a gente conseguiu ali fazer um movimento pra mudar a cena né, velho? Transformar a cena.

P – Sim. Realmente. No início da cena, uma banda de rock tocar num bar perto da Olívia...

V – É, absurdo. Só quando Ruckson chegou ali na pracinha do Gil, tinha ali, tinha aquele *Sons do Verão*, tu lembra? Que acontecia no Camarote Massicas. A TV Sudoeste toda quinta feira fazia o *Sons do verão*, né? Nunca rolava banda de Conquista. Banda de Conquista nunca tinha chance, né? Era Mil Milhas...

P – É... Tinha essa Mil Milhas que vinha aqui direto, né?

V – É. Era de Salvador. Era *a banda*. Mil Milhas, Beatriz... Não, Beatriz era daqui, né? Tinha outra banda que vinha sempre, então era esses caras, aí Ruckson, Russano e Pablo, que era um pessoal que eu tinha simpatia, né? Porque, era o pessoal que tirava onda, era o pessoal que era testudo. E às vezes você se incomoda porque o outro faz, né, véi?

P – É. Na verdade, cê fica ali morrendo de inveja. [Risos]

V – Era inveja. Era inveja. Não tinha antipatia dos caras não. Tinha inveja. Eu tinha vontade de estar com os caras. [Risos] No fundo, no fundo, era isso né? E depois eu vi um bocado de gente também, que começava a ter inveja de mim, né? [Risos] Tinha raiva, mas no fundo queria tar junto. E depois, a gente começa a se juntar, né? Aí, quando se junta... Né? E aí, Ruckson foi e meteu, na pracinha do Gil. Terminou o *Sons do Verão*, ele mete ali na pracinha do Gil, 1 em Pé 2 Alados e toca também, né? Eu falei: “porra, que massa, véi!”. Aí, era invasão, né? A gente invadia o espaço, né? E de repente, a gente invadiu tudo, né? Os estacionamento, as casas de show, abertura de show grande, Centro de Cultura... Centro de Cultura era casa nossa, né?

P – Verdade. Até o povo começar a destruir tudo e proibirem os shows de rock... Teve uma época assim, né?

V – É. Que faz parte também, né? Tem que destruir pra... Só que não teve a reconstrução, né? Mas porra, de foder, né, velho? E uma coisa massa, velho, que tem umas coisas que a gente tem que reconhecer, politicamente mesmo, né? Você vê que o PT sempre apoiou, né? Que uma galera que tava no PT ali, desde o comitê do Dudu, né? Foi lá mais atrás ainda, o comitê de Dudu... Mas assim: do outro lado, a gente tinha Herzem Gusmão, superconservador, não sei o que, mas nunca atrapalhou a cena, velho. Nunca atrapalhou, tinha o maior respeito com O Som da Tribo... O Som da Tribo era de graça na 96...

P – É verdade.

V – É assim... Tem coisas que a gente tem que respeitar né, velho? E Herzem sempre respeitou o rock n' roll, teve problema com música eletrônica, mas toda vez, a gente conseguiu espaço na Resenha Geral, na época, né? Resenha Geral sempre foi um grande espaço, né? E, pô, querendo ou não, Herzem Gusmão, hoje em dia, por conta da política aí, vai ter uma série de questionamentos, né? Que não vêm ao caso mas ele... Porra, os pais tavam ali escutando o programa, escutando a Resenha Geral e tava Herzem Gusmão falando bem dos shows de rock da cidade, né? “Pô, não, é isso mesmo. Tá acontecendo isso, festa legal aí dos meninos, tá promovendo isso, tá trazendo isso”... A gente fez... Pra mim, assim: O Agosto de Rock foi massa, é a cena que marca, mas se você falar assim: “qual foi o evento que teve a maior alegria em participar?” Foi o *Dou o Sangue Pelo Rock*, né? O *Dou o Sangue Pelo Rock* foram mais de 160 bolsas de sangue, né? De doação voluntária, que tem que ser voluntária, né?

P – Sim. Que ano foi, cê lembra?

V – Foi 2008.

P – Foi o ACRock, não?

V – ACRock foi 2007, que esse daí foi um prejuízo do caralho... Puta merda!

P – [Risos] Mas foi legal, foi legal.

V – Foi massa, foi massa. Eu fiquei dois anos com urticária. Dormia e acordava todo empolado... Que merda viu, véi? Mas tudo bem: e eu e André... Eu e André, Nani e Carol que... Nós pintamos todas as camisas. Todas as camisas, a gente que pintou, véi. Três dias antes do evento, montamos o evento...

P – Quantas camisas? Cê lembra?

V – Rapaz, acho que a gente fez umas setecentas camisas, vendeu... Umas trezentas, quatrocentas... [Risos] Ficou camisa aí pro resto da vida aí. Porra, que merda viu, véi?

P – Ah, foi nesse show que eu tive a honra de ser vocalista da Retilínea... [Risos] Por uma música. [Risos]

V = Porra, foi mesmo... E era massa né, véi? Retilínea era aquela coisa né, velho?

P – É. Eu e Raul, a gente dividiu, que a The New Old Jam e a Retilínea era a mesma coisa. Só mudava o vocal.

V – É mesmo, é mesmo. E a DP também, né? Era quase a mesma coisa, é porque ainda tinha Gil, né? Acho que era Gil que tava tocando...

P – Gil Metal. Só não tinha André na...

V – É, André não serve pra nada né, véi? Mas tudo bem... [Risos] É igual eu... [Risos] mas o ACRock foi massa também né, véi? Pô, meter trinta bandas ali, não deu pras trinta tocarem porque faltou energia numa sexta-feira 13 né, velho? Foi 13 de julho de 2007, Niel... Isso na sexta-feira, né? Sexta-feira 13 véi. Niel... Meio dia: eu, Ronildo e Niel: “Niel, tem alguma chance de dar errado? De faltar energia?” “Tem não, velho”. “Não tem, Niel?” “Não, moss. Tá tranquilo. Não vai faltar energia não. Ali no sítio tá beleza”. “Pode ir, Niel?” “Pode. De boa”. “Então, beleza. Vamo lá”.

P – Foi no Sítio Viver, não foi?

V – Sítio Viver. Sempre o Sítio Viver né, velho? 2007. 13 e 14 de julho. Dia mundial do rock, né? Aí, beleza. “Niel, tudo certo?” “Tudo certo”. “Beleza”. Cinco horas da tarde... Tinha que começar seis horas, né? Pra dar as trinta bandas, cinco horas da tarde, um carro bate num poste e derruba a energia.

P – É verdade.

V – Elvis tava em São Paulo numa feira de equipamentos, essas coisas... A gente só foi conseguir falar com Elvis oito horas da noite, pra Elvis liberar o gerador pra levar pro sítio, e aí começar onze da noite, né? Quase meia noite, a primeira banda, né? E aí, teve duas bandas ou três bandas que ficaram de fora... Porra, tinha uns meninos, uns moleques mesmo que eu tava doidinho pros meninos tocar, os bichinho não tocaram, véi. Que trauma na vida deles né, velho?

P – Risos.

V – Que merda, que merda. Mas pelo menos apareceram...

P – Eu tenho o cartaz até hoje.

V – O cartaz é massa, né velho?

P – Setecentas pessoas no cartaz... [Risos]

V – [Risos] Gil não tava na hora da foto, a gente cortou um 3x4, mesmo Gil sendo Rival né, velho? Mas não podia deixar Gil de fora, pô. [Risos] fazia parte né, velho? Não podia deixar.

P – Tinha uma foto 3x4 de Gil, e cortada assim né, véi? [sinalizando com as mãos, retas]

V – [Risos] Tosco mesmo, né? Pegou a gilete ali e cortou, né?

P – Foi o ACRock que rolou um negócio dos adesivos, das bandas? Vocês lá da Drops, que faziam o adesivo. “Ah, se cês quiserem fazer o adesivo, tal...” A gente fez o da The New Old Jam. Cê lembra não? Adesivo de papel mesmo...

V – É, qualquer coisa, né, velho? Mas acho que não foi a gente não. Teve um CD, né? Teve um CD, uma coletânea... Teve uma coletânea, né? Do ACRock...

P – Uma preta, dO Som da Tribo? Tenho.

V – É... Não foi do ACRock. A gente fez dO Som da Tribo, que a ideia também era homenagear... A ideia toda foi homenagear, né? todo mundo né, velho? Aí, veio a Excalibur de novo, né? Os caras voltaram, a 1 em Pé 2 Alados, né velho? Porra!

P – Aí foi o que? O ACRock foi você, Ronny, Gil...

V – Não, Gil não.

P – Gil não?

V – Não. A gente botou porque não podia ficar de fora, porra... [Risos] Como é que tem um cartaz com a galera toda e não tinha a foto de Gil, porra... Gil não tinha banda... Corta aí a foto aí, bota a de Gil, Niel, né? Tem a foto de Niel... [Risos]

P – Acho que tem Miguel também...

V – É. Foi... Miguel dando a banana, né? Clássica dele, né? Com o CD de Elomar...

P – [Risos]

V – Se você reparar ali, é o CD de Elomar.

P – Vou pegar ali depois, vou dar uma olhada.

V – É o CD de Elomar, porra... *Na quadrada...* Acho que é, né?

P – Não sei.

V – Não, não... É o de Elomar, que aí, ele tinha aquela birra com Elomar, né? Provocava Elomar...

P – Quem é que não tem?

V – É. Eu sempre tive muita birra com Elomar, velho. É... Birra não: sempre fui muito preconceituoso, ignorante, né? Com Elomar, porque Elomar tem que ser daquele jeito mesmo, que se eu escrevesse um terço, um quarto do que Elomar escreve, eu nem tava falando com você agora. Porque o cara é foda, porra!

P – É o semideus, né, véi? O semideus é assim.

V – Porra... Não, e assim: eu tinha doze anos, véi, e aí eu tava num São João na roça, e aí, eu deitado na rede, aí a primaiada todinha foi e deitou na rede. Quando deitou na rede, quebrou as duas colunas da casa, quase derruba a casa. Aí, sobrou pra quem? Pra Vitor. Todo mundo curtindo, e Vitor de castigo. Aí, eu fiquei de castigo na beira da fogueira. E aí, tocava uma desgrama de uma música, né? E essa música tocando, e a música triste, e tal, eu falei: “porra, véi!”. E ficou na minha cabeça. Só que com essa birra de Elomar, eu nunca tinha parado pra escutar Elomar. Nunca tinha parado. Aí, dezoito anos depois, véi, eu tava com trinta, eu indo trabalhar sete e meia da manhã na Rádio UESB, aí começa a tocar *A Função*. “Ei, João. Nananana, pega a manduréba atiça os tição”. Tocou a música, eu falei: “mentira!”.

P – Cê lembrou.

V – Eu falei: “porra, eu sempre procurei a música e jamais ia imaginar que era dele”. Eu não tinha nada. Eu só tinha a melodia da música, e o quanto essa música me fez bem naquele dia. Né? Aí, quando eu escuto, eu falei: “mentira que é de Elomar. Vou ter que escutar Elomar, velho”. Aí, eu fui escutar Elomar e, porra, velho... O cara é o nosso Roger Waters aqui do sertão, da caatinga, velho. O cara é foda. [Risos]

P – [Risos] Só espero que por a gente citar o nome dele, eu não seja processado depois por ter citado o nome dele.

V – Não, não. Cê fala da *Função*. Fala da *Função*. Não fala dele não. [Risos]

P – “Não, você escreveu o nome aqui. Vou chamar os advogados”. Vai ser assim. [Risos]

V – É. Algum bode solto por aí, falou do *bode*... Mas o bicho é foda né, velho? Mas é bom, é bom. O cara é foda.

P – É, é bom. Só precisa das sandálias da humildade, mas é bom.

V – É. Mas ali não tem mais jeito não, ali... Ali já tá pra ir pro outro lado. Sim, aí o *Dou o Sangue*, em 2008, a gente foi fazer, né? Aí, era eu e Russano com essa ideia, né? Acabou fazendo eu e Ronildo, né? Mas assim, eu e Russano: “porra, véi, devia a gente fazer uma parada que representasse todo esse lance de, porra, de dar o sangue, né, velho? Que a gente dá o sangue e tal”, e assim: porque ninguém nunca ganhou dinheiro com a brincadeira, né, velho? Mas todo mundo sempre deu muito o sangue pra fazer as festas, né? A gente queria, no mínimo, não tomar prejuízo ou ganhar um dinheiro pra tomar um goró depois né, velho? No final, era isso, né, velho? Maior exemplo aí é Gil, né, velho? Nunca vi, véi. Gil, o cara era pra ser um cara rico hoje, né, velho? Tanto que Gil já perdeu. Gil já perdeu dinheiro que nunca nem teve, né, velho? A gente perdeu, mas nunca perdeu tanto assim. A chance que eu tinha de perder, eu tive o azar de ser praticamente expulso, né? Eu fui convidado a me retirar, né? Do evento, porque eu não tava... [Risos]

P – [Risos] E foi uma jogada de mestre, no final das contas.

V – Claro, claro. A vida sempre me ajuda. [Risos] E aí, com o *Dou o Sangue* foi isso, né? A gente falou: “porra, bora fazer, velho!”. E aí abriram as portas assim, velho, que teve a possibilidade da gente fazer o evento de graça, né? Tipo assim, quem doasse sangue ganhava a camisa, porque já ia ganhar a camisa, a gente não ia negar a camisa pra ninguém, mas aí, pra forçar a galera a fazer a doação, ia lá na Nacional e comprava um cobertor, né? Comprava um cobertor e deixava pago o cobertor lá... Né? Que aí, a Casa do Amor, que acabou ficando com os cobertores, né? Com... Casa do Amor, e teve outras. O pessoal da Nacional que escolheu, véi. Inclusive, o pessoal da Nacional ficou, na época, tinha um gerente lá e ele falando: “eu fiquei um pouco receoso quando vi essa galera do rock aqui, mas depois, quando eu vi o que vocês fizeram, né? Porra, era simplesmente, vocês queriam...”.

P – Quase chora. [Risos]

V – É, porra. É o preconceito, né? Aquela coisa religiosa idiota ali, que na época do ACRock teve uma igreja no bairro Brasil que fez uma corrente de oração, porque ACRock era *Anticristos do Rock*.

P – Nossa...

V – É, aí a gente caiu na risada, véi, mas eu accho que deu certo, que deu tanto azar, eles mexeram com o outro... Devem ter mexido com o anticristo, né? Porque deu errado lá pra gente igual a porra, né? Mas aí, teve uma corrente de oração, porque *ACRock* significava *Anticristos do Rock*. Né? E aí, não: era só a gente falar que se não desse certo a associação, a gente ia montar a bolacha... Montar a marca de bolacha, né? *Acrock!* [Risos]

P – [Risos]

V – Né? Uma bosta, né?

P – Eu lembro do *Dou o sangue*, eu tenho um folder até hoje, que tem acho que Ellen Lapa e acho que uma foto de Diro, né? Lá no HEMOBA lá, tipo, com uma guitarra assim...

V – Isso. Aí, você vê, velho, aproximou... Mexer com a vida aí com coisa boa, velho, veio essa galera, a galera da UDV também, né? Que é uma galera bem criteriosa nos seus relacionamentos, né? Por conta da filosofia deles, né? E aí, se aproximaram também, confiaram, o HEMOBA... A gente tentou fazer reunião aqui em Conquista, né? Eu e Ronildo, né? Fedendo a cigarro, né? Chegava lá pra fazer e ninguém aceitou a gente, né? A gente: “ah, beleza. Se ninguém aceita a gente aqui, pronto”. Aí, a gente mandou pro HEMOBA. Aí o diretor do HEMOBA chamou a gente lá em Salvador, a gente foi lá, conheceu toda a unidade do HEMOBA, fez a porra toda, aí o cara que desenhou a marca, né? Foi o Damário Dacruz, artista plástico lá de... Salvador [inaudível] a capital é em Riacho, né? É Riacho? Que sai a capital, de Salvador, vai pra onde?

P – Ignorância total aqui.

V – É, ali perto, aí esse Damário Dacruz, poeta, tal... Ele que desenha...

P – Aquela com o vinilzinho, tal, tipo um vinilzinho, né?

V – Isso. Que desenha tipo a bolsa de sangue. Ele pega e faz a identidade visual do festival de rock, da guitarra com a bolsa de sangue do HEMOBA.

P – Ah, tá. Ah, pensei que ali tinha sido Diro, que tinha inventado aquilo ali.

V – Não, não. Diro fez o nome. O *Dou o Sangue*. Aquela brincadeira com a bolsa de sangue é o Damário Dacruz, lá de... Poeta baiano aí, cara famoso, velho. Massa mesmo na época... Aí, o pessoal aqui do Hospital de Base não recebeu a gente.

P – Que onda...

V – Aí, a gente teve em Salvador, acertou tudo lá, aí aqui, o diretor veio pra cá, na época acho que era Roberto... Roberto Santos, o diretor, acho que é isso. Aí, agendou aqui, o pessoal veio, recebeu a gente, quando a gente chegou, pessoal cheio de pagação de pau pra gente: “não, ô, tudo bem?” Aquela mesona grande lá no hospital. Todo mundo queria receber a gente.

P – O chefe mandou, né véi?

V – Mandou. Não: o chefe veio pra falar com a gente, porra. Ele recebeu a gente em Salvador e veio pra cá pra falar com a gente. Então, porra, foi um lance massa, e aí, essa onda da doação de

sangue. Então, foi bem na época... Ali foi em julho também, foi em julho? Foi julho. Foi no final de julho, se não me engano. E meu filho, o mais velho, né? Gustavo, tinha nascido ali, dia 7 de julho. Nasceu 7 de julho e Gustavo tava internado. Então, na época que tava acontecendo o evento, Gustavo ficou ali quase dois meses internado, né? E, na época que tava acontecendo o evento, ele lá internado, e aí, teve uma noite antes... A noite antes do festival, fui pra lá, e quando cheguei, tava uma mãe lá, né? E recém-nascidos, e teve uma criança que tava precisando de sangue. Né? E aí, a mãe dessa criança tinha parido lá no Hospital de Base, tava lá no Esaú, né? porque a melhor UTI que a gente tinha na cidade, a única UTI neonatal era o Esaú, né? E aí, ela falando: “aí, o pessoal vai precisar de sangue. Como é que tá o estoque do banco de sangue?” Aí, essa mãe vai e fala: “não, tinha os meninos do rock doando sangue”. E ali, pra mim, ali naquele momento, eu visitando meu filho, né? Eu ouvi isso, né? Eu não sabia, que eu não tinha nada a ver, né véi? Então, assim: foi a vida me falando. Então, aí ela vai e fala disso, né: “não, os meninos, tinha um bocado de menino do rock lá doando sangue, então tem sangue lá”. Só que assim: o filho dela não pegou sangue, porque tem a janela, né? De... Tem uma janela que é em torno de quinze dias, né? Pra, após todos os exames, pra esse sangue ser utilizado em alguém. Então, é... Não era o sangue ainda da galera do rock. Mas as pessoas já estavam vendo que a galera do rock tava doando sangue.

P – Ia repor de qualquer forma, né? Não ia ser diretamente pra ela, mas, indireta, ia.

V – Os números exatos eu não tenho, então assim: o que eu tenho aqui, eu não tenho como comprovar, mas a conversa que a gente teve lá foram 177 bolsas, né? Então, assim: são números que não têm como comprovar, e nenhuma bolsa foi descartada.

P – Que massa, véi.

V – Porque, assim, todo mundo falava: “esse sangue dessa galera aí do rock, não vai dar nada, não vai dar nada”.

P – “Cheio de droga”.

V – “Cheio de droga”. E assim: são 67 bolsas de primeira doação. Então, assim: não era de doadores, né? cento e sessenta... Doou pela primeira vez sangue, e o sangue foi aproveitado, e vários sangue, tipo Pablo Luz. Pablo Luz, se não me engano, era O-, ou O+...

P – Que é o mais difícil de achar, O-.

V – Porra. Né, velho? Tinha uma galera que a gente ia conversando, que aí começou... O assunto era esse, né? “Ah, pô, qual o seu tipo de sangue? Pô, tu já tinha doado sangue?” De repente, a gente tava falando de rock n’ roll, né? E a gente não tava falando de vodca, a gente tava falando agora de sangue, né? De salvar vida. Que ficou aquela onda, né? De salvar vida, e se você for ver assim, 167 bolsas de sangue, quantas vidas, quantas vidas esse movimento salvou. E o mais interessante: quinze dias depois, Gustavo continuava internado, e Gustavo precisou de sangue. Aí sim: agora eu tenho certeza de onde veio o sangue, velho. Que esse estoque já era o estoque da galera do rock n’ roll.

P – Já tinha dado o tempo da janela.

V – Isso. Então, assim: eu tava fazendo um evento que, pra colher sangue pro meu filho, que eu nem sabia que ia precisar do sangue, véi. É uma onda, né véi?

P – Porra...

V – Aí é foda. Então, pra mim, aí sim, velho. Aí, eu acho que... É a lembrança que eu levo pra vida é isso aí: aí a vida me ensinou muito. Que eu acho que... Seja mais voluntário mesmo, a coisa tem que acontecer e esquece... Quanto mais puder fazer com portas abertas, pra acesso a uma galera que não tem... Como eu também não tinha acesso a rock n' roll lá na periferia, né velho? Que o rock n' roll é caro, é coisa de elite, né? Se a gente for ver é coisa de elite mesmo. Hoje a gente tem mais acesso, mas assim: até romper essa parte intelectual pra pessoa escutar rock é foda, né? Então, assim: o rock tem que ser de graça, o rock tem que ser aberto mesmo, a gente tem que brigar, lutar aí pra ter recursos pra que os artistas, que os trabalhadores ali do rock n' roll tenham condições de se manter, mas tem que ser aberto, velho, e tem que promover alguma discussão legal assim, tipo doação de sangue, né? O resto é justiça social, então sou contra esse negócio agora. Hoje eu penso diferente, né? Essa questão de alimentos, tal... Só se for um caso mesmo de necessidade, né? mas, assim: eu acho que de doação de livros, né? Coisas que tragam discussão. A doação de sangue é importante, doação de livros, medula... Sei lá. Um abraço, né? Cê dar um abraço numa pessoa, cê ganha uma entrada pra um show, né? Sei lá, planta uma árvore, ganha uma entrada, né? Mesmo se tu não plantar também, né? Tem que ter alguma coisa... Limpa uma rua, vamo... Se a gente conseguir... Se o movimento rock conseguir salvar essa praça, restaurar essa praça, principalmente numa comunidade, né? A gente tem esse show. Né? Uma coisa banca a outra, né? Então, aí depois disso eu falei: “ah, velho, o show, o rock n' roll tem que ser nessa linha”. Mas aí, eu já tinha o meu primeiro filho, né? E aí, e eu já tinha falido com a loja, e aí... [Risos]

P – Aluguel ali devia ser caro, hein, véi? Ali naquele, no Conquista Center, né?

V – É, o do Conquista Center ainda foi tranquilo, mas aí a renda já não dava pra bancar. E aí, eu fui pra trabalhar em concessionária, né? Voltei, né? Pra concessionária que eu já tinha trabalhado em concessionária, e aí não tem jeito né, véi? A idade chega e você vai tentando outras coisas, né? Aí vem mais uma criança também, e... Ainda bem que eu mudei, fui pra educação e continuo agora tentando fazer de alguma forma, tentando plantar uma sementinha, mesmo que tenha fins lucrativos, mas dentro dos fins lucrativos, a gente tenta ali, transformando a vida de cada um, levando alguma palavra, tentando despertar ali... Levando um sorriso, né? Eu até brinco, né? Pra mim é aquela música de... Minha vida se resume àquela música de Adriana Calcanhoto, né? “eu ando por aí divertindo gente”, né? Então... [Risos] Tentando, de alguma forma, melhorar o dia das pessoas aí.

P – Os filhos já tá com quantos anos cada aí?

V – 12, né? Gustavo com 12...

P – Rapaz, 12, véi? A idade que cê começou a contar a história aí pra mim, que onda...

V – É. Não e... E antes, teve antes do picolé, meu apelido, algumas pessoas ainda me conhecem na Patagônia, na feira da Patagônia, meu apelido é *Maracugina*, velho.

P – Eu já ouvi falar uma coisa dessa mesmo...

V – Porque, quando a gente veio da roça, aí a gente ainda vendia, trazia algumas coisas da roça, e eu saía vendendo, com oito anos de idade, eu vendia maracugina na feira. Saía vendendo

maracugina, né? Ainda tem uma ou dois assim, das antigas, que lá... “E aí, Maracugina! E aí, Maracugina!” [Risos]

P – [Risos] Cê falou que um tem doze, e o outro tem quanto?

V – Quatro.

P – Quatro. Rapaz, doze anos, véi. Meu Deus do céu. Eu lembro dele bebê, véi.

V – É. Ó, eu e Nani, a gente em março, fez 21 anos de rock n’ roll, né?

P – Mas vocês já são tipo assim, velho, uma coisa só. E é um negócio que vocês já... Eu não sei se a convivência, ou coincidência, mas vocês já se parecem tanto que, se na época, se hoje alguém chegasse e falasse que cês eram irmãos, alguém acredita, porque os dois já parecem

V – Acredita, né? [Risos] [inaudível] Mas é foda. É... A gente até fala: até pra terminar é difícil, né? Porque se for terminar, porra, tá tão manjado, tão cansada a imagem dos dois juntos, né? [Risos] Mas continua, continua... Segue.

P – Massa demais. Pois é, velho. Aqui já foi história pra mais de metro. Tem mais alguma coisa que você queira lembrar ou alguma coisa assim?

V – Aí, assim: pra mim, assim, o fim do, de tar fazendo qualquer coisa no rock n’ roll, foi a morte de Miguel, véi. Pra mim ali, eu acho que ali foi a morte da minha adolescência. Ali matou... Até ali, até aquela idade, até ali, eu era adolescente, eu era o jovem, e de repente veio a morte de Miguel e...

P – Do nada.

V – Do nada, velho. Do nada, e aquilo ali matou... Era o guru da gente, né, velho? Era o cara que a gente sempre consultava. A gente brigava, né? Discordava de Miguel, falava: “ah, Miguel é muito cuzão com isso”, mas eu tinha que escutar Miguel, né? Era o tiozão da gente, né, velho? Era o cara mais velho, e aí quando Miguel morreu, a gente ficou... Eu assim, tive aquela sensação de órfão, né? E falei: “porra, agora cabou!” Aí a música do Moptop, né? *O rock acabou*, né?

P – Eu fiquei na mesma onda, mais ou menos. Eu ainda cheguei a trabalhar com ele na Letras & Prosa, então, todo dia eu tava com ele. Eu lembro ele falando: “ah, véi. De vez em quando eu tenho umas dor de cabeça forte, não sei o que...” Ele falava, eu: “porra...”

V – É foda, é foda...Ronildo tava no Som da Tribo, escutando O Som da Tribo, aí Ronildo tava lá, né? Falando alguma coisa... Quando saiu, aí Miguel ainda perguntou Rubenildo, né? Porque eu tava estranho, eu também tava passando por uma fase assim, emocionalmente eu já não tava legal, tava passando com o retorno de Saturno aí, né? Não tava legal, né? E aí, ele ainda falou com Rubenildo: “Velho... Rubenildo, eu tô preocupado com Vitor”. Aí, Rubenildo: “rapaz, tu se preocupa com você, que você que não tá bem, Miguel”. Aí, na semana, terça ou foi na quarta-feira, né? Quarta-feira, né? Foi o jogo do Corinthians, que o Corinthians foi campeão mundial, né?

P – Eu nunca lembraria desse tipo de coisa. [Risos]

V – Foi, foi. Foi bem na madrugada, que eu tava injuriado, né? Mundial ou Libertadores, né? Falei: “ah, essa porra!” Aí... Aí, veio a notícia. Puta merda, velho! É um negócio que não cabia, né velho?

Não encaixava... Aí, aquilo ali pra mim, acabou. Acabou a graça. Aí, quero tar só... Vou nos shows assim, tal... Aí juntou tudo, né? Eu já tava saindo do movimento... Saindo assim, né? mais distante...

P – Tocando a vida, né?

V – É. Mas, aí, depois de Miguel, desanimou bastante. Foi foda.

P – É. Miguel ali... Ali foi o... É a entrevista que eu, tipo assim: pô... É a que faltava.

V – Mas a gente fala por ele, né, velho? Você tem muito a falar por ele, né? É só pegar ali... É tu que tem, direto posta aí as coisas que tem do Som da Tribo né, véi?

P – Sou. Eu achei uma cacetada de programa aí e postei...

V – Aí, tem aquela camisa. Tem aquela camisa verde dele, né? *E aí, baby, vai encarar?*

P – Sim, sim.

V – Ali foi eu que pinteí né, velho? [Risos]

P – Foi mesmo?

V – Aquela... É. O que tinha do Som da Tribo, foi eu que fazia, né, velho?

P – Ah, que massa, véi.

V – Ali era massa. Mas é... As entrevistas de Miguel é isso, né? Eu imagino Miguel nesse momento agora, detonando todo mundo aí, né, velho?

P – É. Cê lembra que ele queria ser... Ele tava pensando em se candidatar a vereador? Ele chegou a falar com você?

V – É. Eu acho que a grande frustração dele e a frustração de todos era Miguel não ter ido pra Secretaria de Cultura né, velho?

P – Sim, sim. Ele falava: “ó, eu vou...” Bem na época da Letras & Prosa mesmo, 2008. Ele falava: “rapaz, eu acho que eu vou me candidatar a vereador. Vou pegar meu salário e vou dar pras banda tudo gravar”, não sei o que...

V – É. Era isso, mas a gente ficava pilhando ele, né? Pra isso, né? Eu sabia que era um cara decente né, velho? Era um cara decente.

P – Não ia se corromper. Ele ia chegar ali com vontade de fazer mesmo...

V – Não. E a gente junto, né? [Risos] Seria esse movimento todo, né? Esses filhos dele. O cara que não teve filho, mas teve uma legião de filhos aí, né, véi?

P – Engraçado que, assim: a sua entrevista aqui é a décima primeira. O assunto que, tipo assim, todos falaram, foi Miguel. Não teve um que não falou de Miguel. Não teve um que não falou de Miguel até agora.

V – Não, não tem como né, velho? Não tem como. Inclusive, a gente tem que fazer alguma coisa em homenagem a Miguel, né, velho?

P – Sim.

V – Depois que tudo isso passar aí, né? Sei lá. Depois que tudo isso passar não, né? Depois que a gente sentir como é que dá pra fazer com tudo isso aí, né?

P – É. Quando passar aí a gente vai ver *qualé de mermo*. [Risos]

V – É. Ver qual é de mermo e fazer um lance aí bem Miguel Côrtes aí...

P – É. O *Dou o Sangue Pelo Rock* mesmo seria uma boa, véi. Inclusive, pra dar uma puxada de volta na música mesmo, além da questão né?

V – Todo mundo, né?

P – É, todo mundo, porque seria uma boa forma de recomeçar.

V – Sem fins lucrativos, acho que, sei lá, um lance bem aberto mesmo né, velho? É, vários palcos, aí já começa a enlouquecer, né? mas outra coisa: Palco simples né, velho? A gente enfeitou demais né, velho? A gente quis enfeitar demais, né? Eu achoq eu quanto mais largado, né? Sei lá, pegar um espaço aí com gramado, né? Sei lá. Acho que tem o Edivaldo Flores, né? Se dá pra fazer ali. Alguma coisa assim, né, véi? Mas, bora construir isso aí, velho, todo mundo aí. Ruckson, né? ver quando Pablo Luz pode tar... Se Pablo Luz vem pro Brasil ano que vem... E juntar essa galera aí, todo mundo dar as mãos aí, e fazer uma festa massa aí.

P – Todo mundo e fazer acontecer. Sem pensar em lucro, logo, não vai ter prejuízo. E ainda vai fazer uma coisa massa.

V – Massa. Pra marcar a história, velho. Marcar a história. Unir um pouco a galera, que tá tão dividida, que na política também dividiu né, velho?

P – É verdade.

V – É o que eu falo, velho. Porra, tem um brother meu mesmo, Cristiano. E Cristiano é seguidor de Olavo de Carvalho, a porra toda, né?

P – É, a galera para de se falar, né? Por causa dessas coisas...

V – Aí, e ele, velho, eu caio na risada, velho. Eu caio na risada, ele falando das coisas de Olavo de Carvalho, porque, assim: porra, a gente tem uma história antes né, velho? Não vai ser um detahe aqui agora que vai... Então, eu acho que o sangue, independente se você é azul ou vermelho, né velho? [Risos] O sangue é só um né, velho? Acho que dá pra gente tirar a política de lado aí, e trabalhar aí com sangue, sei lá, com doação de livro, com uma restauração de praça, né? Sei lá, vamo pegar uma praça em tal local. Planta uma árvore, tira a foto.

P – Cê sabe que existe a Praça Miguel Côrtes, lá no bairro dele?

V – Sim, sim, no Iracema, né? O pequeno e pacato Iracema.

P – Eu não sei onde é. Eu procurei no Google Maps e tal... Eu imagino que esteja largado. Essa seria uma praça massa.

V – Porra, que massa, né, velho? A gente pegar a Praça Miguel Côrtes, né?

P – E transformar na Praça Miguel Côrtes.

V – Miguel Côrtes, né? Do tamanho dele, né? Sei lá. Mudar o nome de uma rua... Brigar pra mudar o nome do Camillo de Jesus, virar Miguel Côrtes, né? A concha. A concha, né? A gente poderia mudar o nome da concha. Porque aquela concha é a cara de Miguel, né, velho? A gente... Aí, é isso, velho. Eu acho que, a partir disso aí, já começa a chamar a galera aí... Robson Falcão não pode ficar de fora dessa brincadeira, né? A gente sempre teve muito ódio de Robson, né? Então... [Risos] E sempre se amou né, véi? O massa é esse, né? É... Tinha as galeras dos bairros, né? E a gente trouxe isso pra dentro da música, né? por mais que a gente era pequeno aqui na cidade, mas... A gente falava, tinha a treta Titãs e Engenheiros e o resto do Brasil, né? A gente aqui também tinha nossas tretas né, velho?

P – Bandas do bairro Brasil, as bandas do lado de cá...

V – Porra, Black Liz, né? De Junão...

P – De Junão. Ele falou mesmo, tinha essas...

V – Black Liz, né? *Pagodeiro bom é pagodeiro morto*. Ainda tem isso nos clássicos né, véi?

P – Rapaz, uma música como essa hoje em dia... Impossível!

V – Impossível. Porra, Camisa de Vênus é impossível, né vei?

P – Camisa de Venus é impossível. Inclusive, eu não sei nem como é que tá no Spotify, porque... E não fizeram um abaixo-assinado pra tirar.

V – Pra tirar né, velho? É foda... Ultraje, né? Ultraje mudou muito né? Raimundos, também tem muita coisa do Raimundos...

P – Camisa é o extremo. [Risos]

V – Camisa é, velho. Camisa...

P – *Silvia*...

V – *Joana D'Arc*. Não, *Silvia* já era né, véi?

P – *Silvia*, não tem condição de uma música dessa existir, véi.

V – É foda né, velho? Mas assim: é processo de evolução da gente, né? A gente começa a perceber que realmente tinham umas coisas que não dá mais né, velho? Não dá mais, né?

P – E cada coisa na sua época.

V – Na sua época. É. Mas porra, gostei de você ter essa ideia de fazer algo aí, tipo *Dou o Sangue* de novo, né véi? Bora juntar...

P – Seria uma ideia show de bola, véi. Foi uma ideia massa, pelo que cê falou aí, 167 bolsas, véi... Hoje, acho que daria pra fazer até mais. Com a internet e tal, que na época não era igual hoje, né?

V – Engajamento, né? A galera cai pra dentro aí, a gente chama uns youtubers aí... Uns youtubers não: uns influenciadores desses da cidade aqui. Todo mundo vai querer doar sangue, né? Os *influencers*, né? Porra... Tem até nome pra isso né, velho? [Risos]

[...]

P – Agora é hora de entrevistar sabe quem?

V – Han?

P – Waguinho. [Risos]

V – Waguinho.

P – Vou desligar aqui, e vou chamar ele.

V – Tá. Botou Paula na lista? Paula Babilônia?

P – Já foi, foi a segunda que eu entrevistei.

V – Tem que tar. A rainha, né, véi? A rainha, a única né? [risos]

P – Chegar pra Kessler, falar tudo que cê xingou ele aqui, vou contar, daqui a pouco.

V – Ele, teve o *Ladrões de Vinil*, ele foi *Ladrões de Banda*. E ele nem sabe que ele roubou a banda né? [Risos] Mas Waguinho, velho... Waguinho, voltando, só pra fechar... Esses bares, tudo isso aí, só acontece hoje por causa dele, véi. Porque foi o primeiro cara que ficava tocando lá no Kina de Massú, a gente detonava ele, né? Eu detonava ele...

P – Boca de Forno...

V – Boca de Forno... Foi o cara que abriu as portas dos bares da cidade...

P – Os roqueiros tudo radical, criticando ele...

V – Tudo aí tocando, né? Mas era isso... No final, era pra acontecer isso mesmo, né velho? A gente tem que tocar aí mesmo né?

P – A ideia é essa. Invadir os espaços.

V – Mas o mérito é dele, véi. Eu acho que o cara aí, quem desbravou foi ele, e aí, WAGUINHO, não Kessler, [Risos] merece o... *Waguinho e a Maçã*.

P – Tinha a banda *Kessler e Banda Pão de Sal*. Ele disse que era porque todo mundo comia... Porra... [Risos]

V – [Risos] Que bosta viu, véi? Quando ele fez a *Carreira Sub-Solo*, aí Diro: “ô, velho, Você por acaso é tatu é, velho? Que tem carreira sub-solo é tatu, velho!” [Risos] “Um cara desse quer ir pra cima como, se tá... Ele já fala que a carreira dele é embaixo do chão”... As viagem da UDV né, velho? A sabedoria da galera, né? [Risos] Mas é isso.

P – No começo, ele descascava sem dó.

V – Descascava mesmo. [Risos]

Final em 1:20:34

KESLLER COELHO

Músico. Guitarrista e vocalista Parrázio. Kessler. Coidealizador Point do Rock.

Nome completo: Wagner Coelho Santos

Data da entrevista: 14/11/2020

Transcrição: 28/09/2021 – 03/12/2021

Início em: 1:54

PLÁCIDO – [...] eu sempre começo o seguinte... Onde você nasceu, e que ano você nasceu. Daí, a gente passa pro resto.

KESLLER – Certo. Eu nasci em São Paulo, capital, em 1977. 5 de dezembro de 77. Vou completar 43 anos.

P – Passa voando, né véi? Risos.

K – Demais. A vida pra mim tem sido um passeio, véi. É só uma questão de pensamento [inaudível], graças a Deus.

P – E aí, você morou lá em São Paulo por quanto tempo, véi?

K – Não, eu vim criança pra cá. Eu vim criança de colo. Meus pais...

P – Sim. Direto pra Conquista...

K – É. Meus pais se mudaram porque eles estavam cansados lá da rotina e... Retirantes ruralistas, né? Foram pra São Paulo trabalhar, aí, lá, a estrutura familiar lá, assim, ficou difícil porque o trabalho tava muito cansativo, meu pai, ele é muito apegado com a família, com a terra, sabe? Sentiu muita saudade, aí voltou. Voltou, aí passou um aperto danado, mas conseguiu arrumar um cantinho pra ele, graças a Deus.

P – Cê é o mais velho, né? Dos filhos?

K – Eu sou o do meio. O esquecido. Risos.

P – Risos. Nem lá nem cá, né?

K – Nem lá nem cá, véi. Risos. Prioridade pra primogênita, pra minha irmã, e pro mais novo, meu irmão. Eu, qualquer coisa se vira. Aí, foi bom, porque eu me emancipei mais rápido, entendeu? Saí das amarras religiosas assim, né? Nada a ver com Deus: tem a ver com religiosidade, né? Assim... Doutrinação em excesso, que me sufocava, porque a essência de Deus é o amor, então é maravilhosa, então, às vezes você... A coisa se engessa, né? E cê não consegue respirar. Risos. Aí, eu com 12 anos eu pedi pra... 12 ou 14, eu pedi pra parar o bus pra descer.

P – Qual era a igreja que cês frequentavam?

K – Batista. Igreja Batista.

P – Deixa ver se eu lembro. Sua irmã era Vera, seu irmão Isaac, não é isso?

K – Isso. Eles continuam cristãos assim, né? Até hoje, graças a Deus, mas muito menos religiosos, né? Toxicamente religiosos, né? Porque fica uma coisa de clubismo, né? Mas a espiritualidade, a convivência com Deus é outra coisa. É do indivíduo. Mas a religiosidade é fuida, né? Tanto eles quanto meus pais, hoje tá tudo maravilhoso. Conseguem compreender que uma música não é uma música *mundana*: é uma música cultural, certo? É uma arte feita pela criatura pra louvar o Criador, né? Eles conseguem entender isso. Antigamente, minha nossa! Nem se falava. Nem se ouvia. O rádio era consagrado, sabe? Se pegasse ouvindo música mundana, ó... [gesticula com as mãos indicando surra].

P – Risos. Eu lembro de você ouvindo Michael Jackson, na época do *Black and White*. Como é que era nessa época aí? Que aí cê era criança ainda né? Eu era criancinha, agora não lembro direito...

K – Isso. Nessa época aí, eu tinha que ouvir canções que não eram tão agressivas. Se tivesse distorções, era *do mal*, entendeu? Assim, né? E tivesse num ambiente comercial assim, era até tolerado, mas qualquer situação assim, mandava desligar tudo, e aí vinha um sermão terrível. Mas aí veio um japonês abençoado e inventou o *Walkman*, e aí, uns chineses, abençoados mais ainda, copiaram e venderam bem mais barato, as cópias, e aí, nós, aqui embaixo, na terra do Zé Ninguém, nós pôde comprar. E aí, com fone de ouvido, meu fã... Aí nós tinha privacidade. Risos.

P – Privacidade. Realmente. Risos. Que que cê lembra assim da sua infância, vamos dizer assim... Cê fala assim: “esse tipo de coisa ajudou a me construir como pessoa”. Coisas assim, mais marcantes da infância, suas.

K – Eu tenho uma lembrança assim, bastante legal da infância, porque meus pais tavam bem financeiramente numa época e depois, por alguns problemas ou obrigações, meus pais tiveram que assumir compromissos assim e, cê sabe como é a vida do comerciante: se você vende a guia, tira do principal, você fica fraco pra vender seus produtos. Não tem um capital de giro legal, aí meu pai tirou do capital pra assumir alguns compromissos e depois veio a época do Collor, e aí resolvemos... Meu pai foi vender a casa pra colocar na guia o dinheiro, e aí o Collor trancou o dinheiro e aí lascou, o pau quebrou. Mas tirando essas dificuldades financeiras que foram importantes obrigatoriamente importantes, porque quando você não tem nada, você consegue dar valor a um punhado de farinha, a um ovo, cê consegue dar valor a um cuscut, sabe? Cê compra um litro de leite, bota dois copos d’água pra render, pra dar pra todo mundo, e aí cê dá valor aos mínimos detalhes. Hoje, eu não desperdiço nada, porque eu sei o valor que é comida, sabe? Na mesa, sabe? Porque é uma das riquezas humanas que muitos acham que é balela, porque têm de tudo, mas quem nunca teve nada sabe o valor que é uma comida na mesa.

P – Com certeza.

K – E aí, da infância, quando nós viemos de São Paulo pra cá, meus pais ainda não eram cristãos batistas, né? Eles eram católicos, aí tinha festa, a família se reunia, um monte de discos, mais de cem discos, sabe? E tinha uma vitrola, e eles vinham trabalhar e eu ficava o dia todo sozinho.

Rapaz, eu fazia... Eu fiz um violão de madeira, com corda de linha de costurar, sabe? Eu botava travesseiros como plateia na sala... Velho, eu tive contato com John Lennon, Scorpions, Roberto Carlos, MPB, Caetano Veloso, sabe? Muita música boa. Meu pai também tem uma veia artística muito forte, e ele já tocou sanfona, já tocou guitarra, já tocou violão... Nossa família tem uma veia artística muito forte. O único que meteu a cara pra ser realmente artista e viver se rastejando foi eu. Risos. Mas os outros têm o talento e foram ganhar a vida e viver mais tranquilo, né? E nessa fase, era maravilhoso, porque a minha diversão era ficar na sala escutando os discos, sonhando, imaginando e tal... E eu conheci muita gente boa, graças a meu pai. Aí, passou um tempo, meu pai se converteu, pegou os discos e praticamente deu assim, sabe? Aí, eu fiquei... De uma hora pra outra, meu mundo caiu, assim, né? Sem entender. Aí, meu pai chegou pra mim e falou: “olha, meu filho, tenho um presente pra você”. E eu não entendi por que vendeu os discos. “não, que esse disco é do mal, que não sei o que...” Mas como é que é do mal, que a gente se divertia...

P – Aí cê tinha quantos anos mais ou menos?

K – Em torno de sete anos. Seis, sete pra oito anos. Eu já era uma criança bem questionadora assim, bem... Eu escrevia poesias, sabe? Falava: “ó, minha mãe, o que eu fiz...” Ela “ah, tá bom. Lindo. Tá” [com voz impaciente]. Pessoa assim, mais do interior, da roça assim, não tem muita sensibilidade, né? Eu “tá, tá bom. Beleza”. E pensar que não, meu pai me deu uma bíblia. E disse que agora as coisas iam ser diferentes, né? Que ia tar perto de Deus e tal... Aí, do nada, a gente começou a ir pra igreja e a seguir um padrão doutrinário, né? E foi difícil aceitar tudo aquilo, porque antes tinha festas, e a família toda reunida, e depois eu tava dentro de uma igreja seguindo padrões e regras, e a família do meu pai toda chateada com ele porque ele era o animador das festas. Ele que agregava as pessoas, né? Todo mundo chateado, triste, alguns deixaram de falar e outras coisas, porque ele tinha mudado. Mas meu pai tinha suas razões. E a coisa mais importante que ele fez pra mim foi me apresentar a Deus, né? Então, assim... Porque, depois que eu fui me entender como gente eu fui perceber que a essência, pra quem tem fé, claro... Pra quem não tem, é como se fosse nada. Mas pra quem tem fé, a essência do amor, a essência da arte, é tudo é divino, né? Então, você não precisa tar ali preso a uma doutrina pra buscar a Deus. Cê pode buscar a Deus como um pássaro livre. Deus me deu o dom divino de ser artista, eu não sabia, fui descobrir lá pros dezessete anos, tarde, e aí, beleza: tudo bem, né? Uma criança segue os pais, né? E aí a gente ia pra igreja. Engraçado que na igreja tinha pessoas que... Por exemplo: só quem podia pegar no microfone e no órgão da igreja era os filhos do vice-moderador. Eu não tinha moral pra poder tocar, e eu babava, véi, pra triscar no órgão ou no microfone, né? Eu ficava babando... E não podia, né? A gente não podia nem sequer um dia normal pra ir lá ter aula de música nem nada assim, né? É só os filhos do vice-moderador, né? Que é como um vice-pastor, que tinha a chave da igreja e estudavam piano e iam lá tocar e tirar onda lá na frente, né? Aí, teve uma vez, que organizaram um quarteto infantil, que as igrejas batistas têm tradição de quartetos de vozes, né? Trio, quarteto, quinteto... As igrejas protestantes em si, né? E aí, eu fui participar. Aí, tinha o terninho, né? Todo mundo com o ternozinho, bonitinho, aquela coisa... E aqueles elogios assim, forçosos, né? Que sempre fui atento à hipocrisia, né? E aí, beleza. E aí, quando a gente ia ensaiar, os meus amiguinhos lá ficavam rindo de mim, porque a minha voz no quarteto lá era da mulher. Aí quando eu ia cantar, todo mundo ficava rindo, porque eu tinha que falar a voz da menina, porque eu era soprano, né? Soprano não: tenor. Soprano é a voz aguda da mulher. E aí, como eu era uma pessoa muito sensível assim, muito *ferrada*, eu ferrei, véi. Eu falei: “tô fora. Vai tomar... Tô fora, cara”. Aí, “ué, porque você saiu?” Eu

falei: “não. Tavam rindo de mim”. Eu sou muito ferrado, velho. Aí, eu deixei de falar com as pessoas. Ninguém falava: “ô, velho. Isso aqui é a característica da voz. Essa voz aqui é linda, essa voz aqui é massa”. Ninguém me explicava, né? Só que a galera ficava rindo, porque eram moleques também, né? Não tive um professor... E aí, eu ferrei. Tipo assim: pra mim, fiquei assim: só ia pra igreja porque era obrigado mesmo, né? Aí, depois, foi indo, né? Aí, meu pai mudou de igreja, e depois houve muito preconceito dentro da igreja porque éramos pobres, né? Isso ninguém fala. Você pode ver que, no começo era aquele oba-oba, depois veem que você é um nada... Ainda mais na adolescência, que criança e adolescente é cruel. E aí, eu ficava lá isolado, até um dia que eu tive que enfrentar meu pai pra falar que eu queria seguir minha vida por completo, né? E aí, assim, né? Meu pai preocupado com minha alma, que não sei o que, aquela coisa... Me deixou levar, né? Só que a convivência dentro de casa ficou difícil, porque eu era *do mundo, a ovelha negra*, né? E aí, tudo... Tipo assim: dava uma coisa pra minha irmã, dava uma coisa pro meu irmão, aí, se eu quisesse, “volta pra igreja, volta pra igreja”, sabe? Por isso que eu fiquei esquecido, sabe? Eu tenho até uma música que fala sobre isso, mas isso aí tá arquivado. Músicas autorais, ninguém escuta as minhas músicas autorais não. Elas são muito pessoais. [risos] São bobagens, mas enfim: aí eu fui, assim, dentro de casa com uma certa independência. Meu pai largou de mão, e eu saía a hora que eu queria, sabe? Eu ganhei liberdade, sabe? Só ficava com um certo receio assim, porque a nossa convivência familiar tava meio estranha. Meu pai queria que eu estivesse na igreja, pra fazer ele feliz. Ele não entendia que a minha liberdade não ia me fazer um criminoso ou uma pessoa do mal, sabe? Velho, eu nunca fui de beber bebida alcoólica porque eu sempre quis ter consciência. A bíblia que ele me deu quando eu tinha sete ou oito anos, eu a lia, porque só tinha aquilo pra ler. Não tinha livros, não tinha nada. A gente não tinha dinheiro. Nem televisão tinha, porque a televisão foi... Era uma preto-e-branco que meu pai deixou num canto da parede falando que era do mal e a gente ficava sem nada em casa. Só tinha um rádio da minha mãe que eu pegava escondido pra escutar algumas músicas, né? Então, assim: era complicado. Só que toda essa dificuldade deixou as vontades minhas muito aguçadas, sabe? E aí, assim: e graças à bíblia, eu tive uma orientação, vamos chamar assim, de *paternal* mesmo, graças a... Vou citar aqui livros como Provérbios, Eclesiastes, sabe? Velho, formou meu caráter, sabe? E eu comecei a entender o valor interior que eu tinha, a postura que eu tinha, o valor do caráter, dos preceitos, e aí, nunca me envolvi em coisas assim, tão errôneas, porque eu já sabia das consequências graças a esses ensinamentos, né? Sonhei muito com as histórias de Davi e de Sansão... De Davi principalmente, que Davi foi um bastardo, foi uma pessoa que era um zero à esquerda na sociedade judaica e Deus falou assim: “ah, é? Só de pirraça, vou fazer a pior pessoa, a pior escória, ser rei”. E Ele fez, né? Que Deus é Deus, e fim de papo. E aí, tive uma instrução muito boa. O lado bom foi esse: foi eu ter conhecido a bíblia, né? E ter lido da forma como eu precisava ler, sabe? Porque, se uma pessoa explicar uma ideia baseada na bíblia, ela pode pegar coisas e usar de acordo com a sua intenção, né? Então, as interpretações são diversas, mas eu, quando sentia fome do conhecimento, eu buscava as respostas e encontrava. Só que assim: é um manual *sagrado*, né? O *meu manual secreto*. Não era um manual religioso, eu não tinha... A bíblia, pra mim, não tem nada de religiosidade assim, né? Porque o sentido da palavra *religião*, que é *religar*, não tem nada a ver com essas doutrinas assim... Pelo menos eu penso, né? Porque isso é uma questão individual minha. Mas, as religiões têm seu papel fundamental na sociedade, têm sua importância imensa, mas todos nós temos o direito de escolher como queremos viver. E buscar a Deus, também... Deus nos dá o livre-arbítrio pra gente buscar Ele da melhor forma. Então, como um bobo da corte, como uma pessoa incerta e instável e tal assim,

né? Um artista, a gente não gosta da estagnação, né? A gente se incomoda, então, o tempo todo a gente tá buscando coisas novas, a natureza do artista é essa. E aí, foi, né, véi? Seguindo essa cronologia, eu passava, por exemplo, a gente passou a infância no Mercadão ali, sabe? E o Mercadão ali, foi importantíssimo, porque nós ficamos *hominhos* muito rápido, velho. Eu com oito, nove anos, levava pacote de dinheiro dentro da camisa, ia fazer depósitos, sabe? Tinha altas responsabilidades, véi. Trabalhava duro. Ficava no *boxe* sozinho, vendia, comprava, negociava, né? E eu fiquei muito esperto assim. É tanto que minha primeira viagem escondido foi com nove anos, sabe?

P – Rapaz... Risos.

K – Foi. Eu viajei com nove anos. Aí, como é que eu fiz pra viajar: meu tio tinha comprado uma fazenda. Aí, meu primo falou que ia. Eu falei: “eu quero ir também”. Ele falou: “pede seu pai”. Eu falei: “meu pai não vai deixar”. “Pede sua mãe”. Eu falei: “minha mãe não vai”. Aí eu falei: “perai que eu vou ver”. Aí eu comecei a pensar. E aí, eu falei: “já sei!”. Meu pai, como gosta muito de conversar, ainda mais quando é questões da bíblia, ele fica muito entusiasmado, e eu sabia que toda vez que ele tava entusiasmado, e eu pedisse alguma coisa, ele dava. Aí, eu cheguei e falei assim, no meio da conversa: “licença. Papai, mamãe pediu cinco reais”. No valor, cinco cruzeiros, né? Na época... Não, eu não sei se era real ainda. Vamos dizer que era cinco reais. Aí, ele conversando, tal, tirou a mão do bolso, tirou cinco e deu, e nem olhou pra mim, conversando feliz ali, com a pessoa... Só que antes, eu tinha falado assim: “mamãe, deixa eu ir viajar... Deixa eu ir pra roça”. Aí, minha mãe falou assim: “Não. Pede seu pai. Se seu pai deixar...”; aí, eu falei que meu primo ia, que todo mundo ia, né? Tipo assim, né? Num caminhão lá, que a gente pegava, pau-de-arara que a gente pegava lá pra passar perto da fazenda. Aí ela falou: “pede seu pai”. Aí, eu fui pro meu pai e falei: “mamãe pediu cinco reais”. E aí, ele deu. Aí, eu cheguei pra minha mãe e falei: “ó, aqui o dinheiro da passagem”. E fui...

P – Risos.

K – E fui. Foi uns nove, dez anos isso. Fui sábado e cheguei segunda feira, que o dinheiro da passagem parece que era dois e cinquenta pra ir, dois e cinquenta pra voltar. Certo. Cheguei, levei um sermão, velho... Um sermão, sabe? Meu pai passou muita raiva comigo, velho, que eu já fiz muita coisa. Aí, sabe? Levei um sermão, e cada vez ia deixando de mão, largando de mão, me dando mais liberdade, né? Entregando a Deus. E cada vez que eles me deixavam de mão, eu ficava mais assustado, porém, aí eu buscava mais a Deus pra ter uma segurança. Ó pra você ver, que engraçado...

P – E ele nem imaginava, né?

K – E eles não imaginavam, porque achavam que buscar a Deus tava dentro da igreja ali, a religião, certo, né?

P – Arran... eles achavam que você tava se perdendo, quando na verdade, tava construindo a sua estrada, justamente onde ele queria. Não exatamente, mas mais ou menos onde ele queria.

K – Justamente. Aí, aconteceu um incidente, assim, quando eu já tinha uns quinze pra dezesseis anos, aconteceu um incidente que eu planejei... Eu mais uns meninos planejamos uma coisa que deu até polícia, né? Aí, quando a polícia bateu na casa dos meninos, e eu fiquei sabendo, eu já

peguei a bike e já ficava o dia todo fora de casa. E a polícia foi lá, bateu na porta, avisou meu pai, avisou a minha mãe, e aí... “ele é o chefe da quadrilha”...

P – Moss... Risos.

K – “Se ele não tiver aqui...”. O pior que, na verdade, eu organizava as coisas, né? “você vai fazer isso, você vai fazer isso”, tal... Só que, em vias de fato, eu não agi. Eu só... Todas as dúvidas pra fazer, eu tirei da galera e tal, aquela coisa. Aí, teve um dia que meu pai falou assim... Eu cheguei, né? Bem tarde, de noite, ele: “não saia, que amanhã a polícia vai passar aqui tal horas, e eu dei a palavra que você ia tar aqui”. Aí, eu: “isso né comigo não, né comigo não”. Ele falou: “não saia”. Eu: “tá bom, pai”. Aí, a polícia civil veio, nós fomos à delegacia... Só que antes de pegar o outro coleguinha, eu já tinha passado pra todos, antes do acontecido, já tinha passado pra todos o álibi, entendeu? O álibi que nós tínhamos.

P – Pra não entrar em contradição.

K – Isso. E não entrou nada em contradição. Nada. Sabe? Tudo o que o outro, que tava preso, falou, foi confirmado comigo, fez a acareação, sabe? E aí, “cadê o seu documento?”; Eu falei: “ficou em casa”. Ele falou: “eu sei que ficou em casa. Eu sei”. Sabe? Se meu documento estivesse lá, ele ia me registrar, né? Não me fichou em nada assim, eu só passei as informações como inocente, né? E, por causa do álibi que eu tinha preparado antes com os outros, encaixou tudo certo. Tanto que me liberou no mesmo dia, eu só fui prestar depoimento, e o outro foi liberado também. E aí, cada pai pagou o que tava devido porque recebemos os produtos e já passamos pra outros. Risos. E aí, assim, né? Coisa de criança, velho. Coisa de adolescente. Que ninguém é besta de ficar com essas coisas. E aí, beleza: nossos pais assumiram os valores... Eu falei pro meu pai que ia procurar outro suspeito que tava envolvido e tal... Suspeito não: outro envolvido com a outra pessoa que saiu comigo, que tinha saído no mesmo dia. Eu falei: “vamos lá, a gente acha”. “bora”. Só que eu falei isso porque meu pai falou num tom de voz que se eu fosse com ele, eu ia ganhar uma surra de rachar quando chegasse em casa. Eu sabia que se passasse a vontade, meu pai não batia mais. Aí, eu fui chegar lá por perto da meia noite. E aí, assim: esse acontecido fez com que a gente se aproximasse mais, né? Meus pais começaram a entender que o filho tava muito ausente deles. Eles não sabendo que essa experiência que eu tive, com esses coleguinhas, antes de acontecer, eu falei pra eles que poderia acontecer e que aconteceu. Quando aconteceu, alguns pararam de vez, igual eu que, tipo assim, eu falei: “tá vendo, gente? Olha a consequência do ato”, né? Aí, uns pararam de vez, entenderam que realmente eu tinha a razão, porque fica aquela euforia: “bora fazer, bora fazer, vai ser bom, vai ser massa”. Entenderam. Eu só fiz dar a ideia, né? Fiz a ideia, articulei, mas eu não participei e aí... Eu já não queria participar mesmo. Já sabia das consequências, e o pior, que veio. A miséria. E outros continuaram, inclusive, por pouco tempo eles já foram mortos por Feitosa, né? Eles começaram a puxar carro e já foram mortos rapidamente. Feitosa, naquela época, a gente morria de medo de andar na rua em grupo, porque a D-20 passava e não perguntava o porquê não sabe? E os comerciantes sempre apontavam quem eram os... Os comerciantes, cê sabe como é que é, né? Aquela época era uma época muito perigosa que não tinha “quem foi, quem deixou de fazer”, sabe? Era tudo por debaixo do pano. E aí, meus pais se aproximaram mais de mim, eu deles também, as coisas começaram a ficar mais flexíveis. Aí, tudo bem: eu fiquei assim: falei: “poxa, eu não vou magoar meus pais. Eu não vou dar trabalho pra eles”. Eu fiquei no meu canto. Parei de estudar, fiquei no cantinho. Aí, eu ficava ouvindo música, né? Aí, teve uma vez que um amigo meu chegou

lá na porta de casa e falou assim... Lembro até hoje. A gente se encontra, velho, é uns abraços fortes assim... É massa. Grande meu brother. Aí ele chegou lá em casa com um violãozinho, ele e mais outro. Falei: “meu pai tem um violão, velho”. Aí, ele: “é? Deixa eu ver”, aí fui lá pegar. Quando peguei o Di Giorgio com aquele bojo, né? Aquele som... Ele falou: “que violão massa, velho! Você não toca não?”; Eu falei: “eu não, velho”. Ele: “moço, cê podia tocar”. Eu falei: “Não, toco não. Meu pai não deixa eu tocar música do mundo nesse violão não, que meu pai é evangélico” assim, né? Aí ele: “ah, tá certo”. Só que aí, ele falou: “ó, a gente vai bater uma viola hoje à noite. Vá lá. Vá lá bater com a gente. Leva o violão do seu pai. Vê se você pega escondido”. Aí, eu falei: “meu pai viaja... Ele vai pegar feira toda quinta feira”. Meu pai viajava umas oito da noite, e aí eu tava livre. Aí, eu peguei o violão e descí. Velho, descí. Aí a gente começou lá. O violão lá, eles tocando e tal, né? Aquela coisa. De repente, aparece duas garotas. Pra que, velho?

P – Risos.

K – E elas admirando esse amigo meu tocando, né? Meu coração disparou, velho. Mas disparou de um jeito, cheguei em casa... E eu falei: “que nota é essa? Isso aqui é o que? Isso aqui é o que?”; No outro dia, peguei minhas economias, que eram pouquíssimas, fui comprar revistinha, e *tchá, tchá, tchá* (simulando o folhear), sabe? Tocando... E aí, meu pai descobriu, pegou as revistas e queimou. Eu falei: “cadê minhas revistas? O senhor não pode fazer isso”... Tipo assim: “tenho o direito de escutar”, e ele: “é, cê tem razão. Não posso te obrigar não”. Aí, ele queimou a do Elvis e dos Beatles, né? E aí, eu comprei mais revista e ele saía... Tipo assim: eu ficava no quarto. Quando todo mundo saía, aí eu ligava o... Eu fazia *rolo*, né? E troquei um toca-fita *auto-reverse*, aqueles da Bosch... Ô riqueza, véi. Ficava escutando som lá em casa, quando ninguém tava, escutava e tocava violão oito horas por dia, velho. Chegava: “para com isso aí!”, sabe? Era assim, ficava tocando assim, né? E dormia de dia pra tocar de noite. E aí, como meu pai viajava quinta e voltava sábado, e depois ele viajava de madrugada pra pegar a feira domingo, e voltava segunda, eu já sabia os horários que eu tinha pra não atrapalhar ele. E minha mãe liberava. Minha mãe liberava. Minha mãe, gostava que eu ficava de noite porque eu vigiava a casa, né? Então, isso, pra ela, era ótimo. E aí, eu fiz até uma música... Depois, em breve eu vou gravá-la num formato mais popular. E na música, assim, né? Conta muito sobre isso aí. E aí, o que acontece? Eu já ia nessas violadas com meu violão... A galera tocava violão... Eu já ia com uma musicazinha. Tinha uma música dos Beatles e uma música do Elvis. Aí, uma menina chegou pra mim e falou: “cê toca Legião Urbana?”; Pra que... Comprei uma revista do Legião Urbana, e *tchá, tchá, tchá, tchá*... E aí, fui ver que Renato era um poeta, um cara genial, foi um irmão mais velho pra mim, sabe? E aí, esse amigo meu me vendeu uma fita, velho... Nossa! A fita era original, me vendeu por cinco reais. Eu fiquei um mês pra pagar essa fita. O *Unplugged* do Nirvana. Era original, velho. Não sei por que, eu sumi essa fita. E eu só faltei comer a fita, de tanto escutar. E aí, assim: tudo por causa das meninas, né? E eu *tchá, tchá, tchá*, tocando, e aí, pensar que não, a violada começou a ficar mais sofisticada, que tinha eu tocando... Só que assim: só que a galera tocava violão, tocava duas, três, quatro músicas, e eu já tava tocando vinte, sabe? Porque era oito horas por dia ali. Eu “puxa... Me encontrei”, sabe? E as meninas admirando... As meninas que me davam um gás, né? Falava “uau, velho!”. E aí, assim, né? Eu tava numa fase foda. Eu tava numa depressão foda assim, né? Eu tava me achando um nada, porque, às vezes, quando meus pais desabafavam com razão, eu não sabia separar as coisas, né? Então, absorvia tudo aquilo, né? E eu sou uma pessoa... Os psicólogos chamam de *PAS – Pessoas Altamente Sensíveis*. E eu não sabia sobre esse meu perfil, então eu absorvia tudo com muita

intensidade. Seja coisa boa ou coisa ruim. E, pra depois descarregar aquilo era difícil. Eu achava que eu tinha culpa de muitas coisas, então, foi uma fase difícil, e a música chegou na hora certa. Só que eu não imaginava que eu poderia ser artista, porque eu me achava um bosta. Até hoje eu me acho um bosta, mas assim, né? Hoje eu sou um esterco. Hoje eu tenho várias utilidades, sabe?

P – Risos.

K – Mas antes, eu era uma merda humana, sabe? Pra nada. E aí... [...] Aí, comecei a tocar bastante assim, na rua, e aí, já falei pra galera: “velho, vamos montar uma banda?” Só que na minha rua, a turma toda, tava curtindo, naquela época, era mulher, caminhão e axé. O axé tava muito forte, velho.

P – Aí, cê tinha quantos anos, mais ou menos?

K – Rapaz, então, eu acho que foi em 94... Eu acho que eu tinha uns dezessete pra dezoito anos. Comecei a aprender violão. E aí tava muito em alta, né? Na minha rua, todos os amigos eram: mulher, caminhão... Primeiro caminhão, que todo mundo era asilado, cabaço... Caminhão, mulher e música, né? Aí andava com copo de cerveja, querendo ser homem, aquela coisa.

P – Brincando de ser adulto.

K – Isso. E tinha eu, mais esses dois amigos, que faziam uma violada rock n’ rollzinha assim, e todo mundo queria tocar violão, mas ninguém queria ser baterista... Nem sabia o que era um baixo. Só que eu não andava muito com essa turma do axé, do caminhão, ficava mais reservado. Que era uma galera muito escrota, né? Tinha os mais velhos e tal, e aí, beleza. Aí, meu pai começou a melhorar comercialmente, graças a Deus, com muita luta. Meu pai comprou o terreno, no bairro Ibirapuera, aí foi construir a casa, falou: “ó, vamos mudar, sair do aluguel, graças a Deus”. Aí, eu falei: “pô que massa, velho, vamos sair do aluguel, vou ter meu quarto”. Velho, chegamos assim, a casa... Ele bateu lage, né? A casa na terra. Nossa, eu deitei na terra, né? E falei: “meu quarto!”, sabe? Alegria demais, assim. Foi tanto, que na hora que foi botar gesso, eu fiquei muito chateado. Eu falei: “não bota gesso não. A gente já tá acostumado aqui, a gente não recebe visita... A família se afastou da gente por causa da religião, então não recebe mais visita, tá ótimo. Não bota não...” É... Porque tinham umas baratas que subiam na parede e eu pegava feijão e o badoque. Velho, eu me divertia, velho. A barata ficava na parede, eu tomava uma distância nível *hard*, que a distância *easy* não tem graça, entendeu?

P – Ia aumentando a dificuldade.

K – Isso, e eu chegava assim, ó... rapaz, a bicha grávida, gorda. O feijão pegava no meio, fazia um *crack* de Ruffles, que era delicioso. Era o prêmio. Era muito massa, velho. Tipo assim: devido a esse meu isolamento assim, né? Eu fiquei muito tempo trancado no quarto, eu acabei me descobrindo, sabe? E percebi que a solidão era uma companhia de mim pra mim mesmo. Então, eu me diverti demais, velho. Aí eu *pá, pá*, comecei a derrubar, e meu pai “vou botar gesso”... A casa virou um hospital. Cê não podia nem olhar pro gesso que ele sujava. Minha mãe “cuidado com minha cozinha, não sei o que, minha cozinha...” Eu falei: “ah, que agonia de casa!” sabe? Mas quando a casa tava na terra, velho, era uma maravilha, sabe? Aí, “ó uma barata ali. Mata”. Eu falei: “não. Mata não. Deixa ela subir na parede”. Ela subia. Quando ela subia, eu *pá, pá!* E minha mira ficou boa. Aí, beleza, né? Nesse dia, meu pai falou assim, ó... Eu falei pra meu pai: “ó, vou pra São

Paulo. Meu primo foi pra São Paulo, vou pra São Paulo ganhar minha vida”, né? Aí ele: “ó, moço. Não precisa ir não. Eu já fui, cê sabe, já contei as histórias, eu sofri muito, certo? Eu tô me dando bem agora, é hora de você aproveitar. É hora de você curtir a sua vida. Aqui eu vou te dar o que? Esse negócio de música, eu não te dou um real, certo? Num dou um prego. Mas, aqui você come, bebe, dorme, fica à vontade, que aqui você tá em casa. Cê pode correr atrás dos seus sonhos aí, fazer o que cê quer”. Aí eu: “beleza!” Aí, velho, eu falei: “nossa... Um patrocinador”. Verdadeiro *patrocinador*. Tipo assim: meu pai é uma pessoa muito massa, velho. Meu pai é meu herói. Minha mãe, a minha heroína, sabe? Ele já tava bem amadurecido com essa convivência nossa, devido àquele atrito lá, né? E ele já tava entendendo que a minha liberdade é assim, ótima, né? Era o que eu precisava. E aí, o pau quebrou. Moço, aí eu fui correr atrás. Eu fui estudar. Eu falei: “puxa, o que que eu faço”, né? Naquela época tinha Contabilidade e Magistério. Magistério tinha quarenta alunos na sala. Trinta e nove mulheres e um homem viado.

P – Risos.

K – É sério, velho. Eu falei: “vou fazer magistério? Cê é louco? Vão me chamar de viado, e não sei o que...”, eu já sou assim, já tenho essa personalidade assexuada, artista tem essa coisa meio malemolente, né? Nós já somos julgados assim, e tal, e porra, eu sou hétero, velho! É foda. Já falo fino também, aí, é aquela coisa. Aí, “vou não”. Aí, uma amiga, falou assim: “Kessler, tem um...”. Não, Kessler não... Nessa época, *Waguinho*, né? “Waguinho, tem um colégio que eu estudo, que é agropecuário. Você vai estudar técnico agropecuário, e vai se formar na escola”. Eu falei: “uau!”, corri lá, fiz a matrícula, sozinho, tudo me virando sozinho, entrei...

P – Na Agrotécnica...

K – Fui no... Sei lá como se chama... Acelerei minha... Da quinta série à oitava série, acelerei, sabe? Peguei o primeiro grau, e entrei, né? E aí, beleza. Aí, cheguei lá, tímido, inseguro, sabe? Aquela turma lá do outro lado, do Inocoop, tipo assim: Tudo filho de fazendeiro, a maioria, né? E eu lá na minha...3

P – Agrotécnica, né? Verdade.

K – Isso. Agrotécnica. Só que eu já tava casca grossa. Eu era de rua, né? Não comia nada não. Sabia quem era mimado, quem era boca aberta, eu tava muito esperto. E aí, assim: ninguém tirava sarro de mim assim, a torto e a direito não. Ninguém. Nem da rua tirava. E aí, beleza: falei: “ó, prefiro ficar só do que ficar com esses pau no cú aí”. Mas de boa. Só que eu sempre fui um cara... Sempre gostei de respeitar as pessoas. Eu nunca gostei de ser puxa-saco, sabe? Ser amigo de todo mundo. Mas eu respeitava as pessoas, respeitava todo mundo. Por consequência disso, as pessoas viam que eu respeitava, me respeitavam também. Me davam uma moralzinha. Aí, um dia eu levei o violão pro ônibus da Agrotécnica, que o ônibus saía do batalhão e pegava todo mundo e chegava lá na Agrotécnica. Aí, eu fui lá e levei o violão. Pra que, velho? Pronto. Aí matou, velho. Aí fiquei o artista da escola. “traz o violão, traz o violão” e a gente tocava, e fazia a maior resenha. Só que eu não levava direto. Eu levava de vez em quando, né? Pra não enjoar. E aí, beleza. Ninguém ouvia o violão, mas só o fato de o violão tar ali...

P - ...já dava um tchan na coisa.

K – Já dava um tchan. E aí, beleza. A galera começou a me conhecer como artista e tal. Ficou ótimo, porque aí eu não criava atritos à toa. Porque nós, homens, a gente ama competir, pra ver se nosso valor tá acima do outro. Aí beleza, né? Pensa que não, teve um concurso de música chamado *Concurso SIM de Música*, né? Que a UESB promoveu, que era... Ia em todos os colégios, e um artista abria um concurso de música ali, no dia, na semana, os alunos se inscreviam, participavam, e o artista cantava no final, né? Beleza. Todos os colégios... Cada artista foi, e fez um concursinho... cada colégio selecionava seu vencedor. E no final, a UESB ia selecionar quem foi o vencedor. E no dia que teve o nosso, foi Marta Moreno que foi a artista, e aí, eu fui e me inscrevi com *More Than Words*. E aí, cantei: “Saying...”. Tímido que só ele, velho. Quase mijando nas calças, sabe? Uma vergonha da porra assim, né? E foi, aí cantei. E teve outros que cantaram também. No final, eu ganhei esse concurso interno como melhor intérprete. Aí, beleza. Ótimo, todo mundo bateu palma, minha diretora amou assim: “amei o artista, artista da escola”, aí fiquei com uma moralzinha assim... É tanto que eu passei sempre arrastado, né? Passei sempre arrastado. E aí, assim... Ó, moço, eu conheci uma galera da UESB, a galera da UESB fazia umas viagens pra Brasília, eu ficava três quatro dias sem ir pra escola. Meus pais falavam assim: “onde cê tava, velho? Porque não liga pra avisar? A gente fica preocupado”. Aí eu falei: “não, eu tava em Brasília”. Às vezes, sem dinheiro, sem nada. Uma fome miserável. Só que, quando cheguei em Brasília, as músicas da Legião aqui, né? E eu chorando... “Buáá!”. E o pessoal lá, o grupo da esquerda, né? Que eu fiz amigos... E aí, o grupo da esquerda, e eu nem aí pra política. Eu só queria ver Brasília. A arte de Brasília, aquela coisa e tal. E aí, fui algumas vezes assim, né? E aí, beleza: pensar que não, minha diretora chega pra mim e fala assim: avisa a escola toda: “nosso artista ganhou, nosso artista ganhou”. Eu falei: “ganhou o que? Ganhou o que?”; Eu nem sabia, velho... “Você ganhou o concurso!”; Eu falei: “que concurso?”; “Ah, aquele que cê...”; Aí, a UESB selecionou cem alunos pra escolher um. O novo artista. Aí, marcou a data, no Centro de Cultura, quatorze artistas da cidade, com o décimo quinto, o novo artista, que era eu. Isso, acho que foi 98, por aí, né? Aí, eu considero isso como um batismo, sabe? Da minha entrada no mundo artístico, né? E aí, o Centro de Cultura lotado, e aí eu cantei *Fake Plastic Trees*, né? “Her green plastic watering can...”; Aí, lá eu conheci PP, conheci Lucinho... E eu já babava nos caras, porque eu ia pra micareta escondido, e os caras em cima dos trioção tocando... Porra, véi! “Os caras devem pegar mulher demais, meu Deus, esses caras devem comer a rodo. E quem sou eu pra conhecer esses caras...”, porque eu conhecia todo mundo graças aos rádio. 96 FM, todas as rádios faziam links ao vivo... Eu conhecia Fabinho DJ, aquele David Reverendo, que hoje tá lá na Chapada Diamantina. Todas as figuras de Conquista, Massinha, eu conheci através do rádio. Depois, eu fui ser amigo dessa galera... Maciel Júnior, Miguel Côrtes... Eu falei> “porra, velho, eu tô no céu. Eu tô conhecendo essa galera que eu admirava pelo rádio. Que maravilha!” E aí, eu fui lá e... Depois fiz o show. Aí, conheci Juninho, todo mundo, e quem tava lá no meio, batendo resenha, era Boquinha. Ricardo Boquinha. Aí, Ricardo falou: “velho, você canta demais, velho! Bora montar uma banda!”; Eu falei: “bora! Eu tô louco atrás dessa de montar uma banda. Bora!”; Aí, ele: “vou te apresentar uma galera”. Aí, me apresentou Formigão e Ronny... Ronny que vende calcinha, que tem um Marshall JM800. Único de Conquista, eu acho... Cê conhece, né?

P – Rapaz, não sei, velho.

K – Ronny, ele é amigo do meu pai, ele vende confecções, pegava feira também. Aí, ele começou a fabricar calcinha. Ali na Rio-Bahia, subindo ali, Guarani, sabe? Ele é roqueirão, velho. Ele tocava

bateria, na época do **Beatriz Beach Band**, sabe? Na época Niel ali... 89, 87, 90, sabe? E aí, ele, Formigão, Boquinha. Aí, Boquinha falou assim: “velho, você precisa de um violão bom”. Que Boquinha é muito negociante, sabe? E aí, ele me mostrou um Fender *made in Taiwan*... Ele falou assim: “esse violão aqui é bom pra...”; Ele queria me vender o violão. E ele usou todo esse argumento e a minha vontade de ter uma banda... E eu falei: “claro que eu preciso de um violão. Preciso mesmo”. E aí, meu pai e minha mãe, me prometeu um guarda-roupa... Eu falei pro meu pai, falei pra minha mãe: “ó, minhas roupas eu deixo no chão de boa, numa mala, numa mochila, certo? Eu não ligo. Agora, o dinheiro do guarda-roupa, eu vou querer um violão, já tenho aqui...”; Aí, meu pai: “tem certeza?”; Eu falei: “claro que eu tenho certeza. Eu durmo...” Eu sou muito desapegado, né? E aí, comprei esse violão, né? Que é esse Fender que você conhece, que tá aqui até hoje. Já tem vinte e um anos, ou vinte e um anos. Foi em 98 ou 99. Foi em 99, que comprei esse violão. E aí, fizemos um ensaio só. Eu, voz e violão, Boquinha, guitarra, Formigão, baixo, e Ronny na bateria. Beleza. Fizemos um som. Uma vez só. Só foi um ensaio só, e não aconteceu... Assim: eu mais Formigão, a gente preparou repertório, sabe? E eu empolgado com essa banda e tal, e não aconteceu. Aí, eu fiquei frustrado...

P – A banda tinha nome, não?

K – Não, porque ia ser a primeira reunião. Aí, acho que Boquinha foi trabalhar com outras coisas, e Ronny com a fábrica... Todo mundo com seus compromissos, sabe? E aí, não deu certo. Eu ia na loja de Formigão direto. Preparar repertório e tal... E aí, não deu certo. Só teve esse ensaio. Beleza. Aí, eu fui buscando contatos. Aí, tinha um amigo meu que tinha um game ali na 10 de Novembro, e aí, lá eu conheci Shanel. Shanel tem muitas histórias boas pra contar. E aí, Shanel falou que tocava bateria, e tinha um amigo dele lá no Inocoop, Davi, que tocava baixo. Eu falei: “velho, vamos conversar com Davi e fazer isso acontecer?”; “bora!”. E aí, eu chegava no game a pé, do Ibirapuera até a 10 de Novembro, com o violão na mão, e eu mais Shanel. Shanel ia com a baqueta e um pratinho... Não, o prato era de Davi. Shanel ia com a baqueta pra tirar onda, ficava rodando assim né? Coisa de adolescente...

P – Sim. Risos. Baterista adora fazer isso, né? Tinha uma galera que ia pros shows com a baqueta só pra ficar girando. Risos.

K – É. E aí, velho, a gente ia até no Inocoop, na antiga saída da UESB, na casa de Davi fazer um som. E Davi um cara muito gente fina, muito de boa, gostava muito de reggae. E Davi aceitou tocar baixo, e a gente ensaiar na casa dele. E Davi ensaiava com Junão. Risos. Junão era meu vizinho na época que a gente era moleque, só que a gente não se batia. A gente foi se encontrar através da música. E Aí, a gente começou a ensaiar. E na época, a gente fez uma participação num festival do São Tarcísio, e o nome da banda... Eu já tinha vários nomes pra banda. O nome da banda era Parrázio. Já, antes da Parrázio, né? Era eu, Shanel e Davi. E aí, a gente foi lá e tocou nesse festival. Aí, eu conheci Robson, conheci Lucas, conheci outra galera, sabe? Só que aí não durou muito tempo. A gente fez esse show... Foi o único show que a gente fez e o pessoal gostou e tal assim, o pessoal... Beleza. Aí, Davi não pôde mais, foi estudar, foi fazer faculdade... Aí, eu fiquei caçando gente pra tocar, né? Falei: “porra, véi... Tô querendo tocar, tô querendo tocar”, e tal... E ansioso. E aí, quando foi em 2000, na véspera de 2000, eu chamei um amigo, a gente conversando, batendo resenha... “Porra, véi, um amigo meu que é rico, que tem internet, ficou sabendo que o Pink Floyd vai fazer um show em Machu Picchu, véi! Porra, que viagem”; Eu falei: “é mesmo? Velho, vamo?”;

“vamo!”. Aí tinha uns quatro que toparam. Quatro não, seis que toparam. Lá na Agrotécnica. “Vamo?”; “Vamo!”; “Vamo!”; “Bora! A gente pega as mochilas e desce”. No final, só sobrou dois. Eu mais o meu brother. **Guaperi**. Aí a gente juntou um dinheirinho, pegou um violão velho e foi, véi. Desceu pra lá. A gente chegou na Bolívia, sabe? Pegamos carona, dormimos na rua, sabe? Passamos um aperto, chegamos na Bolívia, em Puerto Suárez. Chegando em Corumbá, no Pantanal, você vai pegar a cidade de Puerto Suárez, depois você vai pra Santa Cruz de la **Cierda**, onde o trem, o **Ferrocarril da Muerte** sai. Antigamente saía sabe de onde? De Campinas. E a gente foi pra Campinas achando que o trem saía de lá. Antigamente saía, mas Fernando Henrique foi lá e privatizou tudo, e acabou essa linha de pessoas de trem... Uma merda, véi. Porque era uma coisa muito nostálgica, muito boa pra população, né? Hoje nós temos uma malha ferroviária, uma das maiores do mundo, sabe? Sendo que não tá sendo utilizada pela população, sabe? Só pra carregar minério pra cima e pra baixo, só que dá pra fazer tudo. Dá pra ter minério, dá pra ter gente, sabe? Dá pra usar. Enfim... E aí, de Campinas, a gente pegou um ônibus clandestino pra ir pra Campo Grande, e a gente passou por um monte de cidade. Campo Grande não tinha trem também, Mato Grosso do Sul. A gente pegou outra linha... Não, só tinha uma linha por dia pra Corumbá. Uma só. E a gente foi lá e teve que pegar o dinheirinho guardado e usar pra isso. Daqui de Conquista pra outros lugares, a gente foi de carona, pegando carona com caminhoneiro, sabe? Dormia em cima da carroceria, lavava os pratos assim, né? A gente fez muita amizade. E chegando lá em Corumbá, antes, de Campo Grande, a gente pegou esse ônibus, essa linha velha, e um momento que não esqueço até hoje, véi: o ônibus naquela época, os carros pegavam balsa no Rio Paraguai pra atravessar. Uma hora de travessia. Todos os carros. E eu me lembro que naquela época eu já tava vendo os pilares da ponte sendo construída, né? Que hoje, cê passa pela ponte. E aí, eu sentei assim, na borda da balsa, peguei minha gaita e cantei: “lá vai uma chalana / bem longe se vai...” Porque eu sempre escutei de tudo, véi, sabe? Só que naquela época eu queria ser roqueiro, eu queria ser *grunge*, né? Eu tenho um conceito, então a gente fazia aquela cara de triste, né? Mas eu escutava de tudo. E aí, eu saí assim, né? Cantando *Chalana* e apreciando o Rio Paraguai e atravessamos a balsa. Foi lindo. Foi massa. E aí, chegamos em Corumbá. Corumbá, uma cidade perigosíssima, porque é dominada pelo tráfico, né? O tráfico no atacado. E aí, qualquer pessoa que chega lá, se não for turista é suspeito, então a gente ficou muito assustado, um pouco assustado, mas nós dormimos num hotelzinho fuleiro lá... Num hotel não: numa pousada, na casa de uma mulher, que era pousada. E depois, no outro dia... Só um parêntese aqui: Corumbá é um ovo, véi. E tinha baldeação de ônibus, véi. Baldeação. Conquista, desse tamanho, não tem baldeação. Cê tem que pegar um ônibus, pagar uma passagem do ponto final, pra pagar outra... Então, lá, assim: cê pegava um ônibus e entrava na rodoviáriazinha, e pegava outro ônibus, se você quisesse, ia embora... Cê não pagava duas passagens. Cê pagava uma. Aí, eu falei: “ó que sacanagem, véi. Porra, na moral...”; E quem pega ônibus, véi, quem fica cheirando peido dos outros obrigatório é pobre, véi. É estudante, sabe?

P – Risos.

K – Pelo amor de Deus, véi. É ridículo. Não tem condições uma coisa dessa não. Assim, né? As visões políticas que a gente tem assim, pras pessoas menos favorecidas, sabe? Porque a pessoa sai, véi... Eu tô falando, porque nós fomos muito pobres. A gente contava o dinheiro. Eu falei pro meu pai. Eu falei... A gente morava lá num bairro perto da rodoviária, Kadija, eu falei pro meu pai: “vamos mudar lá pro Ibirapuera, lá pra cima, bairro Brasil, porque lá a gente vai a pé pro Mercado e não gasta mais dinheiro com ônibus”. Foi assim. Eu criança, consegui convencer meu pai pra

mudar. Senão, “não, aqui tá bom, aqui tá bom”. Aí a gente mudou, e nunca mais gastamos dinheiro com ônibus. É tudo na perna. Tudo na perna, sabe? *Pernas pra que te quero*. Aí, senão, a gente ia falar só com dinheiro de ônibus, que era uns [inaudível]... Enfim, né? E aí, chegamos em Puerto Suárez, esse meu brother ligou pra esse amigo rico dele, que tinha internet, que naquela época só rico que tinha internet. Muita gente pingada, mas tinha. E aí, ele falou que o Pink Floyd tinha cancelado o show porque ia abalar as estruturas de Machu Picchu.

P – Porra, véi...

K – Aí, eu gelei, véi. Aí, eu gelei. Eu falei: “ô, Machu Picchu tá aí há séculos, entendeu? Eu posso voltar a qualquer hora. Agora Machu Picchu e Pink Floyd juntos ia ser uma coisa...” Na virada do ano, sabe? Ia ser uma coisa única. Eu ia lavar prato lá, eu ia varrer chão pra comer, eu ia fazer o que for. Mas seu eu visse David Gilmour, os caras assim, ia ser uma mística, velho... E aí, a gente voltou. Quando a gente voltou, a gente pediu... Cada um pediu aos seus pais um dinheiro pra voltar... Risos... Desanimado, aí nós pegamos um ônibus, fomos voltamos, chegamos a Campo Grande, aí pegamos o ônibus pra Goiás, de Goiás, a gente pegou Brasília, Bahia e viemos. A volta sempre é triste. A volta sempre é triste.

P – Ainda mais depois desse quebra aí. Risos.

K – Pois é, moço. E meu pai, no telefone, chorando... “ô meu filho... Cê não precisa disso”. Eu falei: “ô, meu pai, isso aqui, eu tô me descobrindo. Eu não tô passando aperto não. Isso aqui é uma experiência”. Todo mundo que chegava, eu falava assim: “que que você é?” “eu sou músico, poeta, eu escrevo poesias, eu... Cê quer uma poesia? Quer comprar uma poesia na minha mão?”, tal... A gente tava se descobrindo como artista, na cara dura. A gente dormiu cinco dias na beirada da rodoviária de Campinas... Velho, a gente dormia com os traficantes, velho, da noite. A gente ficava batendo resenha três da manhã, quatro da manhã com os caras. A gente comia no mesmo albergue que traficante, bandido, ladrão, pagador de promessa, todo mudo fazia. A gente pegou essa trilha. A trilha dos ratos, sabe? Só que a gente tava tendo ali uma experiência. Meu brother fazia trampo e tal... Quando a gente chegou no colégio, a gente chegou muito respeitado, velho. A gente veio com muita coisa. Eu trouxe folha de cocaína... Folha de coca, né? Cocaína é pronta. Trouxe colete de lhama, Eu tenho até hoje esse colete. Moedas da Bolívia, cartão postal, eu mandei pra todo mundo, pra provar que eu tava lá. Sabe aquela coisa de adolescente querendo dizer... Adolescente assim: Eu tinha meus dezenove, vinte anos, sei lá. Acho que uns vinte anos, mas eu tive uma infância tardia. Então, assim: essa fase minha, é uma fase de eu viver mesmo, né? E aí, beleza. A gente voltou e tal, aquela coisa, a gente formou em 2000 e aí, eu lembro até hoje, que na formatura, eu peguei o canudo, e falei assim: “velho, tá tendo um show do Zeca Baleiro na AABB. Eu vou pra lá, velho”. Aí, eu fui com o violão na mão mais um colega meu, que se formou também, né? E eu fiquei na porta assim, da AABB... Você conhece o ginásio da AABB, né? Na porta do ginásio da AABB eu fiquei debaixo de chuva com o violão na mão, assim. E assistindo o Zeca Baleiro pela fresta. Eu falei: “aqui tá show, velho. Eu tô acostumado a tomar banho de chuva desde moleque, brincando de bola. Isso aqui é um camarote”. E eu fechando um olho pra ver o outro, né? E aí, o produtor tava na porta, porque ele que vendia os ingressos. Ele ficou com pena, velho. “Entra aí!”. Aí, eu falei: “vou chamar um amigo meu”. Aí, chamei esse amigo, e a gente entrou. Velho, fiquei batendo papo com Zeca Baleiro, e ele dando... Que Zeca Baleiro é viado, cê sabe, né? Tipo assim, com todo o respeito, né? Mas assim: e eu mais ele batendo papo e a gente assim, né? Na maior

intimidade, e ele dando autógrafo pra galera, e ele: “pô, Kessler, não tem um lugar...” Kessler não. Nessa época ainda era Waguinho ainda.

P – Risos

K – Ainda era. “Ô Waguinho, não...”; Eu andava com o nome *Waguinho* no violão assim... “Ô, Waguinho, não tem nada aqui aberto não?”; Eu falei: “essa hora não tem nada aberto, velho. Nada. Domingo aqui é um paradeiro”. Ele: “poxa, que pena. Se tivesse a gente ia curtir a noite de Conquista”. Eu falei: “pois é, a gente ia mesmo, com o maior prazer”. E aí, assim, né? Foi tão engraçado que quando ele foi tocar na Chapada Diamantina, um amigo meu que tava na festa, nesse show dele, e a gente se encontrou lá, ele foi pegar o autógrafo de Zeca Baleiro, e Zeca Baleiro perguntou por mim. “Cadê aquele seu amigo?”; Ele: “Ô, velho, não pôde vir não”; “Manda um abraço a ele”; “Ah, tá bom, eu mando”. Ficou uma amizade legal assim, né? Porque eu sou muito nega do leite quando eu quero, né? Quando eu quero, sai de baixo. Quando eu não quero, eu fico fechado. Aí, dessa época aí, aqui perto de casa, Ronny, do Dezoito 21, tava montando a banda, e aí, como eu era vizinho dele aqui, a gente batia uma violada de vez em quando aqui, né? E tal, Aí, Ronny montou a banda, e aí, me convidou pra ser guitarra base. Aí, eu falei assim pra ele: “velho, eu não vou cantar. Só vou fazer guitarra base”. Deixei bem claro: “não vou cantar”. Eu deixei bem claro, pra não haver atrito, certo? Porque eu sabia do meu potencial como vocalista, e eu não queria atrapalhar o projeto dos outros. Beleza. Aí, lá eu conheci Lucas, tinha outro baterista lá que eu não me lembro o nome, mas ra um baterista que furava pele. Batia muito forte na bateria. Estourava pele... Baquetas, velho... Baqueta a gente guardava pra fazer fogueira, que o cara batia muito forte. Era gente fina. É gente fina ainda, né? [...] Ronny chamou Jack. Jack falou: “chama Lucas!”. Aí, chamou Lucas, e aí, Sú era crente. Sú naquela época tinha acabado com a banda dele mais Lucas, que era Suburbanos, e virou crente, do nada. Só que aí, ele foi ver um ensaio da gente e já tava meio que saindo da igreja, eu acho, né? E aí, esse baterista que quebrava baquetas, esse baterista tava tocando. Só que aí, a gente fez uma festa no Casa Blanca. Eu, Lucas, Sú... Eu na guitarra base, Jack na guitarra solo, e Lucas no baixo, e esse baterista. E Ronny no vocal. E aí, a gente fez as camisas e tudo, aquela coisa, e aí a festa foi massa. Só que eu era uma pessoa difícil de lidar, sabe? Eu era uma pessoa complicada. Qualquer coisinha, eu me irritava, eu interpretava mal, eu dava coice, sabe? E eu ficava muito embolado ali...

P – Ah, eu sei bem como é. Risos. Eu também sempre fui assim. Risos.

K – Pois é... Tipo assim, né? Eu levei muito tempo pra amadurecer, porque eu tava ainda em formação existencial, sabe? Assim, né? Eu ainda não sabia como lidar com as coisas. Eu criei muito atrito. Aí, teve essa festa... Eu quase brigava com o baterista, eu não sabia dizer as coisas, o meu tom de voz, muitas vezes era agressivo, e eu achava que isso não era problema... Eu fui aprendendo com o tempo. Aí, beleza. A festa foi maravilhosa, foi muito boa, os amigos foram, sabe? Aí, a banda foi fazer um show no Centro de Cultura. E esse baterista não pôde ir, e aí, a gente foi lá e chamou Sú. Ou esse baterista começou a dar meio que rabichola por causa do trabalho dele, aí Lucas e Jack falou: “chama Sú, chama Sú, Chama Sú”. Aí, Sú doido pra tocar de novo, foi lá e entrou. Aí, teve um dia que Ronny chegou e tava cantando e eu lá todo introspectivo, sério, né? Todo sério, lá tocando minha base direitinho, né? Fazia minhas bases direitinho, e aí ele: “Waguinho, canta essa aqui”. Eu lembro até hoje. Foi *Have You Ever Seen’ The Rain*. Pra que,

velho? Fui cantar, aí os caras: “porra, velho! Esse cara canta demais, cê é doido, não sei o que, não sei o que...”; Aí, fodeu. Criou-se um ambiente assim, meio chato, né? E aí...

P – Na Dezoito 21, né?

K – Na Dezoito 21. Foi. Como era inevitável, porque a galera começou a aticar, né? “Deixa Waguinho cantar essa. Deixa Waguinho cantar essa. Cantar aquela”. Aí, eu comecei a cantar algumas. E eu comecei a falhar alguns ensaios, que eram de manhã, e eu sempre gostei de trabalhar à noite, né? Era de manhã e eu... “Ah, não dá não. Irresponsável, vai ter que sair, tal, não sei o que”, aí eu fui lá e saí. Quando eu saí, eu não sei o que aconteceu lá também, a banda não continuou. Aí, Lucas saiu, Jack saiu, depois Sú saiu, e aí, eles me chamaram, os três me chamaram, e falou: “vamo montar uma banda”; eu falei: “bora!”; Aí, a gente se reuniu – lembro até hoje – no game de Sú, a gente montou a banda, a gente continuou sendo amigo de Ronny ainda e tal, não sei o que, né? Que teve outras coisas lá também, que ficaram difíceis lá pra Ronny também, que parece que Ronny teve que viajar, e tal... Aí, a gente foi e fez a banda, montou a banda e foi escolher o nome. Aí, o nome, tipo assim: banda é aquela coisa democrática, né, véi? Democrática e tal... Foi escolher o nome, aí, beleza. Todo mundo sugeriu um nome. Acho que Sú sugeriu *Outono*, Lucas sugeriu *Mary Jane*, e eu sugeri *Parrázio*, né? Que eu já tinha *Parrázio*. Eu tinha um sonho que seria *Parrázio*, um nome azedo, doido, mas que as pessoas iam lembrar, por causa da contradição, né? E aí, a gente faz um sorteio, e quem ganha é Lucas. Aí, Lucas fica: “he he...”; Lucas não tava nem aí, velhos. Lucas queria tocar metal, velho. Lucas não tava nem aí. Aí eu falei: “velho, cê não tá nem aí, cê ganhou... *Mary Jane*... Quem fuma maconha aqui? Ninguém! Porra!”; Sabe? Falei: “é porque essa merda dessa democracia, essa votação, isso é chato. A coisa artística tem que prevalecer”. Aí, eu cheguei pra Sú e pra Jack e falei: “Jack, Sú, vocês me autorizam a comprar o nome na mão de Lucas? “sim!”. Aí, eu fui na casa de Lucas: “Lucas, cê quer vender o direito do seu nome?”; Aí, ele... Eu falei: “quanto cê quer?”; Aí ele: “rapaz, me dá um *memory card*”...

P – Risos. De Playstation.

K – Memory Card, de Playstation, do Super Nintendo.

P – Ah, tinha?

K – Aí, eu comprei um Memory Card do Super Nintendo, né? E aí, fiz um documento pra todo mundo assinar, que os direitos eram meus, né? E aí, eu fui lá e botei Parrázio. Fui no fórum, registrei, reconheci firma, gastei um dinheiro... Velho, 100 reais era muito naquela época. Mas eu registrei, assim, né? Registrei com aquela paixão de que a coisa tem que ser artística. E aí, a gente começou a ensaiar, e aí o nome passou a ser oficialmente Parrázio, né? E aí, a gente começou a ensaiar no quintal da casa da tia de Sú, e na casa de um amigo nosso também, que a gente ensaiava lá. Aí, Lucas conhecia Breno. Lucas conhece Breno, já foi, véi. Metal, metal, metal... E aí, “vamo alugar um lugar pra gente ensaiar as duas bandas”. Aí, quando a gente fechou o compromisso, a banda de Breno não deu certo. Breno, acho que viajou, foi trabalhar não sei aonde... E eu, tipo assim: a Parrázio, a gente alugou a garagem de dona Branca, e eu assumi, peguei o dinheirinho que eu tinha e comprei caixa de ovo, comprei cola, sabe? Paguei o primeiro mês, e falei: “como é que a gente vai agora gerar esse custo aqui”, né? E aí, a gente começou... Sú falou assim: “bora...”. Rapaz, eu falei assim: “vamo dividir aqui o aluguel. Eu assumo se vocês não puderem pagar tudo, eu pago sozinho, porque minha mãe me dá o dinheiro do almoço, e aí eu como alguma coisa em

casa, pego o dinheiro do almoço, junto e dá pra pagar”, que era cinquenta por mês. Mas, o que vocês puderem, dá, velho. E aí, a gente assumiu: Eu, Sú, Jack e Lucas. Lucas não podia, não trabalhava, só estudava, e aí, pensar que não, começou a aparecer, pessoal começou a encostar lá, pra poder ver os nossos ensaios. E ficou, começou a ficar famoso o, a garagem da Parrázio, né? E começou a aparecer um monte de banda falando “pelo amor de Deus, velho, deixa a gente ensaiar aqui, pelo amor de Deus”, sabe? Rastejando. E aí, Sú mais Jack: “fala com Waguinho, fala com Waguinho, fala com Waguinho”. Aí, eu falei: “Ó, Sú, eu vou liberar minhas caixas”. Sú tinha uma caixa de baixo boa. Sú liberou as dele também. Sú liberou a caixa dele de baixo, uma caixa que usava tudo, e liberou a bateria. Aí, a gente começou a alugar, acho que cinco reais o ensaio, pra ajudar a pagar o aluguel. Só que aí, velho, ele começou a reclamar: “pô, minha bateria tá ficando surrada”, não sei o que... E aí, ele foi lá e vendeu a bateria dele, vendeu a caixa de baixo dele também, que ele queria... Os caras tavam usando e abusando das coisas dele, e ele não tava ganhando nada. Tinha razão. Aí ele vendeu. Nesse meio tempo, eu consegui um show, com muito custo, no SESC, que foi o maior cachê da história da Parrázio: trezentos reais! E a gente tocou lá. Com esses trezentos reais, eu achei uma bateria pra comprar, comprei a bateria, e a bateria ficou sendo da banda, e botei a bateria lá. Aí, depois que a bateria tava lá, ruim, não era aquela Mapex de Sú, aí, muitas bandas não queria mais ensaiar lá. Sem prato, sem nada. Eu falei: “tragam seus pratos”, e tal... Só que outras bandas queriam... Não faltava banda pra ensaiar. E aí, assim: eu botava um colchão por dentro, os caras ficavam suados, mas tudo felizes que tavam tocando. E ali, ó: Cama de Jornal começou ali, sabe? Ruckson gravou o primeiro disco da Cama de Jornal lá dentro, naquele estúdio, é... Várias bandas velho, tocaram ali...

P – Aquele ali na Urbis III ali, né?

K – Na Urbis II. Isso. Na Urbis II, ali naquele espaçozinho aberto. Várias bandas, muita resenha. Teve uma vez que tinha umas quarenta pessoas ali na frente, só escutando nosso ensaio, véi. Foi viagem. Aí, depois quando Lucas saiu, quando Lucas saiu, a banda perdeu qualidade técnica, harmônica, e aí, chamamos outro baixista, e aí a gente foi indo, foi tocando nos lugares e foi tendo aquela vivência. E aí, em 2004, já tava muito desgastada, sabe? A gente tocou no Agosto de Rock I, Agosto de Rock II, no Agosto de Rock III nós não tocamos, porque limaram a gente. O Agosto de Rock III já não era mais do pessoal. Aí, assim, né? Começou a haver muito oba-oba em cima do movimento, que tava muita gente querendo tirar proveito em cima disso. Inclusive, a própria TV Sudoeste, que fez o Festival de Inverno devido a tanta repercussão que teve esse movimento rock n’ roll. Depois apareceu vocês com a Tomarock, se divertindo ali, e outras tantas bandas e tal, né?

P – Eu acho que a Tomarock até ensaiou no estúdio de vocês alguma vez, eu acho...

K – Pois é, ensaiavam lá e tal, né? Então, assim: sem modéstia nenhuma, a Parrázio foi a mãe do movimento, entendeu? Sem modéstia nenhuma, porque era muita banda, Plácido. A semana toda, sabe? Tinha caras que vinham... Tinham bandas, né? Que nem tocavam, velho... Mas só a alegria de tar ensaiando, sabe? O cara chegava a gaguejar pra mim: “Kekekessler, brigado, véi... Porra, velho...” E eu falava assim: “não deixa o colchão no chão não. Bota em cima da porta, pra não atrapalhar dona Branca”. E a vizinhança gostava muito de mim, porque tudo que eles pediam, eu fazia. Eu saía de casa correndo, Sú me ligava, “corre aqui que...”; Api, resolvia todos os pepinos. Os caras fumando maconha na porta, eu botava pra correr... Falava: “velho, aqui não dá! Aqui não dá. Vai queimar, porra. Nada contra a erva, tem tudo a ver a erva com o som, mas assim: aqui é a

casa de dona Branca, é uma senhora... Eu não quero chamar a polícia pra vocês, velho, porque a gente tá levando nosso trabalho a sério. Isso aqui é uma banda séria, a gente trabalha com isso, a gente vive disso, né?"; E eu vivia exclusivamente disso. Era complicado, mas era apaixonante. Eu me doava mesmo. Era tanto que a gente ficava muito tempo sem tocar, e na hora de tocar, era uma emoção muito reprimida. E aí, descarregava tudo assim, no show. Teve uma época que eu desmaiei assim, né? Eu acho que foi no Agosto de Rock I, não sei. Porque eu tava descarregando muita tensão. É um show, praticamente... Tinham bandas que tocavam uma vez por ano, sabe? E aí, eu corri, fui correr atrás, ficava direto no pé de Gildelson, na prefeitura, direto pra ele fazer um palco rock na micareta... Se eu quisesse ser vereador, seguir carreira política, eu seguiria. Eu recebi muito convite. É porque eu nunca gostei de misturar as coisas. Mas eu recebi muito convite pra ser líder de partido, pra entrar como candidato... E o palco do rock foi graças à minha insistência. Não tô querendo tirar onda. Só tô dizendo que eu fui lá em Gildelson várias e várias vezes. Eu falei: "Gildelson, eu organizo as bandas, todo mundo toca de graça o primeiro ano, mas bota um palcozinho lá, bota um cuzinho lá com som, pra gente fazer o palco rock", entendeu? E aí eu fui, até que um ano, ele foi lá e reuniu Miguel Côrtes, o pessoal lá, né? E fez. Aí, eu nem liguei, né? Eu falei: "pô, véi, eu não vou ficar falando que eu que fiz isso aqui, porque eu não sou político. Se eu fosse político, eu falava que eu que tinha conseguido isso aqui. Mas eu, graças a Deus, a minha ideia virou realidade. Então, eu via o palco do rock na micareta assim, e eu falava: "pô, velho, que massa. Tá sendo realidade. Que lindo!", né? Todo emocionado. Aí, eu saía, eu lembro que eu ficava desabafando com a minha namorada na época, né? Todo emocionado. Eu falava: "pô, velho. Que massa. Tomara que isso cresça". É que não depende só de mim. É um movimento, né? E saía feliz: "Porra, que legal, valeu todo o esforço". E eu batia na porta de Elvis, batia na porta de Massinha, batia na porta de todo mundo. Eu enchi o saco de muita gente. Porque assim: a Parrázio tocava... Teve um ano que a Parrázio tocou doze vezes. Foi a banda que mais tocou, porque eu enchi o saco de muita gente, e eu ficava no pé de Miguel, Miguel me apresentava uma pessoa, e eu ia lá conhecer a pessoa, e tal, aquela coisa... E querendo acontecer, comecei a gravar a música da Parrázio, a rádio 96 começou a dar muita vazão pra gente. A gente ficou com muita moral, graças a muita insistência. Se a pessoa falasse assim: "Kessler, se rasteja aqui, pra você falar comigo", eu me rastejava, véi. Tava nem aí. Falava: "eu tô indo pela música". Foda-se. Eu rastejava e ia. O cara me dava um espaço, o cara me dava isso. E Por exemplo, teve uma entrevista do Diário do Sudoeste, eu falei: "chama essa galera pra entrevistar, porque eu não tô a fim de ser entrevistado não. Eu acho que melhor você entrevistar pessoas que começaram". Tipo assim: Ruckson, tal... Essa galera que vai ser mais rico, né? Passava a bola pra outras pessoas, eu [corte] sabe? Eu acreditava muito no movimento, porque depois que eu deixei de acreditar, não foi que eu deixei de acreditar, foi que eu tava em outra fase. E aí, eu falei: "agora fica pra outra turma". Aí, começou a vir a galera dos autorais, né? Som autoral, nada de cover... E Gil entrou com peito aberto, sabe? E fazendo as coisas, e eu falei: "a minha fase agora é outra: é poética", certo? E depois, mais tarde, eu vou me descobrir como artista autoral, artista solo, né? Quer dizer, artista *sub-solo*, né? E aí, eu comecei.. Não tenho certeza, mas, pelo que eu tenho das pessoas me falando, eu fui o primeiro cantor rock a tocar nos barzinhos, sabe? O pessoal: "o cara que toca Guns... Pelo amor de Deus, que toca Pink Floyd..."; E aí os barzinhos começou a me chamar, porque o pessoal queria ver o repertório rock n' roll. Porque na época só tinha aquele repertório: "Quando penso em você...□"...

P – Djavan...

K – Aquele *cantoria*, né? Era muita cantoria. Era a moda da época. De 85 a 90 e... Era cantoria. E aí, comecei a tocar esse rockzinho. E aí, tô aí até hoje, muito mais eclético do que antes, não é? E, na verdade, eu sou um artista multifacetado, né? Eu fico incomodado com formatos, e meu conceito é *eclético* agora, né? Graças a Deus. O que eu mais me apaixono, igual no Moto Rock que teve, o último, que eu me emocionei mesmo, eu chorei assim, espontaneamente, que o nosso repertório tava todo feito, né? Repertório bem funkeado, muito hard rock assim, muito aquela coisa... E como eu era líder do projeto, porque, pra mim ter liberdade artística, eu tinha que ter a última palavra... Foi por isso que eu senti a necessidade de sair do projeto de banda, né? Porque eu não tinha liberdade artística, né? Era uma assembleia. Eu precisava dessa liberdade artística, e eu aprendi a lidar com a coisa orgânica, de chamar músicos, e isso me enriqueceu mais ainda, porque cada pessoa que eu conhecia, que eu chamava pra tocar comigo vinha com um repertório, vinha com uma áurea... E aí eu segui esse caminho. E aí, no meio do show, eu, sem avisar, sem nada, eu peguei um violão e puxei um Raul, porque eu senti que a galera não tava conectada com a banda. E eu queria essa conexão com o povo, velho. Com o povão, sabe? Com a galera raspa-tacho, sabe? Copo sujo. A galera da resenha. E aí, eu puxei Raul. Quando eu puxei Raul, houve a conexão. Eu falei: “por favor, cantem comigo”; E a galera começou a cantar comigo, sabe/ “enquanto você se esf...”; Pronto! E aí, o repertório, foda-se. E os meus amigos e músicos, eles entendem essa coisa de eu seguir o repertório ou não, sabe? Aí, eu fui no teclado e toquei *Imagine*, e aí a galera cantou comigo: “Imagine all...” O povo assim. Foi o momento mais lindo, velho. E eu falei pra galera: “olha só... Duas, três, quatro notas, mas a música é universal. A música causou sinergia”, certo? E isso é o que mais importa. Tudo tem seu valor: a técnica, a harmonia, os ensaios, tudo tem seu valor, mas se não houver sinergia, pra mim, não funciona. Então, a gente tem que trazer o público e tornarmos um só. Então, seja sertanejo, seja rock, seja o caralho a quatro, eu quero que aquela galera que tá na minha frente durante aquele momento que vai passar e não vai voltar nunca mais, eu quero que ela se encaixe com a gente. Então, assim: eu hoje sou um artista eclético por necessidade artística, sabe? Porque eu vejo a música como um todo, vejo a síntese maior na hora que o público, você consegue chamar a atenção do público e ele participar com você. Então, se eu chegar e tocar aqui um Dream Theater não vai funcionar. Se eu tocar aqui um... vamos tocar aqui, sei lá, qualquer música aqui, não vai funcionar. Vamos tocar uma música que a gente tá percebendo que o público tá querendo. Aí, a gente toca um Raul aqui, o povo gosta, véi. Raul é carimbo, véi. Toca Raul, que dá certo. E aí, assim: pra mim, eu sou um prestador de serviços pras pessoas que me contratarem, então, eu quero que ela se divirtam. Eu quero que elas esqueçam dos [corte] de segunda feira. E isso é o meu auge. Tudo o que eu faço como músico até hoje, qualquer um pode fazer. Pega um violão Strinberg de 500 reais usado, vai no Cifraclub, baixa o aplicativo, afina o violão e pega a cifra... Cê tá fazendo a mesma coisa que eu. A mesma. Só que assim: a sua entrega naquilo que você faz, a sua sensibilidade pra você perceber qual a importância do seu papel, qual a importância do público pra você, seja uma pessoa, seja mil, qual a importância da sinergia naquele momento, que vai passar, aí você vai adquirindo com o tempo, né? Cada um tem seu tempo, né? E eu sou tipo tâmara, sabe? Eu procrastino demais. Eu levo muito tempo pra entender as coisas, mas quando eu entendo, eu mergulho. E já foi, né? Então, graças a Deus, pra resumir, eu sou... E aí, dessa parte, eu tou até hoje. Eu sou artista porque eu recebi o dom divino, sabe? Deus me deu o dom divino de ser artista e esse dom divino vem numa pedra que eu tô lapidando até hoje. Ele falou assim: “ó, o diamante tá aqui, agora lapida, véi”. E eu tô lapidando, com minhas ferramentas, sabe? Eu me realizo no exercício do que eu faço, então, isso pra mim é um sucesso. Eu já recebi várias

propostas pra participar de programas The Voices da vida, sabe? Desde os primeiros. A minha vizinha, que era a Cídia, minha vizinha, que ela admirava muito a Parrázio, ela admirava muito meu trabalho, ela falava: “Kessler, sou sua fã”, e tal, ela foi, todo mundo: “vai, Kessler, vai...”; Eu falei: “eu não acredito nesse tipo de formato, eu não consigo ir. Me desculpa, sabe? Eu prefiro viver no cantinho”. Então, eu escolhi viver no cantinho. Eu não queria esse tipo de sucesso. Sucesso pra mim, é autorrealizar-se como pessoa, e na sua utilidade como ser humano nessa passagem do tempo, né? E aí, agora, as minhas composições, eu ia gravar no formato rock n’ roll. Na hora que eu tava prestes a gravar, eu falei: “Esse formato não vai dar certo. Eu vou perder todo o meu investimento, não vai dar certo, as pessoas vão comprar esse CD por pena na minha mão”. E eu tô fazendo aqui, eu tô sendo *poser*. Eu não sou mais aquele *roqueiro grunge*. Eu tô aqui borbulhando pra explodir musicalmente como um todo, sabe? Eu vou forçar. Eu não quero mais esse formato. E aí, eu fui saindo de mansinho, porque eu tava vendo outras possibilidades. Eu queria o povo, eu queria os barzinhos. E eu toquei muito de graça, eu me expus demais, de tal forma que eu entendi que a escola do barzinho pra mim já deu. Agora eu só tenho uma vitrine, que é o Jack Food, que eu tenho uma parceria muito grande com meu brother, meus brothers proprietários da casa, onde lá eu me sinto artista, sabe? E eles permitem que eu me expresse como artista. Então, eu tenho lá como uma vitrine. Fora, é só festa particular, contratos particulares, que não tem nenhum mais... Risos. Mas aí, eu tô vendendo roupa aqui, eu tô estudando outras coisas. Eu gosto muito de música. Eu gosto muito de ouvir música, então, pra mim ser DJ é só um passo, sabe? Eu tô estudando, porque eu não vou chamar de DJ produtor. Vou chamar de *playteiro*, certo? Porque eu tenho um equipamento aqui, que não vale nada, porque quem compra esse equipamento trabalha com música, entretenimento, tá sem dinheiro, vão querer me oferecer a metade da metade, então, vou pegar esse equipamento, sub-woofers, caixas médias, e aí eu vou trabalhar também como DJ. Eu quero explorar esse meu lado, porque eu amo música, velho. Eu busco músicas de 1800, sabe? Deste as sinfonias... Eu viajo, eu me realizo pesquisando essas coisas. Eu me alimento com isso. Então, assim: eu tenho um projeto autoral, que em breve vai sair, num formato muito popular, voltei muito às minhas raízes, tô escutando muito coisas que eu escutava, que minha família escuta, que meus pais, meus avós foram tocadores de reis, sabe? Tô estudando muito esse universo do reisado. Por incrível que pareça, eu fiz dois documentários sobre reis. Com dois amigos meus. Eles me convidaram pra participar, só que na hora de editar o projeto, eu fiquei como *reles* cinegrafistas.

P – Risos. Tá disponível esses documentários? No YouTube, por exemplo?

K – Eu tenho aqui as cópias, eu vou digitalizar. Um foi do saudoso Edilson Dhio, que faleceu, e ele ganhou um projeto e falou: “Kessler, me salva, velho. Fiquei sabendo que você é cinegrafista e tal...”, que eu trabalhei como cinegrafista cinco anos na TV Local. Cinegrafista, fotógrafo, [corte], um monte de coisa. Só que eu gosto de música, aí ele me deu o conceito, falou: “eu quero que cê grave reisado pra mim”, eu falei: “pode deixar”. E fui gravando. Peguei Natal da Cidade, peguei entrevistas e tal, e peguei a minha linguagem como cinegrafista, como diretor, vamos chamar assim. Só que no projeto, eu sou um cinegrafista qualquer, né? Mas tudo bem. Valeu. Ele me pagou a metade, ficou com a outra metade, então está perdoado, graças a Deus. E teve outro, chamado Dió, que fez o primeiro projeto, que a gente foi junto. Na hora dele colocar o projeto e colocar no edital, eu também virei um mero cinegrafista. Mas a gente foi junto, e eu falei: “velho, tá faltando uma câmera”. Peguei a da minha mãe emprestado, comprei as fitas, a gente viajou quinze dias juntos, pegando os ternos de reis, sabe/ De primeiro de janeiro a seis de janeiro. A gente foi pegando, ó,

aqui na região. Foi muito apaixonante, porque quando eu me entrego, eu me entrego mesmo. Mas aí, eu fiquei como reels cinegrafista, mas tudo bem. O projeto era dele. E eu entendo. Se era dele, ele pode colocar como qualquer coisa. Aí, apareceu um monte de gente lá pra ser diretor de imagem, sabe? Coisa que o edital exige, mas a gente fez sozinho, e Dió é um ótimo editor. A gente fez sozinho, mas pra justificar o edital, eles querem um monte de gente participando. Aí, botou: curadoria, né? Não sei o que, não sei o que... Um bocado de coisa. E aí, eu achei engraçado, né? Mas tudo bem: coisas do cinema, né? Mas, enfim: aí, hoje sou um artista multifacetado, eclético... Hoje, se você me contratar pra tocar, aí você fala: “Kessler, eu quero que você toque pop, rock, reggae, arrocha, axé, sertanejo, funk e vá vestido de Anitta”.

P – Risos

K – Eu vou com o maior prazer porque, assim, né? Você já riu. Nem contratou, já riu. E se eu arrancar um sorriso de alguém, já tá valendo. É tipo assim: tenho essa veia de palhaço, porque eu acho que muitas das vezes, várias pessoas já me disseram que por causa das minhas palhaçadas, o que for, das minhas expressões, elas esqueceram os problemas e começaram a levar esses problemas mais de leve. E eu achei isso aí, a essência mais pura do meu exercício como artista, sabe? Eu falei: “poxa, que lindo, véi”. Plácido, me contratam pra vestir de palhaço e animar criança. Eu vou, velho. É as coisas que eu mais gosto. Já cantei voz e violão em festa de criança, já me contrataram pra cantar gospel, já fui contratado pra tocar baixo em igreja... Eu sou profissional, certo? Você tem que me pagar. Os outros tocam de graça, mas eu... Então assim: moço, dentro de uma religião, existe uma cultura. Porque cultura, vem dos hábitos, né? E eu sou fascinado. Eu gosto de entrar numa cultura e ver como funciona. Como é o linguajar, como é o hábitat daquelas pessoas, e eu me apaixonei pelo hábitat do pentecostal canela de fogo, velho.

P – Risos.

K – Rapaz, cê se arrepiava todo quando vem aqueles forrozão, sabe? “batalha não é batalha... Nanana...”; A igreja pega fogo, velho. Muito melhor que a batista que é mais fria, aquela coisa... “Com Jesus eu irei...” E o pau quebra, e eu no baixo: “tondon dontstondon...”; Velho, meu amigo que me convidou, Diego Pastor na bateria, né? E aí, o pastor líder dessa congregação, que é batista, descobriu que tava tendo canela de fogo, música de fogo lá, e eles não gostam. Aí, tirou esse pastor de lá, né? Tirou. Mas, a comunidade gostava. A comunidade se encontrava no pentecostal. Só que a congregação era batista, e eles não concordam, né? Aí percebeu que tava tendo essa coisa assim, mas eu ganhei um dinheirinho lá, dei minha contribuição, minha oferta também pra ajudar a comunidade, retribuí, mas a cultura cristã é que músico não ganha dinheiro não: músico levita, sabe? Levita. Deve levitar de fome. É tão leve, que deve levitar. Aí, chega um médico lá, um médico pós-graduado, rico, “deixe irmão. Eu que vou tocar a guitarra, porque eu faço por amor”, sabe? “Aquele lá, música na igreja tem que ser de graça, tem que ser doado, porque levita”, sabe? E o coitado do músico lá igual eu, lascado, crentinho, sonhando em viver da própria música, do seu próprio trabalho, “não, tem que ser de graça, irmão, tá?”; Aí, ele é obrigado a tocar de graça lá. Tem que mudar essa cultura. Eu sou contra isso, sabe? Essa postura: cada um com sua igreja, faz o que quiser, mas o músico tem que ser remunerado, e ele tem que trabalhar ali como um zelador trabalha, como o pastor, todo mundo tem que ganhar, porque é uma profissão. E aí, por exemplo: se me contratarem pra tocar gospel, tocar samba, nossa! Samba de roda é um amor. O que for, eu tô dentro, porque eu vivo essa intensidade, tenho o maior respeito pela cultura. Por exemplo, quando

eu comecei a estudar o axé, eu comecei a estudar o porquê, o início da comunidade, os toques de tambores, sabe? O conceito religioso e cultural. Pensar que não, a indústria do axé, os ricão, perceberam que aquela levada era original, começaram a levantar bandas, porque eles começaram a montar blocos e começaram a ganhar dinheiro, e a montar bandas e começaram a ganhar dinheiro, e aí, eles começaram a dominar o mercado e o movimento do axé em Salvador é um dos mais egoístas do Brasil, velho. Não é igual Goiânia, que todo mundo se abraça, todo mundo se ajuda, por isso que o sertanejo tá aí como uma indústria de sucesso, e tem que ser aplaudido, certo? No axé não: *farinha pouca, meu pirão primeiro*. E não é eu quem tá falando: quem tá falando é Gerônimo, é Ninha, é todos os outros que conhecem como é que funciona. Agora tá mudando, porque eles tão se fodendo porque não tem gente nova, velho. Não tem gente nova. Ivete Sangalo é exceção, porque ela tem um coração muito bom, ela é muito altruísta, Luiz Caldas é muito altruísta... Dessas pessoas, cê conta nos dedos, mas você assistiu o documentário *Axé*?

P – Não, não assisti.

K – Depois você assiste. Está na Netflix. Tem partes da história. Eu conheço mais coisas, porque andei pesquisando. Eu ouvi palestras do Durval Lélis, do Luiz Caldas e várias coisas. O dono da Cheiro de Amor, na hora que Márcia Freire foi lançar carreira solo, ele pagou a todas as rádios pra não tocar as músicas dela, velho. Não tocar. E era uma guerra. Bel comprou, eu fiquei sabendo que Bel comprou rádios e outros compraram rádios, e não tocava música da concorrência. Só tocava Chiclete, só tocava isso, só tocava isso, sabe? Era uma briga, sabe? Panela atrás de panela, *farinha pouca, meu pirão primeiro*, e o Axé morrendo porque essas raízes não recebiam ar novo, não recebiam coisas novas, eram tudo deles. Virou uma indústria de quatro mãos. Quem falou isso foi o vocalista da banda que cantava aquela música; “Jeremias...” Não: “Maria Joaquina de Amaral Pereira Góes / Você contribói para o meu viver...”.

P – Ah, era daquela Pimenta N’Ativa...

K – Pimenta N’Ativa. Esqueci o nome dele. Acho que é Marquinho, uma coisa assim. Ele tá vendendo sabe o que hoje? Ele tá vendendo confecções, numa lojinha dele, mais a esposa. Cê acha a entrevista dele no YouTube, pela Record. Cê vai encontrar ele falando: “o axé tá entre quatro mãos aqui, ó...”; Quatro mãos. Se você não tiver nessas mãos, você não cresce. Então, assim: isso é muito ruim, velho. Isso é muito ruim, porque o nosso movimento de rock n’ roll foi muito doado por todos. Todo mundo doava. Por exemplo: no Agosto de Rock II, não sei se você lembra, na reunião que teve com as bandas, que foi no corredor da Panvicon, sabe? Como é o nome dele? Esmon falou assim... Todo mundo falou assim: “gente, bora exigir um cachê maior agora no segundo Agosto de Rock”. “beleza!”. Aí, Esmon chegou naquele argumento que tava tudo mais difícil do que antes, que não sei o que, por causa da estrutura maior, e por causa disso, por causa disso... Os argumentos dele. E como produtor, eu respeito, porque eu já produzi, eu sei como é difícil pra produzir um evento. Ainda mais um festival de três dias, sabe? Aí, eu cheguei pros meninos, eu conversei com a Parrázio o que tinha que conversar antes, falei: “galera, e aí? Vamos aceitar o valor de cem reais? Pra nós, a projeção vai ser muito melhor, e o cachê, assim... Tem custos”, não sei o que. Aí, os meninos aceitaram. Chegou lá na reunião, uns não queria, outros ficou assim: “ah, eu queria um cachê melhor”, aquela coisa... E aí, eu pedi a palavra e falei: “olha só: nós da Parrázio, nós aceitamos esse cachê por causa disso, disso e daquilo. Entendeu? A gente vai de novo apoiar vocês pra continuar com vocês e que vocês continuem com a gente, porque a gente vai

ter projeção, nós vamos levar nosso público com vocês. Nós, se você quiser contar nos dedos, nós vamos levar no mínimo, cinquenta pessoas”; É... Cinquenta não... Falei... Cinquenta foi exagero. Falei vinte pessoas, que a gente ia levar assim, certo, vinte pessoas. E tal, né? “nós vamos levar e tal, não sei o que... E, cada um aqui tem sua opinião e seu direito de escolher. Eu vou por esses motivos. Nós temos, por esse motivo”. E aí, as outras bandas acataram também, do jeito delas assim, né? Porque tinha mais de trezentas bandas querendo tocar também, de graça. E eu sabia que se eu batesse o pé firme ali, eu ia perder a vaga, porque produtor não tá nem aí pra banda não, véi. Produtor tá pro evento. E o evento Agosto de Rock tinha mais nome do que as próprias bandas que levantaram o Agosto, velho, as primeiras não tinham mais nome. E tinha muita gente de fora, de outros estilos querendo tocar, gente de outras cidades mandando... “vamo de graça, vamo de graça, vamo de graça”. E eu já tava percebendo pelos bastidores que tava rolando isso. Aí, beleza: só que no terceiro Agosto de Rock, ó, mudou a direção e a gente saiu fora. Eu achei uma falta de ética não ter colocado a Parrázio na terceira. A gente ia levar nosso público, certo? Se fosse o caso, eu ia falar assim: “o cachê da Parrázio é quanto? Trezentos reais? Quanto é o ingresso? Me dá os ingressos aí, que eu vou vender pra pagar nosso cachê”. Mas não chamaram a gente, sabe? Eu acho que tinha pessoas lá que não iam com a minha cara, certo? Se incomodavam comigo, e depois eu fui ter certeza que sim, e foda-se pra lá também. Foda-se não: que Deus dê sucesso. É melhor desejar o bem, porque esse bem vai voltar pra mim. Eu não sou besta. Mas, se não gostar de mim gratuitamente, aí, não posso fazer nada. E aí, a coisa, no Agosto de Rock II foi mágico. No Agosto de Rock III não foi mágico. Não foi mágico. Não teve sinergia. Foi uma resenha, foi massa e tal, mas em relação de show, as pessoas ficaram esperando aquela banda, a Tijuana, só que, velho, uma superbanda ali, não deu aquele quê de movimento cultural rock n’ roll interno que a gente batia resenha, sabe? Junão não tocou, vocês eu acho que não tocaram, né?

P – Não, eu acho que nessa época eu não tinha nem banda assim, fazendo show não, mas eu fui nos três como público mesmo. E a diferença de astral era gritante mesmo. Do terceiro pros outros dois.

K – Velho, pra manter o mesmo clima, os caras botaram um palco principal e um palco diário pra “atenção bandas que tocam de graça: dá o nome, que vem tocar”. E as bandas vinham tocar ali. Terminava o show do grande, a outra tocava, igual os grandes festivais fazem: um palco pequeno o tempo todo e um palco grande pras atrações principais. Pras bandas que tão começando perceberem que existe uma escala, sabe? Que todo mundo admirava a 1 em Pé 2 Alados, admirava as que começaram... Gratuitamente, todo mundo admirava aquelas que tinham começado. A gente tinha uma reverência pela 1 em Pé 2 Alados, porque eles foram os primeiros a começar. Cê tinha uma mística assim, né, velho? “uau, a 1 em Pé 2 Alados. Bora ver. Uau!”.

P – Era tipo assim: os adultos, né? Os adultos do rock conquistense... Risos.

K – Os adultos. Isso. Aí, o que acontece? E mantinham a paixão... Olha que interessante: as bandas que poderiam tocar de graça tinham que comprar a camisa, velho, pra ajudar. Cê vai tar dentro do evento e vai tocar de graça. Cê quer promover a sua banda? Taí o palco. Não tinha papo melhor que esse, sabe? Mas aí, vendeu pra outra pessoa, e a outra pessoa tinha outra visão, né? Outra visão mais, vamos dizer assim, mais sofisticada, mais cult, né? Só que a essência do Agosto de Rock era o *underground*. Era nós, que carregava bateria nas costas...

P – E atravessava a cidade.

K – Nós, que carregava instrumento dois quilômetros, e ia... Nós, do Ibirapuera, eu, Pel, Junão, Dal, todo mundo, uma resenha da porra, a gente carregando pedaço de pedaço assim, né? Era muito massa, velho. Era muito massa. E aí, vinha novos e vinha novos e aí, e esse movimento se perpetuava, e o Agosto de Rock não perderia o espaço para o Festival de Inverno. Diz as mais línguas, que foi vendido, né? Assim, né? A língua do povo... Eu não sei não. Mas eu não sei de nada: só sei que era uma coisa pra se perpetuar, véi. Pra ser o Recife Rock, o... Como é o nome lá do festival? Do Recife lá que hoje é incrível, né? Mas, enfim: quebrou-se a sinergia, né? Dos que tavam começando e dos que já estavam lá, porque, naturalmente, muita gente já tocando ia procurar seu meio, e os outros iam continuar. Mas enfim: não tá da minha alçada não. Eu só queria que a Parrázio tocasse o terceiro festival, a gente já tava querendo gravar o primeiro disco autoral, só que aí, nesse meio termo, começou os desgastes internos, que é natural em família e banda, e aí, a gente acabou cada um pro seu lado, e era difícil continuar, porque eu tava em outra área... Cada um tava em outra área, né? E aí, naturalmente eu ia ser um solo no meio da galera, né? Ia fazer meus trabalhos solo, ou não, porque eu ia ficar eclético, e aí já não cabia mais, mas tinha gente chegando, só que ia continuar e, eu tô falando pra você, Plácido: eu passei dias sem comer, velho. Eu cheguei a pesar 65 quilos pra poder pegar esse dinheiro do almoço e pagar aluguel, comprar corda, comprar isso, comprar fusível... Fazia um monte de coisa... Saía andando até a casa de fulano pra pegar um negócio emprestado pra fazer a coisa acontecer... Eu me doeie a suor e sangue o tempo todo nessa fase. Foram anos de muita dedicação, muito amor, e não me importo se alguém fala ou deixa de falar. Eu vivi isso. Eu queria viver aquilo, sabe? É tanto que a fase poética também, eu queria viver aquilo. Só aquilo. Então, graças a Deus, eu fui intenso nas minhas escolhas e não me arrependo. É tanto que, se eu tô aqui agora, [corte] na minha casa, com meus filhos, perto da minha família, é porque eu quero. Graças a Deus, eu tive convites pra trabalhar fora do país, sabe? Pra trabalhar na Espanha, em Portugal como músico. Eu tenho outras habilidades também, que eu ia agregar, em São Paulo, Curitiba, vários convites. Até em Salvador também, que eu fui morar lá, fiquei um tempo, e assim: graças a Deus...

[...]

Pra resumir, se eu estou aqui agora é porque meus valores são: minha família, sabe? O tempo que eu tenho pra minha musicalidade, que eu tô aqui estudando, vivenciando esse meu sucesso musical, do meu jeito, pra mim mesmo, e o espaço que eu tenho pra trabalhar, eu aproveito. Uma festa de aniversário ali, um casamento, eu aproveito. E tô muito satisfeito com o que eu ganho, o quanto que eu tô lutando, me desapeguei de muitas vaidades... Então, pra mim, esses são os valores. E aí, eu vou caminhando para o sucesso comercial aos poucos, né? Porque ele não é prioridade. O que é prioridade aqui é a família, a música e o tempo pra mim mesmo, e isso pra mim é o verdadeiro sucesso, sabe? O outro sucesso, que todo mundo bate palma, e as meninas querem dar pra você, é o sucesso comercial. É aquele sucesso que você se escraviza sem perceber, e pensar que não, cê tá tomando uma bebida quente pra te animar, daqui a pouco cê tá viciado nessa bebida quente, e ela não funciona, aí vem um pozinho aqui pra te deixar alegre, daqui a pouco, cê tá viciado nesse pozinho, aí vem outras coisas, daqui a pouco cê tá escravizado, daqui a pouco vem um problema psicológico, depressão, daqui a pouco, cê se mata. Ou se deixa morrer, entendeu? *Let it die*. Sabe? Tipo assim: cê se deixa morrer, como a Amy Whinehouse, ela fechou um contrato tão difícil de fazer, tantos shows colados um no outro, que ela já tinha parado de beber, aí ela não aguentou a

pressão da obrigação da... É foda você ser obrigado a fazer aquilo que você ama porque você é muito sensível. Um artista é sempre sensível.

P – E isso muda tudo. Você ama uma coisa, mas a partir do momento em que você é obrigado, muda tudo.

K – Muda tudo. E outra coisa: uma pessoa PAS, que é a pessoa altamente sensível, pra pegar uma garrafa e falar assim: “foda-se!”, certo? Quem “tem um monte de filho da puta aqui, ganhando nas minhas costas...”; Inclusive, até o pai dela que aproveitou o velório... “Foda-se!”, sabe? “Foda-se!”. E nisso aí, se foi Jimi Hendrix, Janis Jopli, Elis Regina e tantos outros. Que a pessoa altamente sensível, se ela souber que é a peça principal ali, ela tá cagando para o *mainstream*. Ela quer ser feliz naquilo que ela faz, e se ela perdeu aquele sentido, Kurt Cobain e tantos outros, “Foda-se!”, Renato Russo... Renato Russo, “let it die”. A mãe dele falou, o pai dele falou: “não quero mais viver. Deixa. Parei de tomar os remédios. Parei”. Cazuzza não: Cazuzza queria viver até o último minuto. Queria viver até o último minuto. “vamos ver se consegue”, não deu. Que Deus os tenha em bom lugar, porque foram pessoas que nos ajudaram muito. Mas assim: fomos de oito a oitenta, então essa coisa espiritual na minha vida, é muito importante pra conseguir manter-me equilibrado na minha consciência, porque tem horas que você sobe e você enlouquece, você desce e fala assim: “meu Deus!”; A família ajuda muito, sabe? É uma raiz que sustenta-nos como árvore, e eu sou muito privilegiado, que eu tenho a família dos pais e dos filhos, né? Então, assim: muitos artistas foram... Tipo assim: Durval Lelys, Ivete Sangalo, a família: “tenha um filho, tenha um filho. Vai te ajudar”. E tiveram e melhoraram, porque eles estavam num vício de trabalhar, sabe? Esse vício de trabalhar mata, velho. É desse vício de trabalhar, dessa obrigação, que faz você se viciar com outras coisas.

P – É. Eu vi um vídeo... Dinho Ouro Preto tem um canal no YouTube. Ele posta vídeo direto. Aí num desses vídeos aí que ele postou alguns meses atrás, ele falando: “pô, velho: eu perdi... Tipo trinta anos da minha vida. Não vi meus filhos crescerem e tal”. Ele falando assim, que ele se sente muito culpado por ter sido um pai ausente nesse sentido e tal... E é uma coisa que não dá pra mudar, né véi? Então, enquanto você tem a chance, você pelo menos... Enquanto você tem a chance de mudar, mude. Né não?

K – É. Por exemplo, o sucesso comercial bate na porta. Eu tenho firma aberta, eu tenho uma empresa. Inclusive, tá um ano sem pagar por causa da pandemia. Tô recebendo dinheiro assistencial, graças a Deus, que tem me ajudado, pra poder manter minhas contas. O sucesso comercial pra mim, que venha autoralmente. Grava o disco, aquela coisa, estoura na internet. Aí, eu falo: naturalmente, se vier cem propostas, por exemplo: se vier dez propostas de show, seu cachê passa de mil reais, pode botar pra cinquenta mil que vale. Eles vão pagar, entendeu? Porque é uma estrutura que você vai pagar. O músico que tá em alta, com o público que quer te ouvir. Então, você bota ali duas mil pessoas a dez reais, dá vinte mil. Você bota a vinte, dá quarenta mil. Você bota cinco mil pessoas, você fecha a conta, sai e traz o artista, e ainda lucra por cima. Então, o que acontece? Essa estrutura, se você me permite parafrasear aqui, eu vejo muitas pessoas, muitos artistas reclamando que o povo não dá valor ao seu trabalho, certo? Eu acho isso, eu não concordo, porque o artista tem que dar a cara a tapa, velho. Tem que botar bilheteria, pra testar a sua popularidade. E se der duas pessoas, você fala assim: “não deu. Eu tô fraco”. Eu fiz isso, Plácido, várias vezes no rock n’ roll, velho. Lancei meu disco sub-solo, em 2006, 2007, no Centro de Cultura, foi trinta pessoas, eu esperava trezentas. Tinha quatrocentos lugares. Esperava trezentas, divulguei igual uma louca

varrida, entregando bilhete pra amigos, convites, aquela coisa... E eu vi que o rock n' roll não atrai público. Não adianta. E aí eu comecei a entender. Agora, como eclético, eu vou começar a dar a minha cara a bater. O Bacana fecha bilheteria. Vou lá. Outra casa fecha bilheteria. Vou fechar um show aqui. Tipo assim: vou botar lá: “Kessler...” sei lá... “Bailão do Kessler”, botar “Forró, axé, sertanejo”, e vou botar a cara pra bater. “Ah, mas tem que ser música autoral”. Eu não acredito que as minhas músicas autorais vão ser fortes comercialmente de uma hora pra outra. Eu não acredito, porque eu vi a história de muita gente que faz sucessos hoje, que foi ter sucesso com vinte anos, velho, quinze anos de estrada, de barzinho. Não é fácil assim não. Já cantava as músicas dele, muita gente cantava, comprou CD e mesmo assim, nada. Cê tem que tar satisfeito no percurso. Não no final. Então, assim: o percurso, eu vou falar pros músicos: “ó, eu vou pagar pra vocês um cachê-base, do meu bolso, se a bilheteria não der nada, eu assumo. Mas se der bem, eu vou ter caixa pra fazer de novo. Beleza?”; Fecho com cada um, chego lá, deu dez pessoas, faz de novo. Junta o dinheiro, faz de novo. Deu mil pessoas. Recupera o prejuízo, e faço o outro com mais segurança. Mas eu tô dando a minha cara a bater. O que que funcionou no show, Kessler? Funcionou o forró. Bora levar sempre um sanfoneiro. O axé também funcionou muito. Vai ter que ter percussionista sempre. O bolero foi massa demais. O povo dançou. Bota um tecladista com os boleros. Então, a minha estrutura vai ter sempre esses músicos. Eu vou montando aqui. E outra coisa: eu vou montando e me testando, me testando, me testando. E o autoral, paralelamente, eu vou trabalhando. Vou divulgando na internet, tal, beleza. Então, assim: eu acredito que se o público não me valoriza é porque eu, primeiramente, não estou me valorizando. Eu não tô dando a cara pra bater. Então, assim: cê vai estudar novos ritmos, se você tiver aptidão a isso. Quem não tem aptidão, tranquilo. E você, sendo eclético ou não, cê tem que dar a cara pra bater. Cê tem que fechar bilheteria, pra ver se o público vai pra você. Não esperar festival pronto, Festival de Inverno... Ninguém assiste às bandas locais, sabe? Ninguém assiste. Eu já toquei lá, teve um público pra nós que ficou. Massa. Só que não teve continuidade. Eu senti que toquei ali, morreu ali. E eu, como empresa, como prestador de serviço na área de entretenimento, eu preciso de continuidade. E como eclético, eu percebo que estou tendo continuidade. Estou tendo... “ó, me dá seu telefone, quero seu telefone. Tem uma festa ali...”; Três, quatro, cinco pessoas, tão pedindo meu telefone pra fazer festa. “Gostei de você, do seu jeito, você vem fantasiado...”; pô, isso é massa. Então, teve continuidade. Eu como empresa, eu quero esse tipo de continuidade, né? Então o lado artístico já tá incluso no produto. A minha cocada já foi feita com amor. Eu fiz o brigadeiro com amor. Só falta vender agora. O jeito de vender. “hum, que maravilha! Eu queria com castanha”. Eu vou lá e faço com castanha pra aquele cliente. Aí, os outros gostaram de castanha também, querem castanha. E aí, o pau quebra. Que eu já fiz brigadeiro pra vender aqui em casa. Na linha gourmet, uma época. Só não deu certo porque a música toma muito tempo. E pra fazer brigadeiro com a colher de pau dá uma dor nas costas, velho, que é foda. Tem que ser a máquina pra girar. Em alta quantidades, né? Mil unidades. Então, é por aí, sabe? Eu vou resumir, porque senão eu não paro. Aí você vai colocar algumas perguntas pra você, que você queira fazer.

P – Não, aqui pra mim tá show de bola, velho.

[...]

K – Xô te falar aqui, a transição de Waguinho para Kessler.

[...]

K – Risos. Em 2001 pra 2002, eu fui dar uma entrevista pra Miguel Côrtes... Miguel falou: “vá lá dar uma entrevista”, eu falei: “velho, mas eu não tenho nada pra dizer, não tenho show pra fazer”, sabe? Eu sempre fui assim pragmático, né? Tem que ter um motivo, porque senão você tá mostrando a bunda, sabe? Eu não gosto de exposição por exposição. Aí, tinha um show, aí eu fui. Aí, por exemplo... Ah, não: antes desse show, eu fui lá com a Dezoito 21. Era Waguinho, beleza. Aí, nesse show, eu fui. “Aí, tamo aqui com o vocalista da Parrázio, Waguinho...”. Aí, Miguel com aquela risada sarcástica dele, né? Ele falou: “Waguinho” e já riu logo: “rá! Nome de pagodeiro!”. E eu já tava ferrado, porque todo mundo falava: “Ué, roqueiro com nome de pagodeiro? Roqueiro com nome de pagodeiro?”.

P – E aí, o cara fala no rádio... Risos.

K – Isso. Tunha um Waguinho, que cê sabe que era pagodeiro, né? E depois virou crente. E aí, Miguel: “nome de pagodeiro? Rá! Rá Rá!”. Aí, eu... Beleza. Ferrado assim, né? Aí, eu falei assim: “é, Miguel, mas...”. Aí, depois desse show, eu pedi a ele pra ir lá na rádio, pra falar que a partir daquele momento, eu não ia ser mais Waguinho. Eu ia ser Kessler. E eu inaugurei assim: fui em Miguel, “a partir de agora, Miguel, não sou mais Waguinho. Meu nome artístico é Kessler”; E aí, o bicho morreu de rir, velho Todo mundo riu, todo mundo caiu na risada, e foi uma gargalhada. Só que assim: eu tenho personalidade forte, sabe? Eu falei: “com o tempo, isso, todo mundo...”. E era “Kesskley...”, sabe? “como é que é? Klo klo klo o que?”; E aí, tipo assim, né? Os amigos mais próximos, né? Quem não era amigo muito próximo, eu já dava logo uma patada. Os mais próximos assim, né? E aí, foi indo e se acostumaram com o nome artístico, né? Como eu já tenho quase vinte anos como Kessler, já empatou com Wagner, né? Hoje, como Kessler, também não tou mais nem aí. Eu quero que as pessoas me conheçam como artista. Por exemplo: se eu colocar *Kessler do forró*. Fica muito brega, velho! Tem uns amigos que me chama, por causa do futebol, que eu corro muito, me chamam de *Correria*. E eu chamei esse projeto baile meu de *Projeto Correria*, que eu acho popular, do povão, entendeu? E se *Correria* tomar o lugar de Kessler, pra mim ficou perfeito, porque é mais popular ainda. Porque *Kessler* eu escolhi o nome, porque é sofisticado, entendeu? É aquela coisa assim: “nossa!”; Por que Renato Russo colocou *L'âge d'or* como o título dessa música? “ah, porque, na era vitoriana, e...” sabe? Aquela coisa. Então, assim, eu me cansei dessa coisa rebuscada, que eu queria fazer igual Renato: botar nomes assim, né? Eu botei o nome da minha música *Entourage, Agnus Domini*, sabe? Hoje eu rio dessas bobagens, porque essa música *Entourage*, ficou *Entourage* porque já virou lugar-comum, né? *Entourage* é os puxa-saco em volta. Pronto. Fechou. E a música fala muito sobre isso. Inclusive, já tem vinte anos que eu fiz essa música e até hoje eu toco pra mim, e gosto dela. Então, quer dizer que ela tá boa ainda, né? Vamo ver? Só que ela saiu de um formato heavy metal, quase heavy metal, para o formato reggae. [risos] E tá quase se *xoteando*, sabe? Porque eu quwro que as pessoas escutem minhas músicas e dancem também. Então, saiu de tipo um *Metal Contra as Nuvens*, um progressivo metal, foi pro reggae, e agora tá quase *reggae-xoteando*, sabe? E vai se *reggae-xotear*, porque vai dar certinho. Porque eu quero que uma pessoa ali no palco escute a letra, outra pessoa ali “que melodia linda”, e outra pessoa ali chame a menina pra dançar. Eu quero que agregue o máximo de pessoas, então, que seja bem popular, né? Então, a partir desse momento, foi que eu me declarei *Kessler*, justamente no Som da Tribo...

[...] (buscando o banner do Som da Tribo)

Mas tinha muita coisa pra gente falar, velho. Teve a morte de Miguel, que eu fiquei muito triste, muito baquiado, velho. Teve muita coisa. Depois, a gente pode marcar pra ficar pontuando, né? [...] A gente foi resumir cem anos em uma hora, né? Então, assim: foi tudo intensamente. Erros e acertos, erros e acerto, mas eu sempre me baseei na paz de espírito, porque eu acho que, a partir do momento que você tem paz de espírito e força interior pra buscar aquilo, cê busca. A partir do momento que cê... Hoje mesmo, eu não viajo nem ali na esquina mais assim, né? Se eu for viajar, tem que ter um motivo pra viajar, mas antes eu queria sair desbravando os lugares e sem comer, levando miojo e sabe? Cada fase é uma fase, né? Mas o importante é você falar assim: agora, aqui, eu estou satisfeito e não tem lugar no mundo que me faça mudar de ideia, a não ser que te surpreenda, mas você tá consciente de que o que cê tá vivendo é o que realmente você quer viver. E graças a meus pais, eu tive esse privilégio de poder viver isso, ter uma adolescência tardia, ter uma juventude tardia, porque não vivi, não tive essas coisas, não conheci a turma que eu queria conhecer quando eu tava mais jovem, né? Depois que eu fui encontrar essa galera musical, velho, eu ia lá no Inocoo bater resenha, lá no bairro Brasil, lá não sei aonde bater resenha sobre música, sabe? E tantas outras coisas, mas acho que eu tô satisfeito com o resultado, porque estou vivo agora, falando com você, e a maior dádiva é essa: é você estar vivo. O resto, você vai ajeitando, vai correndo atrás. Mas, foi muito bom, velho. E parabéns pela sua iniciativa, sabe? Eu tentei fazer jornalismo, mas não quis porque eu tava muito focado na música, e achei que ia atrapalhar, assim, né? Deixei de fazer concursos pra trabalhar porque, nossa, eu achava que a música ia me dar tudo em um período curto, né? Não deu, mas o mais importante é que eu ainda tô com ela, então isso é que vale. E esse projeto seu, porra, é maravilhoso porque vai, vamos dizer assim, registrar pra posteridade o porquê da existência ou o que a pessoa faz aqui no local. Vai dar motivo, assim, né? O início, né? Como foi? Pra muita gente, vai fazer muita gente relembrar. O livro de Nem mesmo, que ele fez, eu ainda não comprei, mas é um outro processo... O livro da irmão de Gil também, né? Poxa, véi. Vocês assim... Ó pra você ver como o movimento é massa, né? Tem gente de todos os seguimentos, né, velho? Tem os músicos, mas tem ali o cara que tá registrando, tem o cara da resenha, tem o cara da bebida, tem o cara... Gente montou bar rock n' roll, velho, só pra galera ir, né? Aquele Viela mesmo, né? Pô, rapaz, aquele Viela ali, aconteceu muita coisa... Já não era mais o meu [corte]; E assim, mas tava fervilhando, velho, porra! E que legal: tá dando continuidade, dando continuidade. E, como todo mundo, nós temos que migrar pra linguagem universal, que é a internet agora. A gente não precisa convencer os nossos locais mais, né? A gente vai, agora, cantar nossa aldeia para o mundo através da internet. Todo o mundo, "ah, essa cidade não valoriza". Esquece a cidade agora. Sabe? Não sei se você viu os meus vídeos cafonas, eu cantando covers com a flor na mão, sabe? E eu não sabia que eu era sexy, velho. Eu fui me descobrindo... Que eu era gostoso... Risos. É sério! Eu falo isso com o maior orgulho: "eu sou gostoso, velho! Eu sou sexy!"; E outra coisa: foi as meninas que me falaram: "nossa, você no palco... Eu, hein?"; "Eu hein, o que?", sabe? Elas que foram me dizendo assim. Eu "Pô, que massa, velho. Eu sou um Jim Morrison do interior da Bahia". Mas assim: é porque isso é mais um leque de atrativo pra o meu trabalho, e se alguém tá me achando gostoso, eu acho massa. Se alguém me acha feio, vá tomar no seu cú! Mas se alguém me acha gostoso, Opa! Maravilha! Aí, assim: recebo cantada de mulher, de viado... Tudo é válido, velho. O importante é que tá alimentando... Tipo assim: não que o ego seja majoritário em minha vida, mas o ego ajuda a você ficar naquela "ó, tá dando certo isso aqui, ó... Bora fazer mais flexão! Bora, camisinha regatinha, ó, bora deixar..."; Performance artística, né? Teatral. Isso ajuda muito, você saber, que muitas das vezes eu olhei no vídeo, cantando, ridículo, velho. Eu falei: "que merda

é essa? Deus me livre! Joga fora! Socorro, velho! Velho, você pisca os olhos, que parece uma borboleta que quer fugir. Meu Deus, você tá tenso. Todo mundo vendo a tensão na sua cara. Deus me livre. Você não é um artista, você ainda tá rastejando. Trabalha mais isso!”, sabe? Aí eu comecei... Eu odeio me ver, sabe? Odiava. Hoje eu amo me ver. Eu, tipo assim: “porra, véi. Seus lábios... Tipo assim, beirão”, sabe? Quando pensa que não, uma menina: “ô, velho. Que lábios sensuais”. Eu falei: “ó... Então quer dizer que não são beirão de...” assim, né? “que massa!”; Aí, você vai trabalhando, melhorando a sua performance artística, o seu lado pessoal, porque estética vale muito, né? De acordo com as suas possibilidades né? Cê vai, do seu jeito. A melhor coisa é [corte]. Então, quem tá do seu lado, você tem que agregar. Venha! Sabe? Quem não tá do seu lado, cê fecha o portão, velho. Cê fala: “ô velho, fique na sua”, sabe? Pronto! Cê começa a agir como... Tipo assim, tem gente que merece... Que, sei lá: foda-se. Aí, as pessoas que fazem bem, você vai agregando essas pessoas. Uma menina fala assim: “pô, velho, na moral, gostei da sua performance”. Mulheres casadas fazendo assim: “parabéns. Sua performance tá ótima. Tá me lembrando Bon Jovi, não sei quem”, né? Eu: “opa!”, anotando, sabe? E aí, eu tenho um espelho de corpo, que eu trabalho todo dia, gosto da dança, e a gente vai melhorando cada vez mais. Porque, se você olhar pro espelho e falar: “pô, velho, você tá se vendendo bem”, isso já é um ganho muito melhor, né? E aí, as pessoas vão te ajudando, né? Porque nada melhor do que você encantar as pessoas, seja de qualquer forma, velho. Trazer a atenção, né? Isso é maravilhoso. Mas cê tá de parabéns, velho. Que massa. Show de bola. [...] Eu acho que estourei o tempo, velho... Cê devia montar um podcast.

[...]

2:23 [...] ...eu acho maravilhoso, porque foi um encantamento de todos, velho. Não sei se você lembra das Quintas Musicais, que tinha, no Espaço Massicas, cê lembra? Que a Sudoeste fazia... Foi Penélope, foi assim, né? Eu pegava, chegava pra um amigo, e falava assim, que morava mais perto ali, né? Lucas... Falava: “velho, arruma violão, arruma violão”, aí, um arrumava o violão e avisava pra todo mundo: “ô, vai ter violada lá nos canudos. Vai ter violada não sei aonde, na república tal”... E aí, eu ficava agregando a galera, e daqui a pouco vinha aquele rebanho de gente lá pro lugar. E só saía de manhã, velho. Era muito massa assim. Era uma coisa espontânea assim, né? E aí, tinha de tudo. Tudo o que o *humano, demasiado humano* pode oferecer, né? Intrigas, confusões, amor, sexo, *drugs and rock n' roll*, resenhas e cada um se interagia com sua turminha ali, tal, tal, tal, e aquela coisa assim, e eu tinha uma coisa meio que paternalista, né? Claro que eu era o mais velho da galera, então eu tinha um *timing* de reunir, tinha o *timing* de falar: “quem vai embora? Vamo junto” e tal, não sei o que, aquela coisa... UESB, que não tinha mais ônibus, a gente descia, vinha a pé... E a gente curti algumas coisas, então assim: foi uma [corte] pra muitas pessoas. Só pra terminar: teve uma vez que eu tava trabalhando como motoboy na Força Diesel, e aí um brother me reconheceu de capacete: “Kessler, não sei o que, sou fã da Parrázio e tal e tal...”. E ele contou que uma menina que era amiga dele, sabe? Era muito fã da Parrázio e, na época, eles falavam: “ô, Parrázio vai tocar tal dia, anota aí que a gente vai”. Cancelavam até viagem pra ir, velho. E muitas pessoas me falavam isso. Eu falei; “moço, manda um abraço pra ela. Cê tem o telefone dela, só pra eu poder agradecer”, assim, né? E aí, ele falou: “ô, velho, ela faleceu”. Moço, mas me doeu assim, porque eu preciso, velho, reportar, sabe? A gratidão. É o feedback que mais me alimenta. Dizer *obrigado* a qualquer pessoa que, por um minuto, parou pra dar atenção ao nosso trabalho, ao nosso esforço, porque sem os seres humanos, a gente não seria... Não teria motivo pra expressar a arte, né? Então, isso aí, essas coisas que são maravilhosas. A gente encontra a galera das

antigas, né? E eles ficam batendo resenha daquelas coisas que aconteceram... “E que que cê tá fazendo, Kessler, hoje?”; “Eu tô cantando, ué... Graças a Deus assim, né? Tô cantando, fazendo o que eu amo ainda”; e “cadê Sú, cadê Jack, cadê Lucas?”; Aí eu: “Sú tá assim, Jack tá assim, Lucas tá assim, nunca mais eu vi fulano, tal, não sei o que...”; Tá todo mundo bem, velho... Jack tá tocando comigo até hoje, né? Inclusive ele veio aqui mais cedo. E a gente tava... Tô tentando emputecê-lo, sabe? Fazer ele tocar de tudo igual eu... Risos. Falei: “velho, você é um músico profissional. Você tem o seu trabalho, mas você gosta de gerar renda igual eu, na música, se acostumou, então cê vai ter que tocar de tudo, porque COMIGO, cê vai ter que tocar muita coisa, então vai pegando baixata, vai pegando sertanejo, e baião, e.. Vai pegando ritmos, vai pegando ritmos...”; Então, tô emputecendo ele também, pra ficar bem eclético. Mas, graças a Deus, tá tudo em paz. Vou tocar agora no Jack Food, fazer um sonzinho lá, voz e violão. Fazer hoje lá, acho que é a única data do mês que eu fechei, mas como vitrine, pra mim tá sendo ótimo, sabe? Tranquilo.

2:26:41

[...]

2:25 (fala sobre os jornais originais do Outras Cabeças).

K – Projeto do Ivan, eu e Miguel, né? O Ivan teve a ideia de fazer o jornal, aí, o Ivan falou assim: “o nome será...” é, por exemplo... “jornal jovem”. Aí, Miguel: “quia quia quia... ‘jovem’... Parece aquelas coisas da igreja católica antiga”, né? Aquelas reuniões, aqueles grupos de jovens, né? Miguel falou isso aí rindo assim: “não, moço, esse nome aí, ‘jovem’, desde a década de 70 já tinha ‘os jovens’, né?” Miguel falou: “bora pensar nos nomes”, e aí, selecionamos os nomes, e aí, Miguel selecionou “outras Cabeças”, né? Botou “Outras Cabeças”, e aí, virou “Outras Cabeças”. Saudoso e importantíssimo Miguel Côrtes. Grande Miguel.

P – Faz falta demais...

K – Demais.

Final em 2:27:25

DIEGO OLIVEIRA

Músico. Multi-instrumentista, compositor Liatris, Benjamin. Produtor Musical.

Nome completo: Diego Oliveira Santos

Data da entrevista: 15/11/2020

Transcrição: 28/09/2021 – 06/01/2022

Início em: 2:30

PLÁCIDO – [...] a primeira coisa que eu pergunto pra todo mundo é: você nasceu aqui em Conquista, ou não e quando você nasceu...

DIEGO – É. Eu nasci aqui em Conquista, em 85, cara. Eu nasci... Eu sou uma pessoa muito desprendida de passado, sabe? Então, eu não lembro, pra você ter uma ideia, a primeira menina que eu beijei. Eu realmente não lembro quantos anos eu tinha e tal. Mas isso eu acho, algumas coisas, é lógico, por alguma ferramenta emocional ou psicológica que a gente tem, a gente vai guardando, né? De forma mais forte. Eu não me lembro a casa que nasci... [...] Foi uma casa no bairro Brasil, que era a casa da minha vó, mas os meus pais tinham uma casa na Vila Serrana. Então, em 1985, nasci no dia 6 de novembro, inclusive eu completei 35 anos sexta feira passada...

P – Parabéns.

D – É nós. Eu não comemoro aniversário, mas é sempre bom você reiniciar o ciclo. Então, dia 6 de novembro de 85 e, desde os dois ou três assim, minha mãe comentava que eu era muito musical, em casa, nesse sentido de apreciar as coisinhas que ela colocava, meu pai era um músico fora do comum assim. Ele nunca seguiu carreira de músico nem nada, mas ele tocava violão, canhoto, destro, com as cordas invertidas pra canhoto, com as cordas invertidas pra destro, ou seja: tocava violão de quatro formas diferentes, tocava acordeon, tocava flauta, tudo isso aprendendo em bar, comendo água por aí. Ele é muito artístico, né? Gostava muito de futebol e gostava muito de música popular, né? Música popular brasileira boa mesmo, tipo Chitãozinho & Xororó, essas coisas. E minha mãe sempre gostou de um lance mais rock n' roll, então, minha mãe que me ensinou a gostar de Pink Floyd, que me mostrou esse tipo de som em casa, né? E aí, quando, lá pelos nove, dez anos, eu começo a pensar em música pra mim. Eu, inclusive, admito pra você que o que me atraiu pra música como instrumentista foi gostar da sonoridade do inglês. Inclusive o inglês aparecem na minha vida em dois momentos muito importantes assim, que é nesse, quando eu resolvo partir pro lado do instrumento, e também na questão do cinema, que é muito importante pra mim, né? E aí, assim, velho: com dez, onze anos por aí, eu peguei um violão a primeira vez. Um primo meu, o Iuri, tinha um violão, e falou: “ô, velho, eu vou subir aí”, a gente sempre na mesma rua, né? Ali na Avenida Lapa, que você conhece bem, uma rua cheia de músicos, e o meu primo morava ali naquele trecho ali dos meninos da Portal, e tal. Todo mundo amigo, né? E aí, ele mandou um recado

pra um outro primo meu: “Diego disse, eu ouvi dizer que Diego tava querendo tocar violão, eu vou subir lá com o violão pra ele”. Aí, a gente ficou na porta de casa, ele me ensinou alguns acordes, tipo dó maior, fá maior, aí o meu avô tinha um violão em casa – essa época eu já morava na casa da minha vó – ali na Avenida Lapa. Meu avô tinha um violão em casa, e o meu tio pegou esse violão do meu avô e também me deu uma força, tipo, me ensinando umas coisinhas né? Tipo, o que eu podia fazer com a mão direita... Cê não precisa ficar só batendo com a mão direita. Cê vai... Dedilhados também são bonitos e tal, aí me mostrava algumas coisas assim. Aí, cara, começou aí. Eu decidi, imediatamente, que eu queria tocar violão de uma maneira mais expressiva, como se fosse um instrumento de solo. E tinha um disco que eu gostava demais, que amo até hoje, que é o *Abismo de Rosas*, do Dilermando Reis, e tinha esse disco em casa, só que era um vinil, né? Então, eu comecei a ouvir esse disco e tentava repetir. Com onze anos e meio, por aí, eu começava a repetir, só que como era vinil, não tinha essa possibilidade como a gente tem hoje, de ouvir, pausar, e na hora voltar um pouquinho, pra você aprender o verso, né? Então, eu ouvia a música inteira uma vez, com esse violão do meu avô, que eu sabia que estava afinado, porém, eu não sabia se tava afinado 100% no diapasão. O disco do Dilermando, automaticamente, já era algumas rotações abaixo, né? Então, por exemplo: o lá, que geralmente, na música ocidental é considerado 440 Hz, né? Ali, naquele disco, já devia tar 438, 432, alguma coisa assim. Então, já não soava exatamente igual mesmo se eu soubesse o que ele tava fazendo.

P – É. Isso aí é interessante, porque tinha o fator... Cê tava aprendendo a afinar, vamos supor, aí cê pegou o padrão de afinação, beleza, com o diapasão. Aí, quando cê ouve no LP, tem a questão da rotação do aparelho, a rotação da gravação e a afinação que ele botou ainda na gravação, né? Que pode ter sido...

D – Que ele botou. Exatamente. São três estágios de tonalidade, que eu preciso considerar. Só que o que era interessante pra mim, é que eu pensava nessa época de uma maneira muito modal, né? Quando cê tá aprendendo, inclusive que eu acho que o músico profissional adulto acaba perdendo um pouco, e é algo que eu busco não perder nunca, que é essa interpretação dos sentimentos mais rudimentares que a gente têm quando tá tocando. Por exemplo: aquela sensação maravilhosa que é você tocar uma música que é em lá maior e o acorde anterior ser mi maior. Todo mundo sabe como... [suspiro]; Como isso, o acorde de resolução, como isso é uma sensação única, né? E aí, eu guardava essas sensações, ou seja: eu ouvia lá o que tava rolando, e por mais que sonicamente rolasse uma diferença, algum batimento estranho, eu buscava essa sensação. Eu buscava, tipo: por mais que essa música é em sol, e eu sei que é um choro, e ele tá tocando em sol maior, independente, né? E eu tou ouvindo uma corda si solta, pela lógica de como um instrumento ressoa, então aí, automaticamente, eu sabia que, ao invés de ser um sol de pestana, ele era um sol solto. Aí, isso ia me criando esses atalhos, né? Então, é assim, é por aqui, tal, não tem lógica de ser sol de pestana se ele vai soltar depois essa pestana e eu continuo ouvindo uma duas ou três cordas soltas, tal. Aí ia fazendo esses jogos, só que esses jogos eram sempre baseados na minha limitação ainda, como músico. E aí, enfim: resultado da ópera inteira: eu tirei o disco inteiro de ouvido, dessa forma. E aprendi o disco inteiro, toco ele até hoje, e é tão engraçado, é tão interessante que hoje eu toco esse disco, porém, se eu for racionalizar algumas das coisas... “pô, o que é que eu fazia aqui mesmo?”, eu não lembro. Agora, se eu começar a tocar, ele vai vindo, sabe? E aí, é isso, né? Dos onze aos quinze, dezesseis anos por aí, essa foi a minha relação com música: aprendeu que eu curtia, tinha músicas específicas, minha mãe gosta muito do Dylan, então, o Dylan apareceu na

minha vida muito naturalmente, por ser muito voltado pra violão, só que com timbragens diferentes de violão, talvez por isso que eu sempre fui muito apaixonado pelo violão de aço, então, eu adorava a forma como os timbres de violão apareciam. Eu nem sabia como era a interpretação de timbres ainda, de tonalidades no instrumento, mas eu curti demais aquela história toda, né? E aí, como eu gostava muito do inglês, automaticamente, o Dylan, a gente sabe que é o maior escritor vivo da língua inglesa, então, ressoava demais pra mim. E as músicas eram simples, se eu comparar com meu histórico de um disco do Dilermando Reis, por exemplo. Então, eu tocava fácil as músicas. Tocava e cantava fácil. Aí, dos onze até os quinze, dezesseis, era por aí. Em paralelo, eu sempre tive a minha história com o rock n' roll e com o heavy metal, né? ESSA foi a primeira música que eu realmente busquei, por isso que o heavy metal é, pra mim, até hoje, a única coisa que eu ouço todos os dias, a única música que eu preciso ouvir, que eu sinto algo específico, e eu ainda preciso ouvir metal, né? Porque veio de um trabalho de busca, tipo assim: “porra, eu ouço esse disco, não gosto desse disco. Tem outro disco, será, dessa banda? Não. Não tem”. Então, eu já não ouço essa banda. Aí, de repente, você redescobre aquela banda com um outro disco. “Ah, então essa já tem influência disso, daquilo outro”, e criando essas ramificações, e automaticamente, criando a minha apreciação por metal. Então, a história dessa gênese minha como instrumentista foi essa. Então, muito ligado na guitarra... No primeiro momento, muito ligado no violão, em primeiro lugar, e brincando com guitarra, né? Tive uma guitarra... O primeiro instrumento que eu tive, primeira guitarra que eu tive já foi tocando em banda, então, antes, sozinho, eu não tive guitarra, quando eu tocava sozinho eu não tinha a necessidade de tocar uma guitarra. Só foi ter a necessidade de ter o instrumento quando eu entrei numa banda, que aí foi nos dezesseis anos de idade, né? Que eu entrei na banda Portal. Banda de metal com os meninos, né? Só que entrei em duas bandas paralelas, né? Então foi a Portal e a banda Reason. A gente tinha essas duas juntas. Que na época chamava Abismo. Aí já é 99.

P – 99. É. Você falou da banda Portal, eu tinha esquecido desse nome até hoje. Cê falou *Portal*, veio aquele tanto de coisa na cabeça de uma vez só. *O ensaio da Portal*, não sei o que... Eu não lembrava disso.

D – É. O ensaio da banda Portal, no porão do seminário.

P – Sim. Esse eu nunca cheguei a ir, mas eu só ouvia falar. Acho que foi quando eu tava começando a conhecer o pessoal. Não cheguei a ir não. Mas eu lembro que falavam muito: “ah, o ensaio da Portal, o ensaio da Portal”. Não lembrava.

D – Isso. Aí, assim, Placidão: o primeiro momento, tocando mesmo... Embora eu já tinha essa dinâmica de uma música um pouco mais alternativa com os meninos dali de trás do batalhão, né? Essa galera que você conhece bem: Thiago, Pel... Embora já existia essa dinâmica de a gente ser muito amigo, era o lugar que eu ia todos os dias à noite... Você sabe, como eu, que naquela época, a gente ia pra casa de um brother, né? A gente: “Eu vou pra rua”; “Cadê Diego? Já chegou na rua? Diego tá chegando?”; Não tinha telefone, não tinha nada, né? Então, cê simplesmente ia pra casa da pessoa e chegava lá e tocava, e ficava na porta esperando, de repente, aglomerava todo mundo. E aí, assim: eu tinha esse grupo e o grupo dos meninos da Portal, que também era todo mundo muito amigo, só que certos extremos assim, tipo, dez quarteirões de diferença, então, cada um acabava se encontrando em paralelo. Então, o que acontece: pra tocar em show primeiro, foi com a banda Portal. Então, Júnior Rugal e... Não. Júnior Rugal minto. Júnior Rugal foi o segundo. Vitor Kamikaze produziu um show... Eu não vou me lembrar agora o nome do evento, mas é um nome

assim, tipo tão comum. Acho que a gente já usou várias vezes, inclusive. “Alguma coisa rock”, né? Então, foi no Centro de Cultura, num domingo... Aí já era no ano 2000. Então, tipo assim: menos de um ano. Eu comecei a ensaiar com a banda Abismo, né? Que era eu, Thiago Dias, Marcelo Dias, né? Que é Pel, e John, né? Que hoje toca na Nêspira. John baixista. A gente montou esses quatro, começamos a ensaiar em 99, tipo, no meio do ano... No incincho de 2000, a gente fez o primeiro show. Então, literalmente, nos anos 2000, no início dos anos 2000, a gente fez esse show no Centro de Cultura, ali na concha acústica, que foi produzido pelo Vitor Kamizake. E aí, cara, tocaram várias outras bandas. Se não me engano, tocou a banda Retilínea... São nomes muito comuns pra mim, né? Dessa época. Porém, eu não recorro 100% de todo mundo que tocou. Me recorro que a primeira música que eu toquei ao vivo foi uma música que até hoje sou completamente louco, *Corduroy*, do Pearl Jam, e nessa época, o detalhe é que eu tocava baixo, porque John é baixista, mas tava super a fim de passar, fazer a transição pra guitarra. Ele queria compor as coisas dele sozinho. Então, ele falou: “cara, a gente sabe que você gosta mais de guitarra, e eu sou baixista por natureza, vocês me conhecer como baixista, mas que que cê acha de a gente experimentar essa troca?”; Eu falei: “cara, show de bola. Vamo. Eu só quero aprender a tocar em banda”. Eu mal sabia afinar um instrumento. Mal sabia fazer as coisas ainda, em banda. Não tinha necessidade nenhuma de me prender a isso, né? E aí, eu comecei. O primeiro show que eu fiz foi tocando contrabaixo. Talvez, por isso, também, até hoje, é um dos instrumentos que eu mais me divirto, assim, tipo, banda que produz comigo, inclusive, sempre sai falando disso, tipo, “como é massa gravar baixo com você”, porque é uma coisa que eu já faço como produtor, diferente da maioria, é que eu gravo primeiro bateria, depois guitarra. Eu não gravo bateria e depois baixo. Justamente por isso: porque eu gosto de ter a guitarra, tomar o espaço que tem que tomar, e aí, depois, todo o espaço que a gente tiver, sobra pro baixo. E aí, cê não fica limitado, né? Só com um instrumento ali preenchendo, fazendo só as pulsações e tudo o mais, né? Eu gosto de dar um espaço legal pro contrabaixo. E aí, foi isso, cara. Depois disso era show basicamente a cada quinze dias, né? Porque o cenário da gente em Conquista, da música independente, ele de certa forma define, embora seja um aglomerado de tantos músicos e tantos estilos diferentes, mas ele meio que define a própria evolução do acontecimento da música em si. Porque cê tinha, por exemplo, o cara que tocava na igreja, e que estudava legal em casa, o cara que tinha um trabalho paralelo com seu pai, de músicas da terra e pepê, mas parece que se sentir músico representado dentro de uma cena era só quando rolava um showzinho de fim de semana na Midnight, no Espaço Massicas, nesse tipo de circunstâncias aí. E foi assim, eu diria, de 2000 até 2007, muito intensamente assim, né? Aí você coloca aí várias bandas, vários projetos e tal, e qualquer especificidade que você tiver interesse em saber, eu acredito que eu consiga me lembrar, mas cê pode colocar bastante banda que eu particularmente assim, quando veio a minha primeira segurança enquanto de músico de falar: “porra, bicho, eu realmente, tem algo diferente comigo na minha interpretação do instrumento” então eu queria automaticamente, levar essa energia toda pro metal, que sempre foi a minha maior paixão, né? Então, agora eu me sinto pronto pra tocar metal, porque eu me sinto pronto pra compor à altura. E aí, eu comecei a compor, escrever, e sempre muito estranho, por conta desse liquidificador todo que eu colocava essas minhas influências, né? Desde o Floyd em casa, até o Dylan, até o metal extremo, death metal grindcore que eu amava, né? E aí, foi assim que surgiu, tipo, a minha primeira banda mesmo, autoral de metal, que foi a Liatrix que, na época, era a Sorrow’s Embrace, que era na época do *Diegothic Metal*. [risos]

P – [risos] Na Sorrow's Embrace, tinha, então, música autoral, né?

D – Já tinha música autoral, embora a gente não gravou com esse nome, porque o time ainda tava se fechando, né? A gente sofria, naquela época, várias limitações: um lugar pra ensaiar que tivesse uma bateria legal, alguns membros que passaram pela banda, né? Que não precisa citar nomes... Alguns membros ainda tavam se descobrindo também como instrumentista, então, a gente ainda não sabia muito bem o que fazer, né? Como movimentar as peças, e aí, quando as coisas foram se juntando mesmo, aí já foi na época que o Liatrix precisou acontecer. E aí, quando veio o Liatrix, ele vem de uma forma forte assim, representativa. Era claramente uma das bandas mais sérias do cenário, não só do cenário do rock n' roll, mas do cenário de música em Conquista...

P – Sim, com certeza.

D – E, automaticamente, isso, ressoou, de certa forma, no meio independente do Brasil, né? Onde um selo chamado Air Clan Records, de Belo Horizonte, que é um selo que eu não sei se é extinto, eu espero que não esteja extinto porque é um selo que já vi lançar muita banda legal, especialmente no cenário de Minas, entraram em contato, a gente fez uma primeira demo, com quatro músicas, e ela teve um review na Rock Brigade e na Roadie Crew, que são duas revistas semanais, né? Pro metal e pro rock n' roll no geral, na cena nacional. E aí, teve uma boa nota, não sei se levou 10 ou 9,9, alguma coisa assim, provavelmente não levou 10 porque metaleiro é muito criterioso, mas eu lembro que foi uma coisa assim, bem agressiva, bem... Tipo... “Uau!”, sabe? Agressiva no melhor sentido. Aí, esse selo entrou em contato com a gente, chamou pra gente fazer algum trabalho com eles, eu já tava automaticamente escrevendo outras músicas, pra um outro trabalho chamando *Fragments*. Depois esses nomes eu posso ir repassando pra você, se for interessante pra sua pesquisa. E aí, nesse momento, a banda já tava junto há um certo tempo, coisa de dois ou três anos assim, que você ensaiando todos os dias, todos os fins de semana, parecem dez anos, né? A coisa já se torna bem mais cansativa, bem mais séria, mas a banda acabou se desmanchando por questões... Na verdade, a banda em si nunca se desentendeu. Nunca houve uma briga dentro da banda que se desentendesse, mas a gente teve uma ruptura dentro da banda muito forte, né? Larissa e Fábio, namoravam há muito, tavam juntos o tempo inteiro, a Larissa compunha letras incríveis, as músicas eram todas minhas, mas as letras eram importantíssimas pra elas soarem do jeito que soavam, né? E Larissa...

P – Ah, ela que fazia as letras...

D – Ela fazia a maioria das letras. Os temas, na maioria das vezes, eram meus, e Fábio também era muito vocal com isso, era muito presente, e Larissa tinha um vocabulário, e tem um vocabulário maravilhoso. Quando ela escrevia com Fábio, Fábio ia direcionando, né? A questão da temática, às vezes até pra soar mais metal, buscar uma parte onde esteticamente fizesse mais sentido, e eu entregava as músicas nesse sentido, no sentido instrumental e a produção em si, entregava as músicas prontas. Falava: “vamo cantar aqui”, entregava as baterias, tudo o mais... Tudo pronto, assim.

P – Onde vocês gravaram essas demos? Tem o que, três ou quatro, né?

D – É. É engraçado, que agora com essas perguntas suas, e recontando essa história, eu vou percebendo que tá realmente tudo ligado. Uma coisa ligada a outra. Nessa época, eu já... Eu

sempre trabalhei como músico profissionalmente. Eu nunca ganhei um real na minha vida, que não foi de música. Tirando, com exceção, uma época que eu dei aula no São Tarcísio aqui, de inglês, que... Mas ainda assim, tocando, né? E que não durou dois anos. Então, véi, eu já tocava com a galera do axé, galera do forró, pra ter grana mesmo, né? E aí, eu conheci um cara chamado Júnior, Júnior Oliveira, que é um baterão, um batera de axé daqui e Júnior tinha um estúdio. Eu tinha toda essa curiosidade de montar um estudiozinho, tal, pra gravar as coisas da banda dele, né? Que era, na época, eu não vou me lembrar o nome, porque banda de axé também muda de nome mais do que banda de metal, mais do que banda de rock, e aí, ele tinha esse estúdio, e aí eu comecei a gravar algumas coisas assim, pra ele, de vez em quando precisava de um violão, gravava e tal, só que eu não era o engenheiro da coisa, né? Mas eu, inclusive, nesse estúdio eu fui produzir o primeiro disco profissional da minha vida, assim. E eu tenho uma história engraçada sobre esse disco depois. E aí, bro, eu falei com ele: “Júnior, a gente tá querendo gravar, véi, minha banda. Vamos trazer pra cá, pra gente gravar aqui”. Aí, ele falou: “grava aí, mas esse estilo de vocês não sei gravar não. Meu negócio é só metal, reverb na voz, minhas coisas é essas daqui, ó. Eu sei fazer isso. Se você quiser, o estúdio tá aí. A gente... Não precisa nem cobrar de vocês, mas se demorar muito tempo, cê me dá tipo... Sei lá, duzentos reais por música...” Era uma coisa tipo, bem simbólica. E como eu tava junto, né? Vivia praticamente na casa de Júnior, trabalhava lá, escolhia coisa de equipamento, sempre muito pesquisador nesse sentido, né? Sempre foi o que me deixou confortável foi esse lugar na pesquisa, porque eu tenho várias deficiências em outras coisas, né? Tipo, eu sou um cara muito fechado pra determinadas conversas, sou meio saco cheio com conversar... Conter diálogos em ambientes que não são meus, tipo política, essas coisas. Então, eu vivia...

P – Que é isso, porra? Bora mudar a conversa aqui. Bora falar de carro... [risos]

D – [Risos] Pois é... Então: carro, é engraçado pelo seguinte, porque eu não dirijo, mas sou completamente louco por carro.

P – É mesmo?

D – É. Eu adoro carro. Aí, sim, enfim. Eu peguei, juntei todas essas minhas curiosidades e acabei entrando em estúdio e falar: “agora eu vou gravar o disco aí”. E aí eu gravei esse som. Se a gente for ouvir hoje, eu e você particularmente, botar Plácido e Diego ouvir esse disco hoje, ele vai soar bem rudimentar, bem... Eu não diria que soa ruim, porque depois que você ouve dois, três minutos, aí começa a ficar tudo legal, né? Mas assim: não tá de jeito nenhum, não obedece aos padrões que a gente tem hoje, né? Não soa amador porque a música em si tem um nível legal, mas bem deficiente a gravação. E o próprio processo de gravação, de engenharia de gravação, na época pra mim era tudo ligado, né? Assim... Hoje, como eu vivo disso e eu tenho que pagar aluguel com isso, então, hoje eu entendo perfeitamente que o processo de gravação é uma coisa, a mixagem é outro processo, inclusive, assim como eu produzo discos que eu não mixo, acontece o contrário, né? Então, na época era tudo. Eu fiz tudo, mesmo sem saber de todos os processos, né? Mas funcionou bem. A Air Clan cresceu o olho nesse trabalho, a gente gravou o segundo no mesmo processo. Aí, o segundo é engraçado, que foi menos de... Esse segundo EP foi menos de seis meses depois. Só que ele já soa infinitamente melhor.

P – Eu só tenho o primeiro, eu acho.

D – É, então. Você tem esse daí, esse primeiro. O segundo, talvez ele passe desengano assim, como um disco atual de uma banda que não tem dinheiro. Porque ele já soa bem mais moderno. Chama *Fragments*. Eu acho que eu não tenho esse aí não. É engraçado que eu não tenho nenhum, na verdade. Toda vez que eu quero ouvir, eu peço Diego pra mandar: “Ô, Di, manda aí pra mim, tal...”

P – [risos]

D – [risos] Aí, ele: “ô véi, vou mandar pra você”. [risos] E aí, nunca manda. [risos] Todas as minhas músicas, e eu não sei nenhuma. Nem lembro. Aí assim, bro... Mas enfim: foi um momento muito bom, porque eu também me abri pra coisa da questão de produção musical, né? A questão da produção musical foi o que realmente... Vai transformar assim, tipo, a minha vida no geral. Foi quando eu decidi começar a gravar bandas. Eu era extremamente... Todos os meus defeitos como pessoa e de infantilidades acumuladas ali com a adolescência e naqueles ambientes, por exemplo: na época mesmo eu não era um cara, quando eu comecei a gravar eu não era um cara de, muito de chapação, depois veio uma revolta muito grande com tudo, véi. Sabe? E num primeiro momento assim, de eu trabalhar com bandas, o que que foi que eu percebi: como eu tinha uma vontade muito grande de trabalhar com a música do outro, automaticamente, qualquer defeito seu que era menor, se transforma em muito maior, porque a resposta é muito grande, pô! Então, você começa a ver o seu comportamento a partir de outra estética, de outro... De um olhar muito mais metódico, eu diria, né? Então, assim: me ensinou demais nesse primeiro momento. Era quando eu queria gravar minha banda, mas automaticamente, pela pesquisa que eu fiz com a minha banda, eu já tinha condições de ajudar algumas bandas de amigos, e tive a honra de trabalhar com o início de bandas que até hoje eu amo, de pessoas que até hoje eu amo, né? Tipo o seu trabalho... A gente tem uma série de bandas que hoje não existem mais, mas que naquela época a gente chegou a trabalhar... E aí, até passar esse processo de transição, tipo, não é mais um adolescente: cê precisa que entrar nessa cabeça de trabalhar com música do outro, a gente tá aqui pra fazer que a música funcione num nível muito além da nossa própria relação, da nossa própria relação de análise com a música alheia, o que você acredita com música, o próprio ego, o que que o músico traz pro estúdio... Tudo isso aí vai se quebrando, só que demora um grande tempo, né? E aí, quando você começa a se colocar perante responsabilidades grandes, aí é que cê começa a perceber o tanto de defeitos que você tem. E aí, vai juntando, passando esse tempo de readaptação, né? E de aprendizado. Mas ali, eu diria que, até... Aí eu já não saberia exatamente qual o ano, mas eu diria, esse período pra mim foi de 2006 até 2010. 2006 até 2010 foi ali quando eu vivia nessa decisão de trabalhar como produtor musical, nunca me chamava de produtor musical, mas eu queria gravar disco. Eu queria que... Cê tem uma música pra gravar, eu queria muito gravar sua música. Queria muito ajudar, porque eu sempre ouvia música pra caramba, então eu queria muito que, se você tem uma banda de blues e você tá doido pra alcançar um timbre de caixa, e eu ouvi, eu achei fenomenal, eu queria muito te ajudar a chegar naquele lugar, né? E aí, o processo durou mais ou menos quatro anos. Eu diria que eu só comecei mesmo a me tornar um profissional de uma forma onde não só sonicamente eu conseguia o que eu queria como também estabelecer uma conduta de trabalho em 2012. Só que aí, em 2012, acontece em paralelo uma outra questão, que foi pelo fato de eu já não tar tocando em banda, a Liatrix já tinha terminado e tudo o mais, aí eu fui trabalhar com... Dentro do estúdio, e não tinha trabalho autoral. Então, comecei a compor algumas músicas, e um amigo falou: “cara, esquece esse esse negócio de procurar banda. Cê podia ser... Gravar essas músicas. Grava essas músicas aí, bicho!”; e

eu não cantava de jeito nenhum. De jeito nenhum mesmo. Eu cantava, eu fazia um backing vocal ou outro, se fosse necessário, um ao vivo aqui num show qualquer, mas assim, seriamente, não existia isso. Na Liatris eu cantava gutural...

P – É, isso que eu ia falar. Eu lembrava de ter visto você cantando gutural.

D – Então, essa era a minha experiência. Eu adorava, inclusive. Até hoje adoro. E aí, eu falei: “pô, é mesmo”. Inclusive, o nome do cara é Diego também. Se chama Diego Garcia.

P – Ah, sim. Tecladista, né?

D – Não, ele não é músico, cara.

P – Ah, é porque tem um Diego Garcia que é tecladista. Acho que é da Excalibur, eu acho.

D – É? Não. Ele, a galera chama ele de *Diego Tronxo*.

P – [Risos]

D – Inclusive, outro apelido de músico. E aí, véio... Eu falei: “pô, é mesmo, né, bro, a gente podia fazer isso. E a gente saía, às vezes, pra tomar uma no posto, na segunda feira, naquele postinho ali da solidão, o Mc Plus.

P – O *Posto Tiroteio*....

D – É. A gente parava ali, segunda feira e, na maioria das vezes ele ia me buscar em algum estúdio, alguma coisa, então, tava sempre num... Sempre tava com um instrumento no carro. Aí, a gente fez uma viagem pra Salvador uma vez e ele foi dirigindo e o violão tava no carro, no fundo, porque ele já me pegou pra gente viajar... Acho que inclusive a gente foi assistir um festival de jazz lá em São Paulo. E aí, enfim... Ele falou: “porra, toca aí” e tal... Ele ficou emocionado assim, com a possibilidade de um cara pegar um violão e tocar, e ele tem um bom gosto absurdo, velho. E aí, ele: “pô, acho que amaria ver você tocando uma música de fulano de tal, uma música de fulano de tal” e ia me dando algumas coisinhas assim, e eu fui cantando e fui curtindo pra caramba. Então, em 2012, eu falei: “ah, eu vou registrar essas músicas aqui”. Registrar em áudio, né? Em 2012, não existia mais nem a necessidade de registrar música mesmo, em cartório. Aí, eu gravei aqui. Já tinha acesso a estúdio, mas eu resolvi gravar com um gravador portátil que eu tinha, um gravador da Zoom...

P – H4n?

D – É. Hn2, H2n, né? Foi o 2 ainda, velho. Não, H4. É isso mesmo...

P – Eu tô usando ele aqui agora. [risos]

D – Eu amo ele. Eu acho fenomenal.

P – Ele é ótimo. Ele é o parceiro da vida.

D – É. Inclusive, eu quero ter outro dele. Quero comprar outro. E aí, cara... É, H4n, é isso mesmo.

P – H4n. Tô com um aqui na minha frente agora.

D – É. Maravilhoso. Então, eu peguei esse gravador e, em casa mesmo, tranquilo, eu registrei, acho que sete músicas, num take só, então, bem desafinado e tal... Coloquei num link no Soundcloud e falei pra galera. Falei: “ó, cês podem baixar, inclusive, quem quiser ouvir e tal”... Fiz uma pagininha no Facebook e não tinha um nome. Nunca gostei do nome *Diego Oliveira* como se fosse pra um trabalho autoral, né? Então, aí o que que eu pensei? Existia um site de poesia, um blog de poesia que a gente tinha, com outro irmão meu, com Charles, que chamava *Minutos Antes*, e tinha um personagem que de vez em quando aparecia no meio de algumas poesias que a gente soltava lá, que se chamava Benjamin. Aí, eu falei: “bro, vou usar *Benjamin*. Não sei se cê vai ficar com raiva, nem nada”, ele falou: “cara, eu acho que é tudo a ver. Se joga”. Então, essa alcunha aí é batismo de Charles. Aí, Charles foi e colocou esse *Benjamin*. Charles Ribeiro, né? *Quirino*. Poeta Quirino. E aí, eu lancei. E aí, cara... Mais uma dessas situações onde você direciona pra um lugar mas acaba caindo em outro, né? Às vezes... Ou com proporções diferentes. Isso era, tipo, em junho, e aí eu... Como era um trabalho muito peculiar no sentido de não existir muito artista folk, especialmente na Bahia, e provavelmente era o primeiro, e cantando música em inglês, e fazendo com uma certa, com um certo cuidado, né? E com certa visceralidade, muitas das minhas escolas, até daquele próprio Dylan lá sendo ouvido quando eu tinha 11 anos né? Aí, chegou em São Paulo, cara. Chegou em São Paulo, e uma produtora de São Paulo, chamada *Folk Music Brazil*, me convidou pra ir pra São Paulo, mas assim: nessa época já ia ter um festival grande da produtora lá, e já tava com o lineup completamente decidido, já definido e tal... Nessa época aí, eu já vivia mesmo assim de... Eu já podia dizer que, se eu quisesse, eu ganharia dinheiro com música. Já não era mais um problema pra mim arrumar um show pra fazer ou pegar um disquinho pra mexer ali no estúdio, ajudar uma banda a gravar e pegar um trocado aqui. Então, eu podia ir embora se eu quisesse. O ponto é esse. Eu podia ir pra São Paulo e fazer esses shows lá. Mas aí, essa produtora comenta comigo o seguinte: que em janeiro, vai haver um outro festival, e que na verdade esse é muito legal, porque esse é patrocinado pelo SESC. Seria no SESC de Santo André, mais o SESC Lapa, SESC Paulista e tal, então, seria uma grana legal por show, tipo, quatro mil reais por show, se não me engano. Então, dava pra fazer uns quatro, cinco shows e cobrir a viagem, e ainda ficar um tempo lá...

P – Isso aí em janeiro de 2013 então...

D – 2013. E foi. Isso aconteceu: em janeiro de 2013 eu fui, fechei esses shows, fechei shows em paralelo em lugares incríveis, tipo shows que eu já tinha assistido artistas que eu gosto, na web fazer, tipo Café Piu-Piu... Enfim... Fiz uma porção de shows, entre eles, esses shows do SESC e mais alguns shows pro Metrô de São Paulo. Oficialmente pro metrô de São Paulo, né? Que era um projeto onde eles faziam um palco gigante, lindo, eu tenho fotos lindas ainda desses shows. Por exemplo, no Itaquera, no Corinthians, em palcos gigantescos, tal, e aí as pessoas que iam entrando e saindo do metrô, e tinha ali uma porção de cadeiras, cinquenta, sessenta cadeiras, porque são imensos, né? As estações, e eles procuravam os melhores, que tinham mais estrutura, a galera parava e sentava, virava um show mesmo a coisa... E por esse daí, eu acho que não recebi muito legal, mas já não tinha problema porque já tava com uma grana legal dos shows do SESC, né? E aí, eu passei um mês lá fazendo show pra caramba. Acho que em um mês eu fiz vinte shows, por aí.

P – Caramba.

D – Cheguei a tocar duas vezes numa noite só, foi muito bacana. E aí, cara, não teve jeito: automaticamente, você cria um amor pela cena, você vê que as pessoas começam a consumir o seu

trabalho de uma maneira, né? Buscar... “poxa, ouvi o seu EP, e não sei o que, quando é que vai vir o disco, e pepepê, baixei, tal”, e aí a gente já postando e repostando. Nessa época, já o Facebook, já tinha um espaço legal, e aí, bro, fazia todo o sentido. Então, foi quando eu fui pra São Paulo. Aí, isso era janeiro, em março eu me mudei pra São Paulo.

P – Cê passou quanto tempo lá?

D – Eu tô lá ainda, né? Que meu estúdio tá lá. [risos] Foi de 2013 a 2019. Então, seis anos direto assim. Seis anos direto mesmo, tipo, morando com tudo lá. Inclusive eu me casei, né? Eu me casei com uma das pessoas do Folk Music Brazil, uma mulher chamada Juliana Guinsani, que estudou music business na Berklee, em Boston. Ela tem um mestrado em music business, e ela tem um baita know-how e sempre tentou direcionar esse estudo dela pra música que ela gosta, que é a música folk, música country, blues, música mais *americana*, né? *Americana music*, embora os artistas de folk que ela mais prefere hoje em dia são, em sua maioria, europeus. Mas o estilo em si, *americana music*, chama muito a atenção dela, e aí, sim: era pra isso, né? Que deveria ter existido o Folk Music Brazil. No final das contas, aí, por questões até práticas assim, como ela trabalhava também paralelamente com uma empresa que colocava ela pra viajar demais, aí acabou meio que interrompendo esse trabalho com a Folk Music Brazil, mas as ações dela, acredito que até hoje ela mantém assim. A gente... Ela acabou mudando depois né? Pra Portugal, a gente acabou sofrendo uma ruptura do nosso relacionamento, mas somos sócios até hoje, nos falamos sempre e tal, a gente tem um selo juntos, né? Esse selo é um selo que hoje tá trabalhando mais com distribuição, mas é muito legal ver todo disco que eu mixo, eu produzo, ou bandas que eu quero ajudar, eu poder lançar nesse selo, então, foi o primeiro, o segundo selo no Brasil, em território nacional, que conseguiu um contrato com uma distribuidora digital de peso, né? Que foi a *Believe, Believe Digital*, que é da França... Na época que a gente assinou um contrato com a Believe, eu monto esse selo, M4Music com ela, e a gente precisa de uma distribuidora, então a gente foi buscar logo nas maiores pra começar a dar errado de cima, e alguma coisa intermediária acontecer, mas não: logo essa primeira que a gente procurou, que era meu sonho assim, ela aceitou. E aí, a gente fechou contrato com ela em 2014 até hoje tá firme e forte. E na época só tinha a TecDisc, cara... Que era representada pela Believe. E assim: é um processo muito legal, né? Eu vou conseguir alicerçar melhor essa história pra você, mas... Pra você decupar esse texto vai tar uma confusão, porque vai história tudo se cruzando. Mas assim: a questão do selo aparece num momento muito legal, porque o que eu queria, embora todo mundo pudesse, tivesse um acesso a... Nessa época cê já podia mandar, se você fosse um artista independente, mandar pra uma ONErpm, pra uma CDBaby, pra subir a sua música no Spotify e tudo mais, mas o legal é que eu queria um *trade marketing*, eu queria dar a possibilidade, por exemplo, de uma banda que eu produzo, ou de um próprio disco meu, aparecer numa playlist no Spotify, ter um processo de um trabalho digital sendo feito, onde a distribuição é o que foi culminado do trabalho, né? Mas que na verdade, já existe uma divulgação, às vezes grande, se a gente tá com uma verba legal, às vezes menor, mas sempre ter um lugar diferente. Não é simplesmente soltar o disco lá e depois botar o artista pra correr atrás, de ficar mandando link pra todo mundo nas DM da vida, né? E foi dito e certo, cara. Aconteceu o primeiro lançamento, claro, tinha que ser com um disco meu, porque eu não podia colocar ninguém nessa situação, né? Sem saber, então, em 2014, eu lancei o disco *Last*, foi o primeiro disco completo do Benjamin, né? E aí, eu lancei por lá. Eu fiz questão de fazer um disco que soasse, eu queria que fosse um disco que soasse próximo ao EP, porque eu acreditava muito na beleza e da receptividade do EP, pelo fato de

não ter sido gravado em estúdio grande nem nada e a galera ter gostado, então, eu queria que mesmo que agora que eu tinha um estúdio lá em São Paulo, que não é um estúdio grande nem nada, mas eu podia gravar maravilhosamente bem, né? Tinha microfones incríveis, mas eu queria que ele fosse gravado, então eu gravei o disco bem, mas eu mixei ele como se fosse um disco que tem algum defeito, então, cê ouve o disco até hoje e ele soa meio tosco assim. Então, eu queria saber como seria o processo de distribuição do selo em cima de um disco desse. E cara, foi dito e certo. Lancei o disco, depois de quinze dias ele tava em destaque na Deezer como lançamento oficial, no site oficial da Deezer, cê entrava, tava lá a Deezer promovendo como artista Deezer, o Spotify colocou em várias capas de playlist, depois disso eu lancei alguns singles e a resposta sempre foi muito legal e, usando essa metodologia de trabalho com os meus lançamentos, eu direcionava isso pra os artistas que ou assinavam com a gente ou artistas que eu produzia. E, até 2018, isso foi em 2014, chegamos em 2018 e eu provavelmente produzi todos os discos, todas as bandas, uma coisa ou outra, eu acabei produzindo todas as bandas que trabalham com esse lance mais folk lá em São Paulo, que é um cenário que é tudo o que eu queria, né? Fazer parte de alguma forma, e Acabei lançando discos incríveis, assim. Só pra eu não esquecer de contar uma história, pra você ver como é engraçado: quando, em 2016, quando eu recebi o convite da Globo pra fazer o contrato com a Som Livre, eu tive que remasterizar o disco, o *Last*. Eles pediram: “poxa, mas tem uma coisa nesse disco que seria um problema pra gente caso a gente coloque uma música sei lá, em Malhação ou num comercial, tal. Porque ele não soa bem. A intenção é essa?”; eu falei: “a intenção é essa. Eu não posso remixar o disco”. Embora eu podia, porque eu tinha tudo aberto, né? Pra fazer, mas eu também não ia fazer isso. “Mas eu posso remasterizar. Eu posso remasterizar o disco e masterizar um pouco mais alto dessa vez e deixar ele um pouco mais limpo, tirar saturação”, porque ele é um disco que tem muita distorção mesmo, distorção colocada mesmo, “deixar ele um pouco mais *clean* assim, e colocar também nos padrões de *broadcasting*”, né? Que a gente tem padrões que a gente chama de *loops*, né? Que são padrões de *delivery*, de entrega, tipo, o volume da TV é um, o volume do rádio é outro, o volume do Spotify é outro. E aí, eu queria dar uma padronizada pra TV aí falei: “eu dou essa repaginada, e aí vocês... E tá aí, o disco, cês fazem o que vocês quiserem com o disco. As masters são minhas, você vender pra alguém uma... Colocar num comercial, alguma coisa, vai, se joga, fica tranquilo e tá aí. Eu entrego dessa forma”. E aí, foi isso, cara, basicamente, o meu... Em São Paulo, o meu trabalho, ele é uma continuação daquela mesma busca de querer trabalhar com banda independente e nessa história eu acabei gravando discos assim que eu ouço até hoje, acabei de lembrar da história que eu queria te contar, aí foi bom que acabou criando uma ligação: discos que eu ouço até hoje, que eu produzi em 2016, que teve um respaldo absurdo, que é o disco do Arthur Matos, chamado *Homeless Bird*, que é o disco que eu tenho um orgulho absurdo. A Rolling Stone colocou ele na contracapa, falou: “o melhor disco de folk music produzido no Brasil, sem dúvida”. Aí, depois vou parar pra olhar, a gente tem um histórico absurdo de discos incríveis no Brasil. E é lógico que não é. Isso é lógico que não é, mas chegar lá e chegou sem *trade marketing*. Chegou sem a gente mandar, né? Então, essas coisas, cê vai percebendo que o trabalho vai acontecendo, né? Depois disso, eu continuo trabalhando com Arthur até hoje, mas hoje ele tá na cidade natal dele, né? Que é Aracaju, aí ele produz lá mesmo, me manda, eu produzo daqui algumas coisas, mixo o disco e a gente lança. Mas a história que eu ia te contar uma hora atrás é que eu tava falando ainda aquela questão do estúdio de Júnior ainda. O primeiro disco que eu produzi na minha vida, velho, profissionalmente mesmo de alguém pagar pra me falar assim: “toma um dinheiro, eu queria que cê produzisse meu disco” foi produzido nesse estúdio, né? Em Vitória da Conquista, no

estúdio de Júnior Oliveira, que foi um disco do Jânio, Jânio Arapiranga. Que é um disco que eu acabei colocando música, fiz uma música pra ele, eu e Jânio, até hoje a gente é muito ligado né?

P – Eu lembro mais ou menos desse período aí, que cê... Eu lembro que teve alguma coisa mesmo, você e Jânio... Não sabia bem o que era não, mas eu lembro de algo assim.

D – É, ele é muito amigo. Ele é um pai pra mim, um cara fora do comum. É engraçado que ele fala que... “Eu não gosto dessa história de ‘é um pai pra mim’ não, porque me coloca numa coisa muito velho. Eu sou seu irmão”; Só que aí, na hora que ele me liga pra pedir um favor, ele: “véi, eu não tô sabendo comprar uma coisa aqui no Mercado Livre. Entra aí pra mim...” [Risos]

P – [Risos]

D – Aí, trata igual um filho. [Risos] “Vai, moss, entra aí agora”, tipo um pai dando ordem pro filho, mas na hora que ele quer tomar uma cerveja, então ele: “não, a gente é brother”. [Risos]. Aí, assim: eu produzi esse disco lá sem saber nada. Nessa época eu já tinha produzido o EPzinho do Liatris, mas aí não era profissional mesmo, né? Tanto que ele não soa profissional hoje e eu não ganhei dinheiro por ele. Na verdade, gastamos, né?

P – Cê não tem vontade de pegar as masters e mexer hoje em dia não? Pra ver?

D – Não, mas eu gravaria ele de novo. Aí, eu produzi esse disco de Jânio e semana passada eu fui ouvir, véi, esse disco. Aí, imagina o meu medo ouvindo o disco que eu gravei há sei lá, dez anos, né? Que foi o primeiro disco profissional mesmo assim, de alguém confiar e tal, e não sei se é porque foi o primeiro, parece que o meu coração tava todo ali... Rapaz, eu fiquei completamente impressionado, véi. O disco é bonito até hoje, bicho, e soa bem, eu mixei o disco, provavelmente sem saber dez por cento do que eu tava fazendo, do que eu precisava fazer, sem dúvida nenhuma, eu sabia naquela época 1% do que eu sei hoje, então, assim: não tem como ele soar bem daquele jeito ou ele ser bonitinho daquele jeito. Mas é um disco incrível. É um disco que tem participação até do Elomar, que é uma pessoa mais restrita, tem uma participação incrível, incrível, incrível de Ely Pinto. A gente escreveu uma música pro Ely, pra fechar o disco...

P – Foi aquela do liquidificador?

D – Do liquidificador é desse disco, pô.

P – Ah, tá. Tem até um clipe, né? Engraçado pra caramba.

D – O clipe. Os caras na resenha, na cozinha e na sala da casa de Jânio. [Risos]

P – [Risos]

D – Então, é isso aí. Você ver a história bateu dez anos assim, de eu dentro do estúdio e acabou ainda fazendo sentido assim, porque eu tinha muito medo de ouvir esse disco, véi, e ser uma coisa terrível, assim, tenebrosa. E eu já tava esperando por isso, né? Porque a gente vai olhar um trabalho seu de dez anos e ter a mesma coisa assim, né? Hoje. Mas é isso: o disco soa bem, tudo o mais. Sobre a questão dos discos do Liatris, hoje eu gravaria de novo. Eu faria um disco, porque o primeiro EP tem quatro músicas, o segundo EP, o *Fragments*, tem quatro músicas também, e eu tinha mais quatro que tavam feitas, então, eu queria fazer um disco mesmo, com doze músicas. Hoje eu tenho essas duas músicas, embora eu não tenha na minha cabeça, mas como foram composições

minhas, eu sei que se eu ouvir o tiro eu aprendo de novo as músicas, o que eu não souber, e as outras quatro que seriam pra esse terceiro que eu já tava pensando, essas eu tenho demo no computador. Eu tenho com bateria midi, de Guitar Pro, essas coisas. Então, esse aí, eu poderia pegar e dar uma repaginada, claro que eu mudaria uma coisa ou outra se fosse da proposta assim, ou então talvez fosse bonito também gravar 100% do jeito que é, e aí gravar pra valer, tipo num nível de produção de metal como ela pode ser feita hoje, né? Com amplificadores incríveis, tudo muito melhor e soando maravilhosamente bem, né? Só que pra... Eu até falei isso com... Duas peças pra mim extremamente importantes nesse sentido era que fizesse sentido pra todo mundo, né? Então, teve um momento que eu falei com Larissa, e ela falou: “pô, vamo fazer” e tal... Já teve um outro momento diferente que eu falei com Fábio e “sim, vamos fazer”, e com Luquinhas também, que era o baixista, “vamos fazer”... Todo mundo ama essa ideia, só que mesmo se fosse criar essa logística pra fazer essa gravação à distância, seria muito complicado pra Joílson, pô. Porque ele teria que trabalhar muito pra tirar de novo as baterias, né? E eu não queria eu gravar as baterias. Primeiro, porque eu não vou fazer as baterias, não vou gravar as baterias do jeito que Joílson gravaria. Eu fazia baterias que eu tenho certeza que se fosse eu tocando, eu não conseguiria. E Joilson conseguia. Tinha coisas que eu fazia ali, que eu fazia assim: falava: “Barrão, isso aqui é só pra você ter uma ideia, viu, véi? Não tem lógica cê tar aqui nesse cimbale, tss tss tsss...”

P – Aí, ele ia lá e fazia.

D – Ele ia lá e fazia. Aí eu falava: “não!” Aí me deu carta branca pra eu fazer qualquer loucura que eu pensar, eu botava nas baterias. E Joilson fazia. E ele gravou as baterias todas sem mudar uma nota. A única coisa que eu tive que fazer naquela bateria de Joilson foi tipo... Me lembro que teve uma música que ele, com os bumbos duplos tão fortes... “trrrrrr...”; balançou demais o microfone da esteira e aí caiu. Aí, tem uma música que metade dela não tem a gravação da parte de baixo da caixa. A única coisa que eu tive que fazer foi pegar a caixa e colar no lugar, mas ele tinha tocado certo. Mas tava sem o som do coisa da caixa, por causa da vibração dos bumbos. Só isso daí, véi. Então, assim: hoje a logística não daria não, mas isso daí é um disco, é um trabalho que, sem dúvida nenhuma, Plácido, e você falar isso já me deixa até assim, sabe? A cabeça cheia de ideias... Seria a forma perfeita de eu celebrar um momento desse, porque té a minha história com o metal... Eu não tenho tocado metal, né? Eu pego um instrumento, toda vez que eu pego na guitarra tem que ser pra trabalhar, pra fazer alguma coisa... Eu adoraria, pô, vejo direto amigos da gente no facebook, “ah, parei hoje pra tirar tal riff, tirar tal solo”... Nossa, vontade que eu tenho de fazer um negócio desse... Não tenho tempo nenhum. E é mais ou menos isso, meu velho. A história em geral ela se resume dessa forma. Várias coisas nesse meio tempo, né? Várias conquistas aqui, e uma porrada de coisa ruim na maioria das vezes sempre rola em paralelo, mas no geral é isso daí.

P – Cê chegou a fazer um registro, por exemplo, cê tem uma lista de músicos que você produziu aqui em Conquista, por exemplo? Aí, provavelmente cê tem porque é uma empresa e tal, né? Lá em São Paulo, aliás... Mas dessa época que cê tava aqui ainda, cê chegou a fazer um registro de com quem você trabalhou?

D – Tem, dá pra fazer. Tem coisa sim, de coisas antes de eu ir pra São Paulo. Que quando eu voltei pra cá pra Conquista, graças a Jah, eu tinha, eu guardei um dinheiro, falei: “pô, preciso ir pra Conquista e eu não posso trabalhar não, véi. Eu preciso curtir Conquista de novo, preciso ficar em paz, ficar com minha mãe”, não tinha negócio de quarentena nem nada, eu queria viajar, eu queria

chegar aqui em Conquista, ficar um fim de semana, outro fim de semana ir pra Ilhéus, ver amigos de lá, sabe? Eu queria isso né? Então eu vim pra cá sem a mínima intenção de trabalhar. Claro que eu sabia que isso não ia durar três meses, né? Porque a gente fica coçando pra voltar pro estúdio e tal, e ainda é a coisa que mais, o meu principal... É minha fonte de tudo. Minha fonte de diversão, de pesquisa, de trabalho, de grana, tudo. Produção musical e mixagem são as duas coisas que eu acordo pensando e vou dormir pensando. Então, eu sei que eu não ia aguentar muito tempo, mas aí quando eu vim pra cá agora em 2019, aí cê vai no Cinco Continentes tomar uma cerveja, aí Yuri me chamou: “pô, produz uma música minha, véi. Aproveitar que cê tava aí”. Aí, comecei a produzir Yuri. Depois... Yuri Sanxes, né? Com a banda nova que ele queria lançar, depois o Dan karuna, depois um e outro, eu sei que em 2019, eu produzi uns dez artistas conquistenses. Uns dez trabalhos. Mixei uma porrada de gente, até a galera do crente, do meio crente, que falavam: “bicho, a gente quer fazer um disco, mas não é pra ele soar tão crente, mas eu quero que seja crente. Quero que soe, que seja no meio evangélico, mas que soe crente, aquela coisa de igreja, será que não consegue forjar isso pra gente não? Um ambiente assim de worship, tal... Então, gravei uma porção de gente. Esses aí, eu lembro de tudo porque tá mais frequente, eu posso te passar escrito depois do nosso meet aqui. Mas dos antigos, bro, tem... No metal, teve Mictian, teve Inside Hatred, teve a Distintivo Blue, comecei a produzir Ladrões de Vinil, não consegui terminar o disco dos caras, faltei a uma porrada de sessão, e aí os caras ficaram sem paciência, depois, claro que, inclusive eu tava até conversando edia desse com Loro sobre isso, e Dieguinho também, “ó, eu assumi a culpa daquele trabalho ter dado errado mas tinha um monte de merda que foi culpa de vocês”. Aí depois de dez anos, cê consegue pensar, né? Essa porra... “é mesmo, né véi? Chegava lá, não tinha corda no instrumento pra tocar”, e mandava um monte de lição pros meninos pra casa: “ó, pega esse riff”, como eles são muito trancados de riff, né? Tinha um monte de coisas legais assim, tal, dobra de guitarra, “ó, vai treinar isso”, aí chegava lá, tava um caos. Coisa típica, todo mundo amador, né? Na época. E eu, acima de todos, e mais amador ainda por ter assumido e não ter finalizado a parada. Mas aí, eu não sei se tem alguma coisa com eles registrada nisso... Mas eu consigo lembrar assim, acho que de uns dez nomes. Quando eu te mandar essa lista... Eu te mando. Mas tem bastante coisa. Tem umas coisas bonitas, tem umas coisas que eu ouço até hoje, que a galera manda de vez em quando, mas eu acabo não dando o *play*, mas eu: “ah, que bom que tem isso aqui”, tipo, dia desse mesmo apareceu uns link aí pra mim daquele Palco MP3, velho... Eu nem sabia que existia esse site, e tem lá uma porrada de coisa.

P – Existe ainda e bombando, véi. Por incrível que pareça.

D – Pois é, bicho. Caramba, velho. Eu não imaginava, Plácido. E acharam uma playlist de coisas de Conquista. Não, de coisa da Bahia. Aí, tem uma porrada de coisa de Conquista. Aí, eu: “pô, foi eu que gravei isso aqui, véi!”.

P – [Risos] É engraçado que o Palco MP3 é tipo o Myspace né? Lá no passado, bem passado, mas o bicho tá funcionando normal até hoje, véi. [Risos]

D – Pois é. E na verdade, foi inclusive bem mais funcional que o Myspace, porque o Myspace foi assim, né? Começou lá a funcionar, de repente, dizem que alguém entrou e não tava mais online, né? Aí, depois voltou de novo a material sumir do site, e aí não sei se voltou né?

P – A última vez que olhei, ele tava funcionando, mas assim, parecendo uma casa abandonada, tá ligado? Largado assim de... Sei lá.

D – É. O disco do Liatris mesmo, foi lá que a gente lançou, então assim: as pessoas que iam fazer review e não tinha disco físico, era tudo por lá, né? Era uma ferramenta útil pra caramba.

[...]

D – Eu quero deixar registrado mesmo, que isso daqui pra mim é extremamente importante. Você é uma das pessoas que, assim, bro, é o saudosismo quando você toma uma ou outra, tal, sempre tem uma história que cê lembra, mas sempre pensando no seu ambiente. Cê tá sempre pensando: “porra, bro, cê lembra daquele dia que a gente fez um show em tal lugar e não tinha o dinheiro, aí deram pra gente um cachê lá, a gente pegou e teve que comprar pastel pra todo mundo...”; essas coisas, essas histórias toscas, todo mundo tem, mas é sempre voltado pra isso aqui, né? Esse trabalho que você faz, ele anda nas veredas da memória, né? Da memória como objeto de estudo mesmo, de um resgate que é extremamente importante, velho, e eu gostaria, inclusive, de ter feito um briefing com você antes, não.. Foi ótimo essa nossa conversa, justamente porque isso aqui sou eu. Isso aqui é 100% do que eu sou hoje quando diz respeito a esse ambiente de arte, e também com a própria questão de como essas histórias aparecem na minha cabeça e de cronologia e tal, assim, eu realmente as informações que eu dou são as informações que eu consigo me recordar, mas o que acontece: se eu tivesse feito um briefing com você eu teria tido um pouco mais de cuidado em lembrar de algumas coisas que eu sei que podem ser muito boas pra sua pesquisa. Mas, se eventualmente isso acontecer, a gente faz uma segunda e aprofunda também.

[...]

P – A gente vai conversando aí daqui pra frente até eu te convencer a gravar o disco do Liatris de novo. [Risos]

D – Rapaz, cê não sabe como cê chegou perto agora de fazer isso aí. Meu Deus do céu. E agora é bom que a gente tem todas as possibilidades, né? E é bom que tá todo mundo maduro, todo mundo adulto, vamos ver o que que essa galera fala. Se eles toparem, eu tô dentro demais.

Termina em 1:05

BRUNO MAIA

Bancário. Vocalista Sigyn, Menino de Lata.

Nome completo: Bruno Maia Santos

Data da entrevista: 18/11/2020

Transcrição: 28/09/2021 – 11/01/2022

Início em: 2:09

PLÁCIDO – [...] Eu sempre começo assim, a primeira pergunta que eu faço é: onde você nasceu, se foi aqui em Conquista mesmo, e qual o ano. Daí a gente parte. É o pontapé inicial.

BRUNO – Beleza. Eu nasci 1º de dezembro de 85 aqui em Conquista mesmo, nunca morei fora... Quer dizer, tirando já lá na frente, com vinte e um anos, depois que passei num concurso, né? Que é meu trabalho atual, que é no Banco do Brasil, mas sempre criado em Conquista, naquelas casas de família, que os filhos construíam do lado e aí ficava aquela casa monstruosa, todo mundo criado junto, cheio de... Que aprontava bastante, com um quintal assim massa... Inclusive, eu tô nessa casa agora. Essa casa agora que fica na Fernando Espínola, né? Que foi, além de onde eu passei minha vida até... Digamos, eu passei num concurso depois dos vinte e um, vinte e dois anos, foi onde realmente tudo começou e... Tudo mesmo, porque aqui a gente improvisava até espaço pra ensaiar, né? Mas eu vou tentar deixar cronológico a parada.

P - [...] Não se preocupe com isso não. Não precisa seguir uma linha cronológica não. [...]; Essa casa que você fala aí eu acho que até já fui uma vez. Eu fui com Darlan, tal, setecentos mil anos atrás e aí, Doug, né? Seu irmão, que morava com você também, eu lembro que vocês começaram a ensaiar, tocaram até Iron Maiden, foi quando eu vi você cantar a primeira vez. Faz tempo pra caramba. Não lhe conhecia. Eu fui acho que com Darlan mesmo na sua casa e vocês ensaiaram. Tinha um...

B – Darlan, irmão de...

P - ...De Bruno, que era da banda A-Divert na época.

B – Darlan irmão de Bruno, né? É. Isso, que tinha Daniel Mendes, né? Daniel Doido. [risos]. Daniel, figuraça, véi..

P – Que foi pra Londres.

B – É, exatamente. Daniel, figuraça, velho. Parecia aqueles caras de filme de Sessão da Tarde.

P – Psicopata. Quetão, quando cê via... [Risos]

B – Exatamente. Então, foi nessa casa mesmo. Exatamente. Bem, da minha infância, cara, vou tentar ver aqui. O que me marca muito é que a gente sempre foi criado, no caso, eu sou o caçula de três irmãos, né? E aqui morava e mora também meu primo que já foi baterista também da Sigyn, hoje é da Menino de Lata... Contextualizando: meu irmão, que foi da Dezoito 21, foi da Blind Mirrors, que foi uma banda de heavy metal, que durou pouco tempo, tal, mas...

P – Rodrigo, você fala?

B – Isso. Rodrigo, que tocou guitarra na Blind Mirrors, que tinha Fábio Metal, tinha Daniel Mendes, tinha meu outro irmão, meu irmão do meio, que é Guilherme, que hoje tá no Paraná, doutor em física, tal, voltou a tocar baixo, acho que foi uma coisa bacana é que não sei o que que foi que aconteceu, mas todo mundo daquela época eu tô vendo na música de novo. Não sei se é porque eu tinha fechado os olhos, depois abri, a galera tava, e eu só reparei agora, mas eu acho muito legal...

P – É, cê tinha sumido.

B – É, eu tava com um bloqueio forte, mas eu acho que eu consigo chegar lá. De alguma maneira posso contribuir pra alguém. Mas, então, eu tinha meus primos, que é Sandoval, minha prima Soraia, que cantava em igreja também, e tem meu primo, que talvez você conheça porque é professor, talvez tenha sido seu professor, Patente. Professor de física, não sei se...

P – Sei. É, eu acho que fui aluno dele no terceiro ano talvez, ou segundo. Um ano só. É verdade, morava ali mesmo, na Fernando Espínola. Eu lembro disso.

B – Isso. Exatamente. E, basicamente, quando você me falou que era mais ou menos como seria contar a história, como eu vou linkar, pra manter a história... Pensar em quem basicamente me levou pra música, né? E aí, são três pessoas que eu consigo assim dizer que foram primordiais, né? Primeiramente foi meu pai. Meu pai sempre escutou música, sempre gostou de música e ele só sabia... A gente tinha um violão aqui, violão clássico Di Giórgio...

P – Todo mundo né? Teve um desse em casa... [Risos]

B – Né? E aí, meu pai só sabia tocar umas duas músicas, mas instrumento não tinha entrado ainda. Eu tô na fase eu pequeno, novo ainda. E aí, meu pai sempre escutou muita ópera, muita música clássica, muita música, vou considerar, antiga assim, né? Pra cê ter uma ideia, ele escutava, tipo... Vicente Celestino, Edinaldo, Jessé... E eu tô citando esses aí porque eu, quando tinha uns oito, nove anos, cara, tinha uma coletânea de... Olha que doideira, velho: tinha uma coletânea de Vicente Celestino, que eu não sei nem se cê conhece, cara...

P – Conheço.

D – Mas é daquela música; “no dia em que nascemos e vivemos para o mundo nos falta uma costela...” Só que essa é a versão mais florida, né? Que veio depois pra uma novela da Globo. Mas era um cara que: “no dia que nascemos...” (voz mais gutural) uma voz bem... Bem de véio, né? Digamos assim... E eu gostava demais. E aí, eu gostava muito de escutar esse CD, tinha umas músicas muito loucas. Era bem... Eu vou dizer *teatral*, porque eu não vou saber dizer o termo correto. Mas era sempre contando uma história. Cada música era meio que contando uma história. Essa aí mesmo conta uma história. O cara vai pra guerra, não sei o que... Tinha outra que ele, tipo,

a mulher tratou mal ele, não lembro exatamente a história, mas tinha: “aquela ingrata, não sei o que, não sei o que lá...”; Então, tinha... E era cheio de melodia, cheio de sinfonia, né? Eu achava muito legal aquilo. E citei também Jessé. Jessé a galera cita muito por causa de *Porto Solidão* e tal... Mas cara, *Porto Solidão* era a que eu menos escutava. Eu gostava muito de *Campo Minad* entre outras e, cara, se você escuta Jessé, cara, é uma voz do caramba. Você que canta também, Plácido, tipo... Rapaz, a minha influência tá muito ali, velho. Muito mesmo, porque é uma voz limpa, né? E, vamos dizer que, quando, digamos assim, só pra tentar linkar... Quando digamos, que Edu Falaschi chegou no Angra, com aquela voz limpa, que o ponto forte dele era aquela voz, né? Brilhante, tal, só me lembrou: “caraca, o cara canta tipo Jessé”, entendeu? E, eu achava... Mas ainda não tô metaleiro não: ainda tô com as músicas antigas. E aí, Jessé tinha muito isso de orquestração, essa coisa toda... Edinaldo, a gente escutava demais, tinha umas viagens muito legal, umas batidas assim... Gostava demais da voz dessa galera, mas aí, o fato de cantar, né? Eu, na verdade, eu era muito de... Ainda tô abaixo dos dez anos, não sabia dizer a idade, mas eu era muito de cantar no banheiro, igual todo mundo, né? Aquele reverb legal, aquele *efeito Faustão*, quando Faustão fala: “dá uma palhinha aí”, aí aquele reverb, aí você solta a voz.

P – [Risos]

B – Aí, eu cantava muito cara, mas cantava muito. Meu pai era muito fissurado em filmes, né? Trilhas sonoras, música clássica, como falei, e eu me lembro que ele gostava de assistir diversas vezes o mesmo filme. Eeu me lembro que a gente tinha em VHS, o filme *Robin-Hood*, que tem Kevin Costner, e... Esqueci o nome daquele rapaz negro, que faz até o papel de Deus...

P – Ah, é Morgan Freeman.

B – Morgan Freeman. Perfeitamente.

P – Ele não é bem mais um *rapaz*, né? [Risos]

B – É. E aí, a gente assistiu muito esse filme. Assistia muito também outro filme, eu acho que ele era fissurado em Kevin Costner, agora que me ocorreu. Tinha *O Guarda-Costas*, tinha uma trilha sonora magnífica, né? E tal... E, como eu era muito novo, eu sempre tinha uma voz que tipo... Talvez hoje não confunda tanto, né? Mas eu sempre tinha uma voz mais aguda, né? Pela idade também. E aí, eu ia me aventurando assim quando ligava o *reverb* do chuveiro, e aí ia cantando Whitney Houston, cantando um bocado de coisa assim, e sempre, lembro que eu tinha esse pensamento quando eu era bem mais novo: pensava assim: “caramba, eu consigo cantar qualquer coisa”. Mas é porque você tem aquela coisa de, tipo, você tá muito novo, sua elasticidade tá num... Você não tem, na verdade, nada te travando quando a adolescência chega, né? E aí, eu meio que fazia... Pra você ter uma ideia, cara: minha prima, ela tocava violão, né? Soraia, que é irmã de Sandoval, baterista. Eu sempre gostei muito de imitar. Eu sempre gostei muito de vozes, né? Gostei de brincar com dublagem. Eu até lembro que, quando minha prima pegava o violão, isso, talvez, com onze, doze anos, não sei, a gente sempre escutou muito Geraldo Azevedo, *O Grande Encontro*, e aí, lembro que eu, além das músicas da época que rolavam, tipo Sandy & Junior... Não vou lembrar aqui agora, mas eu tô tentando, lembrei o que, na verdade, eu imitava. Aí eu fazia *O Grande Encontro* fazendo as... Eu não fazia a voz de Alceu Valença. Na verdade eu não gosto muito do Alceu Valença, mas é uma coisa particular demais. Aí, eu gostava de imitar Geraldo Azevedo, era o que o povo mais pedia, né? “Faz *O Grande Encontro*”, pegava as músicas que tinha

Geraldo Azevedo, Zé Ramalho e Elba Ramalho. Aí, eu imitava os três. E era aquela coisa: a galera pocava na risada. Lembrando que eram crianças. Pocava na risada, e os adultos pedindo pra fazer. Então, não era tipo, galera tá rindo porque tá doida. Não, ninguém nada, nada. Era brincadeira com voz mesmo. Eu sempre gostei de fazer. Imitava Sandy & Junior, imitava a voz da Sandy, desenho animado, imitava a voz do Cebolinha, hoje eu não consigo nem chegar perto, muito agudo ali. Mas, lembro que os Cavaleiros do Zodíaco, cara, até hoje eu imito uma galera dos Cavaleiros do Zodíaco. Não sei se você acompanhou Cavaleiros do Zodíaco.

P – Claro, pô.

D – Mas eu imitava. Até hoje ainda faço. Até hoje a risada do Saga me é solicitada de vez em quando por minha prima. Ela manda um áudio pra mim: “ô, Bruno...”

P – “manda aí”. [Risos]

D – Finge que é o Saga fazendo não sei o que e dá a risada no final. Eu fazia... Eu não sei se vai sair agora, né? Aquela coisa de... Tal. Mas, é tipo... O Saga indo comprar pão. Isso aqui é uma bobagem muito grande que eu vou fazer agora.

P – [Risos] Faça.

D – Né? Porque eu tô sozinho em casa. Cê sabe quem é o Saga? Não sei se você conhece.

P – Claro, pô! Claro que eu sei, pô! Conheço a fundo, tá doido?

D – O Saga comprando pão. Muito bem. Aí, o Saga entrava na padaria, né? E falava... Agora vou ter que mudar a voz, né? Aí, o Saga falava: [entonando a voz do dublador] “me vê dois pães de sal, por favor”. Aí o cara falava, tipo: “Mas eu não tenho troco, meu senhor”; “[risada] então eu não vou pagar”; aí, o Seiya aparecia: “Saga, espere! Você precisa pagar o pão”; “Seiya, deixe ele. Ele é nosso amigo”; E ficava aquela brincadeira de... “Espere, Shiryu... Eu vou chamar a minha mãe. Eu vou lhe contar direito”... Aí ficava aquela coisa lá, daqui a pouco saía um “Ikki...”; Aí, ficava aquela brincadeira. É uma bobagem, na verdade, mas eu até hoje me divirto, eu às vezes pegava uns vídeos, fazia umas redublagens e espalhava na família, mas é um trabalho miserável... E às vezes cê ter um trabalho miserável pra fazer uma edição de vídeo assim, sabe aquela coisa... Eu vi esses dias na internet, um cara querendo mostrar um vídeo pra uma pessoa, acho que a mulher dele, aí mostrava... “sua expectativa na risada do outro de alguma coisa que cê vai mostrar”. Aí o cara mostrava o vídeo pra esposa, a esposa: [cara sem expressão]. Aí, ele lá: “vai rir, vai rir...”, e ela não ri. Então, já me podei muito de fazer essas coisas, porque aí fica aquela expectativa e “pô, bro, ficou legal, mas...”; “Poxa... Teve um trabalho doido e tal...”; Mas assim, voltando: eu sempre gostei de vozes, né? E, tanto é que, toda vez que tipo, se eu escuto cara, meu pai já é falecido tem uns sete anos, né? Mas toda vez que eu escuto... Essa memória musical que a gente tem, né? Toda vez que eu escuto Geraldo Azevedo, O Grande Encontro, quando escuto alguma coisa do Queen, por exemplo, quando assinto a um musical, alguma coisa assim, sempre me vem aquela memória, tipo assim: “caramba, eu gosto disso até hoje!” e eu tenho um respeito muito grande por essa coisa musical que meu pai passou pra gente, pra mim e meus irmãos. Então, basicamente foi o que, digamos assim, brincava só, de cantar. Não cantava. E aí, lembro que com uns dez, onze anos, alguma coisa assim, eu sempre achei bonito tocar piano, né? Eu queria tocar piano. Eu não tocava nenhum instrumento. E aí, tinha um conservatório, que era perto daqui de casa, *Beethoven*, se não

me engano. Acho que é *Beethoven. Conservatório de Música Beethoven*, uma coisa assim. E matriculei, comecei a aprender, tomei gosto, né? Tal... E aí, beleza: fiquei acho que uns dois ou três anos. Dois anos, eu acho. Chegou a ser três não. Mas, eu sempre fui muito na minha, sabe? No meu mundinho ali. Eu não saía, tal... Ficava só com a galera da família, tal, ia pra casa da minha vó, ficava lá, tal, às vezes assistia *A Usurpadora*...

P – [Risos] Aí, cê foi longe, viu? [Risos]

B – E ali ia curtindo. Minha tia tinha uma coleção de gibis da Turma da Mônica, e eu ficava viajando, sabe? Viajando ali. “Vou pra casa de vó, vou ficar tomando café, deitar no sofá e ficar lendo gibi”. Então, era isso que eu me divertia bastante. E comecei as aulas de piano, e acabei saindo, porque, na verdade, eu me dava muito bem. Eu comecei a ficar com medo. Eu acho que a minha vida é cheia de medos assim... Sou muito medroso, na verdade. Mas eu não me arrependo. Eu tô contente com o que eu sou hoje, com o que eu tenho hoje, mas eu tive medo quando eu tava tendo aula de piano, porque eu tava pegando super bem e o que aconteceu é que aumentou a carga pra mim. A professora passava muito mais carga pra mim do que antes, e aí começava aquela coisa: eu chegava em casa, eu tinha que praticar tipo, uma música até a próxima aula. Aí passava duas, três músicas. E quando eu vi, eu só tava naquilo. Aí começou a ficar chato. E aí, eu tinha um medo porque... Lembrei de outra coisa também: eu era muito fissurado em computador, né? E eu lembro que nessa idade, com dez, onze anos, eu brincava de traduzir jogos. Você lembra, foi numa época que começou a surgir os emuladores e *roms*, né? Aí tinha vários jogos RPG... Eu não gostava de RPG, mas...

P – Em 98, por aí... 98, 97, sei lá, que começou a aparecer essas *roms*... 99, talvez...

B – Provavelmente. Isso. Provavelmente por aí.

P – Pokémon. [Risos]

B – Olha só que doideira: eu aprendi a usar um editor hexadecimal, conseguia localizar o texto, traduzir, aprendi alguma coisinha de programação ali, mas dropei de novo. Falei: “caramba, velho, eu vou ficar um cara exilado...”

P – [risos]

B - “...em frente ao computador”... Tipo assim, que era o que eu fazia já, né? Eu já fazia isso: ficava de frente pro computador depois ia pro piano, mas sempre fui bem-humorado quando eu me expressava, né? O difícil mais era eu me expressar. Mas sempre fui bem-humorado, bem atencioso, tudo o mais. Mas eu ficava com aquele medo de “caramba, vou passar a vida atrás de um computador”. Eu trabalho num banco num computador, mas tudo bem. [Risos] Mas é uma outra questão, mas não é exatamente do mesmo jeito, né? Porque você conversa. Tem toda uma dinâmica diferente. Mas eu tive esses medos assim, eu falei: “não, espera aí, eu vou dar um tempo disso aqui”. Aí, na época também dei um tempo do piano, tal, beleza. Nessa época, eu acho que tava na sétima série, oitava série, e aí, quando eu larguei o piano, eu vi meu irmão começando a tocar violão, se não me engano. Meu irmão, se eu tava na sétima, ele tava no primeiro ano, ele tava entrando no CEFET, eu tava no Juvêncio Terra. Meu pai era professor lá, então eu tinha bolsa, e aí, foi lá no CEFET que... Deixa eu ver se já vou te apresentar a segunda pessoa... Na verdade, a segunda e a terceira pessoa meio que foram juntas. Talvez eu vou errar na cronologia aí, mas você

vai entender. O seguinte: meu irmão tava no primeiro ano, eu na sétima série, eu comecei a ver aquelas revistas de cifras, depois eu reparei que aquilo ali eram os dedos que deviam tar posicionados, e aí começava a achar, “deixa eu ver se tem uma que eu conheço aqui”, tal... E aí, começava a sair, tal, e aí peguei até algo que eu tinha até no piano, que eu uso pra mim pra tudo, na verdade, que é aquela coisa: existe aquela dificuldade inicial, mas se você coloca que é difícil, vai ser difícil. Então, o que eu coloco é o seguinte, por exemplo, no violão: aí eu pegava, a mudança de acordes era complicada. Eu fazia pra mim assim: “eu já sei fazer”. Aí, ia saindo tudo errado, mas na minha cabeça: “não, já sei fazer”. E até chegou uma hora que: “caramba, ficou natural”. E aí, quando você não coloca barreiras, você consegue. O difícil é isso, né? Você não colocar barreiras, mas é isso. Aí, beleza: pegava um pouquinho de violão, tal, e aí meu irmão no CEFET conheceu um cara que... Túlio. Foi colega dele. Túlio ainda tinha o cabelo meio curto, tipo começando a prender o cabelo ainda, meio curto, e Túlio tava aprendendo guitarra, tal. E aí, meu irmão uma vez viu Túlio tocando, uma vez Túlio veio aqui em casa, eu vi, falei: “pô, que legal...”; Era até um estilo meio blues que ele tocava. Eu lembro de uma apresentação de um trabalho deles, que a gente filmou, e a edição não era no computador não: era no *rec* no momento certo. Com VHS, né? E aí, a trilha do início era tipo um blues... [solfeja blues estilo *Hoochie Coochie Man*].

P – É tipo *Bad to the Bone*...

B – Isso. Exatamente. Depois eu fui ver que isso tinha numa música. Falei: “opa, espera aí. Foi Túlio que inventou isso não”. [Risos] mas é uma coisa tradicional, uma coisa manjada... E Túlio veio com uma bagagem que mudou muita coisa. Ele veio com Guns n’ Roses, Metallica, um bocado de coisa. Eu me lembro que o meu contago com o rock antes disso foi com uma outra pessoa que foi essencial musicalmente até na época que eu queria aprender teclado, e tal, que foi o meu primo Patente. Poucos sabem, mas Patente foi um puta músico, cara...

P – É, eu lembro que ele tocava teclado mesmo, mas assim, eu vi...

B – Mas veja bem: teclado era uma das habilidades dele. Ele era guitarrista, na verdade. Ele tinha um teclado, mas ele era daqueles que... Muito virtuoso. Era assim, cara: ele, basicamente, como ele morava do lado aqui de casa, do lado mesmo, tinha uma porta aqui do lado, e ele deixava a guitarra, e começava a tocar guitarra, eu já abria a porta, chegava lá, sentava, e ficava ouvindo ele tocar guitarra, ele tava numa transição na época, que foi antes de ele virar evangélico assim, de abandonar a música. Eu vou usar o termo *abandonar a música*, porque ele abandonou mesmo. Mas, ele escutava muito Rush, eu lembro que a gente ficava assistindo o show do Rush, o show que pegava lá na Hot Line, né? Alugava as coisas, né? Eu lembro que era onde eu ia, eu meio que ia, né? E aí, eu via ele alugando o CD do Red Hot, alguma coisa assim, mas eu não escutava muito. Eu via mais essa parte ali, dele na guitarra, vendo uns lances do Dream Theater, mas eu gostava mais da parte da guitarra. Do restante, eu gostava mais ou menos. Mas eu admirava demais. Eu falava assim: “ele toca demais”. Mas eu nunca pensei de ter banda nem nada não. Até que, um pouco mais à frente, ele... tem umas bandas já de rock gospel, era *DC Talk*. *DC Talk* são três caras que cantam super bem e têm uma levada rock. Cara, aquele som me encantou porque era uns caras que cantavam super bem e era um rock n’ roll muito legal mesmo. Até hoje me pego assim... Hoje, com o Spotify é tão bom, que você consegue escutar o que você quer, né?

P – Verdade.

B – É muito legal. Se você ver é muito bom, essa facilidade é muito boa, ao mesmo tempo que você não valoriza muito aquilo de você achar a coisa. É uma via muito louca. E aí, ele tinha um violão corda de aço, som muito bonito, Crafter, um preto, acho que tem até hoje, acho que tá com minha prima Soraia agora. Mas ele fazia as batidas no violão nas músicas mais acústicas e aí eu cantava maíto que no *embromation*. Lembrando que *embromation* me acompanhou por muito tempo.

P – Ah, todos nós. [Risos]

B – Aí, ele falou... [risos] Aí, eu cantava assim, ele falou: “pô, ficou legal”. E aí, beleza. Aí tinha uma banda também, já ia pra guitarra. Uma banda chamada *White Cross*. Ela já é um *hard rock*, uma coisa assim, e aí eu fazia a voz. Ele: “Pô, cara, que legal, que legal”. E aí, ele ia me ensinando as letras das músicas, tinha uma outra banda também, *Burlap to Cashmere*. Você que curte violão assim, vai ver muito violão flamenco... “trrrram, trrrram...”; É muito legal. Mas aí, eu lembro que ele me explicava as letras assim: [...] a frase era “the book is on the table”, aí ele botava: “dê búqui...”... Daquele jeito fonemático, sabe? “Não precisa saber o que é. Cê vai cantar isso aqui. Lê isso aqui como se fosse português”. E aí, pronto, eu via assim: “legal”, mas eu só cantava com ele, entendeu? Só cantava com ele e era muito legal porque dava umas oito da noite, ele chegava acho que da faculdade, uma coisa assim, ia tocar guitarra, e era muito legal, cara, porque eu sabia que eu ia cantar... Eu gostava de cantar, mas eu gostava de cantar e só, tava pensando em nada não. Nem até hoje, mas criei mais gosto pela coisa, mas eu sabia que a gente ia cantar, e ia pedir uma pizza ou ele ia fazer um macarrão. [risos] E ele era muito fera de fazer macarrão. Aqueles macarrão que pega tudo da geladeira e bota dentro, ficava massa demais. Aí, é isso. A parte de Patente, eu acho que vou só até aí. Inclusive, eu não vou só até aí não, porque recentemente, depois ele converteu, quebrou uma porrada de CD dele, tal...

P – É, tinha essas maluquices, né, velho? Eu também conheci um monte de gente que entrou pra igreja e saiu se desfazendo de tudo assim. Coisa muito louca isso.

B – Porra, véi... Porra... Eu sei que é coisa do capeta, mas espera aí, cara... [risos]

P – [risos] Deixa aí, não joga fora não... [risos]

B – [risos] Tô brincando. [risos] Deixa aí, véi. Joga fora não, véi, é reciclável... [risos] Aí, eu lembro que, tipo, a guitarra ele desfez, parou de tocar e tal, mas aí eu lembro que... Aí eu já era um adolescente. Sobre esse assunto, acho que eu não devo falar dele mais agora, mas recentemente, como ele dá aula aqui do lado daqui da casa da Fernando Espínola, onde eu tô agora, então eu tenho o visto bastante, né? E eu conversei com ele recentemente, eu falei: “Pô, Cao, eu...”; O apelido de Patente é Cao: Carlos Henrique o nome dele, e a gente chamava sempre de Cao. Eu falei: “Pô, Cao, seria legal se cê topasse, a gente pegasse umas músicas daquelas que, quando eu comecei a cantar, e tu pegasse o violão aí, tal...”, aí ele falou: “poxa, mas eu nem lembro se eu sei tocar direito”. Eu falei: “não, você toparia?”; Ele falou que topa, eu falei: “Pô, véi, que legal”. Aí, falta só eu organizar direitinho, que eu sei que eu vou ter que fazer aquela coisa assim, que eu sei que vai ser rápido, tem que ser uma coisa rápida. Se for uma coisa assim: “ó, vamos primeiro gravar a primeira parte...”, não. Vai ter que ser uma coisa em uma tomada só, porque eu sei que senão ele vaza. E aí, é uma coisa que eu quero muito fazer, né? Aí, beleza: a parte dele é essa, que foi a segunda pessoa aí. A primeira foi meu pai, e depois vai vir Túlio agora, em peso, sem sacanagem, porque Túlio era pesado na época... Eu tenho que fazer uma piada, né? Foi mal, cê corta essa parte.

P – Não. Vou deixar mesmo. [risos]

B – [risos] Mas de boa, vamo lá. Tenho essa liberdade. E aí, Túlio chegou com uma bagagem diferente. Eu lembro que quando eu vi aquele show em Tóquio do Guns n' Roses, eu fiquei assim: “que absurdo!”. Apareceu o Axl Rose fumando... Eu falei: “que absurdo!”. Pô, a galera bebendo. Aí tem uma parte que acho que o Duff McKagan acho que jogava, acho que no clipe de *Don't Cry*, jogava uma... Ou alguém jogava uma bebida em Duff McKagan na escada, num clipe... Lembrei disso aqui agora. Falava: “pô, véi, que absurdo!”... Agora eu vou falar um pouquinho da minha criação com meus irmãos. A gente sempre foi uns meninos que não deram trabalho pra ninguém. A gente foi super bem-educado, a gente teve uma liberdade muito boa mesmo, no sentido de que, tipo, a gente ia até onde podia ir, e era uma confiança na educação que deram pra gente, cara, que é uma coisa que eu vou repetir pra minha filha. Quando eu comecei a cantar, quando você começa com o rock n' roll... Pô, eu vou acabar adiantando um pouquinho, mas você vai entender. Aqui em casa era muito cheio de gente, né? E uma coisa que eu reparava muito, e eu sempre fui muito observador, né? Normalmente, a gente que... Não sei como você é, na verdade, mas eu acho que você é um pouco assim, porque eu acho que você é um pouco, aparentemente fechado, mas você é na sua. Eu sei disso assim, no sentido assim, no sentido que eu me aproximei de você mais por agora. Eram umas conversas mais contidas. Não era tipo, não era só “oi, tudo bem?”. Era: “oi, tudo bem? Será que vai chover hoje?” Era uma coisa mais contida. Era uma coisa mais observadora. E aí, como eu tenho essa característica, eu acho que cê seja um pouco assim também. Posso tar errado também.

P – É, eu também sou assim.

B – Mas eu sempre fui muito observador. Cê também era assim, né?

P – Ainda sou, na verdade.

B – E a maneira também, de se portar no... Ainda é, né? Eu tô mais gaiato. Comparado, eu tô muito gaiato. Tem um nível de gaiatice tolerável...

P – Teve uma época que eu era *bicho do mato* mesmo. [risos]

B – Eu lembro. Lembrei de uma coisa aqui agora. É porque com seu visual... Deixa eu olhar aqui direito... Seu visual atual, não lembra muito não, mas quando passava na Globo *As Aventuras do Superman, Louis & Clark: As Aventuras do Superman*, eu falava: “pô, véi, aquele cara parece o cara que...”

P – É, sem barba e tal...

B – Cê tinha um visual parecido, não tinha?

P – É, de vez em quando alguém falava uma coisa assim.

B – Eu falava: “pô, aquele cara parece...”

P – O óculos quadrado...

B – Era elogio, viu, véi? Era elogio. O cara é... O cara é... Né? Eu até revi esse cara num filme uma vez, num cinema que eu tava, uma época, minha esposa ainda era minha namorada, a gente viu

esse cara que fazia o Superman num par romântico com Juliana Paes num filme aí, tal... Acho que no cinema aqui, mas...

P – Ah, é verdade... EU acho que eu vi também esse filme. Não sei qual.

B – É, eu nem lembro... Era daqueles filmes bobos, que a gente vai assistir. Aquela coisa assim. Mas assim, eu era muito observador, e aqui em casa era muito cheio. Tinha meu irmão tocando, tinha Tulião tocando, até agora sem banda, sem nada. Na verdade, Tulião tava entrando na Inércia, alguma coisa assim. Na verdade, nem era Inércia. Era uma banda ainda que não tinha nome, então Túlio tocava direto violão aqui, então, aquele primeiro ano do meu irmão, que foi basicamente quando eu tava na sétima série, devia ter uns doze anos, era muita música aqui em casa, e aí tinha Marcelo aqui da rua, também tinha um violão, também vinha tocar, tal... E aí, vinha muita gente aqui em casa, né? E eu reparava assim, porque eu não era roqueiro ainda, tal, não sei o que, mas tava ali os primórdios da que viria a ser a Inércia. Nome que, inclusive, Túlio que deu esse nome. E eu me lembro, cara, que teve um documentário da Inércia, pode até servir de alguma coisa. Não sei se vai ter bagagem ou vai ser só algo falando sobre eles.

P – Eu tô procurando esse documentário, eu não consigo encontrar.

B – Ah, eu vou achar. Eu assisti... Assisti não: eu fui me achar nesse documentário, e eu acho que participei. Aí, eu me achei lá. O vídeo tá tosco, tá quadrado, tá parecendo *Wolfenstein 3D* assim, todo doido assim. Mas eu prometo que eu vou passar pra você depois desse vídeo aqui, eu vou achar pra você. Vai tar no meu ali, eu vou achar de alguma maneira.

P – Ah, massa.

B – Vou achar, e aí eu te mando, além das músicas. E aí, foi Túlio que deu o nome pra banda, tal, e Túlio não tá no documentário. Mas, eu acho que foi uma rixa lá. Existem histórias, né? De que existem pessoas que são difíceis, né? Mas assim, cara: eu também não sou um cara fácil não, mas ninguém é fácil, na verdade. A gente tem que saber lidar com as pessoas, né? A gente tem que saber tocar o barco.

P – E a gente vai aprendendo aos poucos, né?

B – É, exatamente. A gente vai ficando mais maduro e vê o tanto de bestagem que a gente fala, a gente faz, né? Mas é aprendizado. Sem isso, a gente não seria quem a gente é hoje. Eu não sei se cê tá casado, não sei como é que cê tá, mas uma coisa que cê aprende quando cê casa, é que cê tem que ser maduro o tempo todo, véi, porque se for aquele “hum, não tá do meu jeito, nananá...”, aquele negócio, cabou, meu irmão. Esquece. Você fica maduro, você aprende que cê tem que colaborar mesmo, cê tem que “deixa disso”, “você não é todo mundo”, aquela coisa toda... Então é isso: provavelmente eles tiveram algum atrito, alguma coisa assim, que eles não se falavam. Eu nem lembro de Túlio comentar assim. Ele só comentou, acho que na época do documentário, que nem chamaram ele pra fazer, tal, mas não entrou em detalhes. Aí, beleza: ô, véi, cê me perdoa, é que eu tô achando um bocado de coisa pra falar aqui. Eu vou chegar lá. Vou chegar na hora em que eu entro no rock n’ roll aí.

P – Ué, fala da forma que você achar melhor, véi. [risos] Pode ficar à vontade, véi. Não se preocupe com isso não.

B – Tá bom. Isso é muito bom. E aí, o seguinte: eu vou voltar pra parte do *bem observador*: a casa sempre lotada, eu reparei uma característica que até linkou pra eu ter falado da educação minha com meus irmãos, né? Que é todo mundo que tava ligado à música que de algum jeito chegava no rock n’ roll, indiretamente, seja por Legião Urbana, tal, tinha algum problema familiar. Todo mundo tinha uma rixa com a família: “Não falo com meu pai”, ou “detesto minha mãe”. Todo mundo tinha uma parada dessa, e eu sempre observei isso. Eu lembro que, certa vez, eu fui... Eu não vou falar o nome, porque até hoje ainda tem atrito essa família, né? Mas eu me lembro que certa vez eu fui na casa de uma pessoa e aí, quando eu cheguei, eu falei; “boa noite”, ou “boa tarde”, ou “bom dia”, sei lá. Cheguei e cumprimentei igual todo mundo faz, né? Na verdade nem todo mundo faz isso, né? Deveria fazer. [risos] Né? Deveria ser o normal, né? “Oi, tudo bom?; “tudo bem”. E eu comentei alguma coisa do tipo: “que chuva foi essa?”; ou “tá fazendo muito sol”, alguma coisa assim. E aí, a mãe desse colega falou bem assim: “você não é do rock do meu filho não, né?”

P – [risos]

B – Eu falei: “como assim?”; “todo mundo aqui não fala comigo”, e não sei o que... Eu falei: “ué, por que?”; “não, todo mundo revoltado”.

P – [risos]

B – Aí, eu fiquei sem entender, né? Depois eu lembro que tava escutando alguma coisa lá, tal... Eu falei: “ué, véi, qual o problema aí, que cê não fala com sua mãe, isso aí?”; “ah, véi, aquela véa, não sei o que”, um negócio assim que eu falava: “caraca, velho...”; Como é que... É porque pra mim não entra essas coisas, entendeu? Eu falo assim: não é concebível de... É porque, na verdade, velho, não chega nem a ser o mundo ideal de Aladim, aquele lá, da música, né? Porque na música diz “ninguém pra nos dizer o que fazer”, só que tem que ter alguém pra falar pra gente o que que tem que fazer, né? Porque senão a gente faz muita merda. Mas a música é muito bonita, mas era uma coisa inconcebível pra mim, porque a gente sempre foi muito de, fez uma coisa errada, era castigado, não tipo, fiz uma coisa errada e “vai pro seu quarto”, não conversava a respeito, não... Tinha um tempinho de reflexão, entendeu? Mas eu, talvez eu puxe um pouquinho disso, porque eu sou filho de dois professores, então talvez... Talvez não: provavelmente, mas é coisa de educação, muito particular. É muito... Tem que saber muito a raiz disso tudo, né? Simplesmente isso que eu tou falando. Mas era uma coisa que era inconcebível pra mim. E aí, até o lance de bebida e tudo o mais, eu sempre via assim... “não...”, achava feio, achava... Tinha um certo preconceito realmente, porque eu achava muito errado, não entendia, né? Eu só vim beber depois que entrei no banco, que aí, aquele estresse, aquele negócio, eu falei: “pô, o negócio é bom pra relaxar”. Mas fora isso, nem na época de banda eu não bebia, nunca fumei, cara. Minto: eu já fumei charuto quando minha filha nasceu, mas, porra, brincadeira, algum costume que a gente viu em algum lugar. E mesmo assim, eu não consigo: eu brincava. Só tirei umas duas fotos, alguma coisa assim, mas nada... Não tomei gosto pela coisa. Mas assim: uma coisa que era bem diferente. Aí, beleza: Túlio na Inércia, não sei, acho que não fui num ensaio não: uma vez eu vi um VHS de um ensaio deles, né? Tinha Lucas... Lucar Rinor, Túlio, Magoo, baixista, e Thiago Bugatti.

P – Lucas tá até em belo Horizonte, eu acho, hoje.

B – Isso. Tá tipo numa música meio... Eu não sei que estilo é não. Eu não sei se é folk, cara. Eu não entendo muito bem. Eu não escuto muito. Mas aí, tinha essa formação aí... Lucas, Thiago Magoo

no baixo, Thiago Bugatti, bateria e Marcos Túlio na guitarra. Era os quatro. [...] E aí, tinha um vídeo de um ensaio deles, né? E Lucas, eu lembro que tinha um visual muito legal, né? Era *presença*... Cabelo lisão, aquele visual assim que você fala: “pô, eu quero ser um roqueiro assim”. O fato dele tocar bem ou não, que não entra no caso agora, porque eu tô analisando de uma época que ninguém tocava nada. Isso não vem ao caso, mas o visual dele era muito bom, né? Vendia bem o visual dele. Mas a banda era legal. Tocava um rock n’ roll assim que eu curtia. Eu lembro que eu não gostava de Legião Urbana. Eu não escutava Legião Urbana. Eu escutava Kid Abelha, escutava as músicas que eu comentei com você de meu pai aí, quase nada de pop-rock, quase nada mesmo. Escutava muito internacional. Até música que tipo... Eu vou falar no melhor dos sentidos, poderia o pessoal achar: “hum...”.

P – [risos]

B – Né? Escutava muito, muitas divas, né? Achava muito legal.

P – Cê ouvia aqueles programas da rádio que passavam à noite... Como é que é?

B – Isso mesmo. Até hoje passa. Histórias de amor, não sei o que...

P – Cê ouvia rádio? Isso. Exatamente.

B – Ouvia. Cara, eu tava lembrando... Com quem foi, cara? Foi com meu irmão. Ele teve lá em casa anteontem. E aí, eu tava lembrando pra ele o interessante de quando lançou [corte] (Titanic) aquele lado... “I’m the king of the world”, que na verdade eu assistia dublado, né? A trilha sonora me chamou muito a atenção. Não só *My heart will go on*, que é uma música muito bonita, né? Mas eu, naquela época, vendia muito CD pirata, né? E eu gostava muito de trilha sonora. Eu lembro que eu escutava na época, tinha um CD... Não, não tinha CD pirata não. Minto, porque ainda tinha Hot Line. Eu lembro que eu alugava direto na HoLine era os mesmos CDs basicamente. De Kid Abelha eu alugava direto, só que eu parei de pegar.

P – Hot Line era onde mesmo?

B – Hot Line era ali na Guadalajara, na Praça da Normal, onde hoje... Não tinha um negócio de tatuagem que fica numa esquina? Que você tá na Pédesorvete. Lembra da Pédesorvete lá.

P – Ah, agora, cê falou, eu sei.

B – Aí tem uma loja, aí chegou na esquina. Tinha uma gradezinha branca. Eu não sei o que que é hoje.

P – Eu sei que tinha a locadora de CD, e aí e não lembrava o nome, e aí eu tinha o nome *Hot Line*... Com o tempo a gente vai confundindo as coisas. Eu achava que a Hot Line era lá no bairro Brasil. Nada a ver. Então, era a locadora ali perto da Normal mesmo. Que era a Hot Line, que eu não lembrava que o nome era Hot Line.

B – Eu não sei se tinha em dois lugares também, mas a Hot Line era na esquina ali da Siqueira Campos e ali era na esquina, que você tinha uma gradezinha branca.

P – É ali perto de um restaurante chinês que tinha ali. Alguma coisa assim, hoje, né? Acho que um negócio de hambúrguer.

B – Isso. Só que o restaurante chinês era numa esquina e a Hot Line na esquina mais pra cá, Praça do Gil. E aí, eu sempre locava... Ainda vou chegar no rock n' roll, viu? E como eu sei que você vai salvar esse vídeo, isso aqui fica pra minha biografia mesmo. [risos] E aí eu sempre locava *Vangelis. 1492. A conquista do paraíso*. Eu acho que você deve conhecer. Cê sabe qual é? É um disco de trilha sonora, do filme.

P – Sim.

B – Mas cê lembra da trilha sonora?

P – Lembro mais ou menos. Mas eu lembro do filme, que eu assisti muito, inclusive na faculdade. Assisti pra matérias e tal.

B – Tinha uma trilha sonora e eu gostava demais. Tinha uma melodia que era assim: [solfeando *Conquest of Paradise*]...

P – Sim. Que usava na propaganda da Semana Espírita.

B – Ah, é? Eu não reparava não. Mas é muito massa. Eu lembro que eu ficava no walkman, no som aqui de casa. Era muito legal. E aí, o período do Titanic também, e eu ficava escutando o CD inteiro da trilha sonora do filme. Peguei também do Rocky Balboa. Eu pegava, um bocado de filme. Eu gostava muito, cara. Eu sempre gostei dessa parada sinfônica. Hoje eu não escuto muito não. Escuto mais isso dentro do heavy metal, mas eu gostava muito. A primeira vez que eu escutei Legião Urbana e eu gostei, foi no primeiro show da inércia, que foi... Não sei se foi o primeiro, posso ter errado. Mas eu acho que foi no primeiro show da Inércia, que foi na praça da Urbis I, mas isso vai ter no documentário deles lá. Eles falam sobre isso. Que baixou a polícia lá, e eles tocando *Geração Coca-Cola*. Aquela música é muito legal. Claro que eu não agitava nem o pé. Só o pé talvez, né? Nunca fui de *bangear* nem nada, mas... Bater cabeça, né? Aí, mas eu achei do caramba, velho. A partir dali, o *start*, né? Eu falei assim: “pô, que som massa, velho!”. A partir dali eu comecei a [?] com outros olhos, comecei a achar bonito o clipe de *Don't Cry*... Começava a achar lindo *November Rain*, *Estranged* era uma música viajada que eu falava: “que coisa que não se parece com nada!”. É tão louco, né? Aí, Metallica já era mais pesado, né? Eu já não curtia tanto assim, mas eu gostava de algumas do *Black Album*, assim, alguma coisa. Mas aí, acompanhava [corte], não sei o que, e aí, eu lembro de, certa vez, eu tocava violão, tinha um colega meu, um amigo aqui na rua, Daniel Napão. Apelido *napão*, porque tinha um narigão, não sei se você sabe quem é.

P – Conheço. Toca violino.

B – Isso. Tocava na Love Tel, não sei o que... Tenho várias histórias com ele, mas assim: partindo musicalmente, basicamente, quando Patente saiu desse lance musical, eu, como Daniel morava duas ruas acima aqui, a gente ficava muito tempo tocando violão, né? Tinha um violão aqui, a gente ficava tocando violão. Aí, surgiu, o pessoal comentou de um festival no São Tarcísio, né? Que era o... Como é que era o nome? Coisa de gravidez... É um nome que não vai ter nada a ver...

P – Ah, Feira IST.

B – Não, não... Eu vou lembrar.

P – Que era tipo uma feira de ciências, tal...

B – Não. Não era Feira IST não. Era só música. Botava na quadra lá só música. Eu vou lembrar. Se eu tentar agora não vou conseguir. Aí, Túlio já existia e tal e tinha saído da Inércia. Então, Túlio ficava tocando com a gente aqui e tal, e aí falou: “bora participar?”; “bora”. A gente ia tocar duas músicas, né? E aí, “quem vai cantar?”. Aí, eu falei assim: “pô, não dá pra cantar”, só que aí tinha uma música do Stratovarius, que é uma banda de heavy metal, power metal e tal, e aí tinha uma balada chamada *Forever*. Uma música bem tranqüilinha. Eu já tocava no violão, os meninos tinham visto uma vez, falaram: “pô, cê vai tocar essa e a gente escolhe outra”. Só que a gente acabou não escolhendo outra. A gente acabou compondo uma música. Uma música na verdade pra Túlio solar. E eu tenho uma foto, não sei se vou achar. Se eu achar, eu te mando, mas não sei se vou achar. Eu com cabelo curtinho, de óculos, o óculos é um fator interessante, que vou comentar mais na frente. Hoje eu uso lente de contato. E aí, eu com cabelo curtinho, com guitarra na mão, guitarra Jennifer, que eu não sei nem de quem era, lá no São Tarcísio cantando *Forever*, do Stratovarius, daqui a pouco a gente tocou uma música que a gente inventou, chamada *Pressure*, que significa *pressão*. A galera tinha muito de dizer assim: “ah, é só pressão, é só pressão”, e aí botou aquilo, né? Era uma música na verdade era só três acordes e ficava repetindo, ficava solando, daqui a pouco ela terminava. Nem lembro. Era instrumental. Aí, beleza. Não teve repercussão nenhuma. A única repercussão foi: “ah, tem um menino tocando ali, cantou normal e beleza”. Aí, chegou um vídeo lá em casa. Eu não sei exatamente o que chegou primeiro. Falava de uma banda, eu comecei a escutar, baixar coisa na internet, no IRC, né? Aí, baixei Helloween, aí eu comecei a tomar gosto pela voz do Michael Kiske, né? Mas tomei gosto mesmo, cara. A voz do Michael Kiske e do Andi Deris do Helloween... Nossa, eu escutava Helloween o dia todo. Eu tenho uma facilidade pra cantar Helloween, cara... Porque parece que já sabe o macete, o que que tem que dobrar, aqui, o que você tem que fazer... É uma loucura, uma coisa muito doida. E eu aprendi isso quando eu tava desenvolvendo a voz, então, tem algumas coisas que eu sei fazer, não sei porque eu sei fazer e não sei nem o nome, mas eu sei que é confortável e funciona. Aí, agora na pandemia que eu tô inventando de comprar alguns cursos pra tentar entender e pra tentar ajudar. Quem puder ajudar, me ajudar e tentar ajudar também quem... Porque eu escuto muito, velho. É muito doido isso, de tipo: “ô, Brunão, vi você cantando. Tô cantando também e tal”... Umas viagens assim, sabe? E eu falo: “tô cantando porque você canta, me inspirou”, e tal... E eu acho isso tão louco, velho...

P – É, vamos chegar aí também, que eu também tive isso. [risos]. [...] Porque quando eu tava começando a pensar em cantar em banda, eu já via seu show e falava: “pô, esse cara canta pra caramba. Eu quero fazer um negócio assim”. [risos] Da Sigyn.

B – É um negócio muito louco. Alguém falar pra você que você inspirou, cê fala: “caramba!”. É tipo assim: na época eu não te conhecia, e você falar pra mim isso, tipo, eu acho que você já comentou isso agora, recentemente, quando a gente tava no kung-fu, eu acho, mas é uma época que a gente já conversa. Mas quando você escuta isso de uma pessoa que você nunca viu, é muito louco.

P – Verdade.

B – E aquela emoção, né? De “cara, você me fez voltar no tempo”, e não sei o que... É uma coisa que não tem preço, cara. E que, na verdade, não tem nem... Eu acredito que não tenha muita diferença de você tocar uma pessoa e tocar várias. Cê tocou uma pessoa, véi, cê ganhou a noite. Mas é uma coisa que eu vou chegar lá ainda, mas eu sempre fui muito tímido, mas [...] eu eu tava

no São Tarcísio... [...] e chegou uma fita de uma banda que tinha tocado no São Tarcísio, e eu já assisti à live de Diego, eu assisti à de Paulinha, Vitor Kamikaze...

P – Ah, as entrevistas. [risos]

B – Assisti não: eu fiquei com o podcast, entendeu? Peguei o fone bluetooth, fingi que tava dormindo ali, pra esposa não falar: “cê tá acordado até agora”, e cara! Onde eu me aventurei na de Kessler. Duas horas. Mas foi muito legal. Muito interessante. Muita história interessante. Muita história aleatória, mas foi muito louco, cara. Bem legal. Primeiro que eu não sabia que ele tinha nascido em 77. [...] Chegou um vídeo de uma galera tocando Helloween. “Pô, quero ver!”, né? Aí, era... Eu não sei o sobrenome da galera, mas esse vídeo tá aqui em casa. E eu vou te explicar por que eu ainda não entreguei pros donos. Aí, tinha Fábio Metal na voz, Diego Oliveira, que é o produtor, na guitarra, tinha Rodrigo... Eu posso tar confundindo. No baixo eu acho que era um dos irmãos ali, que moram perto do seminário?

P – Cê fala Bruno e Darlan?

B – Não, não... Joilson que tocava bateria na Liatrix, ele é irmão de Daniel, que tocava guitarra...

P – Era Daniel, Joilson e... É que Joilson é irmão gêmeo do cara.

B – Esse é o baixista. Mas o baixista é o que tava tocando o baixo no vídeo. Mas cê vai ver o vídeo. Pra você vou fazer um esforço pra transformar esse vídeo em mídia.

P – Ah, show de bola demais, véi.

B – Né? Eu consegui um videocassete, que é uma tecnologia avançadíssima, e agora vou conseguir fazer, mas é porque nessa fita, na verdade, que eu acho que é ou de Larissa ou de Fábio Metal. Um dos dois. Na época, os dois namoravam e aí, tem bastidores, tipo eles indo pro local, e aí, depois chega o momento que pega a banda de... Eu acho que pega um pouquinho da Inércia, eu acho... No São Tarcísio, ou pelo menos um trecho, pega um pouco de Rodrigo que tá tocando na 4Bits, que é o carequinha que virou papai agora, sabe? Tem ele tocando Metallica junto com outro Rodrigo, e aí, pega a banda de Fábio, que eu não sei se vou lembrar o nome...

P – Captain Peppers.

B – Não. Isso veio muito depois. Captain Peppers veio depois que a Blind Mirror's acabou. Eu já vou chegar lá. Aí, tinha também Fábio e Larissa. Fábio no violão, e Larissa cantando. Então, como eu não sei quem é o dono da fita, mas eu sei que tem memória de ambos, eu falei que só ia devolver a fita pra um deles, e não importa quem fosse, quando eu tivesse a mídia digital pronta pra cada um. Por que? Eu não preciso dizer o porquê: porque se alguém destrói esse trem, a gente perde esse material.

P – É. Exatamente. A galera não toma o cuidado.

B – É... *destruir* no sentido de “eu não quero que ninguém veja. Eu não gostava de mim naquela época”... Ou sei lá: “eu tava namorando com uma pessoa que eu não tô mais hoe”, alguma coisa nesse sentido, né? Podem vir diversas coisas, então eu, como eu tô em posse, eu não sou o dono disso aqui... [risos] Mas ninguém sabe que tá comigo... Apesar... Eles sabem. Eles morrem de medo dessa fita, de eu [corte] Liatrix. Eles já esqueceram de novo. Eu já brinquei de cobrar resgate.

Mas eu tô enrolado pra fazer isso aí, mas eu vou tentar. Na pior das hipóteses, eu te passo essa fita, você deve conhecer alguém que transforme esse VHS... Inclusive, tem uma da Sigyn que tá perdida. Então, eu não posso passar as fitas, porque eu não sei o conteúdo dessas fitas.

P – [risos] Vai que tem alguma tronxura...

B – Porque a câmera ficava aqui em casa, então, não sei. De minha parte, eu sei que não tem nada, mas não sei. Então, eu tenho que saber o que tem pra poder passar as fitas. Mas é isso: então, é por isso essa questão da fita. Ao ouvir a banda tocando Helloween, eu falei: “pô, que legal”. E aí, Túlio tava sem banda e aí veio o Agosto de Rock, primeiro Agosto de Rock. E, até então, eu só tinha ido pro show da Inércia, pro show do São Tarcísio... Lembrando que eu era aquele tipo assim: não que eu seja aquele músico que fica de braços cruzados esperando o cara errar não. Na verdade, eu não me mexia mesmo. Sempre fui observador. Nem tinha cabelo grande, eu acho que tava tentando deixar o cabelo crescer pela milésima vez, acho que dessa vez eu deixei, que desencadeou de eu entrar na Sigyn, que Túlio tava formando. Mas, antes de eu entrar na Sigyn, o que aconteceu foi que teve o Agosto de Rock I, e aí, lá, Túlio tinha comentado que tinha escutado uma banda tocando heavy metal. E aí, que ele acordou doido, tipo assim: “quero montar uma banda, quero montar uma banda de heavy metal”, tal... E aí, só que eu só tinha cantado uma participação lá no São Tarcísio... “Ultra-Som”, mermão! Eu falei que tinha a ver com gravidez. Eu sabia!

P – [risos]

B – Aí, ele tinha escutado uma banda que tinha tocado heavy metal, e o nome da banda era *Greenland Metal*. Já tinha ouvido falar?

P – Ah, já demais. Era a banda de Rômulo, que tocou comigo, que era The New Old Jam, que era guitarra, e Iano, que é tatuador, Thomaz, da Café com Blues... *Greenland Metal*.

B – Não sei se Thomaz tava, mas eu sei que Breno tava cantando, com certeza. E tocou a *Greenland Metal*, que deve ter tocado Judas, deve ter tocado... Eu não tava, né? Eu não tinha participado. E aí, tinha ouvido falar, eu acho que Túlio não foi. Túlio também era muito na dele. Aí, ele acordou com vontade de fazer uma banda de metal. Eu não lembro se a Inércia tinha acabado. Eu sei que Túlio não tava na Inércia mais. Aí, Túlio chegou pra meu irmão, que tava aprendendo baixo, que é meu irmão do meio, Guilherme, aí chamou Bugatti pra tocar bateria, tal... Aí, Bugatti topou. E chamou meu irmão Guilherme, super-tímido. Eu sempre me achava super-tímido, mas meu irmão, o conceito de *ser tímido pra caramba*. Ele, baixista, né? O baixista fica lá na dele.

P – Já naturalmente.

B – Já naturalmente é assim, né? E aí, pra cantar, cara, foi uma novela, porque tinha uma sala aqui do lado, aí, meu primo Sandoval, que hoje é baterista, que foi baterista da Sigyn e agora da Menino de Lata, tocava numa banda chamada *Mater Christi*. E a banda ensaiava aqui do lado de casa, onde era a casa onde Patente ficava. Onde era o quarto de Patente antes, onde feu te falei que era só a portinha do lado, tal... Então, a bateria ficava lá. O que acontece? O dono da bateria saía, e a porta tava aberta, a gente entrava. [risos] E eu não sei nem se Sandoval já era o dono da bateria. Eu não lembro. Aí, Túlio levava a guitarra, ou se era San tocando ou Daniel tocando, eu não lembro. Aí, a gente falava: “ah, bora tocar Guns n’ Roses hoje”. E aí, eu cantava ali, tal, mas sem fazer os rasgados do Axl Rose, né? Assim: cantava, ia nas notas tranquilo, tal... Beleza. Era isso que tinha,

que era mais uma brincadeira da gente, né? E os vizinhos reclamando, porque era uma porta de vidro, então não tinha isolamento de nada, tocou bateria, acorda todo mundo, é uma merda. [...] E aí, aconteceu o Agosto de Rock e Túlio acordo com vontade de fazer uma banda de heavy metal. E aí, ele bateu aqui em casa: “cara, preciso de uma banda, não sei o que... Guilherme, cê topa?”; e ele: “é... Pode ser”; Aquela coisa, né? “Tá... Tudo bem...”; “que puxa...”. Tô brincando. Mas era aquela coisa: “tá. Tá bom”. E aí, pra eu topar, eu falei assim: “cara, não tenho coragem não. Já imaginou eu cantando na frente de todo mundo lá? Canto aqui só pra vocês, não sei o que, não tenho coragem não”. E ficou aquele “sem coragem”, não sei o que... [...] [mostrando fotos]. [...] Aí, eu falei: “pô, véi, não dá, não tenho coragem”, tal... [...] Aí, eu era um carinha que tinha um cabelo talvez um pouco maior, crescendo, acho que só amarrava o cabelo só, só isso. De óculos fundo de garrafa. Porque é sete e meio de miopia, dois e meio de astigmatismo.

P – Rapaz...

B – Um olho não é perfeita, um olho com correção só fica 80%, e outro, com correção, fica próximo dos 100. Mas o fato é o seguinte: muito vergonhoso, né? Falei: “pô, pra mim não dá”. Eu não queria topar de jeito nenhum. Até que um dia, “Não, moss. Só uma vez, só canta com a gente um dia lá. Um dia, vou chamar Bugatti, não sei o que...”. E aí ensaiou três músicas. Eu acho que uma de uma banda brasileira chamada Wizards, uma música *Thunderbolt*, que até no Menino de Lata, a gente tocou algumas vezes; a outra foi Iron Maiden, *Flight of Icarus*, e acho que deve ter sido *I One Out*, do Helloween. E aí, fui cantar. Eu lembro que o ensaio foi do lado de... Não sei se era uma casa de shows, o nome era *Purê*.

P – Ah, é ali acima do Paulo VI. Na verdade era um inferninho aquilo ali. [risos]

B – Eu não sei localizar onde é. Eu quando ia, só ia de carro, e eu não conhecia muito. Era muito da escola pra casa, essas coisas... Aí, eu sei que o primeiro ensaio foi lá, e eu sei que quando terminou, Bugatti ficou besta comigo, tal... “Pô, véi, esse cara...”; Bugatti é muito... Tem uma *vibe* excelente, velho. E aí, a banda fluíu, e aí Bugatti sempre me incentivou, sempre o cara tinha uma ideia muito massa. Eu acho que hoje ele faz música na Holanda, acho. Eu acho que a história é assim: ele namorou uma menina holandesa que tava em intercâmbio aqui, a menina voltou pra Holanda, e ele foi junto. Acho que a história é assim. Tem até filho agora. Mas eu confesso pra ti que tem um bom tempo que eu não falo com ele. Quinze, dezesseis anos, até porque, quando ele saiu da banda, eu fui inventar de ser o porta-voz, e ele ficou puto comigo. Não ficou de bem com todo mundo, aí eu falei: “Putá merda. Vou tentar... Ah, não, se eu falar, ele vai entender...”; Que a gente queria bumbo duplo, uma coisa mais rebuscada, e ele era outra *vibe*, outro estilo de baterista... Que de boa que nada: o cara pegou ar pra caramba. E aí aí, ficou sem falar comigo um bom tempo, depois a gente ficou falando por educação assim, mas da parte dele, eu sempre tive abertura. Eu confesso que também não procurei mais. Eu lembro que eu fiquei chateado com a banda, que a banda ficou de boa com ele, e eu fiquei de ruinzão. Mas, isso acontece. A gente amadurece também, pra quando se for uma decisão da banda, a banda inteira fala, do que cê achando que sabe falar melhor. Avisar de morte pra alguém é a mesma coisa. Não adianta falar: morreu do mesmo jeito. Quer dizer, talvez tenha um pouco de impacto. Tem gente que não sabe falar mesmo. Beleza, então a banda formou, e aí ia ter um festival num colégio chamado COEDUC, só que o seguinte: tinha que tocar uma música de MPB, e podia tocar três músicas que quisesse. E aí, eu lembro que são as fotos que depois vou te mandar essas fotos aqui. Lembrando que existem

casais que não estão mais juntos. Tem gente que tem filho com outras pessoas aqui... [risos] E aí, cê pode ver alguém aqui...

P – [risos] Ué... Passado é passado.

B – Passado é passado. [risos] E aí, tinha um rapaz que tocava, que era colega de meu irmão. O nome dele... Que ficou de tocar o MPB. A música seria *Chega de Saudade*. [cantando]. E eu cantava assim, né? Ensaiei um pouquinho com ele. Eu lembro que tinha vídeos dos bastidores...

P – Bem alto.

B – É, sabe porque? Nessa época eu tava começando a curtir o Angra. André Matos, num ao vivo, cantou essa música.

P – E bem alto, né? Saquei.

B – Aí, já viu, né? “MPB? Claro que eu canto esse... André Matos cantou, eu também vou cantar”. Aí, eu cantei nesse estilo aí, mas o seguinte: era um trabalho, acho que de Português, Literatura, sei lá, e aí tinha que tocar um MPB e três músicas a gosto dos estudantes. Podia ou os estudantes tocarem ou chamar alguém pra tocar. Eu sei que chamaram a gente pra tocar, e aí a gente tocou acho que as mesmas músicas do ensaio. Aí, beleza. Quando terminou *I One Out* que era do Helloween, e a galera tava se quebrando lá embaixo, eu me lembro que foi a primeira vez que eu gelei assim... Porque um cara subiu num palco e ia pular na galera. E eu entendi que eu tinha que empurrar o cara.

P – [risos]

B – Só que não era. Porque o cara fazia aquela menção de pular e a galera fazendo lá o negócio, né? E ele olhava pra mim e ria. Eu falei: “eu acho que ele quer que eu empurre, pra dar aquele...”. E eu empurrei. E não era pra empurrar...

P – [risos] Tentativa de homicídio na frente de todo mundo, né?

B – O cara caiu na beirada da cama que fizeram. “Ele vai me matar”. Mas aí, de boa: o cara caiu pulando, né? Acho que com vergonha, e aí beleza. Um detalhe muito importante, é que eu usava óculos, não usava lente de contato então, na apresentação, eu tô sem óculos. E era o que faltava. Eu não tava enxergando porra nenhuma. Tropeçava em fio, batia na guitarra... E aí, foi um recurso que tipo, me foi super válido, e ainda bem que eu consegui me soltar, né? Porque justamente eu não tava enxergando nada. A pessoa podia tar me acenando lá, ó... [risos]. A menina lá podia tar falando: “ó, depois comigo”, não sei o que... Eu nem vendo, mermão. E o povo: “poxa, esse menino é metido”, eu não tava enxergando nada. Tropeçava nos fios de todo mundo ali. Desligava pedaleira de Túlio, pisava nos efeitos, era direto isso aí. E teve essa apresentação e eu comecei a frequentar ensaio de banda, ver mais, né? Eu lembro que tinha eu acho que tinha uma banda Paralips...

P – Sim, é de Junho.

B – Tinha a banda Portal, que tocava heavy metal também... A Portal acho que foi naquela mesma época do festival do São Tarcísio que surgiu. Leandro na voz, que hoje é professor de letras (?)... Tô tentando ver se ele topa aqueles vídeos colaborativos, sabe? Cantar junto, gravar em casa alguma coisa. Tô tentando ver se eu reúno uma galera pra registrar umas coisas. Tipo, pra essa

galera não esquecer que eles são lembrados dessa época, por terem feito rock n' roll. Tinha a 1 em Pé 2 Alados, que era um som psicodélico, eu não curtia nem um pouco... Uma vez eu fui em um ensaio deles perto de uma sorveteria, que era a casa deles, inclusive...

P – É. Ali, perto do... É uma praça que é redonda assim... Sorveteria Summer.

B – Isso. Que era na rua do fórum, coisa assim, né?

P – É, e aí mudou pra essa praça.

B – E a 1 em Pé 2 Alados... O nome da 1 em Pé 2 Alados antes era outro nome.

P – Era ÑRÜ.

B – É. E tinha um “til”...

P – E o “u” tem um trema ainda.

[...]

B – Era um som que não me agradava não, mas o que eu tinha, na verdade, o que eu gostava era muito o heavy metal, né? Então, basicamente, o que eu tinha na época era, basicamente quem tocava Metallica, que era um *thrash*, que eu gostava também, mas de heavy metal, cê não via muita coisa mesmo. E na época que surgiu a Sigyn, surgiu também, meu irmão conheceu, eu lembro que Daniel Mendes, da A-Divert, eu não lembro por que... Mas eu sei que Daniel Mendes falou assim: “cara, tem um cara que tem a voz igual à do André Matos”, não sei o que, tal... Bora lá ver se... Porque meu irmão, Rodrigo, tava querendo montar uma banda de heavy metal, né? Ainda tá distante de chegar na história da Dezoito 21 aí. Aí, eu lembro que na Sigyn, meu irmão entrava comigo, e aí ia tocar na Blind Mirror's também. Tava tocando nas duas bandas. Perguntava pra ele se ele queria tocar nas duas bandas, e ele: “é... pode ser...”. Brincando: se ele [corte], ele me mata. Aí, conheceu Fábio, na verdade. Fábio sempre tocou bem violão, guitarra... E Fábio tocou acho que *Stand Away*... [cantando]. E a voz dele era muito semelhante à do André Matos, né? Faia aquele falsete e tal. E aí, meu irmão ficou encantado. Falou: “pô, véi, cê topa tocar com a gente?”; E aí Rodrigo tinha visto o vídeo do São Tarcísio, né? Que foi o vídeo que tem Diego, o UltraSom. E aí, eu não sei se topou de primeira, mas topou. Nessa época, foi... Eu não sei como meu irmão comprou uma bateria, eu acho... E aí, ensaiava num cômodo aqui em casa e encheu de caixa de ovo. E aí, quem tocava bateria... Nem sei onde é que anda esse cara... Márcio. Cê lembra de Márcio? Um que, depois, foi tocar na Renegados. Era um fortão. Acho que virou [inaudível]

P – Conheço. Esse cara morou na casa de Japon ali do lado do Purê, por sinal. E depois tocou na Renegados, exatamente. Tem um desenho... A Renegados tinha um desenho, o CD tinha uma caricatura deles, e aí tinha esse cara na caricatura, com a baquetinha. Sumiu, nunca mais eu vi. Não vejo nem dessa época, por sinal.

B – É, eu não sei como ele tá não. Era muito doido, véi. E aí, eles montaram a Blind Mirrors, né? Era Daniel Mendes na guitarra, Rodrigo na guitarra, Fábio Oliveira no vocal, Guilherme Maia no baixo, e Márcio, não lembro o sobrenome, na bateria. E aí, teve um evento que eu acho que é esse vento que eu vou falar agora: *Overdose de Rock*. Que foi num lugar que foi uma igreja, então tinha um palco que, na verdade, era onde era feito o culto, né? Tal...

P – Pô, o nome do evento e o lugar que foi feito... [risos]

B – É, mermão... Era tipo uma garagemzona... Não era grande... Era um super corredor grandão, que chegava numa elevação assim, que era provavelmente onde fazia o culto. E eu lembro que o sobrinho de Bugatti, que é Guilherme... Celino... Acho que é esse o nome. Que inclusive, Guilherme tem um irmão que chama Rodrigo também. A semelhança, né? Porque eu tenho um irmão chamado Guilherme e um irmão chamado Rodrigo. Guilherme tava com uma máquina de filmar, e Bugatti falou: “ah, vou filmar a banda do seu irmão, aí eu peço meu sobrinho pra filmar”. E eu cantei uma participação, cantei *Rebirth*, que é aquela balada do Angra, logo quando mudou pra Edu Falaschi. Eu cantei junto com ele, né? Foi eu e Fábio cantando junto. Aí, filmou o show todo da Blind Mirrors. A Blind Mirrors tocava *Rhapsody*, era bem *power metal*, bem porrada, né? E aí, acabava soando embolado pra caramba, porque, querendo ou não, é um rock que precisa tar tudo bem redondinho, porque senão cê não entende porra nenhuma. Vivendo e aprendendo. Filmou... [cortes]

[...]

E aí, chegou a hora de a gente se apresentar, Bugatti passou a câmera pra Guilherme, pra filmar, e aí começou a primeira música, tal... Eu lembro do vídeo dessa primeira música que era assim: imagina... [...] [mostrando um receptor simbolizando o palco]. A gente tá aqui em cima tocando, tinha um cara deitado aqui, com uma latinha de cerveja aqui. Esse cara era Japon bebaço, velho... E Japon, ele tinha sido... Uma coisa que não falei do meu pai, é porque meu pai é professor... A galera rock n’ roll quase toda foi aluna do meu pai. E Japon foi aluno do meu pai, acho que na Agrotécnica, alguma coisa assim. Vitor Kamikaze foi aluno também...

P – Qual o nome do seu pai?

B – Emídio Neto. O pessoal chamava ele de Mido. Midão...

P – Era professor de que?

B – Ele ensinava na Agrotécnica e ensinava também num curso, de Matemática, Física, Na área de Desenho Geométrico, Matemática, tal... Na Agrotécnica, Diocesano, Centro Integrado... Esses colégio tudo aí, que eu acho que nem existe mais. [...] [mostra a foto do pai] [...] Tinha uma galera que tinha sido aluna dele, e é interessante, porque... Era bacana pro meu pai, ele tar dando aula ali no curso de Agronomia, alguma coisa, dando aula pro segundo grau, e o pessoal: “quando é que seus meninos vão tocar?”; E aí, minha mãe também professora... “Quando é que os meninos vão tocar?”; Então, é uma coisa diferente, que eu acho que os professores não tinham muito... A gente sempre, como eu te falei, a gente nunca deu trabalho pra ninguém, né? E aí, a gente sempre era visto como, tipo , meio que os certinhos, tipo “o menino ali é tranquilo”, nessa *vibe* aí. Aí, a gente tinha sido aluno de meu pai, né? E aí, meu pai foi ver os vídeos dessa apresentação... Ele cochilava na apresentação quase toda, assistindo o vídeo, que meu pai não gostava de heavy metal, né? Não era a praia dele. Ele não curtia muito rock. Ia só até Raul ali, parava e [corte] tal... Então, ele assistia à gente, quando a gente tocava, ele ia de carro ou à pé com a minha mãe, num barzinho próximo e ficava escutando. É uma coisa muito louca, e se eu me emocionar agora, é normal, viu? Mas assim: toda vez que eu cantava, ele sempre quando a gente falava assim, tipo, tinha que pegar

os instrumentos, e a gente sempre ligava e falava... Acho que o *Vésper*, antes do celular, ele me ligava e ele sempre...

P – É. Era um fixo e celular...

B – Isso. Era tipo um fixo móvel, alguma coisa assim. E aí sempre quando era pra buscar, ele sempre chegava em um minuto, e aí, depois, e eu nunca perguntei isso, né? E depois que ele faleceu, minha mãe comentando alguma coisa da banda, depois que eu voltei a cantar, minha mãe falou bem assim: “que era engraçado. Os meninos saiam pra toca, a gente perguntava que horas ia tocar, a gente ia, procurava um barzinho perto pra tomar uma cervejinha e a gente só ficava...”; No caso, era mais pra me escutar, né? Porque sabia que tipo, o filho tava cantando, né? Guiando assim, tipo: “opa! Escutei a voz de Bruno aí. Vamos pra lá”. Aí, escutava eu cantando, e aí, inclusive descobri depois, mas é uma coisa que é de pai pra filho que é muito louca. E aí, seguinte: Japon tava lá todo chapadão, meu pai tava no sofá, a gente tava assistindo à gravação do vídeo e tava lá, tipo, almoçou, fica aqui no sofá, coisa que eu tenho vontade de fazer até hoje, almoçar e *plá*, principalmente agora que sou pai, e não consigo. Aí chegou o momento, “e aí, com vocês, a banda Sigyn” e começava lá... Era um barulhão, né? [solfejando], e o gritão... “aaahhh”, que a gente viu num show, achou massa, sei lá. Aí, começou a música, né? [cortes] [...] E aí, Japon com a latinha, daquele jeito dele... E aí, ele apontava pra mim, tipo assim, né? “esse menino...” [sinalizando aprovação]. Aí, meu pai: “ué, esse menino foi meu aluno”, uma coisa assim. “Cê conhece esse menino de onde?”; “Ué, do rock, toca bateria, tal...”. Aí, Japon, depois... Foi numa época que a gente começou a mexer com banda, e a casa começou a ser muito frequentada. E era um barato. Isso que vou falar, não tem muito a ver com o rock, mas tem a ver com o adolescente roqueiro: todo mundo que vinha aqui em casa, diferente de muitas casas onde eu entrei, você entrava e saía, você não via o pai da pessoa, não via a mãe da pessoa, não via o adulto que cuidava da pessoa. Aqui em casa, você entrava, “ué, você eu não conheço não. Como é seu nome? É mesmo? Cê estuda onde?”. Mas acho que, pelo fato de meus pais serem professores, de saberem lidar com isso aí, de sondar...

P – Interagiam mesmo com a galera.

B – É. Cara, meu pai fazia macarronada aqui, velho. Era um barato, pô. Tulião era... “era”, porque naquela época a gente era muito próximo. E depois tem um momento que eu saio da banda. É uma... Talvez particular, mas envolve talvez uma questão de afinidade também. Mas sempre teve isso de sempre se preocupar com quem o filho tá andando e mais... Acontecia direto, de a gente voltar de show de rock, tal colega alcoolizado e dormia aqui em casa. Depois, meu pai levava a pessoa na casa, e de boa.

P – É. Isso era raro mesmo.

B – De boa. Sem sermão, nem nada, porque é aquela coisa: é uma coisa que a Legião Urbana ensina pra gente com a música *Pais & Filhos*, né? A gente é a mesma coisa, velho. A gente só faz ficar mais velho. A gente é humano, erra o tempo todo. Tentar acertar. Às vezes permanece no erro porque a gente não quer reconhecer, não quer corrigir. Então é isso: essa noção de os pais têm de ter, é sempre de tentar compreender. E o que eu notava muito era a galera muito... A questão assim: os pais super-religiosos e os filhos revoltados. Era muito isso. E eu tocava em igreja. Meu primo, né? Sempre tocou em igreja. Até hoje toca em igreja, Mathias, ele sempre toca em igreja católica até hoje. E algumas vezes acontecia, de por exemplo, eu sempre tive uma [corte], principalmente

depois que entrei na Sigyn, eu voltava a pegar no teclado, ficava no violão, ficava curioso, entendia que, na verdade, aprendeu um, pra aprender o outro é um pulo. É aquela filosofia, né? Você pode acreditar que é difícil. Se você acreditar bastante nisso, vai ser impossível, né? Se você facilitar, pelo menos psicologicamente, já ajuda. Então, tocava um pouco de bateria, já cheguei a tocar bateria em banda... Era mais pra fazer academia, sabe? Testar. Tem até foto disso, mas não foi banda: foi banda só de ensaio, e as pessoas têm vergonha das fotos. Então, não posso nem passar. Quem era na banda, nessa banda que fui baterista, que era bem... Era eu na bateria, meu irmão Rodrigo Maia no baixo, Iuri Zoso, não sei se você sabe quem é... Estuda física, cabeludão liso. Ele não é conhecido como guitarrista não, acho que só teve esse trabalho. Iuri Darko, alguma coisa assim. Mas aí, quem cantava... O pessoal tem vergonha. [...] E quem cantava, essa pessoa que canta, eu tenho certeza absoluta, ela tem vergonha dessas fotos. Ela fez até um ensaio agora de gestação do meu filho que vai vir agora. Quem cantava era Aline Mattos. Aline, sabe? Uma loirinha que é casada com Kalef. Que lembra Lavus. Eu pensava até que os dois eram irmãos, mas...

P – Ele é filho de Gil Barros, se não me engano, do Grupo Barros.

B – Isso. E Aline que cantava. Mas foi só ensaio. Tem umas fotos assim, engraçadas. Aí, tem eu todo... Com a baqueta assim na mão. [risos] Aí tava reparando sempre essa questão dos roqueiros, né? De revolta, do rock revolta, que nunca foi mesmo minha praia, e tanto é que o que eu mais falava era tipo: “rapaz, isso não é sua cara não”. Assim, sabe? Porque era aquela coisa estereotipada de você tem que ser rebelde. “você é vocalista e você não quebra ninguém?”.

P – [risos]

B – Eu ia pro show esperando a hora de comer o lanche ali no Free Lanches, alguma coisa assim. Era minha alegria, né? Tomar aquela Coca-Cola, descer rasgando, tal. Que eu não bebia nada, tal, até porque era muito novo. Quando eu comecei na Sigyn, acho que eu tinha quinze. Tava no primeiro ano científico, lá no CEFET. Eu fui pro CEFET e passei a ter mais contato assim... Mas eu reparava que era uma coisa que era diferente demais, você não ter os excessos, né? Essas revoltas, na verdade. Eu notava que era muito incomum. Então, o que acontecia muito era que eu sempre fui muito observador e muito sensível, talvez. Acho que talvez seja essa a palavra. Então, quando o ambiente ficava pesado, eu já ficava agoniado. Eu já me calava, já ficava desconcertado, sabe? Porque eu não concordava quando o cara falava: “eu vou falar com minha mãe não”. Sei lá: eu tô supondo. Eu já não concordava com isso, então eu não conseguia partir pra uma conversa assim, sabe? Eu, nessa época, eu realmente não conversava tanto. Era muito no meu mundinho. E aí, deixa eu ver... A Blind Mirrors durou um certo tempo, tal, se apresentaram duas vezes somente, alguma coisa assim. Eu acho. E aí, veio o Agosto de Rock II. E aí, pro Agosto de Rock II eles pediram, eles falaram: “cara, eles tão selecionando. Tem que mandar música pra eles, gravada”. Falei: “música pra eles, gravada?”; Não tem nada, né?

P – Nessa época ninguém tinha.

B – Ninguém tem nada. Aí, o que aconteceu? Túlio pegou, na verdade, gravou a base num gravador de som, eu acho, ou Audacity, alguma coisa assim, aqueles programas de áudio, plugou a guitarra e gravou *Flight of Icarus*, gravou o solo, acho que nem teve baixo não. Falou: “Bruno, agora canta aí”. Gravei. Fui pra casa de Túlio, gravei ali, tudo em uma tomada só, valeu, tá valendo, tal... E aquela experiência né? Como você já gravou, eu acredito que você já tenha sentido isso, ou ainda

passa por isso, porque eu não tenho muita prática de gravar, né? Depois vejo no ao vivo e falo: “pô, ficou legal”. Mas se falar assim: “tá gravando”, ferrou.

P – É, dá uma travada. É o psicológico.

B – Isso. E aí, gravou, né? Mandou, a gente foi selecionado, e aí, tocamos no Agosto de Rock II. Eu lembro que a gente tocou, teve Scambo, antes ou depois da gente, alguma coisa assim... Eu lembro que a gente extraiu um áudio. Tinha gravado um MD, duas músicas: *Flight of Icarus* e uma outra música. *Flight of Icarus* tinha ficado muito legal. Mas muito legal mesmo, a ponto de a gente, Túlio editar ali, cortar, né? E eu lembro que passava tipo, *Baú do Rock... O Som da Tribo...* E começava assim: “Flight of Icarus... Pan pan... [solfejando]”. E era massa. Era essa gravação que tinha lá, né? Que sempre passava. Que a gravação tava legal, tava a bateria legal, tal... Um som bacana que a gente tocou. Eu me lembro que tava tocando nesse show do Agosto de Rock... Eu me deparei [corte] assim, porque... É que você, pelo que eu te conto, eu vivia muito numa caixinha, sabe? Então, eu basicamente fui entender o mundo depois que saí do Juvêncio Terra, que eu era bolsista por causa dos meus pais, e fui pro CEFET. Então, um colégio federal que tinha todo tipo de gente no aspecto financeiro, questão de pele, de religião, de ponto de vista, então...

P – Pessoas de vários bairros diferentes...

B – Então, ali eu comecei a entender o mundo, né? A ver como era o mundo mais legal, na verdade. Muito mais legal, esse fato de a gente não ser limitado, né? No caso, quando você estuda num colégio que é particular, você fica muito *preso* assim, né?

P – É, fechado naquele ambiente ali...

B – É. É isso. É por aí. Você passa a ter medo daquilo que foge daquilo ali. E aí, quando eu fui estudar nesse colégio, que já tem uma diversidade na verdade, que não tem no Juvêncio Terra, era todo mundo igual. Era somente um mais rico que o outro, tal... E aí quando você vai pra um colégio diferente, cê passa a aprender um pouco mais. Cê passa a entender como é que funciona, cê passa a ir no trabalho de colégio e você vê que o colega tem uma casa que, tipo, não tem piso, sabe? É... Assim, que, digamos assim: ele não tem condições. Tipo, o colega é pobre, sabe? E você nunca tinha entrado numa casa daquela. Tipo, o portão é só uma grade, aí você entra e: “caramba...”. Você se depara com coisas que pareciam que todo mundo deveria ter, e deveria, realmente. E você vê que nem todo mundo tem, né?

P – Um banho de realidade. Um choque de realidade, sei lá. Alguma coisa assim.

B – Exatamente. É doideira, cara. E aí, eu comecei a reparar algumas coisas que o rock n’ roll. Assim, eu me lembro de algumas pessoas que o rock n’ roll libertou. Eu digo libertar, no fato de, por exemplo, eu fiz aula de karatê, fiz aula de futebol, mas eu fazia a aula que eu queria: eu fiz aula de piano, não sei o que, mas nunca fui rico, mas não passei necessidade nenhuma. Nenhuma não. Mas assim: o rock n’ roll trouxe muita gente pra arte. Trouxe muita gente pra ter acesso à arte. Tipo, que o rock n’ roll traz aquela liberdade de pensamento. Eu ficava surpreso, na época, mas eu digo não mais porque tinha uma galera que não tinha nada e tinha uma mentalidade tão mais positiva que a minha, cara... Eu falava: “caramba! Ele tá muito mais preparado do que eu”. É quase como se tivesse: “Se tiver um apocalipse agora, eu tô lascado”. Eu não vou saber o que fazer nada.

P – Eu tive essa sensação também. Eu lembro disso.

B – Tipo assim... Eu via isso muito presente, né? Quando eu tava no CEFET, e aí, eu amadureci muito no sentido de ver o ser humano, sabe? De enxergar o ser humano como eu acho que a gente tem de enxergar, na verdade. E isso, infelizmente, não é o que se prega, né? Isso não dá ibope, não se vende nada se você... Cê deixa de ter produtos, na verdade, se você pensar assim, né? E aí, essa separação é proposital, realmente, mas, voltando aqui pro nosso rock n' roll, o rock n' roll, eu sempre enxerguei como isso de libertação. Eu sempre via isso de provocar, no sentido de provocar [corte] entre pessoas ou tinham problemas ou não tinham, ou tinham problemas diferentes, porque o rock n' roll... Eu já fui assim, em shows de Geraldo Azevedo, eu vi Elomar de graça na praça e tal, Zé Ramalho, também já vi e tal, e claro, eu não tinha aquela mentalidade de ficar conversando assim. Eu ficava só admirando ali, tal... Meus pais ficavam tomando a cervejinha deles, a gente por perto e tal... Mas o rock n' roll trazia justamente, embora tenha gente que às vezes fale: “pô, véi, tô tocando e a galera não tá prestando atenção”, mas acredite: cê tê fazendo trilha sonora de algum papo legal. Então, o rock n' roll sempre colocava alguma coisa. Aquela batida, aquilo liberta. Dá vontade de jogar pra fora algumas coisas. Então, eu sempre quando saía pra assistir a algum show, ver alguns colegas, eu sempre sabia que eu ia ter um papo legal, alguma reflexão quando chegasse em casa. Nem que seja uma coisa que, tipo assim: “eu não acredito, velho. Eu não aceito isso. Isso não pode ser assim. Eu não acredito”, tipo, até o pensamento mais adolescente possível, tipo: “eu não acredito que aquela menina tá com aquele punk, e sendo que eu aqui, caraca...”, tipo: “eu não entendo isso. Como é que ela gosta daquele cara?”, aquela coisa louca... Mas é isso, de refletir aquela coisa doida de tipo, não tem um padrão pra seguir no rock n' roll. Se você vai pra outros estilos, já é uma coisa mais igual. Embora, pra eles, talvez a gente pareça. Eu vi um documentário certa vez, foi um documentário até do Canal 90, eu curto muito, do Nogy. Não sei se cê conhece...

P – Sim.

B – Ele faz uma retrospectiva dos anos 90. É muito legal, cara. E ele vai falar dos movimentos do rock, dos metaleiros. “balançavam suas cabeças e não sabiam por que estavam fazendo isso”... E não é que realmente... Poxa, é até chato quando alguém descobre a gente assim, e na verdade, provavelmente a gente pareça igual pra muita gente. Pra muita gente, o rock é igual, né? [corte] não tem tanta versatilidade. Assim: pra mim, no rock eu enxergava essa diversidade, essa questão do bate-papo, né? Além de se descobrir nessa questão adolescente... Eu era muito tímido, né? Então, na verdade, eu não enxergava muito bem, então, na verdade o que acontecia, eu lembro de Daniel Mendes agora, o Daniel Doidim... [Corte a pedido do entrevistado] Aí, a Sigyn mudou a formação, meu irmão Guilherme saiu do baixo, ficou na Blind Mirrors, Blind Mirrors depois acabou, depois a Dezoito 21 tinha terminado um tempo, acho que Ronny tinha ido pra algum, não sei se foi na época que ele passou no concurso do Correio... Depois a Dezoito 21 voltou e aí, Rodrigo, meu irmão, assumiu a guitarra, Guilherme foi pro baixo, se não me engano... Eu acho que foi isso. Sú veio na bateria, chegaram até a gravar um CD. Acho, inclusive que quem gravou foi Diego Oliveira. Diego é chamado de *Diego Albino* mas é de boa? Ou esse apelido é...

P – Não, normal. Todo mundo chamava... Na época mesmo, todo mundo chamava ele assim mesmo. *Diego Albino*.

B – Então, foi isso. O baixo foi Diego Albino que fez, e aí tem o CD da Dezoito 21, chegaram só a se apresentar no lançamento desse CD, e chegaram a abrir pros Los Hermanos. Acho que LZ o nome da boate...

P – Urrum. Verdade.

B – O show foi legal, inclusive. Na época desse show eu já tava de cabelo curto. Já tava mais gaiato, no sentido de partir pra [corte] tal, não sei o que. Já era outra pessoa nesse sentido... Mas a Blind Mirrors acabou, ficou só a Sigyn de banda de metal, a Portal eu acho que não existia mais, tinha uma banda de heavy metal, chamada Celestial Dream. Era meio de heavy metal. Tocava um pouco... Tocava... Aquela banda de César, que hoje é produtor musical de banda de sertanejo e tal... Acho que uma coisa nesse sentido. Ele toca em uma banda de sertanejo. Ele tinha um estúdio, ou tem, alguma coisa assim, que o pessoal ensaiava, e aí tinha a banda Celestial Dream, que... Deixa eu ver a formação, acho que não vou lembrar não. Mas acho que era de Thiago, que o pessoal chamava de *Thiago Preto* na guitarra, no baixo não lembro... Tinha Glauber no teclado... Era uma banda de *white metal*, né? Pessoal da igreja. Não lembro quem era o baterista da banda. Mas era bacana, inclusive, o vocalista da Celestial Dream, eu fui participar de um workshop de voz, participar no sentido de assistir, né? Assistir uma palestra de voz que teve, e aí eu falei: “rapaz, eu conheço esse cara de algum lugar...”. E aí, eu falei: “rapaz, cê tocou na Celestial Dream?”. Aí ele falou que já. Aí, ele falou bem assim: “rapaz, eu tava lembrando de você, mas eu achei que você não fosse lembrar de mim”, ele falando, né? Aí, eu falei: “Você acha que eu sou quem?”; aí, ele: “ah, você é Bruno, que cantava na Sigyn”. Eu falei: “caraca, o cara lembra de mim”... [risos]

P – Ué, todo mundo lembra... [risos]

B – Depois que cê sai de banda, ninguém lembra de você, assim. Eu tive até um problema, tipo: “ah, meu Deus...” Sabe o que é o cara não ter amigo, e aí cê deixa de não ter os mesmos amigos... Porque cê fala: “peraí, que eu já não tinha, velho...”. Só quem vem essa realidade... [telefone toca].

[...]

... Aí entrei com esse rapaz, tal, ele lembrou de mim, achei um barato isso, lembrar. E aí, beleza, mas ele canta no meio evangélico, acho que um rock pop, um pouco menos que Oficina, uma coisa assim, eu acho. Esqueci o nome dele agora. E aí, paralelo a essa banda de white metal tinha a banda de Sandoval, que era a Meter Christi, né? Não sei se você já ouviu falar dela. Inclusive, teve uma época que eles queriam que eu cantasse com eles, porque na época surgiu a banda Eterna, né? A banda Eterna tava em alta, e aí, eles queriam tocar músicas do Eterna, só que não achavam quem cantasse. E aí, alguns ensaios deles eu ia assistir, e eles me pediam pra cantar, e eu ficava: “pô, véi”, tal... E aí, eu cantava uma ou duas músicas, e aí eles ficavam: “ô, San, fala lá com seu primo”, não sei o que... Só que era uma vibe diferente, porque white metal tem toda uma questão, né? Religiosa. Eu não, embora tenha sido criado no catolicismo, eu nunca fui muito seguidor de ir em missa, tal, talvez depois que eu casei eu tenha ido um pouco mais, mas eu tenho meus limites muito bem estabelecidos aí com a religião. Aí, é isso. E aí, eu lembrei agora de um concurso, na verdade. Eu falei do COEDUC, né? Do Overdose de Rock, teve o Rock de Subúrbio. Eu não lembro que local foi. Eu lembro mais ou menos a entrada do local, mas eu...

P – Rapaz, se eu não me engano foi na Urbis IV. Alguém me falou desse Rock de Subúrbio aí, só que eu não lembro. Mas uma das outras entrevistas aí, falam dela.

B – Ah. Quem deve lembrar acho que é Dani da Renegados, mas eu não sei se ele tá nas entrevistas, mas deve ter muita coisa pra contar. Eu tenho a impressão que ele tava na organização. O Rock de Subúrbio foi tipo um... Tipo não: ele foi um concurso de bandas e aí teve troféuzinho, tal... Eu lembro que tava como jurado... Breno tava como jurado. Breno, que hoje é Pilot Wolf, né? Que foi Greenland Metal, né? Tinha um cara grandão, esqueci o nome dele. Bem grandãozão. Eu vou errar. O pessoal chamava ele acho que de *Mocoro[corte]*, um negócio assim. Cê lembra?

P – Rapaz, não sei se conheço...

B – Eu não lembro não. Eu acho que ele cantava um *black*, uma coisa assim. Era um cara bem grandão. Tinha um barrigãozão assim... Eu acho que ele foi jurado também... Mas ele... [corte]. E tinha um outro cara cabeludo, que eu acho que ele é professor de alguma coisa, mas eu não lembro o nome dele não. Mas resultado: a Blind Mirrors tocou, a Sigyn tocou, e eram vinte e três bandas. Vinte e três ou vinte e quatro, pegando o sudoeste baiando aí. Aí, eu sei que eu ganhei como melhor intérprete. Eu não sei se tinha um... Eu acho que tinha três categorias: melhor banda, melhor intérprete e melhor instrumental, alguma coisa assim. Eu acho que a gente ganhou de melhor banda, acho. E o troféuzinho ficou com Bugatti, eu como melhor intérprete, o troféuzinho tá aqui. A gente ensaia com a Menino de Lata aqui na Fernando Espínola. Agora a gente tem um estúdio. Na verdade, a gente tem um estúdio que foi feito por meu pai, só que, infelizmente, ele faleceu antes de a gente começar a usar. E Túlio ganhou o segundo... Deixa ver: intérprete eu ganhei primeiro lugar, Fábio Metal ganhou o segundo, e eu acho que Vitor... Deixa eu ver se é Vitor o nome dele... Lucas. Lucas, que cantava black metal... Que tocava com Joilson... Mas eu tenho um vídeo pra passar pra você. Tem um vídeo que a Sigyn toca, na primeira formação e tem essa banda também. Tem uns vídeos que eu recuperei, vou mandar pra você. Muito mal-filmados, mas dá pra extrair alguma coisa. Aí, como instrumentista, eu não lembro quem ganhou, acho que Túlio ganhou em segundo lugar, acho... Mas eu sei que foi muito interessante. Quando iam anunciar o melhor intérprete, o melhor vocalista... Acho que falaram *melhor vocalista*... Aí quando falaram “melhor vocalista”, a pessoa já me empurrando pra eu subir, né? “sobe lá, moss”; eu: “não, moss, espera aí”. Aí, daqui a pouco fui eu. Eu nem sei o que eu falei. Qualquer merda aí, aquela coisa, né? Que cê não sabe o que fala.

P – Adrenalina a mil...

B – Que a intenção da gente era se apresentar, aí foi interessante, né? Ah, cara, eu acho que lembrei: eu acho que o Rock de Subúrbio foi uma preliminar pro Agosto de Rock II.

P – Ah. Teve um negócio desse mesmo.

B – Eu acho que foi isso. Só que não sei por que a Blind Mirrors não durou até lá. Acho que ficou em segundo... Não sei. Ou só a primeira que ia... Aí, beleza: eu sei que a gente tocou no Agosto de Rock, tal, meu irmão saiu da banda, depois veio Dilton Ferraz e Daniel Coringa pra reforçar a guitarra. Continuava eu, Túlio e Bugatti. Aí a gente se apresentou no Fest Rock, que eu também tenho a gravação, que vou passar pra você. Tá bem legal, a vibe tá bem legal. Eu acho que aquele ano era de 2001. Depois disso a gente... A gente se apresentava pouco, mas sempre se apresentava

super bem. A gente ensaiava muito. E tinha uma banda, a gente ensaiava muito no estúdio de Robson, né? A gente via muitas banda. A gente via... Tinha uma banda que, na verdade, não ensaiava lá, mas que foi assistir ao ensaio da gente. O nome da banda era Detrás do Muro. A banda... Era tipo Raimundos, eu não sei o estilo não. E aí, os caras tinham o próprio estúdio, né? Só que eles estavam assistindo ao ensaio da gente e chamou pra assistir ao ensaio deles. Eles já tinham até CD gravado, tal... O vocalista, Vitor... Acho que era Vitor. E o nome do guitarrista, Vitor Avelar, que hoje ele tem uma banda até de heavy metal em Salvador. E a gente foi assistir ao ensaio deles. E eu sei que, antes de começarem, a galera viu... Tinha uma galera esperando pra assistir o ensaio deles. Uma casa, uma casa gringa lá, aí quando o pessoal viu a gente entrando, e os instrumentos tavam todos no carro, acho que no carro de Túlio, o pessoal me reconheceu, né? O menino da Sigyn. E aí eu cheguei, sentei no chão, igual todo mundo faz nos ensaios dos outros, aí uma menina lá queria porque queria que eu cantasse. Aí eu falei: “não, o ensaio é dos meninos aí, a gente acabou de ensaiar, tô cansado” e tal... Ensaiávamos tipo assim, horário do almoço, uns horários nava a ver... Era uma coisa de vontade mesmo. E aí, a gente tocou umas duas músicas lá... A menina ficou doidinha, doidinha, o namorado dela do lado, eu fiquei com vergonha. Tipo, você entendeu, né?

P – A confusão chegando em você e você quieto.

B – É... Mas o cara também tinha uma certa admiração, eu falei: “eta, caramba”. Foi um negócio muito doido. Essas sensações que você tem que aprender a lidar, né? Na verdade tava ali admirando o cantor, né? Aí, beleza. Depois a gente passou a ensaiar na casa de Dilton, numa garagem dele lá. Nessa época foi surgindo a Sorrow’s Embrace, que eu acho que ensaiava lá também. Eu acho que ensaiava lá também. Eu lembro que Wesley na guitarra, Wesley me impressionou, porque ele sabia tocar o riff de [?? - 2:06]. [solfejando] Eu achava muito massa, que ele achava o efeito certinho. E às vezes a gente assistia o ensaio da Sorrow’s Embrace. Eu lembro que quem tava no teclado foi Ingrid, que hoje é baterista.

P – Ah, massa.

B – Cê sabe quem é Ingrid, né?

P – Sei. Ingrid Bahia.

B – Tocava teclado e hoje é baterista monstruosa mesmo.

P – Não lembrava que ela tocava teclado não.

B – Eu acho que é naquela época de descobrimento assim. “sabe tocar teclado? Então toca”. Aquela coisa meio insegura que a gente tem quando entra em banda e tal. Aí depois entrou Diego, filho de Paulo de Tarso, né? Na Sorrow’s Embrace, que depois já virou Liatrix e já não lembro exatamente. Eu sei que na Sigyn, não lembro exatamente o motivo, aí Daniel Coringa, que mexe com condomínio hoje em dia, ele saiu da banda e Dilton saiu da banda também, aí veio Lucas que era da Parrázio... Acho que chegou a tocar na Dezoito 21 também. Eu lembro até que apelidaram de *Lucas da Parrázio*. Que é *Lucas Metal*, né? Aí tocou com a gente. Aí a banda ficou ousada. Lembro que foi nesse momento que Bugatti começou a sobrar. Aí, fizemos uma reunião de banda querendo mudar o repertório, tal... Eu, na verdade, queria que mudasse, mas mudou demais. Aí, o que aconteceu foi o seguinte: tinha acabado a Mater Christi, né? E aí, meu primo tava sobrando. Tava

sem banda, né? E o pessoal: “ô, Bruno, aproveita seu primo aí, a gente vai tirar Bugatti, que ele não consegue tocar as paradas na vibe dele, e aí chama San pra tocar bateria”. Mas, eu falei bem assim: “não, mas vamos falar pra Bugatti, pra falar pra ele o que a gente tá querendo, pra ver se ele não se adequa”. Aí, ele falou bem assim: “mas eu acho que ele não vai querer não”. Aí, eu falei bem assim: “não, vou tentar conversar com ele, mas se ele não se adequar, aí não vai ter jeito, né?”. Aí, eu falei: “pode deixar que eu converso com ele”. Aí foi aquela história que eu comentei no início, que eu comentei que a banda tava querendo mudar de estilo, ficou parecendo até que fui eu que pedi, só que, cê vai ver lá na frente que foi a banda, né? Na verdade, no heavy metal tem muito disso, de uma masturbação musical, né? Muito disso de querer provar alguma coisa, principalmente no heavy metal, né? Tem muito disso. E aí, Thiago: “não. Não toco, não sei o que...”, aí eu falei: “pô, cara, então, aí, a gente vai ter que se separar, véi. Separar da banda e tal... Infelizmente”. Aí, ele ficou daquele jeito, assim, ruim, né? Climão e tal, Aí ele ficou sem falar comigo, aquela história que contei. Aí, tenho até que ver, testar se ele fala comigo. Vou mandar as fotos que eu tenho aqui, que eu encontrei, pra ver se ele fala comigo. Com o tempo a gente amadurece, tal... [corte] feito na reunião da banda, né? E cada um fala um pouquinho pra esclarecer pra todo mundo, né? Acabou ficando só pra mim. Aí, Sandoval entrou na banda, aí começamos a tocar um pouco mais de Angra, um Angra mais pesado assim, pôde colocar coisas assim, sabe? E aí, começamos a entrar numa onda *prog metal*, e aí começou a não me agradar tanto. O que não me agradava muito era porque eu sempre gostei muito de interagir com o público, né? E aí, a onda do prog metal, isso não rola, véi. A onda do prog metal é você tocar pra músico. Do tipo do braço cruzado ali, torcendo pra você errar. E aí, eu não sou muito fã disso. Querendo ou não, pra mim, só era bom se a galera reagisse bem. Tocar pelo menos alguém, sabe? Aquela história que comentei com você. Se não tocar ninguém, aí não valeu. E aí, começava a tesourar minhas músicas do repertório. Aí, foi saindo *Living for the Night*, do Viper, foi saindo música do Angra, foi saindo as músicas que eu tinha escolhido, daqui a pouco no repertório tava Malmsteen, Dream Theater, Symphony X, Van Halen... Aí, tava músicas que eu não escutava. Tipo assim: só e a letra ali, e olhe lá, e cantava, mas não tinha prazer de cantar.

P – Meio como por obrigação mesmo.

B – É. E aí, isso foi com o passar do tempo e tal. Até que eu lembro que eu tava conversando até, Breno tinha viajado pra acho que São Paulo, e aí, Breno sempre muito bom pra conversar sobre muita coisa. E eu confidenciei pra ele, né? Que eu tava. Eu falei: cara, eu tô me sentindo um vocalista contratado, só que sem ganhar nada” [risos]. Mas era isso, tipo: “cê tá indo pra onde, filho?”; “Vou ensaiar com uma banda que eu não tô gostando”. Tipo assim, sabe? Não tendo mais prazer nenhum, e aí isso tava minando até o meu carinho pelos meninos ali, sabe? De tipo... Eu já tava me sentindo que eu já tava fora, velho. Eu já tava fora. Eu tava lá, eu continuava impactando de alguma maneira, o pessoal conhecia a banda também por causa do vocal, mas nos bastidores, eu cantava... Eu tinha voz nos palcos, mas fora do palco, não tinha voz nenhuma na banda. E aí, começou a nutrir um sentimento muito ruim, aí, vontade de sair. Aí, eu falei: “mas eu preciso explicar pros meninos o que tava se passando”, né? Eu sempre em despedidas de alguma coisa, eu sempre tento dar uma *recheada* pra ver se fica melhor. [risos]. Aí, assim eu fiz com Bugatti, e não ficou. Eu tentei no meu jeito, tentar falar pros meninos o que tava pegando pra ver se eles me entendiam, pra ver se mudasse essa parada. E aí, eu fui e escrevi uma espécie de carta. Eu trabalhava na época, e eu tava naquele momento ócio criativo, e tal, e eu comecei... “preciso falar da melhor maneira possível isso daqui”. Mas, basicamente, foi o seguinte: fiz uma reunião...

“preciso falar com vocês”. Aí, todo mundo da banda, Fábio Caveirinha tava até nos teclados na banda... Fábio Caveirinha cê conhece, né? Toca axé, tal... Toca de tudo, na verdade. E aí, eu fiz uma carta, a carta falava que eu não tava me sentindo presente na banda, que o que eu pedia não tava tocando mais, tiraram todas as minhas músicas, e aí, veio cara, a parte que eu me decepcionei muito, me deu esse trauma muito doido, que foi a risada depois que eu li aquele depoimento de... Aquele momento que eu tava me abrindo pra eles.

P – Desabafando.

B – Aí, eu escutei risada, “deixa de ser besta”, “frescura”... Ah, velho... Então, é isso. “não quer ficar na banda, não fica”. Aí, quando cê escuta isso, mermão...

P – É. Aí, já era. Aí, não tem como. Aí, não tem clima mais pra ficar.

B – Aí já era. Não tem clima. Aí, tinha um show marcado no Coliseu, né? Que foi o último show que eu fiz com Sigyn, né? Várias músicas novas e tal. Aí, beleza: cantei lá, no final do show falei que era minha última apresentação da banda, aí pegou algumas pessoas com surpresa, mas foi isso. Terminou o show, tal, não sei o que...

P – Será que eu tava nesse show? Tenho alguma lembrança...

B – Não sei. Coliseu ali, perto da Régis Pacheco, né?

P – Arran, eu lembro do Coliseu.

B – Aí, eu... Eu saí de casa... Acho que voltei a pé mesmo. Eu quis voltar a pé mesmo. Aí, resultado: nessa época, tavam ensaiando na casa de San, que é aqui também, que como eu falei, é uma casa familiar, tal... E San deixava a bateria lá. San tava com a bateria da Sigyn, né? E aí, passou uma semana, comentou comigo: “ô, Bruno, vai ter ensaio aí”. Falei: “ô, San, cê sabe que eu não tô mais, e tal...”. “não, não: vai vir gente nova pra cantar aí”. Aí, eu falei: “puta merda”. Tipo assim: minha janela dá de frente pro ensaio. [risos] Aí não tem como, né? Cê acaba escutando. Eu falei: “caraca”. Aí, veio tipo, umas três pessoas cantar. Eu me lembro o nome de algumas pessoas, mas vieram três pessoas cantar. Na verdade, ninguém ficou. Os caras não curtiram. Aí, acabou que a banda acabou. Tanto é que, sempre quando alguém perguntava: “pô, bro, cê acabou com a banda Sigyn”. Eu falei: “não, eu saí”. Né? Era sempre assim. Eu sempre falei isso, porque na verdade foi o que aconteceu, né? Aí, eu continuava a ir pros shows, acompanhava algum Palco do Rock, alguma coisa assim, via Sorrow’s Embrace eu vi algumas vezes, eu vi a Liatrix, peguei um pedaço também, [corte] da Liatrix, no natal... mas eu meio que fugindo assim. Eu comecei meio que fugir do ambiente rock n’ roll, e eu mais vendo meu irmão com a Dezoito 21, ou mais de plateia mesmo. Aí, nessa época, a gente deixou de se falar, porque não tinha WhatsApp igual hoje, né? Eu perdi comunicação com Túlio, com Lucas também. Às vezes eu falava com Lucas, porque ele trabalhava numa loja de carro, eu passava perto... Mas rola muito disso em banda... A gente confunde muitas coisas né, cara, na vida de gente...

P – É convivência, né vei?

B – É, que é tão próxima, né? Talvez porque a gente passava tanto tempo junto, a gente acha que é, digamos assim, útil, mas não é. Eu não tinha obrigação de ser, tipo... Na verdade eu tinha que sair porque eu tinha que sair mesmo. Não tava à vontade... Mas eu não podia... O choque que eu tive,

no sentido de eu não tinha amigos e continuei assim, né? [risos]. Era uma coisa basicamente isso. Aquela estranheza do que já existia, né? Sò que eu tava me deparando com a nova realidade. E na verdade, a vida, na verdade, a gente é assim: a gente tem poucos amigos. Quem tem muito amigo, às vezes, é um ditado popular, não tem ninguém. EU considero um pouco disso, realmente. Porque não dá pra dar atenção a um tanto de amigos, né? Você pode ser gentil, mas isso não quer dizer que seja amigo, né? É outra coisa. Então, assim: o rock me libertou e ao mesmo tempo ele me aprisionou um pouquinho. Me aprisionou no sentido musical. Depois disso, eu tive ainda [corte]. A Sigyn acabou, né? Meu irmão tava na Dezoito 21 ainda, e meu irmão falou: “ô, Bruno, bora fazer um tributo a Iron Maiden no...” Acho que no reveillon ou natal. Não lembro. E aí, teve um tributo a Iron Maiden. A gente fez. Que foi num bar... Eu acho que foi num bar que Ronny tinha... Ele tinha um bar, mas eu não lembro.

P – Ah... Ele tinha um bar na Urbis II, eu acho...

B – Eu não lembro onde era. Eu não lembro o nome.

P – Eu também não lembro o nome.

B – Eu sei que num daquele zine que tinha... *Outras Cabeças*, eu acho, tem uma foto minha que é muito engraçada. Quem tava cobrindo o evento, na questão das fotos era Núbia. Núbia também teve banda de rock, a Simbiose... Eu não vou lembrar os nomes das bandas. Simbiose eu acho que era dela.

P – É... Simbiose, depois Charlotte.

B – Isso. As meninas. Tinha Bete, tinha a menina do cabelo encaracolado, esqueci o nome dela agora... Acho que Bárbara na bateria... Eu não vou lembrar da galera. E aí, Núbia que tava cobrindo as fotos, né? Tava tirando as fotos. E eu lembro que ela falou bem assim: “tirar uma foto da banda”. Aí, “tira a foto da banda”. Todo mundo... [cara sisuda] Aquela cara, né? De roqueiro.

P – [risos]

B – Aí, ela: “uma foto mais descontraída”. Aí, eu fiz assim, ó... [congelou a imagem] Aquela cara, ó, esculhambando... Cara, pois essa foto é que aparece no jornal.

P – Ah, eu tenho alguns aqui. Vou ver se tenho essa.

B – Cê vai achar na segunda página, tipo assim, a foto da banda inteira e eu... [faz a pose]. [risos] E eu tinha achado esse jornal uns anos atrás aí, e eu mandei a foto pros meus irmãos e meu primo também, que foram... Esse Tributo ao Iron Maiden foi eu, Rodrigo, Guilherme, meu irmão e meu primo Sandoval, então, foi só família, viu? E eu, em certo momento do show do Iron Cover, teve briga. Quando teve a briga, cara, eu tive uma reação automática ali. Segurando o prato de San, falei: “para, para, para”. Falei: “galera, o negócio é o seguinte”. Era alguma coisa de natal ou ano novo. “Cara, vai começar o ano novo aí”, alguma coisa assim... “mas não é pra ter briga aqui, galera. Se continuar a briga, a gente para aqui agora”. Eu falei: “pô, tô parecendo um músico famoso aqui agora, né?”.

P – [risos]

B – Mas eu fiz um negócio desse. Cara, sabe o que aconteceu? A galera trouxe os que tavam brigando, apertou a mão, abraçou, um foi prum lado, outro foi pro outro... Eu falei: “caraca, véi”. E a gente voltou a tocar. Eu achei um negócio tão massa, véi, achei uma viagem tão grande... Eles tavam *bangeando*, e aí, um acertou de um jeito que o outro não gostou. E começou aquela porrada, e fugiu do controle, sabe? Cachorro louco, uma viagem dessa, eu acho que o rock n’ roll tem isso, cara, tem isso... Aí, voltando agora, saí um pouco da música, tal, ficava meio de longe, heavy metal não escutava tanto, escutava mais pop-rock, uma coisa assim, aí eu vou adiantar um pouco no tempo. Aí, [...] quando foi 2005, eu fui ver um ensaio da banda de Renata, que era Robson na bateria, Daniel Ferraz na guitarra, Jon, que não é o Jon [corte] não: era outro Jon no baixo, e o nome da banda era Ice Reagan, alguma coisa assim. Que tem até uns vídeos disso que vou falar aqui agora na internet. Eu vou passar pra você. Eu fui ver um ensaio deles, que foi lá em Robson, aí Renata é de longa data. Aí, ela falou assim: “ô, Bruno, cê não topa tocar uma música com a gente não?”. E eu tava uns dois ou três anos sem cantar... Pra você ter uma ideia, eu já tava namorando a minha esposa, né? E aí, eu nunca tinha me apresentado ao vivo... Minha esposa nunca me viu no rock, nunca tinha visto nada no rock, né?

P – [risos] Estranho, né?

B – A gente se conheceu foi na UESB, né? E aí, eu falei: “que música seria?”; “ah, *The Wicker Man*”. Peguei a letra lá, cantamos uma vez... “Cê topa cantar com a gente num show tal que vai ter em um lugar tal?”; Eu falei: “eu topo, vai ser legal”. Aí, resultado: meu cunhado filmou, e aí eu tenho esse vídeo registrado. É interessante. E é engraçado, porque tá no YouTube, no canal da Ice Reagan, aí tem gente falando bem assim... Eu tava de cabelo curto, tava meio fortinho na época, aí o pessoal falou assim: “esse cara de cabelo curto parece o Agnaldo Rayol cantando”. [risos] Um comentário bem assim... O interessante de você se [expor é que vem] bomba. Veio bomba pra tudo quanto é lado, mas veio bomba [inaudível] bem de boa. Me apresentei, eu sei que foi minha última vez no rock n’ roll, aí veio um momento parado aí até 2016, eu acho. 2016 ou 2017, que foi quando Voninho me ligou... Voney, da Monkey Love... Esqueci o nome da banda anterior agora. Que Voninho tinha uma banda chamada Termobox, uma banda tipo Raimundos, né? Era uma banda super legal, mas eu acho que é uma coisa que até comentamos, né? Ela nasceu depois que esse movimento Raimundos acabou, né? Aí, não indo pra frente, mas o som é bem bacana, tem até CD gravado. Eu até tenho o CD, minha filha até gosta. Voninho nos vocais, era Robson na bateria, tal... E aí, Voney, em 2016, me ligou, falando que queria montar uma banda de metal, tava ele e outro amigo dele, Guilherme Chirinéa, que é um cara extremamente incrível. Queria montar uma banda de heavy metal e queria que eu cantasse. Falei, “pô, Voninho, tem muito tempo que eu não canto...”; “Pô, Bruninho, mas eu sou fã desde aquela época, não sei o que...”; Eu falei: “pô, cara, tu é meu fã, tu toca guitarra pra caramba aí, cê fica aí... Eu tô fora do meio e tal”. Aí ele falou: “Não, pô. Pensa direitinho”. Aí, fui contar em casa, né? Tava, na verdade, conversar com meu irmão e tal... Eu já tava casado, cada qual na sua casa, né? E a gente tinha um estúdio aqui, né? Na Fernando Espínola. E aí, comentei com meu irmão que tinha recebido uma ligação, de Vonei, tal... Aí, eu lembro que eu até [corte] que... “quem é Voninho?”; “Voninho é um cara que tinha um cabelo parecendo o Hanson naquela época”, tal... Aí, lembrou na hora quem era, né? Aí, [...] Voninho chamou, tal, e eu pensei assim: “pô, tá faltando o que na banda? Tá faltando baixista e baterista”. Aí veio o filme na cabeça. “pô, véi, eu tô vendo. O cara tá me chamando pra banda, e aí, como ele tá me chamando, fica um pouco aquela coisa, *a banda é dele*”, sabe? “Mas eu não posso

me sentir *trabalhando*, eu não posso me sentir fazendo trabalho pros outros. Eu não quero isso. Eu não posso sentir que eu não tô fazendo o que eu [corte]. Aí, tá faltando baixista e baterista? Aí, eu fui e falei com San, Sandoval, né? Ele tava sem banda, sem tocar, tava só treinando de vez em quando, aí ele: “ô, Bruno, cê tá pedindo, eu vou, véi”. E na verdade, San é muito tranquilo comigo, na verdade, o que eu peço ele abraça, entendeu? Ele falou: “pô, cê falou aí, eu tô [corte], né?”. Aí, tinha o baixo do meu irmão, Guilherme, que tá morando no Paraná. Tá aqui no estúdio, né? Aí, eu falei: “pô, eu não vou chamar uma terceira pessoa pra vir tocar baixo”. Aí, cheguei pro meu irmão, que é guitarrista. “E aí, véi, tá com vontade de aprender a tocar baixo?”. E aí, meu irmão Rodrigo é tipo o Jackie Chan, o ninja dos conhecimentos. Ele é assim. Eu não perguntei ainda se ele quer aprender a cantar, porque senão ele vai tirar meu lugar. Porque ele abraça a causa de tal forma que tipo, ele, assim, com todo o respeito a todo mundo que toca baixo, ele tá destruindo, velho. Aí, tipo assim: eu fico com vergonha de... Sabe aquela coisa... Eu sempre pensei nisso... Por exemplo, eu toco um pouco de violão, aí uma pessoa fala pra mim. Só que eu toco um pouco. Eu toco pra mim mesmo. Aí a pessoa vai e fala pra mim, vamos supor que seja você. Você chega pra mim e fala bem assim: “ô Bruno, tô tocando violão, véi, tô tocando. Toco em uma banda. A gente podia montar uma banda”. Vamos supor, né? Que cê falou isso. Aí cê fala que toca violão, eu falo: “pô, véi, legal, cê toca violão. Toca um pouco aí”. Aí, cê toca, e eu vejo que você toca menos que eu, que nem violeiro sou, sabe? Aí, mas o que eu queria dizer é que Rodrigo abraçou tanto a causa do baixo, encheu o dedo de bolha, essas paradas, que hoje ele tá, tipo... E aí, ele fez um desafio de trinta dias, cada dia com uma música diferente.

P – Porra, que bicho louco, véi.

B – De heavy metal, destruindo no baixo. Eu falei: “bicho doido da porra”. Tá lá no IGTV dele, lá. O bicho é doido, e tipo assim: ele só não me detona no kung fu porque a coluna dele tá ferrada, que isso aí não tem jeito. Tem que trocar tudo ali... Mas aí, resultado: os meninos toparam, e aí fomos ensaiar. Quando fomos ensaiar, Guilherme Chirinéa não me conhecia. Quando me escutou, ele falou assim: “cara, que demais!”. Aquela coisa, cara... Aí, outra coisa: que a banda Menino de Lata, na verdade, não começou como banda: começou como uma reunião de pessoas pra tomar cerveja. E às vezes a gente chamava uma pessoa ou outra pra ir no ensaio, colega de trabalho, coisa assim, alguém das antigas pra ver o ensaio, o próprio Diego Albino foi lá uma vez pra ver o som da gente como é que tava e tal... Então, era mais uma reunião pra reunir quem queria tocar heavy metal, sem pretensão de apresentar. Isso era 2016, 2017... Aí, virei pai em 2017, continuei com a banda, só que um pouco mais de dificuldade pra ensaiar, tal, por questão de horário e tudo o mais. Aí, em 2019 teve o falecimento de André Matos, né? E aí, chamaram a gente pra tocar no GAS Rock Festival, né? Que é um grupo, na verdade, do WhatsApp, eu acho, de músicos que trocam informações e vendas de instrumentos, alguma coisa assim. E eles organizaram um [corte] e a gente seria uma banda convidada. E aí, a gente já tava ensaiando há tanto tempo que, tipo: “bora. Bora ver no que dá”. E aí, eu acho que a gente foi chamado pra tocar, André Matos morreu duas semanas depois. E a gente já pensou assim: “pô, cara, ainda bem que a gente toca Angra. Dá pra fazer um tributo pro cara”, né? Aí, a gente tocou uma música lá, eu já fiquei imaginando, eu fico meio que... Depois que minha filha nasceu, eu na verdade comecei a pensar de maneira diferente. Muita coisa, mas no campo musical, eu pensei mais assim: “minha filha precisa me ver cantar. Precisa ver como eu me sentia bem, como é divertido, como é legal, você provocar uma alegria em alguém”, assim, nesse

sentido. E aí, a gente se apresentou, foi super legal, num lugar frio que dói... Frio de doer mesmo, foi lá num lugar saindo de Conquista... Não sei o que Cajaíba, esqueci o nome.

P – É o Museu Cajaíba, lá em cima, na serra mesmo.

B – É. Pô, cara, frio do caramba, e não tinha água pra gente. Eu biquei numa cerveja artesanal de uns caras lá que tava bebendo pra tentar jogar água...

P – É. Cantar sem água é foda.

B – Pô, cara. E o estilo da gente que a gente se solta muito...

P – Exige mais...

B – E aí, cê precisa de uma hidratação muito maior assim. É muito... E o frio, cara. E aí, era engraçado porque tinha um camarim... E eu assim: “vou tentar entrar no clima...” E aí, botava fone de ouvido, som de cachoeira, daqui a pouco... “Ih, véi, você que canta na banda, né? Ô, véi, não sei o que...”. Eu falei: “ô, cara...”. Aí, resultado, cara: eu tive que ficar tipo, atrás... Tinha uns negócios da bateria lá, eu fiquei abaixado, com o fone de ouvido, ninguém sabia que eu tava lá...

P – Pra tentar relaxar, dar uma concentrada...

B – É. Relaxada, véi. Senão não dá, véi. Senão cê entra frio, estranho, cê não entra na vibe, aí não dá muito certo. Tem uma coisa que é primordial. Ai, beleza, minha filha nasceu, e aí eu pensei em registrar mais coisas assim, tipo... Depois eu comecei a fazer aula de canto, tal, pra tentar não forçar tanto onde eu forçava e tudo mais, acabou que com a pandemia, eu interrompi, mas teve uma coisa muito interessante com a aula de canto que eu fui convidado pra um [corte] que teve com o pessoal da APAE. Eles fazem tipo uma peça, e iam fazer a peça do Rei Leão. E aí, me chamaram pra cantar uma das músicas. Só um trecho, na verdade. Aí, resultado, qusndo eu cantei, me pediram pra cantar, com a voz de Pumbaa, com a voz do Timão, porque, cê lembra lá do começo da conversa que eu gosto de dublar. E aí, tanto é que antes da pandemia, ia ter um projeto com um grupo da cidade de [corte] casamentos chamado Roama, que ia [corte] anime, essa parada. E eu já ia cantar Cavaleiros do Zodíaco, cantar Dragon Ball, já ia cantar a música do Rei Leão, a voz do Timão, do Pumbaa... Já ia fazer um bocado de coisa assim, sabe? Nesse sentido, que eu gosto muito de fazer. E aí, cara, por exemplo, minha última apresentação no rock que teve agora, foi justamente junto com Túlio. Túlio tocou lá no... Não é *valentines* não. É... Que fica tudo verde...

P – É o oktober... Não, é... *Saint Valentin*... Que tem o *valentine's day*, né? Namorados e o dia de São valentim mesmo, que é esse negócio dos duendes, e tal...

B – Uma parada dessa. E a banda de Túlio foi se apresentar, e aí, eu e Túlio já tava trocando ideia já, né? Pelo Zap, ele tocando, eu já tava admirando ele já... E eu voltei com a Menino de Lata, comecei a vê-lo mais, né? E a gente voltou a conversar de boa, né? Na verdade, tinha parado só por conta da... Do contato mesmo, que não tinha, né? E na verdade a gente se aproximou de uma maneira saudável e eu particularmente vencendo os limites que na adolescência não tinha conhecimento desses limites, né? E aí, me frustrei naquela época. Tanto é que quando ele me chamou pra cantar, eu falei: “porra, véi, vai ser uma celebração muito legal, porque tem gente que acha que a gente não se fala. Que a gente é inimigo”, alguma coisa assim, tal... Sendo que, na verdade, tipo, “parei de trabalhar contigo, mudei de empresa e a gente não se viu mais”, não é?

Basicamente foi isso. E aí, foi uma das apresentações que eu mais gosto, que eu cantei uma música do Journey e tem uma música do Europe, né? Que eu, particularmente gosto muito. E eu tive um prazer muito grande de, nesse ano, de cantar com um super ídolo, cara. Ele saiu espalhando pra quem ia cantar com ele...

P – Ah, eu vi lá.

B – E aí, eu passei na seleção, né? Eu fui pra Salvador pra cantar com o Edu Falaschi. É um vídeo que eu tenho um orgulho do caramba. Tanto orgulho eu tenho, cara, que eu peguei do início de quando eu entro no palco até eu saindo do palco pra eu tentar transmitir como é que foi, entendeu? Até as bestagens, as minhas gagueiras, as besteiras que eu falei, mas foi um negócio massa.

P – Teve uma seleção, foi?

B – Foi uma seleção. Ele pediu pra enviar a pessoa cantando *Bleeding Heart*, que é uma balada do Angra. Pediu pra enviar o vídeo botando tipo vídeo não-listado, sabe? E mandar o link pro perfil dele. E aí, eu fiz isso, gravei até aqui, que minha filha não ia deixar eu gravar em casa, e aí gravei, mandei pra ele... Ele tem duzentos bilhões de contatos. Né, sei lá? Tem muito contato. Falei: “pô, véi, não sei. Eu vou gravar. Preciso gravar, pra pelo menos... Eu mandei”, né? Aí, gravei e tal, e mandei. E aí, gravei, mandei, e aí cê fica assim: “será que vai visualizar?”; Aquela coisa, né? Aí eu falei: “ah, desencana, véi”. Aí, foi tipo...

P – Ah, e você ficou esperando a visualização né? Do vídeo e tal...

B – É... Aquela coisa: [inaudível]. Nada, né? Tipo, cheguei em casa, pedi um lanche, pra dar uma desestressada, tomar uma coquinha gelada, tal, aí beleza. Acho que quando acabei de comer assim, tal, peguei o celular, [corte]. Falei: “ah, não vai ser não”. Fui e cliquei. Quando eu vi, tá lá: Edu Falaschi, aí tá [corte] monossilábico né? É foda isso, mas eu entendo porque é um bocado de gente torrando a paciência do cara, né? E eu era só mais um, né? Então, tipo, cobrar: “não, espera aí, cadê o... O cara não falou ‘boa noite, tudo bem? Estamos aqui pra dizer que não sei o que’”. Não: foi tipo assim: foi tipo um joinha, e foi tipo: “cara, você quer cantar em qual capital?”. Aí, eu falei: “pô, que legal!”. [risos] Aí, eu botei só depois assim: “mas vem cá, já estou dentro? Se for, Salvador é mais perto da minha cidade”. Botei assim. Aí não respondeu. Passou um dia, não respondeu. Falei: “que merda!”. [risos] Aí, depois de dois dias, ele botou bem assim: “não, desculpe. Vamos fazer a seleção. Sexta feira o resultado”. Aí, eu tava até num estabelecimento de um colega que tava inaugurando, uma hamburgueria, e aí, meu celular descarregou, enfim, resultado, falei: “não, vou olhar isso quando chegar em casa”. Aí, bateu a curiosidade, peguei o celular da minha esposa e fui dar uma olhada. Aí, tava lá: “selecionados: Bruno Maia, não sei que...”; eu falei: “puta que pariu, véi! Que massa do caralho!”; Aí, meu colega, que nem metaleiro é, da hamburgueria, falou: “porra, que massa, não sei o que... Massa, não sei o que...”. Voltando pra casa, meu irmão tentando me ligar, falou: “Bruno, porra, você não atende o telefone, véi. Eu vi aqui, você foi selecionado, não sei o que”... Aí, vi uma coisa muito positiva, véi, que tipo, vem assim, fortalecer. Eu acredito que como você também é músico, é uma coisa que fortalece muito da gente continuar, porque dinheiro não é, né? Que foi exatamente quando eu fui selecionado pro Edu, e aí eu falei, né? Que fui selecionado, “obrigado por quem torceu”, alguma coisa assim: “obrigado, galera”. Botei lá: “olha que legal, fui selecionado”. Cara, na época, vamos dizer assim: hoje eu tô com mil [corte]; Depois que eu postei o vídeo do Edu, veio um bocado de gente, né? Mas, na época eu tinha assim, uns

trezentos contatos, mais ou menos assim. Família, amigos e tal. E aí, depois que eu postei isso, cara, rapaz, eu recebi uns setenta, oitenta, gente falando assim: “cara, parabéns, eu lembro de você lá. Você vai representar a gente”. Um bocado de coisa assim, tão positiva, velho, tão massa assim, que aí, tipo, cara, eu fiquei muito bobo. Eu fiquei flutuando assim, cara. Eu acho que eu fui nascer [corte] né? Eu fiquei flutuando num sábado, num domingo assim, fiquei assim, ó, bobão, véi... Fiquei assim: “que massa!”. Sabe aquela sensação de querido, véi, e... Muito legal, véi. Quando a galera torce por você é muito boa a sensação. Foi muito legal, véi, mas trocando em miúdos, já pra encerrar mesmo, agora em 2020 teve essa pandemia, que eu tive, felizmente, essa apresentação com o Edu Falaschi, tive a última apresentação com a Menino de Lata, que foi no Point do Rock, foi muito bom, depois eu tive a apresentação com Túlio, que foi muito bom, e consegui gravar um vídeo colaborativo, né? Eu e Breno, da Greenland Metal, que é da Pilot Wolf, inclusive, que lançou CD agora, e eu fiz um vídeo com Breno cantando junto com ele, que é algo que tipo, na época que eu assistia aos ensaios dele, eu não tinha feito ainda, então, foi tipo, eu comentei com ele, né? Que, “cara, uma coisa que eu queria fazer isso há dezoito anos atrás, dezesseis anos atrás e tal...”; E aí, tipo, a pandemia, eu sei que ela é terrível pra caramba, mas a gente tem que tentar tirar...

P – Algo de positivo.

B – Porque não tem muito o que fazer, né? E essa reflexão, essa questão de valorizar o simples, as pessoas que tão ao redor da gente, isso [corte] bastante, cara. É isso, curtir em casa, saber que em casa também é legal, entendeu? Bacana, acho que essa pandemia também aproximou, não sei no seu caso, mas me aproximou até com artistas assim que eu escuto, tal... Eu mando “oi” pra um artista lá, daqui a pouco ele responde, numa frase só, mas é legal, entendeu? Acabou que a galera tem um tempo um pro outro, entendeu? Aquela coisa de tirar sempre algo de positivo das coisas, acho que é a filosofia... Na verdade, é o que eu tô aprendendo nessa pandemia é isso, e aí eu já tô encerrando aí, e agradecendo por esse registro maravilhoso, que é essa grande ideia que [corte] o seu trabalho aí, trabalho final, me parece.

P – É, a pandemia tá ensinando à gente um pouco de serenidade também, né, véi? A gente é obrigado a dar uma segurada na onda, senão a gente enlouquece e é construtivo também.

B – Verdade.

Final em 2:46:24
